



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

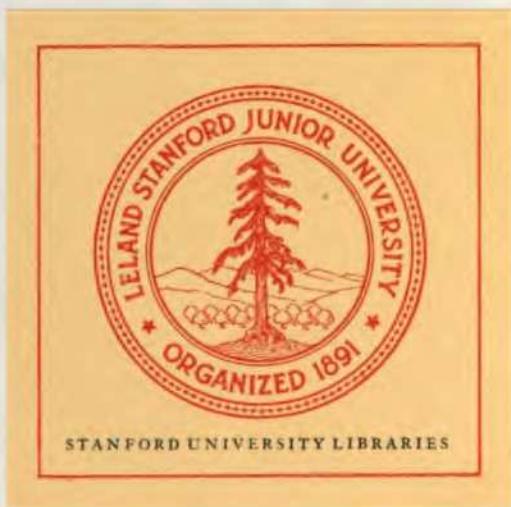
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presumá que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>











DICCIONARIO EOGRAPHICO

DA

PROVINCIA DE S. PAULO

DO DE UM ESTUDO SOBRE A ESTRUCTURA DA LINGUA TUPI E
INDO, EM APPENDICE, UMA MEMORIA SOBRE O NOME AMERICA

OBRA POSTHUMA

DO

Dr. João Mendes de Almeida



SÃO PAULO

TYP. A VAP. ESPINDOLA, SIQUEIRA & COMP.—Rua Direita, 10-A

1902

PREFACIO

Resolvemos editar o *Diccionario Geographico da Provincia de S. Paulo*, obra do finado doutor João Mendes de Almeida, destinada á aviventação da nomenclatura geographica tupi, isto é, á interpretação dos nomes dados pelos indigenas ás localidades que depois constituiram a Provncia, hoje Estado de S. Paulo.

Ninguem ha que, tendo estudo da lingua tupi e dos costumes dos indigenas americanos, deixe de contemplar, nas denominações tupis das localidades, a sua admiravel significação descriptiva.

Para o indigena, a denominação dos logares não era dada com o pouco escrupulo com que o fazemos; para elles, a *instituição do nome* era um caso de muita ponderação e conselho. O dr. João Mendes tirou disso a mais solemne contraprova, procurando uma origem *observavel e verificavel*, quer na geographia da localidade, quer nos elementos e na estructura grammatical do vocabulo tupi. Elle cogitou de todas as difficuldades possiveis e teve o maximo escrupulo em não desvial-as.

Na maior parte desses nomes indigenas, sem necessidade de consideralos eivados de corrupção ou de corruptela, revela-se, á primeira attenção e traducção, o conceito da mente que os instituiu; em outros, é evidente a corruptela e, em outros, a corrupção.

No exame das corruptelas, o dr. João Mendes ponderou que os elementos das palavras são formados de elementos mais simples, que consistem no *som*, no *ruido* e na *resonancia*; elle ponderou que as vozes mais faceis de emitir são, em primeiro logar, as *vozes livres*, representadas sómente pelas *vogaes*, quer puras quer nassladas; elle ponderou que todos os sons laringeos, modificados por estreitamento parcial ou total do tubo vocal, isto é, quer sejam *vozes constrictas*, quer sejam *vozes explodidas*, são de mais difícil emissão. Elle não deixou de attender ás graphias primitivamente adoptadas pelos nossos historiadores, pelos nossos chronistas, pelas autoridades, nos actos officiaes, pelos tabelliões, nos instrumentos publicos, e pelos particulares, nos mais antigos instrumentos privados; mas, applicando as leis naturaes aos factos e ás circumstancias, recorreu tambem, para a reconstrucção da forma primitiva do vocabulo, ás leis da phonologia, maximè naquellecas casos em que a graphia latina não tinha caracteres para representar exactamente a pronuncia tupi.

Na verificação das corrupções, o dr. João Mendes, evitando dar exagerado valor á *força corruptora* dos vocabulos, jámais resvalou para o capricho

ou para a phantasia. Elle teve em vista as regras do methodo experimental, entre as quaes ha uma que previne o observador contra o *espirito de sistema*; mas, isto não quer dizer que deixe de ser observada a razão da existencia e a forma primitiva dos nomes portuguezes. Quasi todos os nomes portuguezes, dados não oficialmente aos logares, observada a sua razão de existencia e a sua forma primitiva, foram nomes tupis hoje alterados por corrupção, em consequencia ou da difficultade da pronuncia da palavra tupi, ou da semelhança com a palavra portugueza no som, no ruido, ou na resonancia. Esta tendencia do europeu é reconhecida por todos os viajantes e exploradores, assim como pelos missionarios; e, ainda ultimamente, o dr. Theodoro Sampaio, um dos notaveis talentos do nosso meio scientifico, na sua *Memoria sobre o tupi na geographia nacional*, cap. IV, n. 131, assignalou perfeitamente esta tendencia europea, referindo corrupções como estas: *Nhandui* em *Jean Dory* e *Jandovius*; *Paracauri* em *Pero Cavarim* e *Pero Cabarigo*; *Sernamtyba* em *Simão de Tyba* e *João de Tyba*. E' muito natural, pois, que avultem, na nomenclatura geographica de S. Paulo, corrupções semelhantes; e, por isso, o dr. João Mendes assignalou, por exemplo, os nomes *Affonso*, *Mathias Pires*, *Rapidos de Santo Ignacio*, etc., como corrupções de *Ahôcê*, *Mbotiyoyérè*, *Orapaündihatiahocê*, etc., e não prestou-se a conjecturar a existencia de individuos de que ninguem dá noticia, ou a realisação de factos indeterminados. Prevenir-se contra o *espirito de sistema* não quer dizer que deva ser repellido o *espirito do sistema*, para que se torne predominante o *espirito dos outros systemas*. Uns são dominados pelo *sistema das lendas e narrativas mais ou menos phantasticas*, outros pelo *sistema das explicações zoologicas*, outros pelo *sistema das explicações botanicas*, outros, erigindo em sistema a falta de sistema, acreditam nas mais disparatadas explicações, chegando mesmo a afirmar que as denominações de logares eram simples *flatus vocis* sem significação alguma.

Sobre todos estes systemas, o *sistema geographicó* leva immensa vantagem, por ter encontrado a sua prova plena na *observação* e na *verificação*. O *sistema geographicó* é o que se acha de acordo com os costumes indigenas, attestados pelos viajantes que se demoraram e viveram entre elles; o *sistema geographicó* é o unico que acha confirmação na estructura da lingua tupi, por mais rigorosa que seja a applicação das regras grammaticaes dessa lingua; e, quando, por excepção, o *sistema geographicó* não acha confirmação nos elementos componentes do vocabulo tupi, nem por isso a excepção deixa de demonstrar o genio da raça, ou a sabedoria do indígena. Nestes casos excepcionaes, o vocabulo significa, ou a existencia de molestias endemicas, ou a indicação de perigos permanentes, ou a abundancia de productos proveitosos, ou factos frequentes. Além disso, muitos viajantes, exploradores e missionarios, attestam que os indigenas sohiam dar nomes com som identico, ou quasi identico, a logares varios na mesma região, significando, porém, differentemente: muito sabios na formação dos nomes locaes, pois estes deveriam designar os caracteres physicos da cousa nomeada, e não eram definitivamente aceitos senão após deliberação em assembléas nocturnas, faziam os indigenas admiravelmente aquelle jogo linguistico, quando tinham de dar nomes a rios, lagôas, montes e outros logares na mesma região. O padre IVO D'EVREUX, na sua obra *Viagem ao norte do Brazil nos annos de 1613 a 1614*, assignala perfeitamente este costume dos indigenas.

Nem ha que extranhar, nesse ponto, a superioridade intellectual do indígena. O mesmo padre IVO D'EVREUX, no seu testemunho insuspeito, affirma que os indigenas do Brazil sont beaucoup plus aisés à ciriliser que le commun de nos paysans de France. E o padre MANOEL DA NOBREGA, em mais de uma

das cartas escriptas de 1549 a 1560, atesta a cada passo, mesmo em outros assumptos, a potencialidade intellectual e moral do indigena.

E, pois, que razão, de *ordem experimental*, dá o direito de considerar a raça indigena brasileira como inferior, em *potencia intellectual*, ás raças europeas? Nenhuma. A *craneologia* e a *craniometria*, essas preoccupações de certos *sabios de gabinete*, eivados de muitos preconceitos, não resistiram ás primeiras criticas e cahiram, arrastando em sua quēda, não só as *cubagens* de MORTON e outros, como as consequencias que desses dados arbitrários a *vaidade civilisada* quiz ainda mais arbitrariamente deduzir. Se o *methodo linguistico*, mesmo segundo os ultimos dados da scienza européa, é o unico capaz de servir de criterio para a determinação dos caracteres moraes das raças, a verdade é que, segundo attestam os proprios européos mais autorizados (isto é, os européos que fizeram observação *propria*), a lingua tupi pôde competir com as mais famosas e mais perfeitas.

E, mais, que razão de ordem *physiologica*, que razão de ordem *psycho-logica*, nos autorisariam a negar ao indigena a capacidade para a *synthese*? Porque seria o seu espirito, maximè na contemplação da natureza, despido dessa operação da mente, commun a todos os homens? Que razão mesmo ha para attribuir ao indigena um espirito *absolutamente inculto*? Nenhuma. Ao contrario, a historia, e mesmo a *observação actual*, posto que relativamente, nos mostram os indigenas do Brazil com as suas classes superiores, com os seus homens de religião, com os seus homens politicos, com os seus sabios, assim como nos mostram, entre os *civilizados*, mesmo entre aquelles que ainda hoje entram no paiz, muita gente *inculta*. Não admira que haja quem pretenda que o indigena brasileiro seja destituido até da possibilidade de conceber *idéas geraes*, ou antes, *idéas universaes*; pois, os antigos philosophos *nominalistas* e os modernos *sensistas* absolutamente recusam, não só aos homens selvagens, como a toda a mente humana, a concepção do *universal*. Mas, admira que haja quem affirme que nenhuma lingua barbara possúe palavras para exprimir *idéas universaes*, isto é, o conceito do *um commun a muitos*: as palavras *abá*, «homem», *cunhã*, «mulher», *muae*, «cousa», seriam sufficientes para responder a isso, se tivessemos de defender sómente os nossos indigenas. Seria longa a série de argumentos com que a verdadeira escola anthropologica demonstra que toda a mente humana concebe *idéas universaes* e que o conhecimento preciso e comparativo dos individuos é facto rudimentar da natureza humana. Se assim é quanto á *generalisação*, como negar ao indigena a capacidade para a *synthese*?

Aliás, mesmo entre os polygenistas, muitos reconheceram essa *superioridade* na estructura das linguas indigenas da America. Um delles, o notavel ROMANES, na sua obra sobre a *Evolução mental do homem*, consagrando cinco capitulos á philologia comparada, conquanto se incline á *hypothese*, não só polygenetica, como *polytypica*, das linguas americanas, assignala (pag. 247 da traducción francesa de H. DE VARIGNY), entre as linguas agglutinantes, «o grupo *polysynthetico*, que é o dos selvagens desde a Groelandia até a Patagonia», e acrescenta: «A feição caracteristica destas linguas consiste na composição indepalavras por *syncope* e *ellipse*... A *polysynthese* consiste na fusão taes das palavras componentes perdendo suas ultimas, taes *umas primeiras syllabas*. Outro sabio, inglez como o anterior, citado nas *Leis da Imitação*, como um consummado philologo, e pelo JAMES (pag. 250 da referida obra), affirma no seu livro *Introduction to the language*, a vantagem das fórmulas precisas e vívidas nas linguas *mas, e accrescenta*, quanto ás linguas agglutinantes, o seguinte: «As

«linguas agglutinantes, por sua vez, têm sobre as linguas flexionaes a importante vantagem da composição e decomposição das partes constituintes e da distincção das relações grammaticaes... Na realidade, quando examinamos de perto o principio sobre que repousa a flexão, vemos que elle corresponde a uma faculdade logica inferior á que produz a agglutinação». São observações que, relativamente ao ponto que nos interessa, têm extraordinario valor; pois, se a principal objecção feita ao systema de interpretações do dr. João Mendes,—é a pretendida incapacidade do indigena para a *synthese*, são de grande valor as lições de sabios europeos, insuspeitos quer por sua filiação doutrinaria, quer por sua filiação ethnica, quando afirmam, até como feição caracteristica das linguas indigenas da America, exactamente a *polysynthese*.

Negar ao indigena a *abstracção*, a *analyse*, a *reflexão*, que nada mais são do que especies de *attenção*, seria negar-lhe até a *linguagem*, que nada mais é do que um *processo de abstracção, de analyse e de reflexão*. Nenhum viajante, nenhum observador, deixa de reconhecer que os indigenas *abstraem* e dão nome ás suas *abstracções*; nenhum viajante, nenhum observador, deixa de reconhecer que os indigenas *reflectem* e *comparam*; nenhum viajante, nenhum observador, deixa de reconhecer que os indigenas *analysam, syntetisam, generalisam*. E os exploradores, os missionarios, e, em geral, os viajantes que se demoraram e viveram entre os indigenas, narram, até como predicado especial da raça, a habilidade com que elles encerram, em um *termo complexo*, muitas idéas simples e mesmo muitas idéas compostas.

Na maior parte desses nomes indigenas, como já dissemos, revela-se, á primeira attenção e traducção, o conceito da mente que os instituiu; em outros, com quanto a interpretação seja mais difficult, não ha necessidade de recorrer a conjecturas para verificar-se a confirmação do systema e genio da raça: basta aplicar, com rigorosa observação e experiencia, a *logica da hypothese*; e, então, veremos que o indigena, nesse assumpto, não era futile como o *civilizado* e que, para o *indigena braxileiro*, o nome era tambem o «monogramma da razão da cousa». Se, pois, em alguns casos, o dr. João Mendes recorre a probabilidades, estas são *hypotheses fundadas*, e não méras *conjecturas*; e, quando recorre a *analogias*, funda-se na *marcha ordinaria dos acontecimentos humanos*, concluindo sempre de *factos conhecidos e verificaveis*.

«A *hypothese*, diz CLAUDE BERNARD, é o ponto de partida necessario de todo o raciocinio experimental. Os proprios mathematicos formam *hypotheses*, experimentam, induzem». Temos á vista um livro do notavel ERNEST NAVILLE, intitulado—*La logique de l'hypothèse*, onde, depois de referir-se ao citado CLAUDE BERNARD, a BACON e a outros, diz: «A *hypothese* é a *semente de toda a verdade*; recusar systematicamente, ou em absoluto, a *hypothese*, é o mesmo que recusar toda e qualquer semente por existirem sementes infecundas».

O mesmo autor mostra como, principalmente na investigação das causas e dos fins dos factos, assim como das classes e leis que os regulam, encontramos, *sempre e por toda a parte, a hypothese*. Depois de estabelecer os principios directores da *hypothese*, em physica, biologia, psycologia e nas sciencias em geral, passa o citado autor a determinar a diferença entre a *hypothese* e a *conjectura*. A *hypothese* deve ter *base de observação e meios de verificação*. Por *base de observação* devemos tomar, não sómente os factos, mas as leis que resumem um grande numero de phenomenos. Os *meios de verificação* variam, não só com as épocas, como tambem com as condições, por isso que ha *hypotheses* que podem ser verificadas pelo exercicio dos sentidos activados pela *attenção*, e *hypotheses* que reclamam apparelhos e instrumentos de precisão. □

simultaneidade das descobertas, assim como as *indicações da historia*, muito auxiliam, quer como *base de observação*, quer como *meios de verificação*. E mesmo as *variantes nos resultados dos exames* (por exemplo, as interpretações divergentes) são outros tantos *meios de verificação*. As *conjecturas* pôdem, como as *hypotheses*, ser verdadeiras ou falsas, mas não repousam nesses referidos elementos de probabilidade; e, quando chegam a ter uma *base* e um *meio de verificação*, convertem-se em *hypotheses*.

Ora, na interpretação dos nomes tupis, o dr. João Mendes tomou para *base de observação*: 1.^o o facto narrado por muitos historiadores, entre os quais HANS STADEN e IVO D'EVREUX, relativamente ás denominações que os indígenas davam ás crianças e aos estrangeiros, aos logares, ás cousas mais notaveis, escolhendo para isso os nomes, não indifferentemente, mas deliberados em conselho; 2.^o o facto da denominação dos animaes corresponder ou ao som do seu grito ou canto, ou á conformação physica, ou ao caracteristico de algum de seus membros ou orgams, ou ao seu modo de viver; 3.^o o facto da denominação dos vegetaes corresponder ou á sua figura ou aos seus effeitos, assim como o facto da denominação das cousas, em geral, corresponder aos seus caracteres intrínsecos; 4.^o o facto da denominação de muitos logares corresponder exactamente aos caracteristicos geographicos, ou a outros caracteristicos locaes e perfeitamente conhecidos; 5.^o o facto de fornarem os tupis tribus errantes, que, para assinalar os logares em que paravam, tinham de denominar-los, não por caracteristicos provisórios, mas por caracteres permanentes que os guiassem em novas viagens; 6.^o a naturalissima inducção de que, em taes circumstancias, a denominação tinha de ser dada pelas classes directoras e em conselho de homens peritos.

Os *meios de verificação*, de que dispôz o dr. João Mendes, foram: 1.^o o estudo acurado da lingua tupi; 2.^o o exame dos caracteristicos dos logares, quer directamente, quer por informações de amigos e pessoas sérias das localidades; 3.^o a atenção aos elementos componentes do vocabulo e á sua estrutura grammatical; 4.^o a comparação das interpretações divergentes, apreciadas perante os factos, perante a lógica, e perante a grammatica. O dr. João Mendes conhecia perfeitamente as grammaticas dos padres ANCHIETA, MONTOYA, FIGUEIRA, etc.; conhecia perfeitamente o vocabulario; fez estudos especiaes sobre a phonologia e orthologia das palavras indígenas; conhecia perfeitamente todos os methodos de philologia e de historia para a reconstrucção da forma primitiva dos vocabulos; ouvia todos os indígenas que apareciam nesta capital, mandando-os chamar, agradando-os, principalmente no interesse de inquirir-lhos e escutá-los; escrevia a seus amigos e conhecidos, residentes nas respectivas localidades, pedindo-lhes informações, e delles recebia respostas minuciosas; lia os *Diarios* e *Memorias* dos mais illustres viajantes e exploradores das regiões paulistas, as chronicas e biographias mais antigas, as informações dos missionarios, as obras sobre geographia e historia de S. Paulo, os boletins da Comissão Geographica e Geologica, assim como todas as publicações officiaes e não officiaes que pudessem trazer interesse á geographia de S. Paulo; conferia a graphia dos nomes, quer nos documentos officiaes, quer nas escripturas publicas e instrumentos particulares, etc. Além disso, o dr. João Mendes tinha leitura assidua, não só de obras sobre grammatica geral ou theoria da linguagem, não só de obras sobre a philosophia da historia, sobre a philologia, sobre a «chorographia» e a «nomenclatura», como de grammaticas particulares das linguas grega e latina; conhecia as obras dos mais notaveis indianistas estrangeiros e nacionaes. Em summa, estava habilitado para pôr em prática processos e regras seguras de verificação de suas observações sobre a lingua e os costumes dos indígenas.

Nem se diga que, entre os contemporaneos, o dr. João Mendes está isolado nesse culto que, sob o ponto de vista da nomenclatura geographica, consagra á superioridade da lingua tupi. Sem fallarmos em VARNHAGEN, GONÇALVES DE MAGALHÃES, BAPTISTA CAETANO, COOTTO DE MAGALHÃES, BARBOSA RODRIGUES e outros, assignalaremos o conego ULYSSES DE PENNAFORT, que, ainda ultimamente, na *Rerista do Instituto do Ceará*, publicada sob a direcção do BARÃO DE STUDART, dizia: «A lingua tupi é muito mais escrupulosa no emprego de suas palavras do que muitas das actuaes linguas cultas da Europa». E, nesta capital, o já citado dr. THEODORO SAMPAIO, na sua excellente *Memo-ria sobre o Tupi na geographia nacional*, assim se manifesta:

«As denominações tupis das localidades ou dos individuos, como todos os epithetos de procedencia barbara, são de uma realidade descriptiva admiravel, exprimem sempre as feições caracteristicas do objecto denominado como producto que são de impressões nitidas, reaes, vivas, como sóem experimentar os povos infantes, incultos no maximo convivio com a natureza».

Emfim, aqui está o trabalho do dr. João Mendes, trabalho cujo incentivo foi o seu apaixonado patriotismo, estimulado pela convicção nascida do seu estudo da nossa historia, da nossa geographia, dos costumes e da lingua dos nossos indigenas.

S. Paulo, 9 de Abril de 1902.

Os Editores

INTRODUÇÃO

I

Pensando, como VILLEMAIN, que a lingua de um povo é a forma aparente e visivel do seu espirito, deliberei-me a conhecer a lingua *tupi*, ainda fallada na região brazilica quando esta parte da America foi descoberta em 1500.

Obtive diversas edições da *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, do padre LUIZ FIGUEIRA, da Companhia de Jesus; grammatica essa que, segundo a phrase empregada na provisão de licença para ser impressa, «ficou obra muy «proveitosa e curiosa,... não obstante a arte do padre JOSEPH ANCHIETA, que, «por ser o primeiro parto, ficou muy diminuta e confusa, como todos experimentamos». Mas, não bastava essa grammatica; faltava o diccionario. Tratei, portanto, de adquirir as obras do padre ANTONIO RUIZ DE MONTOYA, tambem da Companhia de Jesus: a *Arte*, o *Bocabulario*, o *Tesoro* e o *Catecismo de la lengua guarani*, ou, como o finado VISCONDE DE PORTO SEGURO, em 1876, accrescentou, em phrase hespanhola, ao titulo de cada uma das tres primeiras obras— «mas bien *tupi*».

Logrei mais tarde encontrar outras grammaticas, entre as quaes a do padre JOSEPH ANCHIETA.

Estudando essa lingua, verifiquei que os nomes dados pelos indigenas da America ás pessoas e ás cousas, correspondiam exactamente á forma ou a outras qualidades dos individuos e dos objectos nomeados. Applicando o mesmo processo aos nomes de logares, reconheci que, exactamente nessa nomenclatura, o indigena foi mais engenhoso. Desde então formei o plano deste *Diccionario Geographico da provincia de S. Paulo*, reservando para mais tarde o da província do Maranhão, onde nasci.

Innumeras vezes tive de recorrer a amigos e moradores dos logares, para darem-me informações; e, combinando a «chorographia», resultante das informações, com a «nomenclatura» resultante do vocabulo indigena, quasi sempre verifiquei a conformidade.

Trabalho, assim, ha mais de dez annos, nesta obra de aviventação da *nomenclatura geographica tupi* na província de S. Paulo. Não quero saber se o resultado pecuniario compensará o sacrificio de tanto tempo e de tamanho esforço em labor tão pouco commun; não cogito disso nesta obra. Já alguns, em 1886, extranharam que eu, em vez de publicar obras de Direito, «que produziriam dinheiro», preferisse fazer imprimir livros e memorias sobre os nossos indigenas, sobre a nossa historia e sobre genealogia. Julgar-me-hei bem remunerado, si puder merecer a approvação dos que comprehendem o valor do serviço prestado, não tanto ás letras, mas sobretudo á Patria.

II

A lingua tupi é bella e sonora; e nada das dos conquistadores da America tem ella a invejar. Na composição de palavras e nomes pôde ser reconhecido o finissimo engenho dos sabios da raça. As fórmas grammaticaes, com os tropos e figuras, manifestam a sua eximia perfeição. Não deve ser confundida com os dialectos mais ou menos grosseiros das sub-nações. A lingua tupi' foi e é sempre a *língua geral*.

E que melhor attestado pôde ella ter do que o juizo do padre A. R. DE MONTOYA? Escreveu elle no seu prefacio: «...lengua tan copiosa, y ele-gante, que con razon puede competir con las de fama. Tan propia en sus si-significados, que le podemos aplicar el v. del Gen. 2—*Omne quod vocari Adam animæ rirentis, ipsum est nomen ejus.* Tan propia es, que, desnudas las cosas en si, las dà vestidas de su naturaleza. Tan universal, que domina ambos mares, «el del Sur por todo el Brasil, y ciniendo todo el Perú, con los dos mas grandiosos ríos que conoce el Orbe, que son el de la Plata, cuya boca en Buenos Ayres es de ochenta leguas, y el gran Marañon, a él inferior en nada, que pasa bien vecino á la ciudad de Cuzco, ofreciendo sus immensas aguas al mar del Norte».

Deste elogio á lingua fallada *por todo el Brasil*, bem se vê que a *língua guarani*, á que o padre MONTOYA fez referencia nas suas obras, é a mesma lingua *tupi*.

O nome *tupi*, dado á lingua fallada pelos povos da America, é o mesmo nome da primitiva geração, da qual procederam tantas e innumeraveis nações, embora tomando outros nomes e caracteristicos, espalhados no grande continente. A palavra *tupi* é assim desarticulada: *tu-pi*, «principio do pae», isto é, «principio da geração, antepassados», para exprimir a primitiva raça. De *tub*, «pae», *pi*, «principio, ponta», perdendo *tub* o *b*, por seguir-se palavra cuja letra inicial é consoante. Assim tambem *tupi*, com referencia á lingua, significa que é a primeira, segundo a phrase portugueza, a *língua māi*; e, por isso, na locução brazilica, *nhenhengatu*: de *nhenhen*, «língua, linguagen, palavras», *catu*, «bom, melhor», para exprimir superioridade, mudado o *c* em *g*, por causa do som nasal de *nhenhen*. Nem a palavra *nhenhen*, nem a palavra *nhenhengatu*, são denominações de outras linguis, como alguns o têm pretendido sem maior exame.

Mas, segundo o já citado VISCONDE DE PORTO SEGURO, o nome *tupi* é *t-ipi*, «os antepassados», pronunciado gutturalmente o primeiro *i*: de *t*, relativo, *ipi*, «passado, maiores no tempo». Quer uma, quer outra explicação da palavra *tupi*, o resultado é identico: a primazia da *língua geral* deu origem a varios dialectos, como o *guarani*, e outros. E assim como aos dialectos gregos, o dorico e o eolico, é atribuida a origem da lingua latina, não é de admirar que tambem dialectos da lingua tupi hajam formado linguis tão diversas, ora falladas por alguns povos indigenas da America.

A verdade é que, nas duas Americas, ha nomes e vestigios que demonstram que a lingua tupi foi a primitiva e dominante em todo o continente, do norte ao sul. E dei a prova disto na *Memoria sobre o nome «America»*, que tambem será impressa neste livro.

S. Paulo, 1889.

João Mendes de Almeida

Estructura da lingua tupi

O alfabeto da lingua tupi é composto das seguintes letras: A, B, C, Ç, D, E, G, H, I, J, K, M, N, O, P, Q, R, T, U, X, Y, e o til. Não ha F, L, S, V, Z; nem pôde ser dobrado o R, nem pôdem estar conjunctas qualquer das letras mudas com a letra liquida R.

O padre MONTOYA não admite o k, sem duvida porque o k, em hespanhol, só é empregado nas palavras estranhas à essa lingua, que o têm; mas, o padre LUIZ FIGUEIRA justifica a sua necessidade, para que a escriptura corresponda com propriedade á pronunciaçāo de muitas dicções, especialmente quando o u adjecto ao q tiver de ser liquecente.

As letras vogaes são seis: a, e, i, o, u, y. Mas, só empregaremos o y, á falta de outra, quando o som do i deva ser guttural, pronunciado como entre u e i, segundo a lição do já citado padre LUIZ FIGUEIRA.

Os diphongos são doze: ai, ei, oi, ui, yi, ao, au, eu, iu, ou, uu, yu.

Além da pronunciaçāo natural, ha a nasal, a guttural, a nasal-guttural. Sempre que na palavra ou nome ha uma syllaba nasal, a seguinte torna-se tambem nasal: e, muitas vezes, nasalisa-se igualmente, não só a consequente, como tambem as antecedentes. Nestes casos, o e é mudado em ng, o t em nd, o p em mb. Quando ha dois ii, no fim da palavra, é sempre guttural o primeiro.

Não ha letra ou palavra que corresponda propriamente aos artigos o e a, portuguezes; mas, os relativos fazem de certo modo as mesmas funcções; çub-a, «visitar», i-xub-a, «a visita».

Só nas pessoas e nas cousas animadas são declarados os generos. No parentesco, ha palavras especiaes para cada

um grão, considerado o sexo de um e o de outro. Fóra disso, sendo indispensavel designar o sexo, é accrescido *auá*, «homem», para o masculino, *cunhā*, «mulher» para o feminino. O padre MONTOYA escreveu *abá* e não *auá*.

O singular e o plural resultam das declinações dos pronomes e dos artigos que antecedem aos verbos. Nos substantivos, sendo de todo indispensavel, é accrescentado ao nome a palavra *etá*, «muitos», correspondente assim ao s no plural portuguez: *apgaua-etá* «homens», *cunhā-etá* «mulheres».

O substantivo é declinado com o accrescimo de pôsposições; menos no nominativo, accusativo e vocativo. O genitivo, em geral, é formado com douis substantivos conjuctos, servindo de tal o primeiro: *iboti-apytā*, «ramalhete de flores», *iboti*, «flôr» *apytā*, «manojo, montão»; mas ha outra especie de genitivo, em que é tal o segundo substantivo, tratando-se da forma, modo, medida, ou da materia de que é composta a pessoa ou a cousa: em seguida ao segundo substantivo accrescenta-se a posposição *recé* ou *ri*, e mais o verbal *gúára*: por exemplo, *og-ibirá-pé-recé-gúára*, «casa de taboas», *og*, «casa» *ibirá*, «páu», *pé*, «chato», *recé-gúára*, «de»; — *tatáendi-iraiti-ri-gúára*, «vela de cera», *tatáendi*, «vela», *iraiti*, «cera», *ri-gúára*, «de». O dativo é formado com as duas posposições *ie* (breve), ou *cupé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, ou simplesmente *upé*, segundo o padre MONTOYA; mas, é usada tambem, não geralmente, a posposição *i* com o som guttural: *ç-oca-i*, soando *ç-oca-u*, «para minha casa». O accusativo pôde ser anteposto ou posposto ao verbo activo: por exemplo, *xe-ci-açauçub*, ou *açauçub-xe-ci*,

«amo minha mãe», *xe*, pronome pessoal, levado ao genitivo pelo accrescimo de *ci*, «mãe», *açauçub*, «eu amo»: o padre MONTOYA escreveu *ahaiub*, ao passo que o padre LUIZ FIGUEIRA, não admittindo o *h* senão em poucos casos, escreveu *açauçub*.

Tambem se forma o accusativo com as posposições *piri*, *rupi*, *bo* (breve), com verbos de movimento, para ir á procura de uma pessoa, ou ir a algum lugar, ou por algum lugar.

O ablativo é formado com analogas posposições e longos seriam os exemplos.

O adjectivo é, em geral, posposto ao substantivo. Este é algumas vezes subentendido.

O comparativo se faz de dois modos. O primeiro, accrescentando ao primeiro nome comparado, ou ao verbo, a particula *bé*, e ao segundo nome comparado, a posposição *qui*. O segundo accrescentando *catú-pire* imediatamente ao agente. O padre MONTOYA usa *gui* em vez de *qui*.

O superlativo se faz de quatro modos. O primeiro, usando dos adverbios analogos, como *elé*, *etéi*, *matelé*, etc.: e, accrescentando *gui* ou *qui*, ha comparação no superlativo; e é digno de nota que o adverbio pôde ser anteposto ou posposto. O segundo, accrescentando a posposição *açocè*, *cocè*, *aocè*, *ovè*. O terceiro, repetindo o nome, ou o verbo. O quarto, separando a ultima syllaba, e demorando ou alongando a sua pronuncia: *poranga*, «formoso», *po-ran-ga*, «mui formoso».

O augmentativo é feito com *cu*, *ucu*, ou *aruçu*, ou mesmo *turuçu*. O diminutivo é feito com *mirim*, em contraposição a *cu*, *acú*, *aruçú*, *turuçú*. Não se tratando de contrapôr, é feito pelo accrescimo de *í*, com pronuncia nasal: *aba-í*, ou *na-í*, «homensinho», *cunhã-í* «mulhersinha».

Os pronomes classificam-se em *pessoas*, *possessivos*, *demonstrativos*: e são tambem declinados. *Xe*, «eu», *oré*, «nós», não incluindo a pessoa com quem se falla. *Ndé*, «tu», *pe*, dativo, no plural *me*

olatural *me*
, as do

ablativo. O pronome *nde*, precedendo syllaba ou nome de som nasal, perde o *d*.

Os pronomes *possessivos* correspondem aos pronomes portuguezes *meu* *teu*, *seu*, etc.; e adiante será melhor explicado.

Os pronomes demonstrativos correspondem aos pronomes portuguezes *elle*, *este*, *esse*, *aquelle*, etc., que são declinados com os nomes respectivos, ou a que se juntam.

Dou o exemplo de alguns pronomes demonstrativos, ou relativos:

Xe-aé, «eu mesmo», *nde-aé*, «tu mesmo», *ei-aé*, «elle mesmo», *ore-aé*, «nós mesmos», *iande-aé*, «nós e vós mesmos», *pê-aé*, «vós mesmos», *ei-aé*, «elles mesmos». *Xe-aé-aiké*, «entro em pessoa». *Aé-pe*, «alli mesmo». *Aé-memé*, «todos elles mesmos».

Xe-çaé, «sou esse», *nde-çaé*, «ereis esse», *aé-aé*, «elle mesmo».

Aú, «este, esta, estes, estas». *Aú-cunhã*, «esta mulher». Tambem significa «aqui»: *aú-í*, «aqui está».

Ang, «estes, estas»: só no plural. *Ang-abá*, «estes homens». *Na-iang-ruguá*, «não são estes».

Có, *icó*, «este, esta, estes, estas». *Có-balé*, «isto», ou litteralmente, «essa cousa». *Có-tucúra*, «este gafanhoto». Este pronome serve a muitas composições, para varios sentidos, como pôde ser lido no *Tesoro de la lengua guarani*, do padre MONTOYA. *Icó-i-abá*, «eis o homem».

Ebocoí, *ebocoibae*, segundo o padre MONTOYA, *eboquéi*, *eboquéia* segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «esse, essa, isso». *Aipó*, *aipobae*, «esse, essa, isso».

Akér, *aquéia*, «esse, essa, isso».

Ui, *gúi*, *ebuí*, *ebuinga*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *nhuguí*, *enguí*, *enguíbae*, *nuguí*, segundo o padre MONTOYA, «esses, essas».

Ouñbae, *pébae*, *acóí*, *acóibae*, *nucui*, «aquele, aquella, aquillo, aquelles, aquellas».

Todos estes pronomes servem a ambos os numeros, a qualquer pessoa, e genero.

Os numeros cardinaes são: *iipé*, «um», *mocóli*, «dous», *mboçapi*, «tres», *irundi*,

«quatro», *ambó*, «cinco», allusivo á mão que tem cinco dedos.

Os numeros ordinaes são: *üpi*, «primeiro», *imocóia*, «segundo», *imoçapira*, «terceiro», *irundibac*, «quarto»; e mais nenhum.

O distributivo é formado de duas maneiras. A primeira, repetindo as duas ultimas syllabas: *üpé-ípe*, «de um em um», *mocói-mocói*, «de dous em dous», *mboçapi-çapi*, «de tres em tres», *irundi-rundi*, «de quatro em quatro». A segunda, acrescentando a cada um daquelle numeros a particula *ci*: *iepé-ci*, «de um em um».

O partitivo é tambem formado de dous modos. O primeiro, intercalando a posposição *gui* ou *cui* entre os dous numeros: *mocói gui peteí*, segundo o padre MONTOYA, ou *mocói cui üpé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «um dos dous». O segundo, antepondo ou pospondo ao numero a palavra *amò*: — *amò-mocói*, «dous dos outros», *mocói-amò*, «algum dos outros dous».

Os relativos e os reciprocos são de um alto valor na lingua *tupi*.

Os relativos são: *i*, ou *j*, segundo o nome principia por consoante ou por vogal, *ç*, *h* e *t*. O indigena do norte do Brazil quasi não usa do *h*, como relativo; usa muito do *ç*, nos casos em que o indigena do sul emprega o *h*. Mas, o *h* só é empregado pelo indigena do sul como relativo, nos nomes que começam por *t*, *r*, ou que recebem *r*. Os que já tem *h* o conservam. O *i*, precedendo *h* ou *ç*, faz mudar estes em *x*: *cuú*, «morder», *ixuú*, «mordel-o».

Os reciprocos são *ie*, *io*: entram sempre entre o agente e o verbo.

O primeiro, *ie*, denominado pelo padre MONTOYA «reciproco em si mesmos», junto a verbos activos, serve tanto para singular, como para plural, e exprime a accão da pessoa sobre si mesma: *xe-ai-ie-jucá*, «eu me mato a mim mesmo»; e o verbo que tiver, de sua natureza, a syllaba *io*, ou *nho*, a perde, se tiver de tornar-se reciproco, para ser substituida por *ie* ou *nhe*, segundo for natural, ou nasal, o som da palavra: *aiorá*,

desatars, *a-ie-rá*, «eu me desato», *anhopú*, «lastimar», *a-nhe-pú*, «eu me lastimo». E esta particula *ie* soe ser empregada tambem para passivar o verbo: *çod-ou*, «come carne», *çod-o-ic-u*, «come-se carne».

O segundo, *io*, denominado pelo padre MONTOYA «reciproco mutuo», junto a verbos activos, serve sómente para plural, exprimindo a comunicação de uns com outros: *peé-io-jucá*, «vós outros vos mataes uns aos outro». Unido a adverbios, significa a mesma comunicação. Sóe tambem preceder posposições de dativo e de ablativo, quando a primeira, segunda ou terceira pessoa do verbo quer referil-o a si mesma. Antecedendo a posposição *recé*, esta perde o *r*. É empregado algumas vezes para adjetivar o substantivo: *io-auá*, «humano». Unido á palavra, cujo som é nasal, deve ser *nho*.

Como reciprocos são tambem indicados *o*, e *gu*, segundo o padre MONTOYA, ou *ç*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA. São, porém, adjetivos possessivos: *o-ci*, «sua mãe», *gu-ôga*, ou *ç-ôga*, «sua casa»; com a declaração que, para o indigena do sul, se o nome da pessoa ou da cousa possuida começa por alguma consoante e mais a letra *u*, além de perder aquella, como para o indigena do norte, o *gu* fica simplesmente *g*: *tuba*, «pae», *gû-ba*, ou *ç-uba*, «seu pae»: não é, porém, arbitrario oa indifferente o uso de *o* e de *gu* ou *ç*, porque ha nomes que admittem sómente o reciproco *o*, como — *Tupã*, «Deos», e outros que podem ser conhecidos nas grammaticas. Estes mesmos *o*, e *gu* ou *ç*, antecedendo as palavras, acrescida a estas a particula *bo* ou *mo* (breves), segundo é natural, cu nasal, o som da respectiva palavra, servem para exprimir o modo de estar das pessoas ou das cousas: *o-pucú-bo*, «ao comprido», *o-iqnê-bo*, «de lado», *o-ecâ-mo*, «de cabeça», *o-pe-mo*, «de ilharga», *gu-acape-bo*, ou *ç-acapé-bo*, «de barriga».

E outras applicações, que seria longo especificar; cumprindo, porém, deixar notado que o *o*, precedendo posposições,

serves para exprimir melhor a ação destas: *o-irunamo*, «comigo», *o-ibiri*, «ao lado dele», *o-gu-enondé*, «diante dele»; e este *o-gu-enondé* é a posposição *tenondé*, que perde o *t*, mudando-o em *g*, com *u* líquido, em seguimento ao reciproco *o*, pela regra relativa às palavras que começam por *ç*, ou *h*, ou *t*, ou *r*, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA.

Ha também as interjeições: e, em geral, não são as mesmas para o homem e para a mulher.

Não é sómente quanto a interjeições que ha essa diferença: também existe ella quanto a outras partes da oração.

As conjuncões são: *copulativas*, *disjunctivas*, *collectivas*, *illativas*. Algumas são também empregadas como adverbios.

Os adverbios são innumeros; e, como já o dissemos, podem ser antepostos ou pospostos. Ha adverbios *interrogativos*, de tempo e de logar; e adverbios *responsivos*, correspondentes a aquelles: e admirável é a sua extensa variedade. Ha outros adverbios, absolutos, assim, classificados pelo padre LUIZ FIGUEIRA: — *interrogativos*, *affirmativos*, *negativos*, *demonstrativos*, *inicitativos*, *prohibitivos*, *permissivos*, *lourativos*; e outros não classificados.

A muitos adverbios são acrescentadas posposições: *coi-rupí*, «por aqui pertinho»; *ibaté-coti*, «para cima». Os interrogativos são em geral finalizados com a partícula *pe* (breve).

O verbo é a mais complicada e difícil parte da oração na língua *tupi*. O padre LUIZ FIGUEIRA classifica os verbos em *activos* e *não activos*, entre os quais os *neutros* e os *absolutos*, e mais os *passivos*, além dos *irregulares*; e o padre MONTOYA mantém de certo modo a mesma classificação. Segundo este, são activos os que entre a *nota* e o verbo têm o relativo *i*, ou o relativo *h*; são neutros os que não têm próprio accusativo de pessoa paciente, senão sómente o caso da posposição; são absolutos os que não têm caso algum.

Os *artigos*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, e as *notas*, segundo o padre MONTOYA, são:

1. ^a	Sing.	Plur.
	<i>A, Ere, O.</i>	<i>Iá, Oro, Pe, O.</i>

2. ^a	Sing.	Plur.
	<i>A-i, Ere-i, O-i.</i>	<i>Iá-i, Oro-i, Pe-i, O-i.</i>

Mas, o *i* da segunda fila supra é o mesmo relativo a que alludiu o padre MONTOYA para distinguir os verbos activos; não o tendo assim explicado o padre LUIZ FIGUEIRA.

Os pronomes pessoais são:

Xe, Nde, I. «Eu, Tu, Elle».

Iandé, Oré, Pe, I. «Nós, Nós, Vós, Elles».

Os pronomes pessoais tornam-se em pronomes possessivos, quando precedem a substantivos: *xe-acanga*, «minha cabeça». Também como possessivos, precedem a infinitivos de verbos não activos, *xe-pô*, «meu ir» ou «minha ida». Também como possessivos precedem a infinitivos de verbos activos, contanto que logo em seguida ao pronome seja collocado o accusativo do verbo, *xe-Tupã-riñicúba*, «o meu amar a Deus».

E' digno de nota que, para a primeira pessoa do plural, ha sempre duas formulas: a primeira *iá*, *iande*, serve para exprimir que estão incluidas a pessoa ou as pessoas com quem fallamos: *iá-jucá*, «nós matamos», isto é, *nós* e *vós*; a segunda *oro*, *ore*, serve para exprimir que estão incluidas a pessoa ou as pessoas, a quem nos dirigimos: *oro-jucá*, ou *ore-jucá*, «nós matamos», isto é, *nós*, sem *vós*.

Cumpre não confundir este *oro* com o outro *oro*, accusativo do singular da segunda pessoa, correspondente ao *opo*, accusativo do plural: *xe-oro-jucá*, «eu te mato», *ore-opo-jucá*, «nos outros vos matamos».

Costuma-se também addir aos pronomes pessoais a partícula do participio passivo *temi*; e, neste caso, muda o *t* em *r*, fazendo *remi*, menos nas terceiras pessoas, que é *cemi*: *xe-remi-mboé*, «meu discípulo», *cemi-mboracéi*, «seu canto» ou «seus canticos». Nos casos que o pedem, costuma-se preceder *xe* de um *i* relativo: *ixé*, «de mim».

Os verbos irregulares, ou são propriamente tais por não se formarem como os outros, ou são simplesmente defectivos, por não se usarem senão em alguns tempos, numeros, ou pessoas.

Já ficou dito que o reciproco *ie*, *nhe*, mettido entre o *artigo* ou *nota* e o verbo activo, torna-o passivo: *ai-tiapíi* «eu arrojo», *ai-ie-tiapíi*, «eu me arrojo», ou «sou arrojado». Mas, se antes de *ie* fôr mettida a syllaba *mo*, volta a ser activo, no sentido de fazer em outrem o que o verbo exprime.

Os verbos neutros são de tres espécies: os que são conjugados com os *artigos* ou *notas* *a*, *ere*, *o*, etc., mas, como já acima disse, não têm accusativo paciente; os que se fazem com os pronomes pessoaes *xe*, *nde*, *i*, etc.; finalmente, os que se formam de nomes substantivos, como, por exemplo, *xe-abaré*, «sou padre». E estes verbos, se começam pelas letras *t*, *h*, ou *ç*, as mudam em *r*, se forem precedidos de *artigos* ou *notas*, pronomes, relativos e reciprocos: *taci*, «doença», *xe-raci*, «estou doente».

De qualquer verbo neutro começado por *a*, se pôde formar dous verbos activos: o primeiro, mettendo a syllaba *mo* logo depois do *artigo*; o segundo, mettendo *ro*, tambem logo depois do *artigo*: *mbo* ou *no*, se o som do verbo fôr nasal. A acção de *mo* e *mbo* se refere ao paciente, e a de *ro* e *no*, a outro ou a outros agentes.

Já acima foi dito o efecto do reciproco *ie* e *nhe* nos verbos tornados activos pelas syllabas *mo* e *mbo*: voltam a ser neutros.

Os verbos absolutos se fazem também dos activos, mettendo, entre o *artigo* ou *nota* e o verbo, a dicção *poró*, ou *mboró*, no caso de som nasal, para exprimir que o agente tem em si o exercicio do que o verbo exprime. Esta dicção é signal de habito, extensão, excesso, superlativo, exercicio com mais de um; e retém o caso do verbo; *a-poró-gauçub*, «tenho o costume de amar, muito e muito»; *poró-auçupára*, «amador habitual»; *poró-ieroqui-yára*, «dançarino».

A particula *ucá* ou *ucar*, segundo escreveu o padre LURZ FIGUEIRA, posta no fim do verbo, produz o mesmo efecto de *mo*, porém por terceira pessoa: *amongarú*, «fazer comer»; *acaru-ucá*, «faço-o fazer comer» ou «faço que lhe dêem comida». Não se ajunta, porém, esta particula a verbos de pronome *xe*, *nde*, etc., nem a neutros. Junta a verbo activo, assignala constrangimento na execução do que o verbo exprime.

A conjugação dos verbos é *affirmativa* e *negativa*.

Na conjugação affirmativa, o presente do modo indicativo consiste em tomar nû o verbo, precedendo-o do *artigo* ou dos pronomes já referidos. Os outros tempos são manifestados pelas particuladas additadas ao tempo presente do indicativo: *aéreme*, para o preterito imperfeito, *uman*, ou *iman*, para o preterito perfeito, *uman-aéreme*, para o mais que perfeito, e *ne*, para o futuro; *temoma*, para o presente e o imperfeito do optativo, *meima*, para o preterito perfeito e mais que perfeito, *moma*, para o futuro; *mo*, para o imperfeito do permissivo, *umâmo*, ou *imâ-mo*, para o preterito perfeito, *umâ-mbêemo* ou *imâ-mbêemo* para o mais que perfeito.

O modo conjuntivo, ou subjunctivo, perde o *artigo*, ou o pronome, e é assim formado: se o verbo acaba em vogal singela, acrescenta á terceira pessoa do presente do indicativo a palavra *reme*; mas, se a vogal tem til, é *neme*: no verbo acabado em diphthongo, tenha til ou não, o acrescimo é *me*; se acaba em *b*, *c*, *n*, *ng*, *r*, o acrescimo é *eme*; se acaba em *m*, acrescenta *e*.

O modo infinitivo se forma também, sem *artigo*, ou pronome: se o verbo acaba em vogal singela, tenha til ou não, assim mesmo fica no infinitivo; mas, se acaba em diphthongo, com til ou sem elle, ou em consoante, recebe a letra *a* para terminação: *acáí*, *cái-a*. Mais claro:

—O infinitivo é o verbo sem *artigos* ou *notas*: *a-mboé*, «eu ensino», *mboé*, «ensinar»; mas, admite pronomes relativos e reciprocos, e, não tendo caso, exprime também a acção do verbo em geral,

transformado assim em substantivo: *di-nupã*, «eu açoito», *nupã*, «açoitar», *nupã*, «açoite», *i-nupã*, «o açoite», *nde-nupã*, «ten açoite», *nho-nupã*, «açoite reciproco», *nhe-nupã*, «açoite de si mesmo»; em verbos acabados em diphongo, com til, ou sem elle, ou em consoante, deve ser adicionado um *a*: *a-enô*, «eu chamo», *cenô-a*, «chamar»; em verbos começados por *r*, o infinitivo deve ser formado com *re*, precedendo o verbo: *a-raçó*, «eu levo», *ce-raçô*, «levar».

O gerundio é formado do presente do indicativo e sem o pronome pessoal, *artigo ou nota*, e sem a syllaba *io*, *nho*, nos verbos que as tiverem: nos verbos activos, que tiverem depois do pronome as syllabas *ra*, *re*, *ri*, *ro*, *ru*, o mesmo pronome pessoal é substituído pela syllaba *ce*; nos verbos não activos, porém, há pronomes especiais para o gerundio e são:

Sing.—*Gui*, *E. O.*

«Eu, Tu, Elle.»

Plur.—*Iai*, *Oro*, *Pe*, *O.*

«Nós, Nós, Vós, Elles.»

Todavia, nos referidos verbos não activos cujos pronomes são *Xe*, *Nde*, etc., o gerundio conserva esses mesmos pronomes, menos na terceira pessoa do singular e do plural, cujo pronome em vez de *I*, deverá ser *O*, e acrescenta *ámo*, se acaba em consoante, ou *ramo*, se acaba em vogal aguda; e, se ha no verbo a letra *r* depois do pronome, muda-a, na terceira pessoa, em *g*: assim, em *roiçâ*, «ter frio», *xe-roiçâ*, «tenho frio», o gerundio é *xe-roiçâ-ng-ámo*, *nd-roiçâ-ng-ámo*, *o-goiçâ-ng-ámo*, *o-goiçâ-ng-ámo*.

A formação do gerundio é completada por encliticas ou particulares breves, segundo as regras seguintes: em verbos acabados nas vogaes *a*, *e*, *o*, precedidas de consoante, a enclítica é *bo*, exceptuados os verbos acabados em *mo* e *no*, cuja addição deve ser *mo*, embora repetida no primeiro: *jucá-bo*, «matando», *amô-mo*, «molhando», *mancô-mo*, «morrendo»; em verbos acabados nas vogaes *u*, *ü*, não feridas de consoante, qualquer

gúabo: *aiçôo*, *çô-guabo*, «convidando para banquete», *aipocôu*, *poco-guubo*, «colher de repente»; *guâbo* é também, por só, gerundio de *ú*, «comer»; em verbos acabados nas vogaes *i*, *u*, feridas de consoante, a addição é *ábo*: *pipi-ábo*, «aperitando», *pibû-ábo*, «revolvendo»; em verbos acabados em *i*, *u*, com til, a addição é *ámo*: *copatî-ámo*, «atando os extremos», *çû-ámo*, «agrupando», no sentido de reunir partidarios, precedendo porém o reciproco *io*, tanto no primeiro exemplo como no segundo, para exprimir plural e comunicação de uns com outros; em verbos acabados em *â*, *ê*, *ô*, a addição é *mo*: *monâ-mo*, «misturando», *cê-mo*, «sahindo», *ce-rumô-mo*, «augmentando»; em todos os verbos acabados em diphongos, com til ou sem til, ou em consoantes, a addição é *a*: *acâi*, «queimar», *câi-a*, «queimando», *tûi*, «rebojar», *tûi-a*, «rebojando», *çapeg*, «chamuscar», *çapego-a*, «chamuscando», finalmente *çauçub*, «amar», *çauçup-a*, «amando», porque *b* é mudado em *p*; em verbos acabados de sua natureza, em *r*, este é perdido e nada é acrescentado: *kér*, «dormir», *quiké*, «dormindo», *ajar*, «colhêr», *id*, «colhendo».

Regras a seguir, relativamente à conjugação dos gerundios:—o gerundio dos verbos não activos é conjugado com *gui*, *e*, *o*, *iâ*, *orô*, *pe*, *o*: assim, por exemplo, o gerundio do verbo *apág*, ou *apác*, «acordar»: *gui-páca*, «acordando eu», *e-páca*, «acordando tu», *o-páca*, «acordando elle», *iâ-páca* ou *oro-páca*, «acordando nós», *pe-páca*, «acordando vós», *o-páca*, «acordando elles»:—os verbos de pronome *zi* podem usar desse mesmo pronome no gerundio. Nos verbos activos o gerundio não é precedido de *artigo ou nota*, mas do competente relativo.

O padre MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, tratando do gerundio e do supino, confundiu-os; e atribuiu ao supino a terminação em *ábo*. Também o padre LUIZ FIGUEIRA mostrou-se indeciso, quanto à formação do supino, visto que nunca deu regra alguma para isso como deu para a formação do gerundio. Dessa confusão do padre MONTOYA re-

yogaes é mudada no dissyllabo;

ultou que elle especificou varios verbos acabados em vogal, formando-lhes o supino simplesmente com a addição de *bo*, ou com a de *ábo*, por exemplo, *i-jaceó-bo*, «chorar», supino de *ajaceó*, «chorar». O padre MONTOYA dá a esse verbo outro supino, em *ábo*, *i-jáce-qu-ábo*, manifestamente gerundio, «chorando». São, em verdade, idênticas algumas terminações do gerundio e do supino; não se segue, porém, desse facto em alguns casos que esses dous tempos dos verbos devam ser confundidos.

O supino é formado da terceira pessoa do presente do indicativo, mudado o *artigo* ou a *nota* em algum relativo, com o accrescimo das enclíticas ou partículas breves, *bo*, *ca*, *pa*, *ta*, para os verbos de som natural, e *ma*, *mo*, *na*, *ngá*, para os de som nasal, conforme as seguintes regras. Para os de som natural: dos acabados em *a*, uns fazem supino com *bo*, outros com *pa*, como por exemplo, *o-quatiá*, «elle pinta», *i-quatiá-bo*, «a pintar», *orá*, «elle desata», *rá-pa*, «a desatar»; os acabados em *b*, fazem com *pa*, como, *o-jub*, «elle está leitado», *tupa*, com o relativo *t*, «a deitar-e»; os acabados em *e*, o fazem com *bo*, *cabérē*, «elle chanusca», *caberé-bo*, sendo de relativo o mesmo *c*, «a chanuscar»; os acabados em *g*, o fazem com *ca*, *o-pág*, «elle acorda», *i-pág-ca*, «a acordar»; os acabados em *i* (agudo), o fazem com *bo*, *o-ceci*, «elle assa» servindo de relativo o *c*, *ceci-bo* «a assar»; os acabados em *i* (grave) precedido de vogal o fazem com *ta*, *o-picúi*, «elle resolve», *i-picúi-ta*, «a revolver»; dos acabados em *i* (guttural), uns o fazem com *lo*, outros com *pa*, outros com *ca*, *o-gueii*, «elle desce», *gueii-bo*, ou *gueii-pa*, «a descer», *oi-kili*, «elle limpa», *i-kili-ca*, «a limpar»; os acabados em *o*, o fazem com *bo*, *o-parerecō*, «elle segue até alcançar»; os acabados em *r*, o fazem com *bo*, perdendo o *r*, *o-ibir*, «elle renova», *i-ibi-bo*, «a renovar»; dos acabados em *u*, uns o fazem com *bo*, outros com *pa*, *o-libu*, «elle espulga», *i-ki-bu-bo*, «a esfregar», *ó-çib*, «elle visita», *i-xú-pa*, «a visitar». Para os de som nasal: dos acabados em *á*, uns o fazem com *mo*, outros

com *nga*, outros com *na*, *o-cenopuã*, «elle ameaça», *cenopuã-mo*, servindo de relativo o *c*, «a ameaçar», *o-çapinã*, «elle atica», *çapina-nga*, servindo de relativo o *c*, «a aticar», *o-paratã*, «elle espessa», *i-paratã-na*, «a espessar»; dos acabados em *ê*, uns o fazem com *mo*, outros com *nga*, outros com *na*, *o-bahê*, «elle chega», *i-bahê-mo*, «a chegar», *o-nhenhê*, «elle falla», *i-nhenhê-nga*, «a fallar», *o-guêê*, «elle vomita», *i-guêê-na*, «a vomitar»; os acabados em *í* (com til), com *na*, *a-pepi*, «elle raspa», *i-pepi-na*, «a raspar»; os acabados em *i* (grave), precedido de vogal, o fazem com *na*, *o-nha-tôi*, «elle toca», *i-nha-tôi-na*, «a tocar»; dos acabados em *y* (guttural nasalizado), uns o fazem com *ma*, outros com *mo*, *o-nhoty*, «elle enterra», *i-nhoty-ma*, «a enterrar», *o-mopy*, «elle bambalea», *o-mopy-mo*, «a bambalear»; dos acabados em *ô* (com til), uns o fazem com *mo*, outros com *ngá*, *o-rayrô*, «elle despresa», *o-poçanô*, «elle medica», *i-poçanô-nga*, «a medicar»; dos acabados em *u* (em nome com som nasal), uns o fazem com *mo*, outros com *na*, outros com *nga*, *o-nhenhêgn*, «elle emmudece», *i-nhenhê-gu-mo*, «a emmudecer», *o-mou*, «elle ennegrece», *i-mou-na*, «a ennegrecer», *o-mouu*, «elle apodrece», *i-mouu-nga*, «a apodrecer», *ç-apê-nga* ou *o-apê*, «elle entorta», *g'-apê-nga*, «a entortar».

Nesta lingua, o gerundio e o supino, fóra das unicas fórmas acima exemplificadas e atrelados ás fórmas grega e latina, devem ser feitos com o infinitivo e posposições adaptadas ao pensamento a exprimir: *i-xuú-é*, «depois de morrer-o». Subordinar, porém, a lingua *tupi* a regras das linguas grega e latina, nas diversas partes da oração, é destruir toda a sua originalidade: não ha parentesco algum da lingua *tupi* com essas duas linguas. O gerundio e o supino na lingua *tupi* são sómente os que foram acima exemplificados com as partículas breves ou enclíticas para terminações. Não ha outros.

— Os participios são formados segundo as seguintes regras.

Com *ára*, em referencia ao agente do verbo; e, conforme a lição do padre Mon-

TOYA, este participio se forma do supino. O verbo, de som natural, cujo supino tem a enclitica *bo*, perde-a, para substituila por *ára*, se acaba em *a*, suprimido este *a* por apócope, ou para substituila por *cára*, se acaba em outra vogal: *i-quál-i-ára*, «escriptor» ou «paintor», *i-kibú-çára*, «espulgador» ou «cavador de pulgas». Mas, o verbo de som natural, cujo supino tem qualquer das outras encliticas, accrescenta a enclitica *ra*: *i-pág-çára*, «despertador», *i-çú-pá-ra*, «visitadors», *i-picú-l-tá-ra*, «revolvedor». Os verbos de som nasal guttural, e os de som puramente nasal, cujos supinos têm as encliticas, *mo*, *mu*, mudam-n'as em *mb* e accrescentam *ára*: *i-cenopuá-mb-ára*, «ameaçador», *i-nhoty-mb-ára*, «enterrador». Os verbos, cujos supinos têm a enclitica *na* a mudam em *nga*, ou em *ndá*, e accrescentam *ra*: *i-pepi-ndára*, «raspador». Os verbos cujos supinos têm a enclitica *nga*, accrescentam *ra*: *i-poçanô-nga-rá*, «curandeiro».

Com *ába*, para exprimir tempo, logar, instrumento, intuito, modo, causa, fim, costume, companhia de outrem; contanto que seja seguida das respectivas possoções ou dos necessarios adverbios, quando o verbo não contém em si mesmo a expressão. Este participio é formado da terceira pessoa do presente do indicativo, e só pôde nascer de verbos activos e neutros. (*)

Os verbos acabados em *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, com til ou sem til, e em *á* e em *áo* (diphongo), o participio é *caba*, excepto quanto aos que têm a ultima syllaba em *ca*, que apenas a completam:—*cepi-çába*, do verbo *cepi*, «vingar», *cubá-çába*, do verbo *cubá*, «chupar», *hobâç'-ába*, do verbo *hobâçá*, «benzer». Os acabados em *é*, *ó*, *ú*, pôdem accrescentar apenas *ába*; mas, na pronuncia, deve ser bem saliente o accento da terminante: *mong-é-ába*, do verbo *mongé*, «fazer dormir». Os acabados em *o* e em *ú*, precedidos de vogal ou puros, mudam o *o* e o *u* em *gu*, para fazerem *guába*: *ace-guába*, do verbo *accó*, «chorar». Os acabados em *n*, e nos diph-

tongos com *til*, *ai*, *ii*, *oi*, *ui*, o particípio é *dába*: *amâ-n-dába*, do verbo *am* «ircular», *câi-dába*, do verbo *câi*, «parzir». Os acabados em diptongos *áles*, *ái*, *éi*, *íi*, *ói*, *úi*, o particípio *tába*: *cekiú-l-tába*, do verbo *cekiú*, «tir». Os acabados em *b*, o mudam em *p* para fazerem o particípio em *pába*: *cen-pába*, do verbo *cendúb*, «ouvir». Os acabados em *c*, accrescentam *ába*: *cuc-ába*, do verbo *cuc*, «lavar-se». Os acabados em *ng* accrescentam *ába*, *nhang-ába*, do verbo *nhang*, «encestar». Os acabados em *m*, accrescentam *b*, e o completam *ába*, *am-b-ába*, do verbo *am*, «estar pê». Os acabados em *r*, o mudam *ç*, e completam com *ába*: *bi-çába*, do verbo *bir*, «levantar».

Com *bae*, formado tambem da terceira pessoa do presente do indicativo, co-pronome pessoal, significa «o que», «o qual»: *o-quâá-bae*, «o que sabe». Os pronomes *xe*, *nde*, *i*, *iunde*, *ore*, *pe*, pospostos a adjetivos, e estes precedidos dos respectivos relativos nos casos que o devem ser, substitue o verbo «que», caracteristicamente, não existe lingua *tupi*: *i-poriaú-bae-xe*, «eu pobre», *i-lacuxi-bae-i*, «elle é fanfarron», demonstrativamente, *ilacuxi-cu*, «aquele é fanfarrão», segundo o p. MONTOYA, ou *cô-bae*, segundo o p. LUIZ FIGUEIRA.

Para a formação dos tempos dos verbos, este *bae*, posposto ao verbo, seguido das terminações respectivas *ci* para o preterito, *rama*, para o futuro feito, *ranguéra* para o futuro imperfeito: *o-pei-bae-ciéra*, «o que varri», *o-pei-bae-rama*, «o que havia de varri», *o-pei-bae-ranguéra*, «o que havia de varrido».

Este *cuéra*, como se diz no sul do Brasil, ou *coéra*, como se falla no norte, sofre, por elegancia, em muitos casos, a apócope da ultima syllaba. Nos verbos e nomes acabados em *b* e *v*, o preterito é *uéra* ou *oéra*; nos acabados em *g* e em *p*, é *uéra* ou *oéra*; nos acabados em *m*, é *buéra* ou *boéra*; acabados em *r* é *éra*; nos acabados em letra ou syllaba com som nasal, é *na-*

(*) No dialecto guarani, tem qual seate, aquela, pretorio, aguama, tutu impertioso ou mixto.

guéra ou *ngolera*; nos acabados em *ama*, *ámo*, é tambem *nguéra* ou *ngoéra*, scopadas as enclitics *ma* e *mo*; nos acabados em *é*, basta acrescentar *ra*; os acabados em *ér*, basta acrescentar : *tembi-réra*, «sobras»; *taper-a*, «posição que existiu»; *aré-ra*, «o que caiu e logo nasceu». Nos acabados em usam mudar o *b* em *p*. Em geral, n outras terminações, é *cuéra* ou *coéra*, *áéra* ou *goéra*.

Cuéra, ou *coéra*, só ser empregado um tempo presente para restringir ação do verbo a certos individuos, ou a determinados objectos: *orecuéra oroçó*, «só os outros vamos»; *cunumí* ou *curu-inguéra onhemoçarâi*, «só brincam os eninos»; *cunhanguê ioçó*, «só as mulheres não»; *aô pecenguê*, «pedaço de roupa»; *aô-cúi-guéra*, «andrajos», do verbo *ái*, «cair». Tambem *cuéra* ou *coéra*, *guéra* ou *goéra*, é usado como absoluto no presente: *tatâ-nuguéra*, «o forte»; *anhanga-éra*, «o diabo velho»; *moroting-uéra*, «o rancio».

Ha outro participio em *bóra* e, no dialecto *guaraní* tem seus quatro tempos *b-r*, *bor-éra*, *boráma*, *borá-nguéra*, ou *bá-ngoéra*: sem a necessidade do *b*, se já o verbo ou o nome o tem terminal. Mas, este participio é limitado a exprimir o que a pessoa ou a cousa contém, o habito, a continuaçao, o effeito ou o resultado, a extensão, o excesso, o superlativo: *irob-óra*, «amargoso»; *cabeipó-ór-a*, «bebado por habito»; *guacembór-a*, «grrito continuo»; *quirá-bór-a*, «enquadrado»; *xe-co-bór-a*, «minha roça vai por ahi á fóra», exprimindo a sua extensão; *taci-bór-a*, «gravemente doente»; *tati-bó-bór-a*, «muitissimo calor», repetido o participio.

O padre LUIZ FIGUEIRA, e antes dele o padre J. ANCHIETA, buscaram o exemplo deste participio em *canhembóra*, «o fujão», do verbo *canhŷ*, «fugir». E aduzo este exemplo para tornar certo que esta palavra nada tem de africana, só porque os negros a corromperam em *quilombola*.

Antes de tratar dos participios passivos, é necessario dizer que os verbos ativos se tornam *passivos*, antecedendo-

do-os com os respectivos relativos, acrescentando-os com a palavra *pira* no presente do indicativo, *piréra* no preterito, *pirama* no futuro, *piranguéra*, no futuro imperfeito, e terminando-as com o pronome *xe*, *ndê*, *i*, *iande*, *ore*, *peé*, *i*; substituido o *i* das terceiras pessoas do plural por *cúibae*, se, em vez de «elle» ou de «elles», forem «aquele» ou «aqueles», *i-curá-pira-xe*, «eu sou empulhado», *i-curá-pira-nde*, «tu és empulhado», *i-curá-pira-i*, «elle é empulhado», ou *i-curá-pira-cuibae*, ou *cóbæ*, «aquele é empulhado», *i-curá-pira-iande*, «nós e vós somos empulhados», *i-curá-pira-ore*, «nós só somos empulhados», *i-curá-pira-peé*, «vós outros sois empulhados», ou *i-curá-pira-cuibae* ou *cóbæ*, «aqueles são empulhados». Se o verbo tiver som nasal, o *p* é mudado em *mb*, fazendo *mbira*; mas, é preciso attender que, nos verbos acabados em *ã*, *ê*, *õ*, pôde ser intercalada ou não a particula *ngi*, imediatamente antes de *mbira*: *ameé*, «dar», *i-méé-ngi-mbira*, ou apenas *i-méé-mbira*, «dado»; nos acabados em *í*, pôde ser intercalada ou não a particula *m*: *amoí*, «pôr», *i-moí-ngi-mbira*, ou apenas *i-moí-mbira*, «o posto». Nos verbos acabados em consoante, esta deve ser completada com um *i*, e depois *pira*: *caucub-i-pira*, «o amado». Tambem serve *pira* para formar os adjectivos attributivos que na lingua portugueza acabam em *vel* (breve): *cau-cub-i-pirama*, «amavel», e, sendo precedido do relativo *i*, significará «o amavel».

Acceitei como mais clara a explicação do padre MONTOYA, embora, por outros termos, dê a do padre LUIZ FIGUEIRA o mesmo resultado. E tanto vale dizer *piréra* e *piranguéra*, como *piroéra* e *piramboéra*, *cúibae*, ou *cóbæ*: são modos de fallar do indigena do sul, quanto aos primeiros, e do indigena do norte, quanto aos segundos.

Um dos participios passivos é *pira*, que já ficou explicado. O outro é *temí*, que sempre antecede ao verbo activo, sem os pronomes pessoais; muda o *t* em *r*, se na composição fôr precedido de alguma palavra ou nome, ou mesmo de pronomes possessivos; ou o perde, se

o fôr de *gu*, reciproco ou com voz de relativo: *temi-rarô*, «o guarda»; *xe-remi-rapiâ*, «meu escravo», *gu-emi-rapiâ*, «seu escravo». Nestes exemplos ha a observar tambem a mudança do *c*, do padre LUIZ FIGUEIRA, ou do *h*, do padre MONTOYA, dos verbos *çarô* ou *harô* e *çaplâ* ou *hapiâ*, em *r*, pela regra geral da mudança dos respectivos relativos em *r*, sempre que são antecedidos de outra palavra. Cumpre deixar notado que aquelle *gu*, embora reciproco, funciona como relativo sempre que o verbo se reflecte no agente ou no paciente, directa ou obliquamente.

Este *temi*, segundo o padre MONTOYA, muda o *m* em *mb* ficando sem til sempre que encontra vogal; mas, sendo *temi*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, nada muda. Por exemplo: no primeiro caso, *tembi-ú*, «comida», ou «comestível», *i-rembi-ú*, «a comida»; no segundo caso, *temi-ú*, «comida». Tambem, por elegancia, querendo exprimir a cousa sobre que cãe a acção do verbo, é uso fazer a apheresis da primeira syllaba de *temi*, antepondo *mi* ao infinitivo; *mi-mboé*, «o que se ensina», *mi-ú*, «o que se come», *mi-é*, «o que se diz».

Como se vê, este particípio pôde formar, sem apheresis, os seguintes pronomes possessivos: *xe-remi*, *nde-remi*, *cemi*, *iande-remi*, *ore-remi*, *pe-remi*, *cemi*; mas não se ajuntam senão com os infinitivos dos verbos activos sem accusativo, ou sem caso, e isso para significar a cousa sobre que cãe a acção dos mesmos verbos, segundo já foi dito: *xe-remi-ocá*, «o que eu busco», ou traduzido litteralmente, «o que é buscado por mim»; *xe-remi-guiô-cuéra*, «o que foi vencido por mim»; *xe-rcmbi-mbó-guarini-çára*, «o que foi feito guerreiro por mim».

Tambem é usado como possessivo, na forma dita, anteposto ou posposto, o mesmo pronome *xe*, *nde*, *i*, *iandé*, *ore*, *pô*, *i*, como pessoal: *ndé-xe-remi-abá*, ou *xe-remi-abá-ndé*, «tu és meu homem».

Segundo o padre MONTOYA, não é possível confundir com *mi*, «esconder», o sobredito caso da aphéresis de *temi*; porque a aphéresis deixará *mbi*, conforme a regra ensinada pelo *llia*.

—Em geral, os nomes, que conjugados com pronomes se fazem verbos, contêm virtualmente nos mesmos pronomes a idéa de «ser» ou de «ter», e esses pronomes podem ser antepostos ou pospostos: *xe-abá*, ou *abá-xe*, «sou homem»; *xe-raci*, ou *taci-xe*, «tenho doença».

Attendam-se as seguintes regras:

a) No caso *xe*, de pronome pessoal, se fôr seguido de qualquer nome adjetivo, a significação é do verbo «ser»: *catú*, «bom» *xe-catú*, «sou bom»; *poxi*, «sujo», *nde-poxi*, «és sujo»; *poranga*, «formosura», *i-porang*, «é formoso». A razão porque o *a* final de *poranga* é supprimido, é que, com os pronomes de *xe*, o verbo, que tem o accento agudo na penultima syllaba, perde a ultima em todos os tempos, excepto no infinitivo.

b) No caso de *xe*, pronome possessivo, se fôr seguido de qualquer nome substantivo de cousa possuível, a significação é do verbo «ter»: *ci*, «mãe», *xe-ci*, «tenho mãe»; *tûb-a*, «pae», *nde-rûb*, «tens pae»; *ipi*, «antepassados», *t-ipi*, «tem antepassados».

—Agora, resta explicar a conjugação negativa.

São varios nesta lingua os modos de negar. O commun é *nd*, ou mesmo só um *n*, ou só um *d*, no principio do verbo, e um *i* no fim: *N-açô-i* ou *D-açô-i* ou *Nd-açô-i*, «não vou». E, se o verbo começa por consoante, o *a*, por accrescimo á aquella particula de negação, de rigor. No presente do indicativo não é admissivel outra negação.

A outra forma de negar é *ey*, *eym* fazendo *eyme*, para o modo conjuntivo e *eyma* o infinitivo, os participios, os supinos e os gerundios; *xoé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *ce*, segundo o padre MONTOYA, antes do *ne*, para o futuro imperfeito; *umé*, conforme o primeiro, *emé* ou *imé*, conforme o segundo para o imperativo; *umé*, conforme o primeiro, antes do *ne*, para o futuro ou modo mandativo; *xoé-temomâ*, conforme o primeiro, *eytamô*, conforme o segundo para o presente do modo optativo; *xoé-~~umam~~*, conforme o primeiro, *eymam* «o», para o preterito e mais que

perfeito do optativo. Assim, tomarei ao caso o verbo neutro *cutipó*, «saltar», cujo presente do modo indicativo é o seguinte: *a-cutipó*, *cre-cutipó*, *o-cutipó*, *ia-cutipó*, *oro-cutipó*, *pe-cutipó*, *o-cutipó*; no presente do indicativo, *a-cutipó*, «eu salto», *na-cutipó-i*, «eu não salto»; no futuro imperfeito, *a-cutipó-ne*, «eu saltarei», *na-cutipó-i-xoé-ne*, «eu não saltarei»; no modo imperativo, *e-cutipó*, «salta tu», *e-cutipó-umé*, «não salta» ou «não saltes tu»; no futuro ou modo mandativo, *tere-cutipó-ne*, «não saltarás tu»; no presente do modo optativo, *a-cutipó-lemomã*, «oxalá saltasse, ou saltára eu», *na-cutipó-i-xoé-lemomã*, «oxalá não saltasse, ou não saltára eu»; no preterito e mais que perfeito do optativo, *a-cutipó-meimo-mã*, «oxalá tivera eu saltado», ou «oxalá saltára», *na-cutipó-i-xoé-meimomã*, «oxalá não tivera ou não tivesse eu saltado»; no preterito e no mais que perfeito do modo permissivo, *a-cutipó-umâmo* ou *a-cutipó-umâ-mbeémo*, «eu teria saltado», *nda-cutipó-i-xoémo* ou *nda-cutipó-i-xoé-mbeémo*, «eu não saltaria ou não tivera saltado»; no futuro do mesmo modo permissivo, *tacutipó-uc*, «saltarei eu», *tacutipó-umé-ne*, «não saltarei eu»; no modo conjuntivo, *cutipó-reme*, «quando, porque, como, se, eu salto», *cutipó-eyme*, «quando, porque, como, se, eu não salto»; no modo infinitivo, *cutipó*, «saltar», *cutipó-eýma*, «não saltar»; no participio em *ára*, presente *cutipó-çára*, «saltador», *cutipó-çareýma*, «não saltador»; no preterito, *cutipó-cuéra*, «o que foi saltador», *cutipó-eýma-cuéra* ou *cutipó-cuereýma*, «o que não foi saltador»; no futuro, *cutipó-rama*, «o que ha de saltar», *cutipó-rameýma*, «o que não ha de saltar»; no futuro mixto de preterito, *cutipó-çabanguéra*, «o que havia de ter saltado», *cutipó-çarangueraý*, «o que não havia de ter saltado»; no participio em *bae*, presente, *o-cutipó-bae*, «o que salta», *o-cutipó-eýmbae*, «o que não salta»; no preterito, *o-cutipó-bae-cuéra*, «o que saltou», *o-cutipó-bae-cuereý*, «o que não saltou»; no futuro, *o-cutipó-bae-rama*, «o que ha de saltar», *o-cutipó-eýbae-rama*, «o que não ha de saltar»; no futuro mixto de preterito, *o-cutipó-bac-*

ranguêra, «o que havia de ter saltado», *o-cutipó-bae-ranguereý*, «o que não havia de ter saltado»; no participio em *temi*, presente, *xe-remi-cutipó*, «o que eu salto», *xe-reini-cutipó-ey*, «o que eu não salto»; no preterito, *xe-remi-cutipó-cuéra*, «o que eu saltei», *xe-remi-cutipó-cuereý* ou *xe-remi-cutipó-eycuéra*, «o que não saltei», *xe-remi-cutipó-rama*, «o que saltarei», *xe-remi-cutipó-rameýma* ou *xe-remi-cutipó-eyrama*, «o que não saltarei»; no futuro mixto do preterito, *xe-remi-cutipó-ranguêra*, «o que eu havia de ter saltado», *xe-remi-cutipó-ranguereý* ou *xe-remi-cutipó-eý-ranguê*, «o que eu não havia de ter saltado»; no participio em *ába*, presente, *i-cutipó-çába*, «elogar d'onde, tempo em que, motivo por que, modo como salto», a negação é *i-cutipó-çabeýma*; no preterito, *i-cutipó-çaguêra*, «elogar d'onde, etc., saltei», a negação é *i-cutipó-çaguereýma*; no futuro, *i-cutipó-çaguáma*, «elogar d'onde, etc., hei de saltar», a negação é *i-cutipó-çaguameýma*; no futuro mixto de preterito, *i-cutipó-çabanguêra*, «elogar d'onde, etc., eu havia de ter saltado», a negação é *i-cutipó-çabanguereý*; a negação, no supino, é *i-cutipó-beýma*, «não saltado»; a negação no gerundio é *gui-cutipó-eýma*, «não saltando eu».

Tambem o substantivo é negado pela particula additada *eý*: *abá*, «homem», *abá-eý*, «não homem», isto é, «não pessoa, não gente, ninguem», com referencia ao plebeu. E isto prova que o tupi tinha tambem a sua aristocracia.

Cumpre notar que duas negações fazem uma afirmação: *na-cutipó-eýma*, «não deixo de saltar», porque ha a negação inicial e a negação terminal. Tambem tres negações equivalem uma afirmação: porque a ultima não tem outro valor que o de repetição: *na-cutipó-eý-eýma*. Outrosim, uma negação com a particula *teí*, precedendo *ne* do futuro, muda-a em afirmação: *ndere-cutipó-i-xoé-teí-ne*, «não deixes de saltar».

Ha outro modo de negação: é *na-rua*, isto é, *na-ruaí*, ou *na-rúguia-i*, mettendo, entre essas duas palavras, o pronome, o verbo, ou o nome; mas é sómente usado

para exprimir o verbo «ser»: *na-xerua-i-cutipó*, «não sou eu quem saltou»; *nd-a-cutipó-i-uguaí*, «não salto»; *na-xe-abá-rúa-i*, «não sou homem».

Ha tambem os adverbios propriamente negativos. Os adverbios prohibitivos encerram virtualmente negação: *aáni*, *ine*, etc.

— São muito engenhosas algumas dicções que, embora só por si nada signifiquem, juntas porém a verbos e a outras partes da oração, dão-lhes energia, ou melhor expressão, ou mesmo sentido differente.

Assim, *ã*; *ã*, com til, posta no fim da palavra, dá energia: *o-cutipó-ã*, «eia, salta». *Aib*, esta dicção, posta no fim da palavra, significa que a acção do verbo, ou a expressão do nome, tornou-se má: *ai-có-aib*, «passo mal», *co-riteri-aib*, «depressa e já», *o-nhenheng-aib*, «elle falla mal», isto é, «blasphema», ou «injuria», ou «diz palavras sujas». *Aúb*, posta tambem no fim da palavra, serve em verbo neutro ou absoluto, para exprimir defeito, ou má vontade na acção: *ie-ciri-aúb*, «não deslisa-se bem», *o-guatá-aúb*, «anda difficultosamente», *o-ieroqui-aúb*, «dansa sem vontade»; em verbo activo, serve para exprimir desejo, ou saudade: *ai-pixá-aúb*, «desejo belliscar», *ocerág-aúb*, «audioso de ver». O verbo, repetido, exprime maior força na acção; a dicção *aúb*, repetida, exprime excesso de defeito ou de má vontade, no primeiro caso, ou excesso de desejo ou de saudade, no segundo: a negação do verbo é feita antes da dicção *aúb*.

Cá e *quyy* exprimem propósito firme de agir, mas só o homem diz *cá*, ao passo que a mulher diz *quyy*; deve sempre ser precedida da partícula *ne*, ou *pe*: *acó-cá* ou *acó-ne-cá* ou *acó-pe-cá*, para o homem, *acó-quyy*, ou *acó-ne-quyy*, ou *acó-pe-quyy*, para a mulher, «vou decididamente».

Pá: quando não é interrogativo, como adiante se verá, exprime determinação decisiva, no plural; e então significa «eia, pois, já»: *pe-nhanhubá-pá*, «eia, pois, abraça e já».

Coára, *Xoára*, *Ndoára*: precedendo diversas dicções são a mesma cousa e servem de terminal do verbo ou do nome para

exprimirem frequencia ou costume: *coára*, «chorador», *û-xoára*, «sempre sojo», *çubá-ndoára*, «chupador»: esta dicção *coára* não deve ser confundida com o participio dos verbos acabados em *id*.

Çoér, *Xoér*, *Ndoér*, com à (breve) terminal, estão no mesmo caso das anteriores, exprimem tambem frequencia ou costume: *o-atá-coéra*, «andejo», *onhenheng-i-xoér-i*, «palreiro», *o-nhanhubá-ndoéra*, «abraçador».

E: simplesmente esta letra *e*, terminando algum verbo, significa a acção independente de outra pessoa ou de outra cousa: *ai-pejú-é*, «eu mesmo assopro»; posposto a gerundio, significa «depois», *guicarúbo-é*, «depois que eu coma»; tambem significa, terminando verbo, «só», e tambem «ás vezes»; e serve tambem para exprimir destreza, ensino, aprendizagem, aptidão, habilidade, agrado, mas nestes casos sóe ser seguida de *catú*: *xe-é-catú*, «son destro», *na-re-l-catú-i*, «não sou destro».

I: esta letra *i*, com til ou sem elle, posposta ao nome, exprime diminutivo: *teçá-i*, «olinhos»; tambem posposta ao verbo, exprime perseverança na acção: no principio do verbo neutro, é o mesmo que «se»: *i-mac*, «mira-se»: *i*, com til, por si só, é verbo e significa «estar, pôr»: com til, posposta a verbo, significa fazer ao acaso, ou sem impulso, a cousa: *xe-alá-i*, «caminho ao acaso».

Iá: exprime satisfação pelo mal de outrém; posposta ao verbo, exprime costume ou habito: *ai-liquicú-iá*, «costumo sorver»; e se é acrescida com a syllaba *bi*, formando *iabi*, significa superlativo na acção do verbo: *ai-liquicú-iabi*, «costumo sorver muito».

Icô: posposta ao verbo, esta dicção demonstra o que se faz: *aiaupi-icô*, «ei que levanto a cabeça».

Iepé: no plural *iepeiepê*: é posposta a verbo activo, sómente nos modos que têm pronome pessoal, para fazer fala a primeira pessoa com a segunda, sendo este nominativo, e aquelle accusativo *nde-xe-çapi-iepê*, «tu me queimas», *çapi-umé-iepê*, «não me queimes»; tambem significa «debalde»: *acapecoc-iepê*, «continuai debalde»; tambem serve par-

primir dificuldade em ter escapado de gum perigo: *ceiā-iepé*, «escapei arrastando».

Moang: posposta a verbo, esta dicção exprime cousa ficticia, e tambem ação saldada; *açungá-moang*, «finjo que apalhei»; *apirá-mboácá-moang*, «pesquei deinde ou sem resultado».

Niã: posposta a verbo, exprime a constatação do mesmo verbo: *aguéé-niã*, «sim, nomitei».

Nhé: significa «acaso», isto é, «sem necessidade alguma»; *çapeg-nhé*, «chamusquei por acaso».

Nhote: significa «sómente»; *açaarô-nhote*, «espero sómente»; *a-i-nhote*, «estou só»; são a mesma cousa *nhó* e *nho-nhe*.

Pá? *Pangá?* *Pe?* *Piã?* *Piang?* *Pi?* *Pipó?* *Rae?* — são as interrogativas mais communs desta lingua: *xe-pá?* «Sou eu?»; *a-mañó-pangá-ne?* «Hei de morrer?»; *cre-tó-pe?* «Vaes?»; *o-có-pia-ne* ou *o-có-piang-ne?* «Tem este de ir?»; *de-rei-pi-re-có-bo?* «Ainda não foste?»; *xe-pipó-nó-ne?* «Hei de ir eu?»; *o-amonhâ-raé?* «Já fez?». *Pá* pôde preceder aos pronomes *có* e *gui*: *abá-pa-có*, ou *abá-pácóbae*? «Quem é este?»; *abá-pá-gui?* «Quem são esses?». *Pangá* é tambem admirativa, precedido das duas partículas *te-catú*, embora afirmativas: *nde-kér-ána-tecatú-pangá?* «Oh! como és dorminhoco!». *Pe*, precedida de *abá*, significa «quem»; *abá-pe?* «Quem?»; existindo na oração adverbial, sempre se põe imediatamente após elle. *Pi* antecede, de ordinario, imediatamente, aos pronomes *xe*, *có*, *cobae*, *cui*, *mug*, quando são estes empregados na composição da phrase: *amboé-pi-xe-ne?* «Hei de ensinar?»; *abá-picó*, ou *abá-pucóbae*? «Quem é este?»; *abá-pi-cui* ou *abá-pucui?* «Quem é aquelle?»; *nhá-piang?* «Quem são estes?». O pronome *xe* pôde ser posposto á partícula interrogativa: *abá-piã-xe?* «Quem sou eu?». *Pipo* só é empregada quando a interrogação contém «por ventura». *Rae*, «já», é interrogativa, para o presente, o preterito, e o futuro do modo indicativo, e para o preterito perfeito e mais que perfeito do modo permissivo, em phrases breves: *o-ço-raé?* «Já foi?»; mas, em

phrases longas, deve ser precedida de outra interrogativa para o verbo, ficando ella sempre no fim, após o caso; *ere-jueá umâ-mo-pangá-joguá râ-raé?* «Já terias morto o tigre?». *Paé* é interrogativa, exprimindo a phrase elliptica de duvida «havia de»: *ain-paé*, «havia eu de estar deitado?»: é muito usado precedido de *ámo*, «por ventura». Com a partícula *cerá*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, ou *herá*, segundo o padre MONTOYA, é exprimida duvida na pergunta: *Abá-cerá?* «Homem, ou mulher?». Não dizem, porém, *Cunhâ-cerá?* senão quando ha duvida se a mulher é realmente tal. Com aquella mesma partícula, sem advérbio propriamente interrogativo, sócm perguntar e responder: *aracaé-cerá?* «Quando?» *aracaé-cerá*, «não sei quando»; *aba-cerá?* «Quem?» *aba-cerá*, «não sei quem»: só o tom faz distinguir a pergunta e a resposta. Com a partícula *té*, antes de *pá*, *pangá*, *pe*, *piã*, se exprime a palavra «pois»: *abá-té-pe-oçó?* «pois quem foi?»

Ranhé exprime pressa, adiantar-se a outrém, e tambem advertencia: *Taçó-ne-ranhé*, «irei já»; *abaè-ranhé*, «chego primeiro»; *xe-ranhé*, «eu adiante»; *mætê-ranhé*, «attenção!» ou «olhae bem». Junta a verbo negado exprime «ainda não».

Rung, *Runga*, *Rung-eme*, juntas a nomes exprimem ordenar, ou principiar; é, porém, preciso iniciar os nomes com a partícula *ai*, collocal-os imediatamente a ella, e, no fim, fixar qualquer daquellas dicções, como forem pedidas: *ai-có-rung xerúba*, «ordeno a roça de meu pae». Assim tornadas um verbo activo aquellas palavras *có-rung*, faz *có-runga*, no infinitivo, e *có-rung-eme*, no conjunctivo. De *ipi*, «princípio», precedido da sobredita partícula *ai* e seguido de *rung*, é formado o verbo a *ai-ipi-rung*, «principiar, começar». Tambem exprime acrescentamento á cousa. O padre MONTOYA escreveu *rū*; mas é o mesmo *rung* do padre LUIZ FIGUEIRA.

Ab é tambem uma dicção que, por si mesma, nada significa; mas, precedida de *a*, collocando imediatamente o nome e terminado por *ab*, forma verbos: *a-ibidá ab*, «côrto madeira»; *a-ie-ibi-ab*, «abre a terra». No sentido de abrir natural-

mente, verbo neutro, é que *áb* é empregado na forma sobredita: *o-jáb-botira*, «a flor abre».

Todas estas dicções servem para compôr verbos e nomes, alterando-lhes mesmo o primeiro sentido, ou simplesmente imprimindo-lhes mais energia ou menos força.

Cumpre, porém, não perder de vista certas regras:

a) Os verbos activos, que, depois do artigo ou nota, tem algumas das syllabas *ru*, *re*, *ro*, *ru*, exigem, nas terceiras pessoas, a syllaba *gue* depois do mesmo artigo ou nota: *araçó*, «levar», *o-gue-raçó*, «elle leva»; e, se pela introdução de *poro* os quizermos tornar absolutos, aquella syllaba *gue* será collocada logo depois de *poro* e este após o artigo: *a-poro-gue-raçó*, «costumo levar». E usam sincopar as duas primeiras letras, por elegancia: *a-poro-e-raçó*. Nos verbos com *poro*, pôde ser mudado o artigo ou nota no pronome *xe*, exprimindo então a continuação do acto: *xe-poro-cé-xerúba-ajú*, «venho continuar a roça de meu paes».

b) Quando a primeira pessoa é nominativo, e a segunda é accusativo, não se põe artigo ou nota no verbo, e serve de accusativo da segunda pessoa a palavra *oro* no singular, e *opó* no plural: *xe-oro-pauçub*, «eu te amo», *xe-opó-pauçub*, «eu vos amo». Neste modo de compôr, vê-se bem que não é usado *nde*, e sim *oro*, nem *peç*, e sim *opó*; excepto nos modos conjuntivo e optativo, com as respectivas terminações.

c) Por ellipse, costumam suprimir, quando não ha necessidade de maior clareza, os pronomes pessoaes, entendendo-se que os accusativos *oro* e *opó* suppõem *xe*: *ai-pitibiró*, «sacudir», *oro-pitibiró*, «eu te sacudo», *opó-pitibiró*, «nós te sacudimos».

d) Os verbos que, depois do artigo ou nota *o*, admitem *i*, relativo, fazendo ái, perdem com os accusativos *oro* e *opó*, tanto um como o outro: *ai-quabá*, «abarcar», *oro-quabá*, «eu te abarcou». Não perdem, porém, o *i* os verbos que o têm como proprio: *a-itic*, «arrojar»;

oro-itic, «eu te arrojou», *opó-itic*, «eu arrojo».

e) Os verbos que, depois do artigo ou nota, têm *io*, ou *uho*, *ie*, ou *nh* ou *h*, perdem, com os accusativos *oro* e *opó*, estas particulias, segundo a lição padroe LUIZ FIGUEIRA, ainda que o p^o MONTOYA affirme ser isso facultativo: *a-io-rá*, «desatar», *xe-oro-rá*, ou simplesmente *oro-rá*, «eu te desato», *a-nho-lastimar*, *xe-oro-pú*, ou simplesmente *oro-pú*, «eu te lastimo»; *açauçub*, «anorar-muçub, «eu te amo».

f) Os verbos que, depois do artigo ou nota, começam por *nha*, perdem, com os accusativos *oro* e *opó*, o *nh*: *a-nh-arremetter*, *opó-arô*, «eu arremetê-vos».

g) Os verbos que, depois do artigo ou nota, começam por *io*, perdem, com os accusativos *oro* e *opó*, o *i*: *ai-cubrir*, *oro-ocó*, «eu te cubro»; i que aquelle *i*, sendo relativo, não permanecer na transição da primeira pessoa á segunda. Os verbos, porque não são activos, devem ser feitos activos pela intercalação de *mo* ou *do* verbo, segundo já ficou explicado logo respectivo.

h) Os verbos que começam por *r*, depois dos pronomes, recebem os accusativos *oro* e *opó*, a parte *gue*: esta mesma regra se estende às terceiras pessoas de ambos os numeros: *anoç*, «esvasiar», *xe-oro-gue-noç*, «esvasios», *o-gue-noç*, «elle esvasia», a terceira pessoa relativa, é *ce-noç*, «esvasia».

i) Os verbos que começam por *re*, ou *ro*, recebem, com os pronomes particulares *re*: *a-nho-pí*, «raspar», *xe-nho-pí*, «eu raspo»; *a-robiã*, «crecer», *peitar*, *xe-re-robiã*, «eu creio, eu peito».

j) Se a terceira pessoa é nominativa e a primeira ou a segunda é accusativa, o verbo deve ser precedido do pronome respectivo, seja *xe*, seja *nde*: *Zeb xe-juçá*, «Zebadeu me mata», *Zeb nde-juçá*, «Zebaden te mata». Mas a segunda pessoa é nominativa, e por accusativo a primeira, o verbo

artigo, e acrescenta *iepé*: *nde-xe-jucá-pe*, «tu me matas».

k) Se a terceira pessoa é nominativo, tem por accusativo outra terceira pessoa, precedendo esta o verbo, leva este artigo, nos tempos que o têm: *Pedro jaguára-o-jucá*, «Pedro mata onça». Transposta, porém, esta phrase, de modo que *jaguára* preceda a *Pedro*, o verbo deve perder o artigo, e este será substituído por *i* relativo: *jaguára Pedro i-jucá-u*; porque sempre o relativo refere o nome que fica mais longe.

l) Se ao verbo activo e neutro, em vez do artigo ou nota, são dados pronomes e relativo, a terceira pessoa do presente do modo indicativo deve ser formada mediante as seguintes regras: o verbo acabado em consoante recebe o acrescimo de *í*, como *apór*, «saltar», *i-por-i*, *aitic*, «arrojar», *ce-itik-i*, *ajur*, «vir», *t-ur-i*; o verbo acabado em vogal singela, com til, ou sem til, recebe o acrescimo de *ú*, como *a-iké*, «entrar», *te-iké-ú*, *a-çapinhá*, «atiçar», *i-xa-pi-ahú-ú*; o verbo acabado em diphongo com til, ou sem til, não recebe acrescimo algum, como *a-cequíi*, «tirar», *cequíi*. Na negação dessa terceira pessoa, desaparece o acrescimo, para ser posposta a dicção *eym*. E cumpre não perder de vista que à terceira pessoa relativa, tanto pôde servir de nominativo a terceira pessoa como também a primeira; *Pedro i-çó-ú*, «Pedro se foi», *xe-çó-ú*, «eu me vou». O padre MONTOYA manda acrescentar ao verbo com som nasal um *n* e depois um *í*; mas o padre LUIZ FIGUEIRA não admittia esse acrescimo a tales verbos, como já acima ficou notado; acresce sómente o *ú*. Se a terceira pessoa é precedida de adverbio, ou de gerundio, deve ter, além do relativo competente, a sobredita posposição: *ebó-quéi-Pedro-ipór-i*, «eis, lá salta Pedro», *pae-guáibó Pedro t-ur-i*, «chorando Pedro vem». Como se vê, tanto o artigo ou nota, se o verbo é de artigo, como o pronome, se é de pronome, desaparecem; excepto o pronome *i*, quando o nome não está presente, porque, nesse caso, serve de relativo ao verbo.

m) Todos os verbos, quer acabem em vogal, quer em consoante, quer em diphongo, têm accento agudo na ultima syllaba nos tempos do modo indicativo. Nos mais modos, ou tempos, em que recebem incrementos, não mudam o accento da sobredita syllaba, e as dos incrementos se pronunciam breves e corridas.

n) Os verbos, que começam por *c* ou *h*, *r*, *n*, recebem a particula *re* logo depois do artigo ou nota, ou pronome, nos casos que a pedem.

o) Todos os verbos activos e não os outros, que começam por *c*, ou *h*, conforme já ficou explicado, conservam o tal *c* ou *h*, se o tal *c* ou *h* deverem ficar como relativos: fôra disso, ou são eliminados, ou são mudados em *r*. Nos verbos nunca o *c* ou *h* é mudado em *r*.

p) Advirta-se que sempre que a letra *i*, relativo, se antepõe á *c* ou *h*, estas se mudam em *x*, mas só na mesma palavra simples, ou composta: *çuí*, «morder», *i-xuú*, «mordel-o»; *acó*, «eu vou», *ço*, «irs», *i-xó*, «o seu ir», isto é, «a sua ida», por estar o infinitivo sem caso; *cub-a*, «visitar», *i-xub-a*, «visitai-o»; e isto se entende, não só com verbos, mas com quaesquer nomes, mesmo posposições: *cui*, «de, por causa de, fôra de, sem», precedido do *i*, relativo, faz *i-xui*, «delle, por causa delle, fôra delle, sem elle», visto que o *i*, como relativo, também significa «elle»; e, comquanto o padre MONTOYA escrevesse essa posposição como *gui*, ensinou afinal que, com o sobreditivo relativo, recebe *chu*, formando *chugui*, o que equivale ao *x*, como é pronunciado no norte do Brazil; *cocé*, «em cima», *i-xocé*, «em cima delle»; e, se bem que o padre MONTOYA escreveu, além de *cocé*, *acocé*, *ahocé*, *océ*, deve se entender que a mudança em *x* é sómente quanto a *cocé*, por ficar imediatamente antecedido do *i* o *c*. Exemplos de nomes: *ci*, «mãe», *i-xi*, «sua mãe» ou «mãe delle», *cam-a*, «corda», *i-xám-a*, «sua corda».

q) De duas pessoas, antecedendo o verbo activo, a segunda ou a imediatamente antes delle é o accusativo; *oçó*,

Pedro jaguara jucá-bo. «foi Pedro a é só para o primeiro: a-çó-polar, matar onça».

v) Acerca dos tempos presente e futuro, quer do modo imperativo, quer do modo permissivo, é essencial não perder de vista que ao artigo do modo indicativo deve preceder a letra *t*: se esta letra

encontrar consoante, toma então a letra *a*, formando *ta*: *t-a-jucá*. Se o verbo for de pronome pessoal, assim mesmo se fará: *ta-xe-jucá*. Todavia no presente do imperativo podem deixar sem *t* as segundas pessoas dos dous números.

vi) Todos os verbos activos, que, depois do artigo, têm alguma das sílabas *ra, re, ro, ru*, metem nas terceiras pessoas a sílaba *que*, como já ficou dito; mas se aquelas terceiras pessoas se derem tornar relativas, *que* é mudado em *ce*: *aracó*, «levar». *o-que-racó-i*: *meia*, na relativa, é *ce-racó-i* ou *ce-racó-u*, como o padre LUIZ FIGUEIRA escrevia.

vii) Em geral, na terceira pessoa do indicativo dos verbos de pronomes, é empregado o *i*: *xe-maenduar*, «eu me lembro», *nde-maenduar*, «tu te lembras»; *i-maenduar*, «ele se lembra»; excepto dos verbos que depois do pronome *xe*, tiverem imediatamente a letra *r*, porque, neste caso, o *r* é mudado em *e*, na terceira pessoa *xe-ropár*, «eu ando perdido», *nde-ropár*, «tu andas perdido», *ropár*, «elle anda perdido». Todavia, há quatro verbos, que têm *r* imediatamente depois do pronome *xe*, e não o mudam em *e*, mas tomam o *i* da regra geral: *xe-rob*, «sou amargo»; *xe-rô*, «eu resolvo»; *xe-rurú*, «estou inchado»; *xe-roicang*, «estou frio»; os quais formam assim as referidas terceiras pessoas: *i-rob*, *i-rô*, *i-rurú*, *i-roicang*.

viii) Os verbos compostos de nomes, cuja primeira letra é *t*, este *t* permanece na terceira pessoa, mesmo que na primeira e segunda pessoa seja mudado em *r*, imediatamente ao artigo. Assim do nome *tubá*, «pae», se forma o verbo *xe-rub*, «tenho pae», *nde-rub*, «tens pae», cuja terceira pessoa é *tub*, «elle tem pae».

ix) Dous verbos podem compor um

x) O infinitivo de qualquer sem casa, ou não significando por de ação, pode servir de caso a activo: *nd-azipolar-i de-çó*, «não tua ida».

E outras mais regras, que, por

das, podem ser lidas nas grammas — Ha poucas preposições; mas, as posições são muitas: e fazem o papel das preposições em outras línguas. Eis as principais: *cocé*, *coti*, *mo*, *rapé*, *ári*, *arião*, *opyri*, *tobáke*, *terianonde*, *irunamo*, ou *irumo*, *qui*, *rent*, *ri*, *ari*, *papé*, *rapé*, *rapí*, *poco*, *mái*, *piri*, *rité*, *é*, *ré*, *be*, *bé*, *ndi*, *bi*, *rama*, *rangé*, *tatecueri*, *i*, *t*, *i*.

Coci, usado também *acocé* e o prime «estar sobre»: *xe-cocé*, «mim»; *i-tilá-coci*, «sobre a pedra». *Gundo* o padre MOSTOYA, com o a cimo de *pe*, significa «sobrepujai eminencia»: *Tupá ci quaraci cocé in-i*, «a Mãe de Deus está sobre com eminencia».

Coti significa «para» com referência deslocação: *ibá-coti*, «para o céu». bem se junta a adverbios: *ci-ai*, *kiñ-ngoti*, «para cá», *amô-ngoti*, *áñe-pe-coti*, «para ahi».

Mo significa «como», para expressão criada com outro indivíduo: *tihá-mo arco-ne*, «te:ei de ser com delle», ou, menos literalmente, «a lhe-hei de pae».

Pt, com verbos de movimento, significa «para», regendo acusativo conferencia à deslocação: *acó-lá-pe*, *riñang*, «leva isto a aldeia». Com verbos de que assim as referidas terceiras pessoas: *ção*, faz ablativo, e significa «em ro-pe-ricó», «estou em minha casa».

Estes dois exemplos, vê-se que os regidos pela posposição perdem a sílaba: *tâ*, de *tâb-a*, *ro*, de *óca*. bem serve de dativo de pessoa: *celac nde ruba-pe*, «leva isto a Tua Tambem significa «com»: *xe-pô-pe*, minha mão». Sobe ajuntar-se a ad

veja terceira pessoa é *tub*, «elle tem de lugar: *bi-pe*, «d'aqui».

Ra, sem accento agudo, exprime modo de estar: *o-pucu-bo*, «ao vauco; mas, neste caso, o artigo ou nota, *prido*; *o-pô-bo*, de gatinhas». Ta

significa «por», em ablativo, com movimento: *caá-bo*, «pelo matto»; *nhú-mbo*, «no campo». Com accento agudo, *bó*, serve para exprimir continente, efeito: *biéhó*, «enfermo», isto é, «o que contém doença»; *roi-bó*, «resfriado», isto é, «efeito do frio».

Cupé rege dativo de pessoa, ou de cousa, a que vem danno, ou proveito: *euacó nde rúba cupé*, «leva a teu pae». Tambem rege ablativo, significando «com»: *nhéceng nde rúba cupé*, «fallei com teu pae». O padre MONTOYA escreveu *vpé*.

Ári, *aribo*, «em cima, sobre»: *xe-ari*, «sobre mim»; *oc-áribo*, «em cima da casa»; *o-io-ári*, «uns sobre os outros»; *áramo*, «por cima, ou pela superficie». *Apyrì*, ou *ibiri*, exprime a posição de pessoas ou de cousas, juntas ou empalhadas; *xe-ibiri*, ou *xe-apyrì*, «junto de mim» ou «á minha ilharga»; *xe-ibiri-xoára*, «o que costuma estar a meu lado»; *io-ibi-xe-pó*, dizem da posição das duas mãos para rezar: *io-ibiri-xoára*, «gêmeos».

Tobákè significa «perante ou em presença»: muda o *t* em *r*, sempre que ficar-lhe atraç o nome relatado, ou o pronome pessoal, como tal ou como possessivo: *xe-robákè*, «perante mim» ou «em minha presença». Tem *c* como relativo, e *g* como reciproco: *gobákè ai gniáma*, «estou em pé perante elle»; *gu-obákè o-gne-reccó*, «tem-n'o junto a si», ou «tem-n'o consigo».

Tenondé significa «adeante»; e tambem muda o *t* em *r*, e tem *c* como relativo e *g* como reciproco, pelo mesmo motivo da posposição anterior; *xe-tenondé*, «adiante de mim»; *ce-nondé*, «adiante delle»; *gue-nondé*, «dianteiro». *Tenondé* é empregada muitas vezes como preposição, fazendo assim excepção á regra geral: *tenondé-xoára*, ou *tenondé-guára*, «o dianteiro»; *tenondé-xoára-xé*, «eu sou o dianteiro». *Ianandé* é o mesmo que *tenondé*.

Irunamo, *irumo*, significam «com»: *re-irunamo*, ou *xe-irumo*, «comigo»; *Pedro dereraçó oirunamo*, «Pedro te leva consigo».

Gui, *aguí*, *cui*, são as mesmas possuições pronunciadas de modo diverso;

aquellas, segundo o padre MONTOYA, esta segundo o padre LUIZ FIGUEIRA. Regem o ablativo, significando «de», «fóra», «sem»: *xeroga-cui-aiú*, «venho de minha casa»; *i-gui caguy-ramo-aiapó*, «de agua faço vinho»; *xeroga-cui aicó*, «ando fóra de minha casa»; *iriapira-cui*, «rio sem fim». Tambem rege accusativo, significando «por causa»: *Tupá rauçu-cui*, «por causa do amor de Deus». Serve tambem para comparação, exprimindo a superioridade de alguem, ou de alguma cousa: *aquaá ndecegui*, «comprehendo melhor do que tu». Tambem se ajunta a adverbios: *apoé-cui*, «de longe»; *ké-cui*, «d'aqui».

Pabé significa «todos», no plural; e pôde ser preposição: *pabé-oroçó*, «todos vamos»; *toçó-pabé*, «venham todos». Tambem exprime companhia com outro: *t-iaçó xe-pabé*, «vamos, tu commigo».

Recé, *ri*, *ari*, são a mesma cousa; e regem accusativo e ablativo: significam, no primeiro caso, «por, por causa de, contra, defronte», e no segundo caso, «com, em companhia de, por (a favor de), em, de»: *nderecê-i-apó*, «por ti o faço»; *Tupá-recé*, «por causa, ou por amor de Deus»; *o-puã-xe-ri*, «levantou-se contra mim»; *xe-roga-ri*, «defronte de minha casa»; *teiké-ume-i-ecé*, «não entres com elles»; *ecoá-ume aiba-rece*, «não vaes em má companhia»; *amongetá Tupá xe-ie-cotiaçá-eýme*, ou, mais friamente, *amongetá Tupá xe-rupiara*, «rogo a Deus por meus inimigos»; *emoi nde-ie-robiaçába-Tupá-recé*, «põe tua confiança em Deus»; *enhemoçarai-ume-xe-rccé*, «não zombes de mim». Tambem exprime «mutuo»: *o-io-ecé o-io-auçub*, «amam-se reciprocamente». Tambem exprime «proveito»: *xe-recé-mbaé-an-ð-te-rerecó*, «guarda alguma cousa para mim», traduzido da ultima palavra para traz. Tambem exprime vontade: *nda-xe recécatú guíobo*, «não tenho vontade de ir». Tambem exprime «em frente»: *xe-recé-i*, «em frente de mim». Exprime, outrossim, «pertencer»: *xe-recé-guára*, «o que me pertence». Tanto *recé*, como *ri*, *ari*, são usados á vontade; e assim se declinam: *xe-recé*, *nde-recé*, *i-recé*, *ore-recé*, *ianande-recé*, *pé-decê*, *i-ecé*; *xe-ri*, *nde-ri*,

i-ecé: gneçé, reciproco. Em um dos exemplos acima, em vez de *amongetá Tupã*, usam *a-Tupã-mongetá*, pela figura *tmesis*.

Pupé, ou *pipé*, como o escreveu o padre MONTOYA, é posposição de ablativo, significando «com» e «em»; mas, no primeiro caso, supõe-se instrumento: *ainupá xe-raira ibirá pupé*, «soiei com vara meu filho»; *xe-rôca-pupé*, «em minha casa».

Cupi, rupi, são a mesma causa: a primeira é empregada como *preposição*; a segunda como *posposição*; significando «segundo ou conforme», e «por causa», regendo accusativo; significam «por», «com», «em», regendo ablativo. Assim: *cupi-catú*, «conforme a verdade»; *ndereráqua rupi*, «por causa de tua fama»; *nhum-rupi oguatá*, «anda pelo campo»; *Tupã rupi pecod*, «ide-vos com Dêns.»; *caá-rupi guara*, «o que está no monte». Este *rupi* não se ajunta sómente a nomes; também compõe adverbios: *iári-rupi*, «por cima»; *i-guira-rupi*, «por baixo»; *coi-rupi*, «por aqui pertinho». E com nomes fórmula adverbios: *pó-rupi*, «à mão»; *pucú-rupi*, «ao largo».

Pocé serve para exprimir o acostamento de duas ou mais pessoas, especialmente na mesma cama ou rede: *xe-pocé-okéri*, «dorme comigo»; *oro-io-pocé-bo*, «nós encostados, uns aos outros». O padre MONTOYA escreveu *pohé*, ou *mbohé*.

Eymebé, ou *eymbobé* ou *ymbobé*, significa «antes»: *xe-eymebe*, «antes de mim»; *eborói eymbobé*, «antes disso».

Piri rege sómente dativo, accusativo e ablativo de pessoas; jamais de logar; e, nesses casos, significa «á», «para», «com»: *açó-xeruba-piri*, «vou a meu pae»; *amandá i-piri*, «morro para elle»; *aiké-nde-piri*, «entro comtigo».

Riré, é, ré, significam «depois»: *xe-manô-riré*, «depois que eu morra»; *xe-çó-ré*, «depois que eu vá»; *xe-riré*, «depois de mim». *Riré*, quando ligada a adverbio, lhe é anteposta, *riré-amô*, «dessa maneira», ou «em conclusão»; *riré-é*, «depois que»; *riré-cté*, «depois que de todos»; *riré-be*, ou *rire-mé*, ou *remé*, «todo que».

Be, sem accento agudo, unido a nome, significa «para»: *xe-be*, «para mim»; *iandé-be*, «para nós», incluida a pessoa com quem se falla; *oré-be*, «para os outros», excluindo aquella pessoa.

Bé, regendo ablativo significa «desde»: *i-puajé-be*, «desde a meia noite»; *coibé*, «desde hontem»; *ang-bé*, «desde agora»; *xe-rendá-pe-bé*, «desde o logar em que estou assentado»; *xe-ambá-pe-bé*, «desde o logar em que estou em pé»; *igropitá-bé*, «desde a pôpa da canôa». Também significa «juntamente», posposta a *rupi*, a *recé*, a *ndi*, formando a phrase «juntamente com»: *xe-rupi-be*, «juntamente comigo»; *teon-guer'o-anga-recé-bé-bo-em*, «não permanece a alma no cadáver»; *i-ndi-be aiké-uman-akreme*, «já então eu tinha entrado juntamente com elle». Também serve para exprimir totalidade: *mbo-capi-bé*, «todos tres»; *xe-po-be*, «minha mão inteira»; *oré-be-be*, «para todos nós outros», inclusivè a pessoa com quem se falla. Com *ramo*, ou com gerundio, significa «depois que», «logo que», «enquanto»: *xe-çó-ramo-be*, «enquanto eu vou», ou «logo que eu vá», ou «depois de minha ida». Precedido de *ciá*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, ou de *gui*, segundo o padre MONTOYA, este *ciá*, ou *gui*, o rege: *xe-piá-ciá-bé* ou *xe-piá-gui-bé*, «de todo meu coração», «não todo de meu coração». Costumava empregal-o também como adverbio, como adianto direi.

Ndi, ndibé, ou *andi, andibé* significam «juntamente»: *abaré-ndi-açó*, «vou com padre»; *o-u-çoo-pirá-ndibé*, «elle come carne juntamente com peixe».

Ramo rege ablativo, significando «em»: *xe-rôca-ramo*, «em minha casa». Com o acréscimo de *é*, significa «depois»: *xe-manô-ramo-é*, ou *xe-manô-rambo*, «depois que eu morra». Com o acréscimo de *i*, significa «a ponto», isto «proximo a»: *i-quaa-canhy-ramo-i*, «a ponto de perder o juizo». Também significa, «por causa», «para», «por»: *oquaramo-i*, «por causa da chuva»; *u-ramo-açó*, «para comer vou»; *Tupã-xerubamarecô*, «tenho a Deus por pae». Conforme se vê neste ultimo exemplo, *ramo* perdeu o *r*, por ter de ser unido a *u*.

palavra acabada em consoante: *retém*, porém, o *r*, sempre que a palavra acaba em vogal. Também serve para exprimir «modo»: *nhenengáramo*, «modo de falar».

Rangé serve para exprimir pressa em competencia: *xe-rangé*, «eu primeiro». E' tambem usado *tangé*.

Takicuérì, significa «depois»: *xe-rakicuérì*, «depois de mim». Adverbialmente, significa, «por detrás»: *xe-rrora-takicuérì*, «por detrás de minha casa».

A posposição *i*, com til, exprime diminutivo: *porang*, «formoso», *porang-i*, «bonitinho».

A posposição *i*, com accento agudo, exprime perseverança, pontualidade, resolução, identidade: *ajerure-i*, «peço e insto»; *ieijé aço-i*, «vou hoje mesmo»; *ajur-i*, «venho sem falta»; *xe-ró-pe-i*, «em minha mesma casa».

A posposição *i*, com accento circumflexo, significa «em». No nome, que acaba em vogal aguda, faz accrescimo: *cuá*, *cuá-i*, «na cintura». No nome que acaba em vogal breve, substitue a esta: *ajura* ou *ajura*, *ajur-i*, «no pescoço»; *apiterá*, *apiter-i*, «no meio ou no centro»; *apira*, *apir-i*, «na ponta». No nome, que acaba mesmo em *i*, assim fica: *accí*, «ás costas». Em alguns casos, é seguida da posposição *pe*: *cuá-i-pe*, *accí-pe*. O *i*, com accento circumflexo, serve para fechar a negação *nda* e *na*; mas, se o nome já é acabado em *i*, assim fica. Concorrendo a posposição com *i* agudo, pôde ser eliminado, se convier á composição, ou podem subsistir os *i-i*, nessa inesma ordem, ou *i-i*, na ordem inversa, contanto que guardem os respectivos accentos.

Acerca do *i*, como simples dicção, com til ou sem elle, já foram expostas as regras de seu uso na composição.

Mas, o *i*, com accento agudo no fim do verbo, além de exprimir perseverança, como já foi dito, exprime também resolução, ou pontualidade, ou totalidade para a acção do verbo, como *a-jur-i*, «elle veio decididamente ou sem falta»; *o-iké-i*, «elle entra todo»; de sorte que este *i* torna-se parte do mesmo verbo, e o acompanha na conjugação em todos os

tempos, como *o-júr-i-ne*, «elle virá decididamente ou sem falta»; *o-iké-i-ne*, «elle entrará todo», posposta sempre ao *i* a particula final caracteristica do tempo do verbo. Também o *i*, com accento agudo, posposto ao nome, ao pronome, á posposição, aos adverbios, serve para exprimir a mesma pessoa, a mesma cousa, o mesmo logar: *xe-ae-i*, «eu mesmo»; *i-xama-i*, «sua mesma corda»; *xe-reçé-reçé-i*, «diante de meus mesmos olhos»; *coect-i*, «mesmo hontem, ou hontem mesmo».

Os adverbios são innumeros; e, como já foi dito, podem ser antepostos ou postos ao nome, ou ao verbo, a que servem: *icó-Jesus* ou *Jesus-icó*, «eis Jesus»; *curité-o-úr*, ou *o-úr-cureté*, «elle vem depressa».

Os principaes adverbios interrogativos de tempo são: *arimbáé-pe*, «quando?», e *mbaéreme-pe*, «então?». O padre LUIZ FIGUEIRA os escreveu: *erimbáépé-e*, *ebüéremepé*; e o padre MONTOYA os escreveu: *arimbué* e *haéramo*, que, com *pe*, tornam-se interrogativos. Certamente foi erro typographicico na gramatica do padre LUIZ FIGUEIRA a particula interrogativa *pé*, agudo, devendo ser *pe*, breve.

Os principaes adverbios interrogativos de logar são compostos de *ú?*, particula interrogativa, de *mamo*, adverbio de logar, e *e*, particula interrogativa, ou simplesmente de *mamo* e *pe*. Assim *úmùmoo-pe*, ou só *úmà-pe*, *mamo-pe*, «aonde?», «para onde?». Com posposições, são formados os seguintes: *mamoçui-pe*, ou *úma-cuí-pe*, «donde?»; *mamo-rupi-pe*, ou *úma-rupi-pe*, «por onde?»; *mamo-í-pe* ou *úma-é-pe*, «em outro logar?». Ha tambem *marù-nyoti-pe*, «para onde?». Se o nome acaba em vogal com til, é preferivel usar a particula interrogativa *panga*: *nhù-pangi*, «para o campo?». Mas, usa-se mesmo da particula interrogativa *pe*: *marã-pe*, «o que?»; não devendo ser confundida com a posposição *pe*, porque esta, quando o nome acaba em vogal com til, deve ser mudada em *me*. *Marà*, por si só, é interrogativa: «que?». Assim tambem o é por si só, *mbaé*: «que?»; *mbaé-abá*, «que homem?». Assim tambem o é por si só, *má*: «que?» «como?», «qual?»: e o precedem algumas vezes de

u, que significa «pois»: *uma*, «pois como?». E assim outros.

Agora, alguns adverbios de tempo: *oi*, segundo o padre MONTOYA, ou *coi*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «hoje, agora»; *coêramo*, segundo o padre MONTOYA, ou *coême*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «pela manhã, ao amanhecer»; *iei*, «já hoje»; *ieiçé*, «hoje mesmo»; *ieibé*, «hoje bem cedo»; *aribo*, «de dia»; *aribó*, «cada dia, durante o dia»; *açajé*, «meio dia»; *caaruramo*, segundo o padre MONTOYA, *carucume*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «á tarde»; *cori*, *corijé*, *corijé-cori*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *curi*, *curié*, *curié-rié*, segundo o padre MONTOYA, «hoje mesmo, porém depois, logo»; *pytunume*, «de noite»; *pyçajé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *pythagé*, segundo o padre MONTOYA, «meia noite, alta noite»; *pycarebo*, «cada noite, toda a noite»; *acibé*, «logo depois»; *quêibi*, «logo então»; *naneme*, «a estas horas»; *coecé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *coché*, segundo o padre MONTOYA, «hontem»; *coecé-coecé*, «ante-hontem»; *acô-coecé-coecé*, «traz ante-hontem», *coecé-nheim*, e *aroéme*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «antigamente»; *carambohé*, *arimbaé*, *imá*, segundo o padre MONTOYA, «antigamente»; *umam* segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, que é aquelle *imá* do padre MONTOYA, «já»; *oirâ*, *oirandé*, «amanhã»; *aunhenhé*, *taujé*, *taujebé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *uhenhcé*, *pojé*, *poijé*, segundo o padre MONTOYA, «logo mais tarde, ulteriormente»; *ai'reme*, *aéremeé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *haéramo*, segundo o padre MONTOYA, «então»; *iepi*, *iepi-nhé*, «sempre, cada dia»; *memé*, «sempre, todas as vezes, da mesma maneira»; *aâni*, «nunca»; *angaramanhé* ou *ang-é-rama-é*, «para sempre», ou, traduzido literalmente, «alma que afinal se foi»; *co-ára porombucú*, «sempre perpetuamente», ou traduzido literalmente, «durante mundo existir». E outros.

Alguns adverbios de logar: *qué*, *quié*, «aqui»; *quépe*, «algures»; *uciù*, «lá»; *aépe*, «ahi»; *aê-aépe*, «ahi mesmo»; *aqueipe*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *acôipe*, segundo o padre MONTOYA, «alli»;

amô, «longe, mais lá»; *pé*, «lá», «logar que se alcança com a vista»; *pépe*, «longe, mais lá»; *cúpe*, segundo o padre MONTOYA, *cóbo*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «lá longe, em qualquer parte» (logar que não se alcança com a vista); *coy*, segundo o padre MONTOYA, *coi*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «aqui pertinho»; *apoé*, «á parte, distante, longe»; *napocé*, «não longe»; *bipe*, «algures»; *cajéi*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *hajé*, segundo o padre MONTOYA, «de travéz, fóra de propósito». E outros.

Ha, além desses, os adverbios denominados particulares: *pá*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, e antes dele o padre IVO D'EVREUX, *ta*, segundo o padre MONTOYA, «sim», afirmativo usado só pelo homem; *hêhê*, «sim, affirmativo usado só pela mulher; *aié*, «sim», exprimindo assentimento; *enei*, «sim», exprimindo outorga; *eré*, «sim», usado só pela mulher que outorga; *aán*, *aâni*, «não»; *xii*, «não», exprimindo desdém; «depressa», *cori-corti-aúb* ou *cori-aú-aúb*, «muito depressa»; *corilei*, «depressa», incitativo; *iepi*, «posto que, não obstante», *ipó*, «por ventura, na verdade»; *cô*, «eis»; *na*, *nanga*, *niâ*, «certamente»; *mengua*, «quicá»; *tei* ou *ei*, «debalde», *té*, «eis que, senão quando». Ne é adverbio afirmativo; mas deve ser posposto imediatamente ao nome ou ao pronome, porque, sendo posposto ao verbo, é sempre particula do futuro, ou casual, significando «para que», e mudando em *te*, mais usualmente. E outros muitos.

Ha adverbios que significam phrases: *cnei*, dirigindo-se a uma unica pessoa, *peuei*, dirigindo-se a duas ou mais pessoas, «ora sús animo!»; *cleumé*, «guarte não faças!»; *que*, «olha que, attenção!»; *teinhé*, «deixa»; *anjé*, «basta»; *nanhó*, «basta»; *nanlé*, «mas antes assim»; *naçubi*, «não sem causa»; *iâ*, *iâmurú*, «ainda bem», exprimindo satisfação pelo mal acontecido a outrem, *aeboé*, «mai a proposito»; *amô*, «assim é», exprimindo assentimento ironico; *uémo*, «com tudo isso»; *aundé*, «mas não é assim». E outros muitos, que pódem resultar da composição de particulias varias. Ha, por exemplo, uma certa phrase, for-

ada com adverbios, e muito usada em milia para reprehensão a meninos: *noteque-aē*, «olhae, estae quietos». Este é, escripto *ahē* pelo padre MONTOYA, significa «fulano».

As interjeições são diversas: *á!* exprime dôr; *má!* exprime lastima por não ter feito alguma cousa, ou não ter sucedido algum facto, e é sempre posposta: *toguerúraé-má!* «ah! se o trouxer!»; *xe-raí-má!* «ah! meu filho!»; *xe-Tupā-má!* «ah! Deus meu!»; *ki!* exprime decepção ou desgosto; *coá!* exprime commiseração; *thó!* exprime espanto; *hé!* exprime angustia; *apagué!* exprime alegria e bom humor. E outras muitas. Mas, convém notar que algumas interjeições não podem ser usadas indistintamente por homem e por mulher, tendo cada sexo palavras proprias para a expressão dos sentimentos.

São tambem diversas as conjuncões: *u*, «e»; *xe-aé-nde*, «eu e tu»; *abé*, «também»; no sentido copulativo é posposta: *x-abé*, «eu tambem»; *abé*, «desta maneira», no sentido demonstrativo, é anteposta: *abé-eré*, «dize desta maneira»; *no*, «também», no sentido de outra vez; *cotenípo*, «ou», no sentido disjuntivo; *aeibé*, «logo, da mesma maneira»; *iá*, *iabé*, *iabenhé*, *waatunhé*, «do mesmo modo»; *çupibé*, *cupicatu*, «da mesma maneira»; *ramei*, *beramei*, *berametei*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *haéramo*, *aéramo*, segundo o padre MONTOYA, «por igual, semelhante», no sentido collectivo; *aymeté*, *aymetémaé*, «sendo assim como é», no sentido illativo, *rō*, *aroiré*, *teipó*, *arombyg*, ou simplesmente *rombi*, segundo o padre MONTOYA, «afinal, finalmente». E outras.

Nesta lingua, ha ainda outras regras que não devem ser esquecidas.

a) A repetição de syllabas nos nomes e nos verbos ou para maior força, em grau superlativo, ou em grau successivo, ou para maior graça e elegancia na phrase, ou para exprimir a acção por mais de uma vez, ou em partes diversas, é muito usada: *aixuban-xubán-guitecóbó*, «ando sempre a chupar»; *ajeruré-ruré*, «peço muitas vezes, ou peço instantemente». Se o nome ou verbo tem sómente uma ou duas syllabas, a repe-

tição é inteira: *cu*, «altos e baixos»; *cú-cú*, «successivos altos e baixos»; *ápó*, «saltar»: *apó-apó*, «saltar mais de uma vez ou aos saltos». Os nomes e verbos acabados em diptongo, perdem a ultima letra, e a readquirem na repetição: *acái*, «queimar-se»; *acá-acái*, «queimo-me muito». Os nomes e verbos acabados em *ng*, ou sómente em *g*, ou em *c*, ou em qualquer consoante com excepção de *m* e *n*, estão sujeitos á mesma regra das quelles diptongos: *mong*, «visgo»; *momong*, «muito visgo»; *amondog*, «quebrar»; *amo-mondog*, «quebrar em varias partes»; *aiçoe*, «pilar»; *aiçó-cóc*, «pilar forte»; *açauçub*, «amar»; *açauçú-cub*, «amar sempre». E quando ha necessidade de accrescentar ao verbo alguma particula, se o mesmo verbo tem de ser repetido, o accrescimo será feito na repetição: *aitá*, «nadar»; *aitá-ítá*, «nadar com perseverança»; *aitá-aitá-i*, «nadar com muita perseverança». Tambem pôde ser repetida a particula accrescentada ao verbo em vez deste: *nhá*, «correr»; *nhá-aúb*, «correr mal»; *nhá-núb-aúb*, «correr pessimamente». E usada tambem a repetição em adverbios.

b) Todos os verbos, quer acabem em consoante, quer em vogal, têm sempre no modo indicativo o accento agudo na ultima syllaba. Nos mais modos e tempos, e mesmo no modo indicativo, recebendo incrementos, guardam invariavelmente o accento agudo naquella syllaba, pronunciando-se breves e corridas as syllabas accrescidas, «de tal maneira (escreveu-o o padre LUIZ FIGUEIRA) que não se faz accento em nenhuma dellas: *jucá*, *jucá-bo*, *jucá-reme*». Bem entendido que nos diptongos o accento é na primeira letra delles.

As figuras de palavras são usadas na linguagem tupi, como o são nas demais linguas. Alguns exemplos disso são notados neste *Diccionario Geographico*. E assim tambem são usados os tropos; e, a proposito diz o padre MONTOYA: «Toda esta lengua está llena de figuras y metáforas, que los muy versados en ella se ven muchas veces atajados por no caer facilmente en la traslacion ó metáfora».

Occorre ponderar que mesmo as particulas ou dicções, que, no dizer de alguns dos grammaticos desta língua, são simplesmente expletivas, ou exornativas, nada significando, e apenas servindo para compor com energia, graça, ou elegancia, palavras e phrases, exprimem, ao contrario, cada uma, determinada noção.

A língua tupi nada precisa pedir ás outras línguas, mortas ou vivas. Concatenando syllabas, particulas ou dicções, e agglutinando palavras, o indígena brasileiro forma nomes, verbos, adverbios, ou qualquer parte da oração, para exprimir com justesa admiravel qualquer certo e determinado pensamento, ou para assignalar individuo, animal, vegetal, ou mineral, ou para descrever logares; e a nomenclatura, especialmente, resulta da apparencia, ou do caracteristico, ou do modo de ser do individuo, objecto, ou logar nomeado, com a maior exactidão. Sómente a nomenclatura mineral não é perfeitamente caracteristica; é sempre *itá*, com algum adjetivo da côr: o ferro, *itá-úna*, ou de simplesmente *itá-û*, «pedra preta»; a prata, *itá-ti-nga*, ou simplesmente *itá-ti*, «pedra branca»; *itá-júb-a* ou simplesmente *itá-jú*, «pedra amarella»; a esmeralda, *itá-obi*, «pedra verde»: e assim o mais. O padre MONTOYA, porém, dá outra nomenclatura mineral: *quare-potí*, palavra composta de *quar-i-potí*, «sujidade ou escoria do buraco»; e a essa palavra addita o adjetivo respectivo da côr. Evidentemente *quar-i-potí* é palavra creada após a descoberta da America, vendo o indígena a abertura de minas para a extracção do metal, e a apparencia deste ao sahir da mina; e, por isso, elle proprio traduziu «excremento de minas». Em seu *Tesoro de la lengua guarani*, nas palavras *quare-potí* e *tepotí*, pôde ser apreciada essa nomenclatura mineral, mui diversa da usada ainda hoje pelo indígena brasileiro nas províncias do norte.

Relativamente a nomes de pessoas, além da conhecida informação de HANS STADEN sobre os nomes dados aos recém-nascidos, ha um trecho da obra do padre IVO D'EVREUX, — *Suite les choses mémorables advenues au Maragnon* ès

années 1613 et 1614, I, capítulo L, obra esta traduzida pelo dr. CESAR AUGUSTO MARQUES, e impressa na cidade de São Luiz do Maranhão, em 1874, na qual, alludindo á dificuldade que os indígenas sentiam em conhecer os franceses por seus nomes, escrevêra elle: «Convém notar que se não escolherdes um nome pelo qual sereis conhecido em toda a parte, elles (os indígenas) vos darão um, escolhido entre as cousas naturaes, existentes no seu paiz, e o mais apropriado á sua physionomia, genio, ou mancira de viver, que por ventura descobrirem em vossa pessoa... e ordinariamente o fazem reunidos em assembléa e mais ou menos assim: «Que nome se lhe ha de dar? Não sei, é preciso considerar». Expõe cada um a sua opinião, indicando o nome que lhe parece mais apropriado: o nome aceito pela assembléa, é imposto, com assentimento do denominado, se é pessoa qualificada, ou, queira ou não queira, se é pessoa do povo». Um frances de apparencia entumecida, ficou nomeado *curuú*, conhecido sapo grande; outro, por fallar incessantemente, ficou *piririkití*, isto é, piriquito.

Esse costume do indígena no Maranhão era o costume geral do indígena no Brasil inteiro. Por exemplo, o frade franciscano ficou distinguido dos outros missionarios pelo appellido de *tucúru*, isto é, *abaré-tucúra*, «padre gafanhoto», em allusão ao capucho ponteagudo, que ás costas lhe cae sobre o habitu, dando-lhe apparencia daquelle orthoptero.

Das aves, umas receberam do som de seu canto ou de seu grito o nome: por exemplo, *anum*, *aracuan*, *arapaca*, *arara*, *areré*, *colangú*, *tié*, *piririquiti*, etc. Outras, o receberam de sua conformação physica, ou do caracteristico de algum de seus membros ou orgãos: por exemplo, *gaiambi*, *urubú*, *japú*, *cabiag*, etc., o primeiro conhecido por «beija-flor», *guâ-i-n-ambí*, significando «costado pintadinho»; o segundo, *jurub-ú*, «boca negra»; o terceiro, *j-apýi*, «bico curvo»; isto é, «conirostro»; o quarto, conhecido por «sabiá», *cabiág*, «fedorento», sem embargo de seu bellissimo canto. Outras o receberam de seu modo de viver, ou

e seus costumes: por exemplo, *jabirú*, conhecido por *jaburú*, «o que se põeito», alludindo, quer ás suas pernas longas, quer ao seu pouso em arvores altissimas; *apéacóce*, corrompido em *aguacóca*, allusivo a criarem-se sobre os guapés, *açóce*, «sobre», tambem conhecida só por *piassóboca*, «pé quebrado», em illusão a parecer ter quebrada uma das pernas, quando fóra do rio ou lago, firmando-se só sobre a outra; *taiuíú*, «lotoso» allusivo a viver em brejos e rios, etc.

Dos quadrupedes, poucos receberam do som de seu grito ou assvio, o nome: por exemplo: *aig*, conhecido pelo nome de «preguiça». Muitos receberam de sua conformação physica, ou do caracteristico de algum dos seus membros ou orgãos: por exemplo, *cucu-qpára*, «veado de coros torcidos», denominado galheiro; *timanduá-á*, conhecido por «tamanduá», em illusão a ter curtas as pernas e viradas sobre as plantas as unhas dos pés, isto é, *lymā*, «pernas», *tá-a*, infinitivo de *atú*, «encurtar, ser curto», mudado o *t* em *nd*, por ser nasal o som da palavra anterior, *á*, «torcer», sendo que, segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. bras.*, o nome de *tamanduá* procede de *taixi*, «formiga», *mundé*, «armadilha», só porque este animal alimenta-se de formigas, mas, em um verdadeiro *mundéo* caiu elle acreditando nisso; *tái-titú*, conhecido por *caitetú*, de *tái* «dente», *titú*, «tremor», «tremor de dentes», tambem conhecido por «queixada», porque o tremor parece ser dos queixos, quando furiosos; *quati*, significando «focinho molle», etc. Outros o receberam do seu modo de viver, ou de seus costumes: por exemplo, *ira-uára*, conhecido por *irára*, significando, «papa mel», *ira*, «mel», *uára*, «comedor»; *capu-uára*, conhecido por *capirara*, significando «comedor de herva muda ou capim», *gu-aribo*, conhecido por *guariba*, significando «no alto», em illusão a viver nos galhos mais elevados das altissimas arvores; *cutiá*, do verbo *aculi*, «espreitar», em illusão a ser muito vigilante; *páca*, do verbo *apágé*, «despertar», em illusão a sentir e ouvir o minimo ruido, etc.

Dos insectos, o indígena se preocupou mais do mal que causam ao homem e ás cousas: *kijú*, conhecido por «grillo», é illusão ao crivo que esse insecto sóe fazer em pannos de lã e algodão: o padre IVO D'EVREUX escreveu *cujú*, e o padre MONTOYA, com referencia ao verbo, «crivar», escreveu *cucu*; *quymbú*, conhecido por «gorgulho», allusivo ao pico e furo que este insecto faz nos grãos de cereaes.

Quanto aos peixes, é ainda o mesmo sistema de denominações: *pirá-canjúba*, «peixe de cabeça amarella»; *pirá-jú*, «peixe amarello», conhecido por «dourado»; *pirá-bébê*, «peixe voador; *j-amându*, corrompido em *jamanta*, «circular», allusivo a ser redonda a «arréia», tambem conhecida por *jabobira*, ou, como o escreveu o padre MONTOYA, *jabebi*, isto é, *jab-ibi*, «barriga rachada», em illusão a ter a bocca na barriga; *pirá-puã*, conhecido por baleia, allusivo a jorrar agua mui alto, em grandes espadanas, de *pu*, «rebentar», *ã*, para exprimir energia na acção, sendo verdadeiro distale a traducção em «peixe redondo» ou peixe-ilha», porque só *apuá*, e não *puã*, significa «redondo».

Quanto aos vegetaes, é ainda o mesmo sistema de denominações: *caá-piú*, conhecido por *capim*, «herva miudinha»; *iúá-cuá-ti*, pronunciado *auá-caá-xi*, e conhecido por «abacaxi», «fructa folha ponteaguda»; *t-ajú*, conhecido por «cajú», «pescoçudo», em illusão á forma de sua castanha, pendente da fructa; *m-axáir-ã-nd-ib-a*, conhecida por *massanraduba*, «arvore que faz fartar muito» (de *pa-xáir*, «estar farto», mudado o *p* em *mo*, particula activa, *ã*, para exprimir energia na acção, *nd*, particula nasal, *ib*, «arvore», com *a* (breve) para complemento dessa palavra acabada em consoante), em illusão, não tanto aos fructos, mas sobretudo ao appetitoso leite que verte do tronco, quando ferido por algum corte, e que é chupado na mesma arvore até satisfazer o transeunte,—leite tão forte que serve para colla, como substituto da gutta-percha; etc.

Quanto á nomenclatura dos logares, o indígena era de perfeição tal, que não

se limitava a assignalar no nome os principaes caracteristicos do logar nomeado:—o indigena, tendo de denominar uma serra, um ribeirão, uma lagôa, em uma mesma região,—não raras vezes procurava palavras que formassem nomes com som identico ou quasi identico, significando a serra, o ribeirão e a lagôa; —isto é, usava dar denominações com som identico ou quasi identico a logares varios na mesma região, mas significando diversamente: fino jogo de espirito que atesta nelle a especial tendencia para a arte, ou antes, para a sciencia da nomenclatura. Infelizmente, os explicadores das denominações, não comprehendendo o genio da lingua e fundados, menos

em estudo que tivessem feito do que na reputação de sabios, que adquiriram, e a que alguus, aliás, tinham incontestavel direito,—deixaram attribuir aos indigenas dislates de toda a especie, como se fossem povos destituidos das operaçoes da mente. Para tales explicadores, a letra *i* ou *y* no fim da palavra era «rio, agua», *tuba*, «abundancia, muito»; e, sempre que deparavam com a palavra *itá*, significaria necessariamente «pedra». Os pobres indigenas, em summa, pelas explicações de MARTIUS e de outros sabios que por aqui andaram, nunca passaram de uns parvos no modo de nomear os logares. Veremos, neste *Diccionario*, a grande superioridade do indigena (*).

(*) Encontramos, nos originaes, na seguintes notas avulsas:

Guaraci, «mão do dia» ou «origem da luz». *Gu*, reflexo. Origem da luz e esta, por sua vez, origem de tudo. *Guaraciá*, «originando a luz», isto é, «amanhecendo», isto é, «nurono». *Guaracibá*, «ao abrir o sol».

Ahó-po-mong, «homem pegaçojo», isto é, sujeito que acompanha a outrem, dizendo-se seu amigo e não mais o deixando.

Jurá-raxá, «boa rota»; por isso assim denominam o «charlatão».

Cucuripá, «morde e devora depois de apertar»; (segundo outros, *cucuriaba*): de *cuí*, «morder»; *ci*, «tragar, devorar»; *ri*, o mesmo que *reó*; e *pi*, «apertar» (?). *Kopeiba*, «cobra chata». *Borocanga*, «cobra muito fria». *Incininingá*, «cobra que retine», para significar a cascavel de guizos.

Onça ou Jaguar. Acerca deste animal, os indigenas o nomeavam, para distinguir suas espécies, quer como assaltante, de cima ou de lugar superior, *ó-oé*, de que a palavra «onça» é corrupção, de *ó*, terceira pessoa do indicativo de *ob*, «brigar, assaltar», *oé*, posposição para exprimir «de cima», quer como agarrador para devorar, *Yagüara*, de *Yá*, «colher, agarrar», *guara*, particípio do verbo *ú*, «comer, devorar». Tambem o particípio do verbo *oó* é *Yagüara*, soando o mesmo que *Yá-güara*. A denominação «onça» é tambem tupi; entretanto, alguns lexicographos portuguezes, vendo-se em dificuldades para explicar a origem da palavra, perderam-se em conjecturas. CONSTANTE considera «onça» como corrupção de «lynco»; CALDAS-AULÉTE, não aceitando essa origem, considera a palavra «onça» como de formação italiana—*Lanza!*

A *Yá-guara* ou *Yagüara*, de especie legitima, é nomeada *Yaguára* ou *Yagüara-éti*, corrompido em *jaguarié*.

O padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, escreveu *inguara*; mas, o padre MONTOTA, em seu *Tesoro da lingua guarani*, referindo-se à palavra *lagia*, «cão», incluiu ahi diversos animaes, entre os quais a onça, o tigre, o lobo, o sorilho, e outros! Sobre todos, o cachorro, não sendo do Brazil, nem da America, não podia ser *inguara*; era apenas *yau-yau*, por causa do seu latido. Todavia, como carniceiro, ou simplesmente como mordedor, entra no genero *Yá-guara*: de *yá*, «agarrar, colher, pegar», *guara*, particípio de qualquer dos verbos irregulares, *ú*, «comer, devorar» e *cuí*, «morder». Para melhor assignalar o instrumento com que agarrar, alguns costumam acrescentar ao *Yá* a palavra *ai*, «dentes». *Yá-ai-guara*, por contracção—*Yai-guára*.

Não deve ser applicada esta denominação geral ao bôto (os indigenas dizem *buto*, e creio que é tambem tupi este

nome, derivado do verbo *i-bi*, «sahir d'água ou á toma d'água»), conhecido na região amazonica por *uyára* ou *Yudra*, particípio daquele mesmo verbo *i-bi*, que é irregular: allusivo a mergulhar e sahir depois á toma d'água. Alguns escrevem *yára*; ou, como GONÇALVES DIAS, em seu *Vocabulario da lingua gera*, na região amazonica, *iyára*. Na crença dos indigenas, o *Yudra* ou *uyára* é uma especie de encantador, chegando mesmo a sahir das aguas sob as formas de maneco gentil para seduzir donzelas; e, nas aguas, arrasta ao fundo a pessoa encantada. Mesmo, algumas vezes, toma as formas de mulher bella para seduzir mancebos e arrastal-os ao fundo d'água.

Da onça ha duas especies principaes: a *ob-oé*, nome corrompido pelos portuguezes em «onça», ou *oé-ob*, corrompido pelos franceses em «scötis»; e a *guá-poi-rá*, corrompido em *guazu-ará*, como o escrevem o padre MONTOTA, ou em *suassu-rana*, como o têm escrito outros, *rá* ou *rano*, «não verdadeiro, semelhante», fazendo injustificável referencia a «parecer *reado* e não sel-*o*», só porque *guazu* ou *suassu*, segundo elles escrevem, é a denominacao genérica deste animal. A palavra *rá*, no sentido de *rana*, nada tem aqui que fazer. O nome *guá-poi-rá* é apócope de *guá-cói-rana* ou *guá-poi-rangue*, figura muito usada em tupi, exprimindo *habito natural* de «comer carne», ou a *qualidade* de «carniceiro»: de *guá-rana*, futuro do verbo *ú*, «comer», ou *guá-rangue*, preferito e futuro mixto do mesmo verbo, interpolando a palavra *pó*, «carne», para exprimir a intima relaçao do verbo com o caso, formando uma só palavra. Nem pode haver referencia alguma á cor do pelo do vendo ou á semelhança com este: *qu-a-qu* é formado de *qu-qu*, «saios e baixos, saliencias», com a intercalação de *a*, «baçá». O vendo galheiro é *qu-a-qu-apára*: sendo que *apára* é participio de *ú*, «torcer, ser torto», com referencia aos cordos.

Tanto a *ob-oé*, como a *guá-cói-rá*, tem varias especies, que se distinguem pela cor: *pítá*, «vermelha», *pítatim*, «parda violacea», *pini-ma*, «manchada», *pikiú-na*, pronunciando *pikuña* por causa do *h* aspirado, «preta», *tandi*, «camarella» e diversas outras cores produzidas em gerações hybridas.

Além destas especies, ha a *mbaracáí*, ou *mbaracajá*, tambem conhecida por *Yagaguira-tiriri*, corrompido em *jaguatirica*, «a que se arrasta para assaltar»: de *Yagára*, particípio de *Yá*, «assaltar, pegar, agarrar», precedido de *y*, relativo, para reger *tiriri*, «armistar». Allusivo ao movimento que faz antes de assaltar; ao passo que as outras especies erguem-se sobre as patas traseiras e ficam em frente da victimia. A *mbaracáí* fornece tres sub-especies, além das hybridas.

DICCIONARIO GEOGRAPHICO

DA

PROVINCIA DE S. PAULO

A

Aboboral.—Morro elevado, no município de Xiririca, à margem direita do rio *Ribeira de Iguape*, na distancia de 25 kilometros, mais ou menos.

Afluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no município de Xiririca.

Aboboral, corruptela de *Abóbóra-áb*, «gretado naturalmente». De *abóbó*, apócope de *abóbóg*, «gretar-se», *bóra*, partícula de participio para exprimir ou significar a peculiaridade, *áb*, partícula que, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua bensilica*, nada exprimindo por si só, significa entretanto a ação natural ou artificial de abrir, conforme fôr posposta ou anteposta. Se fôr posposta, como neste nome, o verbo torna-se neutro; e, assim posposta, «se accommoda ás cousas que naturalmente abrem, como á flor, á manhã, ao ovo, á ostra, etc.». Se fôr anteposta, o verbo torna-se activo; e, assim anteposta, só se emprega «para significar o abrir das cousas, a que não é natural, como fender o pão, abrir a terra ou a vasilha, ou gretar a carne do animal ou couro com algum inchaço, etc.».

Este é um nome bem construido; porque, além do emprego exacto e correcto da partícula *áb*, para exprimir a ação natural de abrir, com referencia ao verbo *abóbóg*, este sofreu a apócope para formar o participio com *bóra*, a fim de exprimir peculiaridade, muita continuação do *facto, costume*, segundo

a lição do já citado padre LUIZ FIGUEIRA, evitando de tal modo a repetição, mais uma vez, da syllaba *bó*. Esta apócope é muito usada na lingua tupi, quando o verbo é composto de duas syllabas eguaes, e o verbal, com que tem de fazer participio, começa por syllaba igual áquellas; e exemplo é o participio passivo do verbo *pípi*, «apitar», que é *pipira*, isto é, *pi*, apócope de *pípi*, e *pira*, partícula de participio passivo, se bem que o padre LUIZ FIGUEIRA, em vez da apócope, diz que essa forma de participio é feita pelo accrescimo só de *yra*.

Os indigenas usavam dar denominações com som identico a logares varios na mesma região, mas significando diversamente: fino jogo de espirito que atesta nelles a sciencia da nomenclatura.

O nome do morro é allusivo a ser cavernoso, além de fendas nas encostas, por effeito de revolução interior.

O nome do ribeirão é allusivo a gretas no leito, pela natureza do terreno, sobre que corre:—schistos argilosos, envolvidos em grandes massas de granito. As aguas passam por baixo de rochedos, formando cavidades, mais ou menos extensas.

O ribeirão não é navegavel; e, á foz, tem a largura de dez metros, mais ou menos. Nasce naquelle morro.

A altitude do morro é, mais ou menos, oitocentos metros, ácima do nível do mar.

Acá.—Lugar no município de Bataeas.

Acd, corruptela de *I-áquád*, «ponta de rio». De *i* «água, rio», *áquád*, «esquina, ponta». O *i* tem o som de *a* fechado.

Allusivo a formarem nesse lugar, o correço que também traz, e o ribeirão *Coqueiros*, um ângulo agudo.

Acambury.—Affluente do rio Tieté, pela margem direita: no município de Araraquara.

Acambury, corruptela de *Icamambú-ri*, «successivamente bolhoso». De *i*, «água», com a pronúncia de *a* fechado, *camambú*, «bolha, empola», *ri*, «successivamente».

Allusivo a formarem bolhas as águas, em todo o seu curso.

Acangueruçú.—Corredeira no rio Tieté: a primeira, logo abaixo de Porto-Feliz.

Acangueruçú não é *Acang-uéra-uçú*, «caveira grande». É, sim, contracção de *Aqua-á-enguera-uçú* ou *Aqu'-á-enguér'-uçú*, «muito empinado e veloz», pondo de parte *uçú*, que aí está sómente para distinguir a corredeira menor, conhecida por *Acan-guê-mirim*, mais abaixo. Do *áquád*, «correr», que, por se tornar nasal, significa «correr veloz», *á*, «empinar», *enguér*, forma nasal de *enfer*, que, neste caso, não é partícula de preterito, mas de presente, exprimindo superlativo.

O som de *áquád*, é quasi *áci*; e o de *enguér* é também tornando imperceptível o *u*: e, por isso, os que dudem *Conqueru* fazem uma corruptela mais aproximada da verdade.

Acarahy.—Nome de ribeirões no município de S. Vicente, e em outros.

Segundo o sistema de MARTINS, *Citostura Língua Brasiliens*, e de outros, *Acarahy* seria «*áci* em que abunda o *antrô*». O pedre *antrô* é da grama menzulata; e o maior é o denominado «*Bambô*», cuja compreensão atinge a palma e mais. O *antrô* vive em águas poucos profundas; e algumas espécies pertencem ao *áci*.

Também o *acará* da tradução do nome *Acarahy* pode ser não o peixe mas uma ave: *ácára*, ou, precedido do *gu* por euphonía, *guácára*, conhecida ave branca. Estas aves habitam as margens dos rios.

Acarahy, corruptela de *Aquá-dára-i*, «perseverantemente corrente». De *áquá*, «correr», levado ao particípio pela partícula *ára*, significando «corredor», *i*, posição para exprimir perseverança do facto. Por contracção, *Aquâ'-ra-i*.

Allusivo a serem muito correntes, em todos os tempos, esses ribeirões.

Acarahú.—Ribeirão, no município de Ubatuba: desagua no Oceano. Corre que recebe as águas nas fraldas do morro *Juréa*, e deságua na lagôa *Sud-mirim*: no município de Iguape. Alguns o dizem *Guarahú*.

Acarahú, corruptela de *Áquâ-ára-áu*, por contracção *Aqu'-ár'-áu*, «pouco corrente». De *áquá*, «correr», levado ao particípio com a partícula *ára*, significando «corredor, corrente», *áu*, dicção para significar defeito, ou má vontade na ação, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da língua brasiliaca*.

Allusivo a não terem declive suficiente para o escoamento das águas; sendo por isso pouco correntes.

Acú.—Nome da passagem da freguesia da Sé para a de Santa Ephigenia, na cidade de S. Paulo. A ponte ali construída traz ainda o nome *Ponte do Áci*; sobre o ribeiro *Anhangabau*.

O nome exato é *Áci*: de *a*, prefixo, para significar «cousa corporea, elevação, inclinação», e *cí*, «enxuto». Allusivo a que existia nesse lugar um enxuto ou tenso sobre o qual era o transito. Este tenso era o *Áci*. (Vide o nome *Anhangabau*).

Áci, nome é hoje pronunciado, significa «quente ou de muito calor»; é, portanto, sem aplicação ao lugar. O padre MONTOYA, no *Brasilianorum*, refere-se à palavra *áci*, como derivada de *a*, partícula de composição, e *cí*, «farinha»; mas, outra é a interpretação da palavra *áci*, como se pode ver no *Tesouro*, tanto

assim que elle, no proprio *Bocabulario*, mais adiante, accenntuando com i, diz: *yacuî xe-r-oga*, «está enxuta minha casa»; *añêmbo acuî guitêna*, «estou me enxugando».

Affonso.—Affluente do rio *Purahytinga*, pela margem direita: no municipio de Redempção.

Ninguem acreditará que o ribeiro tressasse de algum individuo *Affonso* esse nome; e, aliás, poderiam habitar mais de um *Affonso* nessa região.

Affonso, corrupção de *Ahôcê*, «empinado». Com effeito, *ahôcê* significa «sobrepujar»; e esta palavra é sempre applicada a ribeirões taes.

Allusivo a ter forte declive o seu leito.

Agua-Branca.—Affluente do rio *Tietê* pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Sorocaba.

Affluente do rio *Sarapuhy*, pela margem esquerda: entre os municipios de Tatuhy e de Campo Largo de Sorocaba.

Affluente do ribeirão *Onça*, pela margem direita: no municipio de Ribeirão Preto.

Affluente do ribeirão *Lageado*, no municipio do Rio Novo. E' um correlo que corta a cidade; mas ahi está canalisado.

E, sem duvida, ha outros ribeirões e corregos, na província, com este nome.

Agua-Branca, corruptéla de *Aguâmbardâ-nga*, «alagadiços doentios». De *aguâmba*, «enseada, alagadiço», *mbarâ*, «doença», com o suffixo *nge* (breve) para formar supino.

A corruptéla provém de ser pronunciado, quasi imperceptivelmente, o a de *mbarâ*.

Allusivo a que, alagando-se com as chuvas, suas varzeas, apôs as vasantes, produzem maleitas.

Agua-Chóca.—Affluente do rio *Tietê*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Capiry* (de cima), pela margem direita: no municipio de Monte-mór.

Agna-Chóca, corruptéla de *Iguâá-cóga*, «enseadas quebradas». De *i-guâá*, «enseada de rio», distincta das do mar, *cóga*, «quebrar-se», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino. O i, «agua, rio», é pronunciado como a fechado.

Allusivo a extravasarem-se suas aguas, no tempo das chuvas, formando alagadiços.

Os portuguezes, vendo aguas estagnadas, entenderam que o indígena dizia *Agua-chóca*.

Agua-Comprida.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Bananal.

Affluente do rio *Sapuahy*, pela margem esquerda: no municipio de Santo Antonio da Alegria.

Affluente do ribeirão *Jacarehy*, pela margem direita: no municipio de Bragança.

Affluente do rio *Jundiahymirim*, pela margem esquerda: no municipio de Jundiah.

Agua-Comprida, corrupção de *Aguâmbi-bi-a*, «enseadas pegadas umas ás outras». De *aguâmbi*, «enseada, alagadiço», *bi*, para exprimir cousas pegadas, *bib*, «aproximar-se», com o accrescimo de a (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a terem, nas margens, successivas enseadas, ou a serem formados por successivos alagadiços.

Agua do Padre.—Salto notabilissimo, no rio *Paranapanema*; no municipio de Tijuco Preto.

Agua do Padre, corrupção de *Aquândipái*, «esquina e muitas cascatas». De *aqândi*, «esquina», *pái*, «muitos», *pái*, «dependurar», que, não regendo o caso, exprime a acção geral, e portanto significa «dependuramento».

Allusivo a mudar ahi bruscamente de direcção o rio, formando esquina; e a despenharem-se lindamente as aguas por varios canaes estreitos, em cascatas. O canal mais largo é o da esquerda, la-

deando a rocha. A queda é de quasi quatro metros.

A corrupção proveiu de que os indigenas tratam por *pâi* o padre ou sacerdote.

Agua Fria.—Affluente do rio *Pirapóra*, pela margem esquerda: no município da Piedade.

Affluente do Rio-Verde, pela margem direita: no município de S. José do Rio Pardo. São correlos.

Agua Fria, corrupção de *O-iquê-atí-at*, contrahido em *O-qu'-atí-aî*, «ambas as barrancas a prumo». De *a*, reciproco, para significar as duas margens, *iquê*, «lado, costado», *atí-aî*, «a pique, ereto, a prumo».

Allusivo a correrem entre barrancas altas e a prumo.

Agua Grande.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no município de Apiahy.

Sua nascente, porém, é na província do Paraná.

Agua-Grande, corrupção de *Áquâ-dquâ-ni*, «velocissimo». De *áquâ*, «correr», repetido para exprimir o superlativo da acção, *ni*, partícula de afirmação. Por contracção, *Aqu'-áquâ-ni*.

Os indigenas usam dizer *Cheaqûâ-dquâ-ni-guikobo*; «fui voando»; dando assim ás palavras *áquâ-áquâ-ni* a expressão da maior velocidade.

A repetição de nomes ou verbos, como *áquâ-áquâ*, é uma das bellezas da lingua tupi; além de ser empregada, muitas vezes, para maior graça e elegancia da phrase ou da palavra, o é tambem para indicar o superlativo, ou para assinalar a frequencia do facto, successivamente ou em muitos logares, ou para exprimir no nome ou no verbo a maior energia da acção.

A regra é repetir sómente as duas syllabas da primeira palavra, como neste nome:—*áquâ-áquâ*. Se a primeira palavra tem apenas uma ou duas syllabas, é repetida inteira; como por exemplo: *apô-apô*, «aos saltos», ou «de salto em salto».

Aguapé.—Affluente do rio *Moggyguassû*, pela margem esquerda: no município de Jaboticabal.

Agua-pé, corruptela de *I-guâá-ipé*, «muitas enseadas». De *i-guâá*, «enseada de rio», *ipé*, «muitos».

Allusivo a formar, em ambas as margens, na varzea que constitue o seu valle, muitos alagadiços.

Como se vê, não se trata, neste nome (a não ser por jogo linguistico), da nymphaeaceia, cujo nome vulgar é *aguapé*, corruptela de *y-guâ-pé*, «redonda-chata», por allusão á forma das folhas; de *y*, relativo, *guâ*, «redondo», *pé*, «chato».

No Amazonas, é pronunciado *uapé*. «Sobre a agua sobrenadam, condensados e unidos, os *uapés* de mil fórmas. Entre estes destaca-se um de folhas redondas, verde-avermelhadas, no meio das quaes surdem alvas flôres, golpeadas de escarlate, de feitio de estrellas, cujas finas hastes carmesins vêem-se mergulhar através da agua cristallina com ondulações airosas de serpente.» (JOSÉ VERRISSIMO, *Scenas da vida amazonica*).

JOSÉ DE ALENCAR, no seu bello romance *Ubirajara*, escreveu erradamente *igapê*. «A flôr de *igapê* é mais formosa quando abre e se tinge de vermelho aos beijos do sol, do que fechada em botão e coberta de folhas verdes.»

Aguapehy.—Affluente do rio *Itanhãru*, pela margem direita: no município de Itanhaen.

Affluente do rio *Una da aldêa*, pela margem direita: no município de Iguape.

Affluente do rio *Paraná*, pela margem esquerda: entre os rios *Tieté* e *Paranapanema*. Tem muitos saltos; e um de mais de 60 metros de altura. Este rio traz indevidamente hoje tambem o nome *Rio do Peixe*. Nasce na serra *Agudos*; e é formado por douis galhos, um da contravertente do rio *Paranapanema* e outro da do rio *Tieté*.

Alguns têm escrito *Aguapehú*; porque, quando ha *ii*, o primeiro *i* tem som guttural; sobretudo no fim da palavra.

Aguapehy, corruptéla de *Aquá-pi* «successivas esquinas», *pi* «amuidadas, successivas, umas atraç das outras».

Allusivo a serem excessivamente sínulosos.

Agua-Preta.—Correço que reune-se ao *Agua-Branca*, e desagua, com este, no rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de S. Paulo.

Afluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: entre os municípios de Iguape e de Xiririca.

Agua-Preta, corrupção de *Y-guâá-p'etéi*, «inteiramente alagado». De *y*, relativo, *guâá*, «alagar, alagadiço, enseada», com o sufixo *pa* (breve) para formar supino, *etéi*, adverbio, significando «interiormente, totalmente, de todo o ponto», exprimindo também superlativo. Por contracção, *Y-guâá-p'etéi*.

Allusivo a fazerem sucessivas enseadas, alagando as margens.

Agua-Pura.—Afluente do rio *Itanhaen*, pela margem esquerda: no município de Itanhaen.

Agua-Pura, corruptéla de *Iguad-p'iérè*, «enseadas derramadas». De *i-guâá*, «enseada do rio», pronunciado o *i* como a fechado, *p'iérè*, «derramar», pronunciado o primeiro *i* como *u*, segundo a lição dos grammaticos.

Allusivo ao transbordamento de suas águas, formando alagadiços.

O ribeirão *Agua-Pura* nasce na serra *Mongaguá*; e suas águas descem, derramando-se.

Agua-Santa.—Afluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: no município de Piracicaba.

Agua-Santa, corrupção de *I-guâá-çâita*, «enseadas esparzidas». De *iguâá*, «enseada de rio», *çâita*, «esparzir, estender», com o sufixo *ta* (breve) para formar supino.

Allusivo a estenderem-se em alagadiços as enseadas.

Agudo.—Corredeira, no rio *Mogyguassú*, abaixo da foz do *Rio Pardo*. E'

a segunda corredeira abaixo da cachoeira *São Bartholomeu*.

Agudo, corrupção de *O-cuì-bo*, «ás quedas», ou «de queda em queda». De *o*, reciproco, *cuì*, «ahir», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo aos sucessivos desnivelamentos do leito do rio, nesse trecho.

Com este mesmo nome, e o mesmo significado, ha um ribeirão no município de Batataes. Nasce na serra *Matto-Grosso*.

Agudo, Agudos.—Morro, proximo ao *Botucararú*.

Morro entre Itatiba e Campinas.

Morro no município de Cajurú.

Serra, á margem direita do rio *Mogy-Guassú*, no município de Santa Cruz das Palmeiras.

Morros, proximos a Iporanga, no município de Apiahy. São os denominados *Agudos Grandes*.

Grande serra entre os rios *Tieté* e *Paranapanema*: desde o município de Lençóis até o de Campos Novos de Paranapanema.

Montanha, mais conhecida por *Agudos do Ateriado*, á margem esquerda do *Rio Grande*, nas divisas do município da Franca com a província de Minas-Geraes.

Todos estes morros e serras têm as encostas ingremes ou a pique, formando extensos e alcantilados paredões. Nada tem, portanto, de *Agudos*, que não é senão corruptéla de *Há-cuê*, «cortado, talhado»: de *há*, «cortar, talhar, tronchar», *cuê*, particula de preterito; allusivo aos sobreditos paredões a pique.

Demais, nestes morros *Agudos*, o cimo é área extensissima de chapadas; o que contrasta com o nome *Agudos*.

Alagôa.—Rio pequeno que, originado de pequenas cachoeiras, nos contrafortes da serra marítima, forma-se de todas essas águas na varzea, e, desde logo, abre-se em lagôa, para depois estreitar-se até tres metros, e assim desaguar no oceano, na praia *Itá-cuá*: município de Ubatuba.

Alagôa parece, portanto, a traducção do nome tupi; e nada mais.

O rio, com efeito, é sómente a própria lagôa.

Com o nome *Lagôa*, e nas mesmas condições physicas deste rio, ha outro no municipio de Caraguatatuba.

O nome tupi é desconhecido.

Alambary.—E' o nome dos seguintes cursos d'água:

Afluente do Rio Pardo, pela margem direita, o qual por sua vez é afluente do rio *Paranapanema*, também pela margem direita: entre os municípios de Botucatú e de Santa Barbara do Rio Pardo.

Afluente do rio *Piracicaba*, pela margem esquerda: município de Piracicaba.

Afluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: município de Botucatú.

Afluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no município de Mogi das Cruzes. É mais conhecido por *Lambary*, e até já li, em um título, *Lambe-rehy*.

Afluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Bananal.

Afluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: entre os municípios de Tatuhy e de Itapetininga. A margem direita deste último *Alambary*, está a povoação deste nome, pertencente ao município de Itapetininga.

Alambary nada tem com o pequenino peixe prateado, que traz o nome *lambari*, corruptela de *hāa-berá-i*, «brilha com tal imitação que engana». De *hāa* «imitação, semelhança», *berá*, «resplandecer, brilhar», precedido de *m* por causa do som nasal de *hāa*, segundo a regra em tais casos, *ei*, «bulira, engano, átōa, sem causa real». Por contracção, *hāa-berá-i*.

Alambary, corruptela de *Araá-mb-araá-i*, «perseverantemente muito pestilento». De *araá*, «enfermidades de febres», *mb-araá*, repetição para exprimir superlativo, *i*, posposição de perseverança. Por contracção, *Araá-mb-ará-i*.

Allusivo a serem maleitosas em qualquer tempo.

Alambary.—Morro no município de Iporanga, famoso pela gruta com deus ou mais compartimentos, um dos quais extenso, com stalagmites e stalactites. Esta gruta é atravessada por um ribeirão, que traz também o nome *Alambary*; mas é o nome só da gruta, reflectindo sobre o morro e o ribeirão, certamente por não ter a tradição conservado os nomes destes.

Alambary, com referência à gruta, é corruptela de *Rū-mb-a-ro-á-i*, «desordem interior e juntamente água a cahir». De *rū*, «revolução ou desordem interior», *mb*, partícula para ligar *rū*, que tem na pronúncia o som nasal, ao verbo *aí*, «cahir», com a intercalação de *ro* para exprimir a simultaneidade da acção do verbo, formando *a-ro-á*, «cahir juntamente», e *ai*, «aguaceito, o que lentja ou reçuma água». Por contracção, *Rū-mb-a-r'-á-i*.

Allusivo à desordem emaranhada no interior do monte, com precipícios; desordem produzida pela água cahida de cima e filtrada, formando as stalagmites e as stalactites.

Esta gruta é a denominada *Lapa de Santo Antônio*, cuja descrição vou pedir ao conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diário de uma viagem mineralogica pela província de São Paulo, no anno de 1805*. Escreveu elle: «Continuei a minha digressão pelo ribeirão de Yporanga ácima até chegar á gruta stalactítica, denominada *Lapa de Santo Antônio*, que fica á direita (deve ser esquerda, por isso que o viajante considerava direita ou esquerda, conforme subia ou descia o rio) no ribeirão do Sumidouro, o qual corre de um monte também á direita, onde sómente existem restos de antigas lavras. Não só nesta gruta, mas também em todos os morros á esquerda, e mesmo em suas faldas, se acham bancos de pedra calcarea secundária, cortados por veios de spatho calcareos, dos quais no tempo das grandes chuvas se destacam porções, que vêm entulhar então os ribeirões. Esta gruta tem quasi a direcção de oeste-sudeste; por baixo della

corre o dito ribeirão do *Sumidouro* (*), cujas aguas são frigissimas, *minundo os ditos bancos calcareos, e alguma agua que transnuda por elles*, e que fórmá as belas stalactites, attendiveis por sua brancura, pureza, esplendor, e fractura spathica. Na parte superior da entrada vê-se como douz óculos de igreja, e logo no principio, um côro rendado, e ornado de uma série de pyramides stalactiticas: do lado esquerdo faz a lapa como um saceo, e do direito, mais para o interior, columnas entrecortadas, e outras porções de avelhantados edificios, sobre os quaes obrou a mão inexoravel do tempo. Do lado esquerdo, em cima, ha pequenas grutas ou reconcavos, e em baixo furnas.»

De outra descrição publicada vou transcrever os seguintes trechos:

«Na caverna do morro do *Alambary* ha um grande salão, com cerca de 40 metros de altura, e um outro compartimento, no qual existe um poço. As columnas apresentam o aspecto de imagens em charola n'uma procissão. O sólo é formado de grossas pedras. O ribeirão *Alambary*, que desce de um dos morros do municipio, depois de caminhar cerca de 200 metros, some-se e vem reapparecer nesta caverna».

O dr. CARLOS RATH assim a descreve: «Esta gruta acha-se entre as pedras de cal, formando, na boca da gruta, uma muralha preta de 612 pés... A gruta tem a largura de 130 palmos e fórmá un vâo, com a profundidade de 80 palmos... A altura da gruta pôde ter 60 a 80 palmos, e é inteiramente ornada de stalactites e stalagmites. Estas stalactites e stalagmites formam, ás vezes, figuras mui pittorescas, que ficam penduradas nas abobadas... O canal, donde sahe a agua, fórmá no fundo muitas cascatas,... e depois de ter corrido $\frac{3}{4}$ de legua, toma o nome de *Funil* ou *Sumidouro*, porque a agua sóme-se entre um buraco, tambem nas mesmas pedras de cal, e apparece na

gruta de *Santo Antonio*, outra vez, para unir-se pouco distante com o rio de *Yporanga*. Para chegar a este rio, e á gruta de *Santo Antonio*, é preciso passar-se por um lugar onde corre o rio entre rochedos de cal mui altos, empinados e lisos, que quasi não dão espaço para passagem de uma cabra... Esta cal preta fórmá uma collina, que se estende para nordeste algumas oito leguas...»

O nome *Lambary*, como fonte de agua medicinal, é *H-a-mbaraá-i*, «agua de doença»: contrahido em *H-a-mbar'-i*.

(Vide o nome *Lambary*).

Alcatrazes.—Grupo de ilhotes, ao sul da bahia de S. Sebastião.

Alcatracs, corrupção de *Háquâ-táî*, «pontas, cuidado!»

Os indigenas usavam assignalar assim, no mar, os logares perigosos.

A corrupção foi facil. Ha nesses ilhotes abundancia de passaros rabifurcados, conhecidos por *alcatrazes*.

Já li *Uraritáu* como o nome tupi desse grupo de ilhotes. Inexacto.

Allelúia.—Affluente do ribeirão *Guarapó*, pela margem direita: no municipio de Tatuhy.

Alleluia, corrupção de *Arê-riû*, «tardo e quasi parado». De *arê*, «tardar», *riû*, «quietude, pacifco, preguiça, etc.».

Allusivo á sua quasi nenhuma correnteza.

Almas.—Affluente do rio *Parahiba*, pela margem direita: no municipio de Taubaté.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: no municipio de Paranapanema.

Affluente do rio *Corumba-tehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. João do Rio Claro.

Almas, corrupção de *Ái-mã*, «altos e baixos, e impedimentos». De *ái*, «altos e baixos, cousa não lisa», *mã*, «impedimentos, obstaculos». Por causa do acento agudo no *ái* inicial, a palavra é pronunciada breve e corrida.

(*) Corrupção de *Cu-mi-ndú-ri*, «escondido em altos e baixos e fazendo estrondo». De *cu*, «altos e baixos», *ndú*, «estrondo, estre-pito», *ri*, posposição, significando, neste caso, «com». Em verdade, *Sumidouro* em portuguez, corresponde mesmo á aquella palavra em tupi.

Allusivo a pedras e outras obstruções no leito desses ribeirões.

A margem direita do ribeirão *Almas*, affluente do rio *Paranapanema*, na distância de tres kilometros, ha uma gruta de grande extensão e profundidade, em ramificação da serra marítima ou Cubatão. Esta gruta tem tres compartimentos, em nível diverso. O mais alto é o maior: 25 metros de comprimento sobre 12 de largura; o médio, 8 metros de comprimento sobre 5 de altura; o inferior ainda não foi medido, nem o será, por causa dos abysmos. Em todos ha grande abundancia de stalactites e stalagmites. Um observador escreveu o seguinte: «No superior, ha no fundo um como altar; no do meio, cuja entrada não é commoda, ha duas pedras ponteagudas que, tocadas com pedra ou ferro, produzem o som de sino; no ultimo, ha bonita cascata, formada pelas aguas precipitadas de um corrego que o atravessa.»

(Vide o nome *Capão Bonito*).

A serra Cubatão e suas ramificações, nessa região, contém muitas e extensas grutas.

Amparo.—Cidade situada á margem esquerda do rio Camandocáia.

(Vide *Camandocáia*).

O nome primitivo da povoação era o do rio *Camandocáia*; mas, havia outra de igual nome na província de Minas Geraes.

Ananan.—Affluente do rio *Jundiahymirim* pela margem esquerda: no município de Jundiahymirim.

(Vide o nome *Nanan*).

Ancião.—Cabeceira do ribeirão *Tambahí*: no município de Casa Branca.

Morro, no mesmo município. Nasce ali aquella cabeceira.

Ancião, nome da cabeceira, é corrupção de *Alī-āī*, «altos e baixos, e rodeios». De *āī*, «rodeio», *āī*, «altos e baixos». O *āī* torna-se nasalizado por causa do *ī* anterior.

Allu scer sobre altos e baixos, e co caracol.

Ancião, nome do morro, é corrupção de *ati-āī*, «empinado e alto». De *ati*, «vantar-se, erguer-se», *āī*, «empinar-se»;

Allusivo a formar quasi um paredão por muito alcantilado.

Andaiatú.—Affluente do rio *Ribeirão Iguape*, pela margem esquerda: no município de Xiririca.

Andaiatú, corruptela de *Ā-nd-ayē-tú*, «empinado e muito encachoeirado». De *ā*, «empinar», *nd*, intercalação para ligar *ā* a *ayē*, «muito», *tú*, «golpe, queda».

Allusivo a ter ingreme o leito; e a descer de salto em salto, de cachoeira em cachoeira.

Andaraquára.—Morro: no município de S. Vicente.

Morro: no município de Nazareth.

Affluente do rio *Atibaia*, quando ainda *Atibainha*, pela margem direita: no mesmo município de Nazareth. Nasce naquelle morro.

Andaraquára, nome dos morros, é *Ā-nd-ari-quár-a*, «empinado, buracos em cima». De *ā*, «empinar», *nd*, intercalação para ligar *ā* a *ári*, «em cima, sobre», *quár*, «buraco, fojo, poço», com o acrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a ser alcantilado, e a ter no cume buraco ou poço, demonstrando natureza vulcanica.

O cimo do morro *Andaraquára*, de Nazareth, traz o nome especial *Butú*, corruptela de *Mbo-ŷi-itá*, contrahido em *Mb'-ŷi'-tā*, «morro ôco». De *mbo*, partícula activa, *ŷi*, «ser ôco, concavo, abrir naturalmente, fazer seio», *itā*, «pedra, morro».

Allusivo a ter no alto concavidade; correspondendo assim ao outro nome.

Andaraquára, nome do ribeirão, é *Ā-nd-ar-y-quâ-ára*, «empinado, ladeador, e muito corrente». De *ā*, «empinar», *nd*, intercalação para ligar *ā* a *ar*, «ladear», *y*, relativo, *quâ*, «correr», com a partícula *ára*, para formar particípio activo.

Allusivo a ter o leito ingreme, ladear o morro do mesmo nome e ser veloz no curso.

André Lopes. — Morro granítico, muito alto, no município de Xiririca.

André Lopes, corruptéla de *Ā-nd-y-e-nho-pì*, «erecto e pellado no alto». De *ā*, «empinar, estar em pé, erecto», *nd*, intercalação por causa do som nasal le *ā*, e para ligal-o a *y*, relativo, *re*, intercalação por começar em *n* o verbo *nhopì*, «ser tosquiado»; sendo que *nhopì* composto do reciproco *nhó* e do verbo *pì*.

Allusivo a ser erecto, e pellado no alto; e dahi a corrupção.

Este morro tem a altitude de 800 metros, mais ou menos.

Angico. — Morro, entre os municípios de Guaratinguetá e de Cunha.

Angico, corruptéla de *Ā-ng-iquê*, «encosta empinada». De *ā*, «empinar», *ng*, intercalação por ser nasal a palavra anterior, *iquê*, «lado, costa».

Allusivo a ser alcantilado.

Angóia. — Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Jacarehy.

Angóia, corruptéla de *Y-haqueógea*, «o dobrado». De *y*, relativo, *haqueógea*, infinitivo de *haqueög*, «torcer, dobrar», com o sufixo *ca* (breve). Por contracção, *Hau'ogea*.

Allusivo ás voltas e revoltas que esse ribeirão dá em seu percurso.

Anhangabaú. — Affluente do rio *Tamanduatehy*, e este por sua vez affluente do rio *Tieté*; de ambos pela margem esquerda: no município de S. Paulo, atravessando a cidade em grande parte.

E' o nome tambem attribuido a um ribeirão affluente do rio *Jundiahys*: e corre a oeste da cidade desse nome. Mas, creio que houve equivoco: o nome deste é *Mangába-aú*. (Vide o nome *Mangabahu*).

Anhangabóu, ou, segundo outros, *Anhangá-y* (dizem os que seguem a regra de *MARTIUS* e de outros estrangeiros que por aqui andaram) significa, na opinião desses e de outros, «rio onde habita o man *espirito*».

Mas, é inexacta a explicação. E o nome corrupto é mesmo *Anhangabaú*.

Anhangabaú, corruptéla de *Y-nhāng-áb-aú*, «quasi nenhuma correnteza».

De *y*, relativo, *nhā*, «correr», *ng*, intercalação por ser nasal o som de *nhā*, e para ligal-o a *áb*, para exprimir o modo ou a acção, *aú* ou *áub*, particula ou posposição para exprimir defeito na acção ou no modo.

Alguns chronistas escreveram *Anhangabahy*; mas é a mesma corruptéla *Anhangabaú*, variando sómente no modo de pronunciar o *y* final. Em um documento do mosteiro de S. Bento foi escrito, em 1600, *Anhangovahy*.

Y-nhāng-ab'-aú é, portanto, o verdadeiro nome destes cursos d'água. A mudança para *Anhang-aú* proveiu da credice de ser o diabo, *anhang*, transformado em phantasma, *aú*, quem murmurava naquellas águas, então correndo na solidão entre basta floresta.

Anhangóára. — Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no município de Xiririca.

Anhangóára, corruptéla de *Y-nhānguára*, «corredor». De *y*, relativo, *nhā*, «correr», *guára*, para formar participio, exprimindo qualidade. O *y* inicial sôa como *a* fechado.

Allusivo a ser muito corrente.

Este rio é aurifero; se bem que não tanto que compense a despesa da mineração, segundo o afirmou o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Díario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo, no anno de 1805*.

Elle escreveu *Nhanguara*; e assim certamente o ouviu aos moradores naquelle região.

Tambem já li *Nhungára*, manifesta corruptéla.

Anhanguera. — Affluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda: no município do Carmo.

Ahi é conhecido um porto antigo com este nome.

Anhanguera, corruptéla de *Y-nhang-uéra*, «encestado». De *y*, relativo, *nhang*,

«encestar, juntar», levado ao participio pelo accrescimo do verbal *uéra*.

Allusivo a correr entre margens altas, não extravasando suas aguas.

Confundido este nome com *Anhanguera*, «diabo», deu-se a corruptéla supra; e tambem espalhou-se a crença de ter o diabo passado por alli.

Anhanguera.—Serra, ramificação da serra *Japy*; no município de Itú.

Anhanguera, corruptéla de *Nhe-ã-iqué-rô*, «encostas empiunadas». De *nhe*, reciproco, *ã*, empinar», *iqué*, «lado, costado», *rô*, «pôr-se». O reciproco *nhe* exprime a acção da cousa sobre si mesma.

Allusivo a ser muito alcantilada.

Anhemby.—Nome que se diz tambem dado pelos indigenas ao rio *Tieté*, segundo alguns chronistas.

Alguns, com frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, no seu *Glossario de palavras indigenas*, dizem que *Anhemby* significa «rio de enambús».

Não me parece verdadeira esta proposição. E' certo que o *nambú* ou *nhambú*, ou *ynambú*, abunda nas mattas que marginam o rio *Tieté*. Mas, por que admittir que *Anhemby* significa «rio de enambús»? Que relação tem este nome com o dessa linda e apreciavel ave?

Tambem *nhamby* é o nome de uma herva rasteira que dá botões amarellos, applicados á odontalgia. Esta herva, semelhante na folha ao coentro, queima como mastruço: os indigenas, além de a empregarem como tempero de cosinha, a comiam inteiramente crúa.

Assim, pois, tanto poderia ser «rio de enambús», como «rio da herva *nhamby*»; e, neste caso, os indigenas teriam assinalado de preferencia o logar em que esta herva existia em abundancia.

Mas, a verdade é outra. Nem o indígena cogitava da ave ou da herva para denominar o rio.

Anhemby, corruptéla do *Aî-hê-mbi*, «não liso e sahida alta». De *aî*, «não liso, altos e baixos, obstaculos», *hê*, «sahida, barra, fóz», *bi*, «levantar, alçar», precedido de *m*, por ser nasal a pronuncia de *hê*.

Allusivo a ter muitas cachoeiras, gargantas, corredeiras, e outros obstaculos; e a ter, á barra, o salto *Itapúra*, cuja queda vertical é de 9 m., 68.

Anhuma.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita: entre os municipios de Campinas e Amparo.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda, logo abaixo da cachoeira ou salto *Capivara*. E' conhecido pelo nome *Ribeirão das Anhumas*.

Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Brotas e Araraquara; aos quaes serve de divisa. E' tambem conhecido pelo nome *Ribeirão das Anhumas*. Tambem o nomeiam *Ribeirão dos Ingleses* por algum motivo particular.

Segundo o sistema de MARTIUS e de outros, *Anhuma* seria denominado por ter em suas margens abundancia deste macrodactylus fissipedes, maior do que o peruí; o qual alimenta-se de peixes, camarões e insectos. A pelle é cheia de ar; e é de facil domesticação: tambem conhecido por *cauintahú*, vocabulo onomatopico, por ser o som de seu canto. O bico é conico e curvo como o do papagaio: tem uma ponta de tres a cinco pollegadas na testa, e dous esporões na parte interior das azas, aquella e estes de substancia cárnea. Esta crista cárnea tem virtudes medicinaes; e ha a crença de que basta trazé-l-a, para estar preservado de estupor o individuo que a tem em si. Outra crença do indígena é que, enquanto esta ave não cessa de beber em um rio, ribeiro ou lago, até ao ponto de saciar a sede, outra ave não atreve-se a beber no mesmo rio, ribeiro ou lago.

Mas, este ribeirão *Anhuma* não tem relação alguma com essa ave, que aliás abundaria em suas margens.

Anhuma, corruptéla de *Y-nhã-hû-m-a*, «correnteza e rodomoinhos». De *y*, relativo, *nhã*, «correr», *hû*, «revolver-se em si mesmo», *m*, complemento de *hû*, por ser nasal, com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a correr sobre montes, descendo com velocidade e formando rodomoinhos.

Anhumas.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, abaixo da cachoeira *Cipirara*.

Anhumas, corruptéla de *Y-nhà-hú-mo*, «correnteza e rodomoinhos». (Vide *Anhuma*).

Anhumas.—Serra, ao norte do município de Bragança, proximo ás divisas com a província de Minas Geraes, e prolongando-se nella.

Anhumas, corruptéla de *Ã-n-húú-m-a*, «empinada e pantanosa». De *ã*, «empinar», *n*, complemento do som nasal de *ã*, e para ligal-o a *húú*, «lodo, lama, borra, fezes, detritos, etc.», *m*, complemento de *húú*, com *a* (breve) por acaba em consoante.

Allusivo a ser alcantilada essa serra, porém de formação geologica tão fraca que, em sua superficie, nasce e cria-se o limo e o lodo, até ao ponto de formar pantano.

Anna da Costa.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: no município de Iguape.

Anna da Costa, corrupção de *Nda-cóita*, «não pegado com outro». De *nda*, preposição de negação, *cói-la* verbal derivado de *cói*, «ser pegado com outro, ou nascerem dous do mesmo ventre, ou da mesma fonte», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino. E' pronunciado *Nacói-la*; e não ha necessidade de *í* para fechar a negação, porque já existe um em *cói*.

Allusivo a ter este ribeirão, ás margens, varias lagôas, mas não formadas por suas aguas, embora communicadas nas grandes cheias.

As mais notaveis são *Timboara*, *Poco-fundo*, *Cambuçá*, *Cauri*.

Apára.—Ilha na costa maritima, em frente ao bairro do Toque-Toque-Pequeno: no município de S. Sebastião.

Apára não é o nome desta ilha, pois que *apá-ára*, por contracção *apá'-ra*,

significa «o que entorta, o torcedor, o tortuoso», e portanto seria inapplicavel a uma ilha.

Apá'-ra era a palavra designativa do canal tortuoso que ahi começa, para a entrada meridional da bahia de S. Sebastião; e nada mais.

Como «signal de rumo», esta ilha poderia ser nomeada pelos indigenas, segundo o sistema de denominações com sons quasi identicos para varias cousas da mesma região, *Apà-á*. Nas mattas, tinham e ainda têm o costume de quebrarem, torcendo, ramos de arvores, como rastro deixado para a volta; e isto é assim expressado em tupi: *ib-apá-á*. De *ib*, «arvore», *apá*, «torcer», *á*, «quebrar». Não se tratando de rastro em terra, mas sim de rumo no mar, os indigenas poderiam figuradamente dizer *Apà-á*, por servir de rumo, como ainda hoje; e por confusão com a palavra designativa de «canal tortuoso», se corromperia em *Apára*. (Vide *Toque-Toque*).

Aparado.—Cachoeira no rio *Paranapanema*, anterior á corredeira *Funil*, e mais tres, todas acima da confluencia do rio *Apiahy*.

Aparado, corruptéla de *Apá-rá-bo*, «torto e levantado». De *apá*, «ser torto, torcido, entortado», *rá*, «levantado», com a particula *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Com effeito, a cachoeira é formada por um travessão de granito, que selevanta acima das aguas em direcção diagonal de uma a outra margem; dando apenas escoamento ás aguas, aos borbotões, por um canal estreito. Quando ha enchente do rio, as aguas, transpondo esse travessão, mesmo proximo á margem esquerda, despenham-se aos saltos entre pedras, no declive de um metro mais ou menos.

Apiahy.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: entre os municipios de *Apiahy*, *Faxina* e *Paranapanema*.

E' formado pelos ribeirões *Apiahy-guassú* e *Apiahy-mirim*. Nasce na Serra Geral, divisoria dos tributarios do so-

bredito rio *Paranapanema* e do rio *Ribeira de Iguape*; tendo por cabeceiras os corregos *Campina*, *Caximba*, *João de Oliveira*, que formam o *Areas*, e este, com outros ribeirões, forma o *Roseira*. Este *Roseira*, depois de colligir tambem as aguas do *Apiahymirim*, toma mais adiante o nome de *Apiahgy-guassú*; e, de certo ponto até á fóz, o de *Apiah*.

Segundo AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da Província de S. Paulo*, o nome *Apiah* significa «rio do menino».

Apiah, corruptela de *Api-ai-i*, «o que em todo o seu curso, é torcido e tem altos e baixos.» De *api*, «torcer», *ai*, «altos e baixos», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo ás incessantes voltas ou torceduras que esse rio faz; e ás pedras e outros embaraços que o tornam impraticavel, principalmente quando baixam suas aguas.

Apiah.—Villa á margem direita do ribeirão *Palmital* e á esquerda do ribeirão *Agua-grande*.

Tira o nome do morro onde nascem esses ribeirões: *Api-ai*, ponta derrocada». De *api*, «ponta, principio e fim da causa», *ai*, «derrocado, desbaratado, desmoronado». Este *ai* final parece ter sido empregado para afirmar como notavel o aspecto das rochas.

Com effeito, esse morro é coberto de numerosas e grandes rochas em desordem, parecendo ao longe um edificio em ruinas.

Hoje o *Api-ai* é conhecido por morro da *Descoberta* ou do *Ouro*; e, assim, a villa é a que lhe mantém, ainda que corruptamente, o nome.

Apiaçába.—Nome do porto do caminho primitivo de *Piratinim* para a costa maritima e vice-versa.

Este nome é mencionado no titulo de sesmaria de Ruy Pinto, de 10 de Fevereiro de 1533: «... as terras do *Porto das Almadias*, onde desembarcam quando vão para *Piratinim*, quando vão desta ilha de S. Vicente, que se chama *Apia-*

cába, que agora novamente chama-se o *Porto de Santa Cruz*....». Vê-se pela oração seguinte que o nome *Apiaçába* é do porto.

Apiaçába, corruptela de *Y-più-çaba*, «logar do apartamento do caminho», de *y*, relativo, *più*, «apartar caminho», *çaba*, verbal de participio, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, causa, fim, intuito, etc., fazendo *çaba*, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Apotribú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Roque.

E' tambem escripto *Potribú*.

Em um documento de 1660, li *Apoteroby*. Neste documento, não é referido ribeirão ou rio, senão simplesmente «paragem chamada *Apoteroby*».

Por erro, denominam tambem esse ribeirão, ácima do salto, *Mumbaça*, corruptão de *Nhumbáu*, «campo com mancha de montes». De *nhun* «campo», *mb*, intercalação por ser nasal a pronuncia de *nhun*, suprimido o *n*, e *áu*, «mancha». Allusivo ao campo, que ahi existe e dizem «rincão de pastos», com monsticulos aqui e alli.

Seja, porém, como fôr, a verdade é que tudo isso é corruptela de *Pó-terō-ibiy*, contrahido em *Pó-ter'-ibiy*, «salto torcido e concavo». De *pó*, «salto», *terō*, «torcido, torto», *ibiy*, «concavo, ôco, seio». O *iy* tem o som guttural de *ü*.

Allusivo ao facto de, ao ladear o morro que hoje é tambem conhecido por este nome (á alguma distancia do rio *Tieté*), dar este ribeirão um salto retorcido e concavo embaixo; razão por que ahi deve existir alguma gruta.

Apparecida (N. S. da).—Povoações-freguesias: uma no municipio de Guaratinguetá; outra no municipio de Botucatu.

Ha romarias constantes a essas igrejas. Especialmente, a primeira é conhecida em todo o sul do Brazil; e de todas essas regiões vêm annualmente, ou durante o

no, romeiros a cumprir promessas. A igreja é muito sumptuosa.

Apparição.—Serrote, no município Caconde.

Apparição, corruptela de *Há-pa-ári-* por contracção *Há-p'-ári-çã*, «derrado em cima e flammejante». De *há*, errascar, desconcertar, cortar, tronxar», e o sufixo *pa* (breve) para formar *bino*, *ári*, «em cima», regendo como posição, o verbo anterior, *çã*, «protrair chama, luzir ou brilhar como nma».

Os indigenas sóem dizer *icá*, o acto esquentar, pelo attrito, páus seccos a tirar fogo: esquentam o accendememente. Esses douis páus seccos são *i-cang*.

Allusivo ao facto de, por effeito de trocamentos no cumo, mostrar-se illuminado: não sendo, porém, isso senão o splendor dos cristaes de rocha que ahí abundam.

Ha um logar *Apparição*, no município de Cunha, onde nasce o rio *Panhyllua*: ignoro, porém, se é igual corruptela, ou se acaso effeito de alguma tendice.

Apucarana.—Serra que hoje pertence á província de Paraná, mas que está ligada á historia dos *Guayanaxes* de Piratininga.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. brasili.*, *Apucarana* significa «morro em que se minera á mão!». Simplesmente um disparate. Muito espirito teve o aborigene que disto assim o informou.... *Apucarana*, corrupção de *Opóca-rū-ne*, eruptivo, vulcanico». De *opog*, «estalar trebentando», mudado o *g* em *ca* (breve) para formar infinitivo, *rū*, «revolução interior», *ne* (breve), posposição para exprimir certeza.

Allusivo a ter sido vulcão esse morro. Isto coincide com a descrição feita no *Itinerario* publicado na *Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnografico do Brazil*, X, 153, primeira parte, 348:

«Esta serra em cima é um taboleiro trezentos e tantos passos de com-

prido e quasi outros tantos de largura: tem pouca vegetação, e aqui e alli se vêem grandes e isoladas pedras de todos os tamanhos e fórmas.

..... Que lindo e magestoso quadro! O mais bello céo do universo brilhava sobre nossas cabeças, e estendidos como um mappa a nossos pés, viamos rolar caudalosos rios, atravessando as mais pittorescas e magnificas florestas do Brazil:—perto de nós, concavidades soturnas e montanhas atiradas sobre montanhas mostravam que alguma erupção vulcanica tivera lugar alli; e, no meio de todo este cháo, a *Apucarana* levantava sua alta e descalvada cabeça, olhando com tranquillidade as formas phantasticas que as convulsões da natureza tinham accumulado em derredor de si». E é difícil chegar ao seu cume, «defendido por enrugados e escarpados rochedos, cobertos de musgo tão macio como velludo, e matizado de mil cores brillantes.»

Assim, pois, *Apucarana* não é senão o morro vulcanico, cuja erupção produziu toda essa desordem material.

Araçá.—Ponta, ou cabo pequeno, no município de S. Sebastião, dominando a entrada sul do canal. Ahí os portuguezes construiram um forte, que não mais existe.

Araçá, corruptela de *Ar-a-icá* «ladeado e alto». De *ár*, com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante, «ladear», *icá*, «estatura, altura, pilares, elevação sobre alicerces ou terra, alto».

Allusivo a ser alta e ladeado de mar, apenas pegada ao continente por uma restinga.

Araçariguama.—Affluente do rio Tieté, pela margem esquerda: no município de Araçariguama.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. brasili.*, esse nome significa «sítio onde se reunem araçaris para comerem».

Araçari é uma ave com bico igual ao tucano, preto nas costas, amarelo no papo, e esverdinhado em redor do amarelo. O povo o conhece por tucano miúdo.

Pela significação dada por MARTIUS, *Araçari-guâma* deveria conter outras partículas ou palavras, e não apenas o nome da ave, e o supino futuro do verbo *aú*, «comer». Patentemente, MARTIUS forçou a significação, e para isto subentendeu a *reunião* de tais aves.

Mas, isso não é exacto. *Araçariguama* é corruptéla de *Ar-açáì-ri-guâá-mo*, «cahe e imediatamente se esparze fazendo lago». De *ar*, «cahir», *açáì*, «espalhar-se, esparzir-se, derramar-se, estender-se, alargar-se», *ri*, posposição para exprimir a acção sucessiva ou imediata do verbo anterior *guâá*, «fazer bojo, enseada, lago», com o sufixo *mo* (breve) para formar gerúndio, visto que o nome, ou palavra inteira, ficou nasalizado por efeito do verbo *açáì*, cuja pronúncia é nasal, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo a formarem um lago as águas das cabeceiras e vertentes, imediatamente que cahem do monte; correndo depois em um só ribeirão até a foz.

Alguns dizem que, por tradição, esse lago é *artificial*; mas, não sendo fácil mudar a direcção natural das águas, o nome *Ar-açáì-ri-guâá-ma*, indica perfeitamente a collecta das águas vertentes e cabeceiras em um centro que se alarga, donde então seguem formando um ribeirão.

O nome corrupto do ribeirão passou à villa *Araçariguâma*. Esta povoação foi fundada pelo capitão-mór Guilherme Pompeu de Almeida e continuada por seu filho o padre dr. Guilherme Pompeu de Almeida, no fim do século XVII e principio do século XVIII.

Araçátuba.—Corredeira no rio *Tietê*. *Araçátuba*, corruptéla de *Harú-haçá-tú-bo*, por contracção *Har'-haçá-ty-bo*, «lugar de arrecifes e de impedimento atravessado». De *harú*, «atravessar», *ty*, «ponta, arrecife», *bo*, (breve), para exprimir logar. O *y* tem som guttural.

Em uma descrição de viagem em 1792, li nome um pouco diferente:—*Aranatáva*. A preocupação de que o

indígena só cuidava de *araras* produzir este e outros nomes corruptos.

O nome *Har'-haçá-ty-bo* é allusivo a uma muralha atravessada, deixando apenas um canal estreito, eriçado de pedras, pelo qual as águas correm impetuosas.

Araçatúba.—Morro no município de Cananéia em frente ao canal *Ararapira*.

Deste morro nasce um pequeno ribeiro, que tem também esse nome.

Outros escrevem *Araçaúba*.

Araçatúba, corruptéla de *Ar-áocè-ty-bo*, «ponta alto-rematada». De *ar*, «rematado», *áocè*, «sobrepujar, ser alto», *ty*, «ponta», com a particula *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo a ser um promontório; cuja ponta é rematada muito alto.

Araçatúba, nome do ribeiro, é *Ar-açáì-tiù-bae*, «o que faz bojo e esparze aos lados». De *ar*, «lado», *açáì*, «esparzir», *tiù*, «fazer bojo», com o sufixo *bae* (breve) para formar supino.

Allusivo ao fluxo e refluxo da maré, produzindo na enchente a repreza de suas águas.

Ao mesmo tempo, o indígena poderia ter querido assignalar a região como «abundante de *araçá*». De *araçá*, fructa da família das myrtaceas, *tib-a*, «logar natural» com referencia a *araçá*, que antecede e é o genitivo do nome. Os indígenas sohiam fazer este jogo linguístico de nomes com som identico, mas com significados diversos, para logares em uma mesma região.

Aracahy.—Affluente do ribeirão *Apotribú*, pela margem esquerda: no município de S. Roque.

Aracahy, corruptéla de *Araquai-i*, «o que em todo o seu curso é cinturado». De *araquai*, «cintura», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo às muitas e successivas garnatas que este ribeirão tem.

Aracanguá.—Duas corredeiras no rio *Tietê*: uma é *guassuá*, a maior; outra é *mirim*, a menor. Estão entre os grandes saltos *Avauhandaçá* e *Ilapiúra*.

Aracanguá, corruptela de *Araquá-anguá*, «estreitadas e cavadas». De *araquá*, «cingir, fazer cintura», *anguá* «cavado por dentro».

Allusivo ao estreitamento do rio nesses dous logares formando cava.

Outros escrevem *Aratanguá*. E também *Avaracanguaba*, nas *Notícias Práticas* do capitão J. A. CABRAL CAMELLO, sobre as viagens ás minas de Cuyabá, no anno de 1727.

Araçoiaba.—Grupo de montanhas de formação metallurgica, 16,8 kilometros ao occidente da cidade de Sorocaba.

Em alguns documentos antigos este nome é escrito *Hybiraçoiaba* e *Biracyaba*.

Segundo o engenheiro DANIEL PEDRO MÜLLER, o nome *Araçoiaba* significa «coberta do sol»: de *açò*, «tapar, cobrir», com o verbal *ába*, que, sendo designativo de tempo, logar, instrumento, causa e modo, neste caso o é de logar: «Sítio coberto». Mas, os indigenas dizem *açoyába*, sempre que querem nomear a cousa que tapa, cobre, ou encobre. *Arococoyába* significaria «tapar, cobrir ou encobrir juntamente».

Penso, portanto, que isto não é exacto. Além de que, tirar da circumstancia da *sombra*, feita pela serra, a denominação para o morro, seria fazer de um facto *commun* a todas as serras e montes o característico desta; accrescendo que a sombra desloca-se successivamente, acompanhando o movimento apparente do sol, de manhã ao occidente, de tarde ao oriente.

Já escrevi que o nome verdadeiro desse morro de ferro era *Ára-ci-ába*, significando «cabellos do sol»: os indigenas denominavam o sol *ára-ci*, «mãe do dia», de *ára*, «dia», *ci*, «mãe».

Sem duvida, brilhando aos raios do sol aquellas montanhas de ferro e de outros mineraes, *Ára-ci-ába* corresponderia perfeitamente á denominação. Por igual, ou pelo mesmo motivo, os indigenas denominam *Gu-ára-ci-ába* o beija-flor.

Mas, tambem não é verdadeira esta versão. O nome verdadeiro é *Bi-ro-acú-eiù-ába*, como está escrito nos documentos antigos. Por contracção, *Bi-r'-acú-eiù-ába*. De *bi*, «pegar-se», *ro*, particula copulativa exprimindo simultaneidade, *açú*, «altos e baixos», *eiù*, «muitos», *ába*, verbal designativo, neste caso, de logar ou região.

É, portanto, *Bi-r'-acú-eiù-ába*, «região de muitos altos e baixos, pegando-se uns aos outros».

Allusivo á formação oreographica daquella região inteira. O nome não refere-se, portanto, sómente a um morro, mas á região e ao grupo das montanhas.

Recentemente, li em uma noticia de almanach que o nome *Araçoiába* (o noticiarista escreveu *Araçaiaba*) derivou-se de *Acaracoeyambaê!* E isso parece ter sido escrito com seriedade...

Aranhas (das).—Salto notável no rio *Paranapanema*, ácima da villa de S. Sebastião do Tijucão-Preto: entre os municipios deste nome e o de Santa Barbara do Rio Pardo.

Aranhas, corruptela de *Ar-á-ña*, «queda a pique e corredeira». De *ar*, «cahir», *á*, «em pé, a pique», *ña*, «carreira, corredeira, correnteza».

Allusivo á corredeira e ao grande salto, tendo passado as aguas por um estreito canal, de cinco metros de largura mais ou menos, formado por altas massas de rochas sobrepostas e cahindo de uma altura de tres a quatro metros, com enorme rumor que se prolonga e se ouve a grandes distancias.

Desde a parte superior, alguns querem que haja tres principaes quedas, além de outras menores, intervalladas por bacias em que as aguas formam remanso. A de cima, porém, é antes uma cachoeira entre ilhotas e extensos rochedos do que propriamente um salto. A segunda é mais uma corredeira entre altos rochedos, precipitando-se ahi as aguas com grande fragor. A ultima já está descrita.

Araquá.—Serra á margem direita do rio *Tieté*: entre os municipios de S.

João do Rio Claro, Brotas, Dous Corregos e Jahú.

E' tambem conhecida por *Aracoára*; e assim está escripto em documentos antigos.

Nos ultimos tempos, corromperam-lhe o nome em *Araraquára*.

Araquá ou *Aracoára*, significando «buraco do mundo», de *ára*, «mundo», *quá* ou *quára*, «buraco», exprimiria bem o pensamento do indigena, ao ver essa serra frequentemente envolta em exhalacões, e afigurando-se-lhe que em cima da montanha haveria algum grande buraco, por onde sahiam essas nuvens ou vapores. *Araquá*, denominam assim essas exhalacões os indigenas do rio Amazonas: *ára*, «mundo», *quiá*, «sujeitado»; «sujeitado do mundo».

Em um documento de 1788, o nome *Aracoára* está escripto como significando «morada do dia», *ára*, «dia», *coára*, «buraco, morada». Entenderiam os indigenas, navegando o rio *Tieté*, a ser exacta esta versão, que, nascendo o sol por detrás da cordilheira, alli morava o dia.

Mas, tudo isso é imaginativo; nem tem razão de ser. O verdadeiro nome é *Araquá*, «alerta, torneado, com cinturas».

Allusivo aos picos e suas fórmas, e ás abertas entre esses picos. A serra e seus morros offerecem realmente esse aspecto; e, quando o sol illumina os serros, mostra nestes, mesmo de longe, os picos torneados e com cinturas.

Araquan. — Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de S. Manoel do Paraiso e de Botucatú.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. brasili.*, significa «ilha das araras»! Foi mesmo uma *arara* que elle enguliou, e de mór tamanho.

No mesmo sistema, poderia ser «rio de aracuan». *Aracuan* é uma ave conhecida na sciencia por *Ortolida caunicolis*. Anda pelo chão nos bandos, e aninha-se em arvores altas. De seu canto,

u o nome.

e.

Araquan, corruptela de *Yrù-yiqu* por contracção *Yr'-yiqu'-ã*, «barra de ambos os lados». De *yrù*, «com neiro», *iqué*, «lado», precedido de relativo, *ã*, «em pé, levantado, a pique».

Tambem o nomeiam *Araquá*, corruptela de *Araquá*, «cingido»: o que prime a mesma idéa de ambas as nomenclaturas altas ou barrancas de um e outro lado.

Com effeito, este ribeirão tem as suas duas margens.

Ararapira. — Morro notavel, ao lado do canal que separa do continente ilha denominada corruptamente *Carrasqueira* e serve de limite meridional ás províncias de S. Paulo e Paraná.

E' tambem o nome de um ribeirão que nasce na serra *Cavoca* e desembocam no canal por onde se escoam as águas do mar *Trapandé*; nome este tambem corrupto. O ribeirão *Ararapira*, sujeito ao fluxo e refluxo do mar, tem bancadas arenosas na barra. Este ribeirão ficou em comunicação com o rio *Varadourinho*, província do Paraná, em virtude da abertura de um canal, á custa das duas províncias, depois de 1870.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRESES MARANHÃO, em seu *Glossário das palavras indigenas*, o nome *Ararapira* significa «sitio de peixe-arara»!

Não vale a pena deter a attençao sobre tal significação; porquanto, sem peixe com o nome *pirá-arará* ou *pirá* ter as cores desta ave, é certo que a collocação das duas palavras indica a diferença e não deixa confundir *arapira* com *pirá-arará*: tanto mais que *pirá* do primeiro nome tem o *a* longo e portanto não podia significar «peixe» como no segundo.

Ararapira é corruptela de *Y-rá-pira*, «o duplamente assinalado». *Rá*, relativo, «signal, assinalar», é o tido para duplicar o effeito do sinal levado ao particípio passivo pelo acréscimo da particula *pira* (breve). O *y* inicial tem a pronuncia guttural de *chado*, como os grammaticos ensinam.

Allusivo a ser esse morro, e talvez tambem o ribeirão, o limite entre os *tupis* e os *carijós* nessa região, segundo narram todas as chronicas do principio do seculo XVI.

Araraquara.—Cidade situada em um planalto junto aos morros deste nome, onde ha as denominadas *furnas*.

E' certo que nestes morros, bem como na serra *Jaboticabal*, aninharam-se *araras* aos bando; mas o nome *Araraquara* nada tem com essas aves.

Nasce nestes morros, e corre por entre altos e baixos, um pequeno ribeirão, que é nomeado *Araraquára*.

Serra, no municipio de Batataes. Tambem nasce e ladeia os morros desta serra um ribeirão *Araraquára*, affluente do rio *Sapucahy*, pela margem esquerda, no municipio de Santo Antonio da Alegria.

Com o mesmo nome *Araraquára* ha um affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: no municipio de Santa Izabel.

O nome dos ribeirões, *Araraqudra*, é corruptéla de *Ar-á-ar-á-quár-a*, «successivas quedas e voltas, com poços». De *ar*, «cahir», *á*, «torcer», repetidos, um e outro, para exprimir a successão dos mesmos factos, *quár*, «poço, fojo, buraco», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a saltos e voltas; com poços no leito.

O nome das serras, *Araraquára*, é corruptéla de *Ará-rá-quár-a*, «altos e baixos», repetido semi o *a* inicial, conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, para exprimir a successão do mesmo facto no logar nomeado, *quár-a*, «buraco».

Allusivo á formação dessa cordilheira, cujos morros são desiguais, no espaço de muitas leguas; com buracos e cavernas.

O nome *Araraquára*, por confusão, tem tambem sido dado em mappas á serra *Araquári*, cuja significação é diversa.

(Vide o nome *Araguá*).

Araras.—Cidade.
(Vide o nome *Patrocínio das Araras*).

Araras.—Serra, no municipio de Bragança, atravessando as divisas com a província de Minas Geraes.

Serra, nos municipios de Mogy-mirim, Limeira, S. João do Rio Claro e Araras.

Ao sul da primeira das serras supramencionadas, e ao norte da segunda, ha dous ribeirões com o nome *Araras*. O primeiro deságua no rio *Jaguary*, pela margem direita. O segundo, no rio *Mogy-quassú*, pela margem esquerda: e á sua margem está a villa de Araras.

Araras, nome da serra, é corruptéla de *H-a-rá-ári*, contrahido em *H-a-rá'-rì*, «desigual em cima». De *h*, relativo, seguido de *a* (breve), segundo a regra de duas consoantes, sendo certo que o *h* é o relativo dos nomes que começam por *r* como *rá*, «desigual, encrespado, levantado», *arí*, «sobre, em cima». O *i* final é breve.

Allusivo a ter no cimo, cada uma dessas duas serras, altos e baixos.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: no municipio de Tijuco-Preto. Ha, mais abaixo da barra deste ribeirão, o denominado «Paredão das araras».

Mas, segundo o sistema dos indigenas—de darem denominações identicas ou quasi identicas no som a logares ou cousas diferentes na mesma região, porém com significações diversas, *Araras*, nome de rio ou de ribeirão, é corruptéla de *Araá-rò*, «que se põe doentio». De *araá*, «molestia de febres», *rò*, particula significando «tornar-se, pôr-se», exprimindo qualidade ou condição.

Allusivo a se tornarem maleitosas no tempo das aguas.

Araraú.—Affluente do *Rio Preto*, pela margem esquerda: no municipio de Itanhaen.

Morro, no mesmo municipio.

São na mesma região; mas, quanto sõem identicamente, significam diversamente.

Araraú, nome do ribeirão, é *Araá-arad-aú*, por contracção *Ara'-ra'-ú*, «muitíssimo doentio». *Araá*, «doença, enfermidade», repetido para exprimir successão do facto, e acrescentado com *aú* para exprimir que é defeito natural.

Allusivo a ser muito sezonatico, em todos os tempos. Com efecto, as suas aguas são pretas, provenientes dos pantanaes; e cobertas de *aguapés*. A podridão naquella região é tão grande que, no verão, é preciso viajar de noite, por causa das mutúcas pretas em enorme quantidade, que assaltam os viandantes durante o dia.

Araraú, nome do morro, é *Ar-ar-aú*, «sujo de todos os lados». De *ar*, «ladear, lado», repetido para exprimir mais de um lado, *aú*, «mancha, sujidade».

Allusivo a ser circundado daquelle ribeirão acima descripto e de pantanaes.

Neste morro, ha uma aldéa de indigenas mansos, que vivem miseravelmente.

Araruna.—Affluente do ribeirão *Araras*, pela margem esquerda: no município de Araras.

Nada tem o nome deste ribeiro com o zygodactilo, conhecido por *araruna* ou *aruána*, de que ha duas espécies: a azul-claro, e a azul-ferrete.

Araruna, nome deste curso d'agua, é corruptela de *Araá-húu-na*, «doentio e turvo». De *araá*, «molestia de febres», *húu*, «fezes, borra», *na* (breve), partícula final.

Allusivo a ter a agua turva, e esta produzir molestia de febres.

Este ribeirão tem no leito pedras de ferro.

Arary.—E' o nome de ribeirões ou correlos permanentemente maleitosos.

Arary, corruptela de *Araá-ri*, «perseverantemente doentio». De *araá* «molestia de febre», *ri*, o mesmo que *i*, posição de perseverança.

Ararytaguaba.—E' o nome antigo da povoação, hoje cidade de Porto-Feliz. Em verdade, pouco criterio mostrou, em 13 de Outubro de 1797, quem tirou

ao logar o lindo nome *Araritaguaba*, para substituir-o pelo de *Porto-Feliz*; sem embargo de ter sido nos velhos tempos, para os exploradores e negociantes, o inicio e o termo de grandes riscos e fadigas, nas viagens de ida e volta, com destino aos sertões de Matto-Grosso e de Goyaz.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. brasil.*, o nome *Ararilaguaba* significa «sítio onde as araras pousam sobre pedras para comerem».

E' exacta a explicação: *Arára-itá-guába*. De *arara*, ave cujo nome é este, *itá*, «pedra, penedo», *guába*, verbal derivado de *aú*, «comer», por acabar este verbo em *ú* puro, conforme a regra ensinada pelo padre LUIZ FIGUEIRA em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*; exprimindo *guába* o logar em que se come. Por contracção, *Arar'-itá-guába*.

Com efecto, as araras, para alimentarem-se de sal, pousavam na grande penedia á margem do rio Tieté; penedia essa que exsuda abundante líquido salitroso, produzindo cristalisações. E' mesmo junto á cidade.

Todavia, em um documento de 1727, li o nome *Aritaguába*, corruptela de *Ari-itá-guá-bo*, «pedra torcida em cima». Por contracção, *Ar'-itá-guá-bo*. De *ari*, «em cima, sobre, no alto», *itá*, «pedra, penedo», *guábo*, verbal derivado de *á*, «torcer, entortar», precedido de *gu*, reciproco, e seguido da posposição *bo* (breve), para exprimir o modo de estar. Mas, a tradição tem conservado *Aráritaguába*, certamente por melhor euphonía, e até porque corresponde ao facto, atribuído ás araras, de irem alli alimentar-se de cristalisações salinas.

Convém deixar notado que a natureza da pedra que forma a penedia é *amarelo-claro*; e os indigenas dizem *taguá* (os de Amazonas dizem *tauá*) o que é «amarelo».

Arataca.—Morro ou serrote, no município de Yporanga.

Arataca, corruptela de *Yo-rá-taquá*, «pontas desatadas». De *rá*, «desatar,

esbosar, precedido do reciproco *yo*, «jo» effeito, assim unido a verbo activo, conforme a lição do padre LUIZ FERREIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, exprimir plural, e comunicação de uns para com outros; *táxu*, o mesmo que *háquâ*, «ponta».

Allusivo ao derrocamento comunicativo dos cabeços do morro ou serrote; ou serem rochas eruptivas.

A corrupção foi facil; porque, entre os indigenas, é denominado *arataca* a escadilha para apanhar passaros; e esse nome, tão usado, foi causa da corrupção o nome do morro ou serrote.

Arcos.—Ribeirão pequeno, que nasce na serra *Yporanga*, e depois junta as suas águas ás do ribeirão *Roseira*, pela margem esquerda: no município de Apiahy.

Arcos, corrupção de *Aiçue*, «toreido, mebrado, arqueado». De *á*, «torcer», *içue*, «lado».

Allusivo a formar quasi um arco.

Areado.—Afluente do ribeirão *Piranga*, que por sua vez é afluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: no município de Iguape.

Areado, corrupção de *Araá-bo*, «molesto». De *araá*, «molestia de febre», *bo* (breve), particula para exprimir modo de ser, qualidade, condição, logar.

Com effeito, este ribeirão desce da serrania das *Fornalhas*, e atravessa terrenos mineraes, formando poços, onde as águas escuras, e algumas vezes verdes, aparecem cobertas de espumas.

A' barra do ribeirão *Areado*, está o porto denominado da *Piranga*.

O ribeirão terá tres metros de largura e um de fundo.

Toda essa região é aurifera; além de outros mineraes. O quartzo tem veias negras de manganez; e nos cristaes é encontrada uma pasta de argila, cal, ferro ou manganez, e carvão. Ha tambem pyrite, grande parte do qual já reduzido a óxido de ferro.

Ha vestigios de lavras antigas.

Areias.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Vermelho*, e á margem di-

reita de outro que não é senão um braço daquelle, e conhecido por *João Paulo*.

(Vide estes dous nomes: *Vermelho* e *João Paulo*).

Areias, corruptéla de *Haiê*, «atalho».

Allusivo a ser por ahí mais curto o caminho geral, *Hapé*, corrompido em *Sapé*, hoje, *Jatahy*.

(Vide o nome *Sapé*).

Areias (das).—Afluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: nos municípios de Caconde e de Mocóca.

Até certo ponto corre paralelo com a serra Mantiqueira.

Areias, corruptéia de *Ar-eiñ* «muitas voltas». De *ar*, «ladear», *eiñ*, «muitos».

Allusivo a ser muito sinuoso, ladeando successivamente os montes.

Areias.—Um dos ribeirões que são cabeceiras do rio *Apiahy-guassú*.

Areias é o mesmo *Roseira*, com o nome assim mutilado e ainda mais corrompido do que *Roseira*.

(Vide *Roseira*).

Areias do Gato.—Morro no município de Yporanga.

Areias do Gato, corrupção de *Ar-heyî-gu-yî-ta*, «rasgado, ao lado, e ôco». De *ar*, «lado», *heyî*, «rasgar», *gu*, reciproco, *yî*, «caverna, ôco», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino. O som guttural de *y*, em uma e em outra palavra, é o de *a* fechado. E bem difficult é a pronuncia deste nome:—dahi essa corruptéla disparatada, de sorte que não ha sentido algum em *Areias do Gato*.

Allusivo a ser cavernoso e ôco este morro.

Neste morro ha uma gruta notavel por sua extensão:—mais de 13 kilómetros. E um ribeirão a percorre, formando boqueirão de mais de 50 metros. A 6 kilómetros, mais ou menos, da entrada da gruta, no interior desta, ha duas massas de stalagmites representando um throno e um pulpito.

Areranha.—Afluente do *Rio Verde*, pela margem direita: no município de S. João Baptista do Rio Verde.

Areranha, corruptela de *Ar-ar-ã-ña*, «successivas quedas a pique e corredeiras». De *ar*, «ahir», repetido para exprimir a successão do facto, *ã*, «em pé, a pique», *ña*, «carreira, corredeira, correnteza».

E' um ribeirão pequeno.

Nada tem com a *ariranha* ou *lontra brasiliensis*.

Aricandúba.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Aricandúba, segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. bras.*, significa «cannavial das araras». Foi mais uma arara que elle engulin.

Cannavial! E' sabido que a palavra *candyba*, em tupi, foi formada após o estabelecimento dos portuguezes, depois que elles introduziram a canna de assucar na capitania de S. Vicente e sucessivamente nas outras. E essa palavra exprimia, não só *ca-nd-ib-a*, «arvore da canna», mas tambem e principalmente *candù-ib-a*, contrahida em *cand-ib-a*, «arvore torta», allusivo a entortar-se a canna de assucar quando muita cresceda. O indigena tambem denominava-a por sua fórmula exterior, *taquár'-êê*, «taquara doce»: *êê*, «doce, saboroso, gostoso». Tambem com mais propriedade a denominaram *tacémvare*, pronuncia de *tá-cêemb-ára-é*, contrahida em *ta-êê-mb-árá-é*, «espiga muitissimo saborosa»: de *tá*, «espiga», *êê*, «saboroso, doce, gostoso», *mb*, intercalação nasal, *ára*, particula de participio activo para exprimir qualidade da pessoa ou da cousa, *é*, para exprimir distinção com superlativo: allusivo a nascer como *espiga*, e ser dulcissimo. O nome *taquár-êê* é improprio, porque *ta-quár-a* é «espiga furada»: e a canna de assucar não é ôca.

Seja como fôr, não sendo tupi a palavra *canna*, MARTIUS fez o que fazem em geral os estrangeiros. Nem *ari* tem relação alguma com *arára*.

A canna de assucar é uma graminea oriunda do Indostão, na Asia. Foi introduzida na Persia antes do seculo V; e *dali os arabes a levaram para a Syria*,

no seculo VII. Da Phenicia, no seculo XI, os Cruzados a levaram para a Sicilia, na Europa. No seculo XIV, todos os paizes africanos do Mediterraneo a cultivavam; além da Sicilia, e de alguns logares meridionaes da Hespanha. Da Sicilia, segundo JOÃO DE BARROS, foram mudas para a ilha da Madeira, no seculo XV. E dahi para o Brazil, no seculo XVI. *Aricandúba*, portanto, nada tem com essa graminea.

E' certo que PIGAFETTA, que em 1519 navegava na esquadra de Fernando de Magalhães, referindo-se á estada no porto de *Santa-Luzia* (nome dado por Magalhães por ter ahi entrado em 13 de Dezembro), depois Rio de Janeiro, menciona presente de taquaras dulcissimas, feito pelos indigenas! Não seria *canna crioula*?

Aririáia.—Serra entre o *Mar Pequeno* e o rio *Jacupiranga*: nos municipios de Iguape e de Cananéa.

Araridá é o braço de mar entre a ilha *Cananéa* e o continente.

E' tambem o nome de douis ribeirões: *Ariridia-ucú* e *Arariaia-mirim*: formando uma unica barra no *Mar-Pequeno*.

E' tambem o nome de uma lagôa. (Vide o nome *Itinga*).

Mas, antes de verificar a origem deste nome, convém trasladar para aqui o que o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu:

«Sahindo para fóra do pontal feito pelo morro e ilha (Cananéa), que decorre desde Iguape até aqui, vae darse á bahia de *Trepandé*, que não é outra cousa mais que o ponto de reunião das aguas deste braço de mar com o de *Arariaya* ou mar que fica por detraz da ilha... Sahi da barra, entrei na bahia, de onde me dirigi ao mar de *Arariaya* para ir examinar, de sul a norte, os rios que desaguam em dito mar... O rio de *Arariayussú* é abundante de madeiras de construcção: entrei por este rio dentro com o designio de

ir dar em umas lavras de ouro, bem que pobres, que aqui antigamente houve, só a fim de ver os crystaes de rocha que nellas se encontram, mas não foi possivel o guia dar com elles.»

Para verificação do nome desses ló-
gares, a transcripção supra adianta muito pouco.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRA-
ZERES MARANHÃO, no *Glossario de pa-
lavras indigenas*, o nome *Aririáia* signi-
fica «palmeira saudavel ou saborosa». Erro.

Aririáia, corruptéla de *Ári-ári-á-i-a*, pronunciado ás vezes, contrahido em *Ár'-ári-á-i-a*, «sobrepostas umas ás outras, e erectas». De *ári*, «sobre», repetido, para exprimir a successão do mesmo facto, *á-i*, «erectas, tesas», com o acrescimo de *a* (breve) para formar infinitivo.

Allusivo a formar a serra varias ca-
madas, superpostas umas ás outras; e de tal modo alcatiladas as encostas que parecem paredões.

Arariáia, nome do braço de mar, é corruptéla de *Ár-ar-i-á-i-a*, «duas mar-
gens, e altos e baixos». De *ár*, «clar-
dear», repetido para exprimir mais de um, *i*, o mesmo que *ri*, para exprimir mutuo, isto é, as duas margens, *á-i*, «não
liso, altos e baixos», com *a* (breve) para formar infinitivo.

Allusivo a ser estreito e com margens como um rio; e a ter muitos cómorus de areia.

Como já temos notado e observado, os indigenas sofam dar a logares varios, na mesma região, nomes com soin iden-
tico ou quasi identico, mas com signifi-
cados diversos.

Assim, o nome *Arariáia*, que tem a lagôa, é *Araú-ri-áyè*, «muito e suc-
cessivamente doentia». De *araú*, «doença», *ri*, «successivamente», *ayè*, «muito». Allusivo a produzir febres. *Arariáia*, nome dos dous ribeirões, é a mesma corruptéla, por causa da mesma qualidade da agua, denegrida por oxido de ferro, sendo que, por syncope, alguns pronunciam *Arirara-
uçú*, relativamente a um desses ribei-
rões.

Ariró.—Serra entre as províncias de S. Paulo e do Rio de Janeiro; ou, antes, nas divisas das duas. E' tambem co-
nhecida por *Carióca*.

Ariró, corruptéla de *Ari-rô*, «em cima, revolto». De *ari*, «em cima, sobre, no alto», *rô*, «revolver, revolto interiormente».

O nome *Carióca* exprime o mesmo facto. De *cá*, «quebrar», *ri*, intercalação para exprimir simultaneidade, *óca*, supino de *óg*, «sacar, arrancar»: «sacado, e ao mesmo tempo quebrado».

Allusivo ao derrocamento geral que alguma sublevação interior operou nessa serra.

Arpoár.—Ponta no municipio de S. Sebastião, ao norte, em frente á ponta septentrional da ilha.

Arpoár, corrupção de *Yapuá*, «re-
dondo».

E', com efecto, redonda essa ponta; e antigamente ahi existia um fortim.

Arrelá.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no munici-
pio de Xiririca.

Pelo sistema de MARTIUS, o nome *Arrelá* poderia ser corrupção de *Arerá*, significando «rio de arerá». O arerá é o *ariranha*; e com aquelle nome está mencionado este quadrupede no *Roteiro Geral* por GABRIEL SOARES DE SOUZA, cap. 101. E' uma especie de lontra; mas não deve ser confundida com o *yandu*, denominada *Lutra brasiliensis*. A cabeça é chata e larga, as orelhas pequenas, o corpo longo, as mãos com cinco dedos compridos e ligados por uma membrana, unhas curvas e agudas. Pello pardo cinzento escuro. São mergulha-
dores. Fazem seus ninhos em buracos, á ribanceira dos rios. Alimentam-se de peixes e camarões.

Mas, esse pequeno corrego nada tem com o *arerá* ou *ariranha*.

Arrelá é corrupção de *Aré-rá*, «cahe e se desata». De *áré*, «cahir e no mesmo acto nascer», *rá*, «desatar, descoser».

Allusivo ao facto de, ao cahir da serra, esparzir suas aguas, formando uma pe-
quena lagôa.

Arrepêndido.—Serra, entre os municípios de Casa Branca e de Santa Cruz das Palmeiras.

Afluente do ribeirão Tambahú, pela margem direita: no município de Casa Branca.

Nasce naquella serra.

Arrepêndido, nome da serra, é corrupção de *Ar-é-pendi*, «encostas carcomidas e ôcas». De *ar*, «lado», *é*, «concavo, ôco», *pendi*, o mesmo que *petí*, tornado nasal por causa do *é*, que o antecede, «carcomido».

Allusivo a cavernas e grutas nas suas encostas.

Arrepêndido, nome do corrego, é corrupção de *Aré-pê-ndi*, «muitas dobraduras e lento». De *aré*, «tardar, vagar, lento», *pê*, «dobrar, torcer», *ndi*, «muitos».

Allusivo a ser excessivamente sinuoso; e dahi a sua pouca correnteza.

Arujá.—Ribeirão afluente do ribeirão Bacururú, pela margem direita: no município de Mogy-das-Cruzes. Também este corrego é conhecido pelo nome de *Bacururú-mirim*.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, no seu *Glossario de palavras indigenas*, o nome *Arujá* significa «morada de sapos»!

Mas, não ha nessa palavra referencia alguma a sapos.

Arujá, corruptela de *Arú-yáu*, «lamamento, limoso.» De *arú*, «ter alguma cousa em si», exprimindo a qualidade do objecto, *yáu*, «limo, lama, sarro, folhagem secca e detritos vegetaes».

Allusivo a ser muito sujo de limo, lama e detritos vegetaes esse corrego.

A povoação, conhecida pelo nome de *Arujá*, tirou-o do ribeirão a cuja margem direita está.

Também provir de *Aroyá*, «pegal-o pegando-se com elle», o nome *Arujá*: é o verbo *Ayá*, «pegar», com a intercalação de *ro* para significar acção comum de dois ou mais. Allusivo a reunirem-se, mesmo na povoação, duas cabeceiras que formam o *Bacuruvú-mirim*.

O ribeirão por suas duas cabeceiras nasce na região entre as duas serras

Cantareira e *Itapety*, que ahí se pegam.

Assacoéra.—Nasce na serra *Moniquáuá*, e desagua no rio *S. Vicente*, pela margem direita: no município de S. Vicente.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, o nome *Assacoéra* significa «volta do rio».

Mas, ainda é um erro. *Assacoéra* é corrupção de *Ie-acidá-cuéra*, «cortado». De *aciá*, «cortar», precedido do reciproco *ie* para exprimir a ação do agente sobre si mesmo e levado ao preterito pelo acrescimo *cuéra*.

Allusivo a ser cortado em certo ponto, ahí despenhando-se da serra.

Assunguy.—Afluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: no município de Iguape.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, o nome *Assunguy* significa «rio de agua azulada». Seria exacto, se fosse *i çugui*: de *i*, «agua», *çugui*, «azul».

Assunguy é corruptela de *Açoi-gui*, «encoberto». De *açoi*, «tapar», *gui*, «parte inferior, baixo».

Allusivo a correr suas aguas por baixo dos rochedos, ficando encobertas ou tapadas em varios logares.

Este rio precipita-se da serra em varios saltos, com grande estrepito; e sua queda das serranias é de mais de trezentos metros. Sobretudo, no tempo das chuvas, o rumor de suas aguas é ouvido na distancia de leguas.

E' de uma correnteza extraordinaria; e essa rapidez, em uns logares com quedas entre frestas e canaes abertos nos rochedos, tem sido calculada de mais de trinta metros em 15 segundos.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diário de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno do 1805*, referindo-se a este ribeirão, escrevem:

«Entrei, enfim, á esquerda no rio de *Assoungui*. Passadas tres ou quatro vol-

tas, vae ter-se ao primeiro salto: o rio, *minando as livasias que entre si deixa a rocha granitica*, corre por diversas apertadas boccas, fazendo grande ruído;... a rocha acha-se em parte furada pelo continuo embate das aguas.... Decorrendo as margens até perto do segundo salto, observei o seguinte: córregos nascentes dos morros, que demoram nestas alturas; os mesmos blócos da rocha granitica já mencionada; e, nas faldas de um tezo sobranceiro ao rio, pedaços de um barco muito ochraceo e talcoso, já com a natureza fissil dos schistos».

Esta narração explica assás o nome.

Atibaia.—Cidade situada á margem esquerda do rio *Atibaia*, sobre uma collina.

E', pois, o nome do rio; e a povoação o recebeu deste.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, o nome é *Tibaya* e significa «rio da feitoria». E' simplesmente um disparate, attendendo-se a que esse nome, com referencia ao rio, é anterior á conquista e ao estabelecimento dos portuguezes.

Este rio nasce no denominado *Morro Sellido*, formando duas cabeceiras, o *Cachoeira* e o *Atibainha*; e, desde que recebe as aguas do rio *Jaguary*, engrossa e toma o nome *Piracicaba*.

Atibaia, corruptéla de *Tipái*, «rio alagado». Por isso, os antigos diziam *Tibáia*, e não *Atibaia*. De *ti*, «rio», *pái*, aphéresis de *iupá*, «lagoa, alagadiço», *i*, posposição significando «em».

Allusivo a correr em varzeas extensas, por entre alagadiços.

Com effeito, desde as suas duas cabeceiras, corta varzeas successivas, alagadas completamente no tempo das aguas. E' certo que ás suas margens, mas em distancias, ostentam-se em fila montanhas; porém, o caracteristico do rio é o curso em varzeas.

Ha serra *Atibaia*?

(Vide *Santo Antonio da Caxoeira*).

Se ha, é a mesma corruptéla—*Ti-pái*, «morro dependurado». De *ti*, «montão», *pái*, «dependurar».

Atuahy.—Cachoeira no rio *Tieté*; entre a *Itaporú* e o salto de *Itú*: no município de Itú.

Um corrego, que ahi desagua pela margem direita, tem tambem este nome.

Esta cachoeira é mencionada por PEDRO TAQUES, na *Nobiliarchia Paulistana*, a propósito da fazenda de cultura de Salvador Pires, sogro de Bartholomeu Bueno da Ribeira, e portanto avô de Amador Bueno da Ribeira.

Atuahy, corruptéla de *Itú-ai-i*, «salto e sucessivos arrecifes». De *itú*, «salto, quēda d'água», pronunciado o *i* inicial com o som de *a* fechado, *ai*, «cousas salientes, altos e baixos», *i*, posposição de perseverança. Por causa daquella pronuncia do *i* inicial, alguns dizem *Atú-ái-i*.

Allusivo ao salto que ahi existe, e ao canal, á margem direita, muito estreito, semeiado de pedras, umas debaixo, outras aparecendo acima da superficie das aguas, correndo estas ahi extraordinariamente.

Atuchy.—Affluente do rio *Capirary*, pela margem esquerda: nos municipios de Capivary, Itú e Tieté.

Deve ser escrito *Itú-qui*, «saltinho». De *itú*, «salto, quēda d'água», pronunciado por alguns o *i* inicial como *a* fechado, *qui*, «pouco, pequeno». Por causa da pronuncia sobredita, alguns dizem *Atú-qui*. Alguns escrevem *Atúaqui* e *Atúxi*.

Avacúcaya.--Cachoeira no rio *Tieté*: no município de Porto-Feliz, ácima desta cidade.

Avacucáya, corruptéla de *Há-cûe-quáî*, «talhado e com garganta». De *há*, «talhar, cortar, tronchar», *cûe*, particula do preterito, com referencia ao verbo *há*, que a antecede, *quáî*, «estreitar, fazer garganta ou cintura».

Allusivo a ter ahi o rio um degrão de pedra, sobre o qual montam as aguas para precipitarem-se por um canal ou garganta, com o desnivelamento de 0,"50 por 150 metros.

Avanhandava.—Salto notável no rio *Tieté*. Antes deste salto, ha uma corredeira conhecida com o nome de *Avanhandava-mirim*.

Com o nome *Avanhandara*, ha naquelle logar, á margem direita do dito rio, uma povoação, que foi colónia militar.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. brasil.*, o nome *Aranhandara* significa «logar em que aparecem phantasmas». O indígena caçou certamente com o sabio viajante.

Aranhandara é corruptela de *Ayê-anhã-d'-aba*, «logar de correnteza excessivamente veloz». De *ayê*, para exprimir o superlativo da ação do verbo, ao qual é preposto *anhã*, «correr, correnteza, velocidade», *daba*, o mesmo que *ába* recebendo o *d* por causa do som nasal de *anhã*, e exprimindo neste caso o logar.

Nas *Notícias Práticas* do capitão J. A. CABRAL CAMELLO, sobre as viagens ás minas de Cuyabá no anno de 1727, o nome deste salto está escrito—*Panhandabá*, que «é um despenhadouro bastante alto, nelle se varam as canões por terra pela parte direita, e com ellas as cargas em distancia de um quarto de legua, pouco mais ou menos». E' erro *Panhandabá*.

A altura do salto é de 11,^m66 e a extensão de 315.^m E' uma quēda magnífica; e ainda depois, entre ilhotas e penedos, as águas revoltas soffrem outras quēdas mínimas.

Precedendo este salto, o rio *Tieté* tem uma extensão de cerca de 152 kilómetros, a começar da corredeira *Escaramuça*, abaixo da foz do rio *Jacaré-pepira-guaçú*; e ahí nessa extensão é pouco corrente, parccendo *rio morto*.

Abaixo deste mesmo salto, o rio *Tieté*, em extensão de mais de 100 kilómetros, espraiá-se, tornando-se pouco profundo e apresentando muitos baixios e cachoeiras.

Avaré.—Morro granítico muito elevado, no município de Rio Novo.

Avaré, corruptela de *A-bir-é*, «isolado e altíssimo». De *a*, para exprimir superlativo, *bir*, «levantar, elevar, ser alto», é, «isolado, só, apartado». A mu-

dança do *b* em *r* foi obra de portuguezes. O resto veiu depois.

Allusivo a estar isolado no campo, e a ser muito alto.

Avaré.—Nome recentemente dado á villa do Rio Novo, quando foi elevada á cidade.

E' tirado do morro do mesmo nome. (Vide o nome *Rio Novo*).

Avarehy.—(Vide o nome *Arerehy*).

Avarémanduava.—Cachoeira no rio *Tieté*: no município de Porto Feliz.

O capitão J. A. CABRAL CAMELLO, nas *Notícias Práticas*, sobre a viagem ás minas de Cuyabá, no anno de 1727, descendo o rio *Tieté*, desde Porto-Feliz, escreveu por informação o seguinte: «... um salto *Abarémanduaba*, por cahir nelle o venerável padre José de Anchieta, e ser achado dos indios debaixo da agua rezando no Breviario». E outros têm repetido esta explicação do nome.

Além de ser duvidoso que por lá andasse aquelle apostolo da gentilidade brasileira, é certo que o nome tem aplicação verdadeira na língua tupi.

Já li o nome *Araranhanduba*, também dado a esta cachoeira.

Acarémanduára, corruptela de *I-yér-i-mâ-nd-o-á-lo*, «cahe do alto e faz rodomoinhos», *i*, «água», com pronúncia de *a* fechado, *yér-e*, «torcer, dar volta», *mâ*, «enfeixar, reunir estreitamente, retorcer», *nd*, intercalação por causa do som nasal de *mâ*, que é ligado a *o-á-bo* verbal derivado de *á* «cahir do alto», precedido do reciproco *o* e seguido de *bo* (breve) para exprimir o modo de estar.

Allusivo a formar o rio ahí um canal de cerca de 5 metros, rompendo o paredão de pedra que o atravessa nesse lugar; com corredeira, quēda e rodomoinho na extensão de mais de 50 metros.

A parte do paredão, correspondente ao canal referido, sofreu destruição, para facilitar a navegação de um vapor do Engenho Central de canna. Ha dous canaas menores no mesmo paredão.

Acima da cidade de Porto-Feliz, ha outra cachoeira menor com o nome

Ararémanduára-mirim. Forma-a um dique, que, represando as aguas, forçou a abertura de um canal estreito para seu escoamento em rodomoinho.

Avecúia.—Affluente do rio *Ticté*, pela margem esquerda: no municipio de Porto Feliz.

Cachoeira no rio *Ticté*, proxima á fó daquelle ribeirão: no mesmo municipio.

Segundo o sistema dos indigenas, embora soando quasi identicamente os nomes do ribeirão e da cachoeira, a significação de um e de outro é muito diversa.

Arecúia, com referencia ao ribeirão, é corruptela de *Y-yé-cuí*, «o que se deixa cahir». De *y* relativo com a pronuncia de *a* fechado, *yé*, nota de reciproco para exprimir a accão da pessoa ou da cousa sobre si mesma, *cuí*, «cahir, cahir-se». A particula *yé* não é, neste caso, precisamente nota de reciproco; é mais uma nota de passivo, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarany*, e a do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo ás quédas que este ribeirão dá, descendo dos montes; prestando-se o terreno, em outras direcções, a curso menos accidentado.

Mas, com referencia á cachoeira, *Arecúia* é corruptela de *Y-yé-quâ*, «esquinado». De *y*, relativo, *yé*, nota de passivo, *quâ*, «esquinhar-se, fazer ponta aguda».

Com effeito, a cachoeira é ali fornada por um penedo de forma esquinada, que se prolonga de outro quadrangular. Já têm sido feitos trabalhos para a destruição da esquina.

Pelo sistema de MARTIUS, o nome *Arecúia* significaria «sitio em que abundam cílias»; dizendo provir da «*cuieté*», conhecida na sciencia por *Crescentia cujete*, da familia das Bignoniacées, e cujo fructo, dividido ao meio, fornece vasilha que supre o prato, a malga, a tigela, o cópo, etc., e que é feita das duas metades concavas, depois de extraída a polpa interior: é a *cíuya*. Mas, aberto sómente junto ao pedunculo, e

também extraída aquella polpa, forma a *cíuya-mbuca*, para guardar ou conduzir líquidos, por si só, ou envolvida em uma rede de fibras: de *cíuya*, «vasilha», *mbúca*, verbal derivado do verbo *pág*, «futar, arrebentar», mudado o *g* em *ca* (breve), para formar supino, significando «cíuya furada». E incorrectamente muitos escrevem e dizem *cumbica*. Além de fornecer o vasilhame já referido, a polpa interior tem applicação medicinal, como anti-tetanico e spasmodico, na hernia e na morphéa. Emfin, é conhecida a industria de *cílias* lindamente pintadas, com cores fixas, pelos indigenas do valle do rio Amazonas.

Mas, *Arecúia* nada tem com essa arvore nem com o seu fructo. É simplesmente *Y-yé-quâ*.

Avenca.—Morro, no municipio de Cananéa.

Arenca, corrupção de *Ayè-ē-qua*, «muito ôco e tramado». De *ayè*, «muito, excessivo», *ē*, «concavo, ôco», *qua*, com pronuncia breve, «trama, tramado».

Allusivo a ser muito gretado; mostrando que poderá ter no interior cavernas com stalagmites e stalactites.

Neste morro passa um ribeirão, cuja agua torna-se morna: é o *I-tacú-roi-çâi*, «agua que deixa de ser fria para ser morna». De *i*, «agua», *tacú*, «calor», *roi*, «frio», *çâi*, «cessar». Isto é, «agua quente, por cessação do frio».

Allusivo ao facto de receber quentura só quando atravessa o morro *Avenca*.

Averehy.—Volta do rio *Parahyba*, em frente á cidade de Jacarehy.

(Vide o nome *Jacarehy*).

Averehy, corruptela de *I-ycrè-éi*, contrahido em *I-yere'-éi*, «volta desnecessaria do rio». De *i*, «rio, agua», *yere'*, «volta», *éi*, «inutil, ocioso, sem necessidade, sem fim algum, sem causa, de cacoada». O *i* inicial soa como *a* fechado.

Allusivo a uma volta inutil do rio nesse lugar.

Alguns dizem *Ararehy*, e explicam que significa, «agua do padre», *abaré-i*, por ter-se afogado ahi um jesuita! Mas, é uma estulticia.

Neste logar já houve trabalho do homem para indireitar o rio; mas a natureza não é de facil correção e as grandes enchentes deixam ver isso.

Aytinga.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita.

Aytinga, corruptéla de *Aî-tynga*, «atado e com altos e baixos». De *aî*, «altos e baixos», *tynga*, verbal derivado de *ty*, «atar», com *nga*, para formar supino.

Allusivo a correr entre penedos, e sobre cachoeiras.

Azeite.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Affluente do rio *Itariri*, pela margem esquerda: no município de Iguape. Este rio *Azeite*, antes de desaguar no *Itariri*, recebe o *Guanhan*; e ambos formam o *Itariri*, que desagua no rio *S. Lourenço*.

Azeite, corrupção de *A-ccî-ta*, «caído de repente», de *a*, «cair», *ccî*, «de repente, de roldão», em fórmula de supino pelo accrescimo do sufixo *ta* (breve),

conforme a lição do padre A. R. DE MASTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo ao facto apparente de calirrem de repente, depois de terem nascido; formando catalupa.

São claríssimas suas aguas.

Embora o verbo *a* não faça supino com o sufixo *ta* (breve), veiu a fazê-lo por causa da intercalação de *ceî*, formando o verbo composto *á-ceî*, «calir de repente», conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de gramática da lingua brasiliaca*.

Azul.—Affluente do rio *Capicary*, pela margem esquerda: no município de Monte-môr.

Azul, corruptéla de *I-húú*, «agua pôdre». De *i*, «agua», *húú*, «pôdre, desfeito». O *h* é aspirado; e na pronuncia parece *c*. O *i* soa *a* fechado.

Allusivo a ter este correjo aguas quasi estagnadas.

Azul.—Morros, e serra.

(Vide os nomes *Morro-Azul* e *Serra-Azul*).

B

Bacaetaba.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no município de Campo Largo de Sorocaba.

Este corrego nasce na serra *Araçoiaba*: tem tambem o nome *Taboão*.

Bacaetaba, corruptéla de *Báquâ-itá-ába*, por contracção *Báquâ-itá-'ba*, «corre em declive e aos degráus»: de *báquâ*, «correr», *itá*, «estante, armação, pilar, cousa que em outra se estriba», com o suffixo *ába*, para exprimir modo de correr. Com quanto *itá* seja substantivo, ficou neste caso como parte do verbo *baquâ*. Os degráus são formados de schistos horizontaes.

Bacuruvú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: nos municipios de Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes. O corrego *Arú-yáu*, seu affluente, é nomeado tambem *Bacururú-mirim*.

(Vide *Arujá*).

Bacururú, corrupção de *Baquâ-ro-yáu*, «muito corrente, e com alagadiços». De *baquâ*, «corrente, velocidade, força, porfia», *ro*, intercalação para exprimir simultaneidade, *yáu*, «alagadiço, banhado, lagôa».

Allusivo a ser muito corrente este ribeirão; produzindo, não obstante, muitos banhados em suas margens.

Bacury.—Grande lagôa, á margem do ribeirão das *Palmeiras*: no município do Espírito Santo de Barretos.

Bacury, corruptéla de *Mbo-quér-ii*, «suja, por ser sem correnteza». De *mbo*, particula activa, *quér*, «dormir, repousar, não mover-se», *ii*, «suja, manchada».

Allusivo a ter quasi paradas as suas aguas, com lodo ao fundo, e com limo á superficie.

Nada tem, portanto, este nome com a excellente fructa *bacuri*, que abunda no interior das provincias do Maranhão e do Piauhy.

Bacury.—Serrote, no municipio de Piracicaba.

Bacury é corruptéla de *Mbo-aquir-ii*, «frouxo com resvaladouros». De *mbo*, particula activa, *aquir*, «afrouxar, ser frouxo», *ii*, «resvalar». Por contracção *Mb-aquir-ii*.

Allusivo a esboroar-se de alto a baixo, formando resvaladouros.

Bacury.—Corredeiras no rio *Tieté*, precedente á cachoeira *Itupirú*.

São duas: a *guacú* e a *mirim*.

Bacury, corruptéla de *Mbo-curi*, «que faz pressa». De *mbo*, particula activa, *curi*, «apressar, pressa».

Allusivo á grande correnteza das aguas nesses logares.

Alguns escrevem *Vacury*: mas é erro.

Li em uma carta geographica da província de S. Paulo, impressa pela Companhia Mogyana, os nomes *Vacurytuba* e *Vacurytuba-mirim*. O *tuba* foi exsertado a martello.

Bagres (rio dos).—Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem direita: no município de Franca do Imperador.

Bagres, corrupção de *Báquâ*, «corrente, veloz». São a mesma cousa *báquâ* e *cabáquâ*; e precedido de *ti*, for-

mundo tî-báquâ, significa «água corrente». O *tî*, mudado em *ri*, é usado; dahi *Ribáquâ*.

E' diamantino.

Baguary.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita; pouco ácima da cachoeira *Itupirú*.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, significa «rio do passaro socô».

Baguary é ave conhecida na sciencia pelo nome *Ciconia americana*. Do genero das cegonhas. E' melhor escripto *mbaguari*. Semelha a garça, mas é pardilha.

Parcece que o *socô* é especie diversa da do *mbaguari*; ainda que do mesmo genero dos Longirostros. Vive nas margens dos rios e lagos; alimenta-se de peixes, camarões e mariscos.

Nada, porém, tem este curso d'água com a ave *mbaguari*.

Baguary, corruptela de *Báquara-i*, por contracção *Báquâr-i*, «perseverantemente corrente». De *báquâ*, «corrente, velocidade, força, porfia», levado ao particípio pelo accrescimo *ára*, significando «corredor, corrente», *i*, posposição para exprimir perseverança.

Bahú.—Pico enorme na extremidade dos denominados *Campos do Jordão*, na serra Mautiqueira, e contraforte *Soares*: município de S. Bento de Sapucahy. Este pico é geralmente conhecido por *Pedra do Bahú*, por ter no cimo uma pedra de enorme dimensão.

Iahú poderia ser corruptela de *Tuú*, «phantasma»; e é tambem pronunciado *hmí*. O *h* é sempre aspirado. Por ser difícil, e talvez mesmo impossivel, subir a essa pedra, por causa do muito limo e de outras circumstancias locaes, a credice dos indigenas tomaria esse penedo por um phantasma. Estando ácima do nível do mar mais de 1,800 metros, é avistado na distancia de muitas leguas em redor.

Mas, o nome é simplesmente *Mbo-ñ*, «resvaladio». De *mbo*, partícula activa, *ñ*, «resvalar, escorregars».

Allusivo ao muito limo, que cobre a superficie, por todos os lados, e que faz escorregar quem tenta subir-o. O som é *Mboú*, porque o primeiro *i* é guttural.

Bahú-guassú.—Monte de mediana altura, e pouco saliente, na costa entre as praias de *Peruhibe* e da *Juréa*; procedente das ramificações da serra *Ilhins*.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, significa «sítio do grande velho». Simplesmente um não senso...

Bahú-guassú é corrupção de *Paúng-u-açú*, «entre altos e baixos». De *paú* «entre», mudado o *p* em *mb*, por não haver palavra antecedendo *paú*; *ng*, por ser nasal o som da pronuncia de *paú*, e mais *u*, porque o *g* reclama quasi sempre o *u*; *açú*, «altos e baixos».

Applicarei a este morro o que, ácerca do denominado *Peruibe*, escreveu o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, no *Diario de uma viagem mineralogica pela província de São Paulo no anno de 1805*: «...este morro divide-se em diferentes cabeços, e por consequencia em diversos valles; em quasi todos os valles, ribeirões...».

Esta morraria é que tinha o nome *Mbaúng-u-açú*: e o mais alto desses cabeços é o *Guarahú*, tambem elevado de corruptela.

Bairro-Alto.—Povoação-freguezia, no município de Parahybuna.

Baixo-aterro.—Affluente do rio *Sesmarias*, quo por sua vez é affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita; entre os municípios de Barreiro e Areias.

Baixo-aterro, corrupção de *Báquâelei-rô*, «muitíssimo corrente». De *báquâ*, «corrente», *elei*, para exprimir superlativo, *rô*, «por-se, estar».

Allusivo a correr veloz.

Bam-Bam.—Serra, no município do Espírito Santo da Boa Vista; mais conhecida pelo nome *Serra do Ribeirão Grande*.

Este nome *Bam-Bam* está hoje fixado apenas em um logar da serra; mas é o da serra inteira.

Bam-bam, corruptéla de *Bang-bang*, «excessivamente torcida». De *bang*, «cousa torcida», repetido para exprimir excesso.

Allusivo a formar uma curva, com extensão superior a 13 kilometros sobre 6^m,6 de largura, mais ou menos.

Nesta serra, exactamente no logar que traz o nome *Bam-bam*, ha uma arvore notável, com a denominação *Carapucúba*, cujos galhos são dispostos de modo a formarem com o tronco uma cruz perfeitissima; tem a altura de quatro metros, rodeada de outras da mesma especie, porém menores, com a mesma forma.

Bananal.—Cidade, á margem do rio do mesmo nome, affluente do rio *Purahyba*, pela margem direita: no municipio de Bananal.

E' tambem o nome:

De um affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: nos municipios de Iguape e de Xiririca.

De um affluente do rio *S. Lourenço*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

De um affluente do rio *Juqueryquerê*, pela margem direita: no municipio de S. Sebastião.

De um affluente do rio *Itapanhaú*, pela margem esquerda: no municipio de Santos.

De um affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no municipio de Ribeirão-Preto. A fóz deste ribeirão está o denominado *Porto do Bananal*.

Segundo o sistema de MARTIUS e outros, *Bananal* significaria «rio em cujas margens abunda a *banana*». Mas, nem *banana* é palavra tupi, nem a fructa assim denominada tinha no Brazil esse nome, senão o de *pacobá*. O nome *banana* é do idioma fallado na ilha de S. Thomé, com referencia á fructa conhecida por *banana de S. Thomé*, por ter sido dahi importada. Os povos brasileiros dizem: *pacobái*, a arvore do pacobá; *pacobárári*, o cacho; *pacobarob*, a folha; *pacobá-rebire*, ou *pacobá-polí*, a flor,

na ponta do cacheo; *pacobá ribapé*, a casca da arvore. A fructa pequena ou pequenina, *pacobáhy*.

Com effeito, o nome *Bananal* não tem relação alguma com essa fructa.

Bananal, corruptéla de *Mbo-ã-nâ-nâ-á*, por contracção *Mb'-a-nâ-n'-á*, «empinado, muito corrente, e sinuoso». De *mbo*, particula activa, *ã*, «empinado», *nâ*, «correr», e repetido para exprimir superlativo, *á*, «torcer, fazer voltas».

Allusivo ao forte declive do leito, á muita correnteza das aguas, e ás sinuosidades do curso.

Ao lado occidental da cidade, ha um ribeirão que se precipita da serra, da altura de mais de 200 metros, formando cascata.

Na mesma serra existe uma pedra ponteaguda, de forma conica, de 100 metros de altura, mais ou menos.

(Vide o nome *Prata*).

Bananal.—Corredeira no rio *Ribeira de Iguape*: no municipio de Xiririca.

Bananal, corruptéla de *Mbo-ã-nâ-nâ-á*, por contracção *Mb'-ã-nâ-n'-á*, «corredeira em forte declive, torcida». De *mbo*, particula activa, *ã*, «empinada», *nâ*, «correr», e repetido para exprimir superlativo, *á*, «torcer, fazer volta».

Com effeito, esta corredeira é entre montes lateraes, que formam ilhas e parades; ao mesmo tempo que as aguas descem em forte declive.

Dizerem *Bananal-grande* com referencia a esta corredeira, é um erro, por terem corrompido o nome do serrote, cujo nome vai adiante, e foi corrompido em *Bananal-pequeno*.

Bananal.—Duas ilhas no rio *Ribeira de Iguape*: no municipio de Xiririca.

Uma é *Bananal Grande*; outra, *Bananal Pequeno*.

Bananal, nome de cada uma destas ilhas, é *Pañ-nâ-á*, «ilha ladeada de corredeiras». De *pañ*, «ilha», *nâ*, «correr, corredeira, correnteza», *á*, «ladear, ser ladeado». Muitas vezes o *p* inicial é mudado em *mb*: por isso o nome acima podia ser pronunciado *Mbâñ-nâ-á*.

As denominações *grande* e *pequeno*—, com referencia a estas duas ilhas, nada têm com a lingua tupi; assim, as diferencavam os portuguezes, pelo tamanho relativo de cada uma.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma riagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: «Toda esta ribeira, de Xiririca para cima, é magestosa, já pelos montes lateraes, que lhe ficam sobranceiros e ameaçam abater-se sobre si entulhando a madre, já pelas muitas ilhas e rochedos depositos no meio da ribeira, quaeas medalhas antigas conservadas na noite dos tempos, apezar da correntesa das aguas, que pareciam dever sossobrals; e, não obstante o continuo choque que soffrem, d'ellas zombau quaes torres inabalaveis ao furor dos ventos».

Bananal.—Morro na cordilheira *Cunarcera*, em direcção nordeste.

Bananal, corruptela de *Mbo-anã-anã-á*; por contracção *Mb'-anã-n'-á*, «muito grosso e desconcertado». De *mbo*, particula activa, *anã*, «engrossar», repetido para exprimir superlativo, *á*, «desconcertar, tronchar».

Allusivo a ser muito grosso e derrocado.

Bananal-Pequeno.—Serrote, no municipio de Xiririca: á margem direita do rio *Ribeira de Iguape*.

Bananal-Pequeno, corruptão de *Mbo-anã-á-pepê-na*, «grosso, torcido e esquinado». De *mbo*, particula de composição, *anã*, «grosso», *á*, «torcer», *pepê-na*, verbal derivado de *pepê*, «esquinhar», com o suffixo *na* (breve) para formar supino. Por contracção, *Mb'-anã-á-pepê-na*.

Allusivo a ser grosso, torcido e esquinado, para ligar-se ao morro ou serrote *Lençol*, nome tambem corrupto.

(Vide o nome *Lençol*).

Bangú.—Serrote no municipio de Cunha.

Bangú, pronuncia conseguida de *Bang-**ü*, «alcantilado e torcido». De *bang*,

«torcido, torto», *ü*, «resvalar ou resvaladouro».

Este serrote é da serra maritima.

Banharão.—Corredeira no rio *Tieté*, em posição paralella á serra *Araquá*. Ahi, pela margem direita, afflue um ribeirão tambem com esse nome, servindo de divisa aos municipios de Jabú e de Dous Corregos.

Banharão, corruptão de *Mbo-anhâ-râ*, «que se põe a correr». De *mbo*, particula para tornar activo o verbo neutro *anhâ*, «correr», com o accrescimo do *rô*, o mesmo que *rñ*. «pôr, pôr-se». Por contracção, *Mb'-anhâ-rô*.

Uma das cabeceiras do ribeirão é conhecida por *Salto*.

Em documento antigo li *Baenharon*.

Em um modernissimo mappa vi o nome *Banharão* dado tambem á serra *Araquá*; mas é erro. O nome é sómente da corredeira e do ribeirão.

—Ha outro ribeirão muito corrente —*Banharão*, affluente do rio *Moggygnassú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Jaboticabal e de Barretos.

—Ha tambem um corrego *Banhardo*, affluente do mesmo rio *Tieté*, pela margem esquerda, no municipio de S. Manoel do Paraiso. Mas, parece que é nome postigo; porque o indigena não daria o mesmo nome a dous cursos d'agua, na mesma região.

Baracéa.—Affluente do rio *Una*, pela margem esquerda: no municipio de Taubaté. Este nome, porém, é só nas cabeceiras; porque, de certo ponto em diante, o nome é *Itaim*.

(Vide o nome *Itaim*).

Baracéa, corruptão de *Mbaraá-atéy*, contrahido em *Mbaraá-tey*, «frouxo e sezônatico». De *mbaraá*, «febre», *atéy*, «frouxo». Esta palavra *atéy* tem pronuncia guttural.

Allusivo a derramar-se em alagadiços limosos, produzindo febre palustre.

Barery.—Duas cachoeiras no rio *Tieté*, em seguida a Baurú. Uma *assú*, outra *nirim*.

Barery, corrupção de *Mboró-yérè-i*, «por contracção *Mbor'-yér-i*, «o que tem successivamente muitas voltas». De *mboró*, «contêr, executar por si», *yérè*, «volta», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo às voltas sucessivas, que a canoa ou embarcação é forçada a dar nessas cachoeiras.

Barqueçaba.—Praia no município de S. Sebastião. E' também escripto *Barekessába*.

Barqueçaba é corrupção de *Mbaraá-qué-çaba*, «repouso de enfermos». De *mbaraá*, «enfermidade, enfermo», *qué*, «repousar, dormir, socregar», mudado o *r* em *çaba*, para formar participio, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, para os verbos acabados em *r*.

Allusivo a ser essa praia um logar muito apropriado para o curativo de enfermidades, que depende de banhos do mar; e, sem dúvida, foi assim denominado, por ser preferível a outras praias nessa costa.

Barreiro.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de S. José do Barreiro.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: desagua um pouco acima da cachoeira-salto *Pirassununga*.

Affluente do rio *Sapucayah*, pela margem esquerda: no município de Santo Antonio da Alegria.

Barreiro, corrupção de *Mbiierè-bo*, «o derramado». De *mbiierè*, ou *piierè*, «derramar», com o suffixo *bo* (breve) para formar supino.

Allusivo:

Quanto ao primeiro, ao facto de, após nascer no monte *Formoso*, cahir sobre uma varzea, e dahi, em terreno baixo, desaguar no rio *Parahyba*.

Quanto ao segundo, ao facto de, após nascer em um monte adjacente ao *Morro Grande*, derramar-se em uma varzea até sua foz no rio *Mogy-guassú*.

Ha outros cursos d'água com o nome *Barreiro*, e são:

Affluente do rio *Ipanema-mirim*, pela margem direita: nos municípios de Sorocaba e de Campo Largo. Este encontra-se com outro affluente do mesmo rio *Ipanema-mirim*; e, para ser distinguido do outro, é nomeado *Barreirinho*.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita, 13 a 14 leguas abaixo do salto *Avanhandava*.

E alguns corregos insignificantes.

Ignoro se estes também nascem em lugar alto, e de lá derramam suas aguas em varzeas; ou se o nome tem outra explicação.

Barretos.—Villa situada a 13 kilómetros da margem esquerda do rio *Mogy-guassú*, ou *Rio Pardo*.

Barro-branco.—Affluente do ribeirão *Toucinho*, pela margem direita, e este—do ribeirão *Tremembé*, pela margem esquerda: no município de S. Paulo.

Este é um dos ribeiros que, vertendo da serra *Cantareira*, constituem os mananciaes derivados para o abastecimento de agua da cidade de S. Paulo.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita: entre os municípios de Atibaia e de Bragança.

Barro-branco, corrupção de *Mbáraá-mbaráugáa*, «ruim e doentio». De *mbáraá*, «enfermidade», *mbaráangáa*, «ruindade». O primeiro á de *mbáraá*, por seu accento agudo, predomina no som: dahi *mbáraa*. O primeiro *a* de *mbarangáa* é quasi syncopado: *mb'-rangáa*.

Baruery.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municípios de S. Paulo e de Parnahyba. Dahi veiu á estação da estrada de ferro Sorocabana o nome *Barueri*.

Affluente do rio *Capivary*, pela margem esquerda: entre os municípios de Capivary, Monte-mór e Porto-Feliz.

Baruery ou *Boruery*, corruptela de *Mború-yerè-i*, «o que lento voltea incessantemente». De *mború*, «lento, manso, pouco corrente», *yerè*, «voltear», *i*, posposição para indicar perseverança com referencia a *yerè*. Por contracção, *Mború-yer'-i*.

(*) **Baryry.**—Villa, creada em 1890, por decreto do governador do Estado de S. Paulo.

E' a antiga parochia de *Supé do Jahú*.

(*) Isto vinha em nota avulsa.

Bassoróca.—Logares, em Sorocaba, Mogy-mirim, Casa-Branca e em outros pontos, que se mostram rasgados pelas chuvas.

Bassoróca, corruptéla de *Mbaê-çoróga*, «cousa rasgada, rasgaduras». De *mbaê*, «cousa», *çorög*, «rasgar», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino.

—A *Bassoróca* de Mogy-mirim, segundo a descripção feita, em 1886, por um periodico local, «está a cerca de tres kilometros do centro da cidade: é uma excavação caprichosa, que occupa talvez douis hectares de área, principiando com a profundidade de 8 metros mais ou menos e continuando sempre mais profunda para os lados do campo do Belem, até manifestar-se como um abismo... O interior da *Bassoróca* é um labyrintho, composto de cavernas, grutas mais ou menos extensas e corredores invios, formados pela filtração e queda lenta das aguas... O sólo, que parece ter sido rasgado pelas chuvas ou enxurradas, é todo arenoso; mas, de espaceo a espaceo, apresenta alguma vegetação, detritos de plantas, argilas de diversas côres e pedras pequenas de fórmas exquisitas... Aqui e alli apparecem concreções, em forma de pyramides irregulares ou de stalagmites, proximas a diversas vertentes, que vão constituir um regato crystallino, serpeante pelo meio das grutas».

As *Bassorócas* de Casa Branca e outras, segundo estou informado, são mais extensas e mais caprichosas.

Batalha.—Afluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Lencões.

Afluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Batalha, corrupção de *Mbái-itá-rô*, «dependurado em degráus». De *mbái*,

o mesmo que *pái*, «dependurar-se», *itá*, «armação, estante, pilar, degráu, cousa que em outra se estriba», *rô*, posposição para exprimir o modo de pôr-se. O *i* de *itá* tem pronuncia guttural.

Allusivo a descerem as aguas como que dependuradas em saltos.

Batataes.—Cidade. Não está assentada á margem do ribeirão *Batataes*, affluente do rio *Sapucahy*, pela margem esquerda, mas sobre duas collinas, separadas por um corrego.

O nome, porém, é daquelle ribeirão; porque a povoação primitiva foi nas cabeceiras delle.

Nada tem com batatas; sim, é corruptéla de *Mbái-itá-itá*, «dependurado de degráu em degráu». De *mbái*, o mesmo que *pái*, «dependurar-se», *itá*, «armação, estante, pilar, degráu, cousa em que outra se estriba», repetido o *itá*, para exprimir a successão do facto. O *i* de *itá* tem som guttural.

Allusivo aos saltos successivos neste ribeirão, de 13 a 14 metros de altura. São imponentes e medonhos estes despenhadeiros das aguas.

Batalal.—Afluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no município de Xiririca.

Batalal, corruptéla de *Mbái-itá-itá*, «dependurado de degráu em degráu». De *mbái* o mesmo que *pái*, «dependurar-se», *itá*, «armação, estante, pilar, degráu, cousa em que outra se estriba», repetido o *itá*, para exprimir a successão do facto. O *i* de *itá* tem o som guttural.

Allusivo a corredeiras e quédas sucessivas no leito formado de pedreiras de marmore de diversas côres.

Batalal.—Morro, no municipio da Conceição dos Guarulhos.

Batalal, corruptéla de *Mbo-itá-itá*, «faz degráus». De *mbo*, particula activa, *itá*, «armação, estante, pilar, cousa em que outra se estriba», repetido o *itá* para exprimir a successão do facto. O *i* de *itá* tem som guttural.

ivo a ser formado de camadas umas ás outras, deixando de degraus nos seus extremos.

edor.—Affluente do ribeirão *Passate*, pela margem direita: entre os sios de Lorena e de Cruzeiro.

dor, corrupção de *Mbā-tecō*, «bater golpes com estrondo». De *pā*, r não ter palavra antecedente, p em *mb*, «bater, dar golpes trondo», *tecō*, «acção, potencia».

Nasce na serra *Mantiqueira*, e ena distancia da nascente, é cheio ras até desaguar no *Passa-Vinte*. ne *Batedor* (escreveu-me um in te local) é allusivo ao facto de m suas aguas de encontro a pelumosas fazendo ruido e estrondo».

ns entendem que o *Passa-Vinte* é seu affluente; sendo, portanto, dor affluente do rio *Parahyba*, argem esquerda. O logar, em que ntram as aguas de ambos é de do *Entre-Rios*.

curso é de pouco mais de uma de poucas voltas, e com quatro cachoeiras. Pouco abaixo de sua e, tem dous metros de largura, metro de profundidade: na fóz, e largura, e 1 de profundidade, gosissimo nas cheias.

rú.—Duas cachoeiras no rio *Tieté*, da *Potundíba*: a *guassú* e a

ente do rio *Tieté*, pela margem la: nos municipios de Lençóes e taleza. Sua fóz é pouco abaixo as cachoeiras.

rú, corruptela de *Mbāi-yū-rū*, durado, com gargantas e rodos». De *mbāi*, o mesmo que *pāi*, durar», *yū*, «cousa estreitada, gar rū», «revolver».

sivo a serem as cachoeiras, assim ribeirão, em forte declive; es do-se em alguns lugares as mar fazendo rodomoinhos as aguas.

edor.—(Vide o nome *Bebedouro*).

Bebedouro.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem direita, já proximo á fóz deste. E', por isso, considerado tambem affluente do rio *Tieté*, pela margem direita. Mais conhecido por *Bebedor*.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Barretos e Jaboticabal.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Belém do Descalvado e Pirassununga.

Bebedor, corrupção de *Bebé-bo-óó*, «rodoinhos grandes». De *bebé-bo*, verbal derivado de *abebe*, «rolar, fazer circulos ou bolas», com o suffixo *bo* (breve) para formar supino, *óó*, «grosso, grande».

A corrupção foi facil, quer pelo som, quer mesmo pela cousa em si: os rodoinhos denunciam no leito dos rios *sorredouros*, e sorver é beber aspirando.

Allusivo a rolarem suas aguas em grandes rodomoinhos.

Bejú.—Corredeira no rio *Tieté*, em seguida á de *Pirapóra-mirim*.

E' tambem conhecida por *Boyuiquára*, ou apenas por *Bojuy*.

Bejú, ou *Bojuy*, corrupção de *Mbo-yū* ou *Mbo-yū-i*, «que faz garganta, em toda a extensão». De *mbo*, particula para tornar activo o verbo, *yū*, «estreitar, fazer garganta», *i*, posposição de perseverança.

O accrescimo *quāra*, corruptela de *gnāra*, é sem valor algum; fixa apenas o modo ou a forma por que o rio ahí se estreita, com referencia a *yū*.

Berguigão.—Ilhota, no municipio de Cananéa.

Berguigão, corrupção de *Mbiri-guī-guīā-mo*, «empinada e mais pequena». De *mbiri*, «pouco, pequeno», *gui*, particula para comparação, *guīā-mo*, supino de *ā*, «empinar, levantar-se, estar em pé».

Allusivo a ser menor do que outras ilhas proximas, e elevar-se a pino como uma pyramide.

Desta ilhotá são extrahidas cascas de marisco para o fabrico de cal. Os donos das canhas as approximam; e encostan-

do-as á ilhota, escavam esta sobre ellas, sem desembarque, por muito difficult.

Bertioga.—Canal que separa do continente a ilha *Guaiimbé*, corruptéla de *Guvimbé*.

Frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, nas *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*, entendeu que *Bertioga* era corrupção de *Buriqui-óca*, «casa de macacos buriquis».

Por boa, já aceitei, na obra *Algumas Notas Genealogicas*, essa extraña versão. Posteriormente, porém, verificando o modo por que escreveu esse nome o conhecido HANS STADE, muito attento ao som das palavras que ouvia aos indigenas quando serviu de artilheiro na fortaleza daquelle logar, reconheci imediatamente o erro de Frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, ainda que HANS STADE escreverá, tambem corruptamente, *Bri-ók-óka*.

O nome poderia ser *Ibi-ri-óy-óca*, «furo ou cava por acção exterior contra a terra». De *ibi*, «terra», *ri*, posposição significando neste caso «contra», *óy-oca*, verbal derivado de *óy*, «sacar, arrancar, fender, furar», com a repetição desse verbo em supino, *óca*, mudado o *g* em *ca* (breve).

A repetição dos verbos e nomes, na lingua *tupi*, além de dar maior graça e elegancia, exprime a frequencia da acção do verbo ou nome repetido; acção superlativa, ou acção sucessiva.

Mas, melhor examinando o caso, é *Mbiri-og-óca*, «furo pequeno»: de *mbiri*, «pouco, pequeno», *og-óca*, verbal derivado de *óy* e repetido, como acima fíca dito. E, de facto, o furo propriamente tal, além de pouco extenso, é estreito.

Betary.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Yporanga.

Ha um peixe de mar, cujo nome é *Betara*: mas, mesmo que fôra do rio, nada tem o nome deste ribeirão com tal peixe.

Ictary, corruptéla de *Mbi-itá-ri*, por contracção *Mbi-lá-ri*, «centro com pedras». De *mbi*, o mesmo que *pi*, por

não ter palavra anterior, «centro, meio», *itá*, «pedra», *ri*, posposição significando «com». E' innavegavel por causa desses embaraços naturaes no leito.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, no *Diario de uma viagem mineralogica pela prorincia de S. Paulo no anno de 1805*, referindo-se a este ribeirão, escreveu: «... passei pelo ribeirão *Betari*, e entrei á direita (o escriptor subia o rio *Ribeira de Iguape*), puxada a canga a braços; mas este ribeirão é tão falso d'aguas, que fui logo obrigado a voltar».

Bethlem do Descalvado.—Cidade. (Vide *Descalvado*)

Bethlem de Jundiah.—Cidade, que hoje tem o nome *Itatiba*. (Vide *Itatiba*).

Bexiga.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Bexiga, corruptéla de *Petica*, «carcomida». De *peti*, fazendo *mbeti*, «carcomir, picar, fazer furos miúdos», levado ao supino pelo sufixo *ca* (breve).

Allusivo a ser picada essa praia por caranguejos pequenos e grandes.

Daqui se vê que o nome *bexiga*, dado á variola, é tupi.

Bicame.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no município de Tieté.

Bicame, corrupção de *Mbicoen*, o mesmo que *Picoen*, «canal, concavo, convexo», conforme o modo de ver a cousa.

Allusivo a correr entre barreiras altas, de lado a lado.

Bichoró.—Affluente do rio *Aguapehú*, pela margem esquerda: no município de Itanhaen.

Bichoró, corruptéla de *Mbo-çorög*, «rasgador». De *mbo*, particula activa, *çorög*, «rasgar».

Allusivo a correrem suas aguas entre morros, e sob pedras, perfurando a serra.

Bigoá.—Affluente do rio S. Lourenço, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Segundo o sistema de MARTIUS, e de outros, *Bigoá* deveria significar «rio de *miguá*». *Miguá* é um corvo que vive em aguas, ás margens dos rios e dos lagos.

Mas, é outro o significado desse nome. *Bigoá*, corruptéla de *Bu-guâá*, «lagôamanancial». De *bu*, manancial», *guâá*, «enseada, lagoa».

Allusivo a nascer de uma lagoa. Com efeito nasce no morro denominado da *Lagoinha*; e sua extensão é de cerca de 14 kilometros.

Todavia, é possivel que naquella região alagadiça abunde o *miguá*. Os indigenas soiam fazer esse jogo linguístico.

Biriçá.—Morro ou pico da cordilheira cujo espicão é o divisor entre as bacias dos rios *Jaguary* e *Atibaia*: no município de Bragança.

Bir'-icá, «erecto e de muita altura». De *bir*, «levantar, alçar», *icá*, «pilar, estatura, altura», além de outras significações, para exprimir bem a forma e a altitude do pico.

Todos os morros ou picos dessa cordilheira são rochas graníticas e eruptivas.

Biritiba.—Pequeno corrego, dando o nome a um bairro, no município de Mogy das Cruzes.

Biritiba, corruptéla de *Mbiri-iti-bae*, «pequenino, e sujo de hervas e plantas aquáticas». De *mbiri*, «pouco, pequeno», *iti-bae*, de *iti*, «ser sujo de hervas e plantas» com o suffixo *bae* (breve) para formar participio. Por contracção, *Mbiri'-ti-bae*.

Boamirim.—Bairro no município de Itapecerica.

É corruptéla de *Mboy-mirim*; e do ribeiro assim nomeado tirou o nome este bairo.

(Vide *Mboy*).

Boassara.—Bairro na freguezia de N. S. do O', município de S. Paulo.

Boassara, corruptéla de *Mbo-haçá-ára*, por contracção *Mbo-haça'-ra* «o que atravessa». De *mbo*, particula para tor-

nar activo o verbo *haçá*, «atravessar», com o suffixo *ára* para formar participio.

Allusivo a um caminho que ahi atravessaria e por ventura ainda atravessa outro. Estes caminhos são denominados «travessios» ou «atravessadouros», *mbo-haçá'-ra*.

Boaséca.—Ribeirão que desagua no mar nomeado *Aririáia*.

Boaséca, corruptéla de *Mboyá-heçé-cüe*, «successivamente arrimado». De *mboyá*, «arrimar-se», *heçé*, «successivamente», o mesmo que *reché*, com varias significações, *cüe*, particula de preterito.

Allusivo a descer da serra, sempre arrimado a esta.

Boa-Vista (S. João da).—Cidade. (Vide S. João da Boa Vista).

Bocáina.—Ramo interior da Serra do Mar, entre os municipios de Cunha, de S. José do Barreiro, de Arêas e de Silveiras.

Os indigenas não deram tal nome a aquelle ramo da Serra do Mar. O nome *Bocáina* é simplesmente o da grande depressão naquella serra, permittindo sua travessia ou transposição por ahi, mais facilmente do que por outros pontos; tendo esse caminho por porto marítimo *Mambucaba*, que é o do rio do mesmo nome, na província do Rio de Janeiro.

Tanto *Bocáina* como *Mambucaba* são corruptélas.

O primeiro, de *Bóca-dína*, «abertura desbaratada». De *bóca*, verbal derivado de *bög*, «fender-se, abrir-se, gretar-se», mudado o *g* em *ca* (breve) para formar supino; e de *dína*, verbal derivado de *di*, «desbaratar, derrocuar, ter altos e baixos», com o suffixo *na* (breve) para formar supino, por ser grave ou mesmo circumflexo o accento no *i*, segundo a lição de padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*. Por contracção, *Boc'-dí-na*.

O segundo, de *Mã-mb-ucá-ába*, «lo-
gar por onde se faz a volta ou rodeio». De *mã*, «voltar caminho», *mb*, interca-

lação por ter a pronuncia de *mã* som nasal, *ucá*, particula de composição que se põe no fim do verbo, exprimindo constrangimento na execução da accão do mesmo verbo, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, e *ába*, verbal para formar participio e exprimir logar.

O padre LUIZ FIGUEIRA escreveu *ucár*; mas, pelo padre A. R. DE MONTOYA foi escripto *ucá*, mais em harmonia com a indole da lingua, que não conhece *r* senão o brando.

O nome *Mambucába*, dado ao rio e ao porto, não o foi senão com referencia á *Boc-á-i-na*, na serra.

Conseguintemente, e á vista do ex posto, mal e indevidamente se diz *Serra da Bocáina*: não ha tal serra, senão porque os portuguezes applicaram o nome da depressão ao referido ramo da Serra do Mar.

Alguns explicam que *Bocáina* é a bocca da serra; e esta explicação tem origem no facto de applicarem os indigenas o verbo *yai*, «abrir, no sentido de alargar», á accão de *abrir a boca*.

Admittido este verbo na composição do nome *Bocáina*, teríamos *Bóca-yai-na*, «abertura larga». E é tambem possivel ou provavel esta explicação; não, porém, a de *bocca da serra*; embora figuradamente assim possa ser.

Todavia, segundo descripção dessa serra *Bocáina*, «formada de grupos graniticos, dispostos em zigs-zags em suas altas cadeias, e sem picos, visto como na superficie dessas formações ha verdadeiros parallelogramos e rhombos de grande extensão», é possivel que *Bocáina* seja corruptéla de *Mbocá-yai-na*, «torcido e despegado»: *mbocá*, o mesmo que *pocá*.

Allusivo a estar separado da Serra do Mar, e formar esses zigs-zags.

A tradição, porém, tem conservado a primeira explicação.

Bocaína.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de *Silveiras*.

Segundo o systema dos indigenas, de darem nomes com som quasi identico a logares varios na mesma região, mas com significado diverso, *Bocaína*, nome do ribeirão, é corruptéla de *Mbo-quá-na*, «cingido». De *mbo*, particula activa, *quá*, «cingir», com o suffixo *na* (breve) para formar supino.

Allusivo a correr entre montes.

Bocaína.—Villa á margem da estrada de ferro «S. Paulo e Rio de Janeiro», no ponto em que é ligada á D. Pedro II, (hoje *Estrada Central*). Tira da serra o nome.

Bocaína.—Serrote, nos municipios de Atibaia e de Bragança.

Serra, no municipio de Jahú.

O nome é allusivo á depressão ou abertura na montanha.

Bocama.—Cachoeira ultima no rio *Itararé-guassú*, affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda.

Bocama, corruptéla de *Pocá-mo* ou *Mbocá-mo*, «toreida». De *pocá*, «quebrar a fila», com o suffixo *mo* (breve) para formar supino.

Bocó.—Morro, no municipio de Itapetininga.

Bocó, corruptéla de *Mbo-cób*, «contraforte, arrimo, sustentaculo». De *mbo*, particula para tornar activo o verbo, *cób*, «arrimar, sustentar».

Allusivo a ser ahí o contraforte da serra.

Bofete.—Serra entre os rios *Paranapanema* e *Tieté*: ramificação da serra marítima para o interior dessa região.

Bofete, corruptéla de *Bog-étei*, «totalmente fendido». De *bog*, «ser fendido, ser gretado», *étei*, «totalmente, de todo», exprimindo superlativo.

Allusivo a ser uma serra completamente escavada; com fendas exteriores e grutas interiores.

Boiada.—Affluente do *Rio Pardo*: pela margem direita, no municipio de *Cajurú*.

Boiada, corrupção de *Bú-yyâi-bo*, «o que nasce embrenhado». De *bú*, «nasccer», com applicação a rio, fonte, etc., *yyâi-bo*, verbal derivado de *yyâi*, «embrenhar», com o suffixo *bo* (breve) para formar supino.

Allusivo ao facto de ter este rio, em sua nascente, no serrote que delle tomou o nome, uma cachoeira profundíssima, em cujo centro ha jequitibás, e outras arvores gigantescas que, vistas do alto, semelham pequenos arbustos. O rio parece surgir desta profundezza coberta de brenhas.

O serrote é no municipio de Mococa; e seu cume é um chapadão ou campo.

Boi-coára.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem.....: no municipio de Iguape.

Boi-coára, corruptéla de *Mbo-quâr-a*, «esburacado». De *mbo*, particula activa, *quar*, «buraco, fojo, poço», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a ter poços e peráus no leito.

Boissucanga.—Ribeirão que nasce na face sul da cordilheira marítima, no ponto em que está sua segunda declinação para o poente: no municipio de S. Sebastião.

Boissucanga nada tem com cobras, e muito menos com as cabeças desses reptis. E', sim, corrupção de *I-mbiaçâ-cang-a*, «rio cuja boca é enxuta». De *i-mbiaçâ*, «barra ou boca do rio», *cang*, «enxuto, secco», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a espalharem-se suas aguas na praia, não tendo por isso fóz.

Boituba.—Serrote baixo, ou, antes, planura que se estende entre os rios *Tieté* e *Sorocabá*, até a affluencia deste naquelle. Nos municipios de Porto-Feliz e Tieté.

Ha ahi uma estação da Estrada de Ferro Sorocabana.

Boituba, nada tem com cobras, como alguns suppõem, julgando vêr nesse

nome *mboi-tyba*, que significaria abundancia de cobras.

Boituba é corruptéla de *Mboi-tú-bo*, «cortado a golpes». De *mboi*, «cortar, despegar, apartar, despedaçar», *tú-bo*, verbal derivado de *tú*, «golpear, golpe», com o suffixo *bo* (breve) para formar supino.

Com effeito, é essa uma extensa planura que os affluentes dos rios *Tieté* e *Sorocabá* cortam em sulcos mais ou menos fundos, algumas dezenas de metros abaixo do nível geral das terras.

No *Esboço geologico da região comprehendida entre os rios Sorocabá e Tieté*, pela Comissão Geographica e Geologica da Província de S. Paulo, li: «Na faixa comprehendida entre a cidade de Porto-Feliz e as estações de Cerquilho e Boituva, uma grande mancha de terra roxa cobre estes grés e forma uma extensa chapada cortada por pequenos valles e de altitude media de 600 metros».

Bom-Abrigo.—Ilha, ao sul da barra de Cananéa, a leste da ilha *Cardoso*. É pequena, de formação granítica, dando em sua face occidental surgidouro fundo e seguro.

Por isso, os portuguezes, ouvindo o som do nome em tupi, entenderam *Bom-Abrigo*.

Bom-Abrigo é corrupção de *Mboi-ibiri-bo*, «emparelhada». De *mboi*, particula activa, *ibiri*, «emparelhar, estar junto, enfrentar», com a posposição *bo* (breve) para exprimir o modo, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a estar na mesma latitude, e á vista, com a ilha *Cardoso*.

Bombas.—Morro, no municipio de Yporanga.

Bombas, corrupção de *Mbô-bae*, «inchado». De *mbô*, o mesmo que *pô*, «inchar», com a particula *bae* (breve) para formar participio.

Bom-Bicho.—Pequeno rio, que deságua na bahia *Trapandé*: no municipio de Cananéa.

Bom-Birho, corruptéla de *Mboebichy*, «arrastado».

Allusivo a ter muito fraca corrente. E' alagadiço.

Estando o accento predominante em *bí*, o resto do nome é pronunciado breve: —dahi a corruptéla.

Bom-Jardim.—Nascente d'agua no serrote divisorio das aguas do rio *Tieté* com o seu affluente *Cabnçu*: no municipio de Conceição dos Guarulhos.

Bom-Jardim, corrupção de *Mbo-yâ-tý*, «enterra-se abrindo gretas». De *mbo*, particula activa, *yâ*, «raxar, fender, gretar», *tý*, «enterrar, apertar tapando».

Menos á letra, significa «grota funda».

Allusivo a ser uma nascente no fundo de uma grota.

Está na altitude de 678 metros.

Bom-Successo.—Villa; á margem esquerda do rio *Paranapanema*, distante douz kilometros.

Bonete.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa-Bella.

Bonete, corruptéla de *Mboi-étei*, «pedaço solto». De *mboi*, «pedaço», *étei*, «solto, ocioso».

Allusivo a ser uma pequena praia sem ligação com as outras, por interrupções naturaes.

Bonito.—Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem esquerda: no municipio de Rio Bonito.

Affuentes (dous) do rio *Paranapanema*, pela margem direita: nos municipios de Rio Novo e de Santa Cruz do Rio Pardo.

Affluente do *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: um no municipio de Bethlem do Descalvado, e ontro no de Araraquara.

Cursos d'agua nos municipios de Piedade, de Brotas e de Rio Novo.

Bonito, corrupção de *Mbohi-ta*, «vagaroso». De *mbohi*, «carga, peso, ou ser pesado», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo á lentidão de suas aguas.

Bonito (Rio).—Villa. E' a antiga freguesia de Samambáia.

(Vide *Rio Bonito*).

Bopy.—Morro, na freguesia de S. do O': municipio de S. Paulo.

Bopy, corruptéla de *Bi-pi*, «erecto e torneado». De *bi*, «levantar, alçar», *pi*, «torinar». O *i* de *bi* tem pronuncia guttural.

E' da mesma forma do morro *Joraguá*.

(Vide este nome).

Porém, é muito menor do que este.

Boracéa.—Ribeiro que nasce das vertentes austraes da serra *Paranajucaba*, fazendo barra no oceano: no municipio de Santos. Um cabo ao sul da foz desse ribeirão tomou tambem esse nome.

Boracéa, corrupção de *Mborá-çái*, «desatado e esparzido». De *mborá*, o mesmo que *porá*, «destorcer, desatar», *çái*, «esparzir».

Allusivo a correr muito raso, alagando as margens quando ha chuvas.

Bossoróca.—São terrenos rasgados pelas chuvas.

(Vide os nomes *Bassoróca* e *Botoróca*).

Botoroca.—Affluente do rio *Irii-rii-piranga*, pela margem direita. Este *Irii-rii-piranga* é tambem denominado de S. Vicente, formando o escoante occidental do lagamar de Santos.

Botoroca, corruptéla de *Mboçoroca*, «que rasga». De *corog*, «rasgar», precedido da particula *mbo* para tornar activo o verbo e mudado o *g* em *ca* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a correr entre terra rasgada. Com effeito, este ribeirão nasce na serra *Mongaguá*, e suas aguas descem entre barrancas.

Ha alguns logares na província com o nome *Bossoróca*: ainda é semelhante explicação. São terrenos rasgados pelas chuvas. Não se confunda com *Moaçú-roça*, «dobrar corda, enovelar».

Bosque.—Affluente do *Rio Pурdo*, pela margem direita: no municipio de Botucatú.

E' tambem conhecido por *Curujinha*. (Vide o nome *Curujinha*).

Bosque, corruptéla de *Bóg-ca*, «fendido». De *bóg*, «fender, rachar, abrir», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino.

Allusivo a ter no leito buracos e caldeirões, pela natureza do terreno, formado de sedimentos horisontaes.

A's vezes, as aguas somem-se para reapparecerem adiante.

A corruptéla provem de terem este e outros ribeirões, na serra *Botucatú*, onde nascem,—*córdes* ou *bosques* que lhes cobrem as cabeceiras.

Botucatú.—Cidade, cujo nome é tirado da serra á margem esquerda do rio *Tieté*, na distancia de trinta kilometros, mais ou menos, entre os municipios de Lençóes, de Botucatú, de Rio Bonito, de Tatuhy, de Itapetininga, de Guarehy e de Rio Novo, formando um quarto de circulo, e dando ramificações que estão á margem direita do rio *Paranapanema*.

Botucatú, corruptéla de *Mbitú-catú*, «muito vaporoso». De *mbitú*, o mesmo que *pitú*, «bafo, evaporação, calor interior», *catú*, «muito». Este *catú*, embora signifique tambem «bom, bem, lícito», serve para superlativo, e tambem para comparativo, quando collocado no fim do nome ou do verbo, segundo as circumstancias.

Allusivo a ser de natureza carbonifera esta serra.

Botucavarú.—Monte que se eleva ácima do nivel do mar, de 950 a 1.000 metros, e faz parte da serra *Itatins*.

Attribuem a este morro grandes riquezas mineraes; e o nome bem o indica. No cume ha um lago, segundo boato ou tradição popular; e, segundo o mesmo boato ou tradição, criam-se nesse lago enormes jacarés.

Frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARENHAO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, escreveu que *Botucavarú* si-

gnifica «lugar de folgueôdo»! Bom lugar de folgueodo o cimo desse morro...

Outros têm dito que significa «mosca a cavallo». De *mbutú*, insecto da ordem dos dipteros, familia dos Tabanios, de que ha varias especies; uma das quaes é o *tarão* ou *atabão besteiro*, ou moscardo dos bois, *tabanus borinus*, por morder os bois e os cavallos. Por causa da crina, e ouvindo os indigenas o nome *carallo*, logo que viram este quadrupede, o denominaram *caba-yú*, «cabellito-amarelo», e tambem *cabarú*. Por isso, a versão de «mosca a cavallo» foi admitida; e muitos afirmavam vêr sobre o morro como que uma enorme mosca granitica! Tanto pôde a imaginação...

Botucarariú é corrupção de *Mbitú-cai-harú*, «evaporação que queima e faz danos». De *mbitú*, o mesmo que *pitú*, «bafo, evaporação», *cai*, «queimar, queimadura», *harú*, «danoso, malefico».

Allusivo a fazer nesse morro um calor tal que produz enfermidades. Certamente o morro é mineral.

Botucarariú, morro no municipio de Parnahyba,—sem duvida tem a mesma explicação.

Botujurú.—Morro á margem esquerda do rio *Jacupiranga*: no municipio de Iguape.

Morro entre os municipios de Jundiahy, Itatiba e Atibaia.

Botujurú, corrupção de *Mbitú-yú-rú*, «o que tem evaporação morna». De *mbitú*, o mesmo que *pitú*, «bafo, calor de fogo, evaporação», *yú*, «morno», *rú*, «ter».

Allusivo ao facto de sahir do interior do morro um calor morno.

Boturantim.—Salto no rio *Sorocaba*, na distancia de quasi tres quartos de legua da cidade deste nome.

Outros escrevem, ainda tambem corruptamente, *Voturantim*.

Tem cerca de 16 metros de altura.

Boturantim, corrupção de *Ibity-rã-ti*, «evaporação semelhando nevoa». De *ibity*, «nevoa», *rã*, «parecido, semelhante», *ti*, «vapor, evaporação». O *y* de *ibity* tem pronuncia guttural. Por-

tanto, o nome inteiro deve ser pronunciado *Ibitû-ran-tim*.

Allusivo ao efecto causado no logar pela evaporação daquella enorme massa d'água, annuvianto o ar, e dando ao phénomeno antes a apparencia de nevoeiro, do que realmente de quédia d'água. O nome envolve uma bella imagem poetica.

(?) *Ibiti-ra-tî*, «ponta da serra». De *ibitira*, «serra» *tî*, «ponta».

Boturuna.—Morro elevado, no município de Parnahyba.

Boturuna, corruptéla de *Mbitú-rûn-a*, «revolução interior, evaporação». De *mbitú*, o mesmo que *pítú*, «bafo, calor de fogo, evaporação», *rûn*, «revolução interior», com o accrescimo de *a*, porque *rûn*, pelo som nasal da pronuncia, acaba em cousoante.

Alguns dizem que é corruptéla de *Ibity-r-ú-na*, «nuvem negra»; mas tratando-se de morro, o nome *Mbi-tú-rû-na* exprime perfeitamente a natureza metallica do morro; e, como aurifero, foi explorado em 1590 por Affonso Sardinha.

Proximo a este morro estabeleceu-se o capitão Guilherme Pompeu de Almeida; fundando ahi a capella de N. S. da Conceição.

(Vide *Algumas Notas Genealogicas*, relativamente a Guilherme Pompeu de Almeida).

Mais incorrecto do que *Boturuna*, já li *Voturuna*.

(Vide *Voturuna*).

Botuverá.—Serrote, no municipio de Itapecerica.

Boturerá, corruptéla de *Ibiti-berá*, «serra resplandecente». De *ibiti*, «serra», *berá*, «resplandecer, resplendor».

Allusivo a que, sendo escalvada, mostra o brilho de micaschistos que, com outros granitos, a compõem.

Boygassú.—Varzea, no municipio de Caraguatatuba.

Outros escrevem *Mogy-guassú*.

Com effeito, o nome *Boygassú*, exprime apenas o local: corruptéla de *Mbo-igau-ucú*, «pantanál extenso». De *mbo*,

particula activa, e, por predominar o som do *b*, não sóa o *m* senão imperceptivelmente, *igau*, «lama, detritos», *ucú*, «grande, largo».

Quanto ao nome *Mogy-guassú*, exprime mais a qualidade pegajosa da lama.

(Vide o nome *Mogy-guassú*).

Allusivo ao pantanal que ahi existe.

Os rios, que descem da serra marítima, derramam-se na planicie; e suas aguas formam esses pantanaes.

Ao principio suppuz que o nome *Boygassú* era corruptéla de *Mbae-y-gu-haci*, «cousa trabalhosa». De *mbe*, «cousa», *y*, relativo, *gu*, reciproco, *haci*, «diffíl, trabalho, dor». E esta palavra *y-gu-haci* tenho lido escripta *yuassú*; e, á conta dos indigenas do rio Amazonas, *euassú*, segundo GONÇALVES DIAS. Mas, não tem applicação ao caso, ainda que trabalhosa cousa seja um pantanal.

Boyinquéá.—É a mesma cachoeira no rio *Tielé*, que alguns nomeiam corruptamente *Bejú* e *Bojuy*.

(Vide *Bejú*).

Boyinquéá, corrupção de *Mbo-yû-quâra*, «estreitado em forma de garganta». De *mbo*, para tornar activo o verbo *yû*, «estreitar, fazer garganta», *quâra*, verbal para exprimir o modo ou a forma.

Braço.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Pinheiros.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Braço, corruptéla do *Mbaraá-ocè*, «muito doentio». De *mbaraá*, «molestia, doença de febres», *ocè*, posposição para exprimir superabundancia. Neste nome predominou o som do *b*.

Allusivo a produzir sezões em tempo de vasante das aguas.

Bragança.—Cidade, cujo nome, quando ainda era freguezia, era *Jaguary*: então ainda no municipio de Atibaia. Está assentada a 850 metros acima do nível do mar, em una pequena elevação á margem direita do ribeirão *Tu-*

puxinga, que nasce no morro Itapixinga, e deságua no rio *Jaguary*, pela margem esquerda, com o nome *Uberaba*.

Alguns escrevem mais correctamente, soando igualmente como o de morro.

(Vide o nome *Itapixinga*).

A região em que está o município de Bragança, é também conhecida por *Guarapocaba*.

(Vide o nome *Guarapocaba*).

Brajaymirindúba.—Rio que, nascendo na serra marítima, corre no município de Ubatuba, e desagua no oceano.

E' também conhecido por *Brajahiba*, corruptela de *Mbaraá-y-aib-a*, «máu e doentio». De *mbaraá*, «doença», *y*, relativo, *aib*, «máu», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Já li em documento de 1610 *Mara-jaimirindiba*.

Brajaymirindúba, corruptela de *Mbaraá-ayé-mirí-ndú-bae*, «muito doentio, a pique, estrondoso». De *mbaraá*, «doença», *ayé*, «muito», *mirí*, o mesmo que *pyrî*, «a pique, a prumo», *ndú*, «estrondar», *bae* (breve) para formar participio, significado «o que é».

Allusivo a produzir febres e outras enfermidades; e a ser a pique nas cachoeiras, fazendo as aguas grande estrondo.

De uma informação local colhi o seguinte:—«Tres cachoeiras, conhecidas por *Iraribá*, *Prata* e *Piabas*, formam este rio: em alguns logares são cascatas, quasi verticaes, em outros são saltos, produzindo grandes detonações, principalmente a *Iraribá*. Cahindo da serra, corre em uma varzea salpicada de pantanos até quasi á fóz. E' muito corrente; e com as chuvas torna-se perigoso em sua travessia. O rio, quando já na varzea, tem cerca de 22 metros de largura; e assim vai até o denominado *Poço dos Bagres*. Dahi continua, ora se alargando, ora se estreitando, até a sua fóz na praia, que lhe tomou o nome; medindo a fóz cerca de 40 metros. Sua profundidade varia de 2 a 5 metros; e a extensão com as voltas, mede cerca de 4 kilometros.

Bragitúba, ou *Brigitúba*, ou *Brajatyúba*.—Affluente do ribeirão *Passavinte*, pela margem direita: no município de Lorena.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Todos aquelles tres nomes são corruptelas de *Mboró-ai-ye-tiú-bae*, por contracção *Mbor'-ai-ye-tiú-bae*, «o que boja, fazendo charco». De *mboró*, o mesmo que *poró*, particula de composição para exprimir o efecto do verbo, ao qual se junta e antecede, *ai*, «aguar, ser aguado», *ye*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *tiú*, «bojar, fazer barriga», com o suffixo *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo a terem facil escoadouro nos rios a que afflúem; e, portanto, suas aguas reflúem, e formam lagoas e charcos.

Branco.—Morro, no município de Parnahyba.

(Vide o nome *Cabello Branco*).

Neste morro, além de marmore de varias cores, ha mina de ferro de boa qualidade.

Branco.—Uma das cabeceiras do rio *Botoróca*: no município de S. Vicente.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Itanhaen.

Cabeceira do rio *Piroupara*: no município de Iguape.

Affluentes do rio *Una d'Aldêa*, pela margem direita: no município de Iguape. Ha o de *cima* e o de *baixo*.

Ha tambem um rio *Branco* no município de Cananéa: com lindos saltos.

Todos estes ribeirões, excepto o de Cananéa, têm na respectiva região, um companheiro denominado *Preto*.

O *Branco* do rio *Piroupara* forma com o *Preto* uma forquilha; e são as cabeceiras do mesmo *Piroupara*.

Muito correntes.

Branco, corruptela de *Mbaraá-ngûe*, «ruim». De *mbaraá*, «criar enfermidade, ter ruindade», com *ngûe* o mesmo que *cûe*, para exprimir preterito.

Allusivo a produzir doença, febres e maleitas.

Brotas.—Villa, fundada entre as duas vertentes do rio *Jacaré-pipira-mirim*.

Este rio, ainda a pequena distancia da villa, despenha-se por um terreno muito accidentado, formando nas suas successivas quedas uma série de saltos e de bellas cascatas.

Brotas, corrupção de *Pór-a-óí-ta*, «saltos torcidos». De *pór*, com o complemento de *a* (breve), conforme a lição do padre A. R. MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, formando *por-a*. «saltar, dar queda, salto», *óí-ta*, derivado de *óí*, «torcer», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino. Por contracção, *P-r'-óí-ta*.

Allusivo a essa sucessão de saltos no rio *Jacaré-pipira-mirim*; e os primeiros exploradores traduziram o nome em *Salto*, e outros depois corromperam o nome tupi em *Brotas*, por causa do som.

Brumado.—Corredeira no rio *Mogy-guassú*: muito perigosa embora não o pareça.

Brumado, corrupção de *Mború-yá-bo*, «enganadora e dissimulada». De *mború*, «enganador, perigo occulto», *yá*, «dissimular», com o suffixo *bo* (breve), para formar supino.

Bufão.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, abaixo da foz do rio *Apiah*: no município de Itapéva da Faxina.

Bufão, corrupção de *Mbuâ*, «levantar, estar em pé, fazer frente». O verbo é *puâ*; mas é este um dos que mudam o *p* inicial em *mb*.

Allusivo a ser formada por um dique ou travessão de granito duríssimo, no qual ha apenas um canal estreitíssimo, por onde as aguas precipitam-se, formando mais abaixo enormes e successivos rodomoinhos.

Bugio.—Affluente do *Tinga*, pela margem direita *tunga*, tambem município de

Bugio, corruptela de *Mbo-ígi*, «apergado». De *mbo*, partícula activa, *ígi*, «apertado, duro». Por contracção *Mb-ígi*. O primeiro *i* tem som guttural.

Allusivo a correr entre montes.

Em seu curso, recebe as aguas de dous mananciaes, no logar *Jardim*, nascidos de duas grutas; de outros quatro, nas terras do sitio *Cachoeira*; de mais dous, no sitio denominado *Bugio*; de um, no sitio *Pedreira*; e, finalmente, de mais dous, já quasi á sua foz.

No *Corrasquinho* tem elle a sua origem principal. Seu curso é de seis kilômetros.

Apenas tem tres pequenas cachoeiras.

Bugios.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*.

Bugios, corruptela de *Mbo-ígi*, «apergado». De *mbo*, partícula activa, *ígi*, «apertado, duro». Contrahido em *Mb-ígi*. O *i* tem som guttural.

Allusivo a estreitar-se ahi o rio, na extensão de quasi um kilometro, formando passagem perigosíssima.

Mais abaixo desta cachoeira, 4 kilômetros mais ou menos, ha outra cachoeira, que tem o mesmo nome, e é tão perigosa: formada entre dous lagedos, que ahi estreitam o rio, deixando apeuas um canal profundo, com temíveis rodomoinhos.

Por serem duas cachoeiras, a corruptela foi no plural: *Bugios*.

Buquira.—Villa, conhecida hoje por *Villa das Palmeiras*, sem uma razão natural para isso.

Esta villa está á margem esquerda do rio *Buquira*, antes de receber o ribeirão *Ferrão*, nome também corrompido.

Este rio divide-se em *Buquirinha* e em *Buquira-tirande*: é o grande salto quo os separa assim. O *Buquirinha* tem quatro cachoeiras importantes: além de outras menores.

Ha também a serra *Buquira*, que de divisa aos municípios de *Bragatava*. Nesta serra ha m-

E ha tambem a serra *Buquira*, no municipio de Nazareth; tambem, como aquella, ramificação da serra *Mantiqueira*.

O nome do rio, *Buquira*, é corruptéla de *Bi-gui-rô*, «de alto a baixo». De *bi*, «alto», *gui*, «baixo, logar inferior», *rô*, «pôr-se».

Allusivo ao grande salto que o divide em dous, como acima está mencionado.

O nome das serras, *Buquira*, é corruptéla de *Mbo-yé-guir-a*, contrahido em *Mb'-yi-guir-a*, «óco embaixo». De *mbo*, particula activa, *yî*, «óco», *guir*, «em baixo», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a cavernas.

Buquiri.—Nome de um logar no municipio de Lorena, proximo á serra.

Tambem assim era denominada pelos indigenas a região que forma a ilha em que está situada a cidade de Santos. Dahi—a versão de macacos que, segundo frei GASPAR DA MADRE DE DEOS, nas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, se denominariam *buriqnis*, applicada truncadamente á explicação do nome *Bertioga*.

(Vide o nome *Bertioga*).

Buquiri, corruptéla de *Mbo-quir-i*, «successivamente chuvoso». De *quir*, «chover», *i*, posposição para exprimir perseverança; precedido de *mbo*, para tornar activo o verbo, exprimindo ao mesmo tempo «habito», apócope de *mborô*, o mesmo que *porô*.

Burú.—Affluente do rio *Tietê*, pela margem direita: nos municipios de Porto Feliz e de Itú.

Já li escripto *Bulgrû*!

Burú, corrupção de *Mbi-rû*, «rodomoinho». De *mbi*, o mesmo que *pi*, «centro, fundo», *rû*, «revolver».

Ha no rio *Tietê*, proximo á foz deste seu affluente, a corredeira *Burú*, que é corruptéla tambem de *Mbi-rû*.

Tanto no ribeirão, como na corredeira, ha muitos rodomoinhos. O som guttural

de *Mbi-rû*, é que produziu a corrupção supra.

Butá.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de S. José dos Campos.

Butá, corruptéla de *Mbo-itá*, «faz degráu». De *mbo*, particula de composição para tornar activo o verbo, *itá*, «ser em forma de estante, ter pilares, formar degráus, ou causa que se estriba em outra». Por contracção *Mb'-itá*; tendo som guttural o *i*.

Allusivo a cahirem da serra suas aguas com ou sobre um salto de tres metros de altura, e outros menores.

Butá é tambem o alto do morro *Andaráquara* no municipio de Nazareth.

(Vide o nome *Andaraquára*).

Buturussú.—Serra, no municipio de *Itanhaém*.

Buturussú, corrupção de *Ibiti-ruçú*, «serra grande». De *ibiti*, «serra», *ruçú*, «grande, largo», precedido de *r*, por ser necessário na composição da palavra, a fim de separar duas vogaes.

Allusiva a ser extensa, alta e larga.

Buzios.—Pequena ilha, dividida apparentemente em duas por causa de uma depressão no centro: a leste da ilha *S. Sebastião*.

Figurando duas, e por serem muito pequenas e razas, os indigenas a denominaram *Bú-bo*, «salidas debaixo d'agua», isto é, «surgidas do mar». Os portuguezes, ouvindo o som da palavra, pensaram ser *buxios*, esquecendo-se de que *buxio* é de origem africana: e assim ficaram com esse nome. Alguns escrevem, ainda com maior corrupção, *Búgios*, porque os africanos pronunciam *bújus*.

Bú-bo, verbal deridado de *abná*, «sair debaixo d'agua» com o suffixo *bo* (breve) para formar supino, ou antes, para exprimir o modo de estar.

Com effeito, estes ilhéos, de tão razos, são vistos no meio das ondas como surgindo do mergulho, a proporção que o navegante aproxima-se de cada um.

C

Caáguassú.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no município de Sorocaba. Alguns têm escripto com menos incorrecção *Cnáguaçú*.

Affluente do rio *Jundiahý*, pela margem esquerda: entre os municípios de Cabreúva e de Jundiahý. Ha ahi tambem um morro com este nome.

(Vide o nome *Caguassú*).

Uma das cabeceiras do ribeirão *Jundiovira*, pela margem direita, no município de Jundiahý.

Cuáguassú, com referencia a curso d'agua, é corruptéla de *Quâ-quâ-cú*, «poços ou fojos, com altos e baixos». De *quâ*, «poço, fogo», *cú*, «altos e baixos». *Quâ*, repetido, é para assinalar a frequencia, successivamente ou em muitos logares, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo aos peraús nesses ribeirões.

Cabaços.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Xiririca.

Cabaços, corruptéla de *Cubáqua*, «corrente, veloz».

Allusivo á grande correnteza de suas aguas.

Em frente á fóz deste rio ha uma pequena ilha, que traz hoje o mesmo nome *Cabaços*.

Cabeça.—Affluente do rio *Corimbatehy*, pela margem direita: no município do Rio Claro.

Cabeça, corruptão de *Quab-êcê*, «successivamente corrente». De *quab*, «passar, correr», *êcê*, o mesmo que *hêcê*, o mesmo que *rehê*, «successivamente».

Allusivo a ter forte declive, e a ser por isso sempre corrente.

Cabello-branco.—Morro granítico, á margem esquerda do rio *Juquerj*:¹⁹ município de S. Paulo.

Cabello-Branc, corruptão de *Qnib-i-bang-ca*, «torcido e ponta alta». De *quâ*, «ponta», *bi*, «levantar, elevar, alçar, alto», *bang*, «torcer» levado ao supino pelo acréscimo da partícula *ca* (breve). O som do *u* de *quâ* é quasi imperceptível.

Allusivo a não se mostrar bem ereto, e a ser altamente ponteagudo.

A corruptão foi operada pelo facto de ser composto esse morro de schistos argilosos e de quartzitos, mostrando no alto elementos calcareos.

Caboçú.—Affluente do rio *Guapira*, pela margem esquerda: nasce nos muros denominados *Peruchia*, e corre entre os municípios de S. Paulo e da Conceição dos Guarulhos.

E' tambem o nome de um ribeirão affluente do rio *Tieté*, pela margem direita, na freguezia de N. S. do O': município de S. Paulo.

E' tambem o nome de um ribeirão que, nascendo na serra *Cubatão*, banha o município de Santos e desagua no furo *Bertioga*.

Ha, na província, outros cursos d'água com esse nome.

Caboçú, corruptéla de *Guâù-buçú*, «enseada larga». De *guâù*, «enseada, alagadiço», *buçú*, «largo, grande», o mesmo que *uçú*.

O primeiro ribeirão é o que serve de divisa aos municípios de S. Paulo e da

Conceição dos Guarulhos. Depois da sua confluencia com o *Tremembé*, este toma o nome de *Guapira*.
(Vide o nome *Guapira*).

Cabras.—Morro, no municipio de Itatiba.

Morro, no municipio de S. Vicente.

Morro, no municipio de Atibaia.

Ilha pequena, no oceano; do municipio de Ubatuba.

Ilha pequena, no oceano; do municipio de S. Sebastião, ao sul.

Ilha pequena, no oceano; muito proxima á barra da Enseada, na ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro*; do municipio de Santos.

Cabras, corrupção de *Quâ-bae*, «ponte-agudo». De *quâ*, «apontar, ter ponta», com o sufixo *bae* (breve) para formar supino.

Allusivo a não serem razos.

Os morros são pedregosos.

As ilhas são de margens graniticas e altas; rodeadas de profundidade. Apenas a do sul de S. Sebastião tem na face oriental um arrecife que se prolonga, sob as aguas, para o canal.

Cabreúva.—Villa situada á margem esquerda do ribeirão *Cubreúva*, affluente do rio *Tieté*, pela margem direita. O nome é do ribeirão.

Este nome nada tem com a arvore *cabreúva*, alta, de cerne vermelho, resinosa, conhecida na sciencia por *Myrocarpus frondosus* e *Myrocarpus fastigatus*: da familia das leguminosas.

Segundo MARTIUS, no seu *Glossario ling. brasil.*, este nome significa «arvore onde pousa o passaro caburé! E' boa...»

Cabreúva, corrupção de *Qua-ába-rí-iì-bae*, «corre lento e é sujo». De *qua*, «correr, passar», *ába* particula de principio, para exprimir neste caso o modo, *rí*, «tardar, ser lento, vagaroso», para caracterisar o modo de correr, *iì*, «ser sujo, manchado», com a particula *bae* (breve), para exprimir o que é. O *qua* sóa como *ca*.

E' o inverso de *qua'-bá'-quâ*, ou como o escreve o padre A. R. DE MONTOYA, *cabáqua*, «muito corrente», por ser a repetição do verbo *áqua*, «correr».

Allusivo a correrem lentas as suas aguas, sobre terreno de varzea e massapé preto em grande parte, e portanto sujas.

Cabreúva.—Morro entre os municipios de Nazareth, de Mogi das Cruzes e de Conceição dos Guarulhos.

(Vide o nome *Guavirutuba*).

Cabreúva, corrupção de *Quâ-bir-ii-bo*, «ponta alta em resvaladoiro». De *quâ* «ponta» *bir*, «elevar, alçar, levantar», *ii*, «resvalar», *bo* (breve) para exprimir o modo de estar.

Caçapava.—Cidade, á margem da estrada de ferro *S. Paulo e Rio de Janeiro*, entre S. José dos Campos e Taubaté.

Da antiga povoação dista a actual cerca de uma legua: é hoje conhecida por *Caçapava velha*.

Caçapava, corruptela de *Caá-haçá-paba*, «travessia de monte». De *caá*, «monte», *haçá*, o mesmo que *taçá* «passar, atravessar», *pába*, o mesmo que *ába*, «logar onde»; e é *pába*, porque *haçá* acaba em *b*, e portanto, segundo a regra ensinada pelo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, muda o *b* em *p* para formar o verbal *pába*.

A acção ou o lugar de atravessar é sempre *haçapába*. Se é simplesmente «travessia de rio», dizem, *I-haçá-pába*; se é «travessia de montes», dizem, *Caá-huçá-pába*, por contracção *Caá'-çá-pába*.

Allusivo a ter sido por ahí o travessio entre as serras *Itapera* e *Mantiqueira*.

Caçaquéra.—Logar alagadiço, no municipio de S. Bernardo.

Caçaquéra, corruptela de *Gu-açái-quér-a*, «esparzido e parado». De *gu*, reciproco para exprimir a acção da cousa em si mesma, *açái*, «esparzir, espalhar, estender», *quér*, «dormir, estar quieto», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo ás aguas pluviaes que ahí acumulam, se espalham, ficam paradas, e são depois absorvidas pelos raios solares.

Cachimbo.—(Vide o nome *Caximbo*).

Cachoeira.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita: no municipio de Santo Antonio da Cachoeira. A' margem esquerda deste ribeirão está a cidade deste nome.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Itatiba. Desde este ribeirão eleva-se em amphitheatro a collina, sobre a qual está assentada a cidade de Itatiba.

Affluente do rio *Turvo*, pela margem esquerda: no municipio do Espirito Santo de Barretos. A' margem deste ribeirão ha uma lagôa, tambem com o nome *Cachoeira*, tomado do ribeirão.

Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem esquerda: no municipio de Batataes.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Bocaina.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Tremembé*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

(Vide o nome *Tremembé*).

Rio, no municipio de *Cananéia*; desagua no mar *Aririaia*. Tem saltos de alguns metros de altura.

Cachoeira, corruptéla de *Cá-tã-iiérè*, «quebra duro e derrama-se». De *cá*, «quebrar», *tã*, apócope de *tatã*, muito usada na lingua tupi para composição de nomes, «duro, rijo, forte», *iiérè*, «derramar». Por causa de som guttural de *iiérè*, o *t* sóa como *s*.

Allusivo a descerem as aguas, de queda em queda, de poço em poço, derramando-se successivamente.

A palavra *cachoeira*, portanto, nunca foi portugueza: e a prova disso está em que MORAES e AULETE, para assinalarem-lhe a origem, inventaram, em seus *Dicionarios da Lingua Portugueza*, a palavra composta *Cachão-eira*: de *cachão*, significando «agua em borbulhão depois de despenhada». Neste sentido foi usada só pelo padre ANTONIO VIEIRA (*), depois de ter estado no Brazil, a palavra *cachão*.

Por igual, a palavra *catadupa* parece tambem de origem tupi: *cá-lã-nidú-pe*,

«quebra duro com estrondo». De *cá*, «quebrar», *tã*, apócope de *tatã*, «duro», *nidú*, «estrondo», *pe* (breve), posposição significando «com». Tanto MORAES, como AULETE, dizem que *catadupa* é de formação grega, *kata-doupos*, «som do que cahe com ruido»; e LITTRÉ, em seu *Dictionnaire de la langue française*, o confirma. Em tal caso, cumpre reconhecer a coincidencia da formação grega com a formação tupi, para exprimir o mesmo facto. E', porém, digno de nota que os classicos citados por MORAES na palavra *Catadupa*, são posteriores á descoberta do Brazil; e, pois, é possivel que nisso a formação tupi haja influido de algum modo.

Em summa: o nome *cachoeira* é tupi.

Cachoeira da Escada.—Rio que serve de divisa ás provincias de Rio de Janeiro e de S. Paulo, no littoral.

Cachoeira da Escada, corrupção de *Cá-tã-iiérè-yo-itá*, «quebra duro derramando-se de degrau em degrau». De *cá*, «quebrar», *tã*, «duro», *iiérè*, «derramar», *yo*, reciproco, para exprimir comunicação de uns com outros, e plural, *itá*, «armação, degraus, pilares, cousa em que outra se estriba».

Allusivo a descer sobre uma série sucessiva de pedras talhadas em forma de degraus.

Cachoeirinha.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Nazareth.

E' *Cachoeira*, com diminutivo em portuguez.

Cáco.—Morro, no municipio de Iporanga.

Cáco, corruptéla de *Cá-cûe*, «o quebrado». De *cá*, «quebrar, abrir», *cûe*, particula de preterito.

Mesmo a palavra *cáco*, no sentido de *cousas quebradas*, não é portugueza, senão tupi, como acima se vê.

Allusivo a ser derrocado em alguns logares (*).

(*) Esta explicação estava riscada e com a seguinte nota:
«Esqueci. Mas, segundo informação, o nome *Cáco* que tem o morro, provém de um individuo que lá era situado. Continuo, porém, a entender que a palavra portugueza *cáco* é de origem tupi.»

Caconde.—Cidade, desmembrada em 1864 do município de Casa-Branca.

Está situada a tres kilometros do Rio Pardo.

Caconde é corrupção de *Quâ-aquêo-nd-ê*, «quebrada bem notavel, por onde passam muitos». De *quâ-a'quêo*, «passarem muitos», *nd*, intercalação para ligar o *ô* ao *ê*, por causa da nasalidade da pronuncia da palavra anterior, *ê*, «distinto, á parte». Tambem é escripto *Ca-quêo*, segundo o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*. Por contracção, *Ca'-qu'ô-nd-ê*.

(Vide *Guaxupé*).

Allusivo á quebrada da serra *Cubatão*, servindo de passagem geral a todos naquelle região. Nessa depressão da serra corre um affluente do Rio Pardo, pela margem direita.

A cinco kilometros da cidade, ha a formosa cataracta, conhecida pelo nome corrupto *Varadouro*, no Rio Pardo. De 60 metros de largura, que na média tem este rio, estreita-se ahí, em canal de 3 a 5, aberto na rocha, na extensão de pouco mais de 100 metros, fazeendo as aguas grande ruido e rodoinhos. Nas repontas das enchentes os peixes luctam, á entrada desse estreito para serem os primeiros a subil-o.

Varadouro, corruptela de *Y-yâr-a-yâr-ru*, «colhido em estreito revolto». De *y*, relativo, *yâr-a*, infinitivo do verbo *yâr*, «colher, reunir», *yâr*, «estreitar, fazer pescoço ou garganta», *rû*, «revolver-se». O *a* final de *yâr-a* é breve.

Cadeada.—Serra, no municipio de Cananéa, servindo de divisa, pela sua ramificação *Tapinhocapa*, entre as províncias de S. Paulo e de Paraná.

Cadeada, corrupção de *Quâ-ndi-á-bae*, «muitas pontas, e tortuosa». De *quâ*, «ponta», *ndi*, «muitos», *â*, «torcer», com a particula *bae* (breve) para formar participio, significando «o que».

Com effeito, esta serra, de altitude superior a 800 metros, tem muitos picos; e ramifica-se, com tortuosidades, para diversos pontos, inclusivè para o littoral, onde fórmā promontorios, como o que se vê da villa de Cananéa.

Caetano.—Affluente do rio *Juqueré*: no município de S. Sebastião.

Caetano, corrupção de *Cuá-atâ-mo*, «duro no meio». De *cuá*, «meio entre os extremos», *atâ-mo*, verbal derivado de *atâ*, «ser duro», com o suffixo *mo* (breve) para formar supino, por ser nasal a letra *ã* da palavra anterior.

Allusivo a ter este ribeirão gargantas graniticas entre a nascente e a fóz, mesmo no meio, entre esses extremos.

Nada tem igualmente este nome com a arvore de matto virgem, nomeada tambem corruptamente *Caetano*, cuja madeira é empregada em frecháes.

Caeté.—Ribeirão que, nascendo na serra maritima, desagua no rio denominado *Bertioga*, município de Santos.

Nada tem este nome com o *caité*, cujas folhas servem para forrar os *yacá*, ou *jaci*. E' tambem conhecido por *banana do matto*, por causa da fórmā. Da familia das Musaceas.

Caeté, corruptela de *Quâ-eté*, «caudaloso». De *quâ* infinitivo, de *aquâ*, «correr», *eté*, para exprimir o superlativo sempre que é repetido ou que se junta a verbos como neste caso.

Este ribeirão é tão caudaloso que suas aguas formam o denominado *Largo do Caeté*.

Segundo o systema dos indigenas, dando denominações com som quasi identico, mas com significação diversa a ló-gares da mesma região, *Caeté*, com referencia a este *Largo*, é corruptela de *Quâ-eté*, «poço grande». De *quâ*, «poço, fojo, buraco», *eté*, «grande, verdadeiro, forte».

Dizer *Largo do Caeté* é uma redundancia.

Caetétuba.—Bairro, no município de Atibaia.

Este nome do bairro é tirado de um morro «completamente quebrado e deitado». De *cá*, «quebrar», *eté-i*, «inteiramente, completamente», *tuba*, infinitivo do verbo *ayub*, «estar deitado, estar no chão»: *Cá-eté-i-tuba*. Nada tem tambem com o *caité*, vegetal.

Mesmo na estrada que atravessa esse bairro, ha espalhadas muitas pedras soltas, denotando ter por causa um grande derrocamento.

Cafundó.—Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem esquerda: nos municipios de Patrocinio de Santa Isabel e de S. José dos Campos.

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de S. José do Rio Pardo.

Cafundó, corrupção de *Quáí-yt-nd-óg*, «talhado e em concavidades tapadas». De *quáí*, «cortar, talhar», *yí*, «concavidade, oco, abertura natural», *nd*, intercalação nasal, *óg*, «tapar». O *yí* tem som guttural.

Allusivo a correrem entre barrancas altas, a prumo, como que talhadas por baixo de rochas que lhes tapam o leito em varios logares.

Caguassú.—Nome de varios morros na provincia.

Caguassú, corruptéla de *Caá-guaçú*, «morro grande» ou «matto grosso».

Ha com este nome um morro proximo á cidade de S. Paulo. Por existir ainda por esse lado uma certa extensão de matta, alguns titulos o denominaram *Matto grosso*.

Muitos quereriam que *Caguassú* fosse corruptéla de *Cangnaçú* ou *Canguçú*, carniceiro da especie *mbaracayú*, do genero *Felis* ou onça: assim denominado pelos indigenas, de *acang*, «cabeça», *uaçú* ou *ucú*, «grande, grossa», conhecida na sciencia por *felis pardales*. Tanto mais que este quadrupede carniceiro habitaria tambem esse morro e os respectivos mattos.

O nome *Caá-guaçú*, não é, porém, mencionado em documentos antigos: sim, o de *Itayassupeba*, corruptéla de *Itá-guaçú-pé-bae*, «penhasco chato, chapadão», allusivo á sua parte superior.

(Vide *Itayassupeba*).

Cahêpupú.—(Vide o nome *Cui-pupú*).

Cahucáia.—Morro entre os municipios de Cotia e de Una.

Cahucáia, corruptéla de *Quáí-quáí-a*, «cingido por todos os lados». De *quáí*, «cingir», repetido para exprimir superlativo, com o accrescimo de *a* (breve) para formar infinitivo.

Allusivo á sua estructura granitica.

Cahy.—Affluente do ribeiro *Cururú* ou *Pinhal*, e este do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Cabreuvá e de Jundiahá.

Cahy, corruptéla de *Cá-i*, «constantemente quebrado». De *cá*, «quebrar, abrir», *i*, posposição para exprimir perseverança no facto.

Allusivo a alargar-se em muitos logares, derramando suas aguas pelas margens.

Calassica.—Logar no municipio de Santos, nas cabeceiras do rio *Itapanhaú*.

Calassica, corruptéla de *Caá-ci-ca*, «morros pegados». De *caá*, «morro», *ci* «pegar», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino.

Caiobá.—Morro elevado que marca a extremidade da maior das ramificações da serra *Itatins*, a qual se desdobra para sudoeste. E' fronteiro ao canal, na margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*, formando cabo na foz do rio *Guaratuba*.

Tambem este rio é denominado *Brejaituba* por causa de uma lagoa pequena, que existe no alto deste morro.

Caiobá, corruptéla de *Caá-hobá*, «monte aberto». De *caá*, «monte», *hobá*, «aberto».

Os indigenas, para dizerem «monte claro», usam da phrase *Caá-catú-hobá*: e, pois, *catú* é simples accrescimo para exprimir superlativo. A palavra *hobá* significa «aberto, desentulhado, despegado, claro, lucido». Assim, um morro isolado, sem estar pegoado á serra ou a outro monte, é *caá-hobá*.

Exactamente, este monte *Caiobá* é isolado, e portanto aberto de todos os lados.

Caipupú.—Serra, no municipio da Conceição de Itanhaen.

Caipupú, corruptéla de *Caá-popú*, «monte que sóa óco». De *caá*, «monte», *popú*, «o que sóa óco».

Já li escripto tambem *Cahēpupú*.

Cairossú.—Nome de bairros na província de S. Paulo.

Cairossú, corrupção de *Caá-yurú-oçú*, «entrada grande ou larga do monte». De *caá*, «monte», *yurú*, «bocca, entrada», *oçú*, «grande, largo». Por contracção, *Caá-yurú-'çú*.

Esses logares eram assim nomeados e assinalados, para a certeza das comunicações.

Cajú.—Vertente do ribeirão *Itaim*: no municipio de Parnahyba. Nasce junto ao morro *Jaraguá-mirim*; e, quando engrossa, e começa a queda, toma o nome *Itaim*.

Cajú, corruptéla de *Acú-yú*, «tépido».

Allusivo a serem caldas suas aguas. Com efeito nasce em morro aurifero. (Vide o nome *Itaim*).

Cajurú.—Villa á margem do ribeirão *das Mortes*, distante um quarto de legua do que traz o nome *Cajurú*, e que é affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Cajurú e de S. Simão.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario das palavras indigenas*, o nome *Cajurú* significa «matto triste e feio». E MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, escreveu significar «matto de papagaios! —de *caá*, «matto», *ajurú*, «papagaio».

Tudo isto não tem razão de ser. Errou tanto um como outro.

Mais procedencia teria a derivação do nome do um arbusto proprio dos terrenos siliciosos: *ajurú*, *guajurú*, *rajarú*, *gagerú*, *guajuri*; nomes estes mais ou menos corruptos. Da familia das Rozaceas: conhecido na sciencia por *multicaulis icaco*. Do arbusto viria o nome ao ribeirão; pois que ha, com efeito, ali esse arbusto com fructos adstringentes.

Porém, o nome *Cajurú* não é do ribeirão; este o traz emprestado.

Cajurú, corruptéla de *Caá-yurú*, «bocca ou quebrada do monte». De *caá*, «monte», *yurú*, «bocca, entrada».

Com efeito, á quebrada da serra é a posição ou situação do logar; quer o antigo arraial, á margem esquerda do ribeirão *Cajurú*, quer a actual villa, á margem direita do ribeirão *das Mortes*.

No *Itinerario da riagem terrestre, da cidade de Santos, na prorincia de S. Paulo, a Cuyabá, capital da prorincia de Matto Grosso*, pelos engenheiros major J. M. DA S. REIS e capitão J. DA GAMA LOBO D'EÇA, em 1857, ha os seguintes trechos:

«A' meia legua do Catingueiro, passa-se pela ponte que transpõe o ribeirão do Cubatão, o qual borda o serrote do mesmo nome, e um quarto além o ribeirão das Mortes, que corre sobre lage. Deixando o ribeirão das Mortes, caminha-se um quarto de legua até o arraial do Cajurú, e passa-se o ribeirão do mesmo nome, correndo sobre aréa, e permittindo passagem a vâo, e uma legua além o correço e rancho do logar chamado—Lage».

O nome *Cajurú*, em summa, assinala sómente a entrada para o travessio do monte.

Calhetas.—Praia, ao sul da cidade de S. Sebastião.

Calhetas, corrupção de *Caá-yheŷi-ta*, «monte rasgado». De *caá*, «monte», *yheŷi-ta*, supino do verbo *heŷi*, «rasgar», precedido do *y* relativo, e fechado pelo suffixo *ta* (breve) por causa do *i* com accento circumflexo.

As praias são interrompidas por montes que se prolongam até ao mar; e, pois, o nome *caá-yheŷi-ta* é allusivo a serem rasgados os montes ou morros divisorios dessa praia com a septentrional e a meridional, *Toque-Toque-Pequeno* e *Toque-Toque-Grande*. (Vide estes dous nomes).

Camandocaia.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita; pelo que é tambem nomeado *Jaguary-mirim*: entre

os municípios de Bragança, de Amparo, Socorro e Mogy-mirim.

Um seu affluente, pela margem direita, traz o nome *Camandocaia-mirim*: serve de divisa aos municípios do Amparo, Serra-Negra e Mogy-mirim.

Segundo alguns, *Camandocaia* significa «terras ferteis». Segundo outros, significa «feijão queimado»: de *cumandá*, «feijão», *cáia*, «queimar».

Induzido por esses dous erros, mas não para seguir os, suppus que seria corruptéla de *Caá-mondó-cáia*, «sitio de queimada para caçar». De *caá-mondó*, «caçar», *cáia*, «queimar». Com efeito, os indigenas usavam fazer queimadas para caçarem em abundância, e assim reunirem grandes provisões.

Apanhados os animaes, os moqueavam. Moquear é assar a fogo lento, sobre uma grelha de madeira, denominada *mocaé* ou *só mocaé*; geralmente de forma triangular, descansando cada angulo em uma pedra ou em uma forquilha de madeira resistente ao fogo. Assim assados o peixe e a carne, conservavam esses alimentícios sem sal algum, durante algum tempo. A palavra *moquear*, hoje aportuguezada, vem de *mocaé*, «secar, enxugar, tostar», *tá*, contracção de *tatá*, «fogo».

Mas, conforme o systema que empregavam para as denominações, os indigenas não cogitavam da «queimada para caçar», por mais abundante de caça que houvesse sido essa região.

Camandocaia é corruptéla de *Quâ-mã-nd-o-quái-a*, «gargantas, impedimentos e poços». De *quâ*, «poço, fojo, buraco», *mã*, «impedimentos», *nd*, intercalação nasal, *o*, reciproco, *quái-a*, infinitivo, sem caso, de *quái*, «fazer cintura, garganta, estreitar apertando». O *u* de *quâ* e de *quái-a* é pronunciado quasi imperceptivelmente.

Allusivo a correr entre montes, com gargantas em que as aguas se precipitam para depois cahirem encachoeiradas, formando poços.

Cambahúva.—Affluente do ribeirão *Das Cruzes*, e este do rio *Mogy-guassú*,

pela margem esquerda: no município de Jaboticabal.

Cambahúva, corruptéla de *Gu-ambú-ni-bo*, «margens resvaladias». De *gu*, reciproco, para exprimir as duas margens, *ambú*, «lado, costado», *ni*, «resvalar», *bo* (breve) para formar supino.

Allusivo a ter as margens em resvaladouro, e lodosas.

Cambaiuvoca.—Morro, no município de Jaboticabal.

Cachoeira no rio *Tieté*, abaixo da foz do rio *dos Porcos*, no mesmo município.

Cambaiuvoca, corruptéla de *Gu-ambú-bogca*, «fendido ao lado». De *gu*, reciproco, *ambú*, «lado, costado», *bog*, «fender-se, gretar-se, abrir-se», levado ao supino pelo accrescimo de *ca* (breve).

Quanto ao morro, o nome é allusivo a grutas que nello existem, bem como ás fendas que mostra.

Quanto á cachoeira, o nome allude ao canal que se mostra aberto ao lado, entre os arrecifes e a margem do rio.

Cambará.—Affluente do ribeirão *Paraty*, pela margem direita: no município de Jacarehy.

Cambará, corruptéla de *Guâa-mbáraá*, «alagadiços pestilentes». De *guâa*, «enseada, alagadiço», *mbáraá*, «doença, enfermidade, febres palustres».

Allusivo a produzirem febres as suas aguas transbordadas e paradas nas enseadas.

Hoje tem o nome *Remedios*, por causa da Capella que existe em suas cabeceiras ou vertentes.

Cambaropy.—Rio que, nascendo na serra *Aririáia*, corre no município de Cananéia, e desagua no mar conhecido tambem por *Aririáia*.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, este nome significa «peixe de escamas».

Cambaropy, corruptéla de *Camambú-rupi*, «com bolhas». De *camambú*, «empôla, bolha», *rupi*, posposição signifcando «com».

Allusivo ao facto de fazerem bolhas em empôlas as aguas deste rio, certamente por serem mineraes.

Camberihú. — Ilha pequenina, em uma enseada, a leste da ilha *Cardozo*.

Camberihú, corruptéla de *Pañ-mboriahú*, «ilha estéril». De *pañ*, «ilha»; *mboriahú*, «pobreza, esterilidade, sem prestímo».

Cambixa. — Affluente do rio *Una da Aldéa*: no município de Iguape.

Cambixa, corrupção de *Cambi-ca*, «forqueado». De *hacambi*, «fazer forquilha, forquear», com o sufixo *ca* (breve) para formar supino, perdendo por isso o *ha* inicial.

Allusivo a ter dous braços em forquilha.

Cambory. — Pequeno ribeirão que nasce na serra marítima e que desagua no canal da Bertioga; no município de Santos.

Peqnenio ribeirão que nasce na serra marítima e desagua no oceano; no município de S. Sebastião.

Affluente do rio *Itanhaen*, pela margem direita: no município de Itanhaen. E' conhecido por *Cambury-guassú*.

Cambory, corruptéla de *Gu-ambi-ri*, «successivamente apertado». De *gu*, reciproco, para exprimir as duas margens, *ambi*, «apertar entre duas cousas», *ri*, o mesmo que *rehé*, «successivamente».

Allusivo a correrem suas aguas successivamente, entre margens altas.

Cambuçá. — Affluente do ribeirão *Anha da Costa*: no município de Iguape.

Cambuçá, corruptéla de *Gu-ambi-çáñ*, «cambas as margens estendidas». De *gú*, reciproco, *ambi*, «lado», *çáñ*, «estender, esparzir».

Allusivo a ter baixas as margens; de sorte que com as chuvas as aguas se esparzem.

Por isso, é mais uma lagoa corrente do que propriamente um ribeirão.

Cambucy. — Morro proximo á cidade de S. Paulo, ao sul.

Affluente do rio *Tamanduatchy*, pela margem esquerda, logo em seguida a aquelle morro.

Cambucy, nome do morro, é corruptéla de *Gu-ã-mb-y-çý*, «empinado em

resvaladouro». De *gu*, para exprimir neste caso o modo de estar, *ã*, «empinar, estar erecto», *mb*, intercalação nasal para ligar a *y* relativo, *çý*, «resvalar».

Allusivo ás suas encostas alcantiladas.

Cambuey, nome do corrego, é corruptéla de *Gu-ã-mbicý*, «fundo liso e margens empinadas». De *gu*, reciproco, para exprimir as duas margens, *ã*, «empinar», *mbicý*, o mesmo que *picý*, «fundo liso», mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal de *ã*.

Allusivo a correr livremente, sem embaraço algum, entre margens altas.

Cambuhý. — Morro, no município de Araraquara.

Cambuhý, corruptéla de *Gu-ã-mboí*, «despegado e empinado». De *gu*, para exprimir o modo de estar, *ã*, «empinar», *mboí*, «despegar, separar, cortar».

Allusivo a ser separado da serra, tendo alcantiladas as encostas.

Cambury. — Ilha pequenina, na fóz do pequeno ribeirão que traz, no som, quasi o mesmo nome: no município de S. Sebastião.

Cambury, corruptéla de *Quâ-mbiri*, «um pouco pequenita». De *quâ*, «pequenita», *mbiri*, «um pouco». O primeiro *i* de *mbiri*, tem som guttural, por existir na palavra um segundo *i*, conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*. Dahi o som *Q'ã-mburi*. O *u* de *quâ* tem som quasi imperceptivel; ou de todo imperceptivel para os que não fallam a lingua tupi.

O bairro tirou desta ilhota o nome.

Campanã. — Estreito, no rio *Paranapanema*, á barra do corrego *Neblina*.

Campanã, corruptéla de *Gu-apá-nhã*, «torcida e em corredeira». De *gu*, para exprimir o modo de estar, *apá*, «torcida», *nhã*, «correr».

E' pronunciado *G'-apá-nhã*, porque o som nasal de *nhã* torna tambem nasal as outras vogaes, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guaraní*.

Com effeito, ahia a largura do rio é reduzida a seis metros, formando um canal torcido, em terrivel corredeira.

Campina.—Ribeirão, no municipio de Apiahy, que, com outros, forma o rio *Apiahy-guassú*.

Morro, na serra maritima, onde nasce aquele ribeirão.

Campina, nome do ribeirão, é corrupção de *Gu-apí-i-na*, «de volta em volta». De *gu*, para exprimir o modo de estar, *apí*, «torcer, fazer voltas, ladear», *i-na*, «estar».

Allusivo a descer fazendo successivas voltas, ladeando o morro.

Campina, nome do morro, é *Gu-apí-na*, «pellado». De *gu*, para exprimir o modo de ser, *apí*, «pellado, despontado», com *na* (breve) para completar a palavra.

Estes dous nomes são pronunciados *G'-apí-na*, porque o som nasal de *i* nasalisa o *a* de *api*, segundo a lição do padre A. R. MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a ser escalvado e despido de vegetação.

Campinas.—Cidade notavel por seu commercio e industria. Era a antiga freguezia de N. S. da Conceição, e depois villa de S. Carlos.

O local em que posteriormente estendeu-se a povoação, era conhecido por *Caá-elé* «matto grosso», por causa da floresta ou matta virgem que o cobria.

O nome *Campinas* corresponde apenas ao local em que foi edificada, ha mais de um seculo, 1772—1773, a pequena ermida de N. S. da Conceição.

Não é nome portuguez, no sentido aqui empregado: *caá-apí-na*, «monte sem vegetação». De *caá*, «monte», *apí*, «ser pellado, calvo», e, com referencia á terra ou monte, significa «ser escalvado, sem arvores nem plantas», com o accrescimo *a* por acabar em consoante, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, podendo mesmo considerar-se em supino, pelo sufixo *na*, por ser nasal a pronuncia do *i* final. *Este som nasal do i final fere*

tambem *caá*, conforme a regra dos gramaticos, soando *caá*.

Caá-apí-na para contrastar com *Caá-elé*.

MORAES, em seu *Diccionario da Lingua Portugueza* e, com elle, outros, não dá a etymologia da palavra *Campina*; e modernos são os classicos por elle citados. Acredito que seja de origem tupi.

Campo-Largo (de Atibaia).—Freguezia, no municipio de Atibaia.

Situada a dous kilometros do ribeirão *Muracanã*, melhor fôra que guardasse este nome bem corrigido.

(Vide o nome *Muracanã*).

Campo-Largo, corrupção de *Caá-pó-icechág*, «chapadão, a perder de vista.» De *caá*, «monte», *pó*, o mesmo que *bó*, «extensão, grandeza», *icechág*, «o que alcança a vista».

Não se trata de *campo*, propriamente tal, mas de *chapada* e *chapadão*: são formações differentes.

A chapada é sempre sobre o monte, e esteril. O som da palavra composta *caá-pó* produziu *campo*; até mesmo porque a chapada tem disso a apparencia. E *icechág* produziu *largo*.

Campo-Largo (de Sorocaba).—Villa, á margem direita do ribeirão *Guacuriú*.

Tambem ahia ha chapadas ou chapadões, semeados de lagos, em uma das quaes nasce o referido ribeirão.

Portanto, *Campo-Largo* é, ainda aqui, corrupção de *Caá-pó-icechág* «chapadão a perder de vista».

Campos Novos (Remedio dos).—Freguezia, no municipio de Cunha.

Camuna.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita no municipio de Iguape.

Camuna não é o nome verdadeiro deste ribeirão; sim *Momuna*.

Inclui neste Diccionario o nome *Camuna*, porque li-o em um escripto.

(Vide o nome *Momuna*).

Cananéa.—Villa situada na ilha do mesmo nome.

Cananéa, como nome da ilha, poderia ser corruptéla de *Caá-anã-n-é*, «monte espesso, separado». De *caá*, «monte», *anã*, «espesso, grosso», com applicação à corpo, bosque, monte, *n*, intercalado por ser nasal o som de *nã*, a ligar com *é*, «separado, á parte».

Allusivo a estar separado do continente pelo *Candairó*. Por contracção, *Caá'-nã-n-é*.

Os indigenas, nomeando-a *Caá-anã-é*, quereriam talvez assinalar a diferença entre essa ilha e a denominada corruptamente *Ilha Comprida*, porque esta é arenosa e sem vegetação, tendo apenas algum mangue.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: «Sahi da ilha de Iguape para a de Cananéa em canôa pelo braço de mar (ou Mar-pequeno) formado pela terra firme e pela lingua de terra, ou ilha, que decorre desde a barra do norte de Iguape até Cananéa: esta ilha estende-se até doze leguas (segundo julgo) e vem fazer o pontal da villa de Cananéa com o morro, por detraz do qual fica a villa deste nome. Tendo andado cosa de cinco ou seis leguas,.... mais adiante, o mesmo braço alarga-se e divide-se em dous, mettendo-se de per meio uma ilha, que se prolonga ao sul até perto da barra, e sobre cuja extremidade fica a villa de Cananéa: estes dous braços, que correm, um por diante da villa, e outro por detraz, tornam a reunir suas aguas junto à barra, e reunidas desaguam no mar. E' da barra de Cananéa, ou da barra de Iguape, que se servem os desta villa, porque a outra, por baixa, não admite embarcação de qualidade alguma... A villa de Cananéa fica na ilha, em baixo do morro mencionado, á borda do mar».

E, pois, attendendo bem para esta descrição e para a phrase usada em algumas chronicas «as ilhas da Cananéa», —assaltou-me o espirito a duvida —se o nome era da ilha ou do braço mencionado; e assentei que era deste.

O braço ou canal teria o nome *Canã-n-é*, «tortuoso sem perigos». De *canã*, «tortuosidades, meneios, meneiar-se», *é*, «comodidade, facilidade, sem embarracos, sem perigos», com a intercalação de *n*, por ser nasal a syllaba *nã*.

Allusivo a ser de boa navegação, apesar das tortuosidades, esse braço de mar; em contraste com o outro braço paralelo, entre a ilha e o continente.

Todavia, quer a ilha, quer o canal, podiam ter recebido as mencionadas denominações em tupi. E os indigenas sohiam usar disso, no modo de nomear logares.

Cançan.—Cachoeira, no municipio de S. Carlos do Pinhal. O ribeirão, em que ella existe, traz tambem esse nome: e é affluente do ribeirão *Monjolinho*, pela margem direita, e este do rio *Jacaré-pipira-guassú*, tambem pela margem direita.

(Vide os nomes *Monjolinho* e *Jacaré-pipira*).

Cançan é corruptéla de *Tan-tan*, «duro».

Allusivo a ser uma cachoeira perpendicular de cerca de cem metros de altura, com enorme estrondo que ahi as aguas fazem ao despenharem-se.

Candapuhý.—(Vide os nomes *Comprida* e *Condapuhý*).

Canella.—Affluente do rio *Una do Prelado*, pela margem direita: no município de Iguape.

Canella, corrupção de *Quâ-né*, «muito corrente». De *quâ*, infinitivo de *áquâ*, «correr», *né*, adverbio afirmativo, dando maior energia ao verbo.

Allusivo á velocidade de suas aguas, ao descerem da serra em forte declive.

Caneú.—Laga-mar, ou a parte inferior da bahia de Santos.

Caneú, corruptéla de *Canã-i-hu*, «torellinho incessante». De *canã*, «meneiar-se, dar voltas», *i*, posposição para exprimir perseverança, *hú*, «revolução, turbacção interior».

Por contracção, *Can'-i-hú*.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, o nome *Caneú* significa «logar onde as aguas se reunem». E' o caso de dizer que ouviu cantar o gallo, mas não soube onde. Com efeito, o incessante torvellinho que ahi fazem as aguas é o resultado do encontro de diversas correntes, com variedade de procedencias, nesse logar da bahia.

O nome não é, portanto, do laga-mar da bahia, senão só do local em que existe esse incessante torvellinho.

(Vide o nome *Engaguassú*).

Cangaguá.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes.

Cangaguá, corruptela de *Cang-aguá*, «enseadas secas». De *cang*, «seccar, enxugar ou ser enxuto», *uá*, o mesmo que *cûe* ou *cuêra*, particula de pretérito, ainda que algumas vezes se toma como particula de presente.

Allusivo a serem enxutas as varzeas marginaes.

Mas, ha uma particularidade deste ribeirão: nasce em uma lagoa, no alto da serra *Itapeti*, a qual só tem agua no tempo de chuvas, e por isso é tambem denominada *Cang-aguá*, «lagoa secca».

E' o conhecido jogo linguistico dos indigenas.

Cangica.—Affluente do rio *Jundiah*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia, proximo ao arraial *Terra-Preta*.

Affluente do ribeirão *Guarahú*, pela margem direita: entre os municipios de Itú e do Salto.

Cangica, contracção de *Cangi-ca*, «fraco, debil, de pouca força», em forma de supino pelo acrescimo do sufixo *ca* (breve).

Allusivo a ser um corrego pequeno e razo, sem força alguma de correnteza, parecendo agua parada.

Eu mesmo, em viagem da cidade de S. Paulo á cidade de Atibaia, quando ainda não existia estrada de ferro, tive occasião de observal-o.

Cangioca.—Pequeno rio, na ilha *Carrazzo*: no municipio de Cananéa.

Cangi-og-ca, «de pouca força, e tapado». De *cangi*, «fraco, debil, de pouca força», *og*, «tapar», com o sufixo *ca* (breve) para formar supino, supprimido ou não o *g* final.

Allusivo á sua pouca correnteza, e ás aréas que amontoam-se em sua fóz; sendo que não tem fonte e é apenas alimentado pelas aguas das chuvas.

Canguéra.—Affluente do rio *Piragibú*, pela margem direita: no municipio de S. Roque.

Canguéra, desarticulado em *Canguéra*, «o secco». De *cang*, «seccar, enxugar ou ser enxuto», *uéra*, o mesmo que *cûe* ou *cuêra*, particula de pretérito, ainda que algumas vezes se toma como particula de presente.

Allusivo a não ter agua senão em tempo de chuvas; e, por isso, seccar, em tempo diverso.

Canha.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem direita: entre os municipios de Iguape e de Cananéa.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Taubaté e de Caçapava.

Affluente do rio *Atibaia*, quando ainda traz o nome *Atibainha*, pela margem esquerda: no municipio de Nazareth. E' mais conhecido por *Cachoeirinha*.

Canha, corruptela de *Canhŷ*, «o sumido». O *ŷ* tem, na pronuncia, som gutural e nasal, conforme a regra ensinada pelo padre A. R. DE MONTOYA, no *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a sumirem-se debaixo de pedras ou debaixo da terra.

O primeiro supra mencionado é conhecido por *Iconha*, de *Y-canħŷ*, corruptela ainda maior do que *Canha*.

(Vide o nome *Iconha*).

A propósito deste verbo *canhŷ*, li, ha tempos, uma dissertação sobre a palavra *canhembóra*, dizendo o escriptor que era mixta de tupi e africano. E', porém, palavra inteiramente tupi; formada do verbo *canhŷ*, com o acrescimo de *bóra* para significar a mesma pessoa, em muita continuação e costume, v. g., *canhembára*, «o que anda fugido, ou per-

ados», *canhembora*, «o fujão, que costuma fugir», segundo a lição textual do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*. A palavra *canhŷ-mbóra* é mais correcta do que *canhem-bóra*.

Canivete.—Afluente do ribeirão *Tapuxinga*, pela margem direita: no município de Bragança. O *Tapuxinga*, depois de receber as águas de outros corregos, engrossa, e toma o nome *Uberaba*, para affluir no rio *Jaguary* pela margem esquerda.

Canirete, corrupção de *Cany-étei*, «morto por inutil». De *cany*, «morto, perdido, acabado»; *étei*, «inutil, ocioso».

Allusivo a ser um *rio morto*: apenas corrente no tempo das chuvas.

Tem o leito obstruído de terras roladas da collina sobre que está a cidade de Bragança, e dizem que em consequência de excavações na mesma serra. Acredito, porém, mais em facto natural, porque o nome é antigo e anterior à conquista.

Canôas.—Afluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda: no município da Franca.

Afluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municípios de Boacina, de Silveiras, e de Arêas.

Afluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no município de Mogy-guassú.

Afluente do rio *Arêas*, pela margem esquerda: no município de Mococa e de Caconde.

E ha outros cursos d'água com esse nome assim corrupto. Nada tem com *canôa*.

Canôns é corrupção de *Canhŷa*, «o sumido». De *acanhŷ*, «desaparecer, perder-se, sumir-se», formando *canhŷa* no infinitivo, segundo a regra ensinada pelo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, para perder o primeiro *a* e acrescentar outro *a* no fim. O *y* tem na pronuncia o som guttural e nasal.

O afluente do rio *Parahyba* tem também o nome *Itá-qûa-çaba*, significando a acção de passar entre pedras.

As águas de todos estes ribeirões correm entre, sobre, ou por baixo de pedras furadas e mesmo penedias altas.

Cantareira.—Serra entre os municípios de S. Paulo, Conceição dos Guarulhos, Mogi das Cruzes, Santa Izabel e Patrocínio de Santa Izabel: extremidade sudoeste da serra *Mantiqueira*.

Cantareira, corrupção de *Caá-haty-ai-yo-yrê-yrê*, «montes tesos, uns atraç dos outros». De *caá*, «monte, morro», *haty-ai*, «erecto, teso», *yo*, reciproco para exprimir plural e comunicação de uns com outros, *yrê-yrê*, «uns atraç dos outros». Pela dificuldade da pronuncia do nome, os portuguezes entenderam *Cantareira*. O ultimo *yrê* é pronunciado breve e corrido. Todos os *y* são pronunciados gutturalmente e quasi não ouvidos.

Esta serra *Cantareira* é uma *corda de morros*, dos quaes os mais altos attingem altitude superior a 950 metros; sendo certo que o *Jaraguá* tem 1.100 metros. Esta corda de morros prolonga-se para nordeste, sob os nomes *Bananal*, *Itaberaba*, *Retiro* e *Itapehy*, e outros, até à grande curva do rio *Parahyba*, e mais ao norte até à serra *Mantiqueira*.

Esses morros são mais ou menos eretos como o *Jaraguá*.

Capahyba.—Afluente do rio *Jacaré-pipira-mirim*, pela margem esquerda: entre os municípios de Jahú e de Dous Corregos.

Capahyba, corruptela de *Há-pa-ñ-bae*, «o que é sujo e sinuoso». De *há*, «torcer, voltar», levado ao supino pelo acréscimo da partícula *pa* (breve), *ñ*, «ser sujo», *bae* (breve), partícula de participio. O *h* é aspirado: dahi a corruptela para *c*.

Capão.—O nome de alguns morros: de *caá*, «monte, morro», e *paû*, «ilha, insulado, isolado». Os indígenas o aplicavam, não só aos montes, como aos mattos salientes e separados ou isolados; e tambem aos montes cavernosos. Neste ultimo sentido, *Capão* é corruptela de *Caá-apan*, por contracção *Caá'-pan*, «morro sonante», allusivo a vex grutas ou cavernas.

Ha o *Capão-Alto*, no municipio de Itapetininga.

Ha o *Capão-Bonito*, no municipio de Paranapanema.

E outros.

Quanto ao *Capão-Bonito*, é certo que a serra marginal do ribeirão *Almas*, no municipio de Paranapanema, encerra muitas e sucessivas grutas.

(Vide o nome *Almas*).

Capão Bonito de Paranapanema.—Villa, á margem esquerda do ribeirão *Almas*.

Sempre pareceu-me estranho o nome *Capão Bonito*, que antecede ao *Paranapanema*; e pessoa alguma podia explicar-ni'o. Conseguí, porém, saber o que era isso. Não ha razão para que a villa ainda conserve esse nome; porque era o da antiga povoação no logar em que está o monte.

Capão Bonito, corruptéla de *Caá-apá-iby-ta*, «monte cavernoso e sonante». De *caá*, «monte», *apá*, «soar, ter som», *iby*, «cavernar, ser concavo, ser ôco», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino. Contrahido em *Caù-pâ-by-ta*. E' guttural o som do *y*.

Com effeito, distante da villa 20 kilometros, mais ou menos, e afastada do ribeirão *Almas* cerca de 3, á margem direita, ha uma pequena montanha, na qual existe uma gruta, extensa e profunda. Tem 3 pavimentos: o de cima mede 25 metros de comprimento sobre 12 de largura; o do meio, 8 de comprimento sobre 5 de largura e 4 de altura, o ultimo é em baixo dos dous, nas profundezas. No superior, as stalagmites formam um como altar. No medio, cuja entrada é por uma abertura no sólio do primeiro, proxima á rocha, ha pendentes da abobada duas stalactites que, tocadas com pedra ou objecto de ferro, soâm como sino. No ultimo, passa um corrego, cujas aguas, em cascata, despenham-se de grande altura, com estrondo.

Que construcção engenhosa a deste nome! Até o som de sino nas stalactites teve representante na palavra *apá*.

Capão Bonito do Rio Novo.—

Ha um bairro *Capão Bonito* no municipio de Rio Novo. Nesse bairro, segundo escreveu-me um informante local, «ha um morro bastante elevado nas cabeceiras do corrego *Ponte-Alta* e que é visto a grande distancia, bem como mais ao oeste ha uma ponta de serra, que pelo lado sul não é accessivel, tornando-se por isso tambem muito saliente: distam um do outro dous a tres kilometros».

Capella do Monte Serrate de Itú.

—Povoação assentada á margem do rio *Tieté*, no logar em que está o denominado *Salto*. E' hoje uma freguezia; e com varias fabricas, entre as quaes duas ou tres de tecidos e uma de papel, desenvolve sua prosperidade.

Capetevar.—Esta palavra está escripta incorrectamente no titulo de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de Outubro de 1532, para a descripção dos respectivos limites.

Em 1674, o padre jesuita LOURENÇO CRAVEIRO, annotando este titulo, escreveu não ser conhecido este *Capelevar*. Certamente não o podia ser:—porque não era nome correcto. Os indigenas denominavam o cabeço mais alto, no meio de uma serra, pela palavra *Caá-apitê-á*: de *caá*, «monte», *apitê*, «centro, meio», á, «cabeça, saliencia». Por isso, nesse documento antigo de sesmaria, está escripto: «... subirá para serra ácima até o cume, e dari a buscar o *capelevar*, e dari virá entestar com o rio...»

O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *apitéráu*, «sobresahir entre os demais, estar com eminencia». Sem duvida, mudado o *u* em *v*, a corruptéla fica explicada.

Capinzal.—Affluente do rio *Jacúpiranga*, pela margem esquerda: entre os municipios de Iguape e de Xiririca.

Capinzal, corruptéla de *Caá-api-çá*, «o que ladeia o monte, e derrama-se». De *caá* «monte», *api*, «ladeiar», *çá*, esparzir-se, estender-se, derramar-se». Por contracção, *Caa'-pi-çá*.

Ha, com effeito, nas baixadas em que correm esses ribeirões, depois de cahirem do monte, capim em abundancia: dahi a corrupção para *Capinzal*.

Capinzal.—Afluente do rio *Pirou para*: no municipio de Iguape.

Capinzal, com referencia a este ribeirão, é, sim, corrupção de *Caá-pi-i-ádoce*, «muito abundante de capim». De *caá*, «herva», *pi* «pello», *i* «fino», *ádoce* posição para exprimir superlativo. A palavra *capim* não é portugueza, é *tupi*: designa o cabello herbaceo, ou a herva em forma de cabello.

Allusivo a ter em seu leito capim em tal abundancia que impede a sua navegação e mesmo o curso de suas aguas.

Capituba.—Nome de logares altos e de cursos d'agua.

Se se trata de logares, *Capituba* é corruptéla de *Caá-a-pi-tú-bo* «morro socado no alto». De *caá* «morro, monte», *a* «cabeça», *pi* «centro, meio», *tú-bo*, verbal derivado de *tú* «golpear, socar» com o sufixo *bo* (breve) para exprimir o modo de estar.

Allusivo a chapadas no cume desses morros.

Se se trata de cursos d'agua, *Captúba* é corruptéla de *Caá-api-i-tú-bo* «o que ladeia o monte aos saltos». De *caá* «monte, morro», *api* «ladeiar», *i-tú-bo*, verbal derivado de *i-tú*, «saltar a agua», com o sufixo *bo* (breve) para exprimir o modo de estar.

Allusivo a saltos ou quedas, ao ladearem o monte.

Capivara.—Afluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de Botucatú e S. Manoel.

Afluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita, no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Capivara, nome destes ribeirões, nada tem com o quadrupede *capíu-uára* ou *capibá*. Este quadrupede habita ás margens de rios e de lagoas, nos capinzaes. E' de facil domesticação, apanhado pequeno: e, domesticado, acompanha os donos como cão. E' arisco: ao menor ruido,

foge, e atira-se na agua do rio ou lagoa proxima; mergulha, e, caminhando pelo leito, reaparece longe. E' semelhante ao porco, porém mais alongado no comprimento e mais comprimido na largura. Tem o sistema dentario quasi como o das pacas e cotias. A cabeça é comprida, mas o focinho é arredondado: as orelhas, pequenas, arredondadas, pretas, quasi sem pello; os olhos grandes e negros. Os membros dianteiros têm quatro dêdos; os trazeiros, tres sómente: ligados por membranas necessarias para a natação, e armados de unhas pretas, fortes e encurvadas. Pello duro e aspero. Sem cauda. Ha duas especies: a *commum*, cuja cór é pardo-aniarellado nas costas, esbranquiçado na barriga: e a *capitíuara-túga*, inteiramente branca. Na scienzia, este roedor é denominado *Caviaia* ou *Hydrochocrus-capybara*.

O nome dos ribeirões *Capivara*, ainda mesmo que ahi haja abundancia de tal quadrupede, não se explica pelo nome deste. E' corruptéla de *Caá-api-yâ-ára*, «o que se arrima ao monte, ladeando-o». De *caá*, «monte», *api*, «ladeiar», *yâ* «arrimar-se, pegar-se», *ára*, verbal para formar particípio, exprimindo neste caso o modo da acção do verbo. Por contracção, *Caá'-pi-yâ'-ra*.

Allusivo a descerem as aguas sempre pegadas ao monte.

Ambos estes ribeirões *Capivara* têm saltos e corredeiras. O afluente do rio *Paranapanema* mostra, além de outros, um de quatro metros de altura, perto da estrada: sua correnteza é de tres metros por kilometro.

Capivara.—Cachoeira no rio *Paranapanema*, 30 kilometros mais ou menos abaixo do rio *Tibagy*, afluente daquelle pela margem direita.

Capivára é, tambem no nome desta cachoeira, corruptéla de *Caá'-api-yâ'-ára*, por contracção *Caá'-pi-yâ'-ra*, «o que se arrima ao monte». De *caá* «monte», *api* «ladear», *yâ* «arrimar-se, pegar-se», *ára*, verbal para formar particípio, exprimindo neste caso o modo de acção do verbo.

Allusivo a ser o canal principal muito unido ao monte que á direita margêa o rio.

O outro canal mais largo é trancado por uma muralha, na qual ha um salto de quasi um metro de altura.

Entre os dous canaes ha um ilhote, cujo comprimento é de cerca de 200 metros.

O canal da margem direita tem de 15 a 20 metros de largura; e as aguas correm por ahí impetuosamente, em plano fortemente inclinado.

Capivarú.—Affluente do rio *Pironava*, no municipio de Iguape.

Capivarú, corruptéla de *caá-píi-arú* «o que tem capim». De *caá* «folha, herva», *píi*, «fino, delgado», *arú*, «conter, possuir». E ainda por isto se vê que *capim* não é palavra portugueza, senão tupi.

Allusivo a ter sempre capim no leito, em forte tecedura.

Capivary.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: nos municipios de Campinas, de Indaiatuba, de Monte-mór e de Tieté. A' sua margem está assentada a cidade de Capivary. E' o *Capivary-guassú*.

Affluente do mesmo rio *Tieté*, e também pela margem direita: com o nome *Capirary-mirim*.

Affluente do supra mencionado rio *Capivary*, denominado, por isso, *Capirary de cima*. A' margem direita deste rio está a villa de Monte-mór.

Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem esquerda: nos municipios de Itapetininga e de Paranapanema.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Jambeiro, Caçapava e S. José dos Campos. Este ribeirão divide em duas partes a villa de Jambeiro.

Affluente do rio *Capirara*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem esquerda: entre os municipios de Rio Novo e de Espírito Santo da Boa Vista.

E outros.

E' tambem o nome de outros cursos d'agua, ribeirões e correlos; assim como de bairros proximos ou banhados por tales cursos d'agua.

Capirary, corruptéla de *Caá-api-yá-ára-i*, «o que ladeando o monte, arrima-se perseverantemente a elle». De *caá*, «monte», *api*, «ladeiar», *yá*, «arrimar-se, pegar-se», *ára*, verbal para formar participio, exprimindo o modo da ação do verbo, *i*, posposição para exprimir perseverança. Por contracção, *Caá-'pi-yá'-r'-i*.

Allusivo a descerem as aguas ladeando o monte e sempre arrimadas a este.

Capoeiras.—Morros no municipio de Apiah. Ali nasce o *Taquari*, affluente do rio *Ribeira de Iguape*.

Capoceras, corruptéla de *Cá-púera*, «quebrado». De *cá*, «quebrar-se, derrocar-se», *púera*, particula de preterito.

Allusivo á forma eruptiva desses morros.

Nada tem com *cá-a-pu-éra*, «matto outr'ora derrubado»: de *cá*, «matto», *pu*, «rebentar, derrubar rebentando», *éra*, particula de preterito.

Capuava.—Pequeno rio, no municipio de Caraguatatuba. Nasce na serra marítima.

Nada tem com *capuaba*, «matto ou monte derrubado»: de *caá*, «monte ou matto», *pu*, «rebentar, derrubar rebentando», *ába*, verbal para formar participio e exprimir o lugar.

Capuara, corruptéla de *Ti-apú-ába*, «rio estrondoso». De *ti*, agua, *rio*, *apú*, «estrondar», *ába*, verbal para formar participio e exprimir a causa. Por contracção, *T'-apú-ába*.

Allusivo, por effeito da represa das aguas na lagôa *Maçá-guassú*, a fazerem estas grande estrondo até que furam aquella lagôa no pequeno isthmo que a separa do mar.

(Vide o nome *Maçá-guassú*).

Alguns suppõem que o estrondo é feito quando o furo é aberto: mas é ilusão. A lucta das aguas para abrir o furo é que produz o estrondo.

Caputera.—Bairros nos municipios de Mogy das Cruzes, de Mogy-mirim e de Sorocaba.

Sem duvida, ha bairros com o mesmo nome em outros municipios.

Caputera, corruptéla de *Caá-apitér-a*, «meio do monte». De *caá*, «monte», *apitér*, «centro, meio», com o complemento de *a* por acabar em consoante, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo á parte superior das elevações.

Caraça.—Cachoeira no rio *Ribeira de Iguape*: no municipio de Apiahy.

Caraça, assim denominam os indigenas uma especie de *samambaias*, que se cria em terras porosas e secas, e cujos ramos ou hastes brotam de um bulbo. Parece que tem na scienzia o nome *Polypodium-incannem*. Da familia das Cryptogamicas. E' o feto macho do Brazil.

Mas, não se trata deste vegetal.

Caraça é corruptéla de *Qûára-áocé*, por contracção *Qûár-áore*, «muito esburacado». De *qûára*, «buraco, fojo, poço, cova», *áocé*, para exprimir superlativo.

Allusivo a ter muitos poços e buracos; de sorte que as aguas rodamoinham successivamente.

Caracatinga.—E' o ribeirão *Cuya-cottinga*.

(Vide este nome).

Caracol.—Cachoeira no rio *Ribeira de Iguape*, um pouco abaixo da villa de Yporanga.

Cachoeira no ribeirão *Itariry*.

Caracol, corrupção de *Qûára-haqueóy*, «canal retorcido». De *qûára* «buraco, canal», *haqueóy*, «retorcer, dobrar». Por contracção, *Quar'-haqueóy*.

Semeilhando ao caracol e coincidindo o som do nome, a forma do canal da cachoeira concorreu para o nome corrupto.

Caragoatá.—Serrote no municipio de Amparo, em ramificação da Serra Negra.

Caragoatá nada tem com a planta deste nome, conhecida na scienzia por *Tillandsia usneoides*, da familia das Bromeliaceas, que dá uma especie de pinhas e fornece á industria textil longos e fortes filamentos. A pinha possue tres qualidades apreciaveis, a côr, o cheiro e o sabor.

Caragontá é corruptéla de *Ca'-rû-aquâi-atâ*, por contracção *Ca'-r'-aquâi-tâ*, «cingido fortemente mas derrocado por causa de revolução interior». De *cá*, «quebrar, derrocá», *rû*, «revolução interior», *aquâi*, «cingir», *atâ*, «forte, fortemente».

Allusivo á sua forte structura, e tambem á sua natureza eruptiva.

Caraguatatuba.—Villa situada á beira do mar, ao norte do rio *Juquery-querê*.

Segundo o systema de MARTIUS, este nome significaria «sítio abundante de caragoatá». Mas, este nome nada tem com essa planta bromeliacea.

Caraguatatuba, é corruptéla de *Curaá-guataty-aty-bo*, por contracção *Curaá-guataty-bo*, «enseada com altos e baixos». De *curaá*, «enseada», *guataty*-*aty*-*bo*, verbal derivado de *aty*, «levantar, fazer montão», precedido, de *gu* e accrescentado com *bo* (breve) para formar supino. A repetição de *aty*, neste nome, significa que o facto se dá em mais de um lugar. O *y* tem na pronuncia som guttural; e por isso sóa *u*.

Allusivo a ter essa enseada parcéis e cónoros de areia em varios logares.

Carahá.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de Piedade. Nasce na serra São Francisco, ao sul.

Carahá, corruptéla de *Guaraá*, «doentio». De *gu*, reciproco, *araá*, «ser doentio, doença, enfermidade de febres».

Allusivo a ter alagadiços pestilentes nas margens; por causa de aguas transbor-dadas do rio *Sorocaba*, e ali paradas e apodrecidas.

Carajaúna.—Morro entre os rios *Garaú* e *Una do Prelado*, ao sul da serra *Itatins*.

(Vide o nome *Guarahu*).

Curajaúna é corrupção de *Caá-ra-aú*, «morro desigual e incommodo».

(Vide o nome *Garaú*).

Carambehy.—Affluente do ribeirão *Aracahy*, e este do rio *Potribú*; no município de S. Roque.

Este pequeno ribeiro *Carambehy* banha a cidade de S. Roque, pelo sul.

Carambehy, corruptéla de *Carē-mbei*, «perseverantemente tortuoso». De *carē*, «tortuoso, torcido», *mbei*, o mesmo que *bei*, precedido do *m* por causa do som nasal de *carē*, «perseverantemente, á porfia».

Caramby.—Corredeira no rio *Tieté*, entre o salto de Itú e a cidade de Porto Feliz.

Caramby, corruptéla de *Carē-mbi*, «tortuosa e funda». De *carē*, «tortuoso», *mbi*, o mesmo que *pi*, precedido do *m* por causa do som nasal de *carē*, «centro, fundo».

Caramocoara.—Ilha, em frente á foz do rio *Cubatão*; a qual foi mencionada na carta de sesmaria de Pero de Góes, de 10 de Outubro de 1532.

Em minha obra *Algumas Notas Genealogicas* escrevi que talvez fosse *Caramoacara*, «gavião ou aguia real». Agora, porém, verifiquei que o nome *Caramocoara* estava exacto, mas um pouco corrompido.

Caramocoara é corruptéla de *Caramong-guâra*, «redonda». De *carapong*, mudado o *p* em *m*, conforme a indole da lingua tupi, «redondo, grosso, inchado», com o acrescimo *guâra*, muito usado para completar a expressão da forma, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

E', com effeito, bem redonda essa ilha.

Caramurú.—Ribeirão que, ao cahir da serra, forma poço, e mais abaixo desce em cascata e encachoeirado, to-

mando o nome *Rio Pardo*, e mais abaixo o de *Juquery-queré*: entre os municípios de S. Sebastião e de Caraguatatuba.

Caramurú, corruptéla de *Quā-ramo-yrú*. De *quā*, «poço, buraco», *ramo*, posição significando «em», *yrú*, «sorver, engolfar, entrar fundo, encaixar».

Allusivo a cahirem suas aguas em um grande e fundo poço, para depois se guirem.

A proposito do nome deste ribeirão, verifiquei que o appellido *Caramurú*, dado a Diogo Alvares Corrêa, primeiro povoador da Bahia, não significa *Dragão que saiu do mar*, segundo algumas chronicas; sim, significa «mettido no buraco», *Quā-ramo-yrú*. Conforme frei ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATAM, em seu *Novo Orbe Serafico Brasilico*, I, «é tradição constante derivada dos primeiros até os de agora, que naufragada a não de Diogo Alvares entre os baixos do Rio Vermelho, da entrada da Bahia, e acudindo ali o gentio, com o maior destes acompanhou tambem sua filha, e que, andando ella com o pae, por entre aquellas pederneiras, por estar de todo vazia a maré, á colheita dos despojos, vira a tal india a Diogo Alvares em a concaridade de uma dellas, onde o susto e temor do numeroso e bravo gentio, o havia escondido...». Então a india, ou como admirada da sua primeira vista, ou compadecida da sua fortuna, chamára pelo pae, e, apontando para Diogo Alvares, entre aquellas aberturas, dissera assim: *Caramurú-guaçú...* » Sem aceitar para o caso o mais que escreveu frei A. DE SANTA MARIA JABOATAM a tal respeito, reconhece-se a verdade da tradição mesmo com o accrescimo *guaçú*. A india teria exclamado *Quā-ramo-yrú, guaçú*, como dizendo—«Olha: um jovem mettido no buraco!». E nada mais do que isso. *Guaçú* significa jovem ou homem feito.

Caramussa.—Affluente do rio *Apiahy*, pela margem esquerda: no município de Itapeva da Faxina.

Caramussa, corrupção de *Quā-ramo-hocé*, «muitissimo esburacado». De *quā*, «buraco, fojo, poço», *ramo*, posposição

para exprimir a qualidade ou o modo, *hocé ou océ*, posposição para exprimir o superlativo.

Allusivo a ter no leito muitos buracos ou fojos.

Com efeito, as aguas deste ribeirão abrem successivamente fojos, alguns muito profundos, conhecidos pelo nome *caldeirões*. A formação do terreno nessa região é a causa disso.

Caranema.—Affluente do rio *Iperó*, pela margem esquerda: no municipio de Campo Largo de Sorocaba.

Caranema, corruptéla de *Quar-a-nêma*, «rodomoinhos». De *quar-a*, «fojo, buraco, poço», *nêma*, «volta e revolta». A ultima syllaba tem pronuncia quasi breve e corrida, por causa do acento principal em *nê*.

Allusivo a abrirem-se em seu leito fojos, revolvendo-se ahi as aguas em rodopio.

A formação do terreno nessa região é a causa desse facto.

Carapautuba.—Affluente do rio *Prahyba*, pela margem direita: no municipio de Pindamonhangaba.

Carapautuba, corruptéla de *Quar-a-pai-i-tu-bae*, «o que tem quedas, cascatas e poços». De *quar-a*, «poço», *pai*, «dependurar», *i*, «agua», *tu*, «golpe, queda, salto», *bae* (breve) formando participio, «o que».

Nasce na serra *Quebra cangalha*, e desce em cachoeira e em cascata, formando poços.

Carapeva.—Morro cujo alto serve de divisa entre os municipios de Taubaté e de S. Luiz de Parahytinga.

Carapera, corruptéla de *'ara-pé-bac*, «curto e chato». De *cará*, «curto», *pé-bac*, verbal derivado de *pé*, «achatar-se, ser chato», com o sufixo *bac* (breve) para formar participio.

Deste morro nasce um ribeirão, que tambem por corruptéla é nomeado *Guarapera*. E', porém, nome de diversa significação.

(Vide *Guarapera*).

Os indigenas sohiam dar nomes com quasi identico som a logares varios na mesma região, mas significando diversamente.

(*) **Carapicuiba.**—Antiga aldeia de indigenas, formada no seculo XVI, á margem do ribeirão do mesmo nome.

Allusivo aos seus rodomoinhos.

Nada tem o nome desse ribeirão com o *carapécu-aíba*, «cogumello venenoso»; de *carapécu*, «cogumello», *aíba*, «cruim, máu, prejudicial». Conhecido na sciencia por *Agaricus* da familia das Cryptogamicas. Nasce e cria-se em paíes, esterqueiras ou terras pôdras; e tambem em madeiras apodrecidas. Tem a forma de chapéo de sol.

(*) Estavam avulsas estas notas:

Carapicuiba, corruptéla de *Quar'-i-picu-bae*, «o que se revolve em fojos». De *quar-a*, «fojo, buraco, poço», *i*, posposição significando «em», *picu*, «revolver», precedido de *y*, «e», com o acrescimo *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Algumas escrevem *Carapicuibe* e ha quem pronuncie *Carapucuba*. No conhecido jogo linguistico dos indigenas é explicável essa série de palavras quasi identicas no som, applicadas á mesma região.

—*Quar-a*, «fojo, buraco, poço», *pu*, «larço», *bae* (breve), para formar participio significando «o que».

—*Quar-a*, «fojo, buraco, poço», *ipi*, «seco, enxuto», com *cubuar*, «o que é». O primeiro *i* de *ipi* é pronunciado quasi imperceptivelmente por seu accento grave.

Seria allusão a grotas largas, ou a grotas secas, ou a fojos ou covas, largas, ou secas, isto é, sem corrego ou agua no fundo. Deva notar que *ipi*, para significar «seco, enxuto», só se applica áquelle que secou ou enxugou pela accão do fogo, do sol, ou do tempo. Haverá alli grotas ou fojos que tivessem secado, ou que fiquem secos em certos periodos de tempo?

—*Quir-a*, «fojo, buraco poço», *pi*, «rebentar», *cubabae*, segundo o padre MONTOYA, ou *co-bae*, segundo o padre LUIZ FIOCEIRA, para substituir o verbo «ser», que caracteristicamente não ha na lingua tupi. E, neste caso, *Quár-a-pu-cubabae* significaria: «aquele que é rebentante em poços», visto que o *cubabae* ou *cobabae* é verbal empregado em sentido de demonstrativo, como ensinam os grammaticos. Ainda assim, seria allusão a rodomoinhos ou a fojos.

Carapiranga.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Logar em que o rio *Ribeira de Iguape*, proximo á fóz daquelle seu affluente, se alarga muito e torna-se raso, com fojos e rodomoinhos, formando cómberos movediços de areia. A navegação ahi é difficil, pela incerteza do canal.

Carapiranga, corruptéla de *Quar-apí-rú-nга*, «rodomoinhos e fojos». De *quar-a*, «fojo, poço, buraco», *pi*, «centro, fundo», *rú*, «revolução sobre si mesmo», com o sufixo *nга* (breve), para formar

supino. A pronuncia de *rū* é guttural-nasal: dahi o som de *a* na corruptéla.

Allusivo aos caldeirões e rodomoinhos no leito do ribeirão, e tambem naquelle logar do rio *Ribeira de Iguape*.

Caraú.—Rio pequeno que nasce na ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro*, em varzea, e desagua no furo *Bertioga*: no municipio de Santos.

Dous affuentes do rio *Itapanhauá*, pela margem esquerda: no mesmo municipio de Santos.

Caraú, corruptéla de *Quâ-ára-aú*, por contracção *Quâ'-ár'-aú*, «pouco corrente». De *quâ-áru*, particípio de *áquâa*, «correr», significando «corredor, corrente», *aú*, dicção para exprimir defeito ou má vontade na acção, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo a correrem em varzea, sem declive sufficiente para o escoamento das aguas.

Cardoso.—Ilha ao sul da barra de Cananéa, e a oeste da ilha *Bom Abrigo*. Ha nesta ilha um morro notavel.

Cardoso, corrupção de *Cuá-ndog*, «morro cortado ou quebrado». De *caá* «monte», *ndog*, «quebrar, cortar». O som desta palavra composta produziu a brutal corrupção *Cardoso*.

Alguns querem dizer que talvez ali houvesse fixado estabelecimento, nos tempos primitivos da conquista, algum individuo de tal sobrenome ou apellido. Mas, não procede tal conjectura. A ilha era assim denominada pelos indigenas, por parecer, vista de leste, cortada, quebrada, ou aparada. Em sua maior largura, que é de uma legua mais ou menos, ergue-se o morro com suas ramificações: e, para o sul, estreita-se tanto que parece um extenso e alto muro no mar. Sua elevação é superior a 800 metros.

Junto a esta ilha, do lado do oceano, ha bancos de areia e um lagedo, denominado *Moléques*, corrupção de *Bûr-é-que*, «parceis, arrecifes».

(*Vide o nome Moléques*).

No cume do morro ha uma lagoa; e, para subir o morro, em certo logar, ha uma escada de pedra, natural.

Ao sul deste morro ha uma extensa gruta.

Carioca.—Serra, cuja extremidade occidental está no municipio de Bananal; mas em sua quasi totalidade é do territorio da província do Rio de Janeiro.

Desta serra nasce e corre, tambem na província do Rio de Janeiro, um affluente do rio *Bananal*, pela margem direita, com o nome *Curióca*.

Curióca, nome da serra, é corruptéla de *Quâr-io-ôgca*, «buracos tapados». De *quâr*, «buraco, fojo, poço», *io*, reciproco, para exprimir plural e communicação, *og*, «tapar, encerrar», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino.

Allusivo a grutas e cavernas, em comunicação umas com outras, nessa serra.

Curióca, nome do ribeirão, é corruptéla de *Quâr-i-oquâ*, «golpes d'água e buracos». De *quâr*, «buraco, fojo, poço», *i*, «água», *quâ*, «golpe», precedido de *o*, reciproco, para exprimir a acção de cahir a cousa sobre si mesma.

Allusivo a ser encachoeirado, formando poços.

Os indigenas tinham o costume de dar nomes com o mesmo som, mas de significados diversos, a logares na mesma região. Por isso, o nome da serra e o do ribeirão, embora significando diversamente, sóam identicos.

Carmo.—Villa, situada á margem esquerda do ribeirão *Corrente*. E' conhecida por *Carmo da França*, por ter sido desmembrada do municipio da França.

Com o mesmo nome *Carmo*, ha um affluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda: no mesmo municipio de Carmo e serve de divisa, em parte, com o municipio de Santa Rita do Paraizo.

O nome deste ribeirão, *Carmo*, é corruptéla de *Gu-ár-â-mo*, «queda empinada». De *gu*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *ár*, «cahir, queda», *â*, «empinar», com o suffixo *mo* (breve) para formar supino.

O accento predominante está em *ár*; por isso, a phrase *á-mo* é pronunciada breve e corrida, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo a uma cascata e salto de cinco metros de altura. As aguas precipitam-se com grande fragor em toda a largura do ribeirão. Esta cascata é avistada da villa do Carmo.

Carneiros.—Corredeira, no rio *Itapetininga*: no municipio de Itapetininga, abaixo do denominado *Porto*, na estrada da Faxina.

Carneiros, corrupção de *Quâ-ni-yêre*, «velocidade e voltas». De *quâ*, infinitivo de *áquâ*, «correr», *ni*, partícula afirmativa, exprimindo a maior acção do verbo, *yêre*, «volta».

Allusivo a correrem ahi velozmente as aguas, com voltas entre blócos de pedra.

Carqueja.—Extremidade da serra que atravessa o município de Cajurú.

Carqueja, corruptela de *Caá-iqué-yâ*, «encosta do monte gretada». De *caá*, «monte», *iqué*, «lado, costado», *yâ*, «gretar, abrir, raxar», por efeito natural.

Allusivo a se mostrarem ahi cavernas e grutas.

Em geral, as serras que existem no município de Cajurú, têm cavernas; e a *Carqueja* tem ligação com a *Morrinhos*, em que ha extensas grutas.

(Vide o nome *Morrinhos*).

Carrapato.—Afluente do rio *Puranapanema*, pela margem esquerda: entre os municípios de Itapeva da Faxina e de Bom-Sucesso.

Alguns escrevem *Carrapatos*.

Carrapato, corrupção de *Quâr-a-paita*, «em forte declive, formando poços». De *quâr-a*, «poço, fojo, buraco», *pai*, «dependurar», com o sufixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo á sua grande declividade, com quédas e cascatas, formando poços.

Carvalho.—Afluente do rio *Una do Prelado*, pela margem direita: no município de Iguape.

Carvalho, corrupção de *Quâr-a-hârû*, «poços perigosos». De *quâr-a*, «poço, fojo, buraco», *hârû*, «perigoso».

Allusivo a fôjos e peráus.

Nada tem, portanto, o nome corrupto *Carralho* com o de algum individuo, que alli se estabelecesse, segundo alguns suppõem.

Este ribeirão ladeia montes eruptivos, que formam aquella região, denominada pelos indigenas *Bahú-guassú*.

(Vide o nome *Bahú-guassú*).

Casa-Branca.—Cidade, na qual ha uma estação da Estrada de ferro Mogiana.

Está assentada no declive de um monte baixo; e, na raiz deste monte, ha um pequeno correlo cujas aguas são espraiadas.

Ahi, o antiquissimo caminho, que era o travessio dos indigenas e que depois foi a estrada geral para a Franca, formava uma curva, ladeiando o monte, para noroeste. Dahi o nome, corrompido em *Casa Branca*.

Casa Branca é corruptela de *Haçâ-bang-ca*, «travessio torcido». De *haçâ*, «passagem, travessio», *bang*, «torcer, encurvar», levado ao supino pelo acrescimo da partícula *ca* (breve), para significar «torcido». O *h* tem som aspirado.

O facto de existir mais adiante a casa caiada da Estiva, ou Registro do despatcho dos generos, foi causa da corruptela.

De um *Itinerario de viagem*, em 1857, vou transcrever alguns trechos, que explicam de certo modo a denominação tupi: «Sabi do Aterradinho ás 8 horas da manhã, e, caminhando meia legua ao rumo de 60 gráus, cheguei á villa de Casa Branca, que, por suas construcções, e trato de seus habitantes, se mostra uma das mais civilisadas povoações que em minha viagem atravessei. Continuando dahi ao rumo noroeste, caminhei tres quartos de legua até o *alto do campo*. A uma legua e um quarto da villa passa-se pelo logar chamado *Estiva*, ainda no mesmo rumo noroeste, e

atravessa-se a vâo um pequeno corrego... O terreno mostrou-se, neste dia, pouco accidentado».

Este antiquissimo caminho está hoje abandonado e quasi tapado; porque, depois de 1857, foi aberta uma estrada denominada *de rodagem*, mais recta ao alto do campo.

Cascalho.—Pequeno furo, comunicando o rio *S. Vicente* com o laga-mar de Santos. Foi cortado pelo aterrado da estrada; mas a maré o invade pelas duas extremidades.

Cascalho, corruptão de *Cáca-bo*, «logar que approxima». De *cáca*, «acercar, approximar», com a particula *bo* (breve), para exprimir logar.

Allusivo a ser uma especie de atalho por agua entre aquelle rio e o laga-mar.

Casimbambas.—Affluente do ribeirão *Retiro Velho*, e este do rio *Parahytinga*: entre os municipios de Loprena e de Guaratinguetá.

Casimbambas, corruptão de *Gu-acêm-ámbù*, «o que sahe fazendo ruido». De *acê*, «sahir», precedido de *gu*, como reciproco, *mb*, intercalação por ser nasal a pronuncia da palavra anterior, *ambù*. «zonido, tropel, ruido, ronco, bufo, grunhido».

Allusivo á lucta que, ao affluirem no ribeirão *Retiro Velho*, suas aguas têm com as deste ribeirão; sem duvida por sabirem quasi perpendicularmente ao curso do ribeirão. Esta resistencia produz um ruido ou ronco proprio das aguas em conflito.

Alguns escrevem *Carimbambas* ou *Canimbambas* e portanto ainda com maior corruptão do que *Casimbambas*.

Castelhanos.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Castelhanos, corruptão de *lá-herâ-aány*, «não pouco aberta». De *lá*, «abrir», *herâ*, «pouco», *aány*, adverbio, «não». Por contracção, *Cá-herâ-aány*.

Allusivo a ser muito desabrigada essa vasta enseada.

Castello.—Nome errado, dado em mappas á ilha companheira da que traz o nome *Figueira*, tambem errado. (Vide *Castilhos* e *Figueira*).

Castilhos.—Ilha fronteira á costa situada a sueste de Cananéa. Sua extensão é de 2,8 kilometros.

Castilhos, corruptão de *Quipíi*, «irmã menor». Companheira da que traz o nome *Figueira*, corruptela de *Tiqueira*, «irmã maior», os indigenas as differenciavam assim, considerando-as irmãs: a maior, *Tiqueira*, a menor, *Quipíi*. O *i* de *qui* e o primeiro *i* de *píi* têm pronuncia guttural: dahi a corruptão para *Castilhos* e *Castello*: tendo o *i* de *qui* o som de *a* fechado.

Casqueira.—Affluente do rio *Una do Prelado*: no municipio de Iguape.

Casqueira, corruptão de *Caá-iqué-ro*, «o que costeia o monte». De *caá*, «monte», *iqué*, «costear, ladeiar», *ro*, particula de composição significando «pôr-se».

Allusivo a ladeiar os morros.

Casqueiro.—Ilha no laga-mar de Santos.

E' tambem denominada, ainda mais corruptamente, *Teixeira*.

Casqueiro, corruptão de *Caá-haqui-cuérì*, «por detraz do monte». De *caá*, «monte», *haqui-cuérì*, «por detraz». Por contracção, *Caá'-quicuérì*.

Allusivo á collocação por detraz dos montes da ilha de S. Vicente.

Cassandóca.—Monte e praia: no municipio de Ubatuba.

Ha outra pequena praia que traz o nome *Cassandoquinha*.

Logar elevado e chato, á margem esquerda do ribeirão *Tatuapé*, desde as cabeceras deste: no municipio de S. Paulo. Ahi existem capões de matto e campo.

Cassandóca, corruptela de *Cuá-candogea*, «morro com pedaços de campo». De *caá*, «monte, morro», *cá-nl-ôg*, «quebrar a corda», applicado tambem para exprimir «quebrar a fila, quebrar a harmonia ou o conjunto», com o suffixo *ca* (bre-

ve), para formar supino. Isto com referencia ao monte e ao logar elevado.

Mas, quanto á praia *Quâ-çandôg-ca*, é allusivo a ser solta e batida das ondas, ao inverso das outras que são guardadas por muralhas de pedras. E' uma praia bravia. De *quâ*, «golpe», *çandong*, «quebrar».

Cassaquera.—Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. Bernardo.

Cassaquera, corruptéla de *Gu-áçai-quér-a*, «esparzido e parado». De *gu*, reciproco, *áçai*, «esparzir», *quér*, «dormir, repousar, parar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a alagar-se, e ter quasi nenhuma correnteza.

Cassununga.—Affluente do rio *Mo-guassú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santa Rita de Passa Quatro e de S. Simão.

Affluente do ribeirão *Pishy*, pela margem esquerda, e este affluente do ribeirão *Tremembé*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

Pedra no rio *Parahyba*, na volta que, em frente á cidade de Jacarehy, faz esse rio.

Não se trata de *cassununga*, vespa conhecida, *cá-çúnū-nга*, «vespa ruidosa», De *cá*, o mesmo que *cdb-a*, «vespa», *çúnū-nга*, verbal derivado de *çúnū*, «fazer ruido», com o suffixo *nга* (breve), para formar supino. Em certas estações do anno, emigram, como gafanhotos, de um logar para outro; e, em seu trajecto, fazem tal rumor, que os praticos tratam de arredar-se desse rumio, afim de não serem mordidos.

Cassununga, (alguns escrevem *Vas sununga*), é corruptéla de *Haçá-nong-a*, «impedimento atravessado». De *haçá*, «atravessar», *nong*, «impedir», com *a* (breve), por acabar em consoante, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*; e, por estarem esses verbos no infinitivo nús ou sem caso, significam a acção delles em geral, conforme a lição

do padre LUIZ FIGUEIRA, na sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo a serem encachoeirados.

Quanto á pedra no rio *Parahyba*, é o mesmo significado: porque, de encontro a ella, as aguas do rio são forçadas a tomar outra direcção.

(Vide o nome *Jacarehy*).

Cataibú.—Morro, no municipio de Jundiahy.

(Vide o nome *Caxaibú*).

Cathióca.—Cachoeira no ribeirão *Ilaim*, abaixo da denominada *Itambé*: no municipio de Cunha.

Cathióca, corruptéla de *Quâ-ti-yuî-ög-ca*, «espumosa, e poço». De *quâ*, «poço», *ti-yuî-og*, «espumar», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a formarem as aguas ahi muita espuma; e a existir, logo abaixo da cachoeira, um poço.

E' conhecida pelo nome «cachoeira do Guedes»; o nome *Cathióca* é trazido indebitamente por uma extensão do ribeirão.

Catanumi.—Morro granitico, á margem esquerda do rio *Juquery*: entre os municipios de S. Paulo e de Parnahyba.

Catanumi, corruptéla de *Quâ-atâ-haîme-i*, contrahido em *Quâ-tâ-n'-aim-i*, «inteiramente a pique e ponteagudo». De *quâ*, «ponta», *atâ*, «tesa, erecta», *n*, intercalação nasal, *haime*, «a pique», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo ás suas encostas a prumo, e a ser ponteagudo.

Catiguá.—Ribeiro proximo á cidade de Santo Antonio da Cachoeira.

Catiguá, corruptéla de *Hati-guá*, «machado de sedimentos». De *hati*, «sedimentos, fezes, buruzo, bagaço, cisco», *guá*, «listrar, manchar, riscar, formando veias». O som aspirado do *h* semelha o som de *c*: dahi a corruptéla.

Allusivo aos sedimentos que, no fundo de seu leito, formam listras ou riscos veiados.

Catocas.—Affluente do rio *Inferno*: no município do Carmo da Franca.

Catocas, corrupção de *Cotóg-ea*, «sinuoso». De *cotog*, «meneiar-se, voltar», com o sufixo *ea* (breve), para formar supino.

Allusivo ás muitas voltas que dá.

Cattas-Altas.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: entre os municípios de Apiahy e de Iporanga.

Este ribeirão, de cerca de 80 kilómetros de extensão, com 20 de largura, é obstruído de cachoeiras e cascatas. A margem esquerda, ha uma pedra com inscrição.

Acerca destes e de outros correlos em que outr'ora se fizeram *cattas* naquella região, o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu o seguinte: «... larguei a ribeira (*Ribeira de Iguape*), e entrei pelo dito ribeirão (*Taquari*), passei pelo *Ouro-grosso* e *fino* e outros correlos, que aqui vem desaguar, nas quaes se vêem restos de antigas lavras de ouro, hoje abandonadas por já não darem lucro, e adantei-me até perto do salto, que não pude ver por avisinhar-se a noite: a formação do ouro é a geral já mencionada, e só nas proximidades do salto se vêem as enormes massas da rocha granítica de grão fino e miúdo, fazendo já passagem á porphídica.... Uma observação, que em geral tenho feito, é que as formações do ouro não são permanentes, mas sim destacadas dos morros vizinhos, onde seria bom examinar, se o paiz, por montuoso e inefto, o não obstasse».

Catumby.—Tremedal, á margem esquerda do rio *Tieté*, no município de S. Paulo (freguezia do Senhor Bom Jesus do Braz).

Catumby, corruptela de *Catu-húu-ybì*, contrahido em *Cat'-úu-ybì*, «muito fundo atoleiro». De *catu*, para exprimir excesso, *húu*, «lameiro, lodo, detritos»,

ybì, «concavo, ôco, seio». O som da pronuncia é guttural.

Allusivo a existir ahi um brejo, em forma concava, e muito fundo de lameiro.

Cauvi.—Pequena lagôa, á margem do ribeirão *Anna da Costa*: no município de Iguape.

Cauri, corrupção de *Guáá-ayby*, contrahido em *Guáá-y'by*, «lagôa ruim». De *guáá*, «enseada, lagôa», *ayby*, «ruim».

Allusivo ás suas más aguas.

Cauvú.—Corrego affluente do ribeirão *Caboçú*, pela margem direita: no município de S. Paulo, freguezia de S. do O'.

Caurú, corrupção de *Quâ-yû*, «goinha». De *quâ*, «pequenito», *yû*, «cagadiço, lagôa».

Allusivo a formar a agua desse corrego, logo que cahe do monte, uma pequena lagôa, e dahi seguir até o *Caboçú*.

Cavado.—Morro, entre os municípios de Sorocaba e de Piedade, servindo-lhes de divisa.

Cavado, corrupção de *Cá-yâb*, «fendido e quebrado». De *cá*, «quebrar», *yâb*, «fender-se naturalmente, ter gretas abrindo-se».

Allusivo a fendas e esburacamentos nas encostas.

Caveiras.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no município de Villa-Bella.

Caveiras, corrupção de *Cá-hérâ*, «um pouco aberta». De *ca*, «abrir», *hérâ*, «um pouco».

Allusivo a ser um pouco desabrigada a enseada.

Caveirinha.—Affluente do rio *Una da Aldéa*: no município de Iguape.

Caveirinha, corrupção de *Qâa-ni-nhín-a*, «quasi secca, conservando pequenos poços». De *qâa*, «poço, cóva», *ei*, «inutil, sem causa, pequeno», *re*, particula que pede o verbo começado por *n*, segundo a lição do padre A. R.

DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, *nhin*, «seccar-se», com a, por acabar em consoante.

Hoje o denominiam *Coveiro*: allusivo ás muitas covas ou fójos, que se manifestam quando seco; e só no tempo das chuvas enche-se o leito.

Cavetá.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de Parnahyba e de Araçariguama.

Cavetá, corruptela de *yâb-elá*, «muitas gretas». De *yâb*, «fenda natural, greta, racha», *elá*, «muitas».

Já li *Icarelá*.

Allusivo a ser muito gretado no leito, pois que nasce no morro *Voteruna*, que é eruptivo.

Tambem ha um corrego *Curelá*, affluente do rio *Jundiahys-mirim*, pela margem esquerda: no municipio de Jundaiyah.

Cavóca.—Serra altissima de mais de 1.000 metros acima do nível do mar; servindo de divisa ás provincias de S. Paulo e do Paraná.

(Vide o nome *Maiatira*).

Caxaibú.—Morro: entre os municipios de Jundaiyah e de Itatiba.

Alguns o dizem *Caxambú*. •

Caxaibú, corruptela de *Caá-câi-ibiy*, «monte baixo e esparramado». De *caá*, «monte», *câi*, «esparzir, estender, esparramar», *ibiy*, «baixo».

A pronuncia de *ibiy* é guttural.

Caxambú é uma fonte de aguas mineraes, na provincia de Minas Geraes. E explico aqui este nome por serem muito procuradas por enfermos estas aguas.

Caxambú, corruptela de *Catâ-mbú*, «golfa e serve». De *catâ*, «golfar, fazer torvellinhos, menear-se», *mbú*, o mesmo que *pú*, «ferver», mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal de *catâ*.

Allusivo a golfar da terra a fonte, fazendo bulhões ou uma como fervura.

Em tupi, a palavra *camambú* significa «bolha»; e com referencia á aguas, é a bolha que o liquido faz como a fervur.

Caximba.—Ribeiro que, com outros, forma o rio *Apiahys-guassú*: no municipio de Apiahy.

Caximba, corruptela de *Quâ-ci-eym-bae*, «o que não tem origem». De *quâ*, «buraco, poço», *ci*, «madre», formando *quâ-ci*, «origem, fonte, vertente», *eym*, posposição para exprimir negação, *bae*, particula para formar participio, significando «o que». O *ci* pôde ser pronunciado *chi*, segundo o costume de alguns. E *bae* é sempre corrido, e em forma breve.

Allusivo a ser formado, em seu começo, por aguas de chuva, sem fonte.

A proposito do nome deste corrego, examinei a palavra *cacimba*. O nosso lexicographo MORAES dá á palavra *cacimba* etymologia africana; mas, sendo buraco, cova, ou poço, para conservar aguas da chuva, a lingua tupi tem a denominação supra *Qûa-ci-eym-bae*. Não é portanto de etymologia africana; podendo, porém, corresponder á mesma idéa o som das palavras respectivas, se em verdade existe em lingua africana tal palavra identica no som e na idéa representada. Do que MORAES escreveu não se collige essa identidade; e pois, não só elle, como AULETE que o copiou sem confessal-o, erraram quanto á etymologia de *cacimba*.

Caximbo.—Affluente do rio *Bacururú*, pela margem direita no municipio de Conceição dos Guarulhos.

Caximbo, corruptela de *Quâ-ty-mbo*, «corre enterrado». De *quâ*, o mesmo que *aquâ*, «correr, passar», *ty*, «centerar, apertar tapando», com *mbo* (breve) para formar supino. O padre A. R. DE MONTOYA, no seu *Tesoro de la lengua guarani*, dá como supino deste verbo, não só *tymo*, como tambem *tymba*.

Allusivo a correr sob pedras, parecendo tapado, em muitos logares.

Caximbú.—Morro, entre os municipios de Atibaia e de Itatiba.

Caximbú, corruptela de *Gu-achy-mbhú*, «lodoso e escorregadio». De *gu*, reciproco, para significar as duas encor-

tas, *achy*, «escorregadio», *mb*, intercalão nasal, *híú*, «lodo, lama».

As encostas deste morro são, com efeito, lamacentas e lodosas.

Cayacanga.—Morro proximo ao rio *Ribeira de Iguape*, no municipio de Xiririca.

Cayacanga, corruptéla de *Caia-acang-a*, «cabeça a abrazar-se». De *caia*, «queimar-se, abrazar-se», no infinitivo, *acang*, «cabeça», formando com *caia* uma só palavra, e recebendo *a* por acabar em consoante. Por contracção, *Chi'-acang-a*. (*)

Allusivo a ser vaporoso esse morro, deixando sahir evaporações no cérebro. E' mineral aurifero.

Alguns kilometros distante está o que tem o nome *Votupóca*.

(Vide o nome *Votupóca*).

(*) Estava a seguinte nota:

Não será *Cad-cang-a*, «morro seco»? De *cad*, «morro», *cang*, «seco, enxuto», com *a* (breve) por acabar em consoante.

Parece, porém, que o nome é do estreito que ali forma o rio *Ribeira de Iguape*: e, portanto, será corruptéla de *Quai-cang-a*?

Cayacotinga.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de Itú e de Porto Feliz.

Corredeira no mesmo rio *Tieté*, pouco acima da foz daquelle ribeirão.

Os indigenas usavam dar a logares na mesma região nomes com som identico ou quasi identico, significando porém diversamente.

Cuyacotinga, nome do ribeirão, e *Cá-acú-ti-nga*, «vapor quente, a queimar». De *cá*, «queimar», *acú*, «quente», *ti*, «evaporar» com o sufixo *nga* (breve) para formar supino.

Allusivo a correr sobre terreno de formação carbonifera, recebendo pelo leito evaporações quentes.

(Vide o nome *Penondura*).

Cayacotinga, nome da corredeira, é *Coacú-ty-nga*, «pontas escondidas». De *coacú*, «esconder, occultar», *ty*, «ponta», com o sufixo *nga* (breve) para formar supino, relativamente ao nome inteiro.

Allusivo a pedras ponteagudas no leito, mas cobertas pela agua.

A proposito, vale a pena deixar notado que *restinga* ou melhor, *rastinga*, é de origem tupi, significando «pontas levantadas». De *rá*, «mancha, levantado, não nivelado», *ty*, «ponta», com o sufixo *nga* (breve) para formar supino, em relação ao nome inteiro. Allusivo a pedras e baixios no mar e nos rios e lagoas.

MORAES e AULETE ignoram a origem dessa palavra.

Cayubi.—Affluente do ribeirão *Itimirim*, este do ribeirão *Itinguassú*, e este do rio *Una da Aldêa*: no município de Iguape.

Cayubi, corruptéla de *Quia-yú-bi*, «poços e alagadiços, pegados uns aos outros». De *quia*, «poço», *yú*, «alagadiço», *bi*, «pegar-se».

Allusivo á sua formação por entre aguas estagnadas e putridas.

Cedro.—Ha este nome, em bairros diversos, na província de S. Paulo. Mas, estes bairros tiram de ribeirões proximos o nome.

Cedro, corrupção de *Cé-ndùrû*, «cascata ruidosa». De *cé*, o mesmo que *hé*, «dependurar», *ndùrû*, «ruído, estrepito».

A palavra *ndùrû* é pronunciada breve e corrida, por causa do accento predominante em *é*, syncopado o *n*.

Allusivo a cascatas ruidosas, nesses ribeirões, e a cachoeiras successivas.

E' notavel a cascata *Cedro*, no município de Cunha. Com o nome *Cedro* é tambem conhecida a cascata, onde nasce o rio *Pissinguaba*, no município de Ubatuba.

Ceromonia.—Affluente do ribeirão dos *Veados*, pela margem direita: no município de Campos Novos de Paranapanema.

Ceromonia, corrupção de *Terô-monà*, «sinuoso e turvo». De *terô*, «torcido, torto», *monà*, «mesclar, borrar, turvar». O *t* é mudado em *c*, formando *Cerô-monà* pela necessidade do relativo.

Cerquilho.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de Tieté.

Cerquinho. corrupção de *Ti-quir-a*, «pouca agua». De *ti*, «agua», *quir*, «pouco, pouquito», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O *t* é mudado em *c*, pela necessidade do relativo.

Allusivo a ser muito raso, e quasi sem agua.

Cervo. -- Affluente do *Rio-Grande*, pela margem esquerda: no município de Santa Rita do Paraizo.

Cedro. corrupção de *Cé-rô*, «põe-se dependurado». De *cé*, «dependurar», *rô*, *pôr-se*. A pronuncia *rô* é breve e corrida por causa do accento predominante em *ca*.

Allusivo a cascatas.

Cervo-grande. — Affluente do pela margem no município de Lencões.

Cerro-grande, corrupção de *Céri-áquâ-aány*, contrahido em *Cer'-aquâaány*, «pouco corrente». De *ceri*, «pouco», *áquâ*, «correr», *aány*, partícula de negação do verbo, ao qual é posposta. Por isso é tambem conhecido pelo nome—*Rio-morto*.

Ceveiro. — Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: no município de Piracicaba.

Ceveiro, corrupção de *Ce-yêrê*, «sinuoso». De *ce*, relativo, por existir *re* no verbo *yêrê*, «voltar, fazer sinuosidades».

Allusivo ás muitas voltas que dá em seu curso.

Chapéo. — Serrote notavel, no município de S. Luiz do Parahytinga: entre o rio *Parahytinga* e o ribeirão denominado tambem *Chapéo*, nome este tirado do dito serrote. O ponto culminante é conhecido por *Agudo*.

Morro, á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*; dando tambem o nome *Chapéo* a um ribeirão, affluente daquelle rio.

Morros, dando o nome a arraiaes, á margem esquerda e á margem direita do rio *Mogy-guassú*, logo abaixo da

confluencia do *Rio Pardo*, nas proximidades da cachoeira *S. Bartholomeu*.

Chapéo, corrupção de *Ytá-pé*, «morro chato». De *ytá*, «pedra, morro», *pé*, «chato».

Tratando-se de morros, os indigenas costumam suprimir por aphéresis o *y* de *ytá*, pronunciando sómente *tá*. Dahi *Tapé*, que alguns, dobrando a lingua, pronunciam *Xa-pé*. A fórmula de chapéo como origem do nome é um não senso.

Sem duvida, esses morros são mineiraes.

O nome *Chapéo d'uras*, que existe na província de Minas Geraes, não é senão *Ta-pé-hiú-bae*, «morro chato apodrecido». *Hiú-bae*, verbal derivado de *hiú*, «apodrecer», com o suffixo *bae* (breve), para formar participio.

Ha com effeito morros, cuja terra é pôdre; e mesmo naquelle província ha o serrote denominado *Farinha Pôdre*, nome tambem corrupto e talvez derivado da natureza do respectivo terreno.

Charro. — Affluente do ribeirão *Gua-piara*, pela margem direita: no município de Paranapanema.

E' de pequena extensão; e desce da serra, formando cascatas, ou pequenos saltos.

Charro, corrupção de *Cháí-rô*, «o que se põe dependurado». De *cháí*, «dependurar-se», *rô*, «pôr-se».

Allusivo ás cascatas e pequenos saltos.

Chibarro. — Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, ou, antes, uma de suas principaes vertentes ou cabeceiras: no município de Araraquara.

Chibarro, corrupção de *Ti-paî-rô*, «rio que se põe dependurado». De *ti*, «rio, agua», *paî*, «dependurar», *rô*, partícula de composição, significando «pôr-se».

Allusivo a descer da serra em cascatas e cachoeiras; e tem mesmo um magistoso salto de cerca de 25 metros de altura.

Entre este ribeirão e o das *Cruzes* está situada a villa de Araraquara. Por outra, este ribeirão *Chibarro* está ao sul da villa.

Quando passa proximo da villa, corre menos accidentado do que quando desce da serra.

Chiqueiro.—Morro, no municipio de Itapecirica. E' unido ao *Itátiúba*.

Tambem, menos incorrectamente, é conhecido pelo nome *Jiqueira*.

(Vide o nome *Jiqueira*).

Morro, entre os municipios de Taubaté e de Redempção.

E' a mesma explicação do outro.

Cintra.—Morro, no municipio de Canaúea.

Cintra, corrupção de *Cý-terô*, «resvaladio e torto». De *cý*, «liso, resvaladio», *terô*, «torto». A palavra *terô* é pronunciada breve e corrida.

Allusivo a ser lubrico e torcido.

Cipó.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: em territorio ainda ocupado pelos indígenas, algumas leguas acima da fóz daquelle rio.

Ci-pó, «saltos pegados». De *ci*, «junta de duas ou mais cousas, pegar, unir, achegar», *pó*, «salto».

Nada tem com o vegetal sarmentoso, de caule longo e flexivel, *cý-pó*, «vara lisa»: de *cý*, «liso». *pó*, «vara, páu, fio». E, aliás, nessa região deve haver *cýpó* em abundancia.

Ci-pó é allusivo a cahireim da serra as aguas de quédia em quédia, formando como uma escadaria.

Cipoáda.—Morro, servindo de centro nas divisas entre os municipios de Serra-Negra, Amparo, Socorro e Penha (hoje Itapira). E' redondo.

Cipoáda, corrupção de *Cý-puá-bo*, «resvaladio em redor». De *cý*, «resvalar, ser liso», ser escorregadio», *puá*, «ser redondo, fazer circulo», *bo* (breve) para exprimir o modo de ser ou de estar, significando, com *puá*, «em redor».

Allusivo a ser alcantilado em toda a circumferencia.

Ciriba.—Nome tupi da ilha de S. Sebastião, como consta de um documento de 1602.

Ciriba, corruptela de *Ciri-bae*, «apartada, separada». De *ciri*, «apartar, separar», *bae* (breve) para formar participio.

Claro.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Apiah.

Affluente do rio *Assungui*, pela margem esquerda: no municipio de Piedade. Nasce da serra da qual se destaca o *Morro-Agudo*.

Affluente do rio *Juqueryqueré*, pela margem direita: no municipio de S. Sebastião.

Affluente do rio *Una-da-aldeia*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no municipio de Parahybuna.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: entre os municipios de Pirassununga e de Santa Rita de Passa Quatro e de Santa Cruz das Palmeiras.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Lençóes.

Affluente do rio *Pardo* pela margem direita: no municipio de Santa Barbara do Rio Pardo.

Affluente do rio *Piracicaba* pela margem esquerda: no municipio de Piracicaba.

Affluente do rio *Atibaia* pela margem direita: no municipio de Nazareth. E' mais conhecido pelo ribeirão de *Casada-telha!* A cascata mostra a altura de cerca de vinte metros.

Affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: no municipio de S. João da Boa Vista.

Affluente do rio *Rio do Peixe*, pela margem direita: no municipio do Rio-Bonito.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Queluz e de Pinheiros.

Affluente do rio *Corimbatehy*, pela margem direita: no municipio de S. João do Rio Claro.

Este nome *Claro* é corrupção de *Chái-ró*, «o que se põe dependurado». De *chái*, «dependurar-se», *ró*, «pôr-se».

Allusivo a formarem cascatas e sucessivos pequenos saltos em seu curso. A cõr clara das aguas na queda faz entender o nome *Cháì-rò* como *Claro*.

O ribeirão *Claro*, no municipio de Apiahý, é proximo ao morro *Chapéo*. (Vide o nome *Chapéo*). Embora extenso, e profundo, as cascatas e os saltos o impedem até a serra *Itapirapuan*.

O ribeirão *Claro*, entre os municipios de Queluz e de Pinheiros, offerece uma curiosidade natural, na proximidade de suas cabeceiras, na serra *Mantiqueira*. E' uma gruta de mais de cincuenta metros de extensão, com divisões.

Coatinga. — Affluente do ribeirão *Taiacupéra*, e este do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Mogi das Cruzes, de Santa Branca, e de Jacarehy.

Coatinga, corruptela de *H-ná-ty-nga*, «lama esbranquiçada». De *h*, relativo, substituindo o *y* de *yuá*, «lama, limo, cousa pegajosa», *ty*, «branquear, ser branco», com *nga* (breve) para formar supino. O *h* tem som aspirado.

Com effeito, este *Coatinga*, affluente de *Taiacupéva*, segundo fui informado, tem no leito um barro branco, molle enquanto humido, que endurece logo depois de extrahido, tomando em pouco tempo a consistencia de pedra.

Cocaes. — Serra, no municipio de Itatiba, entre os rios *Atibaia* e *Capirary*.

Serra, no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: nos municipios de Amparo, Casa Branca e de S. João da Boa Vista.

O nome *Cocaes* nada tem com coqueiros: ainda que, de facto, existam taes palmeiras nesses logares.

A serra em Itatiba tem tambem o nome *Momlúgca*, «furado de um lado ao outro». E' o verbo *pug*, «arrebentar, furar», precedido de *mo*, particula activa, e levado ao supino pelo suffixo *ca* (breve).

Allusivo a ser cortado por dous ribeirões, cujas nascentes se contrapõem e quasi se encontram; e, entretanto, os

dous pedaços permanecem arrimados um ao outro. Sua altitude é de mais de 950 metros.

A serra em S. Carlos do Pinhal é igualmente cortada por um ribeirão formando um salto.

O nome *Cocaes* dessas serras, é corruptela de *Córga-á*, por mostrarem arrimados os dous pedaços, um ao outro. De *córg*, «arrimar, sustentar», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino, *á*, «imitar, simular». O nome *Cogca-á*, por contracção *Cogc'-á*, é o mais usado.

Cocae, nome do ribeirão, é corruptela de *Côi-guâá*, «enseadas pegadas naturalmente». De *côi*, «duas couosas pegadas naturalmente», *guâá*, «enseada».

Com effeito, o ribeirão, depois de formar uma enseada, em forma de lagôa, denominada *Areia-branca*, cahe, mais abaixo, de um salto de pedra, com quasi dous metros de altura. Recebe sucessivamente as aguas dos ribeirões *Prata* e *Feio*, depois de ter formado outra enseada mais pequena; e sob o ultimo nome, desagua no rio *Jaguary*.

Ha tambem um bairro com o nome *Cocás*, no municipio de Sarapuhý; por causa de lagôas.

Cocoéra. — Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Mogi das Cruzes.

Cocoéra, corruptela de *Cucuì-nêra*, «cachido». De *cucuì*, «ahir», levado ao participio preterito pelo accrescimo do verbal *nêra*.

Allusivo a nascer, e logo depois cahir do monte; e dahi seguir a desaguár no rio *Tieté*.

Comprida. — Ilha situada desde a barra *Icapara* até a de *Cananéa*; entre o oceano e o *Mar-pequeno*, e, desde certo ponto, entre o oceano e a ilha *Cananéa*.

E' tambem conhecida por *Ilha Grande*.

Comprida, corrupção de *Cuí-pií-bo*, «arenoso em muitos logares». De *cuí*, «areia, pó», *pií*, «a miudo, muitas vezes, em muitos logares», com a particula *bo* (breve), para exprimir «logares» e não «vezes».

A corrupção operou-se, porque realmente a ilha é comprida.

Com efeito, esta ilha tem manchas extensas de areal, que o mar e os ventos nella depositam.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: «Sahi da villa de Iguape para de Cananéa, em canôa, pelo braço de mar (Mar pequeno) formado pela terra firme e pela lingua de terra, ou ilha, que decorre desde a barra do norte de Iguape até Cananéa: esta ilha estende-se até doze leguas (segundo julgo), e vem fazer o pontal da villa de Cananéa com o morro, por detraz do qual fica a villa deste nome».

Em toda a extensão desta ilha, é notada uma aglutinação de cascas de um animalculo de côr parda escura, originado na fermentação dos detritos vegetaes, superpostos ás areias.

As marés grandes a alagam, em sua maior parte. E não é sadia. Seus habitantes, em geral, vivem empaleados.

Comprido.—Rio que, nascendo na cordilheira marítima, tem seu curso no município de Ubatuba.

Afluente do rio *Purahyba*, pela margem direita: entre os municípios de S. José dos Campos e de Jacarehy.

Comprido, corrupção de *Cuí-pií-bo*, «arenoso em muitos logares». De *cuí*, «pó, areia», *pií*, «a miudo, em muitos logares, muitas vezes», *bo* (breve) para exprimir logar.

Acerca do *Comprido*, de Ubatuba, obteve as seguintes informações: «É formado de cachoeiras, que nascem na serra, e corre veloz entre e sobre pedras. Mais abaixo deram-lhe o nome *Rio Grande*, por ser navegavel por canôas; e mesmo outr'ora entraram em seu leito pequenas embarcações de coberta: arrancada, porém, uma pedra que existia no meio da barra, conservando-lhe sempre a profundidade pelo movimento de rodomoinhos, as aréas começaram a ag-

glomerar-se ahi, impedindo a entrada de taes embarcações no rio».

Quanto ao *Comprido*, que serve de limites entre os municípios de S. José dos Campos e de Jacarehy, dizem que o leito foi cavado pelos interessados em tornal-o mais fundo.

Conchas.—Afluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: nos municípios de Tieté e de Tatuhy.

Conchas, corruptela e tambem tradução de *Cói-ytã*. A palavra *ytã* é pronunciada breve e corrida, por causa do accento predominante em *cói*. De *cói*, «duas couças pegadas naturalmente», *ytã*, «concha», isto é, uma das bandas que cobrem o marisco. Sendo guttural a pronuncia do *y*, *tã* soa *xã* e, por ter de ser pronunciado breve e corrido, soa *xa*.

Allusivo a correr sobre terreno em que são encontradas, sob camadas de calcareo cinzento escuro, conchas fosseis. São exactamente da especie bivalve.

Altitude 450 metros.

Mas, cousa notável! Concha, que assim é em portuguez, hespanhol e em latim, de que aquelles idiomas se derivaram, é *conca*, em italiano, *conque*, em francêz, *cogchê*, em grego, *gankha*, em sanscrito. A pronuncia da palavra grega é a mesma da palavra franceza. A pronuncia da palavra tupi é *cônxa*, segundo já ficou dito.

Condapuhy.—Ribeirão que, nascendo no morro, á ponta meridional da ilha *Comprida*, corre de sul a norte; e desagua no interior da barra *Icapára*: no município de Iguape.

(Vide *Comprida*).

Alguns escrevem *Condapuhy*, sem duvida alguma incorrectamente, por não corresponder ao objecto nomeado.

Condapuhy, corruptela de *Cundá-pot*, «sinuoso e estreito». De *cundá*, «retorcido, enroscado, cheio de voltas e revoltas», *pot*, «estreito, adelgaçado». Com efeito, é sinuoso e estreito; e tambem fundo.

Congonhal.—Grupo de morros, no município de Piracicaba. Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem esquerda: no mesmo município.

Congonhal, corruptéla de *Gu-on-g-ong-ayé*, «muitos, juntos». De *gu*, reciproco, *ong*, «juntar, reunir», repetido e seguido de *ayé*, «muitos», para exprimir superlativo na quantidade. O *y* de *ayé* tem pronuncia guttural: por isso o *ng*, que o antecede, sóa *uh*.

Allusivo á reunião ahi de muitos picos, formando, porém, os morros uma só serra.

Quanto ao nome do ribeirão, é *Gu-on-g-ong-ayé*, «muitos impedimentos». De *gu*, reciproco, *ong*, «impedir», repetido e seguido de *ayé*, «muitos», para exprimir superlativo na quantidade. A diferença do nome anterior está sómente no verbo, que é outro.

Com efeito, é um ribeirão muito obstruído.

Congonhas.—Cachoeira no rio *Tielé*, proximo á fóz do rio *Jacaré-pipira-guassú*.

Congonhas, corruptéla de *Gu-on-g-on-g-a*, «muitos impedimentos». De *gu*, reciproco, *ong*, «impedir», repetido para exprimir superlativo, com o accrescimo *a*, por acabar em consoante.

Allusivo aos muitos arrecifes ahi.

Contendas.—Serra, no município de Cajurú.

Contendas, corrupção de *Cvi-teny*, «duas voltas pegadas». De *coi*, «duas couças pegadas naturalmente», *teny*, «volta, roldilha».

Allusivo a ter essa serra duas voltas, pegadas uma á outra, em forma de S.

Coqueiros.—Affluente do Rio *Pardo*, pela margem direita: no município de Batataes.

Coqueiros, corrupção de *Qui-quér-a*, «dorminhoco e frouxo». De *qui*, «frouxo», *quér*, «dormir, repousar», com *a* (breve) por acabar em cousoante.

Allusivo a ser muito pouco corrente, e a alagar-se nas margens.

Ha palmeiras em suas margens:—dahi a corrupção.

Coraú.—Dous morros, pertencentes á serra *Cubatão*: no município de S. Vicente.

Coraú, corruptéla de *Coi-raú*, «duvidosamente pegados». De *coi*, para exprimir duas couças pegadas, *raú*, partícula que exprime a dúvida no facto, ou mesmo a falsidade.

Allusivo a serem levantados tão juntos, um ao outro, estes dous morros, que ha dúvida se são pegados.

Corcovado.—Morro, no município de Natividade.

Corcovado, antes traducção do que corruptéla de *Canduad-bo*. Este *bo* (breve) exprime o modo de estar.

Cordão.—Cachoeira, com salto, no rio *Mogy-guassú*.

Cordão, corruptéla de *Cuî-tã*, «quéda forte». De *cuî*, «cahir», *tã*, «forte».

Cordeiro.—Pequeno rio, que desagua no rio *Sabauana*, pela margem direita: no município de Cananéia.

Cordeiro, corrupção de *Có-yérè*, «sínuoso». De *có*, o mesmo que *ycó*, «estar, andar, ser, etc.», *yérè*, «voltar, volta».

Allusivo a formar voltas em zig-zag.

Não é exacto o que a respeito deste pequeno rio escreveu o dr. CARLOS RATH, em seus *Fragments Geologicos e Geographicos*.

Corimbatahy.—Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: entre os municípios de S. João do Rio Claro, de Piracicaba e de Pirassununga.

Segundo MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, significa «rio de peixe corimbata». O padre A. R. DE MONTOYA, no *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *quirym-bati*.

Pode ser que ahi abunde este peixe; pois que em outros proximos tambem abunda. Mas, o nome deste rio nada tem com esse peixe.

Corimbatahy, corrupção de *Curi-mbatay-i*, «perseverantemente frouxo». De *curi*, «corrente, veloz», *mb*, intercalação nasal, *atey*, «frouxo, frouxidão», *i*, posição para exprimir perseverança.

Allusivo a alagar suas margens, em toda a extensão; e, não obstante, ser muito corrente.

E' maleitoso.

Corisco-Velho.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, acima da foz do rio *Guarehy*.

Corisco-Velho, corrupção de *Curi-curi-yérè*, «rodomoinho e corredeira». De *curi*, «depressa», repetido, *curi-curi*, «muito depressa», *yérè*, «volta». O padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, escreveu *corí*; o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *curý*.

Allusivo a formarem ahi as aguas um rodomoinho á direita; e prolongando-se á esquerda uma muralha estreita até além do meio do rio, as mesmas aguas canalizam-se, precipitam-se transversalmente em corredeira, com um desnívelamento de cincuenta centimetros.

Corrego-rico.—Corredeira, no rio *Mogy-guassú*.

Não se trata de corrego. Ha com esse nome, desaguando naquelle rio, nesse logar, pela margem esquerda, um ribeirão muito corrente.

Corrego-rico, corrupção de *Curi-curi-ca*, «velocissimo». De *curi*, «apressar, ter velocidade, rapidez»; repetido, *curi-curi*, para exprimir o superlativo da acção, e, por isso, «velocissimo»; com o sufixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo ao desnívelamento do rio nesse logar, apertado entre montes, forçando as aguas a precipitarem-se em forte declive.

Corrente.—Affluente do rio *Sapucahy-mirim*, pela margem direita: no município do Carmo da Franca. Este tem um salto, apóis uma corredeira, proximo á villa do Carmo.

Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem esquerda: no município de Araraquara.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no município do Rio Novo.

Corrente, corrupção de *Curéi-ta*, «o que se menêa». De *curéi*, «menear-se», com o sufixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo ao meneio de suas aguas, ao descerem a serra.

Corrupção.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: entre os municipios de Itapetininga e de Espírito Santo da Boa Vista, aos quaes serve de divisa.

Corrupção, corrupção de *Curuchá*, «vergões».

Allusivo ás elevações successivas em seu leito, semelhando *vergões* no corpo humano.

Com efeito, a formação do terreno, sobre o qual corre o ribeirão, dá origem a cavidades no leito dos rios, denominadas vulgarmente *caldeirões*. Neste ribeirão as cavidades não passam de simples elevações e depressões, por ser pouco corrente, produzindo, entretanto, sucessivos rodomoinhos.

Seu fundo é de lage preta em alguns logares. A agua é salubra.

Corumbá.—Certa extensão do rio *Sorocaba*, abaixo da barra do ribeirão *Ipanema*.

Corumbá, corruptela de *Curi-mb-bá-i*, «presteza e saliencias». De *curi*, «presteza, velocidade», *mb*, particula para ligar *curi*, cujo som é nasal, á *ái*, «saliencias».

Allusivo á corredeira, e ás cachoeiras, nesse logar do rio.

Coruja.—Morro, no municipio de Iporanga.

Coruja, corruptela de *Gui-rí-yâ-yâ*, «gretado na parte inferior». De *gui*, «parte inferior, debaixo», *rí*, posposição significando «em», *yâ-yâ*, de *yâ*, «gretar», repetido para exprimir successão do facto.

Allusivo ás grutas em sua base.

Corujas.—Affluente do rio *Assyngui*, pela margem esquerda: no município de Sarapuh.

Corujas, corrupção de *Curu-yâ*, «gretado e sorvido». De *curu*, «sorver», *yâ*,

«gretar rachar, abrir naturalmente». Os dous verbos estão no infinitivo: mas traduzi assim.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, referindo-se a este ribeirão, escreveu o seguinte: «No ribeirão das Corujas, cuja natureza geognostica parecia prometter ouro grosso de manchas, que eu mandei correr até a serra, onde desapparece, mettendo-se debaixo della por entre rochedos, e que eu mandei socavar, nada apresentou na batêa: sómente achei nas suas margens pedras espalhadas de um verdadeiro silex amarelo escuro, e entre a brecha já dita, máus crystaes de rocha».

Segundo outro viajante, este ribeirão, «em tempo secco, é muito insignificante, porém com qualquer chuva, enche-se o leito de 4 braças de largura e alaga toda a vizinhança e dá nado. Da mesma maneira abaixa com rapidez». Nasce de um morro agudo na *Serra Negra*.

Costão de Pernambuco.—Serra, no município de Itanhaém, proximo ao litoral.

Costão de Pernambuco, corrupção de *Côi-ytã-ndi-pirá-mbugca*, «conchas fechadas e juntamente outras abertas e arrebentadas». De *côi*, «pegadas», *ytã*, «concha», *ndi*, «juntamente», *pirá*, «abrir», *mbugca*, supino de *pûg*, «arrebentar», mudado o *p* em *mb*, por causa do som nasal de *ytã*, com o sufixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a que a praia, na frente desta serra, tem o sólo formado inteiramente de lindas conchas, de varias qualidades e de varios tamanhos.

Coticahen.—Canal, no município de Cananéia.

Coticahen, corruptela de *Coli-caren*, «voltas tortas». De *coli*, «ver uma cousa muitas vezes», *caren*, «torta».

Allusivo ao facto de ser visto o mesmo lugar muitas vezes, por causa das voltas e tortuosidades do canal.

Couros.—Affluente do rio *Tamanduately*, pela margem esquerda: no município de S. Bernardo.

Affluente do rio *Pirapitinguy*, pela margem esquerda: no município de Mogi-mirim.

Couros, corruptela de *Coî-yrù*, «dous companheiros pegados». De *coî*, «duas cousas pegadas naturalmente», *yrù*, «companheiro».

Allusivo a terem duas cabeceiras, que depois pegam-se para formarem o ribeirão.

Coveiro.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Coveiro, corrupção de *Cui-uéra*, «o cahido». De *cui*, «cahir-se», levado ao preterito pelo accrescimo do verbal *uéra*.

Allusivo a cahirem suas aguas; e depois de formarem um poço, seguirem até á affluencia com o rio *Ribeira de Iguape*.

Couves.—Duas ilhas situadas a leste da bahia de Ubatuba.

E tambem duas ilhotas no oceano, pertencentes ao município de Santos.

Coures, corrupção de *Coî*, «duas cou-sas pegadas naturalmente».

Assim o estão essas duas ilhas, por muito proximas, uma da outra, parecendo uma só.

Couves.—Affluente do rio *do Peixe*, pela margem esquerda: no município de S. José dos Campos.

Coures, corrupção de *Coî*, «duas cou-sas pegadas naturalmente».

Allusivo a ser esse ribeirão a juncção de dous cursos d'agua.

Crescendúba.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: serve de divisa aos municípios de Sarapuh y e de Itapetininga.

Crescendúba, corrupção de *Kér'-ecé-nduñ-bae*, «o que reboja e por isso dorme». De *kér*, «dormir», *ecé*, o mesmo que *recé*, «por causa», *nduñ*, nasalisação do verbo *tuñ*, «rebojar», com *bae*, «o que».

O verbo *tui* é ahi nasalizado, por ser precedido de *recê*.

Allusivo ao retrocesso de suas aguas, quando ha cheia no rio *Itapetininga*, ficando por isso paradas.

Crescendúba.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: serve de divisa aos municipios de Sarapuhý e de Itapetininga.

Crescendúba, corruptéla de *Curê-hecêndu-bae*, «o que se meneia successivamente e faz estrondo». De *curê*, «meneiar-se», *hecê*, o mesmo que *rehê*, «successivamente», *ndu*, «fazer estrondo», levado ao particípio pelo accrescimo da particula *bae* (breve), significando «o que».

Allusivo ás muitas voltas, e ao estrondo das aguas nas cachoeiras.

Cresciumal.—Affluente do pela margem entre os municipios de Pirassununga e de Araras.

Cresciumal, corrupção de *Kér-i-cy-úú-m-áü*, «manchado de lodo, resvaloso e parado». De *kér*, «dormir, repousar», *ey*, «resvalar», significando «resvaloso» por estar precedido do *i*, relativo, *úú*, «lodo, limo» seguido de *m*, para ser ligado a *áü*, «sujo, manchado».

Allusivo a ter logares cobertos de lodo, e por isso resvaladios; e a ter quasi paradas as suas aguas.

Cristaes.—Serrote entre os municipios de Parnahyba e de Jundiahý.

Cristaes, corrupção de *Quiri-hetá*, «muito chuvoso». De *quiri*, «chuvisco, chuva miuda», *hetá*, «muito». O verbo «chover» é *quiri*; e o *i*, podendo exprimir perseverança, significa tambem «miuda».

Com effeito, sobre esse serrote cahe constantemente chuva miuda.

Cruz.—Corredeira no rio *Tieté*.

Cruz, corrupção de *Cûri*, «apressado».

Cruzeiro.—Villa, situada á margem direita do ribeirão *Embahû*.

Era este o nome da antiga povoação; mas, foi mudado, em 1871, para *Cruzeiro*.

(Vide o nome *Embahû*).

Cruzes.—(Vide o nome *Das Cruzes*).

Crystaes.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: no municipio de Santa Cruz do Rio Pardo.

Affluente do rio *Juquery*, pela margem esquerda: entre os municipios de S. Paulo e de Jundiahý.

Corredeiras no rio *Paranapanema*, abaixo do *Salto-Grande*, depois que o rio faz uma pequena volta para o sul.

Crystaes, corrupção de *Cury-hetá*, «excessivamente corrente». De *cury*, «veloz, ligeiro, pressa», *hetá*, «muito».

E' uma serie de cachoeiras esse trecho do rio *Paranapanema*, mais de cincos kilometros. Além do canal muito sinuoso, a velocidade das aguas é o seu principal característico: em uma dessas cachoeiras as aguas são muito agitadas de sorte que, mesmo pelo canal mais largo, a passagem é perigosa. Na ultima, formada lateralmente por paredes graníticas, as aguas entram e correm com maior impetuosidade, em forte declive.

Julgo util transcrever um trecho do *Resumo do itinerario de uma viagem exploradora, emprehendida por ordem do barão de Antonina*: «Entrámos no Paranapanema, que corre com sessenta braças de largura, de oesnordeste, por baxios e corredeiras até o morro dos Monos, onde pousámos com uma e meia legua de marcha da fóz do Itararé e rumo de nornoroeste. A's sete horas da manhã (dia seguinte) seguimos entre serranias por corredeiras fortes, que findam em curto canal de dez a doze braças de largura, com duas ilhotas em sua desembocadura, donde o rio voltéa para nornoroeste por baxios e corredeiras até a cachoeira do *Crystal*, onde conduzimo á mão as canoas vazias, e pousámos com duas leguas e meia de marcha a rumo geral de oesnordeste».

Tambem o ribeirão *Crystaes*, ou *Crystal*, que afflue no rio *Paranapanema*, tem grande correnteza; e, por isso, o indigena o nomeou tambem *Cury-hetá*.

Cubatão.—Serra maritima, ou do mar, como é assinalada em alguns map-

pas: e desde a serra *Bocaina* margina o littoral da província de S. Paulo.

Cubatão, corruptéla de *Gu-bi-itá-ã*, contrahido em *Gu-bi-itá-'ã*, «empinado em escadaria». De *gu*, reciproco, *bi-itá*, «escada, degráos», *ã*, «empinar». O som do primeiro *i* é guttural, segundo a lição dos grammaticos, quando ha dous *ii* juntos; e, pois, sôa como *a* fechado. A palavra *bi-itá* é composta de *bi* «levantar, alçar», *itá*, «estante, armação, degráos, pilares, em geral tudo em que outra cousa se estriba».

Allusivo a ser formada de camadas horizontaes, superpostas umas ás outras; de sorte que, com os paredões em alcantil ou a pique, em cada camada, semelha um amphitheatro em toda aquella extensão do littoral, ora approximando-se deste, ora afastando-se.

Ha outra serra, com o mesmo nome *Cubatão*; no municipio de Cajurú.

E' o mesmo significado, sem duvida por ser formada do mesmo modo.

No extremo desta serra, e á margem do ribeirão do mesmo nome, está situada a villa de Cajurú.

Cubatão.—Dous ribeirões que nascem nas serras supra referidas. O primeiro desagua no *Caneú*, lagamar de Santos.

Assim, é ainda denominado *Cubatão* um corrego que banha o sopé da chapa, na qual está assentada a cidade da Franca.

Ha tambem um affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Xiririca.

E um affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de *Sorocaba*.

Cubatão, nome destes ribeirões, é corruptéla de *Cûi-pâi-ta-ã*, contrahido em *Cûi-pâi-l'-ã*, «empinado, dependurado e cahido». De *cûi*, «cahir», *pâi*, «dependurar», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino, *ã*, «empinar».

Allusivo a terem leito ingreme, formando cascatas e saltos.

Cucanha.—Ribeirão no municipio de *Caraguatatuba*. Desagua no oceano.

Cucanha, corruptéla de *Cûi-câny*, «cahe e some-se». De *cûi*, «cahir», *câny*, «sumir-se».

Allusivo a sumir-se sob pedras e penascos, quando calie da serra; reapparecendo depois, e indo desaguar no oceano.

Cunha.—Cidade, situada na cordilheira maritima, nas immediações do ribeirão *Jacuhy*, affluente do rio *Parahytinga*.

O nome *Cunha* veiu de um capitão-general Francisco da Cunha Menezes, que em 1785 elevou á villa a antiga freguezia, creada em 1736. Modo estupido de denominar logares!

O logar, segundo as tradições, tinha o nome *Facão*. Em redor deste nome multiplicam-se as lendas; entre as quaes a da existencia de uma familia portuguesa, de sobrenome *Falcon*, que ahi se estabelecera em 1730, e entre cujos membros havia um frei Manoel.

O assentamento feito em 1.^º de Fevereiro de 1736, pelo visitador ordinario padre Francisco Pinheiro da Fonseca, no livro dos bens da fabrica da matriz da nova freguezia, menciona apenas o *sítio do Falcon*; e o assentamento relativo á posse do vigario João Velho Cabral, apôs a transferencia da matriz para a egreja nova de N. S. da Conceição, menciona simplesmente *freguezia do Falcon*. Como, porém, induzir disso que houve alli uma familia *Falcon*, e, um frade, irmão do chefe della? Onde estão os descendentes dessa familia?

Dizendo os assentamentos *sítio do Falcon* e *freguezia do Falcon*, prova isso sómente que aquelle sitio ou aquella região eram assim denominados corruptamente.

Com effeito, *Facão*, ou *Falcon*, é corruptéla de *Tucang*, «ramo, galho», com referencia á serra maritima. Estava esse sitio em uma collina, *ramificação* daquella serra: dari a designação por aquelle modo, para distinguil-o de outros na mesma serra.

Tudo o mais não passa de uma lenda, sem explicação plausivel.

(*) **Cupencê.**—Bairro no município de Santo Amaro.

(*) Estava em nota avulsa.

Cupi.—Lagôa, no município de Mogi-guassú.

Cupi, corruptéla de *Húú-píti*, «lodosa e escorregadia». De *húú*, «lodo, borra, fezes, detritos», *píti*, «resvalar, escorregar o pé».

Curral.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no município de Villa Bella.

Curral, corruptéla de *Curaá*, «enseada». O nome completo é *Acuráa*; mas, com apheresis do *a* inicial, é usada *Curaá*.

Allusivo a ser em semicírculo esta praia, por margear uma enseada.

Curuçá.—Região em que foi situada, á margem esquerda do rio *Tieté*, a povoação, que é hoje a cidade de Tieté, e cujo nome anterior era *Pirapóra de Curuçá*.

Curuçá, corruptéla de *Cuaçá*, «andar de balde, fallar á tóa, fazer a cousa ao inverso, errar».

Allusivo ao facto de, descendo ou subindo o rio *Tieté*, até aquele logar, onde faz esquina, achar-se o viajante, depois, ainda á pouca distância do logar de onde saiu, por causa de voltas e revoltas do rio.

Com efeito, o rio *Tieté* forma nessa região uma grande volta triangular, de norte a sudoeste, e de sudoeste a norte. A porção de terra, dentro do triângulo, é hoje denominada popularmente, *península*; com mais de 9 quilometros de extensão e 800 a 900 metros de largura em alguns pontos. Por isso, o indígena considerava a navegação do rio, nesse logar, como «viagem baldada, sem proveito, a tóa, errada»; indicando assim que um canal, ligando as duas extremidades do rio, ao norte, seria um bom e útil atalho para a navegação, poupando o trabalho de percorrer inutilmente a grande extensão de mais de 18 quilometros.

Nada tem, portanto, este nome *Curuçá* com *cruz*, á qual se prendem várias lendas de tesouros ocultos. A palavra *cruz* corresponde *curuçá*, «encruzar»; e não *curuçá*. Tem havido confusão a este respeito.

Curucutú.—(*)

(*) Estava em branco no original, com a nota—*Santos*, ao lado.

Curujinha.—Afluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no município de Botucatú.

E' também conhecido por *Bosque*. (Vide o nome *Bosque*).

Curujinha, corruptéla de *Cury-chý-na*, «deslisa-se rápido». De *cury*, «pressa», *chý*, «deslisar», *na*, partícula com som breve para completar a palavra, que é nasal.

Allusivo á sua muita correnteza.

Curumahú.—Rio pequeno, que nasce nas vertentes dos morros da ilha *Guaiimbé* ou de *Santo Amaro*, e desagua no canal *Bertioga*: no município de Santos.

Curumahú, corruptéla de *Cú-rã-amã-húú*, «sorvedouros, rodomoinhos e turvo». De *cú*, «sorver, tragar», *rã*, «revolver-se», *amã*, «circulo, roda», *húú*, «borra, sujeide, cousa turva».

Depois de lhe correr paralelo o *Maratan-úá*, este affasta-se para o centro da varzea, e só se lhe approxima de novo para desaguar nelle quasi á sua foz. (Vide o nome *Maratan-úá*).

Curupacê.—Pequena extensão do rio *Juqueryqueré*, ao sahir no oceano: entre os municípios de Caraguatatuba e de S. Sebastião.

Nos foraes da doação de terras a Martim Affonso de Souza e a seu irmão Pedro Lopes de Souza, é mencionado *Curupacê* como rio, servindo de divisa da capitania de Santo Amaro, pela parte do norte. Mas, não é rio: sim o trecho ultimo do rio *Juqueryqueré*.

Curupacê, corruptéla de *Cui-rupi-ycé*, «sahida arenosa». De *cui*, «areia», *rupi*, «com», *ycé*, «sahida». Por con-

tracção *Cui-rup'-ycê*. Este *y* que precede *cê* é relativo.

Allusivo a ter o rio *Juqueryquerê*, nessa extensão, até á sua fóz, muitos cómoros de areia que se deslocam sucessivamente por efeito do fluxo ou refluxo das marés.

E' uma extensão apenas de meia a uma legua. E mais merece o nome de enseada estreita do que fóz de rio.

Curupira.—Morro, á margem direita do rio *Camandocáia*: no município de Socorro.

Morro, á margem direita do ribeirão *Cachoeirinha*: no município de Nazareth.

Morro proximo ao pico *Jaraguá*: no município de S. Paulo. Neste morro, houve antigamente exploração de lavras auríferas.

Curúpira, «feito pedaços». De *curú*, «pedaço, fazer pedaços», *pira*, particula de participio passivo.

Allusivo a ser formado, cada um desses morros, de pedaços de pedra e de terra dura, de todos os tamanhos: são como fragmentos, ainda agregados, de morros graníticos.

Não haja confusão com o diabrete *Cury-pi-ru*, «volteador ligeiro». De *cury*, «ligeiro, rapido, veloz», *pi*, «centro, pé», *ru*, «revolver». A palavra *ru*, além de ter o som guttural, é pronunciada breve.

Cururú.—Morro pertencente á serra *Japy*: no município de Cabreúva.

Cururú é tambem o nome actual do ribeirão cuja cabeceira é *Saltinho*, e cuja fóz, desde a varzea, é *Pirahy*: no mesmo município e na mesma região.

Cururú, nome do morro, é *cururú*, «formado de pedaços». De *curú*, «pedaços de terra ou de pedra», *rú*, «ter».

Mas, o ribeirão toma esta denominação, só quando atravessa a varzea, cujo é o nome: *h-yi-rurú*, «concavidades humidas». De *h*, relativo, *yi*, «concavidades, abertura, oco», *rurú*, «humido».

Allusivo a ter essa varzea diversos lugares, em que brota agua perenne.

Cuscuzeiro.—Pedra notavel, á margem direita do rio *Corumbatahy*: no

municipio de S. João do Rio Claro. A serra, sobre que está esta pedra, traz este mesmo nome.

Pedra notavel, á margem do rio *Pineirinho*: no municipio de Santo Antonio da Alegria.

Cuscuzeiro, corruptéla de *Cucut-uéra*, «o que se caiu». De *cucut*, «cahir-se», levado ao preterito pelo accrescimo do verbal *uéra*.

São, sem duvida, enormes meteorolithos, ou pedras meteoricas que cahiram da atmosphera.

O *bedengó*, que foi trazido da provincia da Bahia para o Rio de Janeiro, é corruptéla de *pêhê-ng-ôó*, «pedaço grande». De *pêhê*, «pedaço», que, por ser nasal, pede *ng* para ligar-se a *ôó*, «grosso, grande». O *p* inicial sóe ser mudado em *mb*, quando não é precedido de outra palavra—dahi esse som *Mbêhê-ng-ôó*. O *bedengó* é tambem conhecido na provincia da Bahia pelo nome *Quilá*, corruptéla de *Cui-rá*, «pedaço de ferro cahido». De *cû*, «cahir», *r*, intercalação para bem separar na pronuncia o *i* e o *á*, «pedaço de ferro, cousa corporea». Aquelle verbo é usado *cû* e *cucut*.

Ha na provincia do Amazonas uma grande pedra meteorica: *Cucuhy*. E' esquadrejada: mede quasi 300 metros de altura; e está isolada no meio das florestas que a rodeiam, mostrando escavadas as encostas, coroada de vegetação o seu cume.

Cucuhy, corruptéla de *Cucut-i*, «cahido por si mesmo». De *cucut*, «cahir-se», *i*, posposição para assignalar melhor a applicação do verbo ao facto, exprimindo, neste nome, a acção da propria cousa.

Cutia.—Villa, á margem esquerda do ribeirão *Cutia*.

Portanto, o nome é do ribeirão, affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda.

Ha tambem com o mesmo nome um affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: entre os municipios de Iguape e de Xiririca.

Pelo systema de MARTIUS, o nome *Cutia* significaria «rio de *acuti*». *Acuti*, roedor conhecido no Brazil inteiro, sob o nome de *cutia*. Vive em buracos, aos casaes. Côr parda-ferruginea na cabeça, parda com salpicos escuros no lombo, parda amarellada nos lados, preta nas extremidades. Muito viváce; olhos em movimento constante e assustadiço. Corre aos saltos, quando perseguida. Quatro dedos nas mães, tres nos pés. Assentado sobre as patas trazeiras, segura com as mães os fructos e os leva á boca. Os dentes incisivos são tão fortes que róem o endocarpo osseu do côco. Desses dentes os indigenas servem-se para as incisões no corpo e a *tatuagem*.

Mas, o nome destes ribeirões não tem relação alguma com o roedor *acuti*.

Cutia, corrupção de *Coti-a*, «voltas». De *acoti*, «fazer voltas», levado ao infinitivo pela deslocação do *a* inicial para o fim da palavra.

Allusivo a fazerem esses ribeirões sucessivas e numerosas sinuosidades, em todo o curso.

Cuvetinga. — Affluente do ribeirão *Toucinho*, pela margem direita, e este do ribeirão *Tremembé*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Cuvetinga, corrupção de *Quŷ-ii-tŷ-n̄ga*, «sujo e resvaladio». De *quŷtŷ*, «ser sujo», com a intercalação do verbo *ii*, «resvalar, resvaladio», *nya*, particula para formar supino. Para exprimir «limpar o sujo», usa-se de *quŷtŷ-n̄g-og*.

Allusivo a ser lodoso e sujo o fundo.

A intercalação de um verbo em outro, ou de uma palavra em outra, é uma das construções mais difficeis da lingua tupi, pela necessidade de evitar a *synthese*, isto é, a confusão e o não senso.

Este é um dos ribeiros que, vertendo da serra *Cantareira*, constituem os mananciaes derivados para o abastecimento de agua da cidade de S. Paulo.

D

Das Aguas Turvas.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: nos municipios de S. Carlos do Pinhal e de Belém do Descalvado.

Das Aguas Turras, corrupção de *Nda-aquâ-tuî-bae*, «faz bojo e não corre». De *nda*, particula de negação, *áquâ*, «correr», *tuî*, «fazer bojo», com o sufixo *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a pararem suas aguas, por causa de impedimentos na fóz, fazendo bojo, e turvando-as.

Das Criminosas.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Apiahy.

Criminosas, corrupção de *Cûrì-mê-oçé*, «excessivamente corrente». De *cûrì*, «pressa, rapidez, velocidade», *mê*, o mesmo que *pe*, e assim empregado neste nome por causa do som nasal de *cûrì*, para exprimir movimento, *oçé*, para exprimir superlativo de *cûrì*, exprimindo ao mesmo tempo a razão, «de alto».

Allusivo ao leito excessivamente irregular, produzindo extraordinaria velocidade.

Das Cruzes.—Affluente do rio *Prahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Queluz.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Araraquara. Este ribeirão é mencionado sob o nome *Da Cruz*, e atravessa a lagôa *Bacury*.

Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem direita: no município de Araraquara.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no município de Jaboticabal.

Das Cruzes, corrupção de *Cûrì*, «apres-sado».

Allusivo a serem muito correntes.

O *Cruzes*, affluente do *Jacaré-pipira-guassú*, no município de Araraquara, tem um salto de 40 metros de altura.

Descalvado.—Affluente do rio *Una do Prelado*, pela margem direita: no município de Iguape.

Descalrado, corrupção de *Ndi-quâr-yâ-bo*, «muito esburacado e gretado». De *ndi*, «muito, muitos», *quâr*, «poço, fojo, buraco», *yâ*, «abrir, rachar, gretar», com o *bo* (breve), para formar supino.

Allusivo aos caldeirões que as aguas abrem naturalmente em seu leito, formando poços e buracos.

Descalvado.—Serra, entre os municípios de Belém do Descalvado e de S. Carlos do Pinhal.

Morro, no município de Iporanga.

Descalvado, corrupção de *Ndi-quâr-yâ-bo*, «muito cortado e rachado». De *ndi*, «muito, muitas», *quâr*, «cortar», *yâ*, abrir, rachar, gretar», com o sufixo *bo* (breve), para formar supino.

Com effeito, aquella serra e aquelle morro mostram encostas e resvaladou-

ros, como que lascados, além de rachados.

Por causa destes cõrtes e concavidades, são baldos de vegetação nesses logares: sendo portanto *escavado*, e não *descalvado*. Dahi, e pelo som do nome em língua tupi, a corrupção para *Descalvado*.

Descaroçador. — Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no município de Pirassununga.

Descaroçador, corrupção de *Ndi-quâr-ocè-ndog*, «o que malha quebrando, sobre successivos buracos». De *ndi*, «muitos», *quâr*, «buraco», *ocè*, «sobre», *ndog*, o mesmo que *cog*, «moer, malhar quebrando». Por contracção, *Ndi-quâr'-ocè-ndog*.

Allusivo a cahir a agua sobre buracos, e derramar-se successivamente sobre outros.

Por causa do som, e por semelhar-se ahi a agua á rama do algodão, ao sahir do *descaroçador*, foi que se operou a corrupção.

Desejo. — Serra, no município de Rio Verde.

Desejo, corrupção de *Nda-eté-yi*, «muitas concavidades». *Nda-eté*, «muitos», devendo perder o *a* por causa da vogal *e* que se lhe segue, e portanto *nd'-eté*, e mais *yi*, «concavidade, ôco, abertura».

Allusivo ás cavernas ou grutas que tem.

Despriiado. — Affluente do ribeirão *Itingoçú*, pela margem direita: no município de Iguape.

Despriiado, corrupção de *Nda-i-piâ-ába-í*, «rio sem caminho para elle». De *nda*, partícula de negação, perdendo o *a* por causa do *i*, «rio», *piâ*, «caminho», *ába*, para exprimir logar», *í*, posposição para fechar a negação *nda*. Por contracção, *Nd'-i-piâ-ab' í*.

Allusivo a correr sempre entre barreiras altas, não fazendo *praia* em parte alguma e portanto sendo impossível porto e caminho para este. Dahi a corrupção *Despriiado*, no sentido de não ter praias.

Com efeito, o *Despriiado* precipita-se da serra *Itaimbé* em successivas cascatas.

Desterro. — Cascata, no município de Cunha.

Deslerro, corrupção de *Ndi-têrô*, «muitas tortuosidades». De *ndi*, «muitas», *têrô*, «tortuosidades».

Com efeito, a cascata é extensa; e, em vez de ser em linha recta, faz diversas curvas: o que o indígena julgou util assignalar.

A sua queda é vertical, e de 25 a 30 metros: e forma uma bacia, onde as aguas cahem.

Esta cascata é formada pelo rio *Jacuhy*; e, antes daquelle queda vertical, as aguas descem sobre rochedos, fazendo as referidas curvas. Ao lado direito da queda das aguas, estão as grutas; e, por baixo della ha algumas pequenas furnas.

A cascata é linda; e suas aguas batidas pelos raios solares, offerecem aspecto agradabilissimo á vista.

Dista da cidade de Cunha $2 \frac{1}{2}$ leguas; e, não obstante tal distancia, o estrondo de sua queda é alli ouvido.

Doce. — Morro, á margem esquerda do rio *Juquery*: no município de São Paulo.

Doce, corruptela de *Hocè*, «altissimo», exprimindo superlativo.

E' tambem conhecido pelo nome *Urubuecava*.

(Vide o nome *Urubuqueçava*).

Doce. — Affluente do ribeirão *Turvo*, e este do rio *Bananal*: no município de Bananal.

Affluente do *Rio Verde*, pela margem direita: no município de Casa Branca.

Doce, corruptela de *Ndú-ocè*, «muito estrondoso». De *ndú*, «estrondo», *ocè*, partícula de superlativo, ou de abundância.

Allusivo ao estrondo de suas aguas em saltos.

Acerca do rio *Doce*, no município de Bananal, é elle muito pequeno; e apenas tem uma cachoeira e queda, sem fazer grande estrondo, a não ser nas grandes enchentes. E' tambem conhecido em alguns logares por *Piracema* e *Manso*.

Acerca do rio *Doce*, que nasce na província de Minas Geraes e rega a do Espírito Santo, é irrisoria a explicação dada a esse nome:—o de terem navegantes portuguezes encontrado no mar, em frente deste rio, agua doce!

Sempre o disparate!

Ora, exactamente ao despenharem-se suas aguas no salto denominado *do Inferno*, com enorme estrondo, é que o rio tem o nome *Doce*, corrupção de *Ndú-océ*: e, apôs aquelle salto, ha outros e tambem cachoeiras rio abaixo.

Quanta doçura!

Dos Cubas.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no município de Santa Barbara do Rio Pardo.

Dos Cubas, corrupção de *Ndú-ocúübae*, «o que cahe com estrepito». De *ndú*, estrepito, ruido, estrondo, *ocúü*, terceira pessoa do presente do indicativo de *cúü*, «cahir», levado ao particípio pelo accrescimo da partícula *lae* (breve), significando «o que».

Allusivo a descerem suas aguas com estrondo, por causa de cachoeiras.

Dos Gatos.—Ilha, a 9,9 kilometros da costa, fronteando o bairro *Boissu-canga*: no município de S. Sebastião.

Dos Gatos, corrupção de *Gu-áty-aí*, «tesa». De *gu*, reciproco, *áty-aí*, o mesmo que *hátyai*, perdendo o *h* por causa de *gu*, «teso, erecto, empertigado».

Allusivo á forma pyramidal da ilha.

Dos Negros.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: nos municípios de S. Carlos do Pinhal e de Belém do Descalvado.

Dos Negros, corrupção de *Ndú-nérú*, «muito estrepitoso». De *ndú*, «estrondo, estrepito, ruido», *nérú*, para exprimir a ação do agente sobre si proprio, *rú*, «ter cousa em si ou consigo».

Allusivo a ter este ribeirão muitas cachoeiras, onde o barulho das aguas é estrepitoso.

Dourado.—Serra, no município de Brotas.

Dourado, corruptela de *Nduri-yá-bo*, «brota estrondosa». De *nduri*, «estrondo, estrepito», *yáb*, «greta, brota, fenda natural», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo a uma fonte denominada pelo povo *Agua-Virtuosa*, por attribuir-lhe propriedades medicinaes: a agua jorra com tanta força que produz grande fragor, ouvido de grandes distancias.

Por contracção, *Ndur'-yá-bo*; e o *y* tem som guttural.

Dourado.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, anterior á *das Aranhas*.

Dourado, corruptela *Nduri-yá-bo*, por contracção *Ndur'-ya-bo*, «fenda estrondosa». De *nduri*, «estrondo, estrepito», *yáb*, «greta, fenda natural, brota», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo aos diversos canaes nessa cachoeira, pelos quaes as aguas passam com fragor.

Dourados.—Grande salto no rio *Paranapanema*, logo abaixo da foz do *Rio Pardo*.

Dourados, corruptela de *Nduri-yá-bo*, por contracção *Ndur'-yá-bo*, «gretado e estrondoso». De *nduri*, «estrepito», *yáb*, «greta, brota, fenda natural», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Relação alguma tem com o peixe *dourado*.

Allusivo ás gretas innumerás na grande muralha, de uma a outra margem do canal, pelas quaes irrompem jorros d'agua ou simples fios de escuma, conforme o maior ou menor diametro das gretas e orificios, formando da altura de mais de nove metros o grande salto com estrondo. Este salto é no canal á esquerda da *Ilha Grande*, com um e meio kilometro de comprimento. Pelo lado direito da mesma ilha, ha o *Canal Paulista*, em cuja boca superior existe uma cachoeira, terminando na inferior igualmente por um grande salto, tambem perigoso.

No tempo das chuvas, o *Salto Grande* não apresenta o mesmo aspecto acima

descripto: as aguas precipitam-se magistosamente de cima da muralha, formando lençol.

Abaixo deste *Salto Grande*, as aguas precipitadas, formam bacia e rodomoinho, e depois entram em estreitissimo canal entre altas penedias, para juntarem-se imediatamente com as do *Canal Paulista*, no extremo da ilha.

Obra admiravel da natureza!

Dourado.—Affluente do rio *Paraná*, pela margem esquerda: no municipio de Araraquara.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Lençóes.

Dourado, corruptela de *Nda-yo* «não desatado». De *nda*, particula negação, perdendo o *a* por causa reciproco, com pronuncia guttural. «desatar, descoser», *i*, particula para char a negação. Por contracção, *Nrab-i*.

Tambem não tem relação alguma o peixe *dourado*.

Allusivo a correr entre margens sem se desatar em alagadiços, outros da mesma região.

Dous Corregos.—Villa situada dous corregos affuentes do rio *pela margem direita*.
(Vide o nome *Prata*).

E

Embaré.—Nome da praia da barra de Santos, desde a ponta fronteira á fortaleza até o morro que é vertice do angulo formado com a praia *Itararé*, em S. Vicente.

Segundo alguns, os indigenas denominavam assim esta praia, porque ahí sohiam passeiar constantemente os padres da Companhia de Jesus, abençoando a todos os que delles se approximavam.

Mas, isto não tem a minima procedencia ou plausivel explicação.

Embaré é corruptéla de *Mbaràa-hé*, «commodo para enfermidades». De *mbaràa*, «enfermidade, molestia», *hé*, «commodidade». Por contracção, *Mbar'-hé*.

Allusivo á propriedade dos banhos de mar, nessa praia, para o curativo de varias molestias.

Por igual, os indigenas denominaram *Arari* o affluente do rio *Tocantins*, pela margem esquerda, na província do Pará, conhecido dos portuguezes pelo nome *Rio da Saude*, e traçado em mappas como *Agua da Saude*. De *araá*, «febres, molestias de calor em geral», *ri*, posposição e adverbio, significando, neste caso, «contra». Allusivo a curarem suas aguas tales enfermidades; e o padre JOSÉ DE MORAES, referindo-se a escriptos do padre JERONYMO DA GAMA, escreveu que «este missionario,... chegando a este rio *da Saude* muito enfermo e coberto de chagas, o mesmo foi lavar-se que ficou livre e inteiramente são, podendo-se-lhe dar

o nome de *Jordão*, porque até na cõr imita este suas aguas».

Embaú.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda, depois de receber o ribeirão *Passa-Vinte* pela margem esquerda: entre os municipios de Bocaina e de Cruzeiro.

Este *Embaú* tem um affluente com o nome *Embaú-mirim*.

Embaú, corrupção de *Hē-mb-aú*, «defeito na barra». De *hē*, «sahida», *mb*, intercalação por causa do som nasal da palavra *hē*, ligada á seguinte, *aú*, para exprimir defeito.

Allusivo a refluxarem suas aguas formando banhados.

Ha tambem o *Embaú-mirim*, affluente do ribeirão *Passa-Vinte*, pela margem direita, pouco acima da juncção deste com o *Embaú*. Mas, o nome é do *Embaú*, e só deste.

Ha um lugar, no municipio de Iguape, com o nome *Embaú*, em que se fez um furado do rio *Una da Aldêa*, para o rio *Ribeira de Iguape*, para facilitar, a navegação, mediante o não uso das voltas.

Embéry.—Contraforte da serra *Mantiqueira*, no municipio de S. Bento de Sapucahy-mirim.

Embéry, corruptéla de *Em-bir-ñ*, «alcatilado, alto e ôco». De *em*, «concavo, ôco», *bir*, «levantar, ser alto», *ñ*, «resvalar».

Allusivo a ser muito alto e alcantilado, e a ter cavernas.

Ha tambem ahi um corrego, affluent do rio *Sapucahy-mirim*, pela margem direita, no sobredito municipio.

Embiacica.—Morro, na freguezia de N. S. da Penha de França: no municipio de S. Paulo.

Embiacica, corruptéla de *Ibi-aci-ca*, «terra fragosa».

Os indigenas dizem *ibi-aci*, referindo-se á terra ou monte fragoso.

O accrescimo de *ca* (breve) é para dar-lhe a forma de supino.

Allusivo a ser um morro com fragas e penedias.

Embirussú.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem esquerda: no municipio de S. João da Boa-Vista.

Campina extensa, no mesmo municipio.

Embirussú, quanto ao ribeirão, é corruptéla de *Hē-mbi-ruçú*, «sahida muito apertada». De *hē*, «sahida», *mbi*, o mesmo que *pi*, «apertar», mudado o *p* em *mb*, por motivo do som nasal da palavra anterior, *ruçú*, que em composição, quando não é para exprimir largura e grandeza, significa «muito».

Allusivo a sahir entre barrancas altas.

Embirussú, quanto á campina, é corruptéla de *ē-mbir-uçú*, «concavidade elevada, larga e extensa». De *ē*, «concavidade», *mbir*, «elevar, alçar, levantar», *uçú*, «largo e extenso».

Allusivo a ser valle entre montes, mas não baixo como uma varzea.

Encantados.—Serra no municipio de Cajurú.

Encantados, corrupção de *Y-canduaá*, «o corcovado». De *y* relativo, *canduaá*, «fazer corcova, ser torto».

Allusivo á sua forma em corcóva.

Engaguassú.—E' o nome que os indigenas deram á barra grande, comprehendendo o laga-mar fronteiro á cidade de Santos.

As velhas chronicas mencionam o nome *Indub-quassú*, «pilão grande». Mas, é

isso uma invenção, á que tambem já prestei culto, na suposição de que o indigena imaginara nesse fundo, feito pela serra em meio-circulo, um verdadeiro «pilão grande».

O padre JOSÉ DE ANCHIETA escreveu *Ungua-guassú*, segundo alguns o dizem.

Frei GASPAR DA MADRE DE Deus, nas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, entende que esse era o nome da ilha!

Tudo—erro.

Engaguassú, como já acima foi dito, era o nome da barra grande.

Engaguassú, corruptéla de *Hē-n-guâá-guacú*, «enseada maior da sahida». De *hē-n*, «sahida», *guâá*, «enseada, guacú», «maior».

Nada tem, portanto, com a ilha *Guaiahó*, ou de *S. Vicente*.

(Vide o nome *Guaiahó*).

Antes de entrar no rio para a barra-grande, o mestre da canôa tem difficuldades a vencer no laga-mar, cujas aguas em luta produzem rodomoinhos.

(Veja-se a palavra *Canéu*).

Entupido.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Queluz.

Entupido, corrupção de *I-tú-pi-bo*, «apertado e com salto». De *i-tú*, «salto d'agua», *pi*, «apertar, prensar, espremer», com o suffixo *bo* (breve), para formar supino.

Allusivo a um salto de dous metros de altura que fazem as aguas por um paredão de pedra lisa, tomando toda a largura do rio; e, pouco abaixo dessa queda, entram as aguas repentinamente em estreitissima garganta entre dous penedos, de 4 metros de altura, 2 de largura e 10 de extensão.

Enxovia.—Affluente do rio *Tatuhy*, pela margem esquerda: no municipio de Tatuhy.

Enxovia, corruptéla de *Hē-cög-ii*, «barra quebrada, sujo». De *hē*, «sahida», *cög*, «quebrar, cortar», *ii*, «sujo».

Allusivo a perder na fóz as margens altas e a ter lodoso o leito.

Escada.—Freguezia no municipio de Mogy das Cruzes.

A invocação é N. S. das Escadas. E' situada no contraforte nordeste da serra *Itapety*. Foi um aldeamento de indigenas, fundado por Braz Cardoso, em começo do seculo XVII. A povoação foi elevada á freguezia em 1846; depois exautorada; e, afinal, em 1872, restaurada.

A margem esquerda do rio *Parahyba*; para o qual ha uma antiga descida ingreme, tirando talvez dahi o nome.

Escaramussa.—Duas corredeiras no rio *Tieté*: das quaes, uma acima, e outra abaixo, do salto *Avanhandava*; e esta é extensa e por isso chamada *Escaramussa-Grande*.

Uma grande corredeira no rio *Mogy-guassú*, antes da confluencia do *Rio Pardo*. Esta corredeira tem a extensão de mais de 800 metros, com a diferença de nível de cerca de douz metros, e é descida em menos de sete minutos.

Escaramussa, corrupção de *Y-cará-amocý*, «desfiladeiro perigoso». De *y*, relativo, *cará*, «destreza, perigo», *amocý*, verbal derivado de *cý*, «desfilar, deslissar-se», com a intercalação de *mo* para tornar activo o verbo. Por contracção, *Y-curá-mocý*. Estas duas ultimas syllabas são pronunciadas breves e corridas, por causa do accento agudo em *cará*.

Allusivo á rapidez com que ahi correm as aguas; o que é perigoso para as canchas.

Espraiado.—Affluente do rio *Juquery*, pela margem esquerda: no municipio de Juquery.

Espraiado, corrupção de *Iê-pái-á-á-bo*, «dependurado, de queda em queda». De *iê*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *pái*, «dependurar», *á*, «cahir», repetido para exprimir a successão do mesmo facto, *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo a correr sobre leito ingreme, formando cascatas e quedas.

Tem com effeito varios saltos, um dos quaes, o penultimo, tem a altura de

cinco metros; e, depois do ultimo salto, forma uma grande lagôa. Antes deste ultimo salto, ha um alagadiço.

Desagua proximo á villa de Juquery.

Espirito Santo da Boa Vista.—Villa, na encosta da serra *Espirito Santo da Boa Vista ou Palmital*. (Vide o nome *Palmital*).

Espirito Santo de Barretos.—Villa, a 13 kilometros, mais ou menos, da margem esquerda do rio *Mogy-guassú*. E' assentada em campo.

O nome *Barretos* proveio da familia que fundou a povoação, cujo chefe era Francisco Barreto.

Espirito Santo de Batataes.—Villa em territorio que pertenceu ao municipio de Batataes.

Espirito Santo do Pinhal.—Cidade cujo municipio foi criado em partes de territorio dos de *Mogy-mirim* e de *Mogy-guassú*.

Espirito Santo do Rio do Peixe.—Povoação no municipio de Caconde. E' parochia.

Espirito Santo do Turvo.—Villa á margem esquerda do rio *Turvo*, affluente do rio Paranapanema.

Estaleiros.—Serrote, ramificação da serra *Paranapiacaba*: no municipio de São Vicente.

Estaleiros, corrupção de *Hetá-hérà*, «um pouco aparado». De *hetá*, «aparar», *hérà*, «um pouco».

Allusivo a ter no cimo uma assentada quasi horisontal.

Estreito.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, acima de sua barra.

Estreito, corrupção de *Eteî-ta*, «ultimo». De *eteî*, «ultimar, finalizar, soltar», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino.

Allusivo a que, dahi até a sua fóz, o rio *Paranapanema* não tem mais obstaculos á franca navegação.

Esta corredeira tem dous principaes desnivelamentos perigosos por causa dos cabeços ou pontas de pedra: o de cima dá passagem funda; no de baixo, se bem que com passagem tambem funda, ha ondulações terríveis.

Etá.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no mu-nicipio de Iguape.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provin-cia de S. Paulo no anno de 1805*, es-creveu *Yetá*.

Tanto *Etá* como *Yetá* são corruptélas de *Yê-itá*, «aos degráos». De *itá*, «for-mar degráos, ou declive», precedido de

yê, reciproco para exprimir accão da causa sobre si mesma.

Allusivo ás corredeiras e quedas suc-cessivas, umas apóis outras.

De uma informação local extraheio os seguintes trechos: «Talvez ha mais de cem annos, o rio *Ribeira de Iguape*, por effeito de desmoronamento de suas barrancas, furou no *Etá*, formando a barra actual deste. Nesta barra, o *Etá* tem pouca correnteza; mas, para cima, tem muitas cachoeiras e corredeiras, *umas junto ás outras*. O leito do rio é for-mado de um cascalho tão aparado que parece cimentado: este cascalho com-põe-se de pedras pequenas e brancas, muito duras».

(Vide o nome *Itá*).

F

Facão.—Afluente do ribeirão *Araras*, pela margem direita: no município de *Araras*.

Facão, corrupção de *H-áquâ-aany*, contrahido em *H-áqu'-aany*, «não corrente». De *h*, relativo, *áquâ*, «correr», *aany*, partícula de negação.

Allusivo à sua pouca correnteza.

Fartura.—Serrote, no município de *Parahybuna*.

Serra, entre os municípios de S. João Baptista do Rio Verde e de S. Sebastião do Tijuco-Preto.

Serrote, entre os municípios de S. João da Boa Vista e de S. José do Rio Pardo.

Trazem também o nome *Fartura* três pequenos ribeirões que nascem daqueles serrotos, nos já referidos municípios.

E outros.

A' margem esquerda do ribeirão, que nasce da serra entre os municípios de S. João Baptista do Rio Verde e de S. Sebastião do Tijuco-Preto, está a freguesia do mesmo nome *Fartura*.

Sendo de pequena extensão, os indígenas, para fazerem o jogo linguístico com o nome da serra e dos serrotos, os nomeavam *H-atûr-a*, «curtos». De *h*, relativo, *atûr*, «encurtar, abreviar», com o acréscimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Fartura, nome da serra e dos serrotos, é acorrupção de *H-atir-a*, «levantada em montão». De *h*, relativo, *por* existir

r em *atir*, «levantar, fazer montão», com o acréscimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

O *i* de *atir* tem pronúncia guttural, o *h* aspirado é algumas vezes corrompido em *f*.

Allusivo a serem elevações entre campos, ou superpostas a outras serras.

A *Fartura*, no município de *Parahybuna*, é ramificação da serra marítima.

A *Fartura*, que divide os municípios de S. João Baptista do Rio Verde e de S. Sebastião do Tijuco-Preto, é entre os rios *Paranapanema* e *Itararé*. É também conhecida por *Serra do Barão de Antonina*.

Sobre esta serra, cuja altitude é superior a 800 metros e forma como uma ilha no meio da vasta planície dos campos, existiu a aldeia dos *Cahiuá*, já cathechizados; e para o lado do *Rio Verde*, há uma grande lagoa, e mais adiante desta o *Salto da aldeia*, imponente queda d'água. A aldeia foi transferida para outra serra entre os rios *Itararé* e *Verde*.

A *Fartura*, no município de S. João da Boa Vista, é um dos contrafortes da serra *Caracol*, ramificação occidental da grande serra *Mantiqueira*.

Faxina.—(Veja-se adiante *Ilapéva da Faxina*).

Fazenda.—Pequeno rio, que desagua na enseada *Pecinguaba*: no município de Ubatuba.

Faxenda, corruptéla de *Hagē-nd-a*, «apressado». De *hagē*, «pressa, apressar», *nd*, por ser nasal aquella palavra, e mais *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a precipitar-se da serra, de cachoeira em cachoeira, recebendo pequenos afluentes também encachoeirados, até que, antes de atingir a varzea, as águas cahem a prumo de uma *cachoeira grande*, na altura de cinco metros. A foz, porém, é baixa.

Feia.—Lagôa, no município de S. João da Boa Vista.

Feia, corrupção de *Ti-ey*, «sem água». De *ti*, «água», *ey*, partícula de negação.

Allusivo a que só tem água no tempo das chuvas.

Quando não há chuvas, seca.

Feio.—(Vide o nome *Rio Feio*).

Feijão.—Afluente do rio *Jacaré-pipira-mirim*, pela margem direita: nos municípios de S. Carlos do Pinhal e de Brotas.

Feijão, corrupção de *Tey-ã*, «muito empinado». De *tey*, «muito», *ã*, «empinar». O *y* é pronunciado por alguns como *j*: *Tej-ã*. Por isso a corrupção em *Feijão*.

Allusivo a ter ingreme o leito.

E' cabeceira do rio *Jacaré-pipira-mirim*: nome este que é dado sómente depois da affluência do ribeirão *Lobo*.

Feital.—Morro, no município de Mogi das Cruzes.

Morro, entre os municípios de Una e de Cotia. E' mais conhecido por *Morro Grande*.

Morro, no município de S. Roque.

E em outros municípios.

Feital, corrupção de *H-é-itá*, «encosta forte». De *h*, relativo, *é*, «apto, forte», *itá*, «arrimo, couça em que outra se firma, estante, armação, pilar».

Ferrão.—Afluente do ribeirão *Buquira*, pela margem direita: no município de Palmeiras (antiga freguesia de *Buquira*). Nasce em um alagadiço.

Alguns o consideram uma das cabeceiras do rio *Buquira*; sendo a outra o denominado *Buquirinha*, cuja origem é nos serrões que divisam este e os municípios de Taubaté e de Caçapava.

Ferrão, corrupção de *Terô*, «torcido, torto».

Allusivo à sua forma, desde a nascente até à foz.

Figueira.—Praia, na ilha de S. Sebastião; no município de Villa Bella.

Figueira, corruptéla de *Ti-cuéra*, «duro, forte, apertado»: participio de *ti*, pelo accrescimo *cuéra*.

Allusivo a serem aí muito apertadas as areias, formando um solo duro.

Figueira.—Ilha de forma circular, a sudeste da de Cananéia.

Figueira, corruptéla de *Tiqueira*, «irmã maior». Companheira da que traz o nome *Castilhos* ou *Castello*, corrupção de *Quipií*, «irmã menor», os indígenas as diferenciaram assim, considerando-as irmãs: a maior *Tiqueira*, a menor *Quipií*, tendo o *i* de *qui* e o primeiro *i* de *pri* pronúncia guttural.

(Vide *Castello* e *Castilhos*).

Figueira.—Afluente do rio *Jahú*, pela margem esquerda: entre os municípios de *Jahú* e de *Dous Corregos*.

Afluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no município de Campos Novos de Paranapanema. Sua barra é fronteira à do *Tibagy*.

Figueira, corrupção de *Ti-iquê-ro*, «margens altas a prumo». De *ti*, «elevar, levantar», *iquê*, «lado, costado», *ro*, «pôr-se». Por contracção, *Ti-'quê-ra*.

Allusivo a correrem entre paredes.

Figueira.—Corredeira, no rio *Mogyguassú*.

Figueira, corrupção de *Y-ii-yêrê*, «volta apertada». De *y*, relativo, *ii*, «apertado, duro», *yêrê*, «volta».

Allusivo a estreitar-se aí o rio, fazendo uma volta entre montes, com canal apertado, por onde as águas correm com extraordinária velocidade.

Figueira.—Serra, nos municipios de Jahú e de Dous Corregos.

Figueira, corrupção de *Ti-iquê-ro*, «encostas alcantiladas». De *ti*, «elevar, levantar», *iquê*, «lado, costado», *ro*, «pôr-se». Por contracção, *Ti'-qué-ro*.

Allusivo a ter encostas quasi a prumo.

Folha-Larga.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia.

Morro, no municipio de Cananéa.

Folha-Larga, corrupção de *Yo-araquaí*, «cingido de todos os lados». De *yo*, reciproco, *araquaí*, «cingido».

Relativamente ao ribeirão, é allusivo a correr entre margens altas.

Relativamente ao morro, é allusivo á sua formação granítica.

Fome.—Praia na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Fome, corruptela de *Tómì*, «pulverulento».

Allusivo a levantar-se nesta praia muita poeira.

Formosa.—Lagôa, no municipio de S. João da Boa Vista.

Formosa, corrupção de *Húú-m-ocè*, «muito lodosa». De *húú*, «lodo, borra, fezes, detritos», *m*, intercalação nasal, *ocè*, para exprimir superlativo.

Forquilha.—Ribeiro, no municipio de S. João Baptista do Rio Verde.

Affluente do rio *Una da Aldéa*, no municipio de Iguape.

Forquilha, corrupção de *I-y-o-quir-a*, «rio, se chove». De *i*, «rio», *y*, relativo, precedendo *o*, reciproco de relação, conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, *quir*, «chover», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a não ter agua corrente senão quando chove.

Fortaleza.—Freguezia, no municipio de Lençóes.

Serra, nos municipios de Arêas e de Queluz, á margem direita do rio *Parahyba*.

Fortaleza, corrupção de *Y-oitá-hécè*, «paredão, de ambos os lados». De *y*, relativo, *oitá*, «pilares, armação, estantes, e tudo em que alguma cousa se arrima ou estriba», *hécè*, o mesmo que *rêhè*, para exprimir mutuo, com referencia aos dous lados ou vertentes.

Allusivo a ser quasi a pique, de um e outro lado.

Nesta serra, que alguns dizem simplesmente morro, ha uma pedreira que, com as chuvas, se desfaz em areia grossa.

Fradinho.—Affluente do ribeirão *Prata*, e este do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Caturú e Batataes.

Fradinho, corrupção de *Hati-í*, «tem polme». De *hati*, «polme, sedimento de vegetaes em pó, fezes, borra», *í*, «ter, estar, pôr».

Allusivo a ser sujo de detritos vegetaes.

Franca.—Povoação que, sendo simples freguezia em 1804, foi elevada á villa em 1824, sob o nome de *Villa Franca do Imperador*, e elevada á cidade em 1856.

Dista das divisas com a provinça de Minas Geraes, ao norte, 12 a 15 leguas.

O nome *Franca* é uma das bajulações daqueles tempos coloniaes, para com Antonio José da *Franca* e Horta, que então governava a capitania.

E' ignorado o nome tupi desse lugar. Os primeiros posseiros o denominaram *Sertão de capim mimoso*, assinalando-o, assim, como optimo para a criação de gado.

Funda.—Lagôa, no municipio de Moçambique-Guassú.

Funda, corrupção de *Húú-ndi*, «muito lodo». De *húú*, «lodo, borra, fezes, detritos», *ndi*, «muito, muitos», pronunciado breve, por estar em *húú* o accento predominante.

O *h*, sendo aspirado, confunde-se com o *f*: dahi a corrupção.

Fundo.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Afluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no município de Atibaia.

Afluente do rio *Jaguary*: no município de S. João da Boa Vista.

Afluente do rio *Capirary*, pela margem esquerda: no município de Tieté.

Dous affluentes do rio *Paranapanema*, pela margem direita: em territorio ainda occupado por indigenas.

Afluente do rio *Apiahý*, pela margem esquerda: no município de Itapeva da Faxina.

E outros.

Fundo, corruptéla de *H-ŷñ-ndi*, «muitas concavidades». De *h*, relativo, *ŷñ*, «concavidade, abertura, natural, seio, ôco», *ndi*, «muitos». A palavra *ŷñ* tem som guttural; e a palavra *ndi* é pronunciada breve, por predominar o accento de *ŷñ*.

Allusivo a depressões no leito, formando fôjos, poços, buracos de toda a especie, por causa da respectiva formação geologica. São perigosos esses peráus.

Funil.—Corredeira no rio *Ribeira de Iguape*, um pouco abaixo da villa de Yporanga.

Corredeiras no rio *Paranapanema*, acima da fôz do rio *Apiahý*.

Corredeira no rio *Mogy-guassú*.

Corredeira no rio *Atibaia*.

Funil, corrupção de *Hū-n-ii*, «revolve-se apertado». De *hū*, «revolução interior, revolver-se em si mesma», *n*, intercalação por ser nasal a pronuncia de *hū*, e para ligar esta palavra a *ii*, «apertado», cujo primeiro *i* tem pronuncia guttural.

Allusivo ao movimento ondulativo e aos rodomoinhos que, nessas corredeiras, fazem as aguas revoltas.

Por estreitarem-se os rios nesses ló-gares, formando corredeiras, a corrupção do nome foi facilmente aceita.

Furadinho.—Lagôa, no município de Cajurú. Contém esta lagôa uma ilha, cuja extensão e largura mede sete hectares de terra.

G

Gaicá.—Porto, ao sul da cidade de S. Sebastião, 8,3 kilometros de distancia. Dahi—o nome dado á fazenda do convento do Carmo, nesse logar, hoje em abandono.

Gaicá, corruptéla de *Iga-yca*, «quebra-canôa». De *igá*, «canôa», *cá*, «quebrar», precedido de *y*, relativo.

Allusivo a bater ahi muito forte o mar, atirando as canôas sobre as pedras.

Gaiovira.—Pequeno corrego, affluente do ribeirão *Figueira*, pela margem esquerda: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Gaiovira, corruptéla de *Quâ-o-bira*, «cingido e levantado de ambos os lados». De *quâ*, «cingido», *o*, reciproco, para exprimir o plural e communicação, relativamente ao verbo *bir*, «levantar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a correr entre paredões altos.

Gambá.—Serrote no municipio de Jaboticabal; mais conhecido por *Monte Alto* (Vide este nome).

Gambá, composto de *g*, reciproco, *ã*, «empinar» *mb*, pela nasalidade de *ã*, e *á*, «cabeço, pico».

Allusivo ás suas encostas alcantiladas, fazendo ponta no cimo.

Garaú.—Morro entre os rios *Garaú* e *Una do Prelado*: no municipio de Itanhaen (Vide o nome *Carajauna*).

Garaú é o nome que o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRAADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, dá a este morro; mas, AZEVEDO MARQUES, nos *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da Província de S. Paulo*, dá o nome *Jaguary*. O padre AYRES DE CASAL, em sua *Corographia Brasiliaca*, assim tambem o denomina; mas, é confusão. (Vide os nomes *Carajaúna* e *Jaguary*).

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRAADA dá o nome *Garaú*, não só ao morro, como tambem a um rio: «...em todo este rio nada vi digno de observar-se, á excepção de uma *aranha*, especie de lontra de rio, maior que o *viria*, a qual julgo será a *mustela lutris brasiliensis* de Linnéo; e *jacarés*, de onde se deriva o nome do rio (*Lacerla Alligator*). Chegado ao porto, subi o morro de *Garaú*...».

Garaú, nome do monte, é corruptéla de *Qûára-aú*, «esburacado em excesso até o ponto de encommendar». De *qûár*, «buraco, bojo», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *aú*, particula para exprimir defeito, encommodo, ou má vontade na accão. Por contracção, *Qûár'-aú*.

Allusivo a ser um morro de penedias, com arvores enormes e corpulentas, cujas raizes se estendem á superficie, tornando-se desigual o solo. O caminho é

por cima desse morro; e, pois, o travessio torna-se encommodo.

Sua base é de pedras núas.

Quanto ao rio, *Garaú* é corruptéla de *Quâ-ára-aú*, contrahido em *Qu'-ár'-aú*, «máu corredor». De *quâ*, «passar, correr», *ára*, verbal de participio, para exprimir a actividade do verbo, *aú*, particula para exprimir deseito, encommodo, ou má vontade na accão.

Allusivo a ser pouco corrente.

(Vide o nome *Guarathy*).

Tambem o indigena quereria por ventura assignalar ahi a existencia de animal devorador, fazendo assim o costumado jogo linguistico; e, com efecto, *garaú* é o mesmo *guára-ú*, participio presente de *aú*, «comer», repetindo no final o *ú*, para maior energia na accão, «devorador».

Allusivo aos jacarés que ahi abundam.

Ha tambem tres pequenas ilhas, em frente á fóz deste rio, com o nome *Garaú*, corruptéla de *Gúará-aú*, contrahido em *Gúar'-aú*, «sem prestimo». De *gúara*, para exprimir utilidade, *aú*, «ficcão, bulra, phantasia»; importando as duas palavras o significado «ficcão de utilidade».

Só a maior, denominada *Ilha-Grande*, relativamente ás outras duas, serve de abrigo aos pescadores, visto como tem porto e agua potavel.

Garayúva. — Pedra superposta ao morro *Lopo*: no municipio de Santo Antonio da Cachoeira.

Alguns escrevem *Guarayura*.

(Vide o nome *Lopo*).

Garayúva, corruptéla de *Gu-ári-yúb-a*, «superposta ao longo». De *gu*, reciproco, *ári*, «em cima, sobre», *yub*, «estar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Não é, pois, propriamente um nome, como em geral o suppõem, mas uma descripção do modo de estar da pedra.

A altitude até a pedra é 1655 metros. Muitas leguas em redor, não existe pico tão elevado.

E' formado de granito com grandes cristaes de feldspatho, alinhados segundo o grande eixo. Na base do morro o aspecto gneissico domina, segundo li em um trabalho da Commissão Geographica e Geologica da Provincia de S. Paulo, de 1889.

Garcia (do). — Corredeira, no rio *Tieté*, logo abaixo da cidade de Tieté.

Garcia, corrupção de *Y-aci*, «curta». De *y*, relativo, *aci*, «pedaço, curto».

Allusivo a ter apenas a extensão de cerca de dez metros com um desnivelamento de trinta centimetros.

No *Diario de navegação do rio Tieté*, escripto em 1769 pelo sargento-mór Theotonio José Duarte, o nome da corredeira *Do Garcia* figura como significando «perdeu-se este homem nella»!

Garrafão. — Morro, pertencente á serra *Bocaina*: no municipio de Jacarehy.

Garrafão, corrupção de *Guaratá* (*) . . .

(*) Estava incompleto no original, com signal de adiamento para depois de informações e com um espaço em branco; e avulta a nota—*Cáá*, «monte», *tan*, «teso, duro, recto».

Gejava. — Monte situado na ponta septentrional da barra *Icapára*: município de Iguape.

Gejava, corruptéla de *Ye-íiába*, «resvaladiço», ou «resvaladeiro». De *ye*, reciproco, para exprimir a accão da pessoa transeunte sobre si mesma, *íi*, «resvalar», levado ao participio pelo accrescimo de *ára*, «o que resvala».

Com efecto, para ir de Iguape além do morro da Vigia, não preferindo passar pela picada da linha telegraphica, é preciso caminhar sobre uma fila ou orla de pedras cobertas de limo, adherentes ao dito morro.

Segundo MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, o nome *Gejara* significa, «lugar onde só pôde passar uma pessoa de cada vez». Elle confundiu a significação, tomando o efecto pela causa. O nome não é do monte, mas dessa passagem difficultosa, quando a maré está cheia. O transeunte é obrigado a equilibrar-se; por isso o indigena fez preceder de *ye*

✓

o *ii*, para exprimir a acção do intelecto sobre si mesmo, conforme a lo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *e grammatica da lingua brasiliaca*. nomes em tupi é este um dos propriados ao logar denominado.

ybatyba.—Rio que desagua em á ilha de S. Vicente, ou *Guaiáhó*, a-mar de Santos.

Iente do rio *Parahyba*, pela mar-squerda: no município de Tau-

haja confusão com o rio *Juru-*, que corre no município de Santo , trazendo em suas cabeceiras o *Rio Grande*.

e o nome *Jurubatuba*).

irão, affluente do rio *Capirary*.

e o nome *Capirary*).

ndo frei GASPAR DA MADRE DE em sua *Memoria para a historia apitania de S. Vicente*, o nome *tyba* significa «rio em cujas margens abunda a palmeira *gerivá*». Na toada escreveu frei FRANCISCO RAZERES MARANHÃO, em seu *Glos- de palavras indigenas*.

a tem este nome com a palmeira

ybatyba é corruptéla de *Yérè-abá*, contrahido em *Yérè-'bá-ty-bae*, e muitas voltas». De *yérè*, «vol-ba», «muitas», *ty*, «atar, prender». *particula bae* (breve), para formar pio, significando «o que».

isivo a correr entre encostas de s fazendo sinuosidades.

—Morro, na serra *Itaberaba*, entre nicipios de Conceição dos Guar- de Nazareth.

corruptéla de *Y-ii*, «resvaladio». relativo, *ii*, «resvalar, escorregar». sivo a ser lamacente em tempo ivas, de tal modo que é escorre-

apé.—Nome que consta de titu- sesmaria de Pero de Góes, 1532. e o nome *Joapen*.

Gipuvúra.—Morro, no municipio de Iguape.

E' o mesmo que tem o nome *Gu- viruúra*.

(Vide o nome *Guaviruúra*).

Gloria.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Bananal.

Gloria, corruptéla de *Gu-óia*, «o que cabe». De *gu*, reciproco, regendo *óia*, terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *yá*, «ser igual, caber, não sair de sua capacidade, conforme».

Allusivo a não extravasar suas aguas, mesmo em tempo de chuva; em con-traste com o rio *Bananal*.

Goiabal.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os muni-cípios de Jacarehy e de Mogy das Cruzes.

Goiabal nada tem com a fructa *goiaba*, como a muitos terá parecido.

Goiabal é corrupção de *Gui-aybá*, «em baixo de brenhas». De *gui*, «em baixo», *aybá*, «brenhas».

Allusivo a ter seu curso em mattas e entre penedias.

Gomeatinga.—Affluente do rio *Pa- rahyba*, pela margem esquerda: no mu-nicipio de Santa Branca.

Gomeatinga, corruptéla de *Coýme-ati- nga*, «quasi soterrado». De *coýme*, «por pouco, esteve perto, quasi», *ati*, «soter-rar», fazendo supino com *nga*, por estar sob a influencia do som nasal de *coýme*, dominando o som desta palavra o nome inteiro.

Allusivo a ter o leito muito entulhado de pedras cahidas do monte.

Gorita.—Morro, no municipio de S. João do Rio Claro.

Gorita, corruptéla de *Guir-ii-ta*, «ca- vernoso». De *guir*, «em baixo», *ii*, «ôco», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a cavernas e a fragosidades.

Gramma.—Ribeirão mencionado na lei das divisas do municipio de S. José do Rio Pardo.

Vertente da serra maritima, na qual nasce o rio *Jucuhy*: no municipio de Cunha.

Gramma, corrupção de *Gu-áime*, «a para exprimir a acção da causa sobre pique». De *gu*, reciproco, *háime*, «a si mesma, *abirú*, «barriga», ó, «tapar», pique», perdendo o *h* por causa do *gu*, com *bae* (breve), para formar participio reciproco.

Allusivo, quanto ao ribeirão, a cair a pique; e quanto á vertente da serra, ser a pique a mesma vertente.

Allusivo a encontrarem suas aguas re-

Gramminha.—Morro, no municipio de S. Luiz de Parahytinga.

Gramminha, corrupção de *Gu-áime-ína*, «estar a pique». De *gu*, reciproco, *háime*, «a pique», *ína*, supino de *i*, «estar». Por causa de *gu*, desaparece o *h*.

Gravy.—Morros que servem de divisa aos municipios de Mogy-mirim e da Penha do Rio do Peixe, por esse lado.

Grary, corrupção de *Gu-áí-bí*, «altos e baixos successivos». De *gu*, reciproco, para exprimir plural e comunicação de uns com outros, *áí*, «altos e baixos», *bi*, «pegar-se, seguir-se».

Allusivo a existirem naquelle morro, do lado da Penha do Rio do Peixe, hoje *Itá-pira*, successivas ondulações, de sorte que quem o ascende daquelle lado sóbe e desce essas ondulações do terreno.

Guabiróbas.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem esquerda: no municipio de Cunha.

Guabiróbas, corrupção de *Gu-apir-ób*, «pontas cortadas». De *gu*, reciproco, para exprimir mais de uma, *apir*, «ponta, principio e fim das cousas», *ób*, «tronchar, cortar».

Allusivo a que, no logar da reuniao de suas duas cabeceiras, ha um salto, cuja altura é de 60 metros, mais ou menos; e este salto como que corta aquellas duas pontas.

Dahi em diante, tem o nome de *Ribeirão da Serra*, sinuoso, encachoeirado, com alguns saltos; raso e arenoso.

A mudança do nome, desde aquelle grande salto, justifica o nome *Gu-apir-ób*.

Talvez a corrupção se operasse do facto de por ventura existir alli abundancia da saborosa myrtacea *Guabiróba*.

Gregorio.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Taubaté e de Pindamonhangaba.

Gregorio, corrupção de *Gu-yeroyé*, «inclinado» ou «em forte declive». De *gu*, reciproco, *yeroyé*, «fazer reverencia, inclinar-se, ser em declive».

De facto, este ribeirão nasce na serra *Quebra cangalha*, e precipita-se em forte declive para a baixada, e, ahi correndo, desagua no rio *Parahyba*.

Guabiróba.—Affluente do rio *Mogy-quassú*, pela margem esquerda: no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Já li o nome deste ribeirão como *Guariróva*.

Guacundúva.—Morro elevado, na serra *Itatins*: no municipio de Itanhaen.

Guacundúra, corruptela de *Gu-acú-ndu-bae*, «quente e ruidoso». De *gu*, reciproco, *acú*, «quente», *ndú*, «ruido, estrondo, estrepito», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

O dr. CARLOS RATH escreveu *Quacundúca*; mas é erro. Elle menciona tambem um rio com este nome, que então será corrupção igual á de cima, significando o mesmo.

O nome do morro é allusivo a ser vulcanico. Com effeito, é quente, e deixa ouvir ruido interior; não tendo, por isso, senão escassa vegetação.

O nome do ribeirão é allusivo ao facto de nascer quente, e correr entre penhascos e pedras, fazendo desde a sua origem grande ruido e estrondo.

Guacuritú.—Cachoeira no rio *Tieté*, acima da *Itú-pirú*.

Ha *Guacuritú-uçú* e *Guacuritú-mirim*. Entre as duas se interpõem quatro com outras denominações.

Guacuritú, corruptéla de *Quâ-cury-ty*, «corredeira e arrecife». De *quâ*, infinitivo de *aquâ*, «correr», *cury*, «presteza, pressa», *ty*, «pontas». O *y* tem som guttural.

Guacuriú.—Affluente do rio *Iperó*, pela margem esquerda: no municipio de Campo Largo de Sorocaba.

Guacuriú, corruptéla de *Quâ-cury-ú*, «põe-se a correr velozmente». De *quâ*, infinitivo de *aquâ*, «correr», *cury*, «presteza, pressa», *ú*, «estar, pôr-se, etc.». Tambem o *ú* pôde exprimir a maior energia na acção.

Nasce em uma lagôa; e, depois de formar, em seu curso, outras lagôas e charcos, deslisa-se veloz.

Guaiahó.—Nome da ilha de S. Vicente, na qual estão situadas a cidade de Santos e a villa de S. Vicente, como se vê da carta de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de Outubro de 1532. Neste documento está escrito *Gohayó*, mais correcto: «...ilha de S. Vicente, d'onde chamam *Gohayó*».

Guaiahó, corruptéla de *Gu-aî-óg*, «cortada e despegada». De *gu*, reciproco. *aî*, «despegar, abrir, separar», *óg*, «cortar, arrancar». Os verbos *aî* e *óg* aparecem unidos neste nome para exprimirem separação por força.

Allusivo a ter sido separada do continente pela força das aguas que a rodeiam.

Guaió.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Mogi das Cruzes.

Guaió, que alguns tambem escrevem *Guaiab*, é corruptéla de *Gu-aivóg*, «tapado». De *aivó*, «tapar», precedido de *gu*, reciproco, com a intercalação da particula *io*, para exprimir o acto de voltar sobre si mesmo, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo a não poder desaguar no rio *Tieté*, quando este está cheio; refluindo suas aguas sobre elle mesmo, e formando pantanos na varzea.

Alguns nomeiam *Guaió* tambem o morro; mas é erro. O nome é só do ribeirão.

Guaipacaré.—Nome tupi da povoação, que é hoje cidade de Lorena. (Vide o nome *Lorena*).

Guamicanga.—Corredeira no rio *Tieté*; tambem conhecida corruptamente por *Vamicanga*.

Guamicanga, corruptéla de *Gu-amîcá-nga*, «aperta e abre». De *gu*, reciproco, *amî*, «apertar, espremer, ordenhar», *cá*, «quebrar, abrir», fazendo supino com *n-ga*, por estar sob a influencia e ferido da pronuncia nasal de *umî*, conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a estreitar-se ahi o rio; e, logo que finda a corredeira, alargar-se de modo notavel.

Guamiranga.—Morro elevado, á margem direita do rio *Ribeira de Iguape*: no municipio de Iguape.

Este morro é granítico, de mistura com gneis.

Guamiranga, corruptéla de *Gu-amîn-ga* ou *Gu-apî-ra-gna*, «pellado e desatado». De *gu*, reciproco, *amî*, o mesmo que *apî*, «ser pellado», *ra*, «ser desatado, descosido», fazendo supino com *nya*, por estar sob a influencia e ferido da pronuncia nasal de *apî*, conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a não ter vegetação e a ser derrocado.

Guamium.—Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: no município de Piracicaba.

Guamium, corruptéla de *Gu-amî-i*, «perseverantemente apertado». De *gu*, reciproco, *amî*, «apertar, espremer, ordenhar», *i*, posposição de perseverança com a pronuncia guttural, mixta com a

nasal, por causa de *amí* que nasalisa o nome inteiro.

Guananan.—Affluente do rio *S. Lourenço*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Guananan, corruptéla de *Qu-aná-nã*, «muito corrente». De *gu*, reciproco, *anã*, «correr», repetido para exprimir superlativo.

Allusivo á sua extraordinaria correnteza.

Guaniqué.—Ilha no canal *Bertioga*: no município de Santos.

Guaniqué, corruptéla de *Quá-ne-iquê*, «lados muito esquinados». Por contracção, *Qua-n'-iquê*. De *qua*, «esquinar», *ne*, adverbio afirmativo, para exprimir superlativo, *iquê*, «lado, costa».

Não é propriamente uma ilha, senão porque está ladeada de agua: é uma ostreira abundantissima. Ha ahi uma fabrica de cal.

Está á fóz do rio *Cabussú*.

Por isso mesmo que é uma ostreira, e sendo certo que os indigenas sabiam fazer o jogo linguistico dando denominações com som identico ou quasi identico a cousas diversas na mesma região, *Guaniqué* é tambem corruptéla de *Quâ-ne-quê*, «jazigo para a passagem futura». De *qua*, infinitivo deste verbo, «passar», mas que, por não ter caso, significa «passagem», *ne*, para exprimir futuro, *quê* «dormir, repousar».

Allusivo a ser nessa ostreira um cemiterio.

Com effeito, nas ostreiras os indigenas sepultavam os mortos; e, portanto, o segundo nome *Quâ-ne-quê* seria allusivo a isso.

Guanxima.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no município de Villa Bella.

Guanxima, corruptéla de *Gu-achŷ-ma*, «resvaladiço». O primeiro *a* é tambem ferido de pronuncia nasal soando *an*, por causa do *ŷ*, que tem pronuncia nasal além da guttural. Supino de *achŷ*, «resvalar».

Allusivo a ser esta praia um pouco limosa ou lodosa, e portanto resvaladiça.

Guapéva.—Affluente do rio *Jundiahý*, pela margem direita: no municipio de Jundiahý, e proximo á cidade.

Guapéra, corruptéla de *Gu-apé-bo*, «á superficie», isto é, «raso». De *gu*, reciproco, *apé*, «chato, plano, á superficie», *bo*, para exprimir o modo de estar, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Guapiára.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: entre os municipios de Paranapanema e de Itapetininga.

Não se trata de *Igapiára*, corruptéla de *Y-ypó-yár-a*, «colher á mão». De *y*, para exprimir que o facto é praticado ao acaso, *y*, relativo sómente para *pó*, «mão», *yár*, «colher, apanhar, pegar», com o accrescimo de *a* por acabar em consoante, segundo a lição dos gramaticos. Os indigenas, assim dispondo, querem exprimir o acto de apanhar á mão o peixe em pouca agua, decantando o banhado; e este verbo está admittido na lingua portugueza, *gapiar* ou, menos incorrecto, *gapuar*, significando «pescar ao acaso, á aventura». O modo de decantar o banhado é simples: fazem-se elevações rectas de tijuco, sustentadas por páus cravados no meio, de modo a separar a parte do banhado, onde tem de ser feita a pesca; e, depois, decanta-se a maior porção de agua, que fôr possivel: accumulados no fundo os peixes, facil é agarral-os á mão; e, se ha muita agua, é applicado o *timbó*, para que subam á tona.

Guapiára é participio do verbo *api*, «torcer, ladear», precedido de *gu*, reciproco, e seguido de *ára*. E, portanto, *Gu-api-ára* significa «o que se torce».

Com effeito, este ribeirão corre ao lado do monte, fazendo successivas curvas.

Ha tambem uma parte do ribeirão *Perurauá* que traz esse nome *Guapiára*.

(Vide o nome *Perurauá*).

Guapira.—Nome que trazem, não só um serrote, ramificação da serra *Cantareira*, como tambem um affluente do

rio *Tieté*, pela margem direita, que assim é nomeado sómente depois da confluência do ribeirão *Cabuçú* com o ribeirão *Tremembé*.

(Vide os nomes *Cabuçú* e *Tremembé*).

Gu-á-pira, com referencia ao serrote, é «cortado». De *gu*, reciproco, *á*, «cortar», *pira*, verbal para formar participio passivo.

Allusivo a fazer ahi uma depressão ou aberta tão funda que semelha um corte.

Com referencia ao affluente do rio *Tieté*, o nome *Guapira* é corruptela de *Gu-âá-pira*, «alagado». De *gu*, reciproco, *âá*, «alagar, espraiar em lagôa, encharcar», *pira*, particula do participio passivo. O *gu*, reciproco, é para exprimir que o alagamento é pelas duas margens.

Allusivo ás varzeas que o ladeam.

Os indigenas, nomeando o serrote e o ribeirão com nomes, embora identicos ou quasi identicos no som, com significados diversos, não fizeram senão o costumeiro jogo linguistico, em que eram habilissimos.

Guapituba.— Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no município de S. Bernardo.

Era á margem direita deste ribeirão a famosa *villa de Santo André*, fundada por João Ramalho, e creada oficialmente em 8 de Setembro de 1553.

Guapituba, corruptela de *Gu-api-tûibae*, «sinuoso, e derramado». De *gu*, reciproco, para exprimir as suas margens, *api*, «torcer, fazer volta», *tûi*, «derramar, fazer bojo», *bæ* (breve), para formar participio. (*)

(*) Estava em nota avulsa:
Guapituba, corruptela de *Gu-apî-ytûi-bæ*, «raso e sujo». De *gu*, reciproco, *apî*, «plano, á superficie», *yti*, «ser sujo», com a particula *bæ* (breve), para formar participio.

Tenho lido em títulos de terras *Carapetuba* e *Guarabatuba*!

Guapiú.— Affluente do rio *Una d'Aldeia*, pela margem esquerda: no município de Iguape. Tambem conhecido pelo nome *Rio das Pedras*, que nelle afflue.

Guapiú, corruptela de *Guaâá-ipiyûg*, «varzeas podres». De *guâá*, «enseada, varzea», *ipiyûg*, «podre, apodrecido».

Allusivo a serem suas varzeas deposito de detritos.

E' considerado rio morto. (*)

(*) Ha tambem na divisa entre os municipios da Capital e de S. Bernardo um bairro denominado *Guapituba*.

Guapurá.— Dois morros no município de Itanhaém; ramificações da serra maritima.

Ha o *guassú* e o *mirim*.

Guapurá, corruptela de *Gu-api-rá*, «desatado na ponta». De *gu*, reciproco, *api*, «ponta, principio ou fim de alguma cousa», *rá*, «desatar».

Allusivo ao derrocamento no cimo desses morros.

Guapurundúba.— Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Xiririca. Em suas margens ha vestigios de mineração de ouro. A' sua foz existe uma capella.

Tenho lido tambem *Vapurundúba*, e *Iraporandúra*; mas, estes são outra forma do nome: em vez de *gu*, reciproco, foi empregado *y*, relativo: *Y-apór-a-ndú-bæ*, «com saltos estrondosos». De *y*, relativo, *apór*, «salto, saltar, cahir de cima», completado pelo *a* (breve), por acabar em consoante, *ndú*, «fazer estrondo», *bæ* (breve), para levar o verbo ao participio.

Guarahú.— Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem direita: no município de Iguape. E' antes um dos braços do rio *Jacupiranga*, segundo me informaram, do que propriamente affluente.

Affluente do rio *Tremembé*, pela margem direita: no município de S. Paulo.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: servindo de divisa aos municípios de Itú e do Salto, até á affluencia do corrego *Cangica*.

Guarahú, corruptela de *Quâ-àra-aú*, por contracção *Qu'-ar'-aú*, «máu corredor». De *quâ-àra*, participio do verbo *aquâ*, «correr», *aú*, particula para exprimir desfeito ou má vontade na accão, segundo a lição do padre Luiz Figueira,

na *Arte de grammatica da lingua brasílica*, e escreveu *aúb.*

Allusivo a serem pouco correntes.

Guarahy.—Ribeirão que nasce na face sudéste da serra *Itatins*, e desagua no oceano: no município de Itanhaém. Divide os morros *Peruhibe* e *Una*.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, *Guarahy* significa «rio de guarás»!

Nem este é o modo de construção de nomes em tupi, com referência a rios, pois que o *i* deve ser preposto e não posposto, nem de facto o nome *Guarahy*, por allusão a *guarás*, tem relação com esse ribeirão.

Alguns o denominam *Garouá*; e assim é geralmente conhecido.

(Vide o nome *Garauá*).

Por isso, deixo *Guarahy*, que é nome errado; e passo a examinar o nome *Garauá*.

Garauá, corruptela de *Quâ-ára-nú*, por contracção, *Qu'-ar'-aú*, «máu corredor».

De *quâ-ára*, participio do verbo *aquâ*, «correr», *aú*, partícula que exprime defeito ou má vontade na acção, segundo o ensina o padre LUIZ FIGUEIRA, na *Arte de grammatica da lingua brasílica*, o qual escreveu *aúb.*

Allusivo a ter esse ribeirão pouca correuteza.

Guarapés.—Affluente do ribeirão *Bacururú*, pela margem direita: no município de Conceição dos Guarulhos.

Guarapés, corruptela de *Gu-ar-a-pé*, «sinuoso e raso». De *gu*, reciproco, *ar*, «ladear», com o acrescimo de *u* (breve), por acabar em consoante e ter de ligar a *pé*, «chato, plano, á superfície».

Allusivo ao seu pouco fundo e às voltas que faz.

Guarapéva.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita; no município de S. Luiz do Parahytinga.

Nasce no morro *Carapéva*; e, nestes dous nomes, o indígena fez o seu costumeiro jogo linguístico, porque são identicos os sons.

(Vide o nome *Carapéra*).

Guarapéva, corruptela de *Cura-pé-bae*, «veloz e raso». De *cará*, «pressa, destreza», *pé*, «chato, plano, á superfície», *bae*, (breve), para formar participio, significando «o que é».

Allusivo a ser muito corrente, e raso, ou sem grande fundo.

Tem pedregoso e areiento o leito.

Guarapinumã.—Nome da entrada para o porto de Santos.

Quando não tinha maior conhecimento do sistema das denominações em tupi, escrevi que *Guarapinumã* era corruptela de *Guirdá-pixuna*, «passaros noctivagos», que ali abundariam e ainda abundam. Hoje, porém, tornou-se-me manifesto o erro daquella explicação. *Guarapinumã* é corruptela de *Guâá-ri-pê-nêmã*, «caminho de voltas e revoltas para a enseada». De *guâá*, «enseada», *ri*, exprimindo comunicação, *pê*, «caminho», *nêmã*, «voltas e revoltas».

Allusivo a ser de muitas voltas e revoltas o canal.

Guarapiranga.—Antiga aldêa de *Guayanazes*, nas imediações do local em que é a actual cidade de S. Paulo, parecendo que era para os lados do município de Santo Amaro, pois que o rio *Mboy-guassú* é também conhecido por *Guarapiranga*.

O nome *Guarnpiranga* é dado ao rio *Mboy-guassú* só em seu princípio e até certa extensão, ao receber a affluencia do *Mboy-mirim*. Corruptela de *Guiri-apir-â-nga*, «cabeceiras empinadas». De *gu*, reciproco, *iri*, «rio», *apir*, «princípio», formando *iri-apir*, «cabeceira de rio», *â*, «empinar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a nascer na serra *Paranapiacaba*, também conhecida por *Cubatão*; e dahi em forte declive até a planicie.

Também em alguns documentos antigos o nome *Guarapiranga* é dado, talvez por confusão, ao logar e rio *Ipiranga*.

Tratando-se de uma aldêa, o sistema das denominações era diverso: em algumas nações, os chefes tomavam os

nomes de animaes, e estes nomes eram os das respectivas aldéas.

Segundo MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, *guarapiranga* significa «guará vermelho». Mas, como denominação da especie, seria um não senso atribuido ao indígena. Embora seja certo que, nas duas primeiras idades, a ave marinha guará é branca, e depois preta, é não menos certo que, sendo vermelha a sua cõr natural, quando já completamente formada, o indígena, sempre tão intelligente e correcto nas denominações, não commetteria o erro de dizer «guará vermelho». Assim, pois, não pôde prevalecer o significado de MARTIUS.

Talvez *Guarapiranga* fosse allusivo ás tres *araras vermelhas*, vivas, que, pousadas sobre um ramo secco, á entrada da óca, eram as armas régias de que o chefe da nação *Guayanaz* usava, segundo o affirmam as chronicas:—*Guára-pirâ-nga*. O nome desta ave é onomatopaeico: *ára* é o grito della, e, só pela repetição, é formado *ára-ára*, contrahido em *ar'-ara*; *pirâ*, «ser vermelho, avermelhar, colorado como sangue», com o accrescimo *nga* (breve), para formar supino, precedido de *gu*, reciproco.

De outro modo não ha explicação para *Guarápiranga*, como nome de aldêa.

Guarapó.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no município de *Tatuhy*.

Guarapó, corruptela de *Quâr-apô*, «saltos e poços». De *quâr*, «poço, bojo, buraco», *apô*, «saltar».

Allusivo a ter o leito muito accidentado, com saltos e poços.

Guarapocáia.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no município de Villa Bella.

Guarapocáia, corruptela de *Quâr-a-pôgca-ayê*, contrahido em *Quâr-a-pôg'-ayé*, «carremesso e muito estrondo». De *quâr-a*, «arremesso, golpe», *pôg*, «estrondar», levado ao supino pelo accrescimo de *ca* (breve), *ayé*, «muito».

Allusivo á constante e forte arrebatação de ondas do mar nessa praia.

Guarará.—Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no município de S. Bernardo.

Gu-ar-ar-á, «torcido, e ladeador». De *gu*, reciproco, para exprimir successão do facto, *á*, «torcer».

Allusivo a ser muito sinuoso.

E' um corrego.

Guarararú.—Morro notavel na cordilheira que, de norte a sul, divide em duas vertentes a ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro*: no município de Santos.

Pequeno rio que nasce naquelle morro e desagua no canal *Bertioga*.

Guarararú, corruptela de *Quár-a-rirú*, «tem buracos». De *quár-a*, «buraco, bojo, poço», *rirú*, para exprimir «ter, conter». O *i* de *rirú* tem som guttural: *e*, para uns sôa como *a*, para outros como *u*.

Allusivo, quanto ao morro, a ter em baixo cavernas e no alto buracos; e quanto ao rio, a ter peráus.

(Vide adiante o nome *Guararuhú*).

Guararema.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no município de Mogy das Cruzes.

Guararema, corruptela de *Gu-ar-ar-é-ma*, «de quêda em quêda ao sahir». De *gu*, reciproco, *ar*, «cahir», repetido para exprimir a successão do facto, *hé*, «sahida», com a apheresis do *h* por ser antecedido de uma consoante, e tomando a forma de gerundio, pelo accrescimo do suffixo *ma* (breve), para significar «ao sahir».

Allusivo a ter ingreme o leito, com um pequeno salto e cachoeiras, ao fazer barra no rio *Parahyba*.

Guararuhú.—E' o mesmo morro, na ilha de Santo Amaro, já retro descripto sob o nome *Guarararú*: no município de Santos.

Antigas chronicas o nomeiam *Guararuhú*; e isso não destôa do outro nome *Guarararú*, exprimindo um volcão apagado ou extinto, desde longas éras.

Guararuhú, o mesmo que *Guará-ruhú*, «revolvido interiormente como que

arquejando por vomitar». De *guará*, «revolver», *rù*, «revolução interior», *hú*, «arquejar por vomitar».

Mas, hoje é conhecido por *Guarararú*. (Vide o nome *Guarararú*).

Guaratan.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem esquerda: no município de Itapetininga.

Gu-ar-atâ, «ambas as margens a prumo». De *gu*, reciproco, *ar*, «lado, lado-dear», *atâ*, «erecto e teso». Esta palavra *atâ* é apócope de *tatâ*.

Nada tem este nome com a arvore *guarâlan*, podendo, entretanto, abundar em suas margens.

Guaratinguetá.—Cidade situada á margem direita do rio *Parahyba*.

Guaratinguetá é o nome do affluente do mesmo rio *Parahyba*, pela margem esquerda; o qual nasce na serra da *Mantiqueira* e traz o nome *Taquaral*, corruptéla de *T-áquâ-ára-á*, contrabído em *T-aqu'-ar'-á*, «muito corredor». De *t*, relativo, *áquâ*, «correr», levado ao particípio activo pela particula *ára*, e *á*, «muito».

Allusivo a ter grande correnteza, por ser ingreme o leito.

Guaratinguetá, corruptéla de *Quár-a-tý-ng-etá*, «muitos pôgos e arrecifes». De *quâr*, «poço, fojo, buraco», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *tý*, «ponta», *ng*, intercalação nasal, *etá*, «muitos».

Allusivo a ser muito encachoeirado, com arrecifes e poços.

Mas, uma lagôa, acima da fôz desse riberão, coberta de *guapê*, de musgo, e tendo um kilometro de extensão, é denominada *Guâ-rè-ŷtú-nga-etá*, por contracção, *Guâ-rè-ŷtú-ng'-etá*, «enseada separada, com muitas manchas». De *guâ*, «enseada», *rè* o mesmo que é, «separada, á parte», *ŷtú*, «ser sujo, ter manchas», levado ao supino pelo accrescimo *nга* (breve), por ter pronuncia nasal, *etá*, «muitos».

Allusivo a ser uma 'enseada que foi separada do rio *Parahyba*, suja de *guapê*, musgo e limo, á superficie das aguas, e de detritos vegetaes no fundo.

Segundo a tradição indigena, era por ahí o antigo leito do rio *Parahyba*; depois tornou-se em enseada; e esta, afinal, foi separada do rio, formando lagôa. O nome corresponde á tradição.

Guaratuba.—Rio que nasce na serra maritima, e corre de norte a sudeste, para desaguar no oceano: no município de Santos.

Segundo MARTIUS e outros deturpadores da lingua tupi, *Guaratuba* significaria «abundancia de guará». Mas, o indigena era muito intelligente, para que cogitasse disso.

Ha tambem com o nome *Guaratuba*, no municipio de Iguape, um pequeno rio que nasce no morro *Caiobá*, e desagua no rio *Ribeira de Iguape*, formando á fôz uma lagôa.

Guaratuba, corruptéla de *Gu-ar-aty-bae*, «erectas ambas as margens». De *gu*, reciproco, para exprimir as duas margens, *ar*, «lado», *aty*, «levantado, erecto, a prumo, em montão», *bæ* (breve), para formar particípio. O som do *y* é guttural.

Allusivo a correr entre barrancas erectas.

Guarayúva.—Pedra superposta ao morro *Lopo*.

(Vide os nomes *Guarayúva* e *Lopo*)

Guarehy.—Affluente do rio *Capivary*, pela margem direita: no municipio de Capivary.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Guarehy. A' margem esquerda deste rio, e em uma elevação, está situada a villa do mesmo nome.

Guarehy, corruptéla de *Gu-aré-i*, «tar-dio perseverantemente». De *gu*, reciproco, *aré*, «ser tardio, vagaroso, lento», *i*, posição para exprimir perseverança.

Com effeito, nessa região, «o sólo apresenta-se em geral pouco accidentado, apenas com as depressões produzidas por erosões proporcionaes ao volume d'agua dos rios, como sóe acontecer n'essas formações de sedimentos horizontaes», segundo o *Relatorio da Com-*

missão geographicá e geologica da província de S. Paulo.

No rio *Guarehy*, em seu leito, têm sido encontradas madeiras fosseis e schistos carbonosos pretos.

Em um mappa, o rio *Guarehy* aparece como affluente do rio de *Santo Ignacio*, no municipio de *Tatuhy*. Mas, é erro. Este rio *Santo Ignacio* corre no municipio de *Rio Novo*.

Guaripocába.—Morro, a sete kilómetros da cidade de Bragança: no município deste nome.

Alguns escrevem erradamente *Gurapocába*.

Gu-ári-pó-quâ-bae, de que *Guaripocába* é corruptéla, significa, «o que é atado de alto a baixo». De *gu*, reciproco, *ári*, «sobre, cima», *pó*, «saltar», empregado, porém, para formar a locução ou adverbio *gu-ári-pó*, «de alto a baixo», *quâ*, «atar, cingir», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é».

Allusivo à sua inteiriça structura gramatical.

Guaripú.—Affluente do rio *Sapucayah*, pela margem esquerda: no município de Batataes.

Gu-ári-pú, «ruidoso de alto a baixo». De *gu-ári*, «de alto a baixo», *pú*, «ruido».

Allusivo a fazerem barulho as suas aguas, quando descem do monte, de salto em salto, de cachoeira em cachoeira.

Guarujá.—Praia, na ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro*: no município de Santos.

Guarujá, corruptéla de *Gu-ár-yâ*, «abertura de um ao outro lado». De *gu*, reciproco, *ár*, «cladear», *yâ*, «abrir, gretar, rachar», precedido de *y*, relativo.

Os verbos *ár* e *yâ*, estando no infinitivo sem caso, significam a accão geral, «clado» e «abertura».

Allusivo a existir ahi, em um morro, que se prolonga até o mar, uma especie de gruta, comunicada para ambos os lados.

O morro é denominado *Ytapiú*. De *ytá*, «pedra, morro», *púg*, «arrebentar»:

significando «morro arrebentado ou furado», allusivo á gruta.

Guarulhos (Conceição dos).—Villa proxima da cidade de S. Paulo, distando apenas tres leguas, mais ou menos.

Foi ahi um aldêamento de indigenas, trazidos para aquelle logar em 1560, depois da derrota que sofreram em *Piratininga* (S. Paulo). Por isso, foram desde então conhecidos por *Gu-arú-bo*, «trazidos». De *gu*, reciproco, *arú*, «trazer», *bo* (breve), para formar supino e ao mesmo tempo exprimir o modo de estar.

Não eram, pois, indigenas cuja nação se denominaria *Guarulhos*; nem em tupi ha a letra *l* e muito menos *lh*.

Guassahy.—Campo extenso, nos municípios de Cotia e de S. Roque.

Guassahy, corruptéla de *Gu-açá-i-ii*, «esparzido e duro». De *gu*, reciproco, *açá-i*, «esparzir, estender», *ii*, «duro, rijo, apertado».

Allusivo a ser um vastissimo campo secco e duro.

Os portuguezes traduziram isso em *Vargem Grande*. São, porém, extensissimas campinas.

Guatapará.—Affluente do rio *Mogyguassú*, pela margem direita: no município de Ribeirão Preto.

E' abaixo da barra do ribeirão *Mombuca*.

Guatapará é a denominação de um pequeno veado, que habita os cerrados de beira-campo. Por ter os cornos assás pesados e em desequilibrio com o tamanho do corpo, o indigena assim o nomeou *Guatapará*, contracção de *Guatá-apará*, «anda a cahir com o peso». De *guatá*, «andar», *apará*, «cahir por causa propria, cahir com o proprio peso».

Mas o nome desse ribeirão nada tem com o pequeno veado.

Guatapará é corruptéla de *Gu-ylápárá*, «dique granítico levantado, de uma á outra margem». De *gu*, reciproco, para exprimir o facto em relação ás duas

margens, *ytápá*, que alguns dizem corruptamente *itaipára*, «logar de pedra», *rá*, «elevado».

Allusivo a ser encachoeirado, e com saltos.

Guatemy.—Morro ou serrote, entre os municípios de Jundiah e Itatiba.

Guatemy, corruptela de *Gu-atéy-ma-i*, contrahido em *Gu-atéy-m'-i*, «perseverantemente frouxo». De *gu*, reciproco, para designar as duas faces do morro, *atéy*, «ser frouxo», com o sufixo *ma* (breve), para formar supino, *i*, posposição de perseverança, para exprimir que o facto se dá em toda a extensão do morro.

Allusivo a ter porosa e desaggregada a terra.

Guatinga.—Lagôas, nos municípios de Jacarehy e de Lorena.

Guatinga, corruptela de *Guâá-ty-nga*, «enseada atada». De *guâá*, «enseada», *ty*, «atar», com o sufixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a serem saccos, onde as águas represadas, no tempo da secca, formam lagôas.

Afluente do ribeirão *Taiacupéra*, entre os municípios de Mogy das Cruzes, de Santa Branca e de Jacarehy.

(Vide o nome *Coatinga*).

Grande varzea, no continente, banhada pela maré, por detrás da ilha *Guaniqué*: no município de Santos.

Serrote, que forma o fundo desta varzea, fechando-a.

Os indígenas davam a logares vários na mesma região, nomes idênticos ou quasi idênticos no som, mas diferentes no significado.

Guatinga, nome da varzea, é corruptela de *Guaá-ty-nga*, «enseada atada». De *guaá*, «enseada», *ty*, «atar», com o sufixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser como um sacco.

Guatinga, nome do serrote, é corruptela de *Gu-haty-nga*, «pontuda»: *supino de haty*, «ter ponta».

Guavirotúba.—Afluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no município de Atibaia.

Já li *Guarirotúba*; mas, é erro.

Segundo o sistema de MARTIUS e de outros, *Guarirotúba* significa «abundância de *guairiroba*» ou «abundancia de *gualiroba*».

Guairiroba é uma palmeira, cujo palmito é amargo. De *airi*, «palmeira», precedido de *gu*, reciproco, *irób*, «amargo», completado por um *a*, por acabar em consoante.

Guabiroba é um arbusto e arvore do campo, cujo fruto amarelo é saboroso quando bem maduro. Ha muitas espécies. Da familia das *Asperifoliceas*; e é conhecida na sciencia por *Cordia rodendifolia*. Não deve ser confundida com a *guabirába*, da familia das *Myrtaceas*; a qual pertence ao genero *Abberillia*: seu fruto é superior em gosto á *guabirába*: além de ser produzido em arvores altas e bem copadas, nas provincias septentrionaes do Brazil.

Nada tem, porém, o nome deste ribeirão com a palmeira, cujo palmito é amargo, nem com a saborosa fructa *guabiróba*.

Guarirotúba é simplesmente corruptela de *Gu-abirú-túi-bae*, «o que reflui fornando em si mesmo barriga». De *gu*, reciproco, *abirú*, «barriga, recheio», *túi*, «refluir», *bae* (breve), particula de participio. O *b* foi mudado em *v* pelos portuguezes, por vicio de pronuncia.

Allusivo a ter o leito mais baixo do que o nível das águas do rio *Atibaia*, nas enchentes deste; de sorte que suas águas encontram resistencia, e refluem, alagando-lhe as margens.

Guavirutúba.—Morro, ao oeste da serra *Itaberaba*: entre os municípios de Nazareth, de Mogy das Cruzes e de Conceição dos Guarulhos.

Figura nas divisas dos municípios supra referidos como *Cabreúva*.

(Vide o nome *Cabreúva*).

Guarirutuba, corruptéla de *Gu-abiry-to*, «de ponta elevada». De *gu*, reciproco, *abir*, «elevar, levantar, alçar», *yty*, «ponta», *bo* (breve), correspondendo ao *gu*, reciproco, para exprimir o modo de estar.

Allusivo à ser grosso na base, tendo porém no cimo uma ponta que se afina e se eleva.

Guaviruúva.—Affluente do rio *Piroupara*, pela margem direita: no município de Iguape.

Guaviruúva, corruptéla de *Gu-abirii-ú-bo*, «cabelludo e sujo». De *gu*, reciproco, correspondente ao *bo* (breve) final, para exprimir o modo de estar, *abirú*, «ter cabello, cabelludo», *ii*, «ser sujo, limoso, resvaladiço». O primeiro *i* de *ii* tem som guttural, segundo a regra do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a ser entupido de *capim-quassú*, cujas pontas aparecem sobre a agua; e a ter fundo charcoso. E' considerado *rio morto*.

Morro, no município onde nasce o rio *Piroupara* e o ribeirão *Guaviruúva*, seu affluente.

Os indigenas eram engenhosos nas denominações; e, sempre que na mesma região podiam empregar nomes cujo som fosse identico ou quasi identico, embora com significações diversas, preferiam taes nomes.

Assim, *Guaviruúva*, como nome do morro, soando embora como o do affluente do *Piroupara*, é corruptéla de *Gu-abirú-ii-bo*, «barrigudo e resvaladiço». De *gu*, reciproco, correspondendo a *bo* (breve) final, para exprimir o modo de estar ou a qualidade, *abirú*, «ter barriga, inchar», *ii*, «resvalar, ser limoso, sujo». O primeiro *i* de *ii* tem som guttural.

Allusivo a ser grosso, e escorregadio por causa do limo.

Este morro é tambem conhecido pelo nome *Gipurúra*, corruptéla de *Cy-pi-ii-rô*, «tão liso que se põe escorregadio». De *cy*, «liso», *pi*, «pé», *ii*, «resvalar»;

rô, particula que significa «pôr-se, tornar-se», exprimindo tambem a qualidade da cousa.

Guaxatuba.—Pico, ao sul da villa *Cabreúva*, pertencente á cordilheira paralella á *Japy*, á margem direita do rio *Tieté*.

Guaxatuba, corruptéla de *Gu-achyty-bae*, «ponteagudo e liso». De *gu*, reciproco, *achy*, «ser liso, resvaladio», *ty*, «apontar, ter ponta», levado ao participio pelo accrescimo de *bae* (breve), exprimindo «o que». Guttural o *y*.

E' granitico este pico; e tem a altitude de 965 metros.

Allusivo á sua forma lisa e ponteaguda.

Guaxinduba.—Ribeiro, que nasce na serra maritima e, correndo na direção mais geral de norte a sul, desagua no oceano: no municipio de Caraguatatuba.

Ribeirão, que nasce no serrote *Fartura* e, reunido ao do *Machado*, vão desaguar no *Rio do Peixe*, pela margem direita: no municipio de S. José dos Campos.

Ribeirão, que nasce da serra *Japy*, dando seu nome a esse logar, e desagua no ribeirão *Cururú*: nos municipios de Cabreúva e de Itú.

Guaxindúra, corruptéla de *Gu-achyndú-bo*, «deslisa-se aos saltos». De *gu*, reciproco, *achy*, o mesmo que *cy*, «deslisar, resvalar, escorregar», *ndú*, o mesmo que *tú*, «saltos», mudado o *t* em *nd*, por causa do som nasal de *achy*, com o suffixo *bo*, para exprimir o modo de estar.

Allusivo ás lindas cataratas e quedas d'agua que esses ribeirões fazem ao cahir em das serras em que nascem.

O do municipio de Caraguatatuba tem saltos e cachoeiras.

O do municipio de S. José dos Campos tem tres quedas, de 5 a 6 metros de altura cada uma.

O do municipio de Cabreúva apresenta uma linda catarata.

Morro, entre os municipios de Jun-diah e de Parnahyba.

Guaxindúba, corruptéla de *Gu-achŷ-ndiñ-bo*, «sujo e resvaladiço». De *gu*, reciproco, *achŷ*, «resvalar, escorregar», *ndiñ*, intercalação por causa do som nasal de *achŷ*, *iñ*, «sujo», *bo* (breve), para exprimir o modo de ser, qualidade, condição. O *iñ* tem som guttural.

Allusivo a ser limoso e lamacente, e portanto escorregadio.

Já li *Caxinduva*; mas é corruptéla.

Guaxingu.—Extensa varzea entre os municipios de Sorocaba e de Tatuhy.

Guaxingú, corruptéla de *Guâá-chŷ-ng-iñ*, «enseada suja e escorregadia». De *guâá*, «enseada», *achŷ*, o mesmo que *cŷ*, «escorregadio, lubrico, resvaladio», *gn*, intercalação nasal, *iñ*, «sujo, manchado», com pronuncia guttural.

Allusivo a ser lodoso esta varzea.

E' varzea do rio *Sorocaba*.

Cachoeira no rio *Sorocaba*: no município de Tatuhy, e na mesma região da varzea supra descripta.

Guaxingú, corruptéla de *Gu-atî-nç-iñ*. «atalho em resvaladouro». De *gu*, reciproco, para exprimir de uma á outra margem, *atî*, «atalhar, rodear», *nç*, intercalação nasal, *iñ*, «resvalar».

Allusivo a ser ahí um dique com tão forte desnívelamento, que, para muitos, é mais um salto do que uma cachoeira.

Lagôa, em um campo, entre os municipios de Sorocaba e de Campo Largo.

Guaxingú, corruptéla de *Gu-atî-nç-iñ*, «resvaladio em seu redor». De *gu*, reciproco, *atî*, «rodeiar, atalhar», *nç*, intercalação nasal, *iñ*, «resvalar».

Allusivo a serem escorregadias as suas margens.

Guáxo.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Barbara e de Santa Cruz do Rio Pardo.

Guáxo, corruptéla de *Gu-áchy*, «resvaladio». De *gu*, reciproco, *achŷ*, «es-

corregadio, resvaladio, lubrico». O *y* é guttural e breve.

Allusivo a ter lodo e limo no leito.

Guaybê, ou Guaimbê.—Nome da ilha, á que os portuguezes deram o nome de *Santo Amaro*, a nornoroeste da de *S. Vicente*: no municipio de Santos. Tem a extensão de cinco leguas e a largura de tres, ou 30 kilometros de comprimento e 20 na maior largura, mais ou menos. Foi doada pelo Rei de Portugal a Pero Lopes de Souza em 1534, com o nome *Guahybê*.

Nada tem o nome desta ilha com *quai-imbé*, por contracção, *quai-'mbé*, «cipó de amarrar». De *quai*, «cingir, amarrar, atar», *imbé*, «cipó»: arbusto da familia das *Aroideas*, conhecido na sciencia por *Arum*.

O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *Guembé*.

Bem examinando o caso, verifiquei que esse nome é corruptéla de *Quai-i-mb-é*, «separada por ter sido cortada». De *quai*, «cortar», com *i*, por accrescimo, para exprimir neste verbo a causa, *mb*, intercalação nasal da pronuncia de *quai-i*, segundo a regra ensinada pelo padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, é, «á parte, separada».

Allusivo a ter sido cortado do continente este pedaço de terra, que forma a ilha; e *Bertioga*, corruptéla de *Mbiri-ó-ó-ga*, «furo pequeno ou cava por ação exterior», corresponde ao nome *Quai-i-mb-é*, dada á ilha pelos indigenas, mantendo a tradição de que o mar em tempos antigos, forçára a terra e abrira esse canal.

Guayra.—Nome attribuido a um grande salto no rio *Paraná*.

Digo—attribuido—porque *Guayra* é corruptéla de *Gu-hair-a*, «signal de limites, raia». De *gu*, reciproco, *hair*, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, «limitar, raiar, raia».

As reducções de indigenas, formadas no seculo XVII pelos padres da Companhia de Jesus, e destruidas pelos Pau-

listas em 1628-1634, trazem mal esse nome; salvo para assignalar que haviam sido estabelecidas dentro dos limites do dominio de Portugal, desde a margem direita e quasi á fóz do rio *Piquiri*.

O rio *Paraná*, logo que, aguas abaixo, é deixada a ilha denominada das *Sete Quedas*, forma o salto, por estreitar ahi seu leito a serra *Maracajú*, atravez da qual se despenha immediatamente em *sete quedas*.

Alguns têm escripto *Guayrù*, e outros, *Guayrá*.

Eu mesmo, em minha obra *Algumas Notas Genealogicas*, não podendo explicar tal nome como de reducções ou aldeamentos, soccorri-me ao *Guára*, «morrador», escrevendo ainda erradamente *Goàra*. Desproposito sómente justifica-

vel pela ignorancia da lingua tupi, então que tal escrevi.

Guirra.—Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem direita: no municipio de Patrocínio de Santa Izabel.

Guirra, corrupção de *Gui-ii-ra*, «resvalar, resvaladiço», intercalação em *gûira*, «a parte inferior, o baixo, o fundo».

Allusivo a ter no leito pedras tão lisas e cobertas de limo, que é difícil andar ahi sem resvalar.

Tem este ribeirão varias corredeiras; e poços, no fim de cada corredeira.

A intercalação de um verbo em outro, ou de uma palavra em outra, é uma das construcções mais difíceis da lingua tupi, pela necessidade de evitar a synchysé, isto é, a confusão ou o não senso.

H

Hepacaré.—Nome tupi da região, que comprehende os municípios de Lorena e de Cruzeiro, marginando o rio *Parahyba*.

(Vide o nome *Lorena*).

Outros dizem que a região com esse nome era deste Taubaté até Lorena; mas não o creio.

E' simplesmente tambem um não senso dizerem e escreverem que *Hepacaré* significa «logar das goiabeiras».

E esta e outras bernardices são atribuidas estupidamente aos indigenas...

Hibapaára.—Logar, á margem direita do rio *Sarapuhy*, mencionado em

um documento de 14 de Julho de 1601 como *tapéra*.

Hibapaára, corruptela de *Ib-apá-á*, «ramo torcido e quebrado». De *ib*, «arvore», *apá*, «torcer, torcido», *á*, «quebrar».

Allusivo ao costume que os indigenas têm de assignalar, por meio de ramos torcidos e quebrados, a rota que seguem, nas inattas, e mesmo nos campos, quando ha arvores para isso; a fim de que outros os possam seguir ou elles possam voltar ao mesmo logar de onde sahiram.

(Vide o nome *Poá*).

Iariqué.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes.

Iariqué, corruptéla de *Yári-iquê*, «entrada larga». De *yâri*, «largo», *iquê*, «entrada».

Allusivo a alagar-se em sua fóz.

Ibaté.—Morro, entre os municipios de S. Roque e de Araçariguama.

Ibaté, «salto». Portanto, no nome foi supprimida a palavra *caá*, «monte, morro».

Caá-ibaté, «morro alto».

Ibiacica.—Nome de logares em varios pontos da provincia.

Ibiacica significa «terra cortada». De *ibi*, «terra», *aci*, «cortar», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo aos cõrtes feitos pelas chuvas.

Nos terrenos baixos e alagadiços esses cõrtes, alargando-se, são denominados *cang-a*, «esparzido», no infinitivo, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Ibibobóca.—Nome de bairros, em varios pontos da provincia.

Ibibobóca significa «terra rachada em mais de um lugar, gretada, ou mesmo simplesmente porosa», por isso que *bó* está repetido, exprimindo plural. De *ibi*, «terra», *bó*, «rachar, fender, gretar», levado ao supino pelo accrescimo de *ca*

(breve), formando *bóca*, ou simplesmente *bóca*, na repetição.

Os indigenas denominavam e ainda denominam *ibibobó*, ou mesmo *ibibobóca*, uma cobra que não mata ou não venenosa, de que ha varias especies notaveis pela belleza de suas escamas. Quem affirma qua tal cobra não mata, é o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, onde, com referencia á palavra *mbo*, menciona varias qualidades deste reptil, e seus verdadeiros nomes em tupi.

Mas, o nome destes bairros da provincia nada tem com a cobra *Ibibobóca*, segundo deixei acima explicado.

Ibicába.—Logar proximo á cidade de Limeira: no municipio deste nome.

Ibicába, corruptéla de *Ibi-quâ-ába*, por contracção, *Ibi-quâ'-ba*, «logar de buracos, socavões, fójos». De *ibi*, «terra», *quâ*, «buraco, socavão, fojo», *ába*, particula para exprimir logar.

Allusivo a não ser plana essa região.

Ibirapoera.—Aldejamento dos indigenas, no logar que é hoje villa de Santo Amaro. Foi fundada em 1560, pouco mais ou menos, pelo padre José Anchieta.

Ibirapoera, corruptéla de *Ibirá-puéra*, «páu pôdre». De *ibirá*, «arvore, pau, madeira», *puéra*, o mesmo que *cuéra*, particula de preterito. A traducción lit-

teral é «o que foi arvore, o que foi pau, o que foi madeira».

Allusivo a existir então nessa região muito pau pôdre, proprio para lenha.

Ibitinga.—Serrote, no municipio de Araraquara. Ha ahi a povoação, hoje freguezia deste nome.

Ibitinga, «terra fumacenta». De *ibi*, «terra», *tí*, «fumo, vapor», com o suffixo *ngua* (breve), para formar supino.

Ibituruna.—Morro, no municipio de Parnahyba; fronteiro aos contrafortes orientaes da serra *S. Francisco*. Tem a fama antiga de ser aurifero.

E' o mesmo *Boturuna* e *Voturuna*. (Vide o nome *Boturuna*).

Icanhemá.—Pequeno corrego na ilha de *Santo Amaro*: no municipio de Santos. Desagua no canal que de Santos vai á Barra Grande.

Icanhemá, corruptéla de *Ycaē-ma*, «seco, enxuto». De *y*, relativo, *caē-m*, «secar, enxugar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante; ou *caē-mo*, em supino.

Allusivo a seccar em certas estações do anno.

Icapára.—Enseada ou barra, que comunica a parte septentrional do *Mar Pequeno* com o oceano, em Iguape. Tam-bem alguns escrevem mais incorrectamente *Capára*.

Icapára, corruptéla de *Y-guāá-apá-ára*, por contracção *Y-guāá-pá'-ra*, «enseada tortuosa». De *y*, relativo, *guāá*, «enseada», *apá*, «ser torto, torcer, entortiar, voltpear», levado ao particípio pelo accrescimo do verbal *ára*.

Por causa das areias movediças nesta enseada, as aguas, no fluxo e refluxo das marés, formavam um escoadouro de leito instavel e sempre tortuoso; e, por isso, os portuguezes traduziram em «Canal Torto» o nome *Y-guāá-pá'-ra*.

Içara.—Affluente do rio *Guararema*, pela margem direita: no municipio de *Mogy das Cruzes*.

Içara, «pequenino corrego, charro, ou rego d'agua».

Outros escrevem apenas *Içá*.

Icaveta.—(Vide o nome *Caretá*).

Iconha.—Pequeno rio que nasce no morro *Ararapira* e desagua na bahia *Trapandé*.

Iconha, corruptéla de *Iquē-o-á*, contrahido em *Iqu'-o-á*, «lados empinados». De *iquē*, «lado, costa», *o*, reciproco, para exprimir as duas margens, *á*, «empinar».

Igreja-Velha.—Barrancas altas, á margem direita do rio *Paranapanema*, entre as cachoeiras *Itaipava* e *Aparado*. Ahi o rio se estreita, ficando com a largura sómente de 25 metros.

São de barro amarellado, cortadas quasi a prumo, deixando vêr listas verticais de oxydo e ferro, produzidas pela acção das aguas do monte. A mais elevada é de cerca de 25 metros de altura.

Por isso, o indigena assinalou-as com o nome *Y-guā-eñ-é*, «muitas listas diferentes». De *y*, relativo, *guā*, listas, manchas, *eñ*, «muitos», *é*, «diferente, diverso, distinto». Por excesso de contracção, *Y-gu'-eñ-é*, foi operada a corrupção *Igreja-Velha*.

A explicação de apresentar a mais alta barranca o aspecto de um antigo edificio em ruinas, produzindo na imaginação religiosa do povo a idéa de uma igreja em tal estado, não tem razão de ser.

Iguape.—Cidade situada no littoral, proximo á fóz do rio *Ribeira de Iguape*.

Não tem tal nome a minimia referéncia á *Ig-uápê*, significando «rio de uápé», de *ig*, «rio», *uápé*, arbusto aquático, cujas folhas redondas sobrenadam nos rios, ribeiros e lagôas, e cujas flores são brancas, tocadas de vermelho ou de roxo. Naquelle região deve existir este arbusto; mas, disso o indigena não cogitou para denominar aquella região littoral.

Muito menos procede a significação que de Iguape deu frei FRANCISCO DOS

PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, dizendo ser «logar alagadiço»!

Aquella região littoral era denominada *y-guâd-i-pe*, «na enseada». De *y*, relativo, *guâá*, «enseada, barra», *i*, posição que, para explicar partes de sitio ou logar, e significando «em», deve ser sempre acompanhada de *pe* (breve), segundo o ensina o padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a ter sido situada a povoação ou aldêa, primitivamente, mesmo em frente á barra *y-guâd-pá-ra*; sendo transferido posteriormente para o local actual, segundo consta do livro do tombo da camara municipal.

Acerca da cidade de Iguape, então ainda villa, o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: «A villa de Iguape está situada em uma planicie, que é continuaçao das margens da Ribeira ao sul, e está nas margens do chamado Mar pequeno, que é como um braço de mar de outra barra que tem a villa mais ao sul: esta é muito baixa, de maneira que não podem entrar embarcações, e mesmo a da Ribeira não admite embarcações grandes carregadas; e é pena, porque as dificuldades são na entrada, e no restante da Ribeira ha bom fundo para toda a casta de embarcações. Agora projectam encanar a Ribeira com o Mar pequeno, a fim de transportar os arrozes até o porto da villa: temo sómente que a pouca queda das aguas não frustrre esta pretenção, visto a pequena diferença de nirel... Antigamente trabalhavam muito na construcção de embarcações, ramo que tem diminuido, talvez pela nenhuma bondade das madeiras».

Referindo esta ultima parte do trecho transcripto que, no porto de Iguape, «antigamente trabalhavam muito na construcção de embarcações», e sendo certo que os portuguezes denominavam *ribeira* «a parte da margem de um rio em que se fabricam navios», é lícito acreditar que o nome do rio não foi corrompido

senão depois que, pela identidade do som da palavra, transportaram para o mesmo rio a denominação *Ribeira de Iguape*, dada ao porto. A verdade é que, quer nas tradições locaes, quer em alguns mappas feitos na provincia, é ouvido e lido o nome *Rio da Ribeira de Iguape*: o que exclue a idéa de terem os portuguezes denominado *ribeira* um tão grande rio, a não ser por corrupção do nome em tupi *Aréb-yérè-iguâá-pe*, coincidindo no som com o de *A Ribeira de Iguape*.

(Vide o nome *Ribeira de Iguape*).

A cidade de Iguape é notavel pela romaria ao Senhor Bom Jesus, no mez de Agosto de cada anno. Eis como o conselheiro MARTIM FRANCISCO, em seu *Diario* já citado, descreveu a origem desta devoçao: «Fui ver uma pequena casa de banhos, onde se lavou o Senhor Bom Jesus, imagem muito milagrosa, no geral entender da plebe, para cuja festa concorre immensidade de povo da capitania e de fóra a cumprir promessas, ou a pedir o sare de diversas enfermidades que padece... A dita casa é de figura octaedrica, e sobre as oito faces assenta como um hemispherio: ella está proxima a um morro, que fica detraz da villa: delle correm por muitas barrocas regatos de boa agua...: á superficie deste morro observam-se blocos de uma rocha granitica, algum já decomposto... Fui correr a continuacão dos morros, que ficain por detraz da villa e se prolongam até a barra, e nelles não achei novidade alguma: sempre as grandes massas da mencionada rocha granitica, desarrumadas. Esta rocha forma pelo seu desarrumamento barrocas a cada passo, por onde correm regatos e cachoeiras abundantes em aguas, das quaes tem a gente do paiz sabido tirar proveito, estabelecendo engenhos d'agua de pilar arroz».

Segundo consta do livro do tombo da matriz velha de Iguape, o reverendo Christovão da Costa e Oliveira, vigario da vara daquella comarca, em visita por ordem do bispo diocesano, ahi escreveu em 22 de Outubro de 1730, as tradi-

ções populares acerca desta Imagem, as quaes, sem as palavras e narrações inuteis, são: «Que, em 1647, dois indios boçaes acharam, rolando com as ondas, na praia de *Una*, junto ao rio chamado *Pussaúna*, um vulto, e, tirando-o, o levaram para o limite da mesma praia, onde, em cóva, o puzeram de pé com o rosto para o nascente, e assim o deixaram com um caixão que divisaram ser de cera do reino e umas botijas de azeite doce; que, voltando depois ao mesmo lugar, notaram que o dito vulto estava com o rosto para o poente, e não acharam vestigios de que pessoa humana o pudesse virar; que, sabido o caso por vizinhos, estes resolveram tirar a Imagem e conduzil-a ao ponto mais alto do monte *Juréa*, de onde Jorge Serrano e sua mulher Anna de Góes, seu filho Jorge Serrano e sua cunhada Cecilia de Góes, revestindo-se, a transportaram até a barra do rio chamado *Ribeira de Iguape*, onde foram os moradores d'aquelle villa buscar a Santa Imagem, e, trazendo-a com muito acatamento, a puzeram no rio a que chamam hoje, com muito grande alegria, a *Fonte do Senhor*, para lhe tirar o salitre e ser encarnada de novo... e, conseguindo o ornato, a collocaram n'esta igreja da Senhora das Neves, em que está, aos 2 de Novembro de 1647, conforme assento de um curioso, tirado de outro mais antigo; que também era tradição que a Santa Imagem do Senhor Bom Jesus vinha do reino de Portugal, embarcada para Pernambuco, e que, encontrando o navio outro de inimigos infieis, lançaram os do navio portuguez a Santa Imagem ao mar para não ser tomada...».

Este documento foi transcripto integralmente por AZEVEDO MARQUES, nos *Apostolamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da província de S. Paulo*, com referência ao nome *Iguape*.

O projecto do canal, a que o conselheiro MARTIM FRANCISCO se referiu, no trecho transcripto, foi realizado; e, no extremo sul aberto, com cerca

de tres kilometros de extensão, foi formada uma povoação, ora denominada *Porto da Ribeira*. Ha, porém, reclamações contra tal canal, que ameaça destruir uma ponte da cidade, sem dar compensação do resultado que era argumento para sua abertura.

Iguatemy. — Affluente do ribeiro *Toucinho*, pela margem direita, e este do rio *Tremembé*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Campinas. Junta-se ao *Jardim*.

Iguatemy, corruptela de *Igaú-atéy-ma-i*, por contracção *Igaú-atéy-mi*, «perseverantemente frouxo e lamacente». De *igaú*, «lama, resíduos de aguas, detritos, sujeira», *atéy*, «ser frouxo», levado ao supino pelo suffixo *ma* (breve), *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a ser muito lento em seu curso, ou pouco corrente, e a ser sujo de lama e de detritos em seu leito.

O primeiro é dos ribeiros que, retendo da serra *Cantareira*, constituem os mananciaes derivados para o abastecimento de agua da cidade de S. Paulo.

O segundo é um dos ribeiros aprovados para o fornecimento de agua à cidade de Campinas.

Iguatinga. — Enseada, no município de Iguape. É tambem conhecida por *Lagôa dos Patos*. É à margem direita do rio *Ribeira de Iguape*; proximo ao morro *Caiobá*.

Iguatinga, corruptela de *I-guaá-ty-nha*, «enseada de rio, presa». De *i*, «rio», *guaá*, «enseada», *ty*, «atar, prender», com o suffixo *nha* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser uma enseada, por ter communication com o rio *Ribeira de Iguape*, por um canal; mas dever ser tida por uma lagôa, por isso que é quasi fechada, sendo paradas as aguas, com lodo e capim.

Imbaiá. — Enseada, ou sacco, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

O nome vulgar é «Sacco do Imbaiá». *Imbaiá*, corruptéla de *Y-mbaê-á*, «colhedor de cousas». De *y*, relativo, *mbaê*, «cousa», *á*, «colher». O padre A. R. DE MONTOYA escreveu *Mbaíá*.

Os ramos, com que atalham os rios e as enseadas para a pescaria, são *caá-mbaíá*. Portanto, o nome *Imbaiá* é alusivo ao facto de prestar-se a esse modo do pescar.

Imbanhy.--E' o mesmo rio *Embaú*, afluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Boçaina e de Cruzeiro.

(Vide o nome *Embaú*).

Dizer MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, que o nome tupi deste ribeirão é «rio de cipó», é simplesmente um não senso. E tupi é a mesma palavra *cipó*, que se escreve *cý-pó*, «vara ou caule liso», isto é, sem ramos.

Indaiá.--Afluente do rio *Parahytinga*, pela margem esquerda: no município de Natividade.

Indaiá, contracção de *I-nd-ai-á*, «altos e baixos e arrecifes». De *i*, «ter em si», *nd*, intercalação por ser nasal o verbo anterior, e para ligar o á *ai*, «saliencia», *á*, «cabeça, pedaços pequenos de qualquer cousa».

Allusivo a cachoeiras e pontas de pedra no leito.

Indaiá.--Corredeira, no rio *Mogy guassú*.

I-nd-ai-á, «altos e baixos, e torcida». De *i*, «ter em si», *nd*, intercalação para ligar o verbo á *ai*, «saliencias», *á*, «torcer».

Allusivo a ter saliencias e a fazer curva.

Indaiatuba.--Villa, situada em uma elevação alguns kilometros distantes da margem direita do rio *Jundiah*.

O nome provém da abundancia da palmeira pequena *indaiá*.

Indaiatuba, corruptéla de *Indaia-tib-a*, «logar de *indaiá*». A palavra *tib-a* «logar natural», é guttural.

Com o nome *Indaiatuba* ha tambem um bairro no municipio de Sorocaba.

Indaiáúba.--Praia, na villa de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Indaiáúba, corruptéla de *I-nd-aiúá-ñ-bae*, «escorregadio por ter limo». De *i*, «ter em si», *nd*, intercalação para ligar aquelle verbo á *aiúá*, «limo», *ñ*, «resvalar, escorregar», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Inferno.--Afluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda: no municipio do Carmo da Franca.

Inferno, corrupção de *Y-yérè*, «rodomoinhos». De *i*, «agua», *yérè*, «volta».

Allusivo a ter constantes rodomoinhos.

A razão desta corrupção foi o facto de existir, tambem afluente do *Rio Grande*, outro ribeirão, cujo nome é *Anhanguera*.

(Vide o nome *Anhanguera*).

Em summa, este ribeirão nada tem com o inferno.

Ha tambem no município de Santa Rita do Passa Quatro um ribeirão, denominado *Inferno*, afluente do *Rio Grande*, pelo qual nome é a mesma corrupção do anterior.

Inhoahyba.--Serra, no município de Sorocaba. Alguns a supõem prolongamento da serra *S. Francisco*; mas é de formação diversa.

Inhoahyba, corruptéla de *Y-nhô:aib-a*, «malmente isolado». De *y*, relativo, *nhô*, «só, isolado», *aib-a*, «malmente, imperfeitamente».

Allusivo a ser realmente uma serra diversa da *S. Francisco*; e, não obstante, parecer que é prolongamento desta.

Esta serra se compõe de um mineral micaséo e unctuoso, em quartzito; ao passo que a serra *S. Francisco* é um massiço granítico, como bem o diz seu nome, completamente corrompido.

(Vide o nome *S. Francisco*).

Ipanema.--Afluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: entre os

municípios de Sorocaba e de Campo Largo.

I-panē-ma, «rio esteril, ou sem prestimo». De *i*, «água, rio», *panē*, «ser esteril, sem prestimo», com o sufixo *ma* ou *mo* (breve), para formar supino.

Segundo o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, *I-panē* significa «rio sem peixe». E este significado o deu MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, e, pois, esta vez acertou.

Com efeito, a proximidade das minas de ferro deve determinar naturalmente a esterilidade desse curso d'água.

Ipatinga.—Lagôa, cujo maior diâmetro é de 30 metros, formada em terreno de campo, entre o ribeirão *Itanguá* e o ribeirão *Ipanema*.

Ipatinga, por outra, *I-pá-ty-nga*, significa «logar d'água», *pá*, o mesmo que *pába*, «logar», *ty*, «atar, prender», com o sufixo *nga* (breve), para formar supino.

Não é *iápá*, «logar de água pôdre».

Allusivo a ser esse logar um grande reservatório de água.

Iperó.—Affluente do rio *Sarapuhy*, pela margem direita: no município de Campo Largo de Sorocaba.

Iperó, corruptela de *I-pi-rô*, «rio de fundo revolto». De *i*, «rio», *pi*, «centro, rô», «revolver». De um rio fundo dizem os indígenas *ipignacú*.

A princípio supuz fosse corruptela de *I-pa-rá*, «rio de fundo não liso». De *i*, «rio», *pa*, «centro», *rá*, «não liso, não igual, com altos e baixos». E, então, tive ocasião de verificar que a palavra *peráu*, como designativa de «buracos no fundo dos rios e das lagôas», é de origem tupi; e não vem de *perrau*, em francês, como o escreveu MORAES, em seu *Dicionario da lingua portugueza*.

Em todo o caso, quer seja *I-pi-rô*, quer fosse *I-pi-rá*, o nome exprimiria o mesmo facto; porque os *peráus* são a causa do *fundo revolto*, formando ali *as águas rodomoinhos*.

Com efeito, a zona em que tem seu curso este ribeirão é a de terrenos, cuja

formação geologica é grez, schistos e calcareos silicosos carboniferos; e as águas, correndo sobre terrenos dessa natureza, abrem cavidades, que são os taes *peráus*, e sobre essas cavidades as mesmas águas se revolvem em rodomoinho.

Ipiranga.—Affluente do rio *Tamanduatchy*, pela margem esquerda: no município de S. Paulo. Celebre por ter sido às suas margens que o Príncipe Regente D. Pedro, depois Imperador, ergueu o grito da independencia do Brasil, em 7 de Setembro de 1822. Era o commandante da Guarda de Honra, que assistiu a este facto memorável, o coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo, avô de minha mulher. E' um direito meu recordal-o.

Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no município de S. Luiz de Parahytinga.

Affluente do rio *Tietê*, pela margem esquerda: no município de Mogi das Cruzes. E' um pequeno correço.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Pindamonhangaba.

Rio que nasce na serra marítima e desagua no oceano: no município de Caraguatatuba.

Rio que nasce na serra marítima e desagua no oceano: no município de Ubatuba. E' mais conhecido pelo nome *Ipiranguinha*.

Ipiranga, corruptela ou antes, contracção de *I-pi-rá-á-nга*, «leito desigual e empinado». De *y*, relativo, *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *á*, «empinar», com o sufixo *nga* (breve), para formar supino. O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, dá *guiama* como sufixo deste verbo. Erro.

Nada tem, portanto, estes ribeirões e correço com «água vermelha» ou «rio vermelho». O indígena não teria comido este não senso.

PEDRO TAQUES, na *Nobiliarchia Paulistana*, referindo-se a documentos antigos, denomina *Itypyiranya* o affluen-

do ribeirão *Tamanduatehy*; o que melhor confirma o significado, porque *iti* significa «arrojar». (*)

(*) Em nota avulsa:
No auto da medição da meia legua para o Rocio da cidade de S. Paulo, lavrado em 27 de Julho de 1729, está assim escrito: ... e para a parte do caminho de Santos se mediou outra meia legua de rocio, fazendo peão nesta fáde, e chegou a dita meia legua até o sítio de José da Silva Brito, junto ao correlo chamado — *Iporanga*, onde da mesma forma ficou um signal para se assentar padrão.

Iporanga.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Iporanga. O nome da villa *Iporanga* provém do deste ribeirão.

Com este nome ha tambem um pequeno correlo no município de Santos.

Iporanga significaria «rio formoso». De *i*, «rio, agua», *porang*, «formoso, ornado, agradavel», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Mas, não se trata de *I-porang-a*, «rio formoso»; sim de *Y-pór-a-ã-nga*, «empinado e com saltos». De *y*, relativo, *pór-a*, «salto, queda», *ã*, «empinar», com o suffixo *nга* (breve), para formar supino. Contrahido em *Y-pór'-ã-nга*.

O padre A. R. DE MONToya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, dá por supino deste verbo *guiama*. E' manifesto erro: isso poderá ser tudo menos supino.

Allusivo a descer em forte declive, como que empinado, formando saltos, cataratas, cachoeiras. Corre mesmo entre rochedos calcareos mui altos, empinados e lisos.

Um rio, assim descendo, deve ser realmente «formoso»; mas disto o indígena não cogitou.

Um pouco abaixo das cabeceiras do affluente do rio *Ribeira de Iguape* existe uma gruta ou lapa denominada de *Santo Antonio*. Eis como a descreveu o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, no seu *Diario de uxa viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, já citado: «Continuei a minha digressão pelo ribeirão de *Yporanga* acima até chegar á gruta stalactitica denominada *Lapa de Santo Antonio*, que fica á direita no ribeirão do *Sumidouro*, o qual corre de

um monte tambem á direita, onde sómente existem restos de antigas lavras. Não só nessa gruta, mas tambem em todos os morros á esquerda, e mesmo em suas faldas, se acham bancos de pedra calcarea secundaria, cortados por veios de spatho calcareos, dos quaes no tempo das grandes chuvas se destacam porções, que vem entulhar então os ribeirões. No veio da agua, porém, só se observa a formação pondinguica, que assenta sobre uma argilla schistosa, chamada pelos praticos do paiz *piçarra folhada*. Esta gruta tem quasi a direcção de oesnordeste sudoeste; por baixo della corre o dito ribeirão *Sumidouro*, cujas aguas são frigidissimas, minando os ditos bancos calcareos, e alguma agua que transuda por elles, e que forma as bellas stalactites, attendiveis pela sua brancura, pureza, esplendor e fractura spathica. Na parte superior da estrada vê-se como dous oculos de igreja, e logo no principio um côro rendado e ornado de uma série de pyramides stalactiticas: do lado esquerdo faz a lapa como um sacco, e do direito, mais para o interior, columnas entrecortadas, e outras porções como de avellantados edificios, sobre os quaes obrou a mão inexoravel do volvel tempo. Do lado esquerdo, em cima, ha pequenas grutas ou reconcavos, retiro de infelizes, e, em baixo, furnas, aonde talvez vem acoutar-se fracos animaes perseguidos de feras. Emfim, aqui tudo é magnifico, tudo é grande».

Acima de suas cabeceiras, ha minas de chumbo, isto é, a cal toma a cor azulada com veios brancos.

Iraribá.—Uma das cachoeiras que formam o rio *Brejahimirinduba*: no município de Ubatuba.

Além desta cachoeira, ha as de nome *Prata* e *Piabas*.

(Vide os nomes *Prata* e *Piabas*).

Iraribá, corruptela de *Ar-arib'-á*, «cortado de alto a baixo». De *ar*, «cahir, a baixo», *aribo*, «de alto», (composto de *ári*, «sobre, em cima, alto», e *bo* (breve), para exprimir o modo de estar), *á*, ou *há*, «cortar, talhar».

Allusivo a formar um desnívelamento quasi a pique, produzindo grande estrondo a queda das aguas.

Iriguassú.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Caçapava.

Iriguassú ou *Irii-guaçú*, «rio que inunda». De *iri*, «rio que baixa», *guaçú*, «largo, grande».

Allusivo a alagar-se extraordinariamente.

Iririaíá.—Serra, lagôa, ribeirão, braço de mar: nos municipios de Cananéia e de Iguape.

(Vide o nome *Aririáia*).

Iribubú.—Serra, no municipio de Cananéia.

Iribubú, corruptéla de *Yryr-ibiy*, «baixa e sucessivamente cortada». De *yr*, «cortar», repetido para exprimir a sucessão ou a continuidade do facto, *ibiy*, «baixa, pequena».

O *iy* tem som guttural.

Allusivo a ser escalvada; e, por baixa, muito diversa das outras montanhas proximas,

Tambem dizem no logar *Yr-yr-iý*.

Iripiranga.—E' o nome tupi do rio *Casqueiro*: no municipio de Santos. A' margem daquelle rio ou braço de mar, os indigenas formavam aldêa nas estações proprias, em que desciam a serra *Paranapiacaba*, para fazerem as provisões de mariscos e de peixes. E essa aldêa tirava do rio o nome.

Iripiranga, corruptéla de *Irû-ripirâ-nга*, «dous juntos, avermelhados». De *irû*, «companheiros», *ri*, posposição para significar «simultaneidade, junção», *pirâ*, «ser vermelho, avermelhar, colorado como sangue», com o accrescimo *nга* (breve), para formar supino.

Não é, portanto, «vespa vermelha», como o pretendeu MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*; mas «ostra vermelha», ou porque as duas conchas sejam avermelhadas, ou porque o marisco produza a famosa *tinta purpura*.

Itá.—Serrote, á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*, ramificação da serra marítima: nos municipios de Iguape e de Paranapanema.

Itá, corruptéla de *Hetá*, «aparado».

Allusivo a ser achataido no cimo. Apenas mostra um morro com ponta, vulgarmente denominado *Pico*; mas é separado do serrote, e é de terra, sem pedras.

Deste serrote, para o lado do rio *Ribeira de Iguape*, nasce o ribeirão *Itá*, cujo nome anda trocado por *Etá*.

(Vide o nome *Etá*).

Os indigenas usavam dar a varios lógores, na mesma região, nomes quasi identicos no som, significando porém diversamente.

Assim, o serrote é *Hetá*, e não *Itá*: o ribeirão, ao contrario, é *Yytá*, e não *Etá*. Na corrupção têm sido trocados.

Itabaquara.—Affluente do ribeirão *Embaú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Lorena e de Cruzeiro. Nasce na serra *Mantiqueira*.

Itabaquara, corruptéla de *Hetá-ba-quara*, «muito corrente». De *hetá*, «muito», *baquara*, «corredor, corrente».

Allusivo a ser veloz em seu curso.

Antes da sua affluencia, o ribeirão *Embaú* é *Piquele*.

(Vide o nome *Piquele*).

Itaberába.—Serrote, entre os municipios de Nazareth e de Conceição dos Guarulhos.

Já li escripto *Ituverara!*

Outros escrevem *Itarerara*. E', porém, corrupção portugueza, trocado o *b* em *r*.

Itaberába, corruptéla de *Ytá-berà-bae*, «pedra que brilha». De *ytá*, «pedra, penha», *berá*, «brilhar, resplandecer», com *bae* (breve), para formar particípio, significando «o que».

Allusivo a que, sendo escalvado, deixa ver o brilho de micaschistos, de *crystaes*, e de quartzos e quartzitos varios que a formam; e no alto della, diorites despontados.

Itaberaba.—Affluente do rio *Bacuruvú*, pela margem direita: entre os

municípios de Conceição dos Guarulhos e de Mogi das Cruzes.

Itaberaba, corruptéla de *Itá-abi-rá-bae*, contrahido em *Itá-'bi-rá-bae*, «designal, desnivellado, formando degraus». De *itá*, «estante, degrau», *abi*, «desigual», *ra*, «sem nível», *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a ser successivamente encachoirado, com degraus.

Itacoéra. — Affluente do rio Tieté, pela margem esquerda: entre os municípios de S. Paulo e de Mogi das Cruzes.

Itacoéra não é «buraco de pedra», como o escreveu frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossário*. Para significar «buraco de pedra», deveria ser *Itá-quâra*.

Itacoéra, corruptéla de *Itá-iquê-rù*, «margens graníticas». De *ytá*, «pedra», *iquê*, «lado, costado», *rù*, «companheiro», para assignalar referencia aos dous lados ou ás duas margens.

Allusivo a correr entre morros graníticos. Seu leito é formado de lages.

Alguns pronunciam *Itá-kér-a*; mas é a mesma cousa. Os indigenas do rio Amazonas e as nações que delles provieram não usam muito do *u* em seguida ao *g* ou ao *q*.

Tenho, porém, minhas duvidas se *Itá-coéra* é o nome desse curso d'agua. Considerado relativo o *y* inicial, resta *Tacúera*, «caldêa que existiu»: de *táb-a*, «caldêa», *cúera*, particula de preterito. A palavra *tab-a*, em certas composições, prende sempre a ultima syllaba. Os indigenas do norte do Brazil usavam e usam *tapéra*, ou *tap-éra*, o mesmo que *tib'-uéra* ou contracção de *ta-púra*, pois que *púera* é tambem particula de preterito, mudado o *c* de *cúera* em *p*.

Sem duvida, nesse logar existiu alguma aldêa; e, então, a palavra *Y-tacúera* foi applicada ao ribeirão.

Itacolumé. — E' outro nome dado ao *Iguatemy*.

(Vide este nome).

Itacolumé, corruptéla de *I-tacú-roi-imé*, contrahido em *I-tacú-roi'-mé*, «água

nem quente nem fria». De *i*, «água», *tacú*, «quente», *roi*, «frio», *imé*, negação. Allusivo á sua agua tibia.

Itacolumi. — Morro granítico, no município de S. Roque.

Itacolumi, corruptéla de *Ytá-curubi*, «pedras pequenas, cascalho».

Allusivo a ser predominante na formaçao deste morro o cascalho.

Não haja confusão com montanhas e picos nas provincias de Minas Geraes, Rio de Janeiro e Maranhão, nem com o extenso baixio na provincia da Bahia, cujos nomes andam tambem corrompidos em *Itacolumi*, mas são *Y-táquâ-aromí*, «pontas que se occultam, umas ás outras». De *y*, relativo, *táquâ*, «pontas», *amí*, «esconder, occultar», com a intercalação de *ro*, para exprimir reciprocidade. Por contracção *Y-taqu'-aromí*.

Allusivo a ter varios picos, occultando-se uns aos outros, nas montanhas; e, no baixio, a mesma cousa, sendo designaes os rochedos cujas pontas se mostram acima da superficie das aguas.

Itácuá. — Praia marítima, em Ubatuba.

Ytá-cuá, «cintura de pedra». De *ytá*, «pedra», *cuá*, «cintura, meio entre os extremos».

Allusivo a estar essa grande pedra no meio da praia, como que cinturando-a.

Itacuraçá. — Campos e terras, no município de Cunha.

Itacuraçá, corruptéla de *Ytá-curú-acái*, por contracção *Ytá-cur'-acái*, «pedregal esparzido». De *ytá-curú*, «pedregal», *acái*, «estender, esparzir».

Itacurussá. — Lagôa, na ilha Cardoso: município de Cauanéa.

Itacurussá, corruptéla de *I-tacú-roi-cái*, «água quente, no verão». De *i*, «água», *tacú*, «quente», *roi*, «frio», *cái*, «cessar»; sendo que *roi-cái*, significa «cessação do frio» ou «verão».

Com effeito, a agua desta lagôa, um pouco turva, é tépida durante o verão.

Alguns a consideram rio, porque, em certas ocasiões, rompe os cómoros de areia e faz barra para o oceano; e, então, esvasia-se tanto, que os pescadores apanham á mão os peixes, quasi em seco a debaterem-se.

Itacurutiba.—Planalto, além do ribeirão *Tatuapé*, ao lado da margem direita deste: no município de S. Paulo. E' no caminho da Penha de França.

Ytá-curú-tib-a, «cascalhal». De *ytá*, *curú*, «cascalho», *tib*, «logar das causas por natureza», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a ser alli deposito natural de cascalho.

Divide as aguas dos ribeirões *Tatuapé* e *Aricanduva*.

Itáguaçába.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Silveiras, de Arêas e de Queluz.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Tieté, de Capivary e de Piracicaba.

Outros escrevem *Itagacaba*.

Itaguacaba, corruptela de *Ytá-qüa-caba*, «pedra furada». De *ytá*, «pedra», *qüa*, o mesmo que *quar*, «ter buraco», mudado o *r* final em *c*, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, quando ha necessidade de usar do verbal *ába*, para exprimir o instrumento, o modo, a causa, o intuito, a occasião, o logar, com referencia á acção do verbo, soando *caba*. Do mesmo modo o *r* final do verbo é mudado em *c*, quando para exprimir o que faz a cousa, ha necessidade de formar o particípio presente com a partícula *ára*, soando *cára*.

Allusivo a terem rompido moutes ou penedos para desaguarem. Ao principio, as aguas teriam furado o monte, sob o qual se escoariam; no decorrer do tempo, porém, a parte superior ao furo ter-se-hia esborrado, ficando este a céo aberto, sómente entre altas penedias.

Itaguapuá.—Pedras ou penhascos empinados, entre a estação do Lageado

e a povoação denominada *Barnel*: no município de Mogy das Cruzes.

Itaguapuá, corruptela de *Ytá-áqüá-puá*, «penhasco empinado». De *ytá-áqüá*, «penhasco», *puá*, «empinar, levantar».

Com efecto, ha nesta região muitas pedras grandes, levantadas ou empinadas.

Itaguassú.—Affluente do ribeirão *Poti*, pela margem direita: no município de Mogy das Cruzes.

Itaguassú, ou *Yta-guaçú*, «penedo, pedra grande». De *ytá*, «pedra», *guaçú*, «grande, enorme».

Allusivo a nascer em um penhasco cujo nome é mesmo *Itaguassú*, correndo depois sobre pedra de afiar até á fóz.

Itaguassú.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no município de Villa Bella.

Ytá-guaçú, «penedo, pedra grande». De *ytá*, «pedra, penha», *guaçú*, «grande, enorme».

Allusivo a existir ahi uma penedia, que se projecta sobre o mar.

Itaicy.—Morro pedregoso, que fórça o rio *Jundiah* a mudar bruscamente de direcção: entre os municipios de Jundiah e de Indaiatuba.

Itaicy, corruptela de *Ytá-y-ci*, «penha despedaçada». De *ytá*, «pedra, penha, morro granitico», *y*, partícula que precedida do verbo neutro significa «se», *ci*, «despedaçar, fazer pedaços»: isto é, «penha que se despedaçou», com referencia á acção propria da cousa.

Allusivo a ser uma penha que se derrocou, espalhando em redor milhares de pedras de todos os tamanhos e fórmulas.

Itaim.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no município de Itú.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no município de Mogy das Cruzes.

Affluente do ribeirão *Jacurú*, pela margem esquerda: no município de S. Paulo.

Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: entre os municípios de Cunha e de Lagoinha.

Afluente do rio *Juquiry*, pela margem esquerda: no município de Parnahyba. Em seu principio tem o nome *Cajú*.

(Vide o nome *Cajú*).

Afluente do rio *Una*, pela margem esquerda: no município de Taubaté. Em suas cabeceiras o nome é *Baracéa*.

(Vide o nome *Baracéa*).

E outros.

Itaim, corruptéla de *Ytá-i*, «ter pedras». De *ytá*, «pedra», *i*, «ter em si alguma cousa».

Com effeito, esses tres ribeirões são pedregosos, isto é, correm sobre pedras, e têm varios saltos, em todo o seu percurso. O primeiro affluente do rio *Tieté* tem, proximo á fóz, os principaes saltos.

Itaipava.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, logo abaixo do salto *Ytápucú*.

(Vide o nome *Itapucú*, salto).

Itaipara, corruptéla de *Ytá-paba*, «lo-
gar de pedras, arrecifes, baixios».

Ha ahi entre os arrecifes, um canal unico, estreito e ingreine, com correnteza violenta. A descida é perigosa; mas a subida é impossivel para canôas carregadas.

Itaipé.—Logares nas serras, em que ha planos superpostos, uns aos outros até o cume, formando como escadaria em amphitheatro.

A serra maritima é assim em varios logares.

Itá-ipé, «muitos planos apoiados uns sobre outros». De *itá*, «armação, estantes, pilares, em geral o que se apoia em outros», *ipé*, «muitos».

Itaipú.—Ponta granitica que fecha a barra grande de Santos e de S. Vicente, pelo lado do sul.

Itaipú, corruptéla de *Ytá-apiy*, «ponta de pedra». De *ytá*, «pedra», *apiy*, soando *apú*, «ponta, ponteagudo».

Allusivo a ser um promontorio gra-
nitico.

Itaitúba.—Lagôa, no municipio de Iguape. E' á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*.

Itaitúba, corruptéla de *Ytā-tib-a*, «lo-
gar de conchas». De *ytā*, «concha», *tib*, para exprimir logar peculiar de couças, com o accrescimo de *a* (breve). O *i* tem som guttural.

Mas, *ytā* neste nome não é qualquer concha; é a grande, com a côn e o bri-
lho da madreperola. Serve de colher; por isso os indigenas, ao verem a co-
lher, disseram logo *ytā*.

Com effeito, nessa lagôa abundam as conchas grandes e brilhantes.

Itajubá.—Afluente do rio *Una da Aldéa*, pela margem esquerda: no mu-
nicipio de Iguape.

Não se trata de *ytá-yá-hob-á*, «pedra amarella que dá folhas e grãos», ou simplesmente *ytá-yá*, «pedra amarella», como os indigenas nomeiam o ouro. De *ytá*, «pedra», *yá*, «ser amarello», *hob*, «folhas», *a*, «grão, cousa corporea, pedaço de metal, fructo, cabeça, inchação». Por contracção, *Ytá-yá'-ob-á*.

Itajubá, nome deste affluente do rio *Una da Aldéa*, é corruptéla de *Ytá-iupá*, «pedras e lagôas». De *ytá*, «pe-
dra», *iupá*, «lagôa».

Allusivo a ter muitas pedras no leito, e a formar lagôa em varios logares. Corre em terreno charcoso; mas é veloz na correnteza.

Itambé.—Morros da serra *Matto-Grosso*: no município de Batataes.

Morro, entre os municípios de S. Luiz de Parahytinga, de Natividade e de Parahybuna pela freguezia do Bairro-Alto; servindo-lhes de divisa o alto delle.

Itambé, corruptéla de *Ytá-mb-ê*, «pe-
nha ôca». De *ytá*, «pedra, penha», *mb*, intercalação nasal, *ê*, «ôco, concavo».

Allusivo a terem grutas e cavernas.

Itambé.—Cascata lindissima, no mu-
nicipio de Cunha, a $3 \frac{1}{2}$ leguas da ci-
dade.

Itambé, corruptéla de *Hetá-am-pé*, mudado o *p* em *b* por causa do som

nasal de *am*, formando, por contracção, *Heł'-am-bé*, «muitos degráus». De *hetá*, «muitos», *am*, «em pé, erecto, perpendicular», *pé*, «esquina de pedra, de madeira, etc.».

O ribeirão que a fórmula, traz o mesmo nome *Itambé*.

E' em linha recta, em degráus ou pequenos saltos, na extensão de 200 metros mais ou menos. O ultimo salto tem a altura de mais ou menos 50 metros. Do primeiro ao nível do ultimo a altura é de 250 metros.

Itamombúca.—Rio que nasce na cordilheira marítima, e desagua no oceano: no município de Ubatuba.

Itamombúca, contracção de *Ytú-mombúga*, «pedra furada de ambos os lados». De *ytá*, «pedra», *mombúga*, «furar de um ao outro lado, perfurar», com o accrescimo de *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a formar sua fóz, furando uma penedia.

A praia ahi tem o mesmo nome *Itamombúca*.

Itanguá.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no município de Mogy das Cruzes.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no município de Sorocaba.

Ytá-anguá, por contracção *Ytú'-nguá*, «pedra cavada». De *ytá*, «pedra», *anguá*, «cousa cavada, á semelhança de pilão, almofariz, morteiro».

Allusivo a terem no leito pedras cavadas, formando poços ou caldeirões.

Itanhaen.—Rio que, nascendo na serra *Itatins*, escôa-se por aquella serra abaixo, a desaguar no oceano. Tem muitas cachoeiras.

A' margem esquerda deste rio, proximo á fóz, está situada a villa da Conceição de Itanhaen.

Itanhaen, segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, significa «bacia de pedra», ou «pedra que sóa»!

Outros querem dar por origem ao nome *Itanhaen*, o morro sobre o qual

foi edificado naquelle região o convento da Ordem Franciscana; porque *ytá*, «pedra, morro», *nhaen*, «concavo».

A verdade, porém, é outra.

Itanhaen, corruptela de *Ytā-nhā-ē-i*. «conchas amontoadas á fóz». De *ytá*, «conchas», *nhā* ou *nhā*, «agregar, juntar, agglomerar, reunir, amontoar», *hē*, o mesmo que *cē*, «sahida», e com referencia a cursos d'água, «fóz», *i*, posseção significando «em».

Allusivo aos baixios de conchas e címaros de areias movediças que se formam á sua fóz, permittindo que a penetrem sómente pequenas canoas.

O celebre chronista franciscano, frei ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATAM, em seu *Novo Orbe Serafico Brasilico*, escreveu *Itanhaem*, certamente com mais correccão do que os que escrevem *Itanhaen*. O som de *Ytā-nhan-hē-i* é mesmo *Itanhaem*.

Itanhaen.—Cachoeira, no rio *Tieté*, entre as de *Avarémanduara* e de *Tiririca*; a quarta abaixo de Porto Feliz.

Alguns a consideram antes corredeira do que propriamente cachoeira.

Itanhaen, corruptela de *Etá-nhaen*, «muitos canaes». De *etá* ou *hetá*, «muitos», *nhaen* ou *nhā*, «concavidade, canal».

Allusivo a dar varias passagens por entre as rochas eruptivas que a formam.

Itáóca.—Morros, entre os municipios de Apiahé e de Itapeva da Faxina.

Morros, onde nasce o rio *Pirapóra*, á cuja margem está situada a villa da Piedade: no município de Una. Estes morros trazem o nome de *Casa de pedras*, por conterem grutas ou cavernas, algumas das quaes têm espaço para abrigar cem a trezentas pessoas. Ha ahi *aguas virtuosas*.

Não se trata de *itá-óca*, «casa de pedra».

Itáóca, nome desses morros, é corruptela de *Ytá-óó-quá*, «pedras enormes». De *ytá*, «pedra», *óó*, «grande, grosso, enorme», *quá*, particula do plural, pronunciado breve e corrido.

Allusivo á formação desses morros por enormes rochedos.

Com efeito, segundo informação local, já publicada, em relação aos morros entre Apiahé e Faxina, «ahi, enormes rochedos erectos apresentam em seu conjunto um aspecto phantastico». E, em relação aos morros no município de Una, os grandes rochedos formam desfiladeiros que se cruzam e conduzem ás grutas.

Itapanhaú.—Ribeirão, no município de Santos.

Itapanhaiú, corruptéla de *Y-tā-pā-nāú*, «estrondos lunares». De *y*, relativo, *tā*, sincope de *tatā*, «forte, duro», *pā*, «golpe, pancada, ruido de golpe», *nāú*, o mesmo que *aú*, «lunar».

Allusivo a grandes estrondos que ha na cachoeira, nos plenilunios: e, coincidindo os temporaes com os plenilunios, o povo, ignorando a lingua tupi, acredita que aquellos estrondos na cachoeira procedem das tempestades no oceano. Nessas occasões, o rio avoluma e agita suas aguas, e estas derramam-se na varzea que o margina.

Nasce na serra marítima, formando a referida cachoeira; tem curso de sete leguas mais ou menos; e, desde a barra do ribeirão *Itutinga*, é navegavel para embarcações de calado de 15 a 20 palmos. Desagua no canal *Bertioga*, um quarto de legua distante da barra deste canal.

Itapanhuapindá.—Serrote, no município de Cananéia.

Itapanhuapindá, corruptéla de *Y-tá-pán-hú-apí-nd-á*, «picos escalvados vulcânicos». De *y*, relativo, *tá*, contracção de *tatá*, «fogo», *pan*, «golpe, choque», *hú*, «revolução interior, esforço por vomitar», *apí*, «ser escalvado, descarnado, rapado», *nd*, intercalação por ser nasal a pronuncia desse verbo, *a*, «cabeça, pico, ponta elevada, inchação, grão». A traducção litteral deve ser «picos escalvados, em revolução interior, com choques e fogo».

Allusivo a ser de natureza eruptiva, bem o mostrando nos picos escalvados, no ruido interior como que esforçando-se por vomitar, e nas evaporações.

Deste serrote nasce um ribeirão, que tem nome quasi identico no som, mas muito diverso no significado, segundo o sistema usado pelos indigenas para as denominações de logares na mesma região. O ribeirão é conhecido tambem pelo nome *Itapanhuapindá*, corruptéla de *Ytá-apayúá-apí-nd-á*, por contracção, *Ytá'-payúá'-pí-nd-á*, «pedras inteiras e quebradas, revolvidas». De *ytá*, «pedra», *apayúá*, «revolver, enredar, confundir, pegar uns com outros», *apí*, «cortar, quebrar, mutilar, britar», *nd*, intercalação para ligar *apí*, que tem pronuncia nasal, a *á*, «inteiro, sem partir», assim usado em composições.

Allusivo a ter o leito obstruido com pedras inteiras e quebradas, em confusão ou revolvidas.

Itapebussú.—Logar, em que foi assentada a extinta villa de S. Felippe, 1600-1610. Este logar é no territorio que veiu a constituir posteriormente, 1654, o município de Sorocaba: tres leguas distante da cidade deste nome.

Hoje é conhecido pelo nome *Itarurú*, e tambem *Itapurú*.

(Vide os nomes *Itapurú* e *Itavurú*).

Itapebussú, corruptéla de *Ytá-peb-uçú*, «planalto grande». De *ytá*, «pedra, morro», *peb*, «plano, chato», *uçú*, «grande, largo, vasto, extenso».

Allusivo a ser essa região, á margem direita do rio *Sorocaba*, ao norte e nordeste, uma vastissima planicie, embora um pouco acima do nível das terras proximas.

Itapecerica. — Região montanhosa, em uma de cujas collinas está assentada a villa do mesmo nome.

Itapecerica, corruptéla de *Ytá-pé-ciri-ca*, «morro plano escorregadio». De *ytá*, «pedra, morro», *pé*, «plano, chato», *ciri*, «escorregar, resvalar deslisando», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser muito lamacente essa região, e por isso resvaladia ou lubrica. Com efeito, quer na collina em que foi fundada a povoação, quer mesmo na região denominada S. Lourenço, a lama

é tanta que fórmia extensos pantanaes com caldeirões. Affirmo-o, porque já sofrí os encommodos de uma viagem a esses logares, até *S. Lourenço*.

Com este nome *Itapecerica* ha um morro no municipio de Villa Bella, dando o nome a um bairro.

E' a mesma corruptéla supra.

Itapeciricuçú.—Morro, na costa marítima: no municipio de Ubatuba.

Itapeciricuçú, corruptéla de *Ytá-pi-ciri-i-qué-uçú*, contrahido em *Ytá-pi-ciri'-qu'-uçú*, «morro granítico de encosta larga em resvaladouro». De *ytá*, «pedra, penha», *pi*, «pé», *ciri*, «deslizar, escorregar», formando *pici*, «resvalar», *iqué*, «lado, costado», *uçú*, «largo, grande».

Allusivo a ser alcantilado.

Itapécuá.—Serrote, entre os municípios de Nazareth e de Juquery.

Itapécuá, corruptéla de *Ytá-pé-cuá*, «pedras quebradas e cascalho miudo». De *ytá*, «pedra», *pé*, «esquina», *cuá*, «cascalho miudo».

Allusivo a ter esse serrote, em sua formação, abundancia de pedras britadas e de cascalho miudo.

Itapema.—Morro, á margem opposta do canal da barra de Santos, em frente á cidade. Está isolado em uma extensa varzea, cujo nome corrupto é *Pae-cará*.

(Vide o nome *Pae-cará*).

Itapema, corruptéla de *Ytá-pê-ma*, «penha quebrada». De *ytá*, «pedra, penha», *pê*, «quebrar, dobrar, torcer», com o suffixo *ma* (breve), para formar supino.

Allusivo a mostrar uma cintura, estreitando-se ao meio, como as duas partes maiores de uma moella de ave.

Itapema.—Duas cachoeiras no rio Tieté: uma *Itapema-assú*; outra *Itapema-mirim*. Ambas um pouco abaixo da cidade de Tieté.

Cachoeira, no rio Parahyba: entre os municípios de Mogi das Cruzes e de Jacarehy.

Itapêma, «pedra quebrada». De *ytá*, «pedra», *pêm*, «quebrar, torcer, dobrar»,

e *a* (breve), por accrescimo, visto que acaba em consoante, ou mesmo para formar supino.

Allusivo a formar ahí um canal na penedia que atravessa o rio.

Tenho tambem lido *Itupanema*, corruptéla de *Itú-pa-nê-mâ*, «volta e revolta no arrecife». De *itú-pa*, «arrecife, baixio», *nê-mâ*, «volta e revolta de caminho».

Outros escrevem *itaipa*, «arrecifes, baixios».

Itapetininga.—Affluente do rio *Parapanema*, pela margem direita.

Com o nome *Itapetininga* ha a cidade que, embora não esteja á margem deste rio, dista apenas uma legua, mais ou menos.

Itapetininga, segundo MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, significa «logar de pedra secca!». Qual o destino que elle daria á palavra *pe*, para assim traduzir esse nome?

Itapetininga é corruptéla de *Yta-apiteny-nga*, por contracção *Ita'-pi-teny-nga*, «ladeado de penedos, e sinuoso». De *ytá*, «pedra, penedo», *api*, «ladear», *teny*, «ser sinuoso, enrodilhado», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a correr entre penedias, fazendo innumerias sinuosidades, algumas das quaes em esquinas. Segundo uma informação scientifica, este rio «segue encaixado entre barrancos altos de grez molle».

Itapetinga.—Morro extenso entre os municípios de Atibaia e de Nazareth.

Itapetinga, corruptéla de *Yta-pe-tý-ngüe*, «morro granítico cortado a prumo e ponteagudo». De *ytá*, «pedra, penha», *pê*, «cortar verticalmente, tronchar», *tý*, «ter ponta», com o accrescimo *ngüe*, particula de preterito, por ser nasal a pronuncia de *tý*, «ponta», segundo o ensina o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a ser um morro formado de uma só pedra, de quasi uma legua de extensão, apresentando em varios logares córtes verticaes ou paredões a pru-

mo: além de um pico, cuja altitude é de 1430 metros.

Itapety.—Serrote, entre os rios *Parahyba* e *Tieté*: nos municípios de Mogi das Cruzes, de Jacarehy e de Santa Izabel.

Itapety, corruptéla de *Yta-peti*, «morro granítico carcomido». De *yta*, pedra, penha», *peti*, «carcomido, rondo, picado, furado de dentro para fóra».

Allusivo à gruta que este serrote tem no alto. Não me foi possível obter a descrição do interior desta lapa.

Itapéva.—Pedra enorme, que existe no município de Nazareth, bairro da Capella, perfeitamente chata ou plana, de mais de sessenta metros quadrados.

Itapéra, corruptéla de *Yta-pé-bae*, «pedra chata». De *yta*, «pedra», *pé*, «ser chato, plano», *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Itapéva.—Morro, em ramificação da serra *Mantiqueira*: no município de São Bento de Sapucahy-mirim.

Planaltos nos municípios de Jacarehy e de Sorocaba, conhecidos por *campos*.

Itapéra, corruptéla de *Yta-pé-bae*, «morro piano». De *yta*, «pedra, penha», *pé*, «plano, chato», com o sufixo *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo a ter no cume uma planura.

Da planura do morro supra avista-se todo o curso do rio *Parahyba*, desde a cidade de Jacarehy até à villa de Boaína.

Itapéva.—Afluente do rio *Piracicaba*, pela margem esquerda: no município de Piracicaba. Faz barra próximo ao salto.

Afluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no município de Sorocaba. Faz barra logo abaixo do salto *Boturantim*, ou, como outros mais erradamente escrevem, *Voturantim*: no mesmo município de Sorocaba.

Itapéra, nome destes corregos, é corruptéla de *Ita-ipé-bo*, «logar de muitas pedras». De *ita*, «pedra», *ipé*, «muito,

muitos», *bo* (breve), para exprimir sitio ou lugar, porque não está unido a verbo.

Allusivo a correrem em região pedregosa, tendo mesmo o leito formado de pedras, na sua maior extensão.

Com efeito, o seu curso é assim; e fazem barra, proximo a dous notaveis saltos.

Itapeva da Faxina.—Campos, entre os rios *Taquary*, margem direita, e *Apiahy*, margem esquerda, ambos afluentes do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda.

Com este nome é conhecida a povoação, hoje cidade, naquelle região.

Itapera da Faxina, corruptéla de *Yta-pé-bae-chachí-na*, «morro chato enrugado». De *yta*, «pedra, penha», *pé*, «ser chato, plano», *bae* (breve), particula de participio, significando «o que», *chachí*, «enrugar, franzir», com o sufixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a serem campos com depressões ou concavidades continuadas, e irregulares muitas dellas, semelhando rugas.

Estas depressões ou concavidades são denominadas *tembé*, ou *temb-é*, «concavidades ou o que é concavo»: de *temí*, particula de participio passivo, fazendo *temb* quando precede vogal, como neste caso, e *é*, «ser concavo».

Por ter a forma concava o labio inferior do homem, os indigenas o designam pela palavra *temb-é*.

Segundo a tradição, um desses *temb-é* serviu de cemiterio a indigenas mortos; e até ha ahí uma inscrição notavel que ainda pessoa alguma logrou explicar. Mas, é duvidoso que seja isso uma inscrição, visto como os indigenas não conheciam nem praticavam a lingua escripta, como é notorio.

Itapirapuan.—Serra, na divisa do município de Apiahy com a província do Paraná.

Itapirapuan, corruptéla de *Yta-pira-puan*, por contracção *Yta-pira-puan*, «morro alto derrocado». De *yta*, «pedra, penha», *pirá*, «derrocar, desatar, esbo-

roar, *puan*, «levantado, em pé, erecto, a pique».

Allusivo a ser erecta ou a prumo, deixando ver o derrocamento de pedras soltas nas encostas.

Ha a crença popular de ser diamantifera esta serra.

Perto deste morro existe uma caverna ou gruta, de mais de 170 palmos de comprimento, e 104 de largura, com duas entradas naturaes: á altura de 100 palmos, mais ou menos. Aos lados, ha outras grutas menores.

Mas, com o mesmo nome ha um ribeirão, que ladeia a serra e desagua no rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda.

Segundo o costume dos indigenas, davam nomes identicos ou quasi identicos no som, mas diversos na significação, a logares na mesma região. Por isso, embora sóe identicamente o nome *Itapirapuan*, tanto para o morro, como para o ribeirão, o significado é diverso.

Itapirapuan, como nome do ribeirão, é *Yta-d-pira-apuan*, por contracção *Ytá-pira'-puan*, «lados empinados de pedra». De *yta*, «pedra», á, «ladear», *pira*, particula de participio passivo presente, fazendo *a-pira*, «ladeados», *apuan*, «empinado, a prumo, erecto».

Allusivo a correr entre altas margens graniticas.

Em alguns mappas, é este ribeirão que é indicado como raia divisoria nessa parte, entre a província de S. Paulo e a do Paraná. E, neste caso, o morro pertenceria á do Paraná. Mas, moradores de Apiahay impugnam essa divisa, que convém rectificar.

Com effeito, devendo ser tirada uma linha da serra *Cavoca* á cabeceira do rio *Itararé*, e contravertendo esta cabeceira, em linha recta, com a do ribeirão *Itapirapuan*, parece que o ribeirão, e não o morro, é a divisa.

Itápyra.—Nome restituído á cidade da Penha do Rio do Peixe, por acto do Governo, n.º 40 de 1.º de Abril de 1890, sob o fundamento de que «os indigenas assim designavam o rio que banha aquella

povoação, por ser pedregoso e abundante de peixe».

Os indigenas sohiam dar nomes com som identico, ou quasi identico, a logares varios na mesma região, significando porém differentemente. Muito sabios na formação dos nomes locaes, pois que estes deveriam designar os caracteristicos physicos da cousa nomeada, e não eram definitivamente aceitos senão após deliberação em assembléas nocturnas, como bem o expôz o padre IVO D'EVREUX, na obra *Viagem ao norte do Brazil nos annos de 1613 a 1614*, faziam os indigenas admiravelmente aquele jogo linguistico, quando tinham de dar nomes a rios, lagôas, montes e outros logares na mesma região.

O nome *Ytapyra* está incorrectamente escrito. Desarticulado ou desunido, mostra as duas palavras de que foi composto: *yta'-pir-a*, contracção de *yta-apir-a*.

O *y* em *pyra*, tendo pronuncia gutural, não é o mesmo que *pira*, contracção de *apir-a*.

Os indigenas denominam *yta'-pir-a* qualquer morro em forma de penha; e o morro, sobre que assenta a cidade, cujo nome tupi foi agora restaurado, tem aquella forma, com declividade ingreme para a margem do ribeirão. De *yta*, ou mesmo *ita*, «pedra, morro», *apir*, «ponta», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, segundo a lição dos grammaticos: «ponta de pedra» ou «pedra ponteaguda», dando a idéa de «penha, penhasco», eis o significado exacto do nome *Ita'-pir-a*.

Quanto ao ribeirão, que tem trazido o nome injustificavel de *Penha*, era *Itapi-rú*, «fundo pedregoso e escuro». De *ita*, «pedra», *pi*, «centro, fundo», *rú*, o mesmo que *tú*, o mesmo que *hú*, «negro, preto, escuro». Com effeito, o fundo deste ribeirão é pedregoso e escuro, e até as aguas parecem turvas. A palavra *rú* deve ser pronunciada breve e corrida, por causa do accento predominante em *pi*, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua Arte de grammatiea da lingua brasiliaca; por isso, o som é quasi identico ao de *Ita'-pir-a*.

E estes nomes nada têm com peixe; pois que não ha, em qualquer delles, a palavra *pirá*, que é a que significa «peixe».

Mas, mesmo que a palavra *pirá* estivesse compondo um ou outro desses nomes, não se seguiria que o indigena quizesse alludir a peixe; porquanto, *pirá* é tambem o verbo que significa «abrir», empregado para exprimir a acção de entesar o arco, e *apirá* significa «desatar a ponta, derrocar, cahir de bruços». Só em tres casos, o indigena, dizendo *yta-pirá*, ou *itá-pirá*, ou *y-ta-pirá*, podia referir-se a peixe: no primeiro, *yta-pirá*, significando «pedra peixe» ou «peixe petrificado», como os ha em abundancia na serra *Baturité*, em Ceará; no segundo, *itá-pirá*, «peixe a nadar»; no terceiro, *y-ta-pirá*, «peixe colhido ou apanhado».

Mesmo a palavra *Yta-pira*, se fôr escripta e pronunciada *y-tá-pira*, diverso será o significado: «o colhido, o comprado, o vendido»: de *y*, relativo, *tá*, o mesmo que *yá*, «colher, comprar», *pira*, particula de participio passivo, formado este da terceira pessoa do presente do indicativo, sem o artigo, conforme a lição dos grammaticos. A palavra *pir-a* tambem significa «crú», isto é, não cosido, «verde», isto é, não maduro: *çóó-pir-a*, «carne crúa», *iba-pir-a*, «fructa verde».

Nestes termos reclamei contra aquelle acto do Governo, no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 8 de Abril de 1890.

Ha proximo á cidade de Piracicaba um corrego affluent do rio *Piracicaba*, pela margem direita, com o nome *Yta-pira*, em referencia ao morro entre o mesmo corrego e o rio, onde foi edificada a matriz.

Itapisantuba.—Affluente do rio *Una da Aldêa*, pela margem direita: no município de Iguape.

Itapisantuba, é nome escripto em mappas: mas tenho lido tambem *Saputantuba* e *Sapula-ndúra*.

Itapisantuba, nome menos incorrecto do que aquelles, é corruptéla de *Ytá-pytá-ndib-a*, «logar de pedras avermelhadas». De *ytá*, «pedra», *pytá*, «averme-

lhada, colorada de vermelho», *ndib*, o mesmo que *tib*, «logar natural», e assim pronunciado por causa da nasalidade da palavra *pytá*.

Allusivo a ser essa região muito abundante de granito pórphyro purpureo, em cuja composição entra o feldspatho; e assim se mostra nas margens deste ribeirão em grandes depositos.

Suas aguas são côr de café.

Itapitangui.—Serra, no municipio de Cananéa.

Coin o mesmo nome nasce desta serra um ribeirão, que desagua no *Mar Pequeno*.

Itapitangui, corruptéla de *Ytá-pitangi*, «morro granítico manchado de vermelho». De *ytá*, «pedra, penha», *pitang*, «avermelhado, pardo», *i*, «ser manchado, sujo».

Allusivo a ser de *saibro*, sarapintado de ochre amarelo e vermelho.

O ribeirão tem esse mesmo nome, por causa das margens e de bancos desse barro. O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: «O rio *Itapitangui*, direcção norte-sul, onde achei bancos de argilla branca, de ochre amarelo e vermelho pulverulento; neste rio desaguam o *Juiry*, a *Cuchoeira-grande*, *Taquarurutuca*, *Pasmado* e outros. A formação geral destes rios é uma areia grossa, denominada *saibro* pelos do paiz».

Itapitinga.—(Vide o nome *Itapetinga*).

Itapixinga.—Morro granítico, no município de Bragança.

Deste morro nasce um ribeirão, que traz o nome *Tapuxinga*; aliás no som quasi o mesmo nome do morro, conforme o sistema dos indigenas de darem na mesma região a logares diversos nomes de som quasi identico, mas de significado differente.

Itapixinga, corruptéla de *Ytá-apñ-ylunga*, «morro pellado e sujo». De *ytá*, «pedra, morro», *apñ*, «ser pellado, sem

vegetação», *ŷtú*, «ser sujo», com o sufixo *n̄ga* (breve), para formar supino. Por contracção *Ytu'-pi-ŷtú-n̄ga*.

Allusivo o ser este morro sem vegetação alguma; tendo apenas parasitas, musgo e limo nas fendas de sua extensa lage.

Este morro tem a altitude de 1056 metros.

Tapuxinga, nome do ribeirão, é corruptela de *Ytá-pi-ŷtú-n̄ga*, «fundo de pedra sujo». De *ytá*, «pedra», *pi*, «centro, fundo», *ŷtú*, «ser sujo», com o sufixo *n̄ga* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter o leito granítico e sujo. Com efeito, essa região é, em geral, granítica; e o ribeirão, recebendo do morro as águas, não pôde deixar de recebê-las sujas e limosas.

A razão da pronuncia de *x* é porque o *t* é precedido de *y*, que tem pronuncia guttural e, por isso, o *t* soa como *x* para muitos. O som guttural do *y* fere também o *ú* da mesma palavra, de modo a parecer *i* fechado.

Itapuá.—Corredeira, no rio *Tieté* logo abaixo da *Caramby*: entre o Salto de Itú e a cidade de Porto Feliz.

Itapuá, corruptela de *Ytá-puá*, «pedra redonda». De *ytá*, «pedra», *puá*, «redonda».

Allusivo a ser forçada a correnteira por uma pedra redonda que aí existe.

Itapucú.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, abaixo da foz do ribeirão da Barreira.

Ytá-pucú, «pedra larga». De *ytá*, «pedra», *pucú*, «larga».

Allusivo a existir uma larga muralha de rocha eruptiva, formando um lageado continuado, sobre o qual as águas correm velozmente repartidas em vários canais, por espaço de mais de meio quilômetro. O canal principal, encostando-se no fim à barranca, parece não ter senão saída estreitíssima. É impraticável esta cachoeira.

Itapucú.—Salto, no rio *Paranapanema*, logo abaixo da cachoeira do mesmo nome.

Ytá-pucú, pedra larga». De *ytá*, «pedra», *pucú*, «larga».

Allusivo a ser formado por uma muralha que atravessa o rio, produzindo seu desnívelamento a queda vertical das águas de mais de dois metros.

Após a queda, as águas formam larga e profunda bacia com rodómoins.

Mais abaixo, há uma corredeira lenta, sob o nome de *Itapava*, em canal único, estreito e ingreme, e pedras. A descida é perigosa; a subida é impraticável para canoas regadas.

Itapucú.—Os indígenas assim denominavam os campos em cima de montes quando largos.

Em títulos de terras, no município Atibaia, freguesia de Campo Largo, este nome dado a campos sobre montes.

Assim, *Ytá-pucú* significa «morro largo». De *ytá*, «pedra, morro», *pucú*, «largo».

Itapúra.—Último salto no rio *Tieté* antes de desaguar no rio *Paraná*, mais de nove metros de altura.

Ha dous: um, maior, enjo é o nome *Itapúra*, outro, menor, acima da qual é denominado *Itapúra-mirim*.

O rio se despenha daquela altura com grande estrondo; ao mesmo tempo que os peixes, arrastados e envolvidos naquele turbilhão, dão saltos como para não sofrerem na queda o peso das águas.

Sendo «salto de pedra» como significado de *Yta-pór-a*, seria um não sentido que o indígena não praticaria; por MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Br.* acrescentou «salto do peixe», como explicar o anterior significado. Oporém, está no nome *Itapúra* ou *pór-a* a palavra *pirá*, «peixe»? Evidentemente forçada a explicação.

A verdade é esta: *Itapúra* é corruptela de *Yti-pú-rô*, «arrojado de alto a baixo com estrondo e rodómoins». *Yti*, «arrojar de alto a baixo», *pú*, «estrondo», *rô*, «revolver, fazer torvelilhos».

Com o nome *Itapúra* existe, juntamente com este salto, à margem direita do rio *Tieté*.

desde 1858, um estabelecimento militar, cuja sorte tem variado concorrentemente com a variedade de opiniões no governo.

Itapuvú.—Logar, á margem direita do rio *Sorocaba*, ao norte do município. E' o mesmo *Itapebussú*.

(Vide o nome *Itapebussú*).

Itapurú, corruptéla de *Ytá-pé-ibiy*, «morro plano, baixo». De *ytá*, «pedra, penha», *pé*, «plano, chato», *ibiy*, «baixo».

Allusivo a ser um planalto pouco elevado.

(Vide o nome *Itavuvú*).

Itaquacába.—Duas cachoeiras no rio *Tieté*: uma, a *guacáu*, immediata á *Avarémanduáva*; outra, a *mirim*, logo apóis a *Guacuritú*, no trecho entre os saltos *Avanhandava* e *Itapúra*. Alguns ainda dividem a primeira, fazendo duas successivas.

Itaquacába, corruptéla de *Ytá-quâcaba*, «pedra furada». De *ytá*, «pedra», *quâ*, o mesmo que *quâr*, «ter buraco, furo», mudado o *r* final em *c*, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliça*, quando ha necessidade de usar do verbal *ába*, para exprimir o instrumento, o modo, a causa, o intuito, a occasião, o logar, com referencia á acção do verbo, soando *cába*. Do mesmo modo o *r* final do verbo é mudado em *c*, quando, para exprimir o que fez a causa, ha necessidade de formar o particípio presente com a particula *ára*, soando *cára*.

Com effeito, ha nesses logares uma muralha de pedra, de margem á margem, atravessando o rio; apenas com um furo ou buraco, formando canal.

Itaquantúba.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no município de Villa Bella.

Itaquantúba, corruptéla de *Ytá-cuã-tib-a*, «logar de cascalho». De *ytá-cuã*, «cascalho», *tib-a*, «logar natural das cousas».

Pôde ser pronunciado *Itaquanduba*.

Itaquapeninduba.—Logar, na paróquia da Penha de França: município de S. Paulo.

Itaquapeninduba, corruptéla de *Ytá-cuã-pini-ndib-a*, «logar de cascalho pintado». De *ytá-cuã*, «cascalho, pedra miudá», *pini*, «pintar, manchar», cujo som nasal faz mudar o *t* de *tib* em *nd*, *ndib*, «logar natural das cousas», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O *i* de *tib* tem som guttural de *u* (fechado).

Allusivo a existir nesse logar abundancia de tal especie de cascalho.

Itaquaquecetúba.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de Mogy das Cruzes.

A margem esquerda deste ribeirão está a povoação *Itaquaquecetuba*, que do mesmo ribeirão tira o nome.

Itaquaquecetúba, corruptéla de *Ytá-aqâa-guecê-tiú-bae*, «o que bója por causa do penhasco». De *ytá*, «pedra», *aqâa*, «esquina, ponta», formando *ytá-aqâa*, «penhasco, esquina ou ponta de pedra», *guecê*, o mesmo que *rehé*, «por causa», *tiú*, «bojar, fazer enseada ou volta convexa, transbordar», *bae* (breve), para formar particípio, significando «o que».

Allusivo a fazer um grande alagadiço ou *banhado*, porque, forçado a desaguar no rio *Tieté*, quasi de encontro ao curso deste, por causa de um penhasco triangular que existe proximo a sua fóz, operando-se assim impedimento ás suas aguas. estas são detidas e transbordam.

Este ribeirão tem tres cabeceiras; uma das quaes nasce em uma gruta.

A povoação está mesmo proxima ao *banhado*.

O ribeirão é tambem conhecido pelo nome *Tipóia*, corruptéla de *Ti-póoi*, «em forma de rête de dormir».

Allusivo a esse mesmo *bojo* ou *banhado* supra mencionado; enoveladas as aguas nesse logar.

A rête de dormir é *io-ty-póoi*, «sacco atado pelos dous extremos». De *io*, reciproco mutuo, *ty*, «atar», formando *io-ty*, «atar os dous extremos», *póoi*, «fazer sacco, bojo».

Ti-póoi, portanto, é uma contracção de *Io-ty-póoi*, pela apléresis do reci-

proco *io*, como o usam os indigenas. Mas, este nome é apenas uma phantasia: o nome verdadeiro, exprimindo os caracteres physicos do ribeirão, é *Ytá-aqud-guccè-tiú-bae*, por contracção *Ytá-quâ-guecè-tiú-bae*.

Com referencia a um taquaral que existe entre o banhado e o penhasco, margeando o ribeirão, o nome é *T-táquâ-guecè-tub-a*, «logar de taquaras successivas». De *y*, relativo, *táquâ*, «cana ôca», isto é, *tá*, «espiga», *quâ*, «buraco, furo», *guecè*, «successivamente», *tub*, «logar das cousas», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. (*)

Os indigenas sohiam dar a logares diversos na mesma região nomes identicos ou quasi identicos no som, mas diferentes nos significados, como neste caso.

(*) Estava em aviso a seguinte nota incompleta:
O padre MANOEL DA FONSECA, na *Vida do Padre Bento de Pontes*, escreveu *Taquacóctyba* (pag. 132) e *Taquacostuba* (pag. 103).

Tratando-se de morros e penhascos, os indigenas costumam suprimir por aphéresis o *y* de *ytá*, pronunciando sómente *tá*. Quao ou quaque, como escreve o padre A. R. DE MONTOYA, no seu *Tesoro de la lengua guarani*, «passar, passagem, voltar, volta, torcer, quebrar». *Tu-quao*.

Cá, para exprimir «quasi».
Tu-qua-coel. *Cocé*, para exprimir «sobre». *Tiú-bae...*

Itaquaxiára.—Morro, no município de Itapecerica.

Itaquaxiára, corruptela de *Ytá-quatiár-a*, «pedras pintadas». De *ytá*, «pedra», *quatiár*, «pintar», com *a* (breve), por accrescimo, visto acabar em consoante.

Allusivo ás pedras manchadas que ahi existem em grande quantidade.

Itaquerê.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem direita: no município de Araraquara.

Itaquerê, corruptela de *Iti-aqui-rehê*, contrahido em *It'-aqui-rehê*, «successivamente frouxo e sujo de detritos vegetaes». De *iti*, «detritos vegetaes», *aquir*, «frouxo», perdendo o *r* final por ser seguido de *rehê*, «successivamente».

Allusivo a formar margens alagadas, por correr em quasi toda a sua extensão, em varzedo, no qual a vazante deixa detritos.

Itaquery.—Serra, no município de S. João do Rio Claro. Nesta serra ha extensos campos.

A povoação denominada *Itaquery*, está situada nesta serra.

Serra, no município de Araraquara e Jaboticabal.

Itaquery, corruptela de *Ytá-aquir-i*, «pedra em geral frouxa». De *ytá*, «pedra, morro», *aquir*, «frouxo, quebradiço», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo á formação calcarea desta serra, em quasi toda a sua extensão.

Itaqui.—Serra, nos municípios de S. Roque e de Cotia.

Affluente do ribeirão *Baruery*, pela margem esquerda: entre os municípios de Cotia e de Parnahyba. Nasce na serra acima mencionada.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: entre os municípios de Mogy-guassú e de S. João da Boa Vista.

Itaqui, seja nome da serra, seja nome dos ribeirões, é *Ytá-cuí*, e significa «muita pedra». De *ytá*, «pedra», *cuí*, «muito ou muitos».

Com effeito, os ribeirões têm os leitos cobertos de pedras, crystaes e quartzos; e a serra contém grande quantidade de crystaes de todos os tamanhos, quartzos e pedras de outras qualidades.

Itáqui é tambem o nome em tupi da pedra de amolar. Talvez exista tambem na serra e nos ribeirões essa pedra.

Itararé.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda.

Serve de divisa ás províncias de S. Paulo e de Paraná, desde que nasce na Serra-Geral até desaguar naquelle rio. Refiro-me ao *Itararé-guassú*; porquanto o *Itararé-mirim*, affluente deste, corre na província do Paraná.

Ytárare, «pedra côncava».

Allusivo aos furos que as aguas do rio abriram nos penhascos, passando algumas vezes por baixo destas pontes graníticas.

No *Resumo do itinerario de uma viagem pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema, etc., emprehendida por ordem do barão de Antonina, em 1845*, está feita a seguinte notável descripção: «Entre os dias 26 a 29 (Agosto) entramos

no *Itareré*, reunido já com o *Jaguariahyva* e *Jaguarecatú*, de cerca de trinta braças de largura, descemos por cachoeiras e baixios perto de seis leguas, onde pelo lado esquierdo entra um ribeirão, que o chamamos *Itareré-mirim*, levando á mão as canhas vasias na cachoeira *Tibuna*, d'onde navegámos por baixios, corredeiras e itopavas, quatro leguas até a cachoeira da *Bocaina*, pela qual levámos as canhas vasias á mão. Daqui, voltéa o rio por serranias em uma série de corredeiras, itopavas e baixios, encontrando-se ilhotas até sua desembocadura no *Panapanema*.

Ytá-raré não é, portanto, como o escreveu MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, «pedra levantada» ou «pedra que surge d'água».

O rio *Ytá-raré* passa debaixo de pontes graníticas, em alguns logares acima da confluencia do ribeirão *Jaguarecatú*, pela margem esquerda, e portanto do território paranaense. Uma destas pontes graníticas, que é a principal, serve á estrada geral, de Itapeva da Faxina, na província de S. Paulo, a Castro, na do Paraná; e ha ahi um registro fiscal para a cobrança do imposto de transito do gado.

Mas, além do rio, ha ainda com o nome *Itararé* uma serra, ramificação da *Paranapiacaba*, prolongando-se junto á margem direita daquelle rio.

Os indigenas usavam dar nomes idênticos ou quasi idênticos no som, mas de significados diferentes, a logares varios na mesma região. Assim, *Itararé*, nome da serra, embora sóe quasi o mesmo que *Ytararé*, nome do rio, é desarticulado deste modo: *Itá-rá-ré*, «paredões levantados successivamente». De *itá*, «pilares, armação, estantes, cousa em que outra se assenta», *rá*, «levantado, não igual», *ré*, contracção muito usada da posposição *rehé*, syncopadas as duas lettras intermedias, significando, neste caso, «successivamente», para exprimir plural e continuidade.

Allusivo a erguerem-se esses morros, ora em escarpas e encostas ingremes, ora em altos paredões, á margem do

rio. A altura destes paredões é de 100 a 200 metros; e taes morros são de rocha granulada siliciosa, de mistura ou ligada com materias calcáreas.

O rio *Ytararé*, e os outros que correm sobre essa formação geologica, a talham em alguns logares tão fundamentalmente que o leito delles quasi que desaparece, por impossivel de ser atingido, a mais de 100 metros de profundidade. As cavidades são innumeradas, por força das águas sobre esse terreno de facil desagregação. Toda essa região é diamantina.

Itararé.—Serrote, na ilha de S. Vicente: faz parte da cordilheira que atravessa a ilha, desde a villa de S. Vicente até á cidade de Santos.

O nome é dado a esse serrote, porque o mar o escavou, formando uma especie de sacco. *Ytá-raré*, «morro granítico concavo». Com aphéresis do *y*, sóa *'tá-raré*: de *ytá*, «pedra, penha», *raré*, «concavo».

Mas, segundo o sistema dos indigenas, deram á praia que enfrenta o sacco o nome *Tararé*, soando quasi o mesmo que o nome *Ytararé*. E' a praia de S. Vicente, immediata á praia *Embaré*.

(Vide o nome *Tararé*).

Itariry.—Affluente do rio *S. Lourenço*, pela margem esquerda: no inunicipio de Iguape.

Ha tambem com o mesmo nome a serra, sobre a qual desce este ribeirão. A encosta oriental cahe sobre o município de Itanhaém.

Ribeirão ou serra, *Itáriiry*, corruptela de *Itá-ri-ri*, «successivos degráos». De *itá*, «estante, armação, pilares, ou cousa que em outra se estriba», *ri*, posposição significando, neste caso, «successivamente», e, repetida, exprimindo o superlativo do facto.

Tenho lido este nome como *Itarirú*; mas não me parece correcto, porque, significando «o que contém pedra», *ytá*, «pedra», *rirú*, «vaso, cesto, o que contém», seria sem applicação a esses lugares.

Escreveu MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, que *Itariry* significa «cachoeira das conchas»!

Itári é allusivo, em relação á serra, a superposição successiva, em camadas horizontaes, de rochas que formam a mesma serra naquellea região; e em relação ao rio, é allusivo aos saltos, como que em degráos, que as aguas são forçadas a transpôr em successivas quédas, por causa daquellea mesma superposição das rochas. Ha, além dos saltos, cachoeiras impetuosaſ, das quaes a principal é a denominada *Caracol*, em zigs-zags.

Itarirú.—(Vide o nome *Itariry*).

Itatiára.—Morro, no municipio de Santos. E' no continente, quasi á margem do canal ou furo *Bertioga*.

Itatiára, corruptéla de *Ytá-atí-ára*, contrahido em *Ytá-tí-ára*, «morro granítico alto». De *ytá*, «pedra, penha», *atí*, «levantar, amontoar», com a particula *ára* para formar participio activo.

Allusivo a ser erecto e alto.

Itatinga.—Morro, no municipio do Rio Novo.

Morro, no municipio de Xiririca. E' á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*, proximo ao ribeirão *Pilões*. E' conhecido pelo nome traduzido «Pedra Branca».

Itatinga, isto é, *Ytá-ty-nga*, «pedra branca». De *ytá*, «pedra, morro», *ty*, «branco», *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo á sua formação calcarea.

No cimo do primeiro, ha uma lagôa, bastante funda, onde se abrigam as antas quando perseguidas pelos caçadores.

Dista da povoação que tomou o nome *Itatinga*, uma legua mais ou menos.

Itatins.—Ramificação da serra marítima, entre os rios *Peruhyde* e *Una do Prelado*; no municipio de Itanhaém.

Alguns dão a esta serra maior extensão; e a fazem internada no municipio *do Iguape*. — As, é erro: é uma serra

isolada por varios rios e cursos que a rodeiam.

Itatins, corruptéla de *Ytá-tý*, «graníticos ponteagudos». De *ytá*, «penha», *tý*, «ponta».

Allusivo a formar essa região corda de serra altissima, com agudos, entre os quaes o *Botucavaru*. (Vide o nome *Botucavaru*).

Estes morros, em geral, são chas vivas; alguns são escavados

MARTIUS, em seu *Gloss. Ling.* diz que *Itatins* é «cachoeira de brancas»!

Nem se trata de *cachoeira*, *serra*.

Itatúba.—Morro, entre os mun de Itapecerica e de Cotia; proximo morro *Chiqueiro*.

Morro, no municipio de Araçariguá, mais conhecido por *Itatúva*.

Itatúba, corruptéla de *Ytá-tib-a*, natural de pedras». De *ytá*, «tib para exprimir logar natural das com o accrescimo de *a* (brevi) acabar em consoante.

A corruptéla proveiu de ter so tural o *i* de *tib*.

Allusivo a existir nesses morros pedra.

Itaveráva.—(Vide o nome *Itab*

Itayassupéva.—Nome tambi pelos indigenas ao morro *Caguassu*, proximo á cidade de S. Paulo.

(Vide o nome *Caguassu*).

Itayassupéra, corruptéla de *Yta pé-bae*, «chapada, chapadão». De «pedra, penha», *uacú*, «grande mando uma só palavra—*ytá-u* *ita-guacú*, «penhasco, penha alta»; «ser chato», com a particula *bæ* para formar participio e significa que».

Itayaó.—Morro, que serve de aos municipios de S. Luiz de Itatinga, de Natividade e de Paraopeba pelo lado da freguezia do Bairr

Itayaó, corruptéla de *Ytá-yâög*, «morro granítico apartado». De *ytá*, «pedra, penha», *yâög*, «apartar».

Allusivo a ser um morro isolado das outras elevações na mesma região.

Itavúvú.—Lugar em que foi edificada a extinta villa de S. Felippe, 1600-1610. No território que depois constituiu a circunscrição municipal de Sorocaba; três leguas, mais ou menos, distante da cidade deste nome, ao norte.

E' o mesmo *Itapebussú* e *Itapurú*.

(Vide os nomes *Itapebussú* e *Itapurú*).

Itavuvú, corruptéla de *Ytá-biŷ-biŷ*, «morro granítico muitíssimo baixo». De *ytá*, «pedra, penha», *biŷ*, «baixo, não alto», repetido para exprimir superlativo.

Allusivo a ser uma planicie ou planalto, pouco acima do nível das outras terras vizinhas.

Iti.—Affuentes do rio *Una da Aldéa*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Ha o *Itingocú* e o *Itimirim*.

Iti, corruptéla de *Y-tŷ*, «atado, cingido». De *y*, relativo, *tŷ*, «atar, cingir, apertar».

Allusivo a correrem entre margens graníticas altas.

Com efeito, esses rios correm entre rochas e sobre pedras, passando às vezes por baixo destas.

O primeiro, isto é, o *Itingocú*, que é o maior, é denominado por alguns também *Despraiado*; mas o *Despraiado* é seu affluente.

(Vide o nome *Despraiado*).

O segundo, isto é, o *Itimirim*, que é o menor, é muito veloz na correnteza.

Nascem no morro *Guacunduba*.

Itinga.—Affluente do rio *Bananal*, pela margem esquerda: no município de *Bananal*.

I-ty-nга, assim chamado este pequeno correço por descer da serra *Bocaina* sobre leito de pedras brancas, e com agua crystalina, formando uma lindíssima cascata, que é avistada da cidade do *Bananal*.

I-ty-nга, «agua branca». De *i*, «agua», *ty*, «branca», com o suffixo *nга* (breve), para formar supino.

E «Agua Branca» é o nome que o povo dá a esse curso d'agua.

Itinga.—Pequeno ribeirão, de muitas voltas e sinuosidades, que liga a lagôa *Aririáia* ao rio deste mesmo nome: no município de Cananéia.

Ha tambem nessa mesma região a serra *Itinga*.

Embora soando quasi identicamente, tem significados diversos o nome do ribeirão e o nome da serra.

I-ty-nга, nome do ribeirão, significa «agua branca». De *i*, «agua», *ty*, «ser branco», formando supino com *nга* (breve).

Allusivo a ser crystalina a agua.

Itinga, nome da serra, é corruptéla de *Y-ty-ngüe*, «pontuda». De *y*, relativo, *ty*, «ponta», com *ngüe*, o mesmo que *cüe*, que nem sempre é particula de preterito, como neste caso.

Allusivo a ter essa serra alguns picos.

Itinga.—Lagôa, no município de Sorocaba. Redonda e formada em campo.

Itinga, isto é, *I-ty-nга*, significando ao mesmo tempo, por gracioso jogo linguístico, «agua presa» e «agua branca», corresponde perfeitamente aos dous caracteristicos desse logar:—é uma lagôa de agua clara. De *y*, «agua», *ty*, «atar, prender», e *ty*, «ser branco, claro», com o suffixo *nга* (breve) para formar supino.

Itituva.—Logar pedregoso, no município de Araçariguama.

Itituva, corrupção de *Ytá-tib-a*, «logar de pedras». De *ytá*, «pedra», *tib*, «logar das cousas», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

O *i* de *tib* tem pronuncia guttural.

Com efeito, nesse logar ha muitas pedras e grandes.

Itrápuá.—Varzea extensa, à margem esquerda do rio *Tamanduatehy*: no município de S. Bernardo.

Itrapuá, corrupção de *Ytiapuá-a*, «logar em que se accumulam detritos vegetaes».

De *ytiapî*, «detritos vegetaes arrojados», *á*, «colher».

Allusivo a amontoarem-se nessa várzea detritos vegetaes que as aguas do rio ahi arrojam e deixam.

Em alguns titulos de terras dão este nome ao ribeirão *Cassaquéra*; mas é confusão.

Itú.—Cidade situada na planicie *Pirapitinguy*; e, em um dos lados da povoação está o ribeirão *Caracatinga*.

Dista uma legua, mais ou menos, do *itú-guaçú*, «salto grande». De *i-tú*, «salto, golpe, queda d'agua», *guaçú*, «grande, largo».

O salto tem a altura de 9^m,75; e as aguas despenham-se saturando de evaporações o ar.

O nome *Itú* ficou á povoação, sem o accrescimo da palavra *guaçú*.

O salto é no rio *Tieté*; e hoje ha neste logar uma freguezia com a invocação de N. S. do Mont'serrate, e com o nome *Salto de Itú*, cuja prosperidade em fabricas de tecidos e de papel vae fazendo sobrepujar a velha cidade, aliás muito bem edificada e com boas igrejas.

Tambem com o nome de *Itú* ha um curto corrego que afflue no ribeirão *Branco*: no municipio de S. Vicente.

E' uma simples cachoeira que se derrama naquelle ribeirão.

Itupéba.—E' o mesmo que *Itupéva*; mas corruptéla maior.

(Vide o nome *Itupéva*).

Itupanema.—Cachoeiras no rio *Tieté*. (Vide o nome *Itapema*).

Itupema.—São as mesmas cachoeiras no rio *Tieté*, com o nome *Itapema* ou *Itúpanema*.

(Vide o nome *Itapema*).

F. DE OLIVEIRA BARBOSA, nas *Notícias da capitania de S. Paulo, escriptas em 1792*, escreveu *Itapêma*.

Itupéva.—Affluente do rio *Mogyguassú*, pela margem direita: entre os municipios de S. João da Boa Vista, de

Mogy-guassú e de Mogy-mirim. Hoje é mais conhecido pelo nome *Rio das Pedras*, por ser encachoeirado.

Corredeira, no mesmo rio *Mogy-guassú*, á fóz daquelle seu affluente.

Cachoeira, no rio *Tieté*, logo abaixo da que é nomeada *Aracanguassú*.

Cachoeira, no rio *Jundiahy*, ainda no municipio deste nome, mais conhecida por *Itupéba*. Neste logar ha uma estação da linha ferrea ituana.

Itupéra, corrupção de *Y-ty-ipé-bo*, «logar de muitas pontas». De *y*, relativo, *ty*, «ponta», *ipé*, «muitas», com a particula *bo* (breve) para exprimir logar. Por contracção, *Y-ty'-pé-bo*.

E' este *y-ty*, com som guttural, que significa «arrecife».

Y-ty-péb-a, significando «ponta chata», seria um não senso. Sôa quasi identicamente como *Y-ty'-pé-bo*; mas não significa o mesmo que este. O indigena quiz apenas assignalar as «pontas» ou «arrecifes».

A corredeira *Itupéva*, no rio *Mogyguassú*, tem arrecifes.

Itupirú.—Cachoeiras no rio *Tieté*. Ha a maior, alguns kilometros abaixo do saltete *Itúpanema*. Ha a menor, pouco antes do salto *Itapúra*.

A primeira é assignalada, comparativamente á outra, com o superlativo *Matu-elé-i*, «muitissimo», para exprimir maior perigo. Este *Matu-elé-i* passou a ser *Matto-secco*!

A segunda é tambem perigosa, mas não tanto como aquella: é passada a meia carga.

Alguns têm traduzido *Itupirú* em «Ilha secca»! Não ha duvida que *pirú* significa «secco, enxuto»; mas não se trata de *pirú*.

Itupirú, corruptéla de *Y-tu-pi-rú*, «arrecifes e rodomoinhos». De *y*, relativo, *ty*, «ponta», *pi*, «fundo, centro», *rú*, «revolver-se, revolução sobre si mesmo».

Não deve ser confundido *y-ty* com *i-tú*, embora soando quasi o mesmo; porque o *y* tem pronuncia guttural, com o som de *u* fechado.

Do mesmo modo o *ã* de *rã* tem a pronuncia guttural, com o som de *u* fechado.

Y-tá significa «pontas», ao passo que *i-tú* significa «quéda d'agua».

Ituparananga.—Salto no rio *Sorocaba*, ao descer a serra *S. Francisco*.

Ituparananga, corruptéla de *Itú-paranã-nга*, «estrondosa quéda d'agua». De *itú*, «quéda d'agua», *paranã*, «fazer estrondo, ruido grande», com o suffixo *nга* (breve) para formar supino.

Alguns escrevem, ainda mais incorrectamente, *Tuparananga*.

E já li *Ituparanga!*

Allusivo ao estrepito que, nessa quéda, entre medonhos despenhadeiros, as aguas fazem, contorcendo-se e deixando escapar evaporações neblinas.

Itutinga.—Affluente do rio *Itapanhau*, pela margem esquerda: no município de Santos.

Itutinga, corruptéla de *Itú-ty-nга*, «quéda d'agua, atada». De *i-tú*, «quéda d'agua», *ty*, «atar», com o suffixo *nга* (breve), para formar supino.

Allusivo a formar cascata com tres lindos saltos, que se avistam do oceano.

Itutinga.—Cascata que as aguas do *Rio das Pedras* formam na serra *Cubatão*: municipio de Santos.

Itutinga, corruptéla de *Itú-ty-nга*, «quéda d'agua, atada». De *i-tú*, «quéda d'agua», *ty*, «atar», com o suffixo *nга* (breve), para formar supino.

Allusivo a cahir, apertada entre penhascos, formando em apparencia, de longe, uma larga fita branca ou uma lamina de prata.

O significado «cachoeira branca» é simplesmente um não senso; porquanto não ha cascata ou quéda em que a agua não se mostre branca.

Ituveráva.—Serrote, nos municipios de Conceição dos Guarulhos e de Nazareth, aos quaes serve de divisa.

Ituveráva é corruptéla de *Ytá-beráb-*
a. (*)

(Vide o nome *Itáberába*).

(*) Ultimamente deram nome semelhante ao município do Carmo da Franca.

Ivaparanduva.—E' o mesmo rio *Guapurundúba*.

(Vide o nome *Guapurundúba*).

J

Jabaquára.—Uma das vertentes do ribeirão *Pilões*: entre os municípios de Xiririca e de Apiahy.

Nome de um corrego no município de Santos.

Nome de um corrego no município de Villa Bella: e a praia em que desagua.

Jabaquára, corruptéla de *Yâb-a-quâr-a*, «raxas e buracos». De *yâb*, «raxa, abertura natural», com *a* (breve) por acabar em consoante, *quâr*, «buraco, poço, fojo», com *a* (breve) por acabar em consoante.

Ailusivo a buracos, no leito de cada um. Correm sobre formações geológicas frouxas; por exemplo, calcarea.

Ao mesmo tempo, por um jogo linguístico, o indígena assignalou nesses cursos d'água sua grande correnteza: *Y-a-baqua-ara*, contrahido em *Y-a-baqu'-ara*, «corredor». De *y*, relativo, *a* (breve), para ligar o relativo a *baquâ*, «correr veloz», *ara*, partícula activa de particípio.

Jaborandy.—Affluente do rio *Mogyguassú* pela margem esquerda: no município de Espírito Santo de Barretos.

Affluente do rio *Sapucayah*, também conhecido por *Pinheirinho*, pela margem esquerda: no município de Santo Antônio da Alegria.

Jaborandy, corruptéla de *Yâb-bora-ndi*, «muito gretado». De *yâb*, «greta», reunir suas águas com as do *Jaboticába*, partícula de particípio, *ndi*, «muito».

E' possível que no lugar haja abundância da árvore jaborandy, tão utilmente

empregada na medicina. Mas, o indígena, se disso cogitou para a denominação dos sobreditos ribeirões, foi sómente como jogo linguístico.

Jaboticaba.—Affluente do rio *Una d'Aldêa*: no município de Iguape.

Nada tem este nome com a saborosa fruta preta *jaboticaba*, da família das Myrtaceas; sendo, aliás, certo que nessa região abunda essa fruta.

Jaboticaba, corruptéla de *Y-iapó-téc-ába*, por contracção *Y-iapó-téc'-ába*, «lugar pantanoso». De *y*, relativo, *iapó*, «pantano, charco», *téc*, «ser», no sentido de lei, condição, estado, costume, hábito, natureza, com o acrescimo *ába* para formar particípio, exprimindo lugar, modo, instrumento.

Com efeito, o terreno sobre o qual corre este ribeirão, é charcoso; e suas águas são denegridas, por atravessarem pantanaes. No tempo das chuvas, porém, é muito corrente.

Parece que o nome é mais dessa região, do que propriamente o ribeirão.

Jaboticabal.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: entre os municípios de Guaratinguetá e de Lagoinha. Afflui ao rio *Parahytinga*, já sob o nome de *Rio do Peixe*, depois de reunir suas águas com as do *Jaboticába*.

Jaboticabal, corruptéla de *Y-apó-yli-*

caba-á, por contracção *Y-apó-ylicab'-á*.

«sinuoso e arrojado aos saltos». De *y*, relativo, *apó*, «salto», *yticaba*, de *ytig*, «arrojar», com o accrescimo *ába*, e mudado o *g* em *c*, para formar participio, exprimindo logar, modo, etc., *á*, «torcer e fazer voltas».

Com effeito, este ribeirão nasce no alto da serra *Quebra-cangalhas*; e logo que nasce, e á distancia de cerca de kilometro e meio, precipita-se, formando salto encachoeirado de 14 metros de altura; e mais abaixo á distancia de cerca de um kilometro, precipita-se de novo, formando outro salto encachoeirado de 18 metros de altura.

Antes de fazer juncção com o *Jaboticatuba*, ha outras cachoeiras e saltos menores; mas, 50 metros acima dessa barra, ha um de 3 metros de altura, e em seguida um poço, e logo após as aguas se alargam e espraiam.

Com o nome *Rio do Peixe*, afflúem os dous ribeirões no rio *Parahytinga*, no logar *Jaguarão*.

Jaboticabal.—Villa situada em um morro, duas leguas distante da margem esquerda do rio *Mogy-guassú*.

A serra, que deu o nome á villa, e começa proximo a ella, é *Yâb-yticá-abá*, por contracção *Yâb-ytic'-abá*, «muitas fendas e derrocamentos». De *yâb*, «greta, fendas, rachas», *yticá*, supino de *ytig*, «derrocar», mudado o *g* em *ca* (breve), *abá*, «muitos», posposto e regendo tanto *yâb* como *yticá*.

Allusivo a ter derrocados os cimos, com grutas ou cavernas na base.

(Vide o nome *Araraquara*).

Se ha muitas arvores de jaboticaba nessa serra, o nome tupi da serra teria sido logo referido a essa fructa. Com effeito, *yaboticabá*, contracção de *yabotic'-abá*, significa «muita jaboticaba».

Os indigenas costumavam fazer esse jogo linguistico nas denominações, para logares na mesma região, com som identico, mas significando differentemente.

Ainda que existisse nessa região «abundancia de jaboticaba», significado de *yabotica-tib-a*, o indigena não cogitaria disso

para denominar o ribeirão. Fez ahi apenas o costumado jogo linguistico.

Jaboticabeira.—Affluente do rio *Barreiro*, e este do ribeirão *Morungava*: entre os municipios de Santa Barbara do Rio Pardo e de Lençóis.

Jaboticabeira, corruptéla de *Y-apó-yticába-yérè*, «sinuoso e arrojado aos saltos». De *y*, relativo, *apó*, «salto», *yticába*, «arrojar», levado ao participio pelo accrescimo de *ába*, mudado o *g* em *c*, exprimindo logar, modo, etc., *yérè*, «volta». Por contracção *Y-apó-yticab'-yérè*.

Com effeito, este corrego desce do alto da serra dos *Agudos* fazendo successivas voltas, e aos saltos, de quenda em quenda.

Jaboticahú.—Varzea, á margem esquerda do rio *Tieté*, no municipio de S. Paulo, freguezia do Senhor Bom Jesus do Braz.

Jaboticahú, corruptéla de *Y-apotí-ig-aú*, «suja de detritos vegetaes e animaes». De *y*, relativo, *apotí*, «ser sujo», *ig-aú*, «detritos ou escumas do mar ou de rio». Por contracção *Y-apot'-ig-aú*.

Allusivo a ser uma varzea, em que após a vazante do rio *Tieté*, ficam detritos de toda a especie, ahi deixada pelas aguas formando manchas.

Jaboticatuba.—Confluente do ribeirão *Jaboticabal*, pela margem esquerda: no municipio de Lagoinha.

(Vide o nome *Jaboticabal*, ribeirão).

Jaboticatuba, corruptéla de *Y-ibitú-catú-bo*, «logar de vento forte». De *y*, relativo, *ibitú*, «vento», *catú*, para exprimir superlativo, *bo*, particula denominativa do logar. Não é pois o nome do ribeirão, senão do logar em que nasce, na serra *Quebra-Cangalha*.

Com effeito, esse logar é conhecido pelo nome *Boqueirão do vento*; traducção livre de *Y-ibitú-catú-bo*.

O ribeirão desce a serra aos saltos e com temiveis cachoeiras; e, após um percurso, de mais de duas leguas, conflui com o *Jaboticabal*, e ambos reunidos tomam o nome *Rio do Peixe*, ate desaguarem no rio *Parahytinga*.

Jacaré.—Affluente do ribeirão *Cururú*, ou, antes do ribeirão *Pirahy*, pela margem direita: no municipio de Cabreúva.

(Vide o nome *Cururú*).

Jacaré, corruptéla de *Y-áqua-ré*, «muito corrente». De *y*, relativo, *áqua*, «correr», *ré*, o mesmo que é, «destreza, ligeireza». Este é, em todas as significações varias, sóe ser precedido do *r*, para bem destacar a pronuncia das palavras, evitando a contracção.

Com efeito, é um ribeirão apenas arqueado, mas quasi sem voltas, precipitando suas aguas por declive na serra, até desaguar no *Pirahy*, já mencionado.

Como se vê, o nome deste ribeirão é inteiramente estranho ao saurio, denominado *yacaré*, cujas tres especies brasiliicas são: o *assú*, o *tinga*, o *cúrnia*.

O *assú* é a especie maior; chega a ter $5\frac{1}{2}$ metros de comprido. A's margens do rio *Amazonas*, no tempo do verão, empilham-se aos centos, uns sobre outros, simulando madeiras cortadas. Se passa por ahí homem ou animal, a pilha move-se logo, e o infeliz é devorado. O *assú* é preto, esbranquiçado no dorso e branco no ventre.

O *tinga* é a especie menor; não atinge mais de 2 metros. E' pardo-esverdeado-claro.

O *cúrnia*, especie intermediaria entre as duas supra mencionadas, é esverdeado-escuro, com escamas asperas, e muito catinguento.

Jacaré-guassú.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio do Rio Novo.

Desagua em frente ao *Salto-Grande*.

E' hoje conhecido pelo nome *Rio Novo*, á cuja margem esquerda foi fundada a povoação, hoje villa de S. José do Rio Novo.

Jacaré-guassú, por existir outro affluente do mesmo rio *Paranapanema*, pela mesma margem, e proximo, tambem nomeado *Jacaré-mirim*, por ser menor.

Jacaré, corruptéla de *Y-áqua-ré*, «muito corrente». De *y*, relativo, *áqua*, «cor-

rer», *ré*, o mesmo que é, «destreza, ligeireza».

Com efeito, esses douis ribeirões, com suas quedas e corredeiras, soffrem um desnivelamento notavel.

Jacaréguáva.—Pequeno rio, no municipio de Santos. Desagua no laga-mar da *Bertioga*.

Jacaréguáva, corruptéla de *Y-dquay-ré-guad-bo*, «enseada e alagadiços». De *y*, relativo, *áqua-yérè*, «enseada», *guáá*, «alagadiço, banhado», *bo* (breve), para designar logar.

Allusivo ás varzeas que o marginam e que no tempo das chuvas são alagadas.

Jacarehú.—Rio, na ilha *Cardoso*, no municipio de Cananéa.

Sua extensão é de $1\frac{1}{2}$ kilometro.

Jacarehú, corruptéla de *Y-áquá-áruáu*, por contracção *Y-áqu'-ar'-au*, «pouco corrente». De *y*, relativo, *áqua*, «correr», levado ao particípio pela particula *áru*, e *au*, para exprimir defeito na acção.

Allusivo a serem quasi paradas suas aguas.

Seu leito é pantanoso, e algumas vezes se alaga: suas margens são bordadas de mangue.

Jacarehy.—Cidade situada a margem direita do rio *Parahyba*.

Este nome nada tem tambem com o amphibio *Jacaré*, como alguns pretendem atribuindo ao indigena tal disparate ou tolice, sob a capa de lenda.

Jacarehy é corrupção de *Y-áquá-yeré-ei*, «esquina e volta desnecessaria». De *y*, relativo, *áqua*, «esquina, ponta», *yeré*, «volta», *ei*, «inutil, ocioso, sem necessidade, sem fim algum, sem causa, caçoadia». Ha mesmo a phrase *i-áquá-yeré*, «enseada, ou volta de rio». Por contracção *Y-áquá'-re-ei*.

Allusivo á volta desnecessaria do rio *Parahyba* nesse logar: o qual, mais abajo, faz sacco ou enseada, em terreno baixo, simulando uma lagôa: é o *Avarehy* ou *Averehy*.

(Vide o nome *Avarehy*).

Na supra referida primeira volta, ha a pedra *Cassununga*, que recebe de encontro as aguas do rio, fazendo-as tomar outra direcção; de forma que a pedra é o vertice daquelle angulo agudo.

O indigena entendia que era desnecessario que o rio procurasse aquella pedra.

(Vide o nome *Cassununga*).

Jacarehy.—Afluente do rio *Jaguary*, pela margem esquerda: nos municipios de Santo Antonio da Cachoeira e Bragança.

Jacarehy, corruptéla de *Y-aquá-yeré-eh*, «muitas esquinas e voltas». De *y*, relativo, *áquá*, «esquina», *yeré*, «volta», *eh*, «muitas». Por contracção *Y-áquá-yeré-eh*.

E' assim realmente este pequeno ribeirão em seu curso: successivas voltas esquinadas.

Jacarépaguá.—Reunião das aguas dos rios *Branco*, *Peruhibe* e outros, formando golfo, após uma volta esquinada, ao norte da serra *Itatins*: no município de Itanhaém.

Jacarépaguá, corruptéla de *Y-á-úá-yeré-pi-guáá*, por contracção *Y-áquá-re-pi-guáá*, «volta esquinada e golfo». De *y*, relativo, *áquá*, «esquinado», *yeré*, «volta», *pi-guáá*, «golfo, bahia».

Allusivo a formar-se ahi uma volta bastante aguda, e bahia ou enseada, em comunicação com o oceano.

No município do Rio de Janeiro ha o rio *Jacarépaguá*, que de certo ponto para cima é nomeado *Aqua Branca*, corruptéla de *Áqua-banca*, «esquinado e torcido», de *áquá*, «esquinado», *banca*, supino de *bang*, «torcer», mudado o *g* em *ca* (breve); e ha a serra com o mesmo nome.

Jacaré-pipira.—Dous affuentes do rio *Tieté*, pela margem direita: nos municipios de Araraquara, S. Carlos do Pinhal, Brotas, Dous Corregos e Jahú.

Ha dous: *Jacaré-pipira-guaçú* e *Jacaré-pipira-mirim*. Este é, nas cabeceiras, *Feijão*; e logo que afflue o ribeirão *Lobo*, é *Jacaré-pipira*.

Em Leis Provinciales de divisas, está escripto, em vez de *pipira*, *popira*; mas foi erro.

O *Jacaré-pipira-guaçú* é conhecido vulgarmente por «*Jacaré-Grande*»; o outro, só por «*Jacaré*».

Este nome nada tem com o amphibio *Jacaré*. E' corruptéla de *Y-áquá-yeré-pipira*, «com voltas esquinadas e apertado». De *y*, relativo, *áquá*, «esquina», *yeré*, «volta», formando a palavra *i-dquá-yeré*, «enseada ou volta do rio», *pi*, «apertar, pensar», com a particula *pira* (breve), para formar particípio passivo.

Allusivo a terem muitas e successivas voltas esquinadas, correndo entre barreiras altas.

O *guaçú* desagua abaixo do *mirim*: isto é, descendo o rio *Tieté*, o *mirim* é anterior ao *guaçú*.

Ambos tem as cabeceiras nas serras entre os rios *Tieté* e *Mogy-guaçú*.

O significado de *MARTIUS*, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, «rio onde os jacarés apanham peixe», é simplesmente um não senso.

Já li que *aJacré-pipira* significa «*Jararézinho*! Arrojo da ignorancia...»

Jaceguáy.—Afluente do rio *Mboy-guassú*, pela margem direita: entre os municipios de Santo Amaro e Itapece-rica.

Jaceguáy, corruptéla de *Y-docé-guáá*, «muitas enseadas». De *y*, relativo, *áocé*, para exprimir abundancia e excesso, *guáá*, «enseada, banhado».

Allusivo a ser muito sinuoso, e com banhados ás margens.

Jacob.—Cachoeira, no rio *Tieté*; acima da *Avaremandoáva*.

Jacob, corruptéla de *Haqueóg*, «torcida».

Allusivo a fazer voltas o canal, por causa da posição torcida do arrecife.

Abaixo desta cachoeira, que tem o desnivelamento de 1 metro por 300 de extensão, o rio estreita-se, ficando reduzido a 20 metros de largura.

Jacú.—Afluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no município de Pinheiros.

Ha dous *Jacú*: o *Jacú* e o *Jacú-nirim*.

Afluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem esquerda: no município de Espírito Santo da Boa Vista. Servia de antiga divisa entre os municípios de Itapetininga e de Botucatú.

Jacú, nome destes ribeirões, não tem referencia alguma ao *jacú*, semelhando o faisão, do qual ha quatro espécies: o *assú*, o *tinga*, o *pema*, o *cógea*, corrompido com *cáca*.

O *jacú-assú*, tambem conhecido por *jacú-pytí*, ou *jacú-ipé*, sarapintado; o *jacú-tinga*, por predominar nesta espécie a cõr branca nas azas e na poupa, ainda que as costas sejam de cõr quasi negra com reflexos metallicos azues; o *jacú-pêma* ou *jacú-pêmba*, ou *jacú-peña*, verde-bronzeado, rajado de amarelorruivo; e o *jacú-cógea*, corrompido em *jacú-cáca*, preto. Todos, porém, têm no pescoço, pelo lado inferior, uma pequena mancha de pennas vermelhas cõr de sangue.

O *jacú* é maior do que a gallinha, e de facil domesticação. Sua carne é apreciada.

Jacú, nome dos ribeirões, é corruptela de *Y-acú-i*, «cahido». De *y*, relativo, *acú*, «cahir-se».

Os dois primeiros nascem na serra *Mantiqueira*; e o terceiro na serra *Botucatú*.

Allusivo a descerem suas aguas aos saltos, vindos de logares altos.

Jacúba.—Afluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no município de S. João da Boa Vista.

Jacúba, corruptela de *Y-acú-bae*, «o que é quente». De *y*, relativo, *acú*, «quente», com o suffixo *bae* (breve) para formar participio, significando «o que».

Este nome nada tem com *jacúba*, que é atribuido exclusivamente a uma preparação de agua, farinha e assucar, para beber. *Jacúba*, com referencia a esta e a outras identicas preparações, é cor-

ruptela de *Y-á-cú-bae*, «o que se bebe», isto é, «bebida». De *y*, relativo, *á*, «se», precedendo o verbo neutro *cú*, «beber, sorver, tragar», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Não é, portanto, termo africano, como o pensou JOSÉ VERRISSIMO, em sua obra *Scenas da vida amazonica*.

O ribeirão *Jacúba* tem, com effeito, em suas cabeceiras, caldas as aguas. Nasce em ramificação da mesma serra, onde existem os denominados *Poços de Caldas*.

Jacuhy.—Afluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: nos municípios de Cunha e Lagoinha.

Jacuhy, corruptela de *Y-á-cuí*, «arenoso». De *y*, relativo, *á*, «grão, grânulo, cabeça», *cuí*, «pó», formando *á-cuí*, «pô granulado ou em grãos».

Allusivo a ter muita areia no leito. Suas aguas são frias e claras.

Nasce na serra maritima, a noroeste, no logar *Gramma*.

(Vide o nome *Gramma*).

E' encachoeirado; e tem a famosa cascata *Desterro*, cuja queda vertical é de 25 a 30 metros, mais ou menos.

(Vide o nome *Desterro*).

Com o mesmo nome *Jacuhy*, ha um afluente no rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de S. Paulo (freguesia de N. S. da Penha de França).

Jacupiranga.—Afluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no município de Iguape.

A' margem do rio *Jacupiranga* está uma povoação que ora traz o mesmo nome; mas é a antiga *Botujurú*.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO REBEIRO DE ANDRADA, no *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu *Jacajeiranga*. Isto prova que *Jacupiranga* é uma corruptela posterior á aquella data. Nem mesmo o nome poderia ter referencia á ave *jacú*, porque não ha especie de *jacú* com a denominação *jacupirâ-nga*, significando «jacú vermelho».

Jacupiranga é, portanto, corrupção de *Y-áquá-yerê-ã-ngûe*, «voltas esquinadas e altas». De *y*, relativo, *áquá*, «esquina», *yerê*, «volta», *ã*, «em pé, empinado», *ngûe*, partícula de preterito, o mesmo que *cûe*, assim mudado em *ngûe*, por causa da pronúncia nasal do verbo *ã*. Contrahido em *Y-aquá-yer'-ã-ngûe*.

Allusivo às muitas voltas esquinadas do rio, formando paredões. São logares perigosos por causa dos rodomoinhos.

A's margens deste rio, em quasi toda a sua extensão, houve exploração de ouro.

Jacurú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de S. Paulo.

Jacurú, corruptela de *Y-acury*, «apresado». De *y*, relativo, *acury*, «velocidade, presteza, pressa».

Allusivo a ser muito corrente.

Jacurupáva. — Corredeira, no rio *Tieté*; abaixo da cachoeira *Araréman-doara-mirim*.

Jacurupáva, corruptela de *Y-acury-páva*, «corredeira». De *y*, relativo, *acury*, «presteza, velocidade, pressa», *páva*, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, causa, instrumento, etc.

Jacusinho. — Affluente do ribeirão *Santo Ignacio*, pela margem esquerda: no município de Rio Novo.

Jacusinho, corrupção de *Y-acú-tí*, «quente e vaporoso».

(Vide o nome *Jacutinga*).

Não é o mesmo *Jacutinga*; mas é o mesmo significado.

Jacutinga.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no município de Rio Novo.

Affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem esquerda: no município de S. João da Boa Vista. E' originario de Minas Geraes.

Affluente do ribeirão *das Cruzes*, e este do ribeirão *Mogy-guassù*, pela margem esquerda: no município de Jaboticabal.

Y-o-cotí-nga, «volteador». De *y*, relativo, *o*, reciproco, *cotí*, «voltear, dar

voltas», *nga* (breve), para formar supino. Aquelle *o*, reciproco, serve para exprimir que as voltas são tantas e sucessivas que parecem dobrarem-se sobre elas mesmas, nada adiantando o viajante.

Com efeito, assim são esses cursos d'água.

Ha muitos outros corregos com este nome na província.

Nada tem, portanto, este nome com a especie da ave *jacu*, denominada *jacutinga*.

Jaguacahen.—Enseada á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*: no município de Iguape.

Jaguacahen, corruptela de *Y-i-guââcaê*, «enseada secca». De *y*, relativo, *i*, «rio», *guââ*, «enseada», *caê*, «secco, enxuto». O *i* «rio», sóa como *a* fechado.

Allusivo a ter o rio mudado ahi o seu curso, irrompendo uma pequena península e deixando entre o leito velho e o novo uma ilha. O leito velho ficou quasi obstruído; e, em tempos de falta de chuva, secca.

Jaguamimbába.—Este nome era o da extensão mais elevada da grande serra *Anã-ti-quir-a*, corrompido em *Mantiqueira*.

(Vide o nome *Mantiqueira*).

Jaguamimbába, corruptela de *Y-áquá-mi-mbába*, «logar em que as pontas se escondem». De *y*, relativo, *áquá*, «ponta», *mi*, «esconder, occultar», levado ao particípio pela partícula *ába*, precedido de *mb* por ser nasal a pronúncia de *mí*, para exprimir o logar.

Mais em Minas Geraes do que na província de S. Paulo, o nome *Jaguamimbába* é conservado; porque, de facto, os picos da grande serra mostram-se alli mais envolvidos em constante nevoeiro branco.

Os portuguezes, entendendo que o nome *Jaguamimbába* era corruptela de *guaybí-ába* ou, melhor, *guaybí-mb-ába*, «cabello de velhas», mesmo por causa do nevoeiro branco, deram ao principal

rio que nasce nessa serra o nome de *Rio das Velhas*, substituindo o nome *tupi*.

Jaguaovira.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: entre os municipios de Apiahy e de Xiricá.

Jaguaovira, corruptéla de *Y-áquá-o-bir-a*, «esquinado, e alto de ambos os lados». De *y*, relativo, *áquá*, «esquinar, esquina», *o*, reciproco, para exprimir plural e comunicação, *bir*, «levantar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. E' o mesmo *Taquarovira*, um pouco acima da fóz do ribeirão *Betary*. O nome *Taquarovira* é corruptéla de *T-aquá-ro-bir-a*, e, pois, é ainda o mesmo nome *Y-aquá-o-bir-a*, só com a diferença de ter sido substituido o relativo *y* por *t*, e o reciproco *o* pela particula *ro*, para exprimir o exercicio mutuo da acção do verbo, com referencia ás duas margens.

Na substancia, os dous nomes são identicos, como foi acima demonstrado; e são allusivos a formar o rio muitas esquinas em seu curso, e sempre entre margens altas.

Jaguaquára.—Morro ponteagudo no municipio de Cabreúva.

Jaguaquára, corruptéla de *Y-aguá-aquá-rô*, por contracção *Y-aguá-quâ-rô*, «redondo e ponteagudo». De *y*, relativo, *aguá*, «redondo», *quâ*, «ponta», *rô*, «pôr-se».

Jaguára.—Logar no *Rio Grande*, em que se formou a passagem para os que iam da região, que depois foi capitania e província de S. Paulo, á Ube-raba e a outros pontos de Minas Geraes e da de Goyaz.

Actualmente, a estrada de ferro Mogyana construiu ahi uma bella ponte com trilhos para seu trem rodante.

Jaguára, corruptéla de *Y-aquá-yerê*, «volta esquinada». De *y*, relativo, *áquá*, «esquina, esquinar», *yerê*, «volta».

Com effeito, o *Rio Grande* forma ahi uma volta com esquina bem pronunciada.

Por causa do accento agudo em *áquá*, a palavra *yerê* seria pronunciada breve e corrida, quasi fazendo a contracção *Y-áquá-erê*.

Jaguarahé.—Affluente do rio *Tietê*, pela margem esquerda: entre os municipios de Cotia e de Santo Amaro.

Jaguarahé, corruptéla de *Y-áquá-reb*, «sucessivamente esquinado». De *y*, relativo, *áquá*, «esquina e enseada», *reb*, posposição significando, neste nome, «successivamente».

Com effeito, este ribeirão forma, em seu curso, successivos zig-zags.

A estrada antiga da cidade de S. Paulo á villa da Cotia o atravessa nas cabeceiras.

Jaguareté.—Affluente do rio *Panapanema*, pela margem direita. Ainda em sertões povoados de indigenas.

Jaguareté, corruptéla de *Y-aquâ-ára-eté*, por contracção *Y-aqu'-ar'-eté*, «muito corrente». De *y*, relativo, *áquâ*, «correr», accrescido com a particula *ara*, para formar particípio activo, *eté*, para exprimir superlativo.

Sem duvida, naquelle região ha o animal feroz *jaguareté*; mas o indigena não cogitou disso para denominar o rio.

Com effeito, este curso d'água desce do espicão alto dos *Agudos*, em leito ingreme, com um desnivelamento de mais de um metro por kilometro.

Neste ribeirão, ha um grande salto logo que deixa o campo e entra na matta: alcô de outros menores.

Jaguary.—Rio que, depois de receber as aguas do rio *Camandocaia*, e juntando-se ao rio *Atibaia*, forma o rio *Piracicaba*: entre os municipios de Bragança, Amparo, Itatiba e Campinas. E originario da Província de Minas Geraes.

Affluente do rio *Mogy-guassu*, pela margem direita: entre os municipios de S. João da Boa Vista, de Casa-Branca de Pirassununga e de Santa Cruz das Palmeiras. Tem o nome *Jaguary-mirim*, para o distinguirem do rio *Jaguary*, confluente do rio *Piracicaba*.

Afluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita; entre os municipios de S. João da Boa Vista e de Casa Branca. E' tambem conhecido por *Jaguary do Campo*.

Afluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Xiririca.

Afluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santa Izabel, de Patrocínio, de S. José dos Campos e de Jacarehy.

E' *Jaguary-mirim* até a sua confluencia com o *Rio do Peixe*. Ahi ha um imponente salto, de tres metros de altura.

Segundo MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, o nome *Jaguary* significa «rio das onças»!

Não é verdade.

Antes, porém, de explicar o nome *Jaguary*, com referencia aos mencionados cursos d'agua, devo dizer alguma cousa acerca da *onça*, animal feroz.

Os indigenas o nomeavam de dous modos, e mesmo para distinguir suas especies: quer como assaltante de cima ou de logar superior, *oó-océ*, de que a palavra «onça» é corrupção (de *oó*, terceira pessoa do indicativo do verbo *aó*, «brigar, assaltar», *océ*, adverbio para exprimir posição superior ou de cima), quer como agarrador para devorar, *yá-guara* (de *yá*, «colher, agarrar», *guara*, participio de *ú*, «comer, devorar»). Mesmo o participio de *aó*, «brigar, assaltar», é *yaguara*, soando quasi o mesmo que *ya-guára*.

A denominação «onça», como se vê, é portanto tupi. Os lexicographos portuguezes, vendo-se em difficultades para explicar a origem da palavra, perderam-se em conjecturas: CONSTANCIO considera «onça» como corrupção de «lynxe»; CALDAS AULÉTE considera a palavra «onça» como de formação italiana — *Lonza*.

A *yá-guára* ou *ya-guára*, de especie legitima, ou de geração não cruzada, é nomeada *yá-guira-éte* ou *yaguara-éte*, pois que *éte* serve para assinalal-a como «verdadeira».

O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, na palavra *yaguárar*, mencionou o cão, o leão, a onça, o lobo, o zorilho, o tigre e outros animaes menores. Creio, porém, que é exagerada essa classificação; se bem que, uns como carniceiros, e outros como simplesmente mordedores, possam ser *yá-guára*, que é participio de qualquer dos verbos irregulares *ú*, «comer, devorar», e *çuiú*, «morder».

Mas, em summa, a onça não podia ter dado o nome a esses cursos d'agua.

Desses animaes ferozes ha: a *oó-océ*, corrompido pelos portuguezes em «onça», ou *océ-oó*, corrompido pelos franceses em *ocelót*, só com a diferença de ser posposto ou anteposto ao verbo *oó*, o adverbio *océ*; e a *guá-coó-ará*, nome este corrompido em *guaçú-rá* pelo padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, ou *suassú-rana*, ou mesmo *çuçúarana*, como têm escrito outros ainda mais incorrectamente. Com effeito, o nome *guá-coó-rá* é o verdadeiro: é apócope de *guá-coó-rama* ou de *guá-coó-rangue*, figura muito usada em tupi, exprimindo habito natural de «comer carne», ou a qualidade de «carniceiro»: de *guá-rama*, futuro do verbo *u*, «comer, devorar», ou de *guá-rangue*, preterito e futuro mixto do mesmo verbo, intercalada a palavra *coó*, «carne», para exprimir a intima relação do verbo com o caso, formando uma só palavra.

Tanto a *oó-océ*, como a *guá-coó-rá*, tem varias especies, que se distinguem pela côr: *pýtá*, «vermelha», *pýtatin*, «parda-violacea», *pini-ma*, «pintada, ou manchada», *pi-húú-na*, pronunciado *pixuna* por causa do *h* aspirado, «preta», *tauá*, «amarilla», e diversas outras côres produzidas em gerações hybridas.

Além destas especies, ha a *nabaracáia*, que alguns pronunciam *maracajá*, tambem conhecida pelo nome *yá-gua-tiriri-ca*, corrompido em *já-gua-tiri-ca*, significando «o que se arrasta para agarrar». De *yá*, «agarrar», *guá*, apócope de *guára*, particula de participio activo, *tiriri*, «arrastar», com a particula *ca* (breve), para formar supino.

E' a especie gato.

Allusivo ao movimento rasteiro que faz antes de assaltar; ao inverso das outras especies que, ou assaltam de cima ou de logar superior, ou erguem-se sobre as patas trazeiras, enfrentam a victimia, e a agarram.

A *mbarácáia* fornece tres sub-especies; além das hybridas.

O nome *mbarácáia* é composto de *mbaê-rá-cái-á*, «manchas imitando queimado». De *mbé*, particula que só prececer a substantivos em certos casos, *rá*, «mancha», *cái*, «queimar», *á*, «imitar».

A sub-especie *mba-rá-cái-yú*, significa «manchas de amarello queimado». De *yú*, «amarello».

Cóm effeito, nas côres do gato *mbaracáu* entram o cinzento-amarellado e o pardo quasi negro, formando listas e manchas no pello.

Afastada a idéa de *onça* no nome *Jaguary*, de sorte que os viajantes podem transpôr sem perigo esses cursos d'agua, embora expostos a ser devorados nas mattas por esses mesmos animaes ferozes, digo que *Jaguary* é corruptéla de *Y-áquá-ri*, «successivamente esquinado». De *y*, relativo, *aqua*, «esquinar, esquina», *ri*, posposição significando, neste caso, «successivamente». Tambem pôde ser *Y-aquá-ara-i*, contrahido em *Y-aqu'ar'-i*, «perseverantemente esquinador»; isto é, levado o verbo *aquá* ao participio pelo accrescimo da particula *ára*, significando «esquinador», e *i*, posposição de perseverança. Quer um, quer outro modo, ambos exprimem o mesmo facto.

Allusivo ás muitas esquinas ou voltas angulares que esses rios e ribeirões formam em seu curso, mais ou menos accidentado.

Jaguary.—Ilha, no rio *Ribeira de Iguape*, proximo á villa de Xiririca, com o nome *Jaguary*; mas tira-o da enseada ou sacco que o rio *Ribeira de Iguape* forma nesse logar, *i-aguá-ri*, «em frente da enseada do rio»: de *i*, «rio», *aguá*, «enseada, sacco», *ri*, «em frente».

Jaguary.—Morro, entre o rio *Una* do *Prelado* e *Rio Verde*: no municipio de Iguape.

Jaguary, corruptéla de *Y-aquá-ri*, «com ponta». De *y*, relativo, *aquá*, «ponta», *ri*, «com».

Allusivo a ser ponteagudo.

Mal e indevidamente tem sido confundido com o *Garaú*.

(Vide o nome *Garaú*).

Sua base é de pedras nuas.

Jahú.—Affluente do rio *Jacaré-pipa-mirim*, pela margem esquerda: nos municipios de Jahú, Brotas e Dous Corregos.

Desde o territorio da freguezia do Sapé, subindo até o ponto de denominar-se *Prata*, corruptéla de *Pái-la*, «pendurado», allusivo a cachoeira e cascatas, é *Jahú*, corruptéla de *Y-ayú*, «o que se estreita». De *y*, relativo, significando «o que se», *ayú*, verbo neutro, «estreitar, ter garganta».

(Vide o nome *Prata*).

Allusivo a estreitar-se em varios ló-gares, fazendo gargantas, entre montes.

Nada, pois, tem este nome com o peixe *jahú*, especie grande de bagre, excedendo em comprimento a um metro, com grossura proporcional. Este peixe de couro abunda nos rios maiores da provinicia de S. Paulo.

Jambeiro.—Villa, ás margens do ri-beirão *Capirary*.

(Vide o nome *Capirary*). O nome é do serrote que serve de divisa entre este municipio e o de Capapava, e interna-se no de S. José dos Campos. Mas, não é conhecido senão pelo unico nome *Serrote*.

O nome da freguezia era *Capirary*; mas com a elevação á villa, foi esta denominada *Jambeiro*. O ribeirão *Capirary* a divide em duas partes.

Jambeiro, corruptéla de *Y-â-mb-yérè*, «empinada e com voltas». De *y*, relativo, *â*, «empinar, estar em pé», *mb*, intercalação por causa do som nasal de *â*, que teve de ser ligado á *yérè*, «volta».

Allusivo a ter empinadas as encostas e a formar zig-zags.

Nada, pois, tem este nome com a myrtacea *Jambeiro*, cujo fructo é sabroso, e é a propria casca, em cujo centro está solto o caroço. É arvore da Asia, transplantada para o Brasil: não a mencionou como indigena GABRIEL SOARES, no *Roteiro Geral*, 1837.

Japaguarehú.—Pequeno rio na ilha Cardoso, municipio de Cananéia. Sua extensão é de menos de um kilometro.

Japaguarehú, corruptéla de *Y-apá-aquâ-ára-áu*, por contracção *Y-ap'-aqû'-ar'-áu*, «pouco corrente». De *y*, relativo, *apá*, particula para exprimir o sujeito da cousa, *aquâ*, «correr», levado ao participio pelo accrescimo de *ára*, e *áu*, para exprimir o defeito na acção.

Em verdade, sua correnteza é quasi nulla, por soffrer o effeito do fluxo e refluxo das marés.

Japy.—Serra com varios morros, entre os rios *Tieté* e *Jundiahys*: nos municipios de Jundiahys, Itú, Parnahyba, Araçariguama e Cabreúva.

Nada tem o nome desta serra com o passaro *conirostro* conhecido por *japi* e *japú*, e tambem por *ché-chó*, *japuri* e *guácho*. Deste *conirostro* ha tres especies: os que têm cores preta e branca, com encontros amarellos, *cassicus icteronotus*; os que têm a cõr preta, com encontros encarnados, vulgarmente denominados *japiins do matto*, *cassicus haemorrhous*; e os de penacho, com cauda amarella, maiores do que os das duas especies já referidas, *cassicus cristatus*.

A terceira e ultima especie é a do *yapi*; as outras duas, por menores, são *yapi-i*.

Este passaro arremeda os outros passaros. Seus ninhos são suspensos a galhos de arvores, e em fórmula de abobora d'agua.

Japy, nome da serra, é corruptéla de *Yâ-pi*, «aberturas fundas». De *yâ*, «abrir, rachar», *pi*, «fundo, vazio».

Allusivo a compôr-se a serra de tres filas de morros paralelos, com intervallos fundos. E mais ha, em cada fila, *abertas* ou gargantas numerosas para travesseio facil.

Tambem nesta serra ha grutas pouco notaveis. No cume de um de seus picos existe uma lagôa; e na vertente occidental, ha uma linda cascata.

Jaraguá.—Pico, que se destaca da serra *Cantareira*, e é notavel por sua altitude, acima do nivel do mar, 1100 metros: no municipio de S. Paulo, de cuja cidade dista cerca de vinte kilometros.

Este pico tem escarpada uma das faces; e a rocha é inteiramente núa.

Jaraguá, segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, significa «morros que dominam o campo»! e, segundo A. DE SAINT-HILAIRE, «agua que murmura»!

Nada disso.

Jaraguá é corruptéla de *Y-araquá-i*, «o rolico». De *y*, relativo, *araquá-i*, «rolico, cingido, torneado».

Allusivo a ser cingido fortemente, com a fórmula rolica.

Jaraguaú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo, freguezia de N. S. do O'.

E tambem conhecido por *Jararahú*; mas o significado é o mesmo.

(Vide o nome *Jararahú*).

Jaraguaú, corruptéla de *Y-ar-aguâá-úu*, «ladeado de varzeas lodosas». De *y*, relativo, *ar*, «ladear», *aguâá*, ou simplesmente *guâá*, «enseada, varzea», *úu*, o mesmo que *húu*, «lodo, borra, fézes, detritos, etc.».

Allusivo a ter ás margens, e na barra, varzeas pantanosas. O verbo *ar* é ahi empregado em douis sentidos, «ladear» e «rematar», para alludir tambem á varzea da barra, hoje quasi desecada por ter sido rasgada.

Jararahy.—Affluente do rio *Cotia*, pela margem direita: no municipio de Cotia.

Jararahy, corruptéla de *Y-araá-araá-i*, contrahido em *Y-araá'-raá-i*, «perseverante e superlativamente doentio». De *y*, relativo, *araá*, «doença», repetido para exprimir superlativo, ou a successão do

mesmo facto, i, posposição de perseverança.

Com efeito, este corrego é quasi todo alagadiço; ainda que tem alguma cachoeira, como a que se vê da antiga estrada de rodagem Ituana.

Jaravahú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no município de S. Paulo.

Jaravahú, corruptão de *Y-aroyâ-úú*, «pantanaes pegados uns aos outros». De *y*, relativo, *aroyâ*, «pegar-se um ao outro», *úú*, «alagadiço, lamaçento, atoleiro, pantanal».

Allusivo a ter varzea ás margens, com pantanos e atoleiros.

Jardim.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no município de Campinas. Junta-se ao *Iguatemy*, formando um só.

(Vide o nome *Iguatemy*).

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Jacarehy.

Jardim, corruptela de *Y-ai-nd-i*, «tem altos e baixos». De *y*, relativo, *ai*, «sa-liencias, altos e baixos», *nd*, intercalação por causa da pronuncia nasal de *i*, «ter em si».

Allusivo a descer em cachoeira.

Jardim.—Logar, no município de Cunha, onde dous mananciaes nascem em duas grutas, os quaes afflúem ao ribeirão *Bugio*.

(Vide o nome *Bugio*).

Jardim, corruptão de *Y-ai-nd-i*, «tem brenhas». De *y*, relativo, *ai*, «brenhas», *nd*, intercalação por causa da pronuncia nasal de *i*, «ter em si».

Allusivo a ser embrenhado esse logar, entre penhas e com grutas.

Jatahy.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no município de Piracicaba. Pouco acima da sua fóz, ha o baixio com o mesmo nome.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no município de S. Simão.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municípios de Jatahy e de Bocaina.

O nome *Jatahy* nada tem com a abelha vermelha *yatei*, que a corruptela diz *jatahy* ou *jetahy*, e que produz um mel medicinal.

Nada tem tambem com o *jatahy*, corruptela de *yutá*, da mesma familia do *yut'-obá*, de que ha varias especies. A arvore é classificada entre as leguminosas; excellente para construcções, tambem é proveitosa por causa da resina que exhúda da casca e das raizes, aromatica, amarellada, transparente como o ambar, com applicação a varias industrias. Da casca os indigenas faziam e ainda fazem *ubá* ou canôa.

Jatahy, nome dos ribeirões, é corruptela de *Yo-ytá-i*, «perseverantemente pedregoso». De *yo*, que aqui não é reciproco, mas exprime qualidade natural, *ytá*, «pedra», i, posposição de perseverança.

Allusivo a serem encachoeirados e com pedras no leito, em todo o seu curso, esses ribeirões.

Quanto ao baixio no rio *Tieté* com esse nome, é, segundo a descrição recente de um explorador, «uma corredeira formada por arrecifes á margem direita, com o canal á margem esquerda». E', pois, o mesmo significado «perseverantemente pedregoso».

Jatahytuba.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no município de Iguape.

Jatahytuba, corruptela de *Y-atey-tiúbae*, «o que bója e afrouxa». De *y*, relativo, *atey*, «ser frouxo, afrouxar», *tiú*, «bojar, fazer barriga», com o suffixo *bae* (breve), para formar particípio, significando «o que».

Allusivo a serem reprezadas suas aguas; de sorte que fórmam uma lagôa, que traz o mesmo nome; além de espalharem-se tanto e em tal extensão que o terreno se encharca.

E, aliás, pôde haver na região abundancia da abelha e da fructa *jatahy*:

tendo servido isso ao jogo linguistico do indigena.

Jatívoca.—Morro, no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Jatívoca, corruptéla de *Y-atí-bog-ea*, «morro gretado». De *y*, relativo, *atí*, «montão, morro, elevação», *bog*, «rachar, fender, abrir, gretar», com *ea* (breve), para formar participio.

Allusivo a ter cavernas.

Jayrê.—Morro notavel á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*: entre os municipios de Xirírica e de Iguape, abaixo das Sete Barras.

Jayrê, corruptéla de *Yái-ré*, «despegado e á parte». De *yái*, «despegado», *ré*, o mesmo que é, «á parte, retirado».

Allusivo a estar separado de outros montes e serras naquella região.

Com effeito, é isolado entre charcos e pantanaes.

Jequetibá.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita: entre os municipios de Atibaia, de Bragança e de Itatiba.

Não ha referencia alguma á magestosa arvore, conhecida por *jequitibá*, corruptéla de *Yé-cuñ-ty-bae*, «o que deixa cahir a ponta». De *yé*, reciproco, para exprimir a accão da cousa sobre si mesma, *cuñ*, «cahir», *ty*, «ponta», *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo ao seu fructo que, depois de amadurecido, deixa cahir a tampa ou ponta, ficando o casulo. Esta tampa é conhecida entre os rusticos por «isqueiro de mico».

Desta magestosa arvore da familia das Myrtaceas, tem sido assignaladas duas especies, a *rosea* e a *vermelha*, aquella conhecida na sciencia por *Couratari legalis*, e esta por *Couratari strellensis*; mas, MARTIUS especificou tambem uma terceira especie, a *Couratari domestica*. A casca dá uma qualidade de embira; e como adstringente, é empregada nas diarrheas e nas anginas.

Ainda mesmo abundando esta arvore nas margens deste affluente do rio *Ati-*

baia, ao nome do ribeirão é completamente extranha a arvore.

Jequitibá. nome do ribeirão, é corruptéla de *Yé-quiti-bae*, «o que se limpa». De *yé*, reciproco, para exprimir a accão da cousa sobre si mesma, *quiti*, «limpar, esfregar», *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo a correrem suas aguas em tal declive, que levam consigo quaesquer corpos estranhos e sujidades.

E' pedregoso e encachoeirado.

Jerumirim.—Logar, no rio *Ribeira de Iguape*, em que as aguas são apertadas entre paredões, fazendo voltas, acima da fóz do ribeirão *Pilões*: no municipio de Yporanga.

Logar, no rio *Paranapanema*, em que igualmente as aguas são apertadas entre paredões, fazendo voltas e correndo depois em uma cachoeira, 16 kilometros mais ou menos abajo da fóz do ribeirão *Taquary*: no municipio do Rio Novo.

Dous logares no rio *Sorocaba*, um em seguida ao outro, com garganta apertada, entre paredões altos, com saltos, um dos quaes de 2.^m50, com corredeiras sucessivas. As aguas descem em cascatas formando rodomoinhos.

São mais conhecidos por *Jurumirim*.

Jerumirim é corruptéla de *Yür-o-pýri*, «a pique de ambos os lados formando garganta». De *yür*, «garganta», *o*, reciproco, para exprimir os dous lados, *pýri*, «a pique». Mas, neste *pýri* aparece mudado o *p* em *m*, por estar precedido de *o* reciproco; nada tem com *mirim*, «menor, pequeno».

Com effeito, nesses logares, que trazem o nome *Jurumirim*, o rio se estreita, entre montes alcantilados.

As aguas ahi correm velozmente, precipitando-se revoltas em cascata.

Jerumirim.—Morro, á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*: no municipio de Yporanga.

Jerumirim, corruptéla de *Yé-eré-il-pýri*, «escarpado que se chamusca». De *yé*, reciproco, exprimindo a accão da cousa sobre ella propria, *eré*, o mesmo

que *heré*, «chamuscar», *ii*, «rêsvalar», *pyri*, «a pique», que, precedido de *ii*, exprime apenas «escarpado, alcantilado». O *p* é mudado em *m*.

Allusivo a ser formado em escarpa; e contendo abundancia do mineral *pyrites*, ser isto causa de sua combustão espontanea em varias épocas. Em 1847, porém, sahiu do cume do morro uma torrente de agua quente, e com sua impetuosidade destruiu tudo por onde passou. Essa torrente seccou depois de dous dias.

Jiqueira.—Morro, no municipio de Itapecerica.

(Vide o nome *Chiqueiro*).

Jiqueira, corruptéla de *Y-ii-cuéra*, «o resvaladio». De *y*, relativo, *ii*, «resvalar», *cuéra*, particula de preterito, mas tomada algumas vezes por presente, como neste caso, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a ser muito lamacento, e por isso resvaladio.

A palavra *chiqueiro*, que figura nos dicionarios da lingua portugueza, é corrupção de *Y-ii-cuéra*, por ser lamacento e lubrico o curral de porcos.

Jiquitaia.—Cachoeira, no rio *Sorocabá*.

Jiquitaia, corruptéla de *Y-iquê-çáî-a*, «lados estendidos». De *y*, relativo, *iquê*, «lado», *çáî*, «estender, esparzir», no infinitivo.

Allusivo a que, depois de estreitado por uma muralha, o rio alarga-se em cerca de 150 metros, com um desnivelamento de 2 metros para 200 metros de extensão, e um canal tortuoso e incerto, denominado pelos indigenas *cê-canáî*, «sahida sinuosa e moveida». De *cê*, «sahida», *canáî*, «cousa torta que não se ajusta». Incerto, por causa da areia cuja deslocação é incessante.

João de Oliveira.—Ribeiro, que com outros forma o rio *Apiahy-guassú*: no municipio de *Apiahy*.

(Vide os nomes *Campina* e *Caximba*).

João de Oliveira, corrupção de *Nho-á-ndi-yérè*, «muitas voltas seguidas umas ás outras». De *nho*, reciproco, para exprimir communicação de umas com outras, *á*, dieção que exprime a maior energia na acção, *ndi*, «muitas», *yérè*, «volta».

Allusivo a ser muito e muito sinuoso este ribeirão; de tal modo que os que estão em uma volta avistam os que se acham em outras, de tão proximas que são umas ás outras.

João Paulo.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Arêas.

João Paulo, corrupção de *Y-o-á-páí-rò*, «dependurado entre margens empinadas». De *y*, relativo, *o*, reciproco, *á*, «empinar, elevar perpendicularmente», *páí*, «dependurar», *rò*, «por».

Allusivo a descer em cascatas, entre margens altas.

Este ribeirão recebe o *Vermelho*, proximo á cidade de Arêas, e seguem assim reunidos até o *Parahyba*.

Joapen.—E' a palavra com que o padre LOURENÇO CRAVEIRO, reitor do collegio dos Jesuitas de S. Paulo, explicou em 1674 o nome *Giôapê*, dado ao campo mencionado no titulo de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de Outubro de 1532.

(Vide o nome *Giôapê*).

Joápen, corruptéla de *Y-iapê*, «o limite». De *y*, relativo, *iapê*, «limite, extremo, fim».

O cerco de qualquer pedaço de terra para bemfeitorias, ou de um espaço de rio ou de lagôa para pescar, affirmando domínio, é *ynhapê*.

Portanto, esse campo seria o limite daquella sesmaria.

Juá.—Affluente do rio *Juquiry*, pela margem esquerda: no municipio de São Paulo.

Juá ou *Yuá*, «limoso».

Allusivo a ter lodoso e coberto de limo o leito.

Embora tenha algumas cachoeiras, suas águas não tem muita correnteza, por causa dos poços que existem no leito.

E' um pequeno ribeirão.

Jubanguá.—Trecho do rio *Sorocaba*, desde *Bacelava* até a fóz do rio *Sarapuhy*.

Jubanguá, corruptéla de *Yû-bang-o-á*, «gargantas e torcimentos para ambos os lados». De *yû*, «garganta», *bang*, «torcer», *o*, reciprocamente, *á*, «ladear, lado». O infinitivo, quando não tem caso, exprime a acção do verbo em geral.

Allusivo às muitas sinuosidades e gargantas do rio, nessa extensão.

Esse trecho de rio é, com efeito, apertado entre margens altas; reduzida a 25 até 20 metros a sua largura: com sucessivas sinuosidades.

Juiry.—Affluente do rio *Itapitangui*, pela margem direita: no município de Cananéia.

Juiry, corruptéla de *Y-iriê*, «rio que baixa». De *y*, relativo, *iriê*, «rio que baixa».

Allusivo a baixar muito até o ponto de ficar quasi seco.

Jundiacanga.—Lagôa, entre os municípios de Campo Largo de Sorocaba e de Sarapuhy.

Jundiacanga, corruptéla de *Yû-nda-ocang-a-i*, «lagôa que não seca». De *yû*, «lagôa, alagadiço», *nda*, partícula de negação, *ocang*, terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *canga*, «secar, enxugar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, e mais o accrescimo de *i* para fechar a negação.

Allusivo a não seccar em tempo algum, por ser alimentada por uma vertente.

Tanto a lagôa como a vertente formam parte das divisas dos dous municípios supra referidos; e a lagôa é mesmo na estrada entre a cidade de Sorocaba e o bairro de Jundiacanga.

Jundiahý.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municípios de Atibaia, de Jundiahý, de Indaiatuba e de Itú. A' margem esquerda

deste rio está situada a cidade de Jundiahý.

Afluente do rio *Jundiahý*, pela margem direita, conhecido por *Jundiahý-mirim*: no município de Jundiahý.

Afluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de Mogi das Cruzes. Tambem conhecido por *Jundiahý de Mogi*.

Afluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no município de Sorocaba.

Jundiahý, segundo o sistema de MARTIUS, significaria «rio em que abunda o peixe *yundiá*». Este peixe é de escama semi-ossea, vivendo no lodo dos rios e dos lagos. E' do numero dos peixes chamados *do matto*, porque, ao primeiro repique da enchente, sóbem com as águas, e descendo estas, ficam sobre folhas secas, no meio dos mattos que haviam sido inundados, e ahi desovam, à espera do segundo repique para voltarem ao rio.

O proprio MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, escreveu que *Jundiahý* é «rio dos bagres», porém a descrição de *yundiá* acima feita, demonstra que este peixe não é da familia dos *bagres*.

Mas, o indigena não cogitou de denominar esses cursos d'água com o nome de peixe que por ventura ahi abundaria: era bastante intelligente, e portanto não commetteria tal sandice.

Jundiahý é corruptéla de *Yû-ndi-ai*, «alagadiços e muita folhagem e galhos secos». De *yû*, «alagadiço, águas pôndres», *ndi*, «muitos, muito», *ai*, «folhagem secca, galhos cahidos das arvores, hervas rasteiras, detritos vegetaes de toda a especie».

Allusivo a alagarem-se suas margens, em tempo de chuvas, formando águas paradas e cobertas de limo: e ao mesmo tempo atulhados de folhas e ramos secos esses alagadiços, além de outros vegetaes.

Jundiaquára.—Affluente do ribeirão *Acarahú*: no município de Ubatuba.

Jundiaquára, corruptéla de *Yû-ndi-i-quár-a*, «alagadiços e muitos poços

d'agua. De *yá*, «alagadiço, agua pôdre», *ndi*, «muitos», *i*, «agua», *quár*, «poço, fojo, buraco», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a alagar-se, formando as aguas em suas margens, poças onde param e apodrecem, cobertas de limo e manchas.

Jundiaquirá.—Bairro, no municipio de Sorocaba.

Jundiaquirá, corruptéla de *Y-i-ndi-o-quir-a*, «perseverantemente chuvoso». De *y*, relativo, *i*, «estar», *ndi*, particula para ligar *i* que é nasal a *i*, posposição de perseverança, *o*, artigo de terceira pessoa, precedendo *quir*, «chover», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em *r*. A traducção litteral seria «o que está perseverantemente chuvoso».

Allusivo á constancia das chuvas nesse lugar.

Jundiuvira.—Serrote, no municipio de Cabreúva.

Afluente do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Parnahyba e de Jundiahay.

Jundiuvira, corruptéla de *Yo-ndi-y-bir-a*, «muitas elevações seguidas». De *yo*, reciproco, para exprimir comunicação, *ndi*, «muitos», *y*, relativo, *bir*, «levantar, elevar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Alguns escrevem *Jundiovira*, porque o *y*, relativo, tem tambem o som de *u* frances.

Allusivo a ter varios picos, comunicados uns com outros.

Este serrote é ramificação da serra *Japy*.

Quanto ao nome *Jundiavira*, que tem o ribeirão supra, é corruptéla de *Yù-ndi-ibi-rô*, «muitas gargantas e barri-gudo». De *yá*, «garganta, estreito», *ndi*, «muitos», *ibi*, «barriga», *rô*, «pôr-se».

Allusivo ás innumerias voltas que dá, estreitando-se em muitos logares; e á represa de suas aguas na barra, alargando-a.

Com effeito, este ribeirão desce do morro *Catá-guassú*, ladeando a serra *Japy*, do lado sul, e seguindo seu curso entre os serrotes *Jaguaquara* e *Jundiovira*.

Os indigenas costumavam designar com nomes identicos no som, mas diversos no significado, logares varios, na mesma região. Dahi o nome *Jundiovira*, dado tanto ao serrote como ao ribeirão.

Jupuvúra.—Afluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: entre os municipios de Iporanga e de Xiri-rica.

Jupuvúra, corruptéla de *Y-ye-pi-bú-rû*, «rodomoinhos». De *y*, relativo, *ye*, reciproco, para exprimir a acção da causa sobre si mesma, *pi*, «centro», *bú*, «sa-hida d'agua», *rû*, «revolver».

Allusivo aos muitos rodomoinhos em seu leito.

Segundo parece-me, é este o mesmo ribeirão que traz o nome *Pilões*.

(Vide o nome *Pilões*).

Juquery.—Afluente do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Atibaia e de Conceição dos Guaruilhos. A' margem esquerda deste rio está a povoação do mesmo nome.

Com o nome *Juquery-mirim* ha um afluente do sobredito rio *Juquery*, pela margem esquerda.

Este nome nada tem com o *Juqueri*, arbusto sarmentoso e trepante; caule articulado quadrangular, ramoso, com espinhos recurvados, folhas alternas, ovaes, coriáceas, com nervuras longitudinaes; flores em umbella simples, e, quando abertas, são de côr verde-esbranquiçada; o fructo é uma baga esferica, violacea, com duas ou tres sementes redondas; raiz longa, delgada, enrugada, flexivel, fibrosa, difficil de ser quebrada. Esta raiz, que é medicamentosa, é cinzenta ou avermelhada por fóra, branca, amarellada, ou rosea por dentro; o meditullio, branco e mais lenhoso de que a casca; sabor mucillaginoso e amargo. E' a mesma *yapecanga*, ou salsa-parrilha, conhecida na sciencia por *smilax*, com suas variedades. Da familia das Asparagineas. Remedio contra a syphilis.

Tambem nada tem com o *yuquiri*, arbusto conhecido na sciencia por *mimosa brasiliensis*, da familia das leguminosae.

e conhecida vulgarmente por *herva viva* ou *malícia das mulheres*: planta espinhosa, folha miuda, foliolos oppostos que se contrahem logo que são tocados, venenosa, medicinal, criando-se á beira dos rios e de alagadiços.

Tambem nada tem com *yuqueri*, «sal-moura, lexia»: de *yuqui*, «sal». Os indigenas tiram de arvores o sal, queimando-as, e lexiviando as cinzas.

Juquery, nome do rio, é corruptéla de *Yú-qui-ri*, «alagadiço por causa de chuva». De *yú*, «alagadiço, aguas pôdras», *qui*, «chuva», *ri*, posposição significando neste caso, «por causa».

Com effeito, desde as proximidades de suas cabeceiras no serrote *Itaberába*, o valle deste rio é uma só varzea, interrompida ligeiramente em um ou outro lugar por morros ás margens.

A região é mesmo muito attrahente de chuvas: e os alagadiços se formam, porque o rio, quando enche, transborda concorrendo assim para o alagamento de suas margens e da varzea, em toda a sua extensão.

Alguns, tomndo o effeito pela causa, traduzem *Yuquiri*, «turvo, crescido por enchente», e assim o escreveu o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*. Mas a explicação do nome é o que acima está.

Juqueryquerê.—Parte do rio que serve de limite aos municipios de S. Sebastião e de Caraguatatuba.

E' a ultima parte antes de *Curupacê*. (Vide os nomes *Caramurú*, *Curupacê* e *Rio Pardo*).

Juqueryquerê é corruptéla de *Yuqui-ri-qui-rehê*, «fluxo e refluxo da agua salgada». De *yuqui*, «sal, salgado», repetido para exprimir aquelle fluxo e refluxo; tendo o primeiro o accrescimo de *ri*, e o segundo de *rehê*, para significarem mutualidade.

E' este um dos nomes mais engenhosamente formados. A repetição de *yuqui-ri* foi feita sómente das duas ultimas syllabas, segundo a lição dos grammaticos; mas a palavra *ri* foi substituida pela *rehê* significando a mesma cousa e con-

trahido em *r'ê* para exprimir o fluxo e o refluxo.

Allusivo a soffrer essa parte do rio a influencia das marés.

Portanto, o nome *Juqueryquerê* não pôde ser applicado ao rio inteiro.

Juquiá.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, referindo-se a este rio, assim o descreveu: «Larguei a ribeira, e entrei á direita (elle subia a ribeira) pelo rio *Juquiá*:... a este rio, que se prolonga pelo sertão a dentro, e digno de attenção pelas muitas madeiras de construcção de que abunda, vêm ter ou desaguar diferentes rios, á esquerda (deve ser direita) o rio do *Quilombo*, e á direita (deve ser esquerda) o de *S. Lourenço*, ambos muito piscosos e cheios de lagôas igualmente piscosas: o terreno de suas margens é um barro taloso mais ou menos silicioso, excepto nos *Pedrões*, que é um barro vermelho carregado, côn proveniente do ferro. Tenho-me espantado da prodigiosa multidão de passaros, que sem medo algum vêm comnosco confraternizar».

Alguns attribuem o nome deste rio a um peixe sem escama, cujo nome é *yuquidá*. E' semelhante ao *mandiú*, ou *mandi armado* por ter espinhos com que se defende.

Juquiá, corruptéla de *Y-i-quiá*, «rio sujo». De *y*, relativo, *i*, «rio, agua», *quiá*, «ser sujo, sujar, sujidade». E' guttural a pronuncia do *i*, «rio, agua».

Allusivo aos detritos animaes e vegetaes que seus affuentes despejam em suas aguas; além dos que elle proprio recebe de suas cabeceiras e das lagôas e charcos ás suas margens. Tambem concorre para isso, não só a represa de suas aguas pela maior velocidade do rio *Ribeira de Iguape*, como tambem o atravessar este rio terrenos alagadiços. E', com effeito, mui sujeito a inundações.

grandes. Da de 1850, ainda hoje, ha memoria.

O rio *Juquiá*, em sua parte superior, tem tambem, muitas cachoeiras, saltos e gargantas.

Em algumas descrições de viagem em rios, tenho lido a palavra *Juquiá* empregada para designar as gargantas ou logares apertados entre rochedos, ou arrecifes. Mas, essa palavra, assim empregada, será *yù-quái* e não *yu-quiá*: aquella significando «garganta cingida», esta, «lagôa suja».

Mas o nome verdadeiro deste rio é *Y-i-quid*: o fundo de seu leito é cheio de detritos de toda a especie e de lamaçal.

Sua barra é ladeada de morros graníticos; e entre as aguas do *Juquiá* e as do rio *Ribeira de Iguape* ha pedra alta, tambem granítica.

Juréa.—Promontorio notavel, ao extremo noroeste do municipio de Iguape, entre o rio *Una do Prelado* e o *Rio Verde*.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, descreveu assim este morro: «Deixando as diferentes cachoeiras que contém este morro, direi que este morro é um dos mais altos desta costa; que sua direcção é quasi nornoreste susueste, e desta mesma sorte se prolonga; que está coberto de blócos de uma rocha cinzenta-escura e avermelhada, a qual entra nas rochas empastadas, crystallisadas, que os mineralogistas denominam *pórfido*: o cimento é de natureza siliciosa com crystaes de feldspatho branco ou vermelho, contendo de mais mica, schorinegor e granadas, como bem se observa nas faldas do mesmo morro junto ao mar».

Outro viajante, Dr. CARLOS RATH, em seus *Fragmentos geologicos e geographicos*, escreveu: «...a famosa montanha da *Jureia*, mui conhecida dos navegantes, a qual, á direita da barra do rio *Una*, lança uma grande cabeça sobre o mar em forma de promontorio, está inteiramente isolada na planicie, e se estende

do lado do rio acompanhando-o por espaço de mais de quatro leguas, lançando acima outra cabeça sobre o mar conhecido pelo nome *Carajauna*».

Ao principio, não podendo atinar com a explicação tupi do nome *Juréa*, supunha que seria corruptela de *Yérè-yâ*, «garras retorcidas», ou, como outros escrevem corruptamente, *geréua*, denominação dada á ave de rapina, conhecida vulgarmente por *urubú-rei*, e na sciencia, *cathartes aura*; mas, depois de melhor verificar o systema racional dos povos brasílicos, no que era relativo ás denominações de logares, reconheci que, assim explicando o nome *Juréa*, faria injustiça á intelligencia e á pericia dos indigenas.

E' certo que o *urubú*, corruptela de *Yurub-ú*, «bocca negra», porque assim a tem a especie denominada *commum*, abunda em toda a costa maritima da província de S. Paulo. E, do *urubú*, a sciencia menciona tres especies: o *urubú commum* ou propriamente dito, preto, conhecido na sciencia por *cathartes jota*, o *urubú geréua*, conhecido na sciencia por *cathartes aura*, por ter pennis cõr de ouro na cabeça, e o *urubutinga*, especie rara, que tem na cabeça pennis brancas, e só nas provincias do Maranhão, Pará e Amazonas, apresenta mais exemplares.

O *urubú*, quando novo, tem a plumagem branca ou esbranquiçada.

Tenho para mim que não ha senão o *urubú commum*. O de *cabeça branca* e o de *cabeça aurea*, sendo embora *ares de rapina*, só por erro podem ser classificados no genero *urubú*: além de não andarem em bandos como este, não têm negra a bocca. O indigena classificou-os melhor.

O *yérè-yâ*, ou *geréua*, além do brilho e da variedade de cõres das pennis, tem grandeza e porte altivo, e domina pela força o *urubú*, do qual parece inimigo. O *urubú*, embora em bando numerosissimo, foge logo que avista o *geréua*.

O de *cabeça branca*, maior do que o *geréua*, é considerado a aguia do Brazil, por sua corpulencia e força, bem como pela altitude de seu vôo.

Nada, porém, tem o nome *Juréa* com aquella ave de rapina, como já disse.

Juréa é corruptela de *Y-it-rehê*, «com resvaladouros». De *y*, relativo, *it*, «resvalar», *rehê*, posposição, significando neste nome «com». O som de *it* é guttural.

O *it*, verbo que forma este nome, mas, que ahi está sem caso, significa «resvaladouro, resvaladeiro»; porque, em tupi, o verbo, no infinitivo sem caso, exprime apenas a acção geral, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo a ser esse fragoso morro cercado de resvaladouros e precipícios, sendo necessário o maior cuidado em atravessá-lo.

O já citado conselheiro MARTIM FRANCISCO, referindo-se á viagem entre Itanhaen e Iguape, bem o disse: «os caminhos a não serem praias, são impraticaveis ou antes *precipicios ao que por elles anda*». E isto, elle o disse exactamente depois de haver transposto o morro *Juréa*.

A propósito, é curiosa a explicação do nome *Juréa*, dada pelo padre AYRES DE CASAL, na sua *Corographia Brasilica*: «O monte *Juréa*, por corrupção de *Judéa*, ao qual deram este nome por parecer *judiar* com os caminhantes, que nunca o transitam *sem trabalho e cansaço grande*, passando a estrada pela sua summidade, porque o mar sempre bate furioso na sua base: é alto e vistoso: delle descem varias torrentes, entre as quaes se nomeia o rio *Verde*, que forma algumas cascatas».

Quem *judiaria* do illustrado padre AYRES DE CASAL, dando-lhe a explicação que elle escreveu naquella sua notável obra?

A descrição do morro e dos trabalhos em transitá-lo, é, porém, verdadeira; corresponde perfeitamente ao nome tupi *Y-it-rehê*.

Em algumas provincias, ha logares com o nome *Urubú*, com referencia a rios; mas, nada tem tambem tal nome com essa ave de rapina. E' corruptela

de *Y-rū-bú*, «rodomoinhos». O *y* tem som guttural.

Jurihú.—Rio, que, nascendo na serra *Cadeado* e ladeando pelo norte a serra *Capinhoacába*, desagua no mar *Trapan-dé*: no municipio de Cananéa.

Jurihú, corruptela de *Y-i-ri-ú*, «rio de agua escura». De *y*, relativo, *i*, «agua», *ri*, o mesmo que *ti*, «rio», *ú*, «ser escurio, preto».

Allusivo a ter as aguas escuras. Estas aguas têm o sabor de pedra-hume. A semelhança do *Rio Negro*, affluente do rio *Amazonas*, não se cria peixe neste rio, nem ás suas margens pôde existir animal algum, seja qual fôr a sua especie.

E' rio pequeno.

Jurubatuba.—Rio, que, nascendo na vertente interior da serra marítima *Cubatão*, é nomeado *Rio Grande* até receber o *Rio Pequeno*; e dahi até á affluencia do ribeirão *Mboy-guassú*, cujas aguas se reunem a elle pela margem esquerda, é *Jurubatuba*. Desde aquella affluencia tem o nome *Pinheiros* até fazer barra no rio *Tietê*, pela margem esquerda.

Só como *Jurubatuba* e parte de *Pinheiros* corre no municipio de Santo Amaro; e passa distante da villa meio kilometro.

(Vide o nome *Pinheiros*).

Nada tem de commun este nome com *Geribatiba*.

Jurubatuba, corruptela de *Y-aréb-ytú-bae*, «tardo e sujo». De *y*, relativo, *aréb*, «tardar», *ytú*, «ser sujo», com o accrescimo de *bae* (breve), para formar particípio significando «o que é sujo».

Allusivo á lentidão de suas aguas e aos detritos vegetaes e páus cahidos no rio, que descem e se accumulam em sua foz.

PEDRO TAQUES, na *Nobiliarchia Paulistana*, escreveu *Jaraigbatiba*.

Jurú-mirim—Logares apertados nos rios *Ribeira de Iguape*, *Sorocaba* e *Paranapanema*.

Afluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no município de Parahyba.

Corredeira, no rio *Tieté*: no município de Porto Feliz.

Jurú-mirim, corruptéla de *Yûr-o-pyri*, «a pique de ambos os lados, formando garganta». De *yûr*, «garganta, pescoço», *o*, reciproco, *pyri*, «a pique».

A pronuncia guttural nasal de *pyri*, precedido de *o*, reciproco, muda o *p* em *m*.

Jurupará.—Afluente do rio *Pirapora*, pela margem direita: no município de Piedade.

Jurupará, corruptéla de *Yo-rû-pará*, «variedades de phenomenos que participam da natureza dos rodomoinhos». De *yo*, que, neste caso, em vez de ser reciproco, exprime apenas a natureza da

cousa, *rû*, «revolver-se»; *pará*, «variedade».

A palavra *pará* significando «variedade», nada tem, relativamente a este e outros nomes, com *pará*, «mar».

O nome *Yo-rû-pará* é allusivo a depressões no leito do ribeirão: formando as aguas successivos círculos, que participam da natureza dos rodomoinhos.

Este ribeirão *Jurupará* desce ladeando a serra de *S. Francisco*:—por isso as aguas manifestam em rodomoinhos e enrugamentos na superficie as depressões que existem no leito.

Juruvaúva.—Afluente do ribeirão *Jundiavíra*, pela margem direita: entre os municípios de Parnahyba e de Cabreúva. (*)

(*) Estava em branco o lugar destinado à explicação.

L

Lage.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Cajurú e de Batataes.

Mas, o nome *Lage* não é propriamente desse ribeirão e de outros correlos que, nessa região, trazem-n'lo. Também o traz a serra que atravessa o município de Cajurú, naquella sobredita região. O nome é do travessio que ainda hoje, se vê sobre aquella serra, e que os indigenas diziam *hayé*, em contraposição a *Taqüeb-nd-ê*, «passagem ou caminho geral», e *Guã-y-xupé*, «passagem particular».

(Vide os nomes *Caconde* e *Guaxupé*).

Hayé, que corrompeu-se em *Lage*, por causa do *h* aspirado e do *y* com pronuncia de *j* dada por alguns, significa «atalho» ou «travessio», abreviando os indigenas por sobre aquella serra o trajecto ou a viagem.

No *Itinerario da viagem terrestre da cidade de Santos, na província de S. Paulo, a Cuyabá, capital da província de Matto Grosso, pelos engenheiros MIRANDA REIS e GAMALHO LOBO D'EÇA*, em 1857, ha o seguinte trecho com referência ao dia 3 de Dezembro: «Deixei o pouso ás 3 horas da manhã, e segui ao rumo 60°. A tres quartos de legua do pouso, passa-se pelo campo chamado *da Boiada*, e uma legua além *da Boiada* pelo logar chamado *Ponte Funda*. Continuando no mesmo rumo (60°), chega-se no fim de tres leguas de marcha | dades.

ao Catingueiro, onde ha pouso e rancho á direita da estrada. A' meia legua do Catingueiro, passa-se pela ponte que transpõe o ribeirão do *Cubatão*, o qual borda o serrote do mesmo nome, e um quarto além o ribeirão *das Mortes*, que corre sobre *lage*. Deixando o ribeirão *das Mortes*, caminha-se um quarto de legua até o arraial do Cajurú, e passa-se o ribeirão do mesmo nome, correndo sobre areia e permittindo passagem a vâo, e uma legua além o correlo e rancho do logar chamado *Lage*. Caminhando mais uma legua no mesmo rumo (60°), começa a descida da serra conhecida com o nome *Serra da Lage*, com um quarto de legua de extensão de *pessimo caminho*, a qual finda na ponte do ribeirão chamado *Pé do morro*. Continuando mais um quarto de legua, cheguei ao pouso *Retiro da Lage* ás cinco horas da tarde, e ahi pernoitei. Junto do pouso corre sobre *lage* o ribeirão do mesmo nome».

Tudo nessa região é *lage*; e dari a corrupção de *hayé*.

Lage.—Ilha granítica, no oceano, ao norte da barra de Santos.

Lage, corrupção de *Háyì*, «pequenita». O *yì* exprime tambem que, além de pequena, é redonda e concava.

Inhabitada. Ha nella uma fonte cujas aguas são proveitosas a certas enfermidades.

Lageado.—Nome de ribeirões em varios municipios: de S. Paulo, Araraquara, Rio Novo, Rio Verde, Santa Barbara do Rio Pardo, Franca e outros.

Serra e ribeirão no municipio de Ribeirão Preto; mas o nome *Lageado*, aqui, é uma corrupção de *hayè-hayè*, «traversios cruzados», que existiam sobre aquella serra, e por ventura ainda existem. Não é, portanto, nome da serra e do ribeirão.

Lagôa.—Rios que, nascendo na cordilheira marítima, correm nos municipios de Caraguatatuba e Ubatuba, e desaguam no oceano depois de formarem saceo ou enseada.

São tambem nomeados *Alagôa*.

(Vide o nome *Alagôa*).

Lagôa Verde.—Lagôa notavel no municipio de Cajurú.

Lagôa Verde, corrupção de *H-ayûá-eiñ*, «muito limosa». De *h*, relativo, *ayûá*, «limo, lodo, lama pegajosa»; *eiñ*, «muito, muitos».

Cercada de arvoredo, seu leito contém limo, lodo, detritos de toda a especie.

Lagoinha.—Villa proxima á margem direita do ribeirão *Jacuhý*, affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita.

Lagoinha é corruptéla do nome tupi daquella região: *Yyyau-i-na*, «laina-centa». De *y*, relativo, *yyau*, «lama, agua empocada»; *i*, «conter, ter», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo á natureza lainaçal dessa região; formando as aguas pequenas poças e mesmo lagoinhas.

Lambary.—«Fonte medicinal» é o que significa *H-a-mbar*-*i*, corrompido em *Lambary*.

De *h*, relativo, *a*, intercalação necessaria entre as duas consoantes, *mbaraá*, «doença»; *i*, «agua».

(Vide o nome *Alambary*).

Lambary.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de *Mogy das Cruzes*.
(Vide o nome *Alambary*).

Lapa.—Affluente do ribeirão *Passacincó*, pela margem esquerda: no municipio de S. João do Rio Claro.

Lapa, corruptéla de *Y-há-pa*, «cortado». De *y*, relativo, *há*, «cortar», com o suffixo *pa* (breve), para formar supino.

Allusivo a sumirem-se suas aguas sob pedras, em certo lugar, reapparecendo imediatamente depois.

Laranjal.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: no municipio do Espírito Santo da Boa Vista.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Laranjal, corruptéla de *h-ar-ã-há*, «margens altas e sinuosas». De *h*, relativo, *ar*, «lado, ladear»; *ã*, «empinar»; *há*, «torcer».

Laranjal.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, um pouco acima do *Salto das Aranhas*: no municipio de S. Sebastião do Tijuco Preto.

Laranjal, corrupção de *Harú-ã-há*, «impedimento alto e torcido». De *harú*, «impedimento»; *ã*, «empinar»; *há*, «torcer».

Com efecto, ha ahi quasi um salto no tempo da vasante com uma queda de 1^o, 16 em 280 de extensão. Semeada de ilhotes, a passagem mesmo em tempo de cheia, não é feita senão com cangas descarregadas; e é torcida.

Laranja Azeda.—Cachoeira, no rio *Tieté*: antes do denominado *rio morto do Avanhandava*.

(Vide o nome *Avanhandava*).

Affluente do rio *Turvo*, pela margem esquerda: servindo de divisa aos municipios de Itapetininga e de Paranapanema, do lado da serra marítima.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Pirassununga.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Nazareth.

Laranja Azeda, corrupção de *H-ar-ã-hecê*, «successivamente, margens empinadas». De *h*, relativo, por causa de

ter *r* o verbo *ar*, «ladear, lado», *á*, «empinar», *hecé*, posposição, «successivamente». Segundo o padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, o relativo das palavras que têm *r* é o *h*.

Com efeito, de todos esses ribeirões, as águas correm em sulcos profundos, entre paredões a pique.

Ha tambem no município do Rio Verde um cofrego com o nome *Laranja Axeda*; mas, é pequeno o volume de suas águas.

Laranja Doce.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita. Ainda em sertões habitados por indigenas.

Corredeira, em frente á foz daquelle ribeirão ou rio.

Laranja Doce, corruptela de *II-a-rana-hôcè*, «extraordinariamente corrente». De *h*, relativo, por causa da partícula *ra* intercalada no verbo absoluto *aña*, «correr», para o tornar activo, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliça*, e do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, e *hôcè*, posição de superlativo.

O ribeirão ou rio *Laranja Doce* desce do espião alto dos Agudos sobre leito muito ingreme, com um desnivelamento de mais de dous metros por kilometro sem muitas sinuosidades.

A corredeira *Laranja Doce* não pôde deixar de ser considerada tambem cachoeira, porque ahí, o rio *Paranapanema* forma uma larga bacia com bancos de cascalho e areia no centro, e é atravessado por varios arrecifes, entre os quaes varios canaes, sendo o unido á barranca da margem esquerda o mais praticavel. Segundo a nota da exploração feita pela Comissão Geographica e Geologica da província de S. Paulo «este canal, cuja profundidade vem decrescendo de cima para baixo, de 2^m,60 a 0^m,60 nuns baios que precedem a entrada da corredeira, tornam a augmentar até o maximo de 2^m,50 no meio, descendo depois ao minimo de 0^m,90 sobre o ultimo travessão e na passagem mais difícil».

Laranjeira.—Cachoeira difícil no rio *Paranapanema*, um pouco acima da cachoeira *Rebojo* e famosos rapidos de *Santo Ignacio*.

E' precedida de uma corredeira, a qual, no tempo da vasante, forma uma queda notável: sendo as águas encaminhadas por um canal estreito e pedregoso unido á margem direita, porque, nesse tempo, mais de duas terças partes do leito fica em seco.

Um kilometro, mais ou menos, abaixo, começa a terrível cachoeira, cuja situação justifica o nome *H-i-rû-aña-yêrê*, «água a correrem revoltas e em rodomoinhos». De *h*, relativo, *i*, «água», com pronuncia guttural de *a* fechado, *rû*, «revolver», *aña*, «correr», *yêrê*, «volta». Os indigenas dizem mesmo *i-yêrê* para designarem o «rodomoinho das águas».

Com efeito, ahí as águas correm entre paredes graníticas, formando rodomoinhos. Ao lado esquerdo ha um lagedo, cuja extensão é calculada em meio kilometro: um canal o corta bifurcando-se na parte inferior com agua insuficiente para a navegação de canoas carregadas.

Laranjeiras.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: entre os municipios de Itapecerica e de Una.

AZEVEDO MARQUES errou dizendo-o affluente do rio *Ribeira de Iguape*, entre os municipios de Iguape e de Xiririca.

Laranjeiras, corruptão de *II-ar-á-yêrê*, «voltas e margens empinadas». De *h*, relativo, *ár*, «ladear, lado», *á*, «empinar», *yêrê*, «volta».

Com efeito, este ribeirão corre entre margens altas, quasi a prumo, e é muito sinuoso.

A laranjeira não é nativa da America; salvo a que é denominada *da terra*, se mesmo esta não fôr uma degeneração daquella. O facto da existencia agglomerada deste arvoredo em mattas, pôde ser explicado pela proliferação de sementes ali deixadas por transeuntes.

Em todo e qualquer caso, o nome do ribeirão *Laranjeiros* não tem relação alguma com aquella arvore.

Lava-pés.—Nome de varios corregos em diversos municipios: como por exemplo no da cidade de S. Paulo, no de S. José dos Campos, no da Cotia, de Cajurú e outros.

Em geral, são proximos ás povoações; e alguns entendem que o nome *lava-pés* indica apenas o corrego cujas aguas lavam ao viandante os pés, antes de entrar elle no povoado.

Será isso? Ignoro-o.

Lavrinha.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem esquerda: no municipio de Itapetininga.

Lavrinhas.—Povoação, ou freguezia, no municipio de Itapeva da Faxina. (*)

(*) Estava ao lado um ?.

Lençóes.—Cidade, sita á margem esquerda do ribeirão *Lençóes*, affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda.

A primitiva corrupção era *Lençóes*; e assim apparece escripto em velhos titulos de propriedade, bem como no *Dicionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brazil*, por J. C. R. MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, traduzido por CAETANO LOPES DE MOURA.

Lençóes, corrupção de *Hē-yuī-og*, «barra espumosa». De *hē*, «sahida, barra, fóz», *yuī-og*, «espuma». A pronuncia da palavra *yūi* é guttural e difficil.

Allusivo a formar muita espuma, á superficie das aguas que na barra se estende por causa do nível inferior ao das aguas do rio *Tieté*. Ha uma lucta entra ellas; de sorte que as do ribeirão, sendo mais fracas, soffrem retenção, e por isso são forçadas a alargarem-se.

A espuma parece um *lençol* superposto ás aguas:—dahi a corrupção.

Lençol.—Morro no municipio de Xiririca.

Lençol, corrupção de *Nhe-ē-çóčé*, «concavo em cima». De *nhe*, reciproco, para exprimir a acção da cousa em si mesma, *ē*, «concavo», *çóčé*, significando neste caso a parte superior ou de cima.

Allusivo á sua natureza vulcanica.

E' da mesma região que o *Votupóca*, o *Aboboral* e outros.

(Vide os nomes *Aboboral* e *Votupóca*). Esses morros têm elevação ou altitude superior a 800 metros.

Limeira.—Cidade, banhada pelo pequeno ribeirão *Tatuhiby*, corruptela de *Ti-ŷtú-ibiy*, por contracção *T'-ŷtú-ibiy*, hoje simplesmente conhecido pelo nome *Tatú*.

(Vide os nomes *Tatú* e *Tatuhiby*).

A razão do nome *Limeira* é obscura. Alguns atribuem o nome a um sitio nesse logar, onde havia grande plantação desta auraciacea. Todayia, não aceito senão com muita reserva uma tal explicação.

Limeiro.—Affluente do rio *S. Lourenço*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Limeiro, corruptela de *Hī-m-yérē*, «voltas pequeninas». De *hī*, «pequenino, pouquito», *m*, intercalação por ser nasal o som de *hī*, e para ligal-o a *yérē*, «volta».

Allusivo a fazer successivas voltas, e estas pequeninas e breves. Tem a largura de quatro metros; e sua extensão é de cerca de quarenta kilometros.

E' navegado por canôas.

Nasce ao lado esquerdo do morro denominado da *Lagoinha*; e ao passo que o ribeirão *Bigoá*, nascendo ao lado direito daquelle morro, só tem cerca de quatro kilometros de extensão, o *Limeiro*, por suas inumeraveis e pequeninas voltas, faz o percurso de cerca de quarenta kilometros, já referidos.

Limoeiro.—Corredeira, no rio *Tieté*, entre o salto de Itú e a cidade de Porto Feliz.

Limoeiro, corrupção de *Hī-m-yérē*, «pequenina volta». De *hī*, «pequenino, pouquito», *m*, intercalação por causa do som nasal da palavra anterior, *yérē*, «volta».

Allusivo á curva pequena que ali faz o rio.

Limoeiro.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Lorena e de Cruzeiro, aos quaes serve de divisa.

Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: entre os municipios de Piracicaba, de S. Pedro e de Botucatú, aos quaes serve de divisa.

Affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem esquerda: entre os municipios de Rio Bonito e de Botucatú, aos quaes serve de divisa.

Limoeiro, corrupção de *Y-mbi-yérè*, «o que se derrama». De *y*, precedendo o verbo neutro *mbi-yérè*, o mesmo que *pi-bu-yérè*, «derramar», serve para exprimir a acção da pessoa ou da causa sobre si mesma, e portanto, é traduzido «se». O *y* inicial tem som guttural; e o *b* tem som quasi imperceptivel.

Allusivo a serem ribeirões que, com as águas das chuvas transbordam, inundando as margens.

Lobo.—Affluente do rio *Jacaré-pipa-mirim*, pela margem esquerda: no município de S. Carlos do Pinhal.

Lobo, corruptela de *Hú-bo*, o mesmo que *Tú-bo*, «aos saltos» ou «de golpe em golpe». De *tú*, «golpe», mudado o *t* em *h* por euphonía, *bo* (breve), para exprimir o modo de estar. O *h* tem pronuncia aspirada.

Allusivo aos saltos e cachoeiras que tem. É até notabilissima a grande cachoeira deste ribeirão.

Depois de reunir-se ao ribeirão *Feijão* é que este toma o nome de *Jacaré-pipira*.

Lopo.—Morro, na extremidade sul-oeste da serra *Mantiqueira*. Está situado na divisa com a província de Minas Geraes.

Lopo, corrupção de *Yo-pohi*, «cargado». De *yo*, reciproco, mutuo, *pohi*, «carga, peso». O primeiro *i* de *pohi* tem pronuncia guttural, e o segundo é breve, conforme o ensina o padre A. R. DE MONTOYA, no preludio de sua

Arte de la lengua guarani, quando, no fim da dicção, ha dois *ii*. Por isso, *pohi* é pronunciado quasi breve e corrido, mal percebido o *i* guttural.

Allusivo a ter superposta a famosa pedra *Gu-ari-yúba*; formando ambas as peças a altitude de 1655 metros.

(Vide o nome *Garayúra*).

Lorena.—Cidade, situada á margem direita do rio *Parahyba*, em frente a uma ilha, formada pela divisão das águas do mesmo rio em dous braços. O município confina ao norte, com a província de Minas Geraes pelo alto da serra *Mantiqueira*.

O nome *Lorena* foi acto bajulatorio para com o capitão general Bernardo José de Lorena, que em 1788 elevou á villa aquella povoação.

Esta povoação era antigamente conhecida pelo nome *Guaipacaré*; e pelos que navegavam o rio, era dito—*o porto do Hepacaré*. E já li que isto significava, em linguagem tupi, «logar das goiabeiras»!

Hepacaré é corrupção de *I-páu'-quá'-rê*, «enseada da ilha de rio». De *i-páu*, «ilha de rio», *aqúá*, «esquina», *yérè*, «volta», formando *aqúá-yérè*, «enseada, ou volta que o rio faz». Era um jogo linguistico com o nome *Gunipacaré*, como adiante se verá.

Em verdade, nessa região ha uma ilha, em forma triangular, de sorte que, pelo braço do rio, á margem esquerda, quem navega tem de fazer uma volta; ao passo que pelo outro braço, á margem direita, é quasi recto o trajecto.

A povoação, estando á margem direita, era *Guaipacaré*, corruptela de *Gu-i-páu-áquá-rehê*, «em frente de ilha esquinada». De *gu*, reciproco, para exprimir comunicação, *i-páu*, «ilha de rio», *áquá*, «esquina, ponta», *rehê*, «em frente». Por contracção *Gu-i-páu'-quá'-rê*. O som do *i* é guttural, como a fechado.

Com efecto, a povoação está situada em frente da ilha triangular, e portanto com esquinas nas extremidades, tanto de cima, como de baixo. Por sua vez,

Machado.—Cachoeira pequena no rio *Tieté*; sendo tambem no canal uma corredeira.

Entre as cidades de Porto Feliz e de *Tieté*.

Machado, corruptéla de *Haçá-bo*, «logar atravessado». De *haçá*, «atravessar, causa atravessada», *bo* (breve), para exprimir lugar.

Allusivo á cachoeira, por cujo lado ha apenas um canal.

Macúco.—Serra, nos municipios de Taubaté, de S. Luiz de Parahytinga e de Lagoinha.

Dous affuentes do rio *Paranapanema*, pela margem direita: um, no municipio de Santa Barbara do Rio Pardo; outro, no de Campos Novos de Paranapanema.

Macúco, corruptéla de *Mbo-cúcui*, «cuhido». De *mbo*, particula activa, *cúcui*, «cahir».

Allusivo, quanto á serra, ao seu derrocamento; e, quanto aos ribeirões, ao seu leito em forte declive com quedas.

Maicatira.—Serra, de que a serra *Caróca* é prolongamento; assinalando esta uma parte dos limites da província de S. Paulo com a do Paraná.

Maicatira, corruptéla de *Mo-ã-quâ-atir-a*, contrahido em *M-ã-quâ-tir-a*, «empinada, e pontas altas». De *mo*, particula activa, *ã*, «empinar», *quâ*, «ponta», *atir*, «levantar, alçar», com o acrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a ser muito alcantilada, e a ter muitos picos altissimos.

Mambucába.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Cabreúva.

Mambucába, contracção de *Mã-mbucá-ába*, isto é, *Mã-mbuc'-ába*, «impedido e ruidoso». De *mã*, «impedir, impedimento», *mbucá*, o mesmo que *pucá*, «fazer ruido», mudado o *p* em *mb*, por ser nasal a palavra anterior, *ába*, particula para exprimir o modo, a causa, o intento, etc.

Allusivo a ser encachoeirado, fazendo as aguas

Mambuhú.—Affluente do rio *Ranhaen*, pela margem direita: no municipio de Itanhaen.

Mambuhú, corruptéla de *Mo-mb-áhi*, «lodoso». De *mo*, particula activa, *mb*, por ter som nasal a palavra seguinte *hú*, o mesmo que *húu*, «lodo, lama limo».

Allusivo a correrem suas aguas en terreno lodoso.

Mambural.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Mambural, corruptéla de *Mbaã-mborá*, «manchado de atoleiro». De *mbaã*, o mesmo que *paã*, «atolar», pela mudança do *p* em *mb*, visto não ter palavra antecedente, *rá*, «mancha, manchar», precedido da particula activa *mbo*, formando *mborá*, «manchado».

Allusivo a ter nos leitos e nas margens manchas de atoleiro.

Mamoré.—Serra, no municipio de Santos.

(Vide o nome *Maroré*).

Mandaçáia.—Corredeira, no rio *Paranapanema*: um pouco abaixo da barra ou fóz do rio *Itapetininga*.

Mandaçáia, corruptéla de *Mã-nd-haçá*, «impedimento atravessado». De *mã*, «impedimento», *nd*, intercalação por ser nasal o som de *mã*, e para ligal-o a *haçá*, «atravessar».

Allusivo a existir ahi, no meio do rio, um largo lagedo de rocha dura: é o canal, em diagonal do lado direito para o esquerdo, e pouco fundo, fóra por seu declive as aguas a uma correnteza correspondente a seis kilometros por hora.

Mandaqui.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

Mandaqui, ou *Mã-nd-aqui*, «impedido e frouxo». De *mã*, «impedir, impedimento», *nd*, intercalação nasal, *aqui*, «frouxo».

Allusivo a ter obstruido o leito, e alagar as margens.

Mandihy.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Nada tem este nome com o peixe *mandiú*.

Mandihy, corruptela de *Mā-nd-ei*, «muitos impedimentos». De *mā*, «impedimento», *nd*, intercalação por ser nasal o som *mā*, e para ligar a *ei*, «muitos», exprimindo plural.

Allusivo a ter o leito atravancado com pedras e madeiras pôdras.

Mandimbo.—Affluente do ribeirão *Cachoeirinha*, este do ribeirão *Banhado*, e este do rio *Mogy-quassú*, pela margem esquerda; entre os municípios de Jaboticabal e de Barretos.

Mandimbo, corruptela de *Mā-nd-i-mbo*, «impedido e sujo». De *mā*, «impedir», *nd*, intercalação nasal, *i*, «sujo», *m*, intercalação nasal, *bo* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter o leito obstruído de detritos vegetaes; com cachoeiras.

Mandinga.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem esquerda: no município de Cunha.

Mandinga, contracção de *Mā-nd-yi-ny*, «impedido e gretado». De *mā*, «impedir, impedimento», *nd*, intercalação por ser nasal o som de *mā*, e para ligar-o à *yi*, «concavar, gretar», com o sufixo *nga* (breve), para formar supino, A nasalidade de *mā* fere tainbem *yi*, que, sem isso seria guttural.

Allusivo a saltos, cachoeiras e outros obstaculos em seu leito; inclusive concavidades e gretas.

A propósito do nome deste ribeirão, tenho duvida em admittir a palavra *mandinga* como de origem africana.

Segundo os lexicographos, ter *mandinga* é «ter dificuldades, contra as quaes é necessário lutar». Não é, por ventura, o mesmo significado de *mandinga*, em tupi?

Mandióca.—Uma das cabeceiras do ribeirão *Assungui*, pela margem direita: no município de Sarapuh.

Mandióca, isto é, *Mā-ndi-ógca*, «muitos impedimentos e tapado». De *mā*, «impedimento», *ndi*, «muitos», *ógca*, de *óg*, «tapar», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo aos saltos e cachoeiras; represado, porém, na barra.

Mandira.—Affluente do rio *das Minas*, pela margem direita: no município de Cananéia.

Mandira, isto é, *Mā-ndir-a*, «impedimentos amontoados». De *mā*, «impedimento», *ndir-a*, o mesmo que *tir-a*, «fazer montão, amontoar». O *t* é mudado em *nd* por causa do som nasal de *mā*. O *a* (breve) final é exigido por acabar em consoante o verbo *tir*, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a entulhar-se o leito deste ribeirão com terras desmoronadas da serra, formando elevações.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, descrevendo os cursos d'água desta região, escreveu: «Todos estes rios são pouco attendiveis pela sua nenhuma largura, pela pouca profundidade d'água e pela pequena extensão, o que provém das proximidades das serras de onde elles nascem: comtudo, no tempo das aguas, são assás caudalosos, e, não ha immenso tempo, com as grandes chuvas desabaram porções das serras, que vieram entulhar o rio *das Minas* e ribeirão do *Mandira*, arrastando consigo enormes madeiras...».

No ribeirão *Mandira* ha imponentes saltos. E, significando *tir-a* tambem «levantado, alto», *mā-ndir-a* pode por ventura ser referencia aos sobreditos saltos, «impedimentos altos».

Em summa, a idéa representada pelo nome corresponde ao facto.

Mandissununga.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de Tieté.

Mandissununga, corruptela de *Mā-ndi-çunú-nга*, «muitos impedimentos, e

ruidoso». De *mã*, «impedir, impedimento», *ndi*, «muitos», *cunú*, «fazer ruido», com o sufixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a saltos e cachoeiras em seu curso, fazendo ruido e estrepito as suas aguas, nas successivas quedas.

Mandiú.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no municipio de Santa Izabel. E' um corrego.

Mandiu, corruptéla de *Mã-nd-yú*, «impedido e apertado». De *mã*, «impedir, impedimento», *nd*, intercalação por ser nasal o som de *mã*, e para ligal-o a *yú*, «garganta, logar estreito».

Allusivo a ter o leito atravancado de pedras, e a estreitar-se em varios logares. Corre entre margens altas.

Não é exacto que nas cabeceiras deste corrego está situada a villa de Santa Izabel; sim, á margem direita do ribeirão *Araraquara*.

Manducáia.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Santa Barbara do Rio Pardo.

Manducáia, corruptéla de *Mã-nd-y-quai-a*, «impedimentos e gargantas». De *mã*, «impedimento», *nd*, intercalação nasal, *y*, relativo, *quai*, «cingir, fazer garganta ou cintura, estreitar», com o accrescimo de *a* (breve), para formar infinitivo, sem caso, e portanto exprimindo a acção geral do verbo.

Allusivo aos saltos, cachoeiras, e gargantas ou estreitos, no seu curso.

Mangabahú.—Affluente do rio *Jundiah*, pela margem esquerda: no municipio de Jundiah.

(Vide o nome *Anhangabaú*).

Mangabahú, corruptéla de *Mong-ába-áu*, «pantanoso». De *mong*, «ser pegajoso», *ába*, particula de participio presente para exprimir a causa, o modo, o logar, o instrumento, etc., *áu*, «lama, mancha, sujidade». Este *áu* é sempre posposto na composição dos nomes.

Allusivo a ter no leito lama pegajosa.

Aproveitando esta occasião direi que o nome da fructa geralmente conhecida por *mangába* é *mong-ába*, «pegajosa,

viscosa»; porque verte um leite viscoso, enquanto não está bem madura.

Manquinho.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Juqueri.

Manquinho, corruptéla de *Mã-nqui-í-na*, «leito impedido». De *mã*, «impedir, impedimento», *nqui*, «logar em baixo, ou inferior», precedido de *n* por ser nasal o som da palavra antecedente, *í*, «estar, ser, pôr», com o sufixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser encachoeirado, e a ter alguns saltos.

Manso.—Affluente do ribeirão *Turvo*, e este do rio *Bananal*: no municipio de Bananal.

(Vide os nomes *Doce* e *Piracema*).

Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem esquerda: no municipio de S. José dos Campos.

Manso, corruptéla de *Mã-cú*, «impedimento», *cú*, «altos e baixos». Estando em *mã* o accento predominante, a palavra *cú* é pronunciada quasi breve.

Allusivo a pedras no leito, e a saltos; de sorte que é irregular o nível do leito.

Mantiqueira.—Grande, alta e extensa serra, que faz a divisa entre as provincias de S. Paulo e Minas Geraes, internando-se e ramificando-se nesta ultima.

Mantiqueira, corrupção de *Mo-á-ty-iqüé-ró*, por contracção *M-á-ty'-quê-rô*, «encostas e pontas, a pique». De *mo*, particula activa, *á*, «empinar, a prumo, a pique», *ty*, «ponta», *iqüé*, «lado, costado», *rô*, «pôr-se».

Allusivo ás suas encostas muito acantiladas; e ás muitas elevações ponteadas que mostra em toda a sua extensão.

Antigamente era mais conhecida pelo nome *Jaguamimbába*.

(Vide o nome *Jaguamimbába*).

O significado é o mesmo de um e de outro nome.

Ha na parte da serra, que serve de divisa ao municipio de Pinheiros, uma gruta com varias divisões interiores.

No municipio de Parnahyba existe tambem um serrote com o nome *Mantiqueira*, significando «encostas alcantiladas, e pontas».

Mantiqueira.—Affluente do ribeirão *Tremembé*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

A sua fóz fica acima da do ribeirão *Cachoeira*, affluente pela margem direita.

Mantiqueira, corrupção de *Mondiquir-a*, «distillado, gotejado». De *mo*, particula activa, *ndíquir*, o mesmo que *tiquir*, mudado o *t* em *nd* por causa da nasalidade de *mo*, «distillar, gotejar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

E' um arroio apenas formado por distillações da serra na sua cabeceira.

Maqueroby.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Este é o mesmo rio *Pinheiros*; porque *Maqueroby* é corruptela de *Mo-iqué-robi*, «ambas as margens extensamente molhadas». De *mo*, apócope de *moró* para exprimir excesso, superlativo, extensão, peculiaridade, etc., *iqué*, «lado», *robi*, o mesmo que *hobi*, «molhado».

Allusivo aos alagadiços marginaes.

Este ribeirão é mencionado pelo padre LOURENÇO CRAVEIRO, em suas Notas ao titulo de sesmaria de Pedro de Goes, de 10 de Outubro de 1532: «...o rio *Maqueroby*, que está junto á aldêa da Conceição, o qual rio entra no *Anhemby* ahi mesmo». Era a aldêa da Conceição dos Pinheiros.

PEDRO TAQUES, na *Nobiliarchia Paulistana*, com referencia á «grandiosa fazenda de terras de cultura», pertencente a João Pires, assim a descreveu: «uma legua de testada até o rio *Macoroby*, que lhe foi concedida de sesmaria com o seu sertão para a serra de Juquery». E' a *Cantareira*.

Maracanã.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia.

Maracanã, corruptela de *Mará-áquá-nhã*, por contracção *Mor'-áquá-nhã*, «en-

cerrado em barrancos, e muito esquinado». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir excesso, superlativo, habito, natureza, extensão, *áquá*, «esquinhar», *nhã*, «encestar, encerrar, estar dentro».

Allusivo a correr entre barrancos, embora de pequena altura, por serem em campo; fazendo muitas esquinas ou zig-zags, sem, porém, fazer voltas.

Dista alguns kilometros da povoação Campo Largo de Atibaia.

Nada tem, portanto, este nome com o da ave trepadora, semelhante ao papagaio, conhecida por *maracanã*, cór cinzenta, pés negros, olhos vermelhos, tambem conhecida por *araracã* e *carai-ai*.

Maracanã.—Lagôa, no municipio de Mogy-guassú.

Maracanã, corruptela de *Mbaraá-guâ-anã*, por contracção *Mbaraá-guá'-nã*, «larga, redonda, doentia». De *mbaraá*, que se pronuncia *mará*, «doença de febres», *guá*, ou mesmo *quá*, «redondo», *anã*, «largo, gordo, grosso, espesso».

Allusivo a que, embora seja uma grande lagôa, suas aguas produzem febres.

Maranduba.—Ilha, no municipio de Ubatuba.

(Vide adiante o nome *Mirinduba*).

Maranhão.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo, freguezia do Senhor Bom Jesus do Braz.

Maranhão, corruptela de *Marã-n-aã*, «ruim». De *marã*, «ruim», *n*, intercalação nasal, *aã*, exprimindo a mesma qualidade «ruim», para tornar bem certo o facto.

Allusivo a serem pestilenciaes as suas aguas.

Com efecto, nasce em terreno pantanoso; e ao descer, forma pôcos no leito.

Os que habitam ás suas margens usam das suas aguas; mas a verdade é que não podem ser sadias, por sua origem.

Não ha semelhança com o nome *Maranhão*, da província do mesmo nome, senão na corruptela; porque a formação tupi é muito diferente.

Maratan-ná.—Rio pequeno que nasce nos morros da ilha *Guaimbé*, ou de *Santo Amaro*: no município de Santos.

Depois de correr paralello ao rio *Curumahú*, afasta-se para o centro da várzea, e afinal vai desaguar no mesmo *Curumahú*, proximo á foz deste.

Maralan-ná, corruptela de *Maratan-yúá*, «endurecido e pegajoso». De *maratan*, o mesmo que *paratan*, mudado o *p* em *m* por não existir palavra antecedente, «espesso, endurecido, duro», *yúá*, «pegajoso, visguento».

Allusivo a ser seu leito um atoleiro duro e pegajoso, quando atravessa a várzea.

Mariano.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municípios de Taubaté e de Caçapava.

Mariano, corrupção de *Marā-ni*, «malleitoso». De *marā*, «doença enfermidade, sezão», *ni*, adverbio, para exprimir a certeza do facto; e a pronuncia de *ni* é usada breve, tanto mais que o accento predominante está em *rā* da palavra anterior, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Maribondo.—Cachoeira no *Rio Grande*, que serve de divisa entre S. Paulo e Minas Geraes, abaixo da fóz do rio *Sapucahy*, alguns kilometros: no município de Espírito Santo de Barretos.

Nada tem o nome desta cachoeira com a terrível vespa *maribondo*, cuja mordedura ou picada é muito dolorosa.

Maribondo, nome da cachoeira sobre-dita, é corruptela de *Harú-bó-ndi*, «muitos impedimentos extraordinarios». De *harú*, «impedimento», *bó*, para exprimir superlativo, *ndi*, «muitos»; sendo que é pronunciado breve, porque o accento predominante está em *bó*, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo a corredeiras, saltos, e outros impedimentos nesse trecho do rio.

Maroré.—Serra, mencionada no titulo *de sesmaria de Pedro Góes*, de 10 de

Outubro de 1532. E' um dos planos ou degraus da serra *Cubatão*: no município de Santos.

(Vide o nome *Cubatão*).

O padre LOURENÇO CRAVEIRO, reitor do Collegio dos Padres Jesuitas em S. Paulo, annotando em 1674 aquelle titulo de sesmaria, escreveu *Mamoré*; mas é erro talvez do copista.

(Vide o nome *Mamoré*).

Maroré, corruptela de *Mbururé*, «tor-ta, torcida». O mesmo que *pururé*, mudado o *p* em *mb*.

Allusivo á sua formação em direcção inversa á da serra, da qual é contra forte.

E', porém, mais baixa do que a serra *Cubatão*, como acima ficou dito.

Mar Pequeno.—E' o estreito desde a barra *Icapára* até a de *Cananéa*: nos municípios de Iguape e de Cananéa. Sua largura varia de 400 a 1200 metros na extensão de 66,6 kilometros.

(Vide os nomes *Cananéa* e *Candairó*).

Este estreito é formado, desde a barra *Icapára* pela terra firme e pela ilha *Comprida*; e, de certo ponto para o sul até á barra de *Cananéa*, pela mesma ilha *Comprida* e pela ilha *Cananéa*.

(Vide os nomes *Comprida* e *Condapuhý*).

Mar Pequeno é uma grande corrupção de *Mo-há-pé-pé-mo*, «esquinado e sinuoso». De *mo*, particula activa, em vez de *mbo*, por causa do som nasal de *pépé*, conforme a lição dos grammaticos, *há*, «torcer, volver», *pépé*, «esquinar», com o suffixo *mo* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter margens successivamente esquinadas; e a ter canal muito sinuoso, de sorte que a embarcação é forçada a successivas voltas e revoltas.

Marques.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Lorena.

Marques, corrupção de *Mbo-áquâ*, por contracção *Mb'-áquâ*, «corrente».

Em algumas regiões, o *b* é pronunciado com preferencia, formando *báquâ*; em outras é o *m*, formando *máquâ*.

Mathias Péres.—Corredeira, no rio *Tieté*, em seguida á do *Garcia*: no município de Tieté.

(Vide o nome *Garcia*).

Mathias Péres, corrupção de *Mbo-tiyo-yérè*, «ondas e rodomoinhos». De *mbo*, particula activa, que são *mo* ou *bo*, um e outro breves, como se quizer, *ti*, «agua», *yo*, reciproco, para exprimir plural e comunicação de uns com outros, *api*, «ladear», *yérè*, com referência a *ti*, «rodomoinho».

Querendo dizer «ondas, aguas vivas», a palavra composta é *i-yérè*. O *i* inicial é o mesmo que *ti*, «agua, rio». No nome *Mbo-tiyo-yérè*, a palavra *ti* rege conjuntamente *yo-api* e *yérè*, sem ser necessário repeti-la em *yérè*.

Allusivo a fazer esse corrego rodomoinhos e ondulações.

No *Diario de navegação* do rio *Tieté*, escrito em 1769 pelo sargento-mór

THEOTONIO JOSÉ DUARTE, o nome *Mathias Péres* figura como significando «perdeu-se este homem nella» !

Matinada.—Serrote da cordilheira *Mantiqueira*: no município de Buquira.

Matinada, corruptela de *Halî-âi*, «erecto, ponteagudo». De *halî*, «ponta», *âi*, «erecto, teso».

Allusivo a se elevar ponteagudo.

Matto Grosso.—Serra, no município de Batataes.

Matto Grosso, corrupção de *Matû-hôcê*, «altíssimo». De *matû*, o mesmo que *cata*, «muito», *hôcê*, «sobrepujar», exprimindo superlativo.

Allusivo á sua altitude de mil metros, mais ou menos, acima do nível do mar. A extensão é de cerca de sessenta quilometros, além das ramificações.

Em alguns logares é *Ytá-nb-ê*, «morro ôco». De *ytá*, «pedra, morro», *nb*, intercalação por ter som nasal a palavra *ê*, «ôco, concavo».

Allusivo ás numerosas cavernas e grutas que ha nella, e que são assim denominadas ainda hoje pelo povo.

Não haja confusão com *Itambé*, que é *cousa diversa*.

(Vide o nome *Itambé*).

Matto Grosso de Batataes.—Povoação-freguezia, no município de Batataes. É situada sobre a serra acima descrita.

Matta-tres.—Corredeira, no rio *Mogy-guassú*.

Matta-tres, corruptela de *Matû-eté*, para exprimir superlativo.

Allusivo á velocidade das aguas nesse lugar.

Matto-sécco.—Corredeira, no rio *Tieté*.

Matto-sécco, corruptela de *Matû-etêi*, para exprimir superlativo.

Allusivo á veloz e impetuosa correnteza das aguas nesse lugar.

E tambem cachoeira.

(Vide o nome *Itupirú*).

Está abaixo, alguns kilometros, do saltete *Itupanema*.

Mboy.—Affluente do rio *Jurubatuba*, pela margem esquerda: entre os municípios de Santo Amaro e de Itapecerica.

(Vide o nome *Jurubatuba*).

Este é o *Mboy-guassú*. Ha, porém, o *Mboy-mirim*, affluente daquelle, pela margem esquerda: no município de Itapecerica.

A' margem esquerda do ribeirão *Mboy-mirim* está a povoação *Mboy* (ou melhor escrito, *Mbeiu*), antigo aldeamento de indigenas domesticados, e hoje parochia.

Mboy, corruptela de *Mbeiu*, «cousa penhascosa, montanhosa, agrupamento de montes, cousa em cachos ou cacheada, couças juntas, apinhadas», palavra que, como ensina o padre A. R. DE MONTOYA, no *Tesoro de la lengua guarani*, era empregada com applicação aos logares accidentados por penhascos, montes, ou matas com arvores desiguais na altura e mui juntas, apinhadas ou agglomeradas.

O padre MANOEL DA FONSECA, na *Vida do padre Belchior de Pontes*, diz: «Não se occupava sómente em exercícios espirituais, mas, attendendo também a algum commodo temporal dos indios, lhes mudou a Aldéa... Estava esta Aldéa formada em uma ladeira pouco

alcantilada, mas com pouca vista; porque os montes, de que estava cercada, lh'a impediam, ainda que os pinheiros que lhe formavam huma como muralha, a fizessem ristosa a quem nella entra-va... Deste logar a mudou para outro pouco distante, no qual, ainda que havia a mesma inconveniencia da vista pela visinhança dos montes, ficava comtudo assentada em um plano cercado de ribeiras».

A palavra, no som, não é *Embahú*, como alguns dizem; e, sim, simplesmente *Mbeiu*, soando o diphthongo *ei* quasi imperceptivelmente. Por isso, a gente do logar pronuncia menos incorrectamente *Embú*.

A corruptéla ocorreu, portanto, menos na pronuncia dos naturaes e dos moradores, do que na maneira de reproduzir na escripta; e explica-se pela difficultade de reproduzir a pronuncia nasal-guttural do diphthongo *ei* e syllaba *u*, e pela confusão com a do *y* guttural.

O *Mboy-guassú*, em suas cabeceiras, e até uma certa extensão, tem o nome *Guarapiranga*.

(Vide o nome *Guarapiranga*). (*)

(*) Em nota avulsa:

Quanto aos ribeirões, *Mboy*, corruptéla de *Mboii*, «peso, carga». Allusivo a serem pesados ou pouco correntes esses ribeirões. O i sóa gutturalmente, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, no preludio, a propósito da pronuncia do primeiro, sempre que ha dous ii no final da palavra.

Meninos.—Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: entre os municipios de S. Paulo e de S. Bernardo.

Meninos, corrupção de *Mā-n-i-na*, «impedido». De *mā*, «impedimento», *i*, consoante da mesma palavra *mā*, ligando esta a *i*, «estar, pôr», com a particula *na* (breve) para formar supino.

Allusivo a ter, na fóz, nível inferior ao das aguas do *Tamanduatehy*; de sorte que suas aguas, encontrando nas do ribeirão *Tamanduatehy* resistencia, refluem e alagam as margens. E' esta resistencia que forma o impedimento, que o nome tupi manifesta.

Mequieiro.—Affluente do ribeirão *Sapuancibá*, no municipio de Iguape. (Vide o nome *Moqueira*).

Milhã.—Serrote, no municipio de Piracicaba.

Milhã, corruptéla de *Mi-y-ã*, «empinada». De *mi*, particula passiva, para significar a causa sobre que cahe a acção do verbo, anteposta ao infinitivo, *ã*, «empinar, estar em pé, ser a prumo», precedido do *y*, relativo, por já estar transformado em passivo o verbo *ã*, como acima se vê.

Este modo de formar participio passivo com a anteposição da syllaba *mi*, é ensinado pelo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*; mas, o padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, o contesta, dizendo que esta lingua não tem para passivo senão a posposição *pira*.

Em todo o caso, este parece ser um nome formado segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA.

Allusivo a ser muito alcantilado o serrote; seu espigão é alto.

Mirante.—Bacia notavel no rio *Paranapanema*: no municipio de S. Sebastião de Tijuco Preto. E' abaixo do salto *Agua do Padre*, 17 kilometros. E' calculado seu diametro em 600 metros.

Mirante, corruptéla de *Myrō-ti*, «aguas revoltas», *myrō*, «revolver», *ti*, «agua».

Por causa do predominio do accento em *rō*, a palavra *ti* sóa breve.

Allusivo a formarem as aguas rodomoinho, depois de descer em desfiladeiro estreito, ahi precipitando-se. As aguas, nessa bacia ou poço, parecem paradas; mas, no fundo, estão revoltas.

E' este um bellissimo trecho do rio *Paranapanema*; porque, apôs o desfiladeiro, o rio alarga-se em arco de um e de outro lado, e mostra um como lago no centro formado pela bacia.

Mirinduba.—Ilha pequena granitica, no oceano: no municipio de Ubatuba. Tem a forma elliptica.

Está situada em frente á fóz do rio *Brajaimirinduba*.

Mirinduba, corruptéla de *Myri-nd-ii*-bac, «pequena e apertada». De *myri*, «pequena», *nd*, intercalação nasal, *ii*,

ertada, rija dura», *bae*, (breve), para mar participio.

Allusivo a ser pequena, cercada inte-
rnamente de pedra, e ainda com arre-
s do lado de leste; sem sacco ou
leada para abrigo, de sorte que o
r bate rijo de encontro ás rochas.

Misericordia.—Rio, que desagua no
al *Bertioga*; nasce no varzedo da
de *Santo Amaro*, ou *Guaimbé*; no
municipio de Santos.

Misericordia, corrupção de *Mbiiér-é-óg-ca*, contrahido em *Mbiiér'-iqu'-óg*, «tortuoso e derramado». De *mbiiéré*,
mesmo que *púérá*, «derramar», *iqué*,
«torcer», com o suffixo *ca* (breve),
a formar supino.

Allusivo a fazer zigs-zags em seu
so, sempre em varzea e alagadiços.

Mitra.—Serra, no municipio de Xi-
ca.

Mitra, corruptela de *Mbo-itarù*, por
contracção *Mb'-itarù*, «teso á prumo».
mbo, particula activa, *itarù*, «teso
prumo».

Allusivo a ser alcantilada esta serra,
n eneostas empinadas.

A pronuncia é *Mitarù*, com accento
dominante no *i*, e o mais sempre
eve e corrido.

Moçambique.—Affluente do rio *Ri-
ra de Iguape*, pela margem esquerda;
municipio de Xiririca.

Moçambique, corrupção de *Hócèambi*,
por contracção *Hóc'-ambi-ca*, «muito
ertado entre duas alturas». De *hócè*,
mesmo que *ócè*, *aócè*, *cocè*, *açocè*, para
rimir alturas ou cousas que sobre-
jam, *ambi*, «apertar entre duas cou-
s», com o suffixo *ca* (breve), para
umar supino. O *h* tem som aspirado.

Allusivo a correr entre paredões altos.
Com effeito, do ribeirão *Pilões* para
na, os ribeirões e corregos cortam ja-
gos de grês branco inferior, formando
vas fundas entre paredões altissimos.
Em seguida ao ribeirão *Pilões*, á mar-
m esquerda do rio *Ribeira de Iguape*,

tá o *Iporanga*, tambem entre pare-
dões altissimos. E o immediato ao *Ipo-
ranga* é o *Moçambique*. Essa região
tem ahí a mesma formação.

Mocóca.—Cidade, na proximidade
da serra *Cubatão*. E' a antiga parochia
de S. Sebastião da Boa Vista.

Mas, o nome *Mocóca* é do ribeirão,
que corta a cidade, e vae desaguar no
Rio Pardo, pela margem direita.

Mocóca, nome do ribeirão, corruptela
de *Mbo-iqué-óg-ca*, por contracção *Mbo-
qu'-óg-ca*, «encerrado dos lados». De
mbo, particula activa, cujo *b* é quasi
imperceptivel na pronuncia quando pre-
valece o *m*, conforme a lição dos gram-
maticos, *iqué*, «lado», *óg*, «encerrar»,
com o suffixo *ca* (breve), para formar
supino.

Allusivo a correr entre morros. Mesmo
na cidade assim é; pois que esta é ro-
deada de quatro morros, e o ribeirão
passa entre elles.

Mocóca.—Serra, no municipio de
Natividade.

Mocóca, corruptela de *Mbo-óg-óg-ca*,
por contracção *Mb'-óg-óg-ca*, «successi-
vamente saccado». De *mbo*, particula
activa, *óg*, «saccar, arrancar», repetido
para exprimir a successão do facto, com
o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a se mostrar revolvido, com
pedras em desordem.

Mocóca.—(Vide o nome *Mucuóca*).

Mocotó.—Nome dado, nos caminhos
de muitas voltas e encruzilhadas, a estes
pontos de junção.

Mocotó, corruptela de *Mbo-co-tóg*, «me-
neiar-se, fazer voltas». De *mbo*, parti-
cula activa, *cotóg*, «meneiar-se, fazer
voltas».

Moéla.—Ilhas, no oceano, a leste da
ponta sul da ilha de *Santo Amaro* ou
Guaimbé; ponta esta conhecida por *Mondúba*.

(Vide o nome *Mondúba*).

No municipio de Santos.

O nome *Moéla* é corruptela de *Mbo-é-yrù*, «separadas, porém companheiras». De *mbo*, particula activa, soando *mo* conforme a lição dos grammaticos, é, «á parte, separado», *yrù*, «companheiro», pronunciado breve e corrido, por causa do accento preponderante em *é*.

Allusivo a parecer uma e serem de facto tres.

O nome tupi, pelo som, e tambem a forma desse pequeno archipelago semelhando, visto de longe, a *moéla* das aves, foram motivo para corruptela.

Mogy.—Pequeno rio que desagua no laga-mar de Santos.

Mogy, corruptela de *Mbo-ügi*, «aper-tado». De *mbo*, particula activa, *ügi*, «apertado, duro».

Allusivo a descer da serra entre penedias.

Mogy das Cruzes.—Cidade, com estação na linha ferrea de S. Paulo e Rio de Janeiro.

O nome primitivo era *Sant'Ana das Cruxes de Boygy-mirim*, segundo documentos antigos. E, por isso, escreveram alguns que o nome *Boygy* foi corrompido em *Mogy*.

E', porém, o nome *Cruzes Boygy*, corruptão de *Curúg-bo-yigi*, «atoleiro duro». De *curúg*, «atolar», *bo*, para exprimir logar ou sitio, *yigi*, «duro, apertado».

Allusivo á extensissima varzea, onde ha successivos atoleiros, ou pantanaes de lama visquenta. Os animaes têm dificuldade em soerguerem-se para continuarem o trajecto.

A tal historia de *cruzes* no logar, por causa de corpos enterrados, não passa de uma invenção. Basta pronunciar corrido *curúg*, para quasi soar *cruzes*.

A razão por que passou a ser *Mogy*, com o accrescimo de *mirim*, foi porque no seculo XVII, foi descoberto o rio *Mogy-guassú*; sendo que este *guassú* não é o contraposto a *mirim*, como mal o entenderam os portuguezes desse tempo.

(Vide o nome *Mogy-guassú*).

Aquelle accrescimo, porém, não tendo razão de ser, acabou por desapparecer,

quando foi fundada no mesmo seculo XVII, a povoação, hoje cidade de *Mogy-mirim*. Outra incongruencia, de que o indigena não cogitou.

(Vide o nome *Mogy-mirim*).

A verdade é que até agora era ignorada a origem do tal nome *Cruzes*. Ahi fica a explicação.

Mogy-guassú.—Villa, á margem esquerda do rio *Mogy-guassú*.

Antes de creada a freguezia e villa de *Mogy-mirim*, o arraial de *Mogy-guassú* era séde da freguezia e tinha o nome de *Mogy do Campo*.

O rio é um dos principaes da provincia de S. Paulo: e é affluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda.

Mogy-guassú, corruptela de *Mongigaú-uçú*, por contracção *Mong-igaú'-cú*, «pantanal pegajoso extenso». De *mong*, «pegajoso, visquento», *igaú*, «lama de-tritos», *uçú*, «grande, largo».

Com effeito, em uma extensão de mais de cem kilometros, desde a *Escaramuça* até á affluencia dos ribeirões *Bomfim* e *Piauhy*, ha os pantanaes famosos que deram ao rio o nome *Mogy-igaú'-cú*.

Vê-se pois, que não havia razão para dar á região de *Mogy das Cruzes*, o qualificativo de *mirim*, contraposto de *guassú*.

(Vide o nome *Mogy das Cruzes*).

Nem tambem o indigena jamais cogitou de dar o nome *Mogy-mirim* ao ribeirão, á cuja margem esquerda está a cidade do mesmo nome.

(Vide o nome *Mogy-mirim*).

O rio *Mogy-guassú* tem innumeras cachoeiras, e mais o salto *Pirassununga*, e corredeiras extensissimas. Seu fundo é, geralmente, granítico; mas, na região dos pantanaes, é arenoso.

A cachoeira principal é a *S. Bartholomeu*.

(Vide o nome *S. Bartholomeu*).

A corredeira mais extensa é a *Escaramuça*.

(Vide o nome *Escaramuça*).

Ambos esses nomes são corruptos.

As outras cachoeiras e corredeiras, cuja menção vale a pena, são: *Onça*,

Mombúca, Brumado, Tira-catinga, Sucury, Agudo, Figueira, Indaiá, Funil, Sete Taipavas, Itupéva, Tupapuái, Corrego Ricó e Cordão.

Mas, com o nome *Mogy-guassú* ha tambem uma varzea pantanosa, proxima á villa de Caraguatatuba. Outros a denominam *Boyuassú*.

(Vide o nome *Boyuassú*).

O rio *Mogy-guassú* tem suas origens na província de Minas Geraes; e, apôs a affluencia do *Rio Pardo*, pela margem direita, alguns o denominam *Rio Pardo*, em vez de *Mogy-guassú*, de sorte que este torna-se affluente daquelle, pela margem esquerda.

Finalmente, ha tambem com o nome *Mogy-guassú* uma serra entre os municipios de Ytapira e do Espírito Santo do Pinhal, prolongando-se até além das divisas com a província de Minas Geraes. Sem duvida ha no alto della pantanaes.

Mogy-mirim.— Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Mogy*.

Os primeiros povoadores da região accrescentaram ao nome *Mogy* a palavra *mirim*, para o distinguirem do rio *Mogy-guassú*, do qual é affluente, pela margem esquerda, na suposição de que a palavra *guassú* no nome daquelle rio significava «grande».

Mas, quer o nome quer as qualidades hydrographicais, não são eguaes em um e em outro. O rio é, como já foi escripto, *Mong-igaú-'çu*, por allusão aos seus famosos pantanaes; ao passo que o ribeirão é simplesmente *Mbochi*, «ruim», por allusão á má qualidade da agua e a produzir maleitas e impaludismo, segundo informaram-me pessoas do logar.

Vê-se, pois, que a palavra *mirim* foi accrescimo feito ao nome pelos primeiros povoadores, por ignorarem a diferença entre o rio e o ribeirão, quer das qualidades hydrographicais de cada um, quer dos nomes respectivos, originados de taes qualidades, segundo o systema dos indigenas.

Se o nome fosse o mesmo do rio *Mong-igaú-'çu*, isto é, *Mong-i*, signifi-

cando «perseverantemente pegajoso», i, posposição de perseverança, seria isso um não senso, não coincidindo o nome com essa qualidade na agua do ribeirão.

Moinho.—Affluente do ribeirão *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda, entre os municipios de Porto Feliz e de Tieté.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Taubaté.

Moinho, corruptela de *Mboi-na*, «delgado». De *mboi*, o mesmo que *poi*, «adelgazar, ser delgado», com o suffixo *na* (breve), para formar supino. Este verbo *poi* é um dos que soffrem a mudança do *p* em *mb*.

Allusivo a correrem sempre estreitos.

Mombaça.— Campo proximo ao logar em que o ribeirão *Apotribú* faz tres saltos seguidos, antes de desaguar no rio *Tieté*.

Mombáca, corruptão de *Nhū-mbáu*, «campo manchado de montes». De *nhū*, «campo», *mbáu*, o mesmo que *páu*, mas mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal de *nhū*, que o antecede, «ilha, cousa intermedia». Mesmo *nhū-páu* ou *nh-mubáu* significa «ilhas de monte em campo».

Moléques.—Arrecifes e parcéis ao lado da ilha *Cardoso*, no oceano: município de Cananéia.

Arrecifes ponteagudos, quasi em frente á *Praia Grande*, no município de S. Sebastião.

Moléques, corruptão de *Bur-é-que*, «parcéis, arrecifes». De *bur*, «sahir de baixo d'agua», é, «á parte, separado», *que*, posposição para assignalar perigo e exprimir a necessidade de cuidado na navegação.

(Vide o nome *Cardoso*).

Os ignorantes dizem que são os maritimos que assim denominam esses arrecifes e parcéis. Sim, elles pronunciam corruptamente o nome tupi, assás expressivo.

Com efeito, ao lado da ilha *Cardoso*, ha bancos de areia e um lagedo, que se mostram á flor d'agua.

E, quanto aos arrecifes proximos á *Praia Grande*, no municipio de S. Sebastião, são duas rochas ponteagudas, que de longe parecem uma só ilhota.

Mombúca.—Affuentes do rio *Itanhuem*, pela margem esquerda: no municipio de Itanhaen.

Ha o *açú* e o *mirim*.

Affluente do rio *Mogy-quassú*, pela margem direita; no municipio de Ribeirão Preto.

Mombúca, «furador». De *mo*, particula activa, *mbúca*, infinitivo de *púg*, «arrebentar, furar», mudado o *p* em *mb*, por ser este um dos verbos que soffrem essa mudança, e mudado o *g* em *ca* (breve), segundo a regra dos grammaticos.

Allusivo a descer a serra entre e por baixo de pedras e penhascos.

Mombúca.—Corredeira, no rio *Mogy-quassú*.

Ahi, pela margem direita, afflue o ribeirão do mesmo nome, e já mencionado no nome anterior.

Mombúca, corruptéla de *Mombi-ca*, por causa do som guttural do *i*, «excessivamente apertado». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir excesso, superlativo, etc., *mbi*, o mesmo que *pi*, «apertar, atar», mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal de *mo*, com o sufixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a estreitar-se ahi tanto o rio, entre rochas, que extraordinariamente velozes se tornam as aguas em sua descida.

Momúna.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Alguns escrevem *Camúna*; mas é erro. (Vide o nome *Camúna*).

Momúna, corruptéla de *Mo-húú-na*, «lodoso». De *mo*, particula activa, *húú*, «ter lodo, borra, fézes», com o sufixo *na* (breve), para formar supino. O *h* aspirado parece um *m*: dahi *Mo-mú-na*.

Mondúba.—Ponta sudeste da ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro*, fronteira á *Itaipú*; e ambas formam a entrada das barras de Santos e de S. Vicente.

Mondúba, corruptéla de *Mondiú-bo*, «logar em que faz rebojo». De *mo*, particula activa, *ndiú*, o mesmo que *tui*, «rebojar», *bo*, posposição ou particula para designar sitio ou logar.

Allusivo ao entumecimento que ahi fazem as aguas, por causa do encontro e lucta das correntes; e, com isso, crescem as ondas, e vão quebrar-se alto na penedia.

Com efeito, essa ponta da ilha é dificil de ser transposta ou dobrada pelas embarcações ou navios que sahem barra fóra, aproando ao nòrdeste.

Mongaguá.—Serra, entre os municipios de S. Vicente e de Itanhaen.

Pequeno rio, que nasce naquelle serra e desagua no oceano, servindo de divisa a aquelles dous municipios.

Mongaguá, corruptéla de *Mong-ayúá*, «lama pegajosa». De *mong*, «pegajoso, visguento», *ayúá*, «lama, limo».

Allusivo, quanto á serra, aos pantanaes em seu cimo; e, quanto ao rio, ao limo espesso em seu leito e barrancas.

Já li *Monguágua*; mas é erro, se bem que o significado seja o mesmo.

Monos.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Branca, de Jacarehy e de Mogy das Cruzes.

Monos, corrupção de *Mo-úú-na*, «lodoso». De *mo*, particula activa, *úú*, o mesmo que *húú*, «lodo, limo, lama», com o sufixo *na* (breve), para formar supino.

A syllaba *na* é pronunciada corrida e breve, segundo a regra ensinada pelo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo a criar muito limo ou lodo no leito e nas barrancas.

Quando ha chuvas, torna-se volumoso.

Monte-alto.—Serrote, no municipio de Jaboticabal. E' conhecido no logar

pelo nome *Serrinha do Bom Jesus do Monte Alto*.

Traducção do nome *Gambá*.
(Vide este nome).

Monte de trigo.—Ilha, no oceano: pertencente ao município de Santos.

Monte de trigo, corrupção de *Mo-ty-aticuì*, «ponteagudo e calvo». De *mō*, partícula activa correspondendo a *ty*, «apontar, ponta», *aticuì*, «calvo, pellado no alto».

Allusivo à sua altura formando ponta: sem vegetação alguma no cimo. Por ser ilha granítica e fragosa, as encostas superiores são cobertas de capim, que se melha, na côr, o trigo:—dahi a corrupção. Na parte superior é arborizada.

E' fundo o mar em redor della: e, por isso, serve de abrigo a embarcações, no caso de necessidade; para o que tem boa barra e bom ancoradouro.

Está situada á meia distancia, mais ou menos, entre a barra de Santos e a barra-sul de S. Sebastião.

Monte-mór.—Villa, á margem direita do rio *Capivary*.

Nos tempos primeiros, a povoação era conhecida por *Capivary de cima*; mais tarde por *Agua Chóca*.

(Vide o nome *Agua Chóca*).

Montevidéo.—Ilha, no *Rio Grande*, em frente ao logar da antiga povoação de Santa Rita do Paraíso.

Monteridéo, corrupção de *Mō-tembei-nd-é*, «separada da margem do rio». De *mō*, partícula activa para o verbo *é*, *tembei*, «margem do rio», *nd*, intercalação para ligar *tembei* a *é*, «á parte, separar».

Allusivo a ser uma ilha formada por fendas, ou fundos, que alguma enchente fez na margem proxima.

Moóca.—Affluente do rio *Tamanduahy*, pela margem direita: no município de S. Paulo.

Moóca ou *Mo-óg-ea*, «tapado». De *mō*, apócope do *moró*, para exprimir excesso, superlativo, extensão, habito, peculiaridade.

dade, etc., *óg*, «tapar», com o sufixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo ao facto de refluirem as suas aguas, quando ha enchente no ribeirão *Tamanduatehy*, formando alagamento, com agua de outros ribeirões e do mesmo *Tamanduatehy*, cujas aguas tambem refluem por causa do nível superior do rio *Tieté*, em tempo de chuva.

Em um titulo de sesmaria li *Móque*; mas é corruptéla.

A varzea marginal é tambem conhecida por *Moóca*; mas o nome é do ribeirão.

Moquem.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municípios de Piracicaba e de Botucatú.

Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: no município de Itapetininga.

Moquem, corruptéla de *Mo-quê-hê*, «dorme muito a gosto». De *mō*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, excesso, superlativo, habito, *quê*, «dormir», *hê*, «a gosto, commodamente».

E' tambem conhecido por *Moquêra*. (Vide o nome *Moqueira*).

Os indigenas assim denominaram alguns ribeirões ou mesmo corregos de imperceptivel correnteza.

Moqueira.—Affluente do rio *Saputantuba*, no município de Iguape.

Alguns dizem *Mequeiro*; mas é erro.

O supra mencionado affluente do rio *Tieté*, que é tambem conhecido por *Moquem*.

(Vide o nome *Moquem*).

Moqueira, corruptéla de *Mo-quér-a*, «dorminhoco». De *mō*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, habito, peculiaridade, excesso, *quér*, «dormir», com o accrescimento de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a serem quasi mortos, por sua lentidão, esses dois ribeirões.

Moquetá.—Morro, á margem do ribeirão *Pirajuára*: no município de Jarcarehy.

Moquetá, corruptéla de *Mbo-iqué-itá*, «o que serve de esteio». De *mbo*, par-

ticula activa, *iquê*, «lado, costado», *itá*, «pilar, armação, estante, em geral causa em que outra se firma». Por contracção *Mbo-iqu'-itá*.

Allusivo a ser contraforte da serra.

O padre A. R. DE MONTOYA, no seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *Hoquitá*, confundindo *Og-itá*, «pilar de casa».

Moraes.—Serra, no municipio de Cruzeiro.

Afluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de Tieté e de Tatuyá.

Moraes, corruptela de *Mo-rá*, «excessivamente desigual». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, excesso, *rá*, «desigual, altos e baixos». E' *mo* e não *po*, por estar o verbo no infinitivo.

Allusivo, quanto á serra, ás varias elevações irregulares que mostra: e, quanto ao ribeirão, aos altos e baixos em seu leito.

Moranchy.—Morro, entre os municipios de Amparo e de Campinas.

Moranchy, corruptela de *Moró-ã-chý*, contrahido em *Mor'-ã-chý*, «muito empinado e escorregadio». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir superlativo, peculiaridade, costume, excesso, extensão, etc. *ã*, «empinar», *chý*, «escorregar, resvalar».

Allusivo a ser muito alcantilado, e ter encostas limosas.

Já li escripto *Moranqui*; e assim é pronunciado.

Mopian.—Nome que, segundo alguns chronistas, os indigenas davam á ilha de S. Vicente.

Mopian, corruptão de *Moró-puã*, «altissimo». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir superlativo, excesso, hábito, extensão, *puã*, «levantar, elevar, erguer»; verbo este que, por ter recebido, neste caso, a particula *moró*, se faz *absoluto*, segundo a lição dos grammaticos. *Moró*, e não *poró*, porque *puã* está no infinitivo.

Bem se vê, portanto, que os indigenas não podiam referir-se á ilha, senão

sómente ás altissimas montanhas *Cubatão*, ou mesmo talvez só ás altas montanhas que existem naquella ilha.

Morrinhos.—Serra, no municipio de Cajurú: pouco elevada, porém sinuosa e escabrosa.

Morrinhos, corrupção de *Moró-ŷi*, por contracção *Mor'-ŷi*, «excessivamente ôco». De *moró*, o mesmo que *poró*, ou *mboró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, hábito, peculiaridade, *ŷi*, «ôco, concavo, abertura, seio». Este *ŷi* é precedido do *moró*, e não *poró* ou *mboró*, por estar no infinitivo.

Allusivo ás grutas que tem.

Uma é um perfeito *tunel* de estrada de ferro; parecendo ser obra de arte. Atravessa a montanha de um lado ao outro. Méde 176 metros de extensão, 6 de altura e 4 de largura.

Outra, distante do tunel tres a quatro kilometros, tem um portico em fórmia de arco de scenario de theatro, com 200 metros de diametro; e por ahí é a entrada para um enorme salão, que pôde accommodar, á vontade, mil pessoas mais ou menos, e é em semi-círculo. As paredes são revestidas de camadas, pouco salientes, de argilla vermelha, semelhando tijolos; e o sólo é coberto de areia fina, tambem vermelha. De um dos lados do salão, ha uma escavação na parede, com a fórmia de um altar; e ao lado do altar uma columna bem modelada, sobre a qual foi fixada uma cruz por algum visitante.

Deste salão para outro compartimento interior, ha duas entradas: uma de 10 a 12 metros de largura, e 6 de altura: e outra, de 2 metros de largura, e 5 de altura.

Neste compartimento interior, existe uma lagôa profunda, cuja agua é crystallina e salina, escoando-se constantemente por um caual. E' conhecida por *Lagôa dos Morrinhos*.

A um dos lados desta lagôa, ha uma galeria estreita e baixa, mas de grande extensão, povoada de vampiros, que ahí cruzam-se a voarem. Por ser escura, ou balda de luz, só com o auxilio de uma

lanterna pôde ser observada; e, ainda assim, é necessaria a maior precauçāo, porque o sólo é accidentado, além de escavado e com frequentes soluções de continuidade. As paredes são muito anfractuosas; e o som, que fóra dalli, mal seria ouvido, tem naquella galeria écho extraordinario.

O amigo, que me remeteu esta descripção, e a quem aproveito a oportunidade de agradecer-lh'a, concluiu exclamando: «E' esta gruta um verdadeiro primor da natureza!».

Com o nome *Morrinhos*, ha um bairro no municipio de Botucatú.

Morro Azul.—Morros, no municipio de Patrocínio de Santa Isabel.

Morros, no municipio de Atibaia.

Morros, entre os municipios de Limeira e de S. João do Rio Claro.

Morro Azul, corruptéla de *Moró-açú*, «altos e baixos em grande extensão». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, etc., *açú*, «levantar e altear». E' *moró* e não *poró*, porque precede o verbo no infinitivo.

Allusivo a serem morros seguidos, ou mesmo em grupo, formando elevações irregulares.

Morro cavado.—Morro, entre os municipios de Sorocaba e de Piedade.

Morro cavado, corrupção de *Moró-qüá-abá*, «muito esburacado por natureza». De *moró* o mesmo que *poró*, para exprimir na cousa a accão propria em relação ao verbo, além de exprimir excesso, superlativo, extensão, habito, etc., em outros casos, *qüá*, «esburacar», *abá*, «muito», com referencia ao verbo *qüá*.

Allusivo a ter cavernas.

Morro do Ouro.—Morro notabilissimo, no municipio de Apiahys. E' granítico e inteiramente pellado. Eleva-se 200 metros acima do nível do regato que o ladêa.

Morro do Ouro, corrupção de *Moró-rô*, «revolto interiormente por sua propria natureza». De *moró*, o mesmo que

poró, para exprimir na cousa a accão propria em relação ao verbo, além de exprimir excesso, superlativo, extensão, habito, etc., em outros casos, *rô*, «revolver interiormente». A palavra *moró* é empregada em vez de *poró*, por anteceder o infinitivo.

Allusivo á sua natureza mineral.

Coincidindo esta natureza mineral com o som do nome tupi, foi aceita a corrupção *Morro do Ouro*; e, de facto, sendo explorado, ahi encontraram signaes indicativos da existencia desse precioso metal. Um desastre, em que morreram mais de uma centena de pessoas, desanimou os exploradores.

Morro Grande.—Morro, entre os municipios de Atibaia, de Bragança, e de Santo Antonio da Cachoeira.

Morro, no municipio de S. José dos Campos.

Morro, entre os municipios de Nazareth, de Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes.

Morro, no municipio de Apiahys.

Morro, no municipio de S. João do Rio Claro.

Morro Grande, corrupção de *Moró-áquâ-ni*, «muito alto ou muito extenso». Por contracção *Moró'-quâ-ni*. De *moró*, para exprimir, neste caso, superlativo, excesso, extensão, *áquâ*, «ponta», *ni*, adverbio affirmativo. O tupi, para dizer que uma cousa *sobrepuja* outra, usa da palavra composta *áquâ-ni*, e por estar empregada neste nome e ter som nasal, foi usado *moró*, em vez de *poró*, que tornou absoluto aquelle verbo, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, e a do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*. Por isso, o nome pôde significar que *sobrepuja* em altura ou em extensão.

Assim, pois, *Morro Grande*, sendo uma corruptéla, pôde ser considerado tambem uma traduçāo, sómente quanto á palavra *Grande*.

Morro Pellado.—(Vide o nome *Saboó*).

Morros, nos municipios de S. Bernardo, de Jundaihy e de S. João do Rio Claro.

Morro Sellado.—(Vide o nome *Sellado*).

Morro Vermelho.—Morros e, em geral, espiões em voltas ou zigs-zags, nos municipios de S. Paulo, S. Bernardo e em muitos outros.

Morro Vermelho, corruptão de *Moró-yeré*, «muito tortuoso». De *moró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, peculiaridade, etc., *yeré*, «voltear». *Moró* e não *poró*, porque precede o verbo no infinitivo.

Morumby.—Morro, entre os ribeiros *Pinheiros* e *Pirajuçára*: no município de Santo Amaro.

Morumby, corruptéla de *Moró-íi-bi*, por contracção *Mor'-íi-bi*, «resvaladouros muitos altos». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, peculiaridade, etc.. *íi*, «resvalar», *bi*, «alçar, levantar». *Moró*, e não *poró*, por estarem no infinitivo os verbos. Ambos os verbos, por isso se tornaram absolutos.

Allusivo a serem muito alcantiladas suas encostas. E' conhecido tambem por *Morro-pellado*.

Morungáva.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Barbara do Rio Pardo e de Lençóes.

Morungára, corruptéla de *Mboró-huúng-ába*, por contracção *Mbor'-huú-ng-ába*, «constantemente turvo». De *mboró*, para exprimir peculiaridade, habito, excesso, superlativo, etc.. *huú*, «lama, lodo, borra, fêzes», *ng*, intercalação por termos nasal a palavra *huú*, e para ligal-o a *ába*, particula para exprimir logar, modo, causa, destino, instrumento, etc.

Com effeito, este ribeirão tem turvas as aguas.

Mosquito.—Serra, no municipio de *Santo Antonio da Cachoeira*.

Cabeceira do ribeirão *Jacarehy*, affluente do rio *Jaguary*, pela margem esquerda: no mesmo municipio.

Mosquito, corruptão de *Mo-gui-it-ta*, «extensas cavernas resvaladias». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, peculiaridade, etc., tornando absoluto o verbo *gui*, «cavernar, ser cavernoso, logar em baixo ou inferior», *íi*, resvalar, escorregar», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino. E' *mo*, e não *poró*, porque o verbo *gui* está no infinitivo.

Allusivo a cavernas, na serra.

Quanto ao corrego que, com o nome *Taboão*, é uma das cabeceiras do ribeirão *Jacarehy*, o nome *Mosquito* é corruptão de *Mo-gui-íi-ta*, «leito lodoso». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, excesso, peculiaridade, habito, etc., *gui*, «logar inferior em baixo», *íi*, «ser sujo, manchado», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter lodo ou limo no fundo.

Os indigenas sohiam denominar, na mesma região, logares varios com nomes que, ainda que soando identicamente, tinham diversa significação.

A corruptão proveiu do facto de se reproduzirem muito as moscas e mosquitos, quer no serrote, quer no corrego, por causa das lamas e do lodo.

Este serrote *Mosquito* é uma ramificação da serra *Mantiqueira*.

Ha tambem um ribeirão *Mosquito*, affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema. Deve ser a mesma corruptéla.

Motim.—Affluente do rio *Purahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santa Branca, de *Jacarehy* e de Mogy das Cruzes, aos quaes serve de divisa com o nome *Putehy*.

(Vide o nome *Potim*).

Mucuóca.—Pequeno rio, que desagua no oceano: no municipio de Caraguatatuba.

Mucuóca, corruptéla de *Mbúgen-yóče*, contrahido em *Mbuc'-yóče*, «arreben-

tado uma ou outra vez». De *mbug*, o mesmo que *púg*, «arrebentar», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino, *ybræc*, «uma ou outra vez, de vez em quando».

Allusivo a formar uma lagôa, a qual quando muito cheia, arrebenta, esvaziando no oceano as aguas.

Mursa.—Morro, no municipio de Jundiahy.

Mursa, corrupção de *Mo-ôcê*, «muito alto». De *mo*, apócope de *morô*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, etc., *ôcê*, o mesmo que *aôcê*, *hôcê*, *côcê*, «sobrepujar». Em vez de *morô*, é *mo*, porque *ôrê* está no infinitivo; e tornou-se absoluto, segundo a lição dos grammaticos.

Allusivo a ser morro superposto a outros, com altitude consideravel.

Está situado quasi na mesma latitude do *Morro-Agudo* da serra *Japy*.

E', com efecto, um morro grande, não sómente por sua altura, como tambem pela área que occupa. Tem fórmula de pico, sobre larguissima base circular, formando a serra denominada das *Sete Vol-*

tas, porque a estrada antiga para Jundiahy as faz.

A serra, bem como o morro, tem a formação de schistos argilosos; e, não attingindo o morro a mais de 800 metros, é visto do pico *Jaraguá*, cuja altitude é de mais de 1.100 metros.

Murundú.—Affluente do ribeirão *Una*, pela margem esquerda: no município de Una.

Murundú, corruptela de *Myrô-nd-húú*, «lodo revolto». De *mýrô*, o mesmo que *pyrô*, «revolver». *nd*, intercalação por causa do som nasal de *mýrô*, e a fim de ligal-o a *húú*, «lodo, borra, fézes».

Este nome *Myrô-nd-húú*, ora traduzido litteralmente «lodo revolto», sohia ser applicado pelos indigenas aos rios e ribeirões *turvos*.

Tambem quando querem assinalar uma grande confusão de pessoas ou de cousas, dizem *mýrô-ndi*, «muita desordem». O som guttural de *ŷ* férre igualmente o *i* final, segundo a regra ensinada pelos grammaticos. *Murundú*, tal é a pronuncia.

N

Nanan.—Affluente do rio *Jundiahymirim*, pela margem direita: no município de Jundiahy.

Nanan, corruptéla de *Na-nhã*, «não corrente». De *na*, partícula de negação precedendo verbo, *nhã*, «correr».

E' também conhecido pelos moradores do lugar como *Pedrinhas* e *Argolinhas*.

Allusivo a ser quasi parado, parecendo extenso e comprido alagadiço, e não propriamente correio.

Natividade.—Villa, situada a tres kilómetros da margem direita do rio *Parahybuna*, na região entre rio e o *Parahytinga*.

Nazareth.—Villa, á margem esquerda do rio *Atibaia*. Está situada sobre um morro de subida ingreme.

Neblina.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: no

municipio de S. Sebastião do Tijuco Preto.

Neblina, corruptéla de *Nhe-mbi-na*, «afundado». De *nhe*, reciproco, para exprimir a acção da causa sobre si mesma, *mbi*, o mesmo que *pi*, «fundar, bajar», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Com efeito, as aguas desse correio cavaram fundo o leito.

Na região em que corre este affluente do *Paranapanema* ha a pedra preciosa denominada *ágatha*.

Nhundiahys.—Affluente do *Una d'aldêa*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Nhundiahys, corruptéla de *Yû-ndi-ai*, «muitos alagadiços, e altos e baixos». De *yû*, «alagadiço», *ndi*, «muitos», *ai*, «altos e baixos».

Já li *Nhundiahú*.

O

O'.— Povoação antiga, desde 1610. A capella data de 1618. Passou depois á freguezia; e ainda hoje o é.

O nome é do orago: *Nossa Senhora do O'*. Anteriormente, era *Nossa Senhora da Expectação*, ou da *Esperança*.

Olaria.— Afluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no município de *Sorocaba*.

Afluente do *Rio Verde*, pela margem direita: no município de S. José do Rio Pardo. O *Rio Verde* aflúe no *Rio Pardo*, pela margem esquerda.

São mais corregos do que ribeirões.

Olaria, corrupção de *H-o-rá-ri*, «successivamente desigual». De *h*, relativo, por haver *r* no nome, *o*, reciproco, para exprimir plural e comunicação de uns com outros, *ri*, «desigual, altos e baixos», *ri*, posposição o mesmo que *rehé*, significando, neste caso, «successivamente».

Allusivo á descerem as aguas encachoeiradas, e com successivas quedas.

Olhos d'Água (Sant'Anna dos).— Freguezia, no município de Batataes.

Onça.— Morro, no município do Iporanga.

Onça, corrupção de *Hôcè*, «o mais alto». De *hôcè*, «sobrepujar».

Onça.— Corredeira, no rio *Mogy-guassú*.

Onça, corrupção de *Hôcè*, para exprimir superlativo.

Allusivo a ter ahi o rio muito ingreme o leito; de sorte que as aguas descem com extraordinaria velocidade.

Onça.— Afluente do rio *Una d'Aldéa*, pela margem direita: no município de Iguape.

Afluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no município de Campos Novos de Paranapanema.

Afluente do rio *Tatuhy*, pela margem esquerda: no município de Tatuhy.

Afluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no município de Tieté.

Afluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no município de Espírito Santo de Barretos.

Afluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no município de Ribeirão Preto.

Afluente do rio *Jacaré-pipira-mirim*, pela margem direita: no município de S. Carlos do Pinhal.

Sempre que o leito do ribeirão é ingreme, os indigenas sohem usar, entre outros nomes, da palavra *hôcè*, «sobrepujar».

Todos estes ribeirões têm cachoeiras e saltos, assim como voltas e gargantas. São muito correntes.

Nada, pois, tem com o animal feroz, cujo nome corrupto é onça, a denomi-

nação dada pelos indigenas a esses ribeirões.

(Vide o nome *Jaguary*).

Onça Parda.—Afluente do ribeirão *Piranga*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Aquelle *Piranga* é afluente do rio *Juquiá*.

Onça Parda, corrupção de *Hôcê-paî-ta*, «excessivamente pendurado». De *hôcê*, para exprimir superlativo, *paî*, «pendurar», com o sufixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a descerem suas aguas quasi em cascata, nos primeiros dez kilómetros.

Orissanga.—Afluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: no município de S. João da Boa Vista.

Orissanga, corruptéla de *Iroiçâ-nga*, «agua esfriada». De *i*, «agua, rio», *roiçâ*, «esfriar», com o sufixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a nascer quente; e, depois, em seu curso, esfriar-se.

Com effeito, este ribeirão vem da serra das *Caldas*, na província de Minas Geraes; e sem duvida o indigena, assim nomeando este ribeirão, quiz assignalar, nas suas cabeceiras, aguas thermaes.

Ostras (das).—Pequeno rio que nasce na serra marítima e desagua no oceano: no município de Ubatuba.

Ostras, corrupção de *O-terô*, «torcido, torto». De *o*, reciproco, para exprimir plural, *terô*, «torcido, torto». A palavra *terô* é pronunciada breve e corrida, por estar em *o*, inicial, o accento predominante:—dahi a corrupção.

Allusivo ás muitas voltas que dá.

O facto de ter ostras é commun aos outros rios que desaguam no oceano.

Ouro.—Afluente do ribeirão *Chibarro*, pela margem direita: no município de Araraquara.

Ouro, corrupção de *Huí-rû*, «lamentoso, pantanoso». De *huí*, «lama podre, lodo, fézes, borra», *rû*, «ter em si».

Allusivo a que este ribeirão tem varzeas pantanosas, ás suas margens: e de taeas varzeas é extrahido o barro para as olarias.

Ouro Leve.—Afluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no município de Iguape.

Ouro-leve, corrupção de *Oii-hecê*, «sucessivamente sujo». De *ii*, «sujo», precedido de *o*, reciproco, *hecê* o mesmo que *rehé*, significando, neste caso, «sucessivamente».

Allusivo a ter limoso o leito. E' corregido.

P

Pacaembú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margein esquerda: no municipio de S. Paulo. E' mesmo nos arredores da cidade.

Pacaembú, corruptéla de *Puã-nга-hẽ-mb-hû*, «atoladiço, e barra alagada». De *paã*, «atolar», *nга* (breve), para formar supino, *hẽ*, «sahida, barra, fóz», *mb*, intercalação por ser nasal a palavra *hẽ*, e para ligal-a a *hû*, «alagar».

Allusivo a ter pantano no leito; e, em consequencia de refluirem suas aguas, alagar na barra as margens.

E' um corrego.

Pacáu.—Affluente do rio *Jacaré-pi-pira-mirim*, pela margem direita: no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Pacáu, corruptéla de *Po-qûáy*, «tem gargantas». De *po*, «contêr», *quây*, «garganta, pescoço, cintura, enfim a parte que se estreita».

Allusivo a estreitar-se, em muitos ló-gares, entre margens altas.

E' encachoeirado.

Paciencia.—Morro, na ilha *Guaimbê ou de Santo Amaro*, no municipio de Santos. E' na extremidade austral da ilha.

Paciencia, corrupção de *Pé-cy-hecê*, «frente resvaladia». De *pé*, «superficie», *cy*, «liso, escorregadio, resvaladio», *hecê* o mesmo que *rehê*, significando neste caso, «frente», e tendo tambem o som nasal *por causa da palavra anterior*.

A palavra *hecê* é pronunciada corrida e breve, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de gramática da língua brasílica*, por estar em *cy* o accento predominante.

Allusivo a ter a face austral em resvaladouro: sendo a face sudoeste ligada á serra.

Ha tambem um morro *Paciencia* no municipio de Ubatuba, com os mesmos caracteristicos physicos.

Paciencia.—Pequeno rio que desagua na enseada *Picinguaba*: no municipio de Ubatuba.

Paciencia, corrupção de *Pecê-hê-cái*, «curto e barra esparzida». De *pecê*, «pedaço, curto», *hê*, «sahida», *cái*, «esparzir». A palavra *cái* é pronunciada breve e corrida por causa do accento predominante em *hê*.

Allusivo a ser curto e a alagar-se na fóz.

Nasce no morro *Paciencia*, mencionado no nome anterior, soando quasi o mesmo, mas com significado diverso, conforme o jogo linguistico, de que os indigenas faziam uso para nomear ló-gares varios em uma mesma região.

E' encachoeirado até a varzea.

Paciencia.—Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem direita: entre os municipios da Franca e do Carmo.

Paciencia, corrupção de *Po-haci-hẽ-cái*, «maleitoso e barra esparzida». De

po, «conter», *haci*, «doença, dôr», *hē*, «sahida, barra, fóz», *cái*, «esparzir, estender». A palavra *cái* é pronunciada breve e corrida por causa do accento predominante em *hē*.

Contraído em *P-'aci-hē-cái*, porque em composição, as palavras começadas por *h*, o podem perder para melhor euphonía. Sobretudo com a particula *po* e com a palavra *poró*, ha quasi sempre contracção.

Allusivo a ter alagada a barra; e a ser muito doentio.

Pacú.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, abaixo da fóz do rio *Tibagy* (este rio pertence ao territorio da província de Paraná), e entre as cachoeiras *Piau* e *Laranjeira*.

Pacú, corruptéla de *Pá-cuè*, «torcida». De *pá*, infinitivo de *apá*, «torcer, entortar», *cuè*, particula de preterito.

Allusivo a fazer o canal uma curva entre o ilhote que ahí existe e a margem direita do rio. O canal é estreito, e obstruído de pedras: sua profundidade é, em geral, de um metro, mais ou menos; sua extensão, mais de um quilometro.

Antes de chegar a um banco de cascalho, que precede o ilhote, o rio alarga-se muito, com baixios em toda a largura: e ahí, ao lado direito do banco de cascalho, começa verdadeiramente a cachoeira, onde as aguas correm extraordinariamente.

Não tem, portanto, o nome desta cachoeira relação alguma com o *pacú*, peixe.

Pacuiba.—Praia, na ilha de *S. Sebastião*: no municipio de Villa Bella.

Pacuiba, corruptéla de *Picuî-bo*, «revolver», *bo* (breve), para formar supino,

Allusivo a ser ahí muito forte a arrebentação das ondas.

Padre André.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Padré André, corruptão de *Paî-ta-ndi-yêrê*, «dependurado, e muitas voltas».

De *paî*, «dependurar», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino, *ndi*, «muitos», *yêrê*, «volta».

Allusivo a ter ingreme o leito, formando cascatas e cachoeiras; e a ser muito sinuoso.

Pae-cará.—Extrema varzea, ao lado do morro *Itapema*; em frente á cidade de Santos e aos *Oiterinhos*, na margem opposta do canal.

Pae-cará, corrupção de *Po-acuraá*, «enseada extensa». De *po*, para exprimir neste caso, superlativo, *acuraá*, «enseada».

Allusivo a ser uma varzea que, ás vezes, se alaga.

Paineiras.—Affluente do rio *Jiqueriy*, pela margem esquerda: no município de S. Paulo.

Paineiras, corrupção de *Pâi-ie-iêrê*, «derrama-se dependurado». De *pâi*, «dependurar», *iêrê*, «derramar», precedido de *ie*, reciproco, para exprimir a acção da causa sobre si mesma.

Allusivo a ter o leito empinado, e a ter, quasi na sua fóz, um salto, cuja altura é superior a dez metros; e por ahí se derrama inteiro.

Paiolinho.—E' a actual villa da Redempçāo.

(Vide o nome *Redempçāo*).

Paixão.—Lagôa, no município de Espírito Santo de Barretos.

Paixão, corrupção de *Iupá-cang*, «lagôa secca». De *iupá*, «lagôa», *cang*, «secco, enxuto».

Palhal.—Affluente do rio *Una do Prelado*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Palhal, corrupção de *Paî-há*, «dependurado». De *paî*, «dependurado», com o accrescimo de *há*, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, intento, fim, causa, etc.

Allusivo ao leito ingreme, com cachoeiras, saltos e cascatas.

Palmeiras.—Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no município de Natividade.

A povoação, séde da parochia *Bairro Alto*, é á margem direita deste ribeirão.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: logo abaixo da cachoeira *Matto-seco*, no município de Araraquara.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no município de Espírito Santo de Barretos.

A grande lagôa *Bacury* é á margem direita deste ribeirão.

(Vide o nome *Bacury*).

Affluente do ribeirão *Cocaes*, pela margem esquerda; e este *Cocues*, affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no município de Santa Cruz das Palmeiras. A villa deste nome está á margem do correio *Palmeiras*.

(Vide o nome *Cocaes*).

Palmeiras, corrupção de *Paã-miyérè*, «derramado e atoladigo». De *paã*, «atolar, atoleiro», *miyérè*, «derramar», sendo para notar que o verbo é *piyérè*, e que o *p* é mudado em *m* por causa do som nasal de *paã*.

Allusivo a transbordarem-se suas aguas no tempo das chuvas; e, cessando estas, as margens alagadas formam pantano.

E' possível que, nesses logares, existam *palmeiras*; mas disso não cogitou o indígena para denominar esses ribeirões e correio, e *palmeira* não é palavra tupi.

Palmital.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: nos municípios de Apiahé e Xiririca.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: um, no município de Santa Barbara do Rio Pardo; outro, no município de Campos Novos de Paranapanema.

Affluente do rio *Taquary*, pela margem direita: entre os municípios de Bom Sucesso e de Itapeva da Faxina.

Affluente do rio *Ilapetininga*, pela margem direita: no município do Espírito Santo da Boa Vista.

Serras, com o mesmo nome, quer no município de Redenção, quer no município de Espírito Santo da Boa Vista.

Saltos terríveis no rio *Paranapanema*: município de S. Sebastião de Tijuco Preto.

Palmital, corrupção de *Pó-háime-itá*, por contração *Pó-háim'-itá*, «paredes a pique, saltos». De *pó*, «salto», *háime*, «a pique», *itá*, «armação, pilar, estante, etc.».

Isto quanto aos rios e ribeirões.

Quanto ás serras, *Palmital* é corrupção de *Pó-háime-itá*, por contracção *Pó-háim'-itá*, «paredão excessivamente a pique». De *pó* o mesmo que *poró*, de que é apócope, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *háime*, «a pique», *itá*, «armação, pilar, estante, etc.».

Com efeito, essas serras são alcatiladas; e tem altitude superior a 800 metros.

Os indígenas sohiam dar a logares varios na mesma região nomes identicos no som, mas diferentes no significado.

No affluente do rio *Ribeira de Iguape*, o leito apresenta uma cascata com dez quedas sucessivas: e o desnivelamento é tão enorme que a temperatura da primeira queda é diversa da da ultima, diversa tambem a flora.

Os denominados *Salto do Palmital* são o maior obstáculo do rio *Paranapanema*. O rio faz esquinas entre paredões, cuja altura é de 50 a 70 metros. A margem esquerda do rio pôde ser considerada de passagem impossível; mas, á margem direita, em canal de largura irregular, entre a mesma margem e um extenso e largo lageado, é difícil, porém não impossível, a passagem e é por ahi, e mediante picadas nas mattas, tanto no extremo superior, como no extremo inferior, que se faz a baldeação das cargas.

Os dous saltos principaes têm: o de cima, 6^m,16 de altura, e o de baixo, 4^m,84; e são separados por uma bacia ou poço, onde as aguas como que permanecem em deposito, segundo a apparencia: nesta bacia ou poço, fazem rodomoinho, e seguem rio abaixo, até cahirem do ultimo salto.

A extensão da cachoeira é de meio kilometro, mais ou menos.

Os saltos e paredões nos outros mencionados ribeirões são de menor importância.

Vê-se, pois, que não se trata de palmares que dão o palmito, e que, aliás, podem ahi existir em abundancia. Nem *palmito* é da lingua tupi; nem o indígena cogitaria disso para denominar esses logares. Palmito é *tuã*.

Pamoná.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: no município de Redempção.

Pamoná, corruptéla de *Paã-moná* «turvo e atoladiço». De *paã*, «atolar», *moná*, «mesclar, borrar, turvar».

Allusivo a ter lanioso o leito, e a estar constantemente revolvido; de sorte que suas aguas mostram-se turvas.

Pantáno.—Serra, entre os municípios de Bragança e de Amparo. O morro *Capitão-mór* pertence a esta serra: e o nome é particulado.

Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no município de Bragança. Nasce n'aquelle serra; e alguns moradores do logar querem que, reunido ao corrego «do Arraial», forme com este o *Passa Tres*, sem uma justificativa para tal envergadura, relativamente á geographia indígena: o *Passa Tres* é o mesmo *Pantáno*, depois de receber as aguas do sobredito corrego.

Os indígenas sohiam dar a logares diversos na mesma região nomes idênticos ou quasi idênticos no som, mas diferentes no significado. *Pantáno*, nome da serra, é corruptéla de *P'-atã-na*, contrahido em *P'-atã-na*, e nasalizado o primeiro *a*, por causa da pronuncia nasal do segundo, a qual, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, fere todas as vogaes da mesma palavra: *P'-atã-na*, «muito erecto». De *po*, apócope de *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *atã*, «erecto, teso», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Pantáno, nome do ribeirão é corruptéla de *Paã-tã-na*, «atoladiço, duro». De

paã, «atolar», *tã*, apócope de *tatã*, «duro, forte», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter pantanal em suas margens.

A margem sobre a qual foi construida a estrada entre Bragança e Amparo, não o mostra, porque ahi foi necessário fazer aterrado.

Pantáno.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no município de Belém do Descalvado.

Pantáno, corruptéla de *Pã-tã-nã*, «golpe duríssimo». De *pã*, «golpe, pancada», *tã*, apócope de *tatã*, «duro, forte», *nã*, posição afirmativa, com pronuncia breve.

Allusivo ao famoso salto que ha neste ribeirão. E' a prumo a muralha granítica, da qual se despenham com estrondo medonho as aguas. Sua altura é de mais de 40 metros.

Ao mesmo tempo, este ribeirão desagua no rio *Mogy-guassú*, justamente quando já tem começado os pantanaes deste rio. Esta parte do rio *Mogy-guassú* é *paã-tã-na*, «atoleiro duro», de sorte que o indígena fez assim um gracioso jogo linguistico.

O estudo destas denominações fixou em mim a opinião de que a palavra *pantáno*, não é portugueza, e sim tupi; e deve ser pronunciada *pantána*, e não *pántano*.

O lexicographo MORAES, quando escreveu que deve ser *pantáno*, para melhor corresponder á *pantána*, ouviu cantar o gallo sem poder dizer onde.

O lexicographo AULETE, este agarrou-se com uuhas e dentes á mesma palavra na lingua hespanhola, como se tambem os hespanhóes não a houvessem levado da America. O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, na palavra *paã*, bem indica que na lingua hespanhola, não havia *pantano*.

Ha um corrego *Pantano*, affluente do Rio Pardo, pela margem esquerda: no município de Ribeirão Preto.

Pantojo.—Morro, no município de S. Roque.

Pantojo, corruptéla de *Paã-tuyù*, «barro atoladiço». De *paã*, «atolar», *tuyù*, «lama, lodo, barro». E' pronunciada *Pantiújù*.

Allusivo a ser pantanoso; sem embargo de excelente calcareo, especialmente do bello marmore verde que possue.

Paquetá.—Suburbio proximo á cidade de Santos.

Paquetá.—E' um suburbio da cidade de Itapetininga.

Não é nome dado pelos indigenas. Por ser logar de residencia ou de pouso de morpheticos, algum individuo lembrou-se de amenisar o facto com o nome *Paquetá*.

Hoje essa rancharia de morpheticos tem o nome—*Villa Rio Branco*. A razão de tal denominacão ninguem a dá. Foi uma phantasia como a do nome *Paquetá*.

Pará.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Tieté.

Pará, corruptéla de *Pi-rá*, «leito desigual». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, mal nivelado».

Allusivo a ser encachoeirado.

Parador.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no municipio de S. João da Boa Vista.

Parador, corrupção de *Pi-ra-tôrê*, «tortuoso, e com leito desigual». De *pi*, «fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *tôrê*, «tortuoso, torto, torcido».

Allusivo a ter saltos, cachoeiras, buracos e gretas no leito, e fazer muitas voltas em seu curso.

Em consequencia de sua sinuosidade e dos buracos e gretas no leito, a corrente é quasi imperceptivel em varios logares: d'ahi a corrupção do nome em *Parador*.

Parahyba.—Rio importante que, formado dos rios *Parahybuna* e *Parahytinga*, faz uma volta, em meio circulo, mudando sua direcção para sudoeste-nordeste, e desce acompanhando e deixando á margem esquerda as vertentes

da serra *Mantiqueira*; e, penetrando na provincia do Rio de Janeiro, banha muitos de seus mais importantes municipios, e desagua no oceano, em S. João da Barra.

Parahyba, corruptéla de *Poró-aib-a*, contrahido em *Por'-aib-a*, «excessivamente escabroso». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habitu, etc., *aib*, «máu», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, segundo a lição dos grammaticos.

Allusivo a ter no leito muitas obstruccões, bancos de areia, cachoeiras e saltos, como o que se vê no municipio de Queluz, que tornam impraticavel sua navegação regular; além dos banhados marginaes, produzindo molestias. São turvas as suas aguas.

Tambem já escrevi, imitando a outros, que *Parahyba* significava «peixe ruim», sendo, aliás, certo que abundam nelle boas especies de peixe do rio, e que, para significar «peixe ruim», era preciso escrever o nome *Pirá-aib-a*.

De peixes não cogitava o indigena, sem duvida mais sabio do que os seus conquistadores, tratando de nomear lugares e cousas.

Este rio, desde a confluencia dos rios *Parahybuna* e *Purahytinga*, banha os municipios de Parahybuna, Santa Branca, Mogy das Cruzes, Jacarehy, S. José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena, Boaçâna, Cruzeiro, Jatahy, Pinheiros e Queluz.

Parahybuna.—Cidade, á margem esquerda do rio *Parahybunà*.

Este rio *Parahybuna* é o que, com o rio *Parahytinga*, em confluencia, forma o rio *Parahyba*. Nasce na serra *Bocaína*.

Parahybuna, corruptéla de *Poró-aib-húu-na*, contrahido em *Por'-aib-húu-na*, «superativamente mau e turvo». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habitu, etc., *aib*, «máu», *húu*, «turvar, ter lodo, borra, fézes», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a diversas obstruccões no leito, como cachoeiras e saltos; e suas aguas são muito turvas.

Na confluencia com o rio *Parahytinga* é que bem se vê a sujidade de suas aguas.

Proximo á barra do ribeirão *Lourenço Velho*, ha uma cachoeira notavel no leito do rio *Parahybuna*; além de outras.

Tambem o nome deste rio tem sido deturpado pelos que, sem conhecereis a lingua tupi, se arriscam a traduzir e interpretar nomes. Li o seguinte: *pirá*, «peixe», *hybuna*, «agua escura»!

Este rio banha os municipios de Cunha, S. Luiz de Parahytinga, Natividade e Parahybuna.

Parahytinga.— Rio que, nascendo na serra *Bocaina*, conflue com o rio *Parahybuna*, para formarem unidos o rio *Parahyba*.

Além deste rio *Parahytinga* ha um ribeirão *Parahytinga*, affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de S. José de Parahytinga.

E outro ribeirão *Parahytinga*, affluente do rio *Corumbatehy*, pela margem direita: entre os municipios de S. João do Rio Claro, de Belém do Descalvado e de Piracicaba.

Parahytinga, corruptela de *Pi-rá-i-ty-nга*, «fundo desigual e lagôas». De *pi*, «fundo», *rá*, «desigual, não nivelado, altos e baixos», *i*, «agua», *ty*, «atar, pender», com o suffixo *nга* (breve), para formar supino. Assim, lagôa, de agua estagnada ou parada, é *i-ty-nга*, «agua presa».

Allusivo a serem o rio e ribeirões ladeados de lagôas de todos os tamanhos, e de toda a especie; e a terem obstruido com cachoeiras o leito.

A' margem esquerda do rio *Parahytinga*, está a cidade de S. Luiz de Parahytinga. A' margem esquerda do primeiro ribeirão *Parahytinga*, está a villa de S. José de Parahytinga.

Subindo o rio, desde a cidade de S. Luiz de Parahytinga, em um lugar, a dous metros de distancia da barranca, ha uma nascente ou fonte de agua mineral, que bróta abundante e impetuosa, formando espiral.

O rio *Parahytinga* nasce mesmo em uma pequena lagôa, na serra *Bocaína*.

Tambem este nome tem sido deturpado; pois que já li que é corrupção de *Pirá*, «peixe», *hytinga*, «agua clara»! Um verdadeiro não senso.

O rio *Parahytinga*, confluente do rio *Parahybuna*, banha os municipios de Cunha, Lagoinha, S. Luiz de Parahytinga e Parahybuna. Nasce na freguezia de N. S. dos Remedios dos Campos Novos, municipio de Cunha.

Paraíso.—Affluente do ribeirão *Lençóes*, pela margem direita: no municipio de S. Manoel do Paraíso. A' margem esquerda deste ribeirão está a villa de S. Manoel.

Affluente do rio *Corumbatehy*, pela margem direita: no municipio de S. João do Rio Claro.

Affluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda: no municipio de Santa Rita do Paraíso. E' corrego.

Paraíso, corruptela de *Poró-aí-çû*, por contracção *Por'-aí-çû*, «excessivamente ob-truído com altos e baixos». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *aí*, «desbaratar, desordenar, causa não lisa», *çû*, «altos e baixos». O *çû* é pronunciado breve e corrido, porque o accento predominante está em *aí*.

Allusivo a pedras e buracos no leito.

A serra, em que o ribeirão *Paraíso*, affluente do ribeirão *Lençóes*, tem suas cabeceiras, mede a altitude de 870 metros.

Paraná.—O segundo rio da America Meridional. Nasce no municipio de S. João d'El-Rei, província de Minas Geraes. Serve de divisa ás provincias de Minas Geraes, de S. Paulo, de Goyaz, do Paraná, e do Rio Grande do Sul com a Confederação Argentina; e afinal desagua no oceano, formando a grande bacia denominada *Rio da Prata*.

Paraná, corruptela de *Poró-anã*, por contracção *Por'-anã*, «excessivamente grosso». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *anã*, «grosso».

Allusivo a ser um rio muito largo, excedendo de duas leguas em alguns logares.

O nome *Rio Grande*, que este rio tem, até receber a affluencia do rio *Pur-nahyba*, pela margem direita, não é senão uma traducção livre de *Por-aná*.

O que admira mais é ter o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, afirmado que o nome *Paraná*, atribuido a alguns rios grandes, significa «parente do mar!» E' um não senso. Nem mar é *pará*, senão *pe-rá*, «superficie encrespada»; *pe*, «superficie», *rá*, «crespo, não liso, levantado»: allusivo ás ondas.

Tambem o padre A. R. DE MONTOYA, na obra citada, escreveu que *Paraguay* significa «rio de cordas»: de *pará*, «variedade», *guád.*, «corôa do pennas», *i*, «rio». Mas, não é exacto; nem a palavra *pará*, significando «variedade», podia ser anteposta; nem a palavra *i*, significando «rio», podia ser posposta, e com accento breve.

Paraguay é corruptéla de *Poró-aguâá*, «extensas varzeas»: de *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, hábito, etc., *aguâá*, «enseada, varzea», allusivos aos banhados e varzeas que o ladeiam.

O rio *Paraná*, quasi igual ao rio *Amazonas*, levanta, como este, alterosas ondas quando sopra rijo o vento.

Tem o *Paraná* varios obstaculos em seu curso:—o terrivel salto *Urubúpungá*, a perigosa corredeira *Yeupihá*, e o imponente salto *Sete Quédas*, além de outros impedimentos. Ha nelle ilhas innumerias, das quaes uma de vinte leguas, conhecida pelo nome *Ilha Grande*, e outra de quatro leguas, em frente á foz do rio *Amambahy*. No salto *Sete Quédas*, as aguas despenham-se atravez da serra *Maracajá*.

Em geral, sua correnteza é lenta; apesar de não ser sinuoso.

Paranapanema.—Villa, á margem esquerda do ribeirão *Almas*, affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita.

Esta povoação na occasião em que foi elevada á freguezia, antes de 1746, era á margem direita daquelle ribeirão *Almas*, proximo ao monte que os indigenas denominaram *Caá-pá-byi-ta*; e hoje esse logar é conhecido por *Freguesia Velha*.

Dahi foi transferida a povoação, com o mesmo nome *Capão Bonito de Paranapanema*, para a margem esquerda daquelle ribeirão; distante 20 kilometros do *Caá-pá-byi-ta*! Isto em 22 de Agosto de 1850.

(Vide o nome *Capão Bonito de Paranapanema*).

A villa actual nada tem com aquelle monte. Por isso, não pode continuar a conservar o nome *Capão Bonito*.

Paranapanema.—Rio grande, que, após a affluencia do rio *Itararé*, pela margem esquerda, serve de divisa ás provincias de S. Paulo e de Paraná.

Nasce na serra maritima ou *Cubatão*, onde estão situados os *Agudos Grandes*; e vai desaguar no rio *Puraná*, pela margem esquerda.

Paranapanema, corruptéla de *Pái-ar-anhá-pan-némã*, contrahido em *Pái-ar-anã-pan-émã*, «dependurado na parte superior, corredeiras, quédas estrondosas, voltas e revoltas». De *pái*, «dependurar», *ar*, «sobre, em cima», *anhá*, «correr», *pan*, «golpe, pancada», *némã*, «voltas e revoltas».

E' este um dos nomes mais completos, e por isso mesmo mais engenhosamente combinado. E' allusivo ao leito ingreme, desde a nascente até a barra do rio *Itapetininga*; ás innumeras e terriveis corredeiras; aos saltos, em que as aguas se despenham com fragor; ás voltas e revoltas, que faz em seu longo curso.

Nasce, na altitude de mais de 800 metros; e na barra do rio *Itapetininga*, essa altitude é reduzida a 563 metros. Por isso, as aguas descem em fortissimo declive, até aquelle logar, como que «dependuradas».

As cachoeiras, os saltos e as corredeiras mais notaveis deste rio, podem

ser objecto de exame nos respectivos nomes; e, tanto quanto o rio *Tieté*, o rio *Paranapanema* contém em seu leito extraordinaria força motriz.

Desde a nascente até a barra do rio *Itapetininga*, as cachoeiras, os saltos, as gargantas, as corredeiras, em um curso excessivamente suuuoso, succedem-se sem interrupção: a navegação desta parte do rio é absolutamente impraticável.

Da barra do rio *Itapetininga* para baixo, são innumerias as cachoeiras e as corredeiras. As principaes são: *Mandaçáia*, *Itapucú*, *Itaipáva*, *Aparado*, *Funil*, *Bufão*, *Sete Ilhas*, *Corisco Velho*, *Jurumirim*, *Laranjal*, *Tres Ilhas*, *Pary*, *Rio Fundo*, *Bugios*, *Anhumas*, *Laranja Doce*, *Capivara*, *Piau*, *Pacú*, *Laranjeira*, *Rebojo*, *Santo Ignacio*, *Saran Grande*, *Pedregulho*, *Serra do Diabo*, *Estreito*. Os saltos principaes são: *Itapucú*, *Aranhas*, *Pirajú*, *Agua do Padre*, *Palmital*, *Saltinho*, *Salto Grande* ou dos *Dourados*. Os estreitos, ou gargantas, são muitos; mas os principaes, além dos que já vão incluidos nas cachoeiras, corredeiras e saltos, são: o da *Igreja Velha* e o *Campanã*, á barra do corrego *Nebrina*. Ha, além disso, poços, dos quaes o mais notavel é o *Mirante*.

Da barra do rio *Guarehy*, para baixo, até ao alto da cachoeira *Jurumirim*, a navegação é facil; porque o rio é, para bem dizer, desimpedido. Daquella cachoeira até ao *Salto Grande*, a navegação é absolutamente impossivel, por causa de uma série ininterrompida de cachoeiras, corredeiras e saltos:—saltos, 7, cachoeiras, 117, innumeras e perigosissimas: os desnivelamentos são tão successivos que o leito do rio tem sido bem comparado a uma escadaria. As barrancas são, nesse trecho, morros cuja altura é calculada entre 150 a 200 metros, com resvaladouros; e muitos em alcantil como paredões: e é exactamente ahi que as gargantas ou estreitos se multiplicam, com tortuosidades; e por estes estreitos ou gargantas, em declive ou empinados, as aguas correm impetuosa formando rodomoinhos. Da barra do rio *Itararé*, para baixo, é possivel a pe-

quena navegação; mas só essa:—os estírdes entre logares obstruidos são muitos, extensos e profundos, e mesmo o rio tem adquirido maior largura.

Este rio, desde a affluencia do *Itararé*, ainda é dominio dos indigenas, que ora estão a soffrer mais continuamente os impetuoso assaltos armados da ganancia mascarada em civilisação.

Assim, pois, não é verdade que o nome *Paranapanema* signifique, conforme MARTIUS e outros, «rio esteril, e sem prestimo»; ao contrario, é abundantissimo de peixe de todas as especies. O padre MANOEL DA FONSECA, na *Vida do padre Belchior de Pontes*, assignalando que «*Paranapanema*... era um sertão naquelle tempo (seculo XVII) trilhado dos moradores de S. Paulo, e como estrada para os sertões do sul», narra que, «tanto que o padre Pontes ouviu nomeal-o, disse que lhe não chamassem *Paranapanema*, que val o mesmo que rio faltou ou bromado, mas lhe chamassem *Paranajuba*, que val o mesmo que rio amarello». Ora, dizendo tal, o padre Pontes não quiz traduzir literalmente o nome, mas aproveitar a palavra para uma allusão: basta ler o resto dessa mesma pagina, em que vem referida a prophecia da descoberta das minas por Domingos Rodrigues. Aliás, no jogo linguistico dos indigenas, *Paranapanema* significa tambem «encachoeirado e sem proveito»: de *poró*, para exprimir na cousa a accão propria em relação ao verbo, e habito, extensão, excesso em relação ao substantivo e mesmo ao verbo, *anã*, «correntes violentas, empurrões», *pané*, «ser de nenhum proveito», com o sufixo *ma* (breve), para formar supino. Allusivo exactamente ás cachoeiras, corredeiras, saltos, gargantas e á impraticabilidade da navegação em grande parte do rio; e, certamente neste sentido, o padre Belchior de Pontes disse que esse nome *val o mesmo* que «rio faltou ou bromado».

Serve aos seguintes municipios da província de S. Paulo: Capão Bonito, Itapeva da Faxina, Itapetininga, Espírito Santo da Boa Vista, Bom Sucesso, Rio

Novo, Santo Antonio da Boa Vista, Ti-juco Preto, Santa Cruz do Rio Pardo (inclusive a freguezia de S. Pedro do Turvo), e S. José dos Campos Novos.

Paranapiacaba.—Nome attribuido á serra marítima, *Cubatão*. E alguns o limitam á parte mais alta dessa serra.

Os dous documentos, que podiam nomear esta serra, eram os titulos de sesmaria de Pedro de Góes e de Ruy Pinto; aquelle, de 10 de Outubro de 1532, este, de 10 de Fevereiro de 1533. Qualquer destes titulos não menciona o nome *Paranapiacaba*; e o primeiro limita-se a referir-se á «serra que está sobre o mar», sem nomeal-a. Só em 1674, o padre LOURENÇO CRAVEIRO, reitor do Collegio dos Jesuitas em S. Paulo, annotando o primeiro daquelles titulos, escreveu que aquella «serra que está sobre o mar» é a *Paranapiacaba*.

Mas, esta nota do padre LOURENÇO CRAVEIRO não prova senão que já naquelle tempo, 1674, o nome *Paranapiacaba* era attribuido á serra *Cubatão*. Nas duas *Informações* do padre JOSÉ DE ANCHIETA, 1584-1586, e nellas não vi o nome *Paranapiacába*. Na primeira, elle escreveu: «Para o sertão, caminho do Noroeste, além de umas *altissimas serras* que estão sobre o mar, tem a villa de Piratininga ou de S. Paulo, 14 ou 15 leguas da villa de S. Vicente...». Na segunda, foi escripto: «A quarta villa da capitania de S. Vicente é Piratininga, que está 10 ou 12 leguas pelo sertão e terra a dentro. Vão lá por umas *serras tão altas* que difficultosamente pôdem subir nenhuns animaes, e os homens sóbem com trabalho e ás vezes de gatinhas por não despenharem-se...».

(Vide o nome *Cubatão*).

A verdade é outra. O nome *Paranapiacába* era designativo do caminho entre *Piratinim* e o porto proximo á fóz do rio *Mogy*.

(Vide os nomes *Mogy* e *Piaçagoera*).

Paranapiacába, corruptéla de *Pê-rá-nái-piâ-quâb-a*, «passagem do caminho do porto de mar». De *pê*, «superficie», *rá*, «encrespada», formando a palavra

pê-rá «mar», *nái* «porto», *piâ*, «caminho», *quâb*, «passar», que com o acrescimo de *a* (breve), forma o infinitivo, o qual, não tendo caso, significa a accção do verbo em geral, «passagem», segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de gramática da lingua brasílica*.

No titulo de sesmaria de Ruy Pinto, ha referencia ao porto proximo á fóz do rio *Mogy*, que foi denominado pelos portuguezes *Porto das almadias*, e tambem *Porto de Santa Cruz*; e o nome tupi do porto era *Y-piâ-çába*, corrompido em *Apiaçába*, «logar do apartamento do caminho». De *y*, relativo, *piâ*, «apartar caminho», *çába*, verbal de participio, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, causa, fim, intuito, fazendo *çába*, segundo a regra ensinada pelo já citado padre LUIZ FIGUEIRA.

O porto permaneceu «porto das almadias», conforme a denominação dada no titulo de sesmaria de Ruy Pinto, ou «porto das canôas», conforme a denominação geral, até que, já neste seculo, foi feito e aterrado com as pontes necessarias.

Tambem, nesse titulo de sesmaria, a serra de que se trata não teve menção por seu nome. Eis o que está escripto: «E dahi (o porto referido) subirá direito para a serra por um lombo que faz, por uma agua branca, que cahe do alto, que chamam *Ytútinga*, e, para melhor se saber este lombo, entre a dita agua branca por as ditas terras não se mette mais de um só valle, e assim irá pelo dito lombo acima, como dito é, até o cume do *serro alto*, que *vae sobre o mar*, e pelo dito cume irá pelos outeiros escalvados que estão no caminho que vem de *Piratinim*».

Portanto, o nome *Paranapiacába* (*) ficou com a serra, por ter sido abandonoado o caminho.

Este caminho foi exactamente o escolhido para o traçado da estrada de ferro, de *Cubatão* á cidade de S. Paulo.

(*) Em avulso:
Fr. GASPAR DA MADRE DE DEUS diz que este nome significa—«sítio donde se vê o mar»; outros têm ido pela mesma toada.

Paranapetinga.—(Vide o nome *Parapetinga*).

Paranapitanga.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: no municipio de Capão Bonito de Paranapanema.

Paranapitanga, corruptéla de *Poró-anhã-pi-tangé*, contrahido em *Por'-anhã-pi-tangé*, «margens altas, fundo, e muitíssimo corrente». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *anhã*, «encestar, juntar», *pi*, «fundo», *tangé*, «pressa, velocidade».

Allusivo a correr entre montes alcançados, com muita fundura e correnteza extraordinaria, por ser ingreme o leito.

O impagavel frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, escreveu que *Paranapitanga* é corrupção de *Pirahypitanga*, «rio de peixe vermelho»!

E ao pobre indigena são atribuidos taes disparates...

Pararaca.—Morro, no municipio de Natividade.

Pararaca, corruptéla de *Poró-aráquai*, contrahido em *Por'-araquai*, «muito cingido». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculiaridade, etc., *aráquai*, «cingir, cingulo».

Allusivo a ter uma cintura entre a base e o alto.

Pararangaba.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de S. José dos Campos.

Já li escrito a corruptéla *Paranangába*, «ruidoso». De *pararã*, «ruído», *ng*, intercalação por ser nasal o som de *pararã*, e para ligal-o á *ába*, particula para exprimir logar, tempo, instrumento, causa, modo, etc.

Allusivo a descer entre e sobre pedras, fazendo ruido suas aguas.

Paratehy.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Izabel, de Jacarehy e de S. José dos Campos.

Vide o nome *Paraty*.

Paratihú.—*Rio* que nasce na serra *Ariridá*, e desagua no *Mar Pequeno*: no municipio de Cananéia.

AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estaticos e Noticiosos da província de S. Paulo*, menciona um affluente do rio *Tieté*, sem porém determinar a margem de sua affluencia, nem o municipio por elle banhado.

Paratihú, corruptéla de *Poró-átey*, contrahido em *Por'-átey*, «excessivamente frouxo». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculariedade, etc., *átey*, «frouxo». O *ý* final tem som guttural.

Allusivo a desatar-se em banhados.

Ha o *assú* e o *mirim*; este affluente daquelle, pela margem direita.

Paraty.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Izabel, de Jacarehy e de S. José dos Campos.

Alguns escrevem *Paratehy*; e outros, *Praty*. As leis que regularam as divisas entre os municipios supra referidos, usaram do nome *Paraty* e do nome *Paratehy*.

Nasce na serra *Ylapety*.

O nome *Paratehy*, embora corruptéla, é o que mais approxima da verdade.

Paratehy, corruptéla de *Poró-átey*, contrahido em *Por'-átey*, «excessivamente frouxo». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculariedade, etc., *átey*, «frouxo». O *ý* final tem som guttural.

Allusivo a transbordar, esparzindo-se nas varzeas e formando extensos banhados.

Paraty.—Seirote que divide as aguas do ribeirão *Paraty* ou *Paratehy* das do rio *Parahyba*: entre os municipios de Mogy das Cruzes, de Santa Izabel e de Jacarehy.

Paraty, corruptéla de *Paraíti*, infinitivo de *Aparaíti*, «derrocarse», portanto «derrocado», por não ter caso esse infinitivo assim empregado, e, em consequencia, significar a acção do verbo em geral.

Allusivo a ter esboroadas as encostas, por causa de successivos derrocamentos.

Para o lado do ribeirão *Paraty* ou *Paratchy* as encostas são muito empinadas.

(Vide os nomes *Paratehy* e *Paraty*).

Pardo (Rio).—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita. Alguns dizem que o rio *Mogy-guassú* é que é seu affluente pela margem esquerda: de sorte que, segundo estes, é o *Rio Pardo*, e não o *Mogy-guassú*, que afflúe no *Rio Grande*, pela margem esquerda.

Tem um affluente denominado *Pardo-pequeno*.

(Vide o nome *Mogy-guassú*).

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: atravessa de leste para oeste os municipios de Botucatú, Santa Barbara do Rio Pardo e Santa Cruz do Rio Pardo, banhando estas duas villas.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Xiririca.

Ha além disso, o trecho do rio *Curamurú*, que depois de cahir de metade da serra, toma o nome de *Rio Pardo*, e depois o de *Juqueryquere*, e afinal *Curupacé*.

(Vide os nomes *Curamurú*, *Curupacé* e *Juqueryquere*).

Pardo, corrupção de *Pái-ndù*, «pendurado e ruidoso». De *pái*, «depender», *ndù*, «ruído». O *ndù* é pronunciado breve, porque o accento predominante está em *pái*.

Todos estes rios e ribeirões *Pardo* têm saltos, cascatas e cachoeiras; o que é causa de grande ruído e estrondo, porque as aguas se despenham imponentes.

O affluente do rio *Mogy-guassú* nasce em altitude superior a 900 metros; e desce de queda em queda, formando cascatas, cachoeiras e saltos, até desaguar naquelle rio. São notaveis as cascatas e saltos, nos trechos que banham os municipios de Caconde, Mocóca e Casa Branca: o salto principal, no municipio de Mocóca, tem a altura de 8 metros. Além das cascatas e dos saltos, ha inúmeras cachoeiras que, obstruindo o

leito, tornam innavegavel esse rio, a não ser em logares de menor correnteza, mediante pequenas canhas e balsas. A cataracta, denominada *Varadouro*, no municipio de Caconde, é medonha: o rio, cuja largura inédia é de 60 metros, estreita-se até 5 metros no maximo, e 3, no minimo, e por esse canal, ladeado de morros graníticos, as aguas se despenham em terríveis rodomoinhos e com pavoroso estrondo. Este estreito está á distancia de cinco kilometros da cidade de Caconde. *Varadouro*, corrupção de *H-ár-ū-ndúri*, «colhidas em rodomoinhos, com estrondo»: de *h*, relativo, por existir *r* na palavra *ár*, «colher», *ū*, o mesmo que *rū*, «revolver em si mesmo», *ndúri*, «estrondo». O *ū* foi empregado em vez de *rū*, porque existindo *r* em *ár*, não podia ser repetido.

O affluente do rio *Paranapanema* nasce na serra *Botucatú*, em altitude de 850 metros, mais ou menos; e tambem tem saltos, cascatas, cachoeiras e estreitos, com declividade correspondente a 1 metro por kilometro, não obstante ser muito sinuoso e ter no leito aquelle e outros impedimentos, alli denominado geralmente *itapába*, corrompido em *ital-puára*. O barulho das aguas é tambem grande neste rio.

O affluente do rio *Ribeira de Iguape* é tambem de leito ingreme; e suas aguas descem de queda em queda, aos saltos, em cascatas e sobre cachoeiras, com estrondo. Desde a sua origem, na altitude de cerca de 800 metros, na serra divisoria das aguas do rio *Jacupiranga* e *Ribeira de Iguape*, até mais de 20 kilometros, seu curso é uma sucessão de saltos e cascatas; e suas aguas tambem fazem estrondo.

O nome *Pardo* não exprime, portanto, a cór desses cursos d'agua. E, aliás, é possivel que em alguns logares, onde baixam, os alagadiços sujem as aguas.

A pronuncia de *Pái-ndù* é *Páido*:—dahi a corrupção em *Pardo*.

Paricoéra.—Affluentes do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Ha *Paricoéra-assú* e *Paricoéra-mirim*.

Paricoéra, corruptéla de *Piri-quér-a*, «um pouco dorminhoco». De *piri*, «um pouco», *quér*, «dormir», com o acrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo á lentidão de seu curso.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, escreveu que *Paricoéra* significa «peixe rei»!

Cachoeira, na barra daquelle mesmo *Pary*.

Pari.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no município de Campos Novos de Paranapanema. Geralmente escrevem *Pary*.

Pary, corruptéla de *Pâr-ri*, «sucessivamente dependurado». De *pâr*, «pendurar», *ri*, o mesmo que *rehé*, «sucessivamente», neste caso.

Allusivo a ter o leito muito ingreme; em uma declividade de mais de dois metros por kilometro, já considerado o seu sinuoso curso. Com seus saltos, cascatas e cachoeiras, o *Pary* não tem navegação possivel.

Pary, nome da cachoeira, é uma assimilação da cerca de talas para pescar. A cachoeira é quasi um salto, sem canal praticavel; de sorte que não ha meio de sahir dalli, senão arrastando as canoas pela margem, depois de descarregadas.

Pari.—Arrabalde da cidade de S. Paulo, na varzea entre o ribeirão *Tamanduatechy* e o rio *Tietê*.

Tambem escrevem *Pary*.

Logar antigo de pescaria, em cuja operação era e é empregado o *pari*: dahi o nome do logar. O *pari* é feito de talas ou varas finas, amarradas umas ás outras verticalmente; e com isso o indigena fórmá, no rio, ribeirão ou corrego, o *cacári* para apanhar o peixe que desce de encontro a essa tapageira. Em vez de *cacári*, já li *cacury*; mas o padre A. R. DE MONTOVA, em seu *Tesoro de la lengua guaraní*, escreveu *cáári*.

Parnahyba.—Villa, à margem esquerda do rio *Tietê*.

Não se trata de *Paranahyba*; nem com este nome ha affluente algum do rio *Tietê*, naquelle municipio, como a pretendeu AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da província de S. Paulo*, á força de querer explicar o nome *Parnahyba*.

Ao principio, suppus que fosse corruptéla de *Piâ-nââ-bo*, «logar do porto do caminho»: de *piâ*, «caminho», *nââ*, «porto», *bo* (breve), para exprimir logar. Com effeito, «defrente da banda do rio Juquery», como reza um documento antigo, em que Melchior da Costa pediu uma sesmaria de terras para suas duas filhas, quando já casado com Suzana Dias, devia existir um porto: e alli era estabelecida com *fazenda* a dita Suzana Dias, ao passo que o pedido de Melchior da Costa, em 1610, foi para o logar da actual villa.

Sem duvida era ahí o logar da passagem do rio *Tietê*, de uma para outra margem.

Mas, o nome *Parnahyba* tem outra verdadeira explicação. E' corruptéla de *Pâu-n-eiû-bo*, «logar de muitas ilhas». De *pâu*, «ilha», *n*, por ser nasal a palavra anterior, *eiû*, «muitos», *bo* (breve), para exprimir logar.

Allusivo a uma cachoeira, extensa e estrondosa, acima da villa, no rio *Tietê*, semeada de ilhotas cobertas de mattas.

E' mesmo vizinha da villa essa cachoeira. Entre as ilhotas ha varios canaes, e alguns de difficil practica. Como que para moderar a impetuosidade das aguas, a natureza collocou mais abaixo da cachoeira, uma pedra chata, ou ilha granitica, de certa extensão e largura, conhecida por *Itapéra* ou *Yta-pé-bo*. De encontro a essa pedra ou ilha granitica, as aguas, que descem em catadupas, quebram-se espumantes. Tal é a origem do nome corrupto *Parnahyba*. A cachoeira é a hoje conhecida por Cachoeira do inferno.

Parurú.—Affluente do ribeirão *Piratuba*, pela margem esquerda: no município de Piedade.

Parurú, corruptéla de *Pari-rū*, «proprio para pari». De *pari*, «cerca de talas para apanhar peixe», *rū*, «por». O *rū* tem pronuncia guttural.

Assim como em relação aos peixes, dizem *pari-rū*, também do mesmo modo, relativamente á caça no matto, dizem *mundé-rū*, «pôr armadilha».

Alguns querem que seja cabeceira principal do ribeirão *Piratuba*, e não seu affluente.

(Vide o nome *Piratuba*).

Passa-cinco.—Affluente do rio *Cumbatchy*, nos municípios de Piracicaba e de S. João do Rio Claro.

Foi-me difícil descobrir o nome tupi, de que é corruptéla *Passa-cinco*. A palavra *Passa* estava achada: *Pái-ocè*, contrahido em *Pái'-cè*, «dependurado no alto»: de *pái*, «dependurar», *ocè*, «sobre, em cima». Felizmente, verifiquei que, querendo o indígena exprimir energia, é usado *cing*, conforme o padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, classificando-o entre os adverbios incitativos; e, pois, *Passa-cinco* é corruptéla de *Pái-ocè-cing-a*, contrahido em *Pái'-cè-cing-a*. Este *cing*, o padre LUIZ FIGUEIRA o escreveu com *s* e não com *c*. O *a* foi acrescentado, por acabar em consoante a palavra *cing*.

Allusivo a ter o leito muitíssimo ingreme, quando desce do *Morro Grande*.

Passa Quatro.—Affluente do ribeirão *Embaú*, pela margem esquerda: no município de Cruzeiro.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no município de Santa Cruz das Palmeiras.

Serra, no município de Santa Rita de Passa Quatro. Sobre esta serra está situada a villa deste nome.

Estes dois ultimos municípios são vizinhos, constituindo uma mesma região.

Passa Quatro, corrupção de *Pái-ocè-quá̄-ta*, «cingido e dependurado, nas cabeceiras». De *pái*, «dependurar», *ocè*,

«sobre», *quá̄*, «cingir, fazer cintura», com o sufixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a terem esses ribeirões, quando ainda na serra, descendendo-a em leito ingreme, muitas gargantas e estreitos.

Mas, quanto á serra, o nome é corruptéla de *Pó-acé-quá̄-ta*, «encostas muito talhadas». De *pó*, apócope de *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculiaridade, *acé*, «costas», *quá̄*, «cortar, talhar», com o sufixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter essa serra encostas muito ingremes, e como que talhadas de alto a baixo.

Esta serra é tambem conhecida por *Agudo*, corruptéla de *Há-cuê*, cujo significado exprime a mesma idéa.

(Vide o nome *Agudo*).

Os indigenas sohiam dar nomes identicos ou quasi identicos no som, mas com significados diferentes, a logares varios na mesma região.

Passa-tres.—Affluente do ribeirão *Piragibú*, pela margem esquerda: no município de Sorocaba

E' tambem conhecido por *Piragi-mirim*.

O *Passa-tres* nasce na serra *Inhoahyba*, prolongamento da serra *São Francisco*.

Passa-tres, corrupção de *Pái-ocè-etei*, contrahido en *Pái'-cè-tei*, «inteiramente muito dependurado». De *pái*, «dependurar», *ocè*, para exprimir superlativo, *etei*, «inteiramente, de todo o ponto», para exprimir a maior acção e a maior extensão do verbo.

Allusivo a ter o leito muitíssimo ingreme, em todo o seu curso.

Ha com o nome *Passa-tres*, dous corregos, nas mesmas condições,—um no município de Bragança, outro, no município de Tatuhy.

(Vide o nome *Pantano*).

Passa-vinte.—Affluente do ribeirão *Embaú*, pela margem esquerda: no município do Cruzeiro.

Alguns querem que o ribeirão *Embaú*, seja affluente do ribeirão *Passa-vinte*.

pela margem direita; mas os nomes em tupi indicam o contrario.

(Vide o nome *Embaú*).

Passa-vinte, corrupção de *Pái-ocè-ibŷ-ta*, «dependurado no alto e concavo». De *pái*, «dependurar», *ocè*, «sobre, em cima», *ibŷ*, «ser concavo, ôco», com o sufixo *ta* (breve), para formar supino. O *ŷ* tem som mixto guttural e nasal. A mudança do *b* em *v* é effeito da pronuncia dos portuguezes; de sorte que a palavra sóa *ví-i-ta*, produzindo a corrupção—*vinte*.

Allusivo a que, nascendo na serra *Mantiqueira*, desce de lá em leito muito ingreme; passando por baixo de penedias, quando ainda sobre as encostas da serra.

A estrada de ferro «Rio Verde» tem á quem do ribeirão *Passa-vinte* um tunel: tomada como um ponto de partida a estação do Cruzeiro.

Há tambem *Passa-vinte*, affluente do ribeirão *Jundiorira*, pela margem direita: no municipio de *Cabreúra*. Nasce na altissima serra *Japy*.

Patos.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Lencões.

Patos, corrupção de *Pái-ta*, «dependurado».

Alguns mesmo o dizem *Prata*, que é tambem corruptéla de *Pái-ta*.

Allusivo a descer em leito ingreme, em cascata e encachoeirado.

Patrocínio das Araras.—Cidade, cujo rapido desenvolvimento é explicado sómente pela fertilidade das terras do municipio.

Freguezia—em 1869, villa—em 1871, cidade—em 1879.

Patrocínio de Santa Izabel.—Villa, desde 1873. Este municipio é aurifero.

Patrocínio de Sapucahy.—Villa, desde 1865; era freguezia desde 1874. Este municipio é diamantino.

Pátuáhy.—Cachoeira, no rio *Tieté*, mencionada por PEDRO TAQUES, na *Nobiliarchia Paulistana*, com referencia á fazenda de cultura de Salvador Pires, sogro de Bartholomeu Bueno da Ribeira. E' a mesma que traz o nome *Atuahy*. (Vide o nome *Atuahy*).

Pau Santo.—Ilhas no rio *Tieté*: abaixo da cidade de Porto Feliz. Alguns consideram seus canaes lateraes como cachoeiras.

Páu Santo, corrupção de *Páu-çã*, «corda de ilhas». De *páu*, ilha», *çã*, «corda».

Allusivo a ilhas em fila que ahi existem.

Pavô.—Serra, no municipio de Itanhaen.

Parô, corrupção de *Po-ŷi*, «ôco». De *po*, particula que compõe *poró*, para exprimir superlativo, excesso, qualidade natural, *ŷi*, «ser ôco, com cavidade, abertura, seio». Este *ŷi* tem som guttural, e de difícil pronuncia:—por isso os portuguezes disseram *parô*.

Allusivo a ter grutas.

Pecê.—Ilhota de arcia e mangue, no laga-mar de Santos.

Pecê, «pedaço».

Allusivo a ser uma desaggregação, que ali parou e permanece; não uma ilha formada por sublevação geologica.

Pecegueiro.—Espigão, ou antes um serrote, que serve de divisa aos municipios de S. Luiz de Parahytinga e de Guaratinguetá.

Pecegueiro, corruptéla de *Pe-ey-nquê-rù*, «encosta lisa». De *pe*, «superficie», *ey*, «lisa», *nque*, o mesmo que *iquê*, formando *nque*, por ser nasal a palavra anterior, «lado, costa», *rù*, «estar, pôr-se».

Pecery.—Affluente do ribeirão *Poti*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes.

Pecery, corruptéla de *Pi-ceri*, «pouco fundo». De *pi*, «fundo», *ceri*, «pouco».

Allusivo a ser um pequeno ribeirão, e de pouca agua.

Nasce em um alagadiço.

Pederneiras.—Villa, á margem esquerda do ribeirão do mesmo nome, que desagua no rio *Tieté*, pela margem esquerda. Era bairro do antigo município de Lençóes, sob o nome S. Sebastião da Alegria.

Pederneiras.—Afluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de Lençóes.

Afluente do mesmo rio *Tieté*, pela margem esquerda: nos municípios de *Tieté* e de *Tatuhy*.

Cachoeira, no mesmo rio *Tieté*, proximo á foz deste segundo afluente.

Pederneiras, nome dos dous ribeirões, ou nome da cachoeira, é corruptela de *Pi-ndi-yêrè*, «apertado e sinuosissimo». De *pi*, «apertar entre duas cousas», *ndi*, «muitos», *yêrè*, «voltas».

Quanto aos ribeirões, é allusivo a correrem sempre entre margens alcantiladas, fazendo innumerias voltas.

Quanto á cachoeira, é allusivo a um canal tortuoso, entre arrecifes.

Nessa região, não ha propriamente *pederneira*: ha uma *terra vermelha*, producto da desaggregação alterada de calcareo e schistos carboníferos silicosos; ha mesmo camadas de calcareo cinzento alternando com schisto argiloso roxo.

Coincidindo com o som do nome tupi a formação geologica dessa região, onde correm os dois ribeirões, e onde existe a cachoeira, foi facil a corrupção em *Pederneiras*.

Segundo AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da província de S. Paulo*, ha um afluente do rio *Corumbatehy* com o nome *Pederneiros*; e, pela direcção que atribúe ao seu curso, deve ser pela margem esquerda. Não consegui, porém, verificar a existencia deste ribeirão ou corregão.

Pedra Branca.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, acima da cachoeira *Tamanduá*, e esta acima do *Rio Pardo*.

Serrote, no município de Buquira.

Pequeno ribeirão, no município de *Santa Barbara do Rio Pardo*.

A cachoeira é uma das mais perigosas do rio *Paranapanema*, por causa dos fortes desnivelamentos do leito, formando quedas. Uma muralha granítica atravessa ahi o rio, deixando um unico canal estreito e torcido junto á margem esquerda; e, proximo á margem direita, além daquelle muralha que ahi tem começo, ha arrecifes. O nome tupi é *Pe-rá-bang-ca*, «superficie desigual e torcida»: de *pe*, «superficie», *rá*, «levantado, não nivelado, desigual», *bang*, «torcer», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino. O nome *Pedra Branca* é corrupção daquelle nome.

Quanto ao nome do serrote e do pequeno ribeirão, ignoro o nome tupi; e mesmo de taes logares não obtive as informações precisas.

Pedra do monge.—É uma pedra colossal, ao lado oriental da serra *Araçoiaba*: no município de Campo Largo de Sorocaba.

Do alto desta pedra a vista alcança vastissima extensão.

O nome é atribuido ao supposto facto de ter habitado um anachoreta.

Não creio na existencia de tal anachoreta. A imaginativa de algum morador daquelles arredores teria quiçá fabricado essa lenda, para crear aquelle nome.

Pedras.—Afluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no município de Xiririca.

Afluente do rio *Una d'Aldéa*, pela margem esquerda: no município de Iguape. E' tambem conhecido por *Guapiú*, seu nome tupi.

(Vide o nome *Guapiú*).

Afluente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda: no município de Jundiahy.

Afluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: nos municípios de Santa Cruz das Palmeiras e de Pirassununga.

Afluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: entre os municípios de Botucatú e de Rio Novo (Avare).

Ha com este nome ribeirões ou corregos nos municípios de S. João da Boa

Vista, de Piracicaba, de Santos e outros.

Quanto ao de Santos, vide o nome *Itutinga*.

Em geral, têm o leito obstruído de pedras: dahi a corruptéla do nome tupi em *Pedras*.

Qual, entretanto, o nome tupi, assim mudado ou transformado em *Pedras*,— não o pude descobrir. *Pedras*, será traducción? Ou, acaso, corrupção de nome que sóe assim, mais ou menos?

Pedregulho.—Corredeira, no rio *Paranapanema*; precede a cachoeira da *Serra do Diabo*.

Pedregulho, corrupção de *Peñ-ndi-cury*, «muitos caminhos e muita velocidade». De *peñ*, «caminho», *ndi*, «muitos», regendo tanto *peñ*, como *cury*, «pressa, velocidade».

Allusivo a ter varias passagens entre os arrecifes, porém sinuosas e atraves-sadas formando zig-zag. A passagem junto á margem esquerda é a menos perigosa.

Pedra Preta.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no município de Rio Novo.

Tambem ignoro o nome tupi, de que é corrupção *Pedra Preta*.

Pedra do Sellado.—(Vide o nome *Sellado*).

Pedro Cubas.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda; no município de Xiririca.

Pedro Cubas, corrupção de *Pe-ro-huú-bae*, «superficie, em ambas as margens, lodoso». De *pe*, «superficie», *ro*, para exprimir o exercicio com outro, *huú*, «ter lodo, limo, fézes, etc.», *bae*, particula de participio. O *h* é aspirado.

Allusivo a existir, em suas margens, um barro escorregadio, que tem a natureza saponácea. Ha desse barro grandes extensões; e alli os moradores o consideram *puro*.

Pelouros.—Cachoeira, no rio *Tieté*. E' tambem conhecida por *Pilões*; o que

sem duvida, mais se approxima da ver-dade.

Pelouros, corrupção de *Pirõ*, «rodomoinhos».

Allusivo a fazerem as aguas ahi fortes rodomoinhos.

Penha de França.—Povoação, séde da parochia deste nome: no município de S. Paulo.

E' logar de muita devoção; e a festa annual, começada annualmente em o principio do mez de Setembro, attrahe álli pessoas e familias de outras povoações.

Penha do Rio do Peixe.—Cidade, tambem conhecida por *Penha de Mogyrimir*.

(Vide o nome *Itapyra*).

Penondúba.—Logar, á margem es-querda do rio *Tieté*, entre Itú e Porto Feliz.

Logar, á margem direita do rio *Tieté*, no município de Parnahyba.

E' geralmente escrito *Ponundúra*.

Penondúra, corruptéla de *Penū-nd-ŷibo*, «logar de elevações e de concavidades». De *penū*, «cousa saliente da superficie», *nd*, intercalação por ser nasal a pronuncia de *penū*, e para ligal-o a *ŷi*, «concavidade, ôco», *bo* (breve), para exprimir logar ou sitio.

Allusivo a serem sujeitas essas regiões a elevações e concavidades que a natureza, por movimentos subterraneos, sóe formar.

E isto explica, quanto ao primeiro logar, a significação do nome do ribeirão *Cayacotinga*.

(Vide o nome *Cayacotinga*). Mesmo o nome *Pirapetinguy*, quer do campo quer do ribeirão, explica aquele facto.

(Vide o nome *Pirapetinguy*).

Peprapetinga.—Ja li ainda mais corrompido: *Pepretinga*.

(Vide o nome *Pirapetinguy*).

Pequiá.—Praia, na ilha de S. Se-bastião: no município de Villa Bella.

Pequidá, ou *Pr-quidá*, «plana e suja». De *pé*, «plana, chata», *quidá*, «suja».

Allusivo a não ter elevações; mas a receber do mar detritos de toda a natureza e espumas.

Essa praia liga-se a uma extensa planicie, que também tem o mesmo nome—*Pé-quidá*.

Pequira.—Lagôa, no município de Mogy-guassú.

Pequira, corruptela de *Pé-guir-a*, «quente em baixo». De *pé*, «quente», *guir*, «em baixo, a parte inferior», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a ter quente o leito ou o fundo.

Abundando também nessa lagôa o pequeno peixe *pequir-a*, o indígena, fazendo o jogo linguístico, preferiu certamente aquele modo de designar o «fundo quente» da lagôa; sendo certo que poderia usar de outro modo, como por exemplo *pi-acú*, que significaria também «fundo quente».

Assim, o nome idêntico ou quasi idêntico no som foi adoptado para exprimir dous factos na mesma lagôa.

Peranambucana.—Serrote, ramificação da serra *Bocaína*, e corrego, que nasce daquelle serrote: no município de S. José dos Campos. O corrego é afluente do ribeirão *Potim*.

Peranambucana, corruptela de *Herã-n-ã-mb-áquâ-n-a*, tanto para o serrote, como para o corrego.

Quanto ao serrote, significa «um pouco alcatilado e ponteagudo».

Quanto ao corrego, significa «um pouco empinado e muito corrente».

A diferença está sómente na palavra *áquâ*, que, no serrote, significa «ponta», e no corrego, «correr, corrente»; e, por ficarem nasalizadas, em qualquer dos nomes, por causa de *herã* e *ã*, são fechadas com o *a* (breve), precedido de *n*. De *herã*, «um pouco», *ã*, «empinar», *mb*, intercalação por ser nasal a palavra anterior, *áquâ-n-a*, significando *pontengudo* ou «corrente», conforme já ficou dito.

São dous nomes com som identico, mas significando diversamente, segundo o sistema dos indígenas

Perapetinga.—(Vide o nome *Pirapitinga*).

Perdões (Bom Jesus dos).—Pequena povoação entre os municípios de Atibaia e de Nazareth, pertencente a este ultimo.

Pereiras.—Povoação, hoje freguezia, pertencente ao município de Tatuhy.

Perequê.—(Vide o nome *Piraiquê*).

Perimirim.—Pequeno rio que deságua no oceano: no município de Ubatuba.

Alguns escrevem *Promirim*.
(Vide o nome *Promirim*).

Perimirim, corruptela de *Piri-myri*, «pouco e pequeno». De *piri*, «pouco», *myri*, «pequeno»: formando estas duas palavras o significado livre — «raso e pouco extenso».

Com, effeito, tem apenas a extensão de um kilometro, quatro metros em sua maior largura, e meio metro de profundidade.

Peritúba.—Affluente do rio *Taquary*, pela margem esquerda: no município de Itapeva da Faxina.

Peritúba, corruptela de *Pyri-tý-bo*, «soterrado a pique». De *pyri*, «a pique», *tý*, «soterrar», com o accrescimo de *bo* (breve), para formar supino, exprimindo ao mesmo tempo o modo de estar.

Allusivo a correr muito profundo, entre barrancas altissimas e a pique.

Com effeito, a região, em que corre o *Peritúba*, tem uma formaçao geologica de tal natureza que os rios e ribeirões talham na terra profundissimos sulcos, ás vezes cem ou mais metros abaixo; de sorte que é impossivel descer ao seu leito.

E' essa mesma formaçao geologica que facilita ás aguas desses rios e ribeirões

abrirem passagem sob o sólo, desapparecendo em um lugar para reapparecerem mais abaixo. No rio *Itararé* é onde este phenomeno melhor se mostra.

(Vide o nome *Itararé*).

Não obstante, tambem esse ribeirão *Perituba* pôde acaso ter abundancia de *piri* ou juncos; formando assim o indigena o seu jogo linguistico, para assinalar nesse curso d'água os dous factos.

Ha outros ribeirões com o nome *Pirituba*.

(Vide o nome *Pirituba*).

Perna de páu.—Pequeno rio que desagua no oceano: no municipio de Caraguatatuba.

Perna de páu, corruptela de *Penûnd-i-páu*, «saliencia entre duas aguas». De *penû*, «saliencia da superficie», *nd*, intercalação por ser nasal o som de *penû*, e para ligal-o a *i*, «água», *páu*, «intermedio entre dous».

Allusivo a formarem as areias do mar, á fóz desse rio, um como isthmo; resultando disto que as aguas do rio, sofrendo impedimento para a sahida, refluxem ou fazem bojo ou lagôa, até que, em luas determinadas, forçam aquella muralha de areia e escôam-se, para ser renovado depois o mesmo phenomeno.

Pero Luiz.—Rio, na ilha *Cardoso*: no municipio de Cananéa. E' pequeno, tanto em extensão, como em profundidade.

Pero Luiz, corruptão de *Piñerè-rui*, «sinuoso e lento». De *piñerè*, «volver-se, dar voltas», *rui*, «preguiça, lentidão, brandura, astucia, silencio, tento, etc.».

Allusivo a dar voltas successivas, e a ser pouco corrente, até ao ponto de parecer parado.

Perová.—Affluente do rio *Tietê*, pela margem direita: no municipio de Mogi das Cruzes.

E' tambem conhecido pelo nome *Una*.

(Vide o nome *Una*).

Perová, corruptão de *Pi-rô-uá*, «fundo revolvido e alagado». De *pi*, «fundo, centro», *rô*, «revolver», *uá* ou *i-á*, «alagar, fazer lagôa».

Allusivo a derramar-se; e, por correr em terreno carbonifero, frouxo por mistura de areia, forma gretas no fundo, sobre as quaes gyram as aguas, revolvendo-lhe o fundo.

Com effeito, o terreno é negro e em varzea, correspondente á formação do valle do rio *Tietê*, que, desde Mogi das Cruzes, desdobra-se em uma immensa varzea.

Perucáia.—Morro, entre os municipios de Conceição dos Guarulhos e de Juquery.

Não se trata da planta *Piruguáia*, tambem conhecida por *Cipó-suma*, da familia dos *Ionideas*, cujo nome na scienzia é *Anchietea salutaris*, e cuja raiz é purgativa. O povo diz tambem *piragâia*; e tambem *anchicta*. E, aliás, essa planta pôde existir naquelle morro; razão porque o indigena, para fazer o jogo linguistico, em vez de nomear de outro modo ou com outras palavras o morro, o nomeou *Perucáia*.

Perucáia, corruptela de *Piri-quá-i-a*, «cortado a pique», *quá*, «cortar, talhar», com *a* (breve), para formar o infinitivo.

Allusivo a ser morro alcantilado, como que talhado, a pique.

Peruhibe.—Morro, rio, e praia: no municipio de Itanhaém.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provin-cia de S. Paulo no anno de 1805*, assim o escreveu: «... metti-me em carros para andar a praia de *Peruibe*, que já fica ao sul da praia, e terá seis leguas de comprimento; do meio para o fim está a aldêa d'este nome, e no fim o rio, que tambem atravessei, para no seguinte dia subir o morro de *Peruibe*».

Os indigenas costumavam dar nomes a lugares varios, na mesma regiao, com o mesmo som, ou com soin quasi identico, mas com significados diversos.

Peruibe, nome do morro, é *Pir'-iñ-bo*, contrahido em *Pir'-iñ-bo*, «a pique e em resvaladouro». De *piri*, «a pique», *iñ*, «resvalar», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo a ser alcantilado nas pontas ou cabeços que lança sobre o oceano; e resvaladeiro nas encostas interiores.

Peruhibe, nome do rio, é corruptéla de *Pi-rui-bo*, «fundo quieto». De *pi*, «fundo», *rui*, «quietude, preguiça, silenciar, etc.», *bo* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser *rio morto*, ou ao menos, sem corrente apparente.

Peruhibe, nome da praia, é corruptéla de *Pirú-ii-bo*, «secca e dura». De *pirú*, «secco», *ii*, «duro, apertado», *bo* (breve), para significar sitio ou logar.

Allusivo a formarem ahi as aréas um sólo secco e duro.

Tambem a denominam *Tapirema*.

(Vide o nome *Tapirema*).

Os que costumam viajar de Santos para Iguape, ou vice-versa, fazem o trajecto dessa praia em carros puxados a bois; e sóbem o morro conduzidos em rôdes. E' um pouco primitivo esse modo de viajar; mas ainda não ha outro mais aperfeiçando: em todo o caso, tenho ouvido aos que já fizeram essa viagem, que o transporte em carros sobre aquella praia, e em rôdes sobre o morro, tem encantos, cujas recordações são um prazer para toda a vida do transportado.

Perús.—Affluente do rio *Juquery*, pela margem esquerda: no município de S. Paulo.

Perús, corruptéla de *Pi-rù*, «põe-se apertado». De *pi*, «apertar», *rù*, «pôr-se, estar».

Allusivo a correrem entre montes, em leito estreito, e ainda mais apertado em alguns logares, formando cachoeiras e saltos.

Peruvaúva.—Affluente do ribeirão *Jundiavira*, pela margem esquerda: nos municípios de Jundiah y e de Parnahyba,

Peruvaúra, corruptéla de *Pi-rá-ibýi-bae*, contrahido em *Pi-r'-ibýi-bae*, «fundo desigual e raso». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *ibýi*, «baixo, pequeno», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a ser encachoeirado desde que nasce, e a ter pouca agua. Nos

logares mais estreitos não excede de tres palmos de fundo; nos mais largos terá palmo e meio.

Antes de desaguar no *Jundiavira*, 200 metros mais ou menos, tem um salto de 12 metros de altura, denominado *Vuturanchim*. Até certo ponto, desde as cabeceiras, é conhecido por *Guapiára*.

Tem no leito buracos ou poços.

Pescaria.--Pequeno rio que desagua na enseada *Picinguaba*: no município de Ubatuba.

Pescaria, corruptéla de *Pi-guára-i*, contrahido em *Pi-guár'-i*, «successivas tortuosidades». *Pi*, «centro», *guára*, «torcido em zig-zags, retorcido em espiral, tortuosidades», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a cahir da serra na extensa varzea, onde, como uma serpente, deslisa-se em successivas sinuosidades.

Tem seis kilometros, mais ou menos, de extensão: ao principio com dez metros de largura e tres de profundidade, vae-se alargando e aprofundando em seu curso.

A' fóz, alarga-se até cem metros, mas diminue de profundidade, de um a tres metros, conforme a maré.

E' tambem denominado *Picinguába*. (Vide o nome *Picinguába*).

Pessinguaba--(Vide o nome *Picinguaba*).

Embora o nome, começado com *pe*, seja menos incorrecto, julguei conveniente usar de *Picinguába*, por ser o que veem nos mappas e em documentos.

Piábas.—Uma das cachoeiras que formam o rio *Brejahimirindúba*, no município de Ubatuba.

Piábas, corruptéla de *Pihá-bo*, «em escada». De *pihá*, «degraus, escada», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo a formar successivas quédas.

Piaçábossú.—Praia, entre o porto que traz este nome e a villa de Itanhaen.

Piaçábossú, corruptela de *Pé-açái-buçu*, «plana, extensa e larga». De *pé*, «plana», *açái*, «estender, extensa», *buçu*, o mesmo que *uçú*, «largo, grande».

Com efeito, essa praia tem cerca de setenta kilometros de extensão; com grande largura.

Mas, segundo o costume dos indígenas, relativamente a logares varios na mesma região, aos quaes davam nomes com som identico ou quasi identico mas com significados diversos, este mesmo nome é attribuido ao porto, e ao rio que communica o porto com aquella praia, no municipio de S. Vicente.

Quanto ao rio, *Piaçábossú* é corruptela de *Pi-açái-jobú-çúú*, por contracção *Pi-açái'-obú-çúú*, «fundo lodoso que reboja esparzindo-se». De *pi*, «fundo, centro», *açái*, «estender, esparzir», *jobú*, «rebojar, transbordar, sair o liquido fóra das bordas que o contém», sendo que *io* é reciproco para compôr a palavra com aquele significado, *çúú*, o mesmo que *húú*, «lodo, lama, borra, fezes, detritos etc.», por isso que a mudança de letra, em composição de nomes, na lingua tupi, é muito usada, especialmente o *h*, que é aspirado, em *c*, e havendo necessidade, como neste caso, para o jogo linguistico na nomeação dos logares.

Allusivo a ser lodoso esse rio; e a transbordar successivamente, á proporção que a maré cresce, por efeito do fluxo e refluxo das aguas maritimas. Sem ter crescido a maré, é innavegavel.

Quanto ao porto, o nome *Piaçábossú* é corruptela de *Pé-haçáb-uçú*, «passagem geral do caminho». De *pé*, «caminho», *haçáb*, «passar», e, por não ter caso, significando no infinitivo a acção do verbo em geral, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, é, «passagem», *uçú*, tambem empregado para exprimir comparativo, ou ainda mais a acção do verbo por muitos.

Allusivo a ser essa a passagem principal, que serve, em geral, aos que por ali transitam.

A confirmação de tudo isto, vou dala transcrevendo a descrição destes logares, feita por pessoas que escreveram suas viagens entre a cidade de Santos e a villa de Itanhaen.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, assim o escreveu: «Parti de Santos, vim pelo braço de mar que se dirige pelo Cubatão, e no largo do Caneú tomei á esquerda por um rio, que divide a villa (hoje cidade) de Santos da terra firme, e a torna verdadeiramente uma ilha: cheguei ao porto de *Piaçabuçu*, onde me metti em carros, e andei uma grande praia de dez leguas, segundo dizem ao sul, até chegar á villa da Conceição de Itanhaen».

Vou, agora transcrever a descrição feita pelo dr. CARLOS RATH, em seus *Fragmentos geologicos e geographicos*, vindo da villa de Itanhaen para Santos, isto é, no sentido inverso ao do primeiro: «Da Conceição em diante tem de passar outra vez em carroças cobertas, puxadas a bestas ou bois, por entre o mar e os combros de areia, por uma praia tesa e plana, até o porto de *Piassábussú*; dez leguas. Em *Piassábussú*, deve-se parar e esperar a maré, e então, caminhando-se da praia para o porto do embarque do rio *Piassábussú* um quarto de legua mais ou menos, toma-se este rio lodoso e tortuoso até Santos, ou Casqueiro, ou Cubatão, de 5 a 7 leguas a este ultimo».

Piaçagoéra.—«Antiga passagem do caminho», é o significado de *Pe-haçáguera*: de *pé*, «caminho», *haçá*, «passagem», por ser infinitivo sem caso, *guera*, o mesmo que *euéra*, verbal de preterito, significando «o que foi, o que existiu».

Allusivo a ter sido ahi o porto do caminho que existia, ao tempo da chegada de Martim Affonso de Souza. Era proximo á foz do rio Mogy.

(Vide o nome Mogy).

Dahi os indigenas seguiam pelo continente até *Bertioga*: e, querendo ir á aldeia, onde se fundou a villa de S. Vicente, atravessavam o braço de mar para o porto do Cubatão. A comunicação entre este porto e a villa de Santos era, por canções, pelo lago-mar *Caneú*, como se vê da transcrição feita, a propósito do nome *Piaçábossú*, de um trecho do *Diário de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*: «Parti de Santos, vim pelo braço de mar que se dirige para o Cubatão, e no largo do Caneú tomei á esquerda por um rio, que divide a villa de Santos da terra firme, e a torna verdadeiramente uma ilha...». Assim ainda era neste século; porque o aterrado entre Cubatão e Santos é obra posterior.

A denominação *Cubatão-Mogy*, que se lê em algumas crónicas, não é nome de rio algum, senão a designação desse porto, que era a comunicação com o caminho da serra.

De outro modo, ou se outro fôra o caminho da serra *Cubatão*, seria sem explicação a descida dos indigenas até o canal *Bertioga*, em 1531, sem canções, para verificarem a chegada e estada de náus portuguezas alli:—seu trajecto foi pelo continente, onde era a *tabacicába* ou a escala de passagem entre as aldeias, a começar, em baixo da serra, pelos que estavam á margem dos ribeirões *Geribatiba* e *Ururay*.

E' tão melhor esse caminho dos indigenas para *Piratinim*, hoje região e cidade de S. Paulo, que em suas explorações, a companhia ingleza da estrada de ferro de Santos a Jundiahys tomou essa mesma directriz para a subida da serra e mais percurso até aquella região: mais ou menos. Os vestígios da villa de Santo André, fundada por João Ramalho, concorrem para este asserto.

(Vide o nome *Santo André*).

Como se vê do nome *Piaçáguera*, este é apenas designativo de que foi por alli o caminho primitivo, para o distinguir do que foi feito, posteriormente pelos portuguezes.

O nome do caminho primitivo era *Perrá-ná-piã-quâb-a*: e dahi os portugueses entenderam que era o nome da serra. (Vide o nome *Paranapiacaba*).

O do porto era *Y-piã-cába*, porque ali é que se dividiam os que iam para os lados da região, que depois tomou o nome de villa de S. Vicente, e os que iam para os lados da *Bertioga*.

(Vide o nome *Apiaçába*).

Piaguy.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: nos municípios de Guaratinguetá e de Lorena.

Piaguy, corruptéla de *Pi-ai-gui*, «fundido com saliências, altos e baixos», *gui*, posposição significando, neste caso, «com».

Allusivo a ter no leito muitos arrecifes; o que não impede que seja muito corrente. Ha neste ribeirão lindíssimas cachoeiras.

AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da província de S. Paulo*, escreveu *Piauhy*.

Piahy.—Affluente do ribeirão *Tremembé*, pela margem direita: no município de S. Paulo.

Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no município de S. Bernardo.

Piahy, corruptéla de *Piá-i*, «aos degraus». De *piá*, «degrau, escada», *i*, posposição de perseverança, para exprimir successão do facto, isto é, alguns ou muitos.

Allusivo a descerem aos degraus ou de degrau em degrau.

São encachoeirados.

Pião.—Serra, entre os municípios de Jacarehy, de Patrocínio de Santa Izabel, de Nazareth e de Santo Antônio da Cachoeira.

Ramificação da serra *Mantiqueira*.

Pião, corruptéla de *Pi-ã*, «empinado e escalvado». De *pi*, «raspar, escalar, tirar a casca», *ã*, «empinar».

Allusivo a não ter vegetação com as encostas em alcantil.

Piaú.—Cachoeira, abaixo da fóz do ribeirão *Mosquito*, no rio *Paranapanema*, e acima da cachoeira *Pacú*.

Pi-áu, «canal defeituoso». De *pi*, «fundo, centro», *áu* ou *aúb*, partícula para exprimir defeito na acção ou no facto, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo a ser um canal em diagonal da margem esquerda para a direita, por causa de arrecifes: as aguas correm nesse canal com impetuosidade.

Piauhy.—Afluente do rio *Mogymuassú*, pela margem direita: no município de Ribeirão Preto. Traz hoje o nome de *S. Luiz*. E' corrego.

Piauhy, corruptéla de *Pi-á-i*, «leito perseverantemente obstruído». De *pi*, «fundo, centro», *á*, «salientes, altos e baixos», *i*, posposição de perseverança. O *í* tem som guttural por estar seguido de outro *i*.

Allusivo a ter no leito, em toda a extensão, pedras e cachoeiras.

Picanço.—Nascente d'agua no alto do contra forte ou serrote divisorio das aguas do rio *Tieté*, e do seu afluente *Cabuçú*: no município de Conceição dos Guarulhos.

Alguns a dizem «olho d'agua».

Picanço, corruptéla de *Picoë-ocè*, contraído em *Picoë'-cè*, «concavidade alta». De *picoë*, «concavidade, canal, logar convexo», *ocè*, «alto, em cima».

Allusivo a ser um deposito de agua no cimo mais alto do serrote.

Com efeito, na altitude de 796 metros.

Pichoá.—Afluente do rio *Purahyba*, pela margem direita: serve de divisa aos municípios de Taubaté e de Caçapava.

Pichoá, corruptéla de *Pýtý-há*, «atoladiço». De *pýtý*, «atolar-se», *há*, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, causa, modo, instrumento, fim, intuito, etc. Mas, a palavra *pýtý* exprime apenas o efeito: as aguas desse corrego sof-

frem represa na barra, e dahi o atoladiço como efeito dessa represa.

Por causa da pronuncia de *pýtý-há*, sóa *pichu-á*.

Allusivo a ter atoleiros no leito. São mesmo, em alguns logares, verdadeiros tremedaeis. E' ladeado de varzeas.

Picinguába.—Enseada, um pouco ao sul do limite da província de S. Paulo com a província do Rio de Janeiro, pelo littoral.

Rio que desagua naquella enseada.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, o nome *Picinguába* significa «logar onde se cria o peixe do mar»!

Picinguába, nome da enseada, é corruptéla de *Pe-cý-guáá-bae*, «superficie lisa e arredondada». De *pe*, «superficie», *cý*, «lisa», *guáá*, «arredondar, fazer barriga», com a partícula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é».

Picinguába, nome do rio, é corruptéla de *Pé-cé-guáá-bae*, «barra chata e alargada». De *pé*, «chata», *cé*, o mesmo que *hé*, «sahida», *guáá*, «alargar, fazer barriga», com a partícula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é».

O nome da enseada é allusivo a ser sem cómberos de areia, e sem arrecifes; e semi-circular.

O nome do rio é allusivo a ter rasa a barra; alargando-se ahí. Com efeito, sendo de cincuenta metros mais ou menos a largura deste rio, quando desce do logar denominado *Laranjal*, alarga-se, em sua fóz, mais de cem.

O rio é tambem denominado *Pescaria*. (Vide o nome *Pescaria*).

Os indigenas tinham o costume de dar nomes com som identico ou quasi identico a logares varios, na mesma região, mas com significado diverso:—dahi o nome quasi identico da enseada e do rio.

AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da província de S. Paulo*, dá o rio *Pissin-guaba* como limite da província de S. Paulo com a do Rio de Janeiro; e ex-

creveu, certamente por equivoco, *extrema meridional*, em vez de *extrema septentrional*. Mas, não é exacto. O limite é a *Cachoeira da Escada*.

(Vide o nome *Cachoeira da Escada*).

Piedade.—Villa, á margem esquerda do ribeirão *Pirapóra*, affluent do rio *Sarapuhy*, pela margem direita.

E' tambem conhecida por *Piedade de Sorocaba*.

Este nome proveiu da achada de uma imagem de N. S. da Piedade por um *matteiro*, proximo á margem daquelle ribeirão. Em consequencia foi ahi edificada immediatamente uma capella, na qual foi collocada a veneranda imagem.

Pilar.—Povoação, hoje freguezia: no municipio de Sarapuhy.

Capella, no municipio de S. Bernardo. Desta capella tirou o nome uma estação da estrada de ferro de Santos a Jun-diah, entre as de S. Bernardo e do Rio Grande.

Tanto na freguezia, como na capella, a invocação é do Senhor Bom Jesus do Pilar.

E' denominação portugueza.

Pilões.—Cachoeira, no rio *Tieté*: no municipio de Tieté.

E' tambem conhecida por *Pelouros*. (Vide o nome *Pelouros*).

Pilões, corruptela de *pirô*, «rodomoinhos».

Allusivo a fazerem as aguas ahi fortes rodomoinhos.

Pilões.—Rio, que desagua no canal *Bertioga*: no municipio de Santos.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Buquirá.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: serve de divisa aos municipios de Xiririca e de Iporanga.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Ara-raquara.

Affluente do ribeirão *Piaguy*, pela margem direita, já quasi á fóz deste: no municipio de Guaratinguetá.

Pilões, corruptela de *Pi-rô*, «fundo revolto». De *pi*, «fundo, centro», *rô*, «revolver».

Allusivo a formarem suas aguas buracos no fundo ou no leito, e revolverem-se para sahirem de taes buracos.

Esses ribeirões, que trazem corruptamente o nome *Pilões*, são encachoeirados; e, porque, nas quédas, as aguas formam aquelles buracos, e logo depois os rodomoinhos, foi feita a corrupção *Pilões*, sómente com referencia aos taes buracos. Ora, o nome *pi-rô* corresponde principalmente á acção de revolverem-se as aguas para seguirem o impulso da queda ou a lei natural da queda, formando cascatas, algumas das quaes em leito ingreme e recto e, portanto, bellissimas.

No ribeirão *Pilões*, affluent do rio *Ribeira de Iguape*, isto é, em uma de suas margens, ha uma gruta notavel. Eis como o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma riagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, dá noticia della: «Entrando pela barra dos *Pilões*, e depois indo costeando o dito ribeirão por um carreiro praticado em suas margens, vae ter-se a uma gruta semelhante á de *Santo Antonio*».

(Vide o nome *Iporanga*).

Pindaúva.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem direita: nos municipios de Cananéa e de Iguape.

Ha dous: maior e menor.

Pindaúra, corruptela de *Pi-nda-ibiy-i*, «apertado, mas não pequeno». De *pi*, «apertar», *nda*, particula de negação, *ibiy*, «pequeno, baixo», *i*, para fechar a negação.

E' tambem pronunciado, menos incorrectamente, *Pindahyba*.

Allusivo a ser esguio: isto é, comprido e estreito

O som da pronuncia tupi deve ser *Pindahibui*; breve a ultima syllaba.

Estes dous ribeirões nascem no municipio de Cananéa, e desaguam no de Iguape.

Pindahyfiba.—Morro, no município de Guaratinguetá.

Pindahyfiba, corruptela de *Più-ndae-tei-bae*, «o que é muito escorregadio». De *più*, «escorregar, resvalar o pé», *ndae-tei*, «muito, demasiadamente, excessivamente», *bae*, partícula de participio.

Allusivo a fazer muita lama lodosa em tempo de chuvas, tornando-se demasiadamente escorregadio.

Pindamonhangaba. — Cidade, á margem direita do rio *Parahyba*, sobre uma collina.

O nome é tirado do logar. Não se trata de *Pindá-monhangába* «fabrica de anzóes»; o indígena não cogitava de estabelecimentos industriais de tais artefactos; nem o seu *pindá* precisava de fabrica. Dous são os instrumentos de pesca, denominados *pindá*:—o *pindá-ciri-ri-ca* e o *pindá-o-há-o-áquâ*. O primeiro é qualquer cousa que possa engasgar ou fisgar o peixe, occulto entre pennas encarnadas, ou objecto da mesma cor, a correr sobre a agua; o peixe, illudindo-se por ver o movimento e a cor dos peixinhos de que só alimentar-se, traga o objecto e engole-o, ficando preso pela haste flexivel, a cuja ponta tem sido atado por um cordel:—de *ciri*, «deslissar», repetido na ultima syllaba, para assignalar a successão do movimento, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. O segundo é o mesmo objecto; sómente com a diferença de não ter haste, e de ser o cordel amarrado á pôpa da canôa, a qual, em seus movimentos, imprime ao cordel, e este ao objecto, a acção do peixinho a correr sobre a agua: de *o*, reciproco, *á*, «torcer», *o*, reciproco, *áquâ*, «correr», significando «corre, torcendo-se».

Pindá foi applicado ao anzol de ferro, usado e introduzido pelos europeus, porque produz o mesmo efecto. *Pindá* é *pýi-nd-á*, «objecto escondido»: de *pýi*, «esconder, occultar», que alguns escrevem *pýmì*, *nd*, intercalação por ser nasal a palavra anterior, e para ligal-a a *á*, «objecto, cousa corporea, entidade, pedaço de ferro, grão, etc.».

Allusivo a ser escondido entre pennas encarnadas o objecto que deve ser tragado e engolido pelo peixe. As palavras *ciri-rica* e *o-á-o-áquâ* designam o modo do uso daquelle instrumento de pesca, segundo é preso á haste flexivel, ou á canôa em movimento. Portanto, *pindá* é propriamente o objecto occulto na isca.

Os indigenas tinham ainda outros modos de pescar: *pari*, cerca de talas ou de varas, para formar o *cacári* ou *tapagem* nos ribeirões e mais cursos d'agua; *yequeá*, ou, como dizem no Amazonas, *jequi*, cesto afunilado, para ser deixado á flor d'agua, onde o peixe entra, mas donde não pode sahir; *ytá-púá*, pedra aguçada, que faz o serviço e tem a utilidade do harpão curto, para fisgar o peixe na superficie das aguas; *y-aticá*, pedra aguçada, porém mais comprida do que a *ytá-púá*, para fisgar o peixe no fundo, guiando-se o pescador pelas borbulhas que a respiração do animal faz subir á tona da agua; *cá-ra-rá-quâ*, ou *sararaca*, flecha especial, cujo *heym-a*, que é pronunciado corruptamente *huúma* ou *suumba*, e é o fuso, traz enrolado um fio fino e tem á ponta, fortemente seguro, um pedaço de pedra, bem aguçado: disparuda a flecha, não directamente, mas por inclinação, sobe ao ar, e certeira de lá desce para deixar no costado do peixe a fisga; e é então que, mergulhando este, o fio desenrola-se e o logar, em que o fuso está á superficie das aguas, revela a parada do fisigado: *ca-rá-rá-quâ*, «corda cuja ponta se desata»: de *cá*, o mesmo que *cá*, «corda», *rá*, «desatar», repetido para exprimir a successão do facto, *quâ*, «ponta». Esta flecha de fisgas ou harpões é denominada *hui-ty-eym-a*. E mais outros processos, inclusive a *piçá*, que é a rête, cada qual o mais engenhoso para o fim, a que é destinado.

Vê-se, portanto, que o significado que MARTIUS e outros têm dado ao nome *Pindamonhangaba* é simplesmente um erro.

Pindamonhangaba é corruptela de *Pind-o-mo-nhang-ába*, «logar estreitado, em

que se junta». De *pi*, «estreitar, apertar», *nd*, por ficar nasalizado o nome inteiro em virtude de *nhang*, e para ligal-o a *o*, reciproco, servindo tambem de nota de terceira pessoa, *mo*, particula activa, e não *mbo*, por ter som nasal o verbo *nhang*, «juntar, encestar», levado ao participio pelo accrescimo de *ála*, exprimindo logar, modo, instrumento, causa, intuito, fim, etc.

Allusivo a correr ahí estreitado o rio *Purahyba*, entre margens altas e em leito fundo; differentemente do curso antecedente e subsequente, em que o rio se alaga formando bauhados.

Pindú.—Regatos que correm dos mornros de Iguape.

Ha, além de outros, douis principaes: o *Pindú-assú* e o *Pindú-mirim*.

Pindú, «leito ruidoso». De *pi*, «centro, fundo», *ndú*, «ruido, ruidoso».

Allusivo a correrem encachoeirados.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, assim descreve essa região: «... ficam (os mornros) por detraz da villa e se prolongam até a barra: sempre as grandes massas de rocha granitica, desarrumadas. Esta rocha forma pelo seu desarrumamento barrocas a cada passo, por onde correm regatos e cachoeiras abundantes em aguas...».

AZEVEDO MARQUES, em seus *Aportamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da provinicia de S. Paulo*, escreveu *Pinduá-mirim* e *Pinduássú*. Mas é erro. O verdadeiro nome é *Pindú*.

Pinhal.—Encosta da serra *Japy*: no municipio de Cabreúva.

Pinhal, corrupréla de *Pi-yâb*, «gretas vazias». De *pi*, «centro, vazio, fundo», *yâb*, «gretar, receber, abrir naturalmente».

Allusivo ás grutas e cavernas que ha nessa encosta.

O verbo *yâb* exprime o facto natural, e não por obra humana.

Pinhal.—Cabeceira do rio *Itapetininga*: no municipio de Sarapuhy.

Afluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: no municipio de Itapetininga.

Afluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de Piedade.

Afluente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda: no municipio de Itú. Tambem conhecido por *Pirahy*.

(Vide o nome *Pirahy*).

Afluente do rio *Apiahy*, pela margem esquerda: entre os municipios de Bom Sucesso e de Itapeva da Faxina.

Afluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Izabel e Jacarehy.

Pinhal, corruptéla de *Pi-yâb*, «fundo gretado». De *pi*, «fundo, centro», *yâb*, «gretar, rachar, abrir por accão natural».

Allusivo ás depressões e cavidades que as aguas fazem no leito, descendo em rodomoinhos.

Pinhal.—Logares varios na provincia, com este nome em portuguez, por abundancia da arvore *pinho* ou *pinheiro*.

Nos municipios de S. Carlos do Pinhal, de Espírito Santo do Pinhal, de S. Bento de Sapuahy-mirim (Santo Antonio do Pinhal), de Itatiba, de Apiahys e outros.

Pinheirinho.—Afluente do rio *Sapuahy*, pela margem esquerda: no municipio de Santo Antonio da Alegria.

(Vide o nome *Pinheirinhos*, que tem igual explicação).

Pinheirinhos.—Afluente de rio *Tietê*, pela margem direita: entre os municipios de Conceição dos Guarulhos e de Juquery. Mas, a sua nascente é no municipio de Nazareth.

Afluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia.

Uma das cabeceiras do ribeirão *Potribú*: no municipio de S. Roque. A sua margem direita ha uma pequena povoação com o nome *Pinheirinhos*, proximo á estrada de ferro Sorocabana.

Pinheirinhos. corruptéla de *Pi-iér-i-na*, contrahido em *Pi-iér'-i-na*, «derramado». De *pi-iérē*, «derramar, i», «estar, pôr-se», com o sufixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a abrirem-se em varzea, constantemente derramados, ou transbordados de seus leitos.

Pinheiros. — Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo. E' o mesmo *Jurubatuba*, depois da affluencia do *Mboy-guassú*.

(Vide o nome *Jurubatuba*).

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Itatiba.

Cabeceira do ribeirão *Tahyassu-éba*: no municipio de Mogy das Cruzes.

Affluente do ribeirão *Lourenço Velho*, pela margem direita: no municipio de Parahybuna, nascendo porém nas divisas com o municipio de Ubatuba. Corre na parochia de Bairro Alto.

Pinheiros, corrupção de *Pi-iérē*, «derramado».

Allusivo a transbordarem, fazendo alagadiço nas margens.

Não é, portanto, exacto que o nome do affluente do rio *Tieté* proviesse de ahi existir um *pinhal*, segundo a nota quarta do padre LOURENÇO CRAVEIRO ao titulo de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de Outubro de 1532.

O padre LOURENÇO CRAVEIRO era reitor do Collegio dos Jesuitas em S. Paulo, em 1674.

Mesmo existiu *pinheiros* nesses lugares, o nome tupi é *Pi-iérē*; servindo a existencia de *pinheiros* só para operar mais facilmente a corruptéla.

A varzea do ribeirão *Pinheiros*, affluente do rio *Tieté*, tem a extensão de cerca de 20 kilometros e a largura de 2 a 4.

Pinheiros. — Villa, á margem esquerda do rio *Parahyba*; não mirando-se sobre as aguas, mas a alguma distancia, em logar elevado.

O nome *Pinheiros*, desta villa, é que parece provir de *pinhal* que teria exis-

tindo naquella região e que o fogo das derrubadas terá destruido.

E' ainda hoje conhecida a villa pelo nome da parochia: *S. Francisco de Paula dos Pinheiros*.

Piquête. — Povoação, no municipio de Lorena, á margem esquerda do ribeirão *Embaú*; o qual, e até a affluencia do *Itabaquára*, e *Piquete*.

Piquête, corruptéla de *Pi-iquê-etei*, contrahido em *Pi'-quê'-tei*, «totalmente lados apertados». De *pi*, «apertar», *iquê*, «lado, costa», *etei*, «totalmente, de todo o ponto, etc.», exprimindo tambem superlativo.

Allusivo a correr entre montes, e margens altas, em toda a sua extensão, até a affluencia do ribeirão *Itabaquára*.

Piracema. — Affluente do ribeirão *Turvo*, e este do rio *Bananal*: no municipio de Bananal.

Em suas cabeceiras tem o nome *Doce*; no meio, o nome *Manso*; e até á barra, o nome *Piracema*.

(Vide os nomes *Doce* e *Manso*).

Com este nome *Piracema*, o indígena quiz assignalar douis factos nesse mesmo curso d'agua: a abundancia de peixe que é ahi produzido nas desovas, de tal modo que sahem aos cardumes, *pirá*, «peixe», *cém-a*, «sahida», isto é, «sahida de peixe»; e outrossim, o alargamento de sua barra, *pirá*, «abrir», *cém-a*, «sahida», isto é, «sahida alargada». *Cé* ou *hē*, é o mesmo.

Piracicaba. — Cidade, á margem esquerda do rio *Piracicaba*, sobre uma collina.

Durante certo tempo teve o nome *Constituição*; mas só oficialmente, porque o povo não deixou de usar do nome *Piracicaba*.

O rio *Piracicaba*, que deu á cidade o nome, não é senão a reunião das aguas dos rios *Atibaia* e *Jaguary*: desde a confluencia destes é que existe o rio *Piracicaba*. Afliue no rio *Tieté* pela margem direita.

Segundo MARTIUS, Gloss. Líng. Bras., o nome *Piracicaba* significa «logar onde

se junta o peixe»! O verbo *ci* não exprime a reunião de muitos; portanto, é sem procedencia aquelle significado de MARTIUS, e de outros que, sem criterio algum, o têm seguido. Mais se approximaria da verdade o dr. FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA, no seu *Diário de viagem pelas capitâncias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790*, quando diz que «o nome *Piracicaba* é dado ao salto em razão de nelle param e chegarem os peixes, porque *pirá* é peixe, *cicaba*, quer dizer chegam». *Cicaba* não quer dizer «chegam»; significa *chegada e passagem*, porque os verbos *ci*, «chegar» e *quab*, «passar», com o accrescimo de *a* (breve), ficam formados no infinitivo, o qual, não tendo caso, significa a acção do verbo em geral, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da língua brasílica*. Isto teria feito o indigena simplesmente por jogo linguístico.

Mas, não é aquillo de admirar em MARTIUS, pois que o conego JOÃO PEDRO GRAY, na *História Jesuitica do Paraguay*, capítulo 23, escreveu que *Piracicaba* significa «tem pena do peixe»! Simplesmente um não senso.

Este logar é um dos que mereceram aos indigenas maior sciencia e esforço para a denominação; e esta serviu também para o rio inteiro, porque o salto é realmente característico. Sim, o nome é do salto; porque esta obra da natureza assinala o rio, dividindo-lhe o curso.

Piracicaba, corruptéla de *Pihá-ci-quâ-bo*, «de degráo em degráo, aos golpes». De *pihá*, «degráo, escada», *ci*, particula distributiva, *quâ*, «golpe», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar. E' pronunciado *Pihá-ci-ca-bo*.

Allusivo a cabirem as aguas ahi de degráo em degráo, e ás quedas, espumando.

Os indigenas quizeram assinalar a forma do salto, mais uma série de cascatas em escadaria, do que propriamente um despenhadeiro de aguas.

Não se trata, portanto, de peixes em ajuntamento; ainda que, como em ou-

*tro*s saltos, ahi os peixes, no tempo proprio, saltem aos cardumes, não podendo resistir ao impulso das aguas.

O *h* de *pihá* é aspirado; e a corruptéla em *pirá* foi facil.

Já li tambem que *Piracicaba* significa «logar em que se acaba o peixe»! Que grande disparate!

O rio *Piracicaba* tem um affluente pela margem esquerda, com o nome *Piracicá-mirim*.

Piracinunga.—Affluente do rio *Jucquery-querê*, pela margem direita: no município de S. Sebastião.

Piracinunga, corruptéla de *Pi-rá-cumú-nга*, «fundo desigual e ruidoso». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *cunú*, «fazer ruido», com o suffixo *nга* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter saltos e cachoeiras, com estrondo das aguas.

Piraciúnna.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no município de S. José dos Campos.

Piraciúnna, corruptéla de *Pi-rá-cyhúú-mо*, «fundo desigual, lodoso a fazer escorregar». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *cý*, «resvalar, escorregar», *húú*, «lodo, fézes, borra», com o suffixo *mo* (breve), para dar a forma de supino.

Allusivo a ser encachoeirado, e a ter tanto lodo no leito que este se torna escorregadio.

Piragibú.—Affluente do rio *Sorocabá*, pela margem direita: nos municípios de S. Roque e de Sorocaba.

Piragibú, corruptéla de *Pi-rá-igi-ibiŷ*, «leito desigual, granítico, gretado». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *igi*, «duro, forte», *ibiŷ*, «concavidade, abertura, greta, ôco». Contrahido em *Pi-ra-ig'-ibiŷ*.

Allusivo a ter saltos, cascatas, cachoeiras, poços e caldeirões.

A formação geologica da regiao, que este ribeirão atravessa, de schistos inclinados, mais ou menos metamorphisada,

dos, e grandes manchas de granito, presenta-se a essas depressões e poços no leito, formando as aguas ahi fortes rodóinhos, ou voltas espiraes.

Pirahanyra.—Morro, no municipio de Itanhaen.

Pirahanyra, corruptéla de *Pir-ha-ii-rô*, «ponta cortada, e em resvaladouro». De *pir*, infinitivo do verbo *apir*, «fazer ponta», exprimindo, por não ter caso, a acção do verbo, «ponta», *há*, «cortar», *ii*, «resvalar», *rô* (breve), «pôr-se». O primeiro *i* de *ii* tem som guttural.

Allusivo a não ter ponta, mas a ser em resvaladouro, sem chapada.

Pirahy.—Affuente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda: nos municipios de Cabreúva e de Itú. Antes de fazer barra naquelle rio, é conhecido por *Pinal*.

Affuente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: no municipio de Redempção.

Affuente do rio *Juquiá*, pela margem direita: entre os municipios de Iguape e de Itapecerica.

Não se trata, ainda, neste nome, de *pirá*, «peixe». O indígena não cogitava de peixe para denominação de rios e ribeirões, visto que seria uma especie de perissologia, vicio em que, por sua scienzia na maneira de nomear, não cahiria. Dizendo «rio de peixe», seria o mesmo que dizer «rio de agua»; ainda que é certo que ha rios escassos, ou mesmo baldos de peixe, e rios que, em certa estação do anno, seccain completamente, formando, uns e outros, casos anormaes, e portanto exigindo *nomes especiaes*, correspondentes a taes extraordinarios caracteristicos physicos. Quando o rio ou ribeirão abundava de peixe, o indígena usava da phrase *pirá-ri*; mas não era propriamente nome, senão sómente designação da qualidade piscosa desse curso d'agua. A palavra *ri* é posição, aqui significando «com», e nenhuma relação tem com «rio» ou «agua».

Em geral, os rios ou ribeirões, denominados pirá-i, escripto corruptamente

Pirahy, tomaram em portuguez o nome *Rio do Peixe*, no presupposto de essa a traducção de *Pi-ra-i!* Mas, em tupi, as palavras *i*, *ri*, ou *ti*, significando «aguas» ou «rio», e entrando na composição de nomes, sempre os antecedem; salvo casos rarissimos em que antepostas, degeneraria em synchysis, como por exemplo em *amã-pytâ-i*, «tempestade d'agua», ou, mais litteralmente traduzido, «nuvem negra de agua», em *amã-nd-i*, «agua choveida», etc.

Com effeito, *Pi-ra-i* significa «fundos perseverantemente desiguals». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não velado, alto e baixo», *i*, posição para exprimir perseverança do facto.

Allusivo a altos e baixos no leito, por causa de pedras, ou areia, ou mesmo buracos.

Pirahitinga.—É o mesmo rio, e tambem os ribeirões, que trazem o nome *Parahytinga*.

O nome *Piraitynga* é o verdadeiro. (Vide o nome *Parahytinga*).

Piraiquê.—Pequenos cursos d'agua em que ha fluxo e refluxo do mar, isto é, enchente e vasante.

Ha em todo o littoral desde o municipio de Ubatuba, no extremo-norte, até o de Cananéa, no extremo-sul.

Em alguns desses municipios, como Santos, Itanhaen, Iguape e Cananéa, a corruptéla usada é *Perequê*. Em outros, como Ubatuba, Caraguatatuba, S. Sebastião, e Villa Bella é *Piraquê*.

Piraquê, isto é, *Pi-rá-iquê*, «entrada do peixe». De *pirá*, «peixe», *iquê*, «entrada».

Um dos meios de pescar, usados pelas indigenas, era o *cacári*, tapagem feita com o *pari*. Ao encher a maré, os peixes sobem os rios e ribeirões; mas, na vidente, o *cacári*, impedindo-os de descer, realiza o fim de sua applicação.

(Vide o nome *Pari*).

Pirajù.—A villa cujo nome era *Tijucu Preto*.

(Vide o nome *Tijuco Preto*).

A mudança não tem justificativa na tradição.

Pirajú.—Estreito e salto no rio *Paranapanema*: um kilometro abaixo da villa *Tijuco Preto*, hoje *Pirajú*.

Pirajú, ou *Pi-ra-yû*, «fundo nivelado, estreitado». De *pi*, «centro, fundo», *râ*, «desigual, não nivelado», *yû*, «garganta, estreito».

Allusivo a estreitar-se excessivamente ahi o rio, entre paredões a pique; e, nesse estreito, desnivelar-se o leito, para formar um salto de dous metros de altura, além da cachoeira.

Pirajuçára.—Affluente do rio *Pi-nheiros*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santo Amaro e de Cotia.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Jacarehy.

Pirajuçára, ou *Pi-rá-yû-cára*, «fundo desigual, formando gargantas». De *pi*, «centro, fundo», *râ*, «desigual, não nivelado», *yûr*, «fazer garganta, estreitar-se», levado ao particípio pelo accrescimo de *cára*, por acabar em *r*, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

O significado de *Pirajuçára*, que dá MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, «peixe que causa comichões», é simplesmente uma invenção.

O nome *Pi-rá-yû-cára*, que têm esse e outros ribeirões, é allusivo a terem cachoeiras, e estreitarem-se entre margens altas em varios logares

Piramboia.—Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem esquerda: no municipio de Botucatú.

Por atravessar este pequeno curso d'agua, a estrada de ferro Sorocabana tem ahi uma estação com o nome *Piramboia*.

Piramboia, corruptéla de *Pi-rô-mboiô*, «fundo revolto, e pouco corrente». De *pi*, «centro, fundo», *rô*, «revolver», *mboiô*, «pesado, tardo por ter carga».

Allusivo á sua lentidão no curso, e aos rodomoinhos no leito.

Piranga.—Affluente do ribeirão *Quilombo*, pela margem esquerda: no município de Iguape. A affluencia é 600 metros, mais ou menos, antes que o *Quilombo* faça barra no rio *Juquirá*.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no município de Iguape. E' mesmo proximo á cidade.

Rio, que desagua no braço de mar por detraz da villa de Cananéa, depois de reunir-se com o *Piranguinha*, fazendo uma só barra.

O nome *Piranguinha* é um diminutivo aportuguezado.

Piranga, contracção de *Pi-rá-ã-nга*, «leito desigual e empinado». De *pi*, «centro, fundo», *râ*, «desigual, desnivelado», *ã*, «empinar», com o suffixo *nга* (breve), para formar supino.

Allusivo a saltos e cachoeiras, e a ser ingreme ou empinado.

O affluente do *Quilombo*, cuja extensão é de mais de cem kilometros, é encachoeirado e tem saltos notabilissimos nos primeiros setenta kilometros. Variam muito, quer a largura, quer a fundura deste ribeirão. São ahi os saltos sobre os quaes se despenham os affuentes *Temivel* e *Travessão*; bem como uma cascata extensa e lindissima, que acaba em um salto a prumo, cuja altura é de cerca de 40 metros.

Os saltos de *Piranguinha* são tambem notabilissimos; e os ha de 3 a 10 metros de altura.

O *Piranga*, companheiro do *Piranquinha*, é mais encachoeirado, porém poucos e pequenos são os saltos.

O *Piranga*, proximo á cidade de Iguape, nasce dos morros que ficam por detraz desta; desce por barrocas, formando cachoeiras.

Pirapitanguy.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Pindamonhangaba e de Guaratinguetá.

Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no municipio de Mogi-mirim.

Outros escrevem, com mais exactidão, *Pirapetingui*.

Pirapitanguy, corruptéla de *Pi-rá-pyty-n̄-i*, «leito desigual, e perseverantemente apertado». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *pyty*, «apertar», com o sufixo *ng* (breve), para formar supino, *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a ter saltos e cachoeiras no leito, e a correr perseverantemente apertado, entre margens altas.

Não é, pois, «rio de peixe vermelho», como o escreveu MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*

Pirapitinga.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Bananal.

(Vide o nome *Peprapetinga*).

Affluente do ribeirão *Pary*, pela margem direita: no município de Campos Novos de Paranapanema.

Pirapitinga, corruptéla de *Pi-rá-pyty-n̄-ga*, «leito desigual e apertado». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *pyty*, «apertar, afogar», com o sufixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a saltos e cachoeiras, correndo sempre entre barrancas altas.

Piratininga.—Nome antigo da povoação, que depois foi mudado em *S. Paulo*, e é hoje a cidade-capital deste nome.

O nome *Piratininga* é derivado do affluent do rio *Tieté*, pela margem esquerda: tambem conhecido pelo nome *Tamanduatehy*.

(Vide o nome *Tamanduatehy*).

Com effeito, em escripturas antigas é mencionado o rio *Piratininga*; e em outras, do mesmo tempo, o rio *Tamanduatehy*.

O rio, portanto, tinha esses douis nomes; e é facil explicar esse facto, sendo sabido que esta região foi disputada por mais de uma nação indigena, e cada qual, para exprimir o signal da conquista, mudava aos logares os nomes anteriormente dados pela nação vencida, sem que todavia a esta deixassem de ficar 'embrançada'.

Quando Martim Affonso de Souza aportou á *Bertioga*, em 1531, encontrou no littoral até *Ararapira* a nação *tupi*, a qual sem duvida havia vencido a nação *guayanáz* ou *goiá-ná*, que ahi e em serra acima dominava. E, se em 1531 não fossem da nação *tupi* os dominadores de *Piratinha*, os de *Bertioga* não lhes teriam mandado aviso afim de que acudissem com as precisas provindencias; e de *Piratinha*, desceram Tibiriçá e João Ramalho, acompanhados de centenas de indigenas, para fazerem o reconhecimento.

Em uma *Informação*, existente na biblioteca de Evora, em Portugal, atribuinda ao padre JOSÉ DE ANCHIETA, que então era o provincial do Brasil, foi escripta a seguinte noticia: «Na (capitania) de S. Vicente, que é de Martim Affonso de Souza, á qual elle mesmo foi ter com a armada, depois de haver nella alguns poucos e antigos moradores, e acrescentou muito, houve capitães, ordinariamente, assim como nas mais capitanias, postos pelos senhores; nunca nella houve guerras com os Indios naturaes que se chamam *Tupis*, que sempre foram amigos dos portuguezes, salvo no anno 1562, que uns poucos do sertão por sua maldade (ficando a maior parte amiga como d'antes) deram guerra a *Piratinha*, villa de S. Paulo...». Nesta *Informação* são declaradas as nações de indigenas, predominantes em cada capitania.

Em 1559, escrevia a Thomé de Souza, governador da Bahia, o padre MANOEL DA NOBREGA: «O anno passado me escreveram que vieram os Castelhanos a vingar a morte de alguns Christãos e indios Carijós, que os *Tupis* de S. Vicente haviam morto, havendo o capitão do Paraguay feito pazes entre os *Tupis* e Carijós, que não lhe cumpriram, pelo qual vieram Castelhanos e Carijós a vingar isto e foi a mortandade tanta que fizeram nos *Tupis* que despovoaram o rio Grande, e vinham fugindo para o mar de S. Vicente, com medo dos Castelhanos». Este «rio Grande» é o *ri Tieté*, cujo significado é esse.

A villa *Piratininha* não estava ainda então installada, pois que só foi em 1560. E, a este respeito, vale a pena transcrever o que, na mesma já citada *Informação*, o padre JOSÉ DE ANCHIETA dizia: «No anno de 1554, mudou o padre Manoel da Nobrega os filhos dos Indios ao campo, a uma povoação nova chamada *Piratininha*, que os Indios faziam, por ordem do mesmo Padre, para receberem a fé».

Tudo isso prova quão falsa é a narração que, sob a data de 22 de Janeiro de 1552, foi enxertada no *Diario de Navegação* de PERO LOPES DE SOUZA, com referencia à fundação da villa *Piratininha* em tal época (1532), como demonstrei, por outras razões, no folheto —«A Capitania de S. Vicente»—S. Paulo, 1887.

A primeira missa foi dita na igreja do Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, em 25 de Janeiro de 1554.

Assim demonstrado que, não os *guayanazes*, mas os *tupis*, eram os dominadores em *Piratininha*, e que portanto Piqueroby e Tibiriçá eram desta nação, e não daquella, ao inverso do que tem sido escrito e que eu mesmo reproduzi na obra *Algumas Notas Genealogicas*, pelo que ouvira e lera, volto à questão do rio *Piratininha*.

Frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, nas *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*, afirma que o *Tamanduatehy* é o *Piratininha* dos antigos.

Em documento de 1560-1570, foi escrito indifferentemente *Pyratyny* e *Piratininha*.

Os campos de *Piratininha* se entendem os que estão ao longo da margem esquerda desse rio; e a villa de S. Paulo foi fundada na extremidade fechada pelo rio *Tieté* e sua varzea.

Piratininha, corruptela de *Pi-ra-tinŷ-n̄ga*, «sinuoso e leito desigual». De *pi*, «centro, fundo», *râ*, «desigual, não nivelado», *tinŷ*, ou mesmo *tenŷ*, «fazer voltas, enrolhar, ser sinuoso», com a *particula n̄ga* (breve), para formar *supino*.

Allusivo a ter o leito com altos e baixos, buracos e poços, derramando-se também, ora á direita, ora á esquerda; e a fazer innumerias voltas em seu curso.

Não se trata, portanto, de *pirá-tynŷ-n̄ga*, «peixe seco»; embora o som seja quasi identico. O indigena era muito intelligente, para não cogitar de tal denominação para rio ou para campo. Mas a verdade é que, quando ignorava a lingua tupi, tambem acredeitei nessa e em outras tolices attribuidas aos indigenas.

Pirapóra.—Nome antigo da actual cidade do Tieté. Mas, tinha um accrescimo, *Pirapóra de Curuçá*.

(Vide o nome *Curuçá*).

Pirapóra.—Cachoeira e salto no rio *Tieté*: no municipio de Parnahyba.

Afluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Tieté.

Afluente do rio *Sarapuhý*, pela margem direita: no municipio de Piedade, e entre os de Sorocaba e de Campo Largo. A' margem deste ribeirão está a villa da Piedade.

(Vide o nome *Piedade*).

Pi-rá-pór-a, «fundo desigual, e salto». De *pi*, «fundo, centro», *râ*, «desigual, desnivelado», *pór*, «salto», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo á cachoeira precedendo salto, naquelle logar do rio *Tieté*. Com efecto, na cachoeira, ha um simples desnivelamento de cerca de 0^m,60 para a extensão de 100^m; e é o que denominam abusivamente hoje *Pirapóra-mirim*. O salto, porém, é de 3^m para 400^m, em varias quedas; e a principal tem 1^m,60 para 60^m. E' imponente.

Já se vê, pois, que não se trata de «salto de peixe», que seria um dislate, no systema de denominação adoptado pelos indigenas. Não ha cachoeira e salto, em que, no tempo proprio, os peixes, descendo os rios e ribeirões, não saltam.

Pi-rá-pó-ra, nome dos affluentes dos rios *Tieté* e *Sarapuhý*, é tambem allu-

sivo a cachoeiras e saltos naquelles ribeirões, cujas barrancas os têm como encachados.

No logar supra mencionado, cachoeira e salto, no município de Parnahyba, ha uma capella do Senhor Bom Jesus, cuja imagem tem a devoção de toda a província de S. Paulo, e de localidades de outras. A festa é nos primeiros dias de Agosto; e para alli affluiem individuos e famílias, que vêm de longe.

Ha, outrossim, um affluente do rio *Bacuruvú*, pela margem direita: nos municípios de Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes.

Ha também um pequeno ribeiro, affluente do ribeirão dos *Meninos*, pela margem esquerda: no município de S. Paulo. E' conhecido por *Piraporinha*.

Pirapóra.—Morro, entre os municípios de Campinas e de Itatiba.

Morro, entre os municípios de Conceição dos Guarulhos e de Nazareth.

Pirapóra, isto é, *Pi-rá-pór-a*, «centro alto», *pór-a*, para exprimir «conter».

E' traduzido litteralmente «contém centro levantado».

Allusivo a serem morros com um pico no centro.

Piraquama.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municípios de Pindamonhangaba e de Taubaté.

O nome deste ribeirão apparece escrito nas leis de divisas daquelles dous municípios *Piracoama*.

Já li tambem *Paraquama*.

Seja como fôr, qualquer desses modos de escrever o nome do ribeirão é corruptela de *Pi-rá-dqûá-mã*, contrahido em *Pi-rá-quá-mã*, «leito desigual, e voltas esquinadas». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *áquá*, «esquinhar», *mã*, «voltas», com pronuncia breve e corrida esta ultima palavra, por prevelecer o accento de á em *rá* e em *áquá*.

Nasce na serra Mantiqueira; e dahi desce com saltos e cachoeiras, e fazendo voltas esquinadas.

Pirassununga.—Cidade, distante nove kilometros da margem esquerda do rio *Mogy-guassú*.

Tirou o nome da grande e extensa cachoeira naquelle rio, apezar daquelle referida distancia. Esta cachoeira tem quenda ou salto.

E' engraçado o significado que do nome *Pirassununga* deu Frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossário*: «peixe que morde»! Simplesmente uma tolice, attribuida ao sabio indigena.

Tenho ouvido a muitos que significa «barulho de peixe»; porque, na cachoeira, os peixes, quando descem da desôva, agglomeram-se e brigam disputando-se uns aos outros o *canal*, e soltando pequenos gritos, cujo som geral ou reunido é realmente um barulho. Mas, isso não tem explicação com referencia á cachoeira; e o significado «barulho de peixe» corresponderia sómente á *pirá-cunū*, permanecendo no infinitivo sem caso este verbo *cunū*. Ora, *cunū-nга* é supino.

Pirassununga é corruptela de *Pi-rá-cunū-nга*, «leito desigual, e ruidoso». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *cunū*, «fazer ruido», com o suffixo *nга* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser esse um lugar encachoeirado e com quenda ou salto; fazendo as aguas, ao descerem, grande ruido.

Nada tem esse nome com peixe; ainda que é certo abundar muito a pescaria nessa cachoeira. O indigena não cogitou disso.

Com o nome *Piracinunga* ha um affluente do rio *Juqueryqueré*, no município de S. Sebastião.

(Vide o nome *Piracimunga*).

Pirataráca.—Cachoeira, no rio *Sorocaba*, ao atravessar este rio o intervallo existente na serra *S. Francisco*: entre os municípios de Sorocaba e de Piedade.

Precede ao grande salto *Itíparananga*.

Pirataráca, corruptela de *Pi-rá-at-aráquai*, contrahido em *Pi-rá-at-aráquai*, «leito desnivelado, montão estreitado».

De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *ati*, «montão, cousa levantada», *aráquai*, «estreitar, fazer cintura».

Allusivo a estreitar-se ahi o rio entre paredões a pique, logo abaixo da cachoeira, depois de ter esta formado um dique granítico.

Já li que este nome significa «estalo de peixe». Que desproposito!

Piratiruca.—Cachoeira, no rio *Ticié*: abaixo do saltete *Ytúpanema*.

Piratirúca, corruptéla de *Pi-rá-ti-ruga*, «leito desigual e apertado, ruidoso». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, desigual, não nivelado», *ti*, «apertar», *rág*, «fazer estrondo», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo ao desnivelamento do leito nesse logar, entre paredões que estreitam o rio, e fazendo estrondo as aguas revoltas, ao descerem sobre as pedras.

Pirayqué.—Afluente do rio *Paraná*, pela margem esquerda; acima da foz do rio *Paranapanema*.

Nasce na *Serra do Diabo*, na face norte.

Pirayqué, corruptéla de *Pyrý-iqué*, «lados a pique». De *pyrý*, «a pique», *iqué*, «lado».

Allusivo ás suas margens em forma de paredões a pique.

Pires.—Afluente do *Ribeirão Grande*, pela margem direita, e este—afluente do *Rio Grande*, pela margem direita, no município de S. Paulo.

E' assim denominado, porque ahi estabeleceu-se Salvador Pires, o portuguez. Conforme narra PEDRO TAQUES, este Salvador Pires, pae do outro, de igual nome, mas já nascido no Brasil, fez estabelecimento no distrito da villa de Santo André da Borda do Campo, fundada por João Ramalho, onde obtivera meia legua de terras.

(Vide o nome *Santo André*).

O pae de Salvador Pires foi juiz ordinario desta villa em 1553 e 1554. Era João Pires—o gago.

Deste ribeirão *Pires* tiraram o nome para a estação da estrada de ferro, entre

a do Pilar e a do Rio Grande, na linha de S. Paulo a Santos.

Piripiri.—Confluente do ribeirão *Piriçára*; os quaes, reunindo-se, affluem no rio dos *Pinheiros*, pela margem esquerda: no município de Cotia

Piri-piri, «cambas as margens a pique». De *piri*, «a pique, a prumo», repetido para exprimir o facto em ambas as margens.

Allusivo a correr entre barrancas altas e a prumo.

Piririca.—Corredeira, no rio *Ribeira de Iguape*.

Pyrýri-ca, «ligeiro». De *pyrýri*, «ser ligeiro, ligeireza», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino.

Piririçara.—Confluente do ribeirão *Piripiri*; os quaes, reunindo-se, affluem no rio dos *Pinheiros*, pela margem esquerda: no município de Cotia.

Pyrýri-cára, «ligeiro». De *pyrýri*, «ser ligeiro, ligeireza», *cára*, o mesmo que *ára*, particula de participio formado com *ç* por acabar em vogal o verbo, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Pirituba.—Afluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no município de S. Paulo.

Não é o mesmo nome do *Peritúba*, afluente do rio *Taquary*.

(Vide o nome *Peritúba*).

Piritúba é corruptéla de *Piri-tuã-bae*, «um pouco alagado». De *piri*, «um pouco, pouco», *tuã*, «fazer bojo, derramar-se», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a sofrer a resistencia das aguas do rio *Tieté*: pelo que suas aguas refluem, e derramam-se, transbordando, e formando banhado.

Neste logar, ha granito, de aspecto porphyroide, com grandes crystaes de feldspatho de 2 a 3 centimetros de comprimento: com abundancia de magnelita e epidoto. No granítico, em que o feldspatho forma a maior parte da massa,

sua decomposição produz um barro branco ou kaolim.

Piroupáva.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Piroupáva, corruptéla *Pi-rúu-inpába*, «leito encharcado e lodoso». De *pi*, «centro, fundo», *rúu*, o mesmo que *húu*, «lodo, lama, borra, fézes, detritos, etc.», *inpába*, «alagado, encharcado, lagôa».

Allusivo a correr em terra baixa e charcosa, com o leito accumulado de detritos vegetaes, formando lodo espesso.

E' navegavel mesmo por pequenos vapores.

Pirucáia.—(Vide o nome *Perucáia*).

Firuleiras.—Um dos morros que formam os contrafortes da serra *Bocaína*: no municipio de Jacarehy.

Firuleiras, corrupção de *Pyri-hérà*, «um pouco a pique». De *pyri*, «a pique, a prumo», *hérà*, «um pouco».

Allusivo a ser alcantilado, porém em resvaladouro.

Pissarrão.—Affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: nos municipios de Casa Branca e de Santa Cruz das Palmeiras.

Pissarrão, corruptéla de *Pi-çáí-rô*, «leito esparzido». De *pi*, «centro, fundo», *çáí*, «esparzir, estender», *rô*, particula que significa «pôr-se, estar».

Allusivo a correr em valle sem barrancas; de sorte que, com as enchentes, as aguas alagam as margens.

Pitangueiras.—Affluente do rio *Mogy-guassu*, pela margem esquerda: no municipio de Espírito Santo de Barretos.

Pitangueiras, corruptéla de *Pýtýnguéra*, «apertado». De *pýtý*, «apertar, afogar», *nguéra*, o mesmo que *cuéra*, particula de participio passado, em fórmā nasal por causa do *ý* do verbo.

Allusivo a correr entre montes, e sem valle.

Nada tem com pitanga, fructa indigena, conhecida na sciencia pelo nome *plinia rubra*, da familia das Myrtaceas.

Piú.—Morro, no municipio de Iguape: proximo á cidade do mesmo nome.

Piú corruptéla de *Pi-ü*, «escorregadio». De *pi*, «pé», *ü*, «resvalar».

O primeiro *i* de *ü*, tem o som guttural, segundo a lição dos grammaticos.

Allusivo a ser limoso.

Poá.—Logar de apartamento de caminhos; servindo agora de estação da estrada de ferro «São Paulo e Rio de Janeiro», pela qual se faz a exportação e importação da freguezia de Itaquaquecetuba: no municipio de Mogi das Cruzes.

Poá, corruptéla de *Piá*, «apartamento de caminho». O *i* tem som guttural.

Os indigenas, para designarem «encruzilhada», dizem *pe-a-çáí-pá*; mas, sendo simples desvio ou galhos de caminho, como era esse da estrada de Mogi das Cruzes para Itaquaquecetuba ou para *Guayaó*, a palavra é *piá*.

Em falta de caminho aberto, não é essa a palavra; mas *ib-apá-á*, «ramo torcido e quebrado», correspondente ao costume de, quando atravessam mattos e montes, torcerem e quebrarem ramos de arvores, a fim de deixarem signaes para a volta, ou para que outros mais atra-zados saibam a direcção tomada. Aquella phrase *ib-apá-á* é usada em abreviatura: *pá-á*. Também dizem *api-á*, «torcer e quebrar».

Pocinho.—Logar do rio *Parahyba*, no municipio de Lorena.

Pocinho, corruptéla de *Po-cý*, «resvaloso». De *po*, para exprimir habito ou qualidade natural, *cý*, «resvalar».

A particula *po* é apócope de *poro*.

Allusivo a ter o rio, nessa regiāo, margens lamacentas e o leito lodoso.

Pombéva.—Ilhas, pertencentes uma ao municipio de Iguape, e outra ao de Santos.

Pombéva, corruptéla de *Páu-mbé-bae*, «ilha chata». De *páu*, «ilha», *mbé*, o mesmo que *pé*, «chata, plana», *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é».

Sem prestimo; alagadas pelas grandes marés.

Pombo.—Affluente do ribeirão *Figueira*, pela margem esquerda: entre os municipios de Jahú e de Dous Corregos.

Pombo, corruptéla de *Pómbó*, «arredado». E' o verbo *mombó*, cujo *m* é mudado em *p*, por não ser antecedido de alguma palavra. Sôa *pómbo*, porque o acento do primeiro *o* torna quasi corrido o som do segundo *o*.

Allusivo a ser despenhado da serra.

Ponte do Tieté (Nossa Senhora dos Remedios da).—Freguezia pertencente ao municipio de Botucatú; á margem direita do rio *Tieté*.

Ponundúva.—(Vide o nome *Penundúva*).

Porcos.—Ilha no oceano: pertencente ao municipio de Ubatuba.

E' grande: constitúe uma freguezia, ainda porém não provida canonicamente.

Porcos, corrupção de *Pó-quâ*, «pontuda». De *pó*, apócope de *poró*, para exprimir que contém o que o verbo indica, *quâ*, infinitivo de *áquâ*, sem caso, e portanto significando a acção geral do verbo «ponta».

Allusivo a ter dous morros altos, um maior, outro menor, em cada uma das extremidades; isto é, um morro em cada extremidade.

Porcos—Affluente do rio *Mogyguassú*, pela margem esquerda: no municipio de Jaboticabal.

Affluente do rio *Joguary*, pela margem esquerda: entre os municipios de S. João de Boa Vista, de Espírito Santo do Pinhal e de Mogy-mirim.

Porcos, corrupção de *Pó-quâ*, «empoçado». De *pó*, apócope de *poró*, para exprimir peculiaridade da acção do verbo, e tambem excesso, superlativo, habito, extensão, *quâ*, «empoçar, formar poços, fôjos, buracos».

Allusivo á natureza geologica do terreno em que corre, formando poços.

Portão.—Lagôa, no municipio de *Mogy-guassú*.

Portão, corruptéla de *Paã-atã*, «atoleiro duro». De *paã*, «atoleiro», *atã*, aphéresis de *tatã*, «duro, espesso».

Allusivo a ter no leito lodaçal pegajoso.

Porto Feliz.—Cidade, á margem direita do rio *Tieté*.

Os indigenas, incontestavelmente mais intelligentes do que os seus supostos civilisadores, denominaram esse logar, com a sciencia que elles possuiam, *Ararytaguaba*. (Vide o nome *Ararytaguaba*).

Porúba.—Serra e rio, no municipio de Ubatuba.

Segundo o costume dos indigenas, davam a logares varios na mesma região nomes com som identico ou quasi identico, mas com significados diversos.

Porúba, nome da serra, é *Poró-iib-a*, contrahido em *Por'-iib-a*, «arrimo ou contra-forte». De *poró*, para exprimir como particularidade o que o verbo indica, *iib*, «arrimar, sustentar, especiar, haste, mastro, cabo de ferramenta, encabeçar» com *a* (breve), por acabar em consoante. Quando ha dous *ii* no fim da palavra, o primeiro é guttural.

Poruba, nome do rio, é *Pó-rúb-a*, «tem saltos». De *pór*, «salto», perdendo o *r* por causa da palavra que se segue, e que por *r* começa, *rub*, «conter em si», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

O nome da serra é allusivo a ser um dos contra-fortes da serra geral, ou maritima, por aquelle lado.

O nome do rio é allusivo ás grandes cachoeiras, que o formam naquelle serra, com quedas ou saltos.

Este rio é muito corrente; e, quando ha grandes chuvas, transborda no logar denominado *Pedras-azúes*, e esse excesso de agua, cahindo da serra, forma o rio *Quiriri*, «rio de chuva», o qual é muito profundo, mas sem correnteza alguma, salvo naquelle occasião de chuvas, e mais em baixo por effeito do fluxo e refluxo da maré: por não ter nascente e correnteza é considerado *rio-morto*.

O *Quiriri* entra no *Poruba*, proximo á foz deste: de sorte que ha uma só barra.

Poruty.—Rio, que nasce na serra Cubatão e desagua no laga-mar de Santos: no município de Santos.

Poruty, corruptela de *Pór-iti*, «arroxado aos saltos». De *pór*, «salto», *iti*, «arrojar».

Potim.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municípios de Santa Branca, de Jacarehy e de Mogy das Cruzes, aos quaes serve de divisa.

As Leis que regulam essas divisas trazem o nome *Putehy*.

Potim, ou *Putehy*, são corruptélas de *Poti*, «sujo».

Allusivo a ter no leito muito capim *caá-aruçú-hób-a*, contrahido em *caá'-ruç-hób-a*, e corrompido em *caroçóva*, «herva de folha larga»; e este capim vive submerso na agua.

A razão da corruptela em *Potim*, foi porque ha neste ribeirão muito camarão, *poti*.

E' notavel o modo como os indígenas colhem neste ribeirão o camarão: correm a peneira sobre aquelle capim, e os mariscos saltam dentro desta.

Potribú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de S. Roque.

Alguns dão tambem este nome a um morro escalvado no cume, ladeado por aquelle ribeirão. (Vide o nome *Apotribú*).

Potundúva.—Cachoeira, no rio *Tieté*: abaixo da foz do ribeirão *Lençóes*.

Já li tambem *Potenduva*.

Potundúva, corruptela de *Po-ty-ndubae*, «salto, arrecife, ruidoso». De *pô*, «salto», *tŷ*, «arrecifes», *ndú*, «fazer ruído, estrondar», *bae* (breve), particula de participio, significando «o que é». (*)

Allusivo a ter o rio nesse logar arrecifes e salto, fazendo as aguas na quenda grande estrondo.

(*) Em avulso:

O dr. LACERDA E ALMEIDA, no seu *Diário de viagem nos annos de 1780 a 1790*, diz que «*Potunduva* ou *Potundúva* significa logar onde escurece a vista por ser este um estirão grande do rio, que com a vista se não alcança. Seria então corruptela de *pô-tundubae*, isto é, *pôtu*, «noite, escuridão, escuro», *ndú*, significando «muito», «bom», significando «o que é»; mas, evidentemente é forjada esta explicação».

Potuverá.—(Vide o nome *Botuverá*).

Pouso Alto.—Serra, no município de Iguape. E' divisoria das aguas que vertem para o rio *S. Lourenço* e para o rio *Una d'Aldêa*.

Pouso Alto, corrupção de *Hocè-hái-la*, «altissima, e dentada». De *hocè*, «sobrepujar, ser altissima», *hái*, «dentar, dentes» com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a sobrepujar em altura as serras em redor; e a ser formada por uma série de *morros*, ponteagudos, semelhando causa dentada.

Essa serra tem paredões a pique perencostas; e destas encostas nascem rios e ribeirões caudalosos, com saltos, cascatas e cataractas.

Prainha.—Povoação-freguezia, no município de Iguape.

Confina com a freguezia de Juquiá.

Prata.—Affluente do rio *Mogy-guassu*, pela margem esquerda: no município de Belém do Descalvado. A' margem direita deste correlo está a cidade de Belém do Descalvado.

Affluente do ribeirão *Cocais*, e este do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: nos municípios de S. João da Boa Vista e de Casa Branca.

Affluente do ribeirão *Batataes*, pela margem esquerda: no município de Batataes.

Affluente do rio *Turro*, pela margem direita: no município de Barretos.

Affluente do ribeirão *Cubatão*, pela margem esquerda: no município de Mococa.

Affluente do rio *Pardo*, pela margem direita: entre os municípios de Mococa e de Cajurú.

Affluente do rio *Pardo*, pela margem esquerda: no município de S. Simão.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de Lençóes. E' tambem conhecido por *Patos*.

(Vide o nome *Patos*).

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no município de Baryry, anteriormente Sapé do Jahu.

Pequeno rio que, nascendo na serra *Cadeado*, reune-se ao denominado das *Minas*, e desagua no *Mar Pequeno*: no município de Cananéia.

Primeira parte do rio *Jahú*, quando este atravessa o município de Dous Corregos.

(Vide o nome *Jahú*).

Segunda cachoeira, das que formam o rio *Brajahimirinduba*: no município de Ubatuba.

Ribeirão, que do lado occidental da cidade de Bananal, precipita-se do alto da serra, mais ou menos 200 metros, descendo em cascata.

Prata, corruptela de *Pá̄-ta*, «dependurado». De *pá̄*, «dependurado», com o sufixo *ta* (breve, para formar supino.

Allusivo a correrem suas aguas em cascata e em cachoeiras como que dependuradas. O leito é ingreme ou empinado.

Prejú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de Mogy das Cruzes.

Prejú, corrupção de *Piieré-yi*, «derramado e resvaladío». De *piieré*, «derramar», *yí*, soando *jú*, e que não é mais do que o verbo *ii*, «resvalar, escorregar», precedido de *y*, relativo.

Allusivo a fazer bojo, por não ter força bastante para penetrar no rio *Tieté*; de sorte que, quasi paradas as aguas, o lodo torna escorregadío o leito.

Preto (Rio).—Uma das cabeceiras do rio *Botoróca*: no município de S. Vicente.

Rio que nasce na serra *Itariry*, e, depois de passar pelo *Porto Grande*, desagua no oceano: no município de Itanhaém. Tem, ao descer a serra, enormes e bellissimas cachoeiras.

Affluente do rio *Peruhybe*, pela margem direita: no município de Itanhaém.

Cabeceira do rio *Piroupava*: no município de Iguape. Fórmá uma forquilha com o *Branco*, que é a outra cabeceira.

Affluente do rio *Una d'Aldêa*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

Affluente do ribeirão *Piranga*, pela margem esquerda: no município de Iguape. Nasce nas serras divisorias com o município de Itapetininga. E' este que alguns, por erro, dão como affluente do rio *Juquiá*.

Affluente do rio *Turvo*, pela margem esquerda: no município de Jaboticabal. E' á margem esquerda deste *Preto* que está situada a povoação-freguezia de S. José do Rio Preto, pertencente ao município de Jaboticabal.

Affluente do ribeirão *Sapucahy-mirim*, pela margem direita: no município de S. Bento de Sapucahy-mirim.

Affluente do Rio *Pardo*, pela margem esquerda: no município de Ribeirão Preto. A cidade de Ribeirão Preto foi denominada *Entre Rios*, por estar situada entre este ribeirão e o denominado *Retiro*; mas voltou a ter a verdadeira denominação, que é a actual.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municípios de Taubaté e de Caçapava. E' um corrego; mas, quando chove, alaga tanto que não dá passagem.

Affluente do ribeirão *Verde*, pela margem esquerda: no município de S. João da Boa Vista. Este ribeirão *Verde* corre, em sua mór parte, na província de Minas Geraes.

Preto, corrupção de *Pi-iérè-etei*, contrahido em *Piieré-lei*, «muito derramado». De *piieré*, «derramar», *etei*, para exprimir superlativo.

Allusivo a transbordar, formando alagadiços, no tempo das chuvas.

A pronuncia de *piieré*, sendo breve e corrida nas duas primeiras syllabas, e soando imperfeitamente ao ouvido dos portuguezes, produz *p''rè-lei*:—dahi a corrupção. Corrupção esta mais justificada quanto o fundo dos rios, ribeirões e corregos, que alagam as margens, é sempre sujo de lodo, borra e fézes.

Pricopá.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de Mogy das Cruzes.

Pricoapé, corrupção de *Piri-gu-apé*, «um pouco plano». De *piri*, «um pouco», *apé* «plano», precedido de *gu*, reciproco.

Allusivo a correr em terra baixa: e, por isso, o escoamento é lento, e o leito é limoso.

Pucuy.— Rio, que nasce na serra marítima e desagua no braço de mar *Bertioga*: no município de Santos.

Pucuy, corruptéla de *Po-cui*, «arenoso». De *po*, apócope de *poró*, para exprimir que contém o que a palavra seguinte designa, *cui*, «aréa, pó, farinha».

Pulador.— Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no município de Botucatú.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no município de S. Simão.

Pulador, corruptéla de *Pór-a-tórē*, «saltos e tortuosidades». De *pór*, «salto», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *tórē*, «tortuosidade, volta e revolta, sinuosidade». A ultima syllaba de *tórē* é pronunciada breve, porque o accento predominante está em *tó*.

Allusivo a descer aos saltos, pois que sua altitude nas cabeceiras é de 720 metros; mas não é muito corrente, como deveria ser, por causa de ser muito sinuoso, atravessando os campos altos que o marginam em grande extensão.

Este pequeno ribeirão corre entre os ribeirões *Turvinho*, á direita, e *Bosque* ou *Curujinha*, á esquerda.

Pussaúna.— Rio, que desagua no oceano, na praia de *Una*: no município de Iguape.

Este rio é celebre, porque, junto a elle, foi encontrada a imagem do Senhor Bom Jesus de Iguape.

(Vide o nome *Iguape*).

Pussaúna, corruptéla de *Pi-cá-i-húú-n-a*, «leito esparzido e lodoso». De *pi*, «centro, fundo», *cá*, «esparzir, estender», *húú-na*, «lodo, lama, borra, fézes, detritos, etc.», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a derramar-se em alagadiço; e formar limo ou lodo nessas aguas quasi paradas, quer no leito, quer ás margens.

Q

Quatinga.—Affluente do rio *Agua-pehú*, pela margem direita: no município de Itanhaém.

Quatinga, corruptela de *Quŷt̄-nga*, «cortado». E' o supino do verbo *quŷt̄*, «cortar», com o sufixo *nga* (breve). O ŷ tem som guttural.

Allusivo a passar em certa extensão sob pedras.

Quebra-canélla.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem esquerda: no município de S. Carlos do Pinhal.

Quebra-canélla, corrupção de *Iquê-bir-aquâ-né*, «margens altas e muito corrente». De *iquê*, «lado, costado», *bir*, «levantar, alto», *aquâ*, «correr» *né*, advérbio afirmativo, exprimindo também superlativo. Este *né* pode ser também breve, conforme o caso.

Allusivo a correr veloz, entre barrancas a prumo.

Por correr veloz, foi aceita a corrupção *Quebra-canélla*.

Quebra-cangalha.—Serra, que divide as águas do rio *Parahyba* e as do *Parahytinga* e dos seus afluentes: ao sul dos municípios de Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e Lorena e ao norte dos municípios de S. Luiz de Parahytinga, Lagoinha e Cunha.

Quebra-cangalha, corrupção de *Iquê-biraqu'-ã-n̄g-ába*, «encostas tesas e empinadas». De *iquê*, «costado, lado», *bi-*

raqúâ, «teso», *ã*, «empinar», *ng*, intercalação por ser nasal a pronuncia de *ã*, para formar com *dba* participio.

Allusivo a ser altissima e muito alçantilada.

Na corrupção houve a aphéresis do *i* de *iquê*; e mesmo os indígenas usam muito *iquê* sem o *i* inicial.

Neste nome, a corrupção é evidentíssima: *Quê-biraqu'-ã-n̄g-ába*. Do som da palavra, e do facto de ser penoso para os animaes carregados a subida e a descida de tal serra, foi formado o nome *Quebra-cangalha*.

Quebra-cuia.—Serra, no município de Casa Branca.

Quebra-cuia, corrupção de *Iquê-biraquá*, «encostas erectas». De *iquê*, «lado, costado», *biraquá*, «teso, erecto».

Allusivo a ter ingremes as encostas.

Segundo o costume dos indígenas,—de darem a logares vários na mesma região nomes idênticos no som, mas diferentes no significado, o ribeirão, que nasce naquella serra e desagua no *Rio Pardo*, pela margem esquerda, traz também o nome *Quebra-cuia*.

O nome do ribeirão, porém, é corruptela de *Iquê-bir-a-cuia*, «margens altas, e quedas». De *iquê*, «lado, costado», *bir*, «levantado, alto», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *cûi*, «cahir», com o accrescimo de *a* (breve), para formar o infinitivo, *cûi-a*.

Allusivo a descer encachoeirado, e de queda em quēda, entre barrancas altas.

Queluz.—Cidade, cortada em duas partes pelo rio *Parahyba*: isto é, edificada nas duas margens deste rio.

O nome *Queluz* é portuguez: puro acto de bajulação para com o marquez de *Queluz*, de Portugal.

No valle do rio *Parahyba*, é o ultimo municipio visinhandando com a província do Rio de Janeiro.

Junto á ponte da estrada de ferro, vê-se um salto que ahi faz o rio *Parahyba*.

Quilombo.—Praia, no municipio de S. Sebastião.

Quilombo, corruptéla de *Gui-rō-mb-ŷi*, «concavo, e fundo revolto». De *gui*, para exprimir a parte inferior, *rō*, «revolver», *mb*, intercalação por ser nasal a pronuncia da palavra anterior, *ŷi*, «concavidade, ôco, abertura, seio». Este *ŷi* é guttural; e pronunciado breve e corrido, porque em *rō* está o accento predominante.

Allusivo a formar um sacco ou enseada, mas onde o mar revolve o fundo.

Quilombo.—Morro, no municipio de Nazareth.

Morro, no municipio de Cananéa.

Morro, no municipio de Santos.

Contra-forte da serra *Mantiqueira*, no municipio de S. Bento de Sapucahy-mirim.

Contra-forte da serra *Quebra-cangalha*, no municipio de Taubaté.

Serra, no municipio de Iguape.

Quilombo, corruptéla de *Gui-rō-mb-ŷi*. «parte inferior revolvida e ôca». De *gui*, «parte inferior», *rō*, «revolver», *mb*, intercalação por ser nasal a pronuncia de *rō*, e para ligal-o a *ŷi*, «ôco, concavo, abertura, seio». Este *ŷi* é guttural, e tem pronuncia breve e corrida, por predominar o accento em *rō*.

Allusivo a grutas e cavernas na parte inferior dessas montanhas.

O morro, no municipio de Nazareth, tem uma gruta que pôde reunir mais

de trinta pessoas. Mas, nos de Iguape e de Cananéa, as grutas são muito extensas e com compartimentos.

O do município de Santos é sómente cavernoso.

Sendo escondrijos essas grutas, o nome tupi é a etymologia da palavra corrupta *Quilombo*, cuja origem MORAES e outros lexicographos não explicaram.

Quilombo.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: no município de Iguape. Nasce na serra *Quilombo*.

Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: entre os municípios de Iguape e de Xiririca.

Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem esquerda: no município de S. Luiz de Parahytinga.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: nos municípios de Sorocaba e de *Tatuhy*.

Affluente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda: no município de Jundiahy.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no município de Santa Barbara.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: nos municípios de S. Carlos do Pinhal e de Belém do Descalvado.

Pequeno rio que nasce na serra *Cubatão* e desagua no laga-mar de Santos.

Quilombo, corruptéla de *Gui-rō-mb-it*, «fundo revolvido e sujo». De *gui*, «parte inferior», *rō*, «revolver», *mb*, intercalação por causa da nasalidade da pronuncia de *rō* e para ligal-o a *it*, «sujo». Este *it* é guttural, e pronunciado breve e corrido, por ser predominante *rō*.

Allusivo a cachociras no leito; e a terem no fundo arvores, e detritos vegetaes, meio-carbonisados, de côr parda denegrida,—detritos estes que a sciencia denomina *lignites*, e que os indigenas denominam *tepoti*, «sujidade, de qualquer especie».

Quiriri.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Taubaté.

Pequeno braço do rio *Porúba*, no município de Ubatuba,

Quir-iri, «rio de chuva». De *quir*, «chuva», *iri* «rio».

Allusivo a serem formados e alimentados sómente por chuva.

(Vide o nome *Porúba*).

Não se trata, portanto, de *quiriri*, palavra onomatopaica, correspondente ao concerto em surdina de milhões de mosquitos; nem mesmo se refere o nome a corrego, no município de Taubaté, que alguns dizem *Quiririm*, à palavra *uiriri*, «silencio, quietude, socego, paz, modestia».

Quitóca.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Xiririca.

E' o mesmo rio *Sete-barras*.

Quitóca, corruptela de *Gu-ŷi-ta-óga*, contrahido em *Gu-ŷi-t'óga* «furos abertos naturalmente em comunicação». De *gu*, reciproco, exprimindo comunicação, *ŷi*, «abrir naturalmente», com o sufixo *ta* (breve), para formar supino, *óga*, infinitivo de *óg*, «furar», que, por não ter caso, significa a acção do verbo em geral, isto é, significa «furo».

Allusivo às sete barras que este ribeirão tem no rio *Ribeira de Iguape*.

Já li este nome ainda mais incorretamente escrito: *Quitóquo*.

E este ribeirão também é conhecido por *Forquilhas*, mas sem explicação possível em tupi.

R

Rapidos de Santo Ignacio.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, acima da corredeira *Saran-Grande*.

E' da extensão de 21 kilometros: começa acima da barra do ribeirão *Santo Ignacio*, dous a tres kilometros, e acaba um pouco abaixo da barra do ribeirão *Pirapó*, um a dous kilometros: ambos estes ribeirões são na província do Paraná, porque afflúem no rio *Paranapanema* pela margem esquerda, já quasi á sua fóz.

A palavra *Rapidos* é tambem parte do nome corrupto.

Os *Rapidos de Sant'Ignacio*, é nome corrompido dessa extensissima parte do rio: *O-rá-páū-ndi-atī-ndáhocé*, «desigual, de margem á margem, muitas ilhas, pontas, ingreme». De *o*, reciproco, para exprimir que os impedimentos são de uma á outra margem, *rá*, «desigual, não nivelado», *páū*, «ilha», *ndi*, «muitas», *hatī*, «ponta», *áhocé*, o mesmo que *áocé*, *cocé*, *océ*, «sobrepujar». O *h* aspirado de *hatī-n* sóa c.

Allusivo ao forte declive que ahi existe, arrecifes e pontas graníticas no leito, lagedos que obstruem o rio, de uma á outra margem, formando verdadeiros diques ou travessões, e tornando por isso desigual o fundo em que as aguas correm em vertiginosa impetuosidade, dando quedas nos 24 successivos diques ou travessões que encontram, numerosas *ilhas* de todos os tamanhos, pois que ahi o rio se alarga muito até mais de

mil metros: e de tudo isto resulta que o canal é tortuosissimo, conforme as aberturas e as profundidades nos diques ou travessões, e entre as ilhas e os rochedos; accrescendo a velocidade e o rodomoinho das aguas.

Rebojo.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, acima dos *Rapidos de Sant'Ignacio*.

Rebojo, corrupção de *Yérè-ibŷi*, «concavidades e rodomoinhos». De *yérè*, «volta», *ibŷi*, «concavidade, abertura natural, seio, óco».

Allusivo a caldeirões ou buracos no leito do rio, dando causa aos rodomoinhos.

Ha muitas pedras nesta cachoeira; mas o canal é fundo: e desde a parte superior da cachoeira, apertado entre rochas, as aguas entram e descem revoltas nessas gargantas; e, em toda a extensão da cachoeira, ha tres quedas ou saltos, dos quaes o maior é conhecido por *Tombo do Meio*.

Acima da primeira queda é que as aguas como que ficam represadas em um enorme e profundissimo poço, formando rodomoinhos e rebojo.

E' cachoeira perigosissima.

Redempção.—Villa; antiga freguesia de Santa Cruz do *Paiolinho*, pertencente ao município de Taubaté.

Remedios (N. S. dos) da Ponte do Tieté.—Povoação-freguezia, no município de Botucatú.

(Vide o nome *Ponte do Tieté*).

Remedios (N. S. dos).—Capella, no município de Jacarehy.

Remedios.—Affluente do ribeirão *Paraty*, pela margem direita: no município de Jacarehy.

Não é nome tupi. E' o *Cambará*.
(Vide o nome *Cambará*).

E' este ribeirão assim denominado hoje por causa da Capella acima referida. Sem dúvida a Capella foi fundada alli, por causa das febres palustres que assolam o logar.

E' mais corrego que propriamente ribeirão.

Resgate.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Bananal.

Resgate, corrupção de *Ri-quâi-ta*, «rio cortado». De *ri*, «agua, rio», *quâi*, «cortar», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser cortado por salto. (*)

(*) Não será aqui a tal gruta descripta ou noticiada à pag. 300 do Relatório da Comissão Central de Estatística?

Ressáca.—Logares, em varios municípios.

Ressáca, corruptela de *Ri-çá-quâ*, «poço, olho d'agua». De *ri*, «agua», *çá*, «olho», *quâ*, «poço, fojo, buraco».

Allusivo a serem logares esses, em que os viajantes têm a certeza de encontrar agua potavel, em fontes ou brotas.

A traducción «poço, olho d'agua» é litteral; mas, o povo tem a tradução livre «Olhos d'agua», nome pelo qual são conhecidos varios desses logares.

Ressáca.—Affluente do rio *Cotia*, pela margem direita: entre os municípios de Cotia e de Itapeverica.

Affluente do rio *Mogy-mirim*, pela margem esquerda: no município de *Mogy-mirim*.

Affluente de um ribeirão, denominado *Rio do Collegio*, pela margem direita; e aquele ribeirão é affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no município de Una.

Ressaca, corruptela da *Iriçá-quâ* «pequeno corrego». De *iriçá*, «ribeiro, corrego», *quâ*, «pequeno, cousinha». A aphéresis do *i*, para ficar simplesmente *ri*, é muito usada: *Riça-quâ*.

Allusivo a serem corregos muito extreitos e baixos.

Retiro.—Morro, no município de Bananal. Pertence á serra *Bocaina*.

Morro, no município de Iguape. Pertence á serra *Itatins*.

Morro, entre os municípios de Guaratinguetá e de Cunha.

Morro, entre os municípios de Mogi das Cruzes e de Santa Izabel. E' isolado.

Morro, entre os municípios de Araraquara e de Brotas.

Morro, no município de Ribeirão Preto. Delle nasce um corrego, ao qual puzeiram este nome e que afflui no *Ribeirão Preto*, pela margem direita.

Retiro, corruptela de *He-ty-rû*, «por accrescimo—ponta». De *he*, relativo, por começar por *t* a palavra *ty*, «ponta», *rû*, «pôr, accrescentar». A palavra *rû* é pronunciada breve e corrida. O *h* é aspirado.

Allusivo a mostrarem uma ponta, a qual se ergue sobre um planalto, que bem poderia ser o cume do morro.

Riacho-fundo.—Affluente do rio *Taquary*, pela margem direita: no município de Itapeva da Faxina.

Riacho-fundo, corrupção de *Ri-háty-ŷt-ndi*, «a pique ambas as margens, e muitas concavidades». De *ri*, o mesmo que *rehé*, para significar, neste caso, facto *mutuo*, «em frente um do outro», e portanto transformado de posposição em adverbio, o qual pode ser ou não anteposto, *háty*, «erecto, a pique, a pruino», *ŷt*, «concavidade, abertura natural, seio, ôco», *ndi*, «muitos», pronunciado breve por predominar o accento em *ŷt*, de som guttural.

Allusivo a ser ladeado por paredões a prumo, e a ter no leito concavidades, denominadas caldeirões.

A corrupção proveiu do facto de se mostrar muito profundo pela altitude das barrancas.

A formação geologica dessa região é a causa disso: as aguas dos rios e ribeirões talham no sólo profundíssimos sulcos, de sorte que o leito está a mais de cem metros abaixo, e as aguas abrem nella fójos de toda a especie. E' a mesma formação geologica do ribeirão *Pcrituba*.

(Vide o nome *Perituba*).

Não se trata, portanto, de um *riacho*.

Ribeira.—Capella, no municipio de Apiah.

Ainda não foi canonicamente provida como freguezia.

Ribeira de Iguape.—Rio grande e naveável. Nasce na província de Paraná, em uma serra proxima á cidade de Castro; e desagua no oceano, depois de banhar os municipios de Apiah, Iporanga, Xiririca e Iguape, na província de S. Paulo.

Aquella serra é considerada ramificação da extensa cordilheira *Graciosa*, corrupção de *Gu-hayti-ócè*, «muitos picos, em comunicação uns com outros». De *gu*, reciproco, para exprimir comunicação, *hayti*, «muitos», *ócè*, «altíssimo, o que sobrepuja».

Ribeira de Iguape é corrupção de *Aréb-yérè-iguáá-pe*, «lento, com voltas e enseadas». De *aréb*, «tardo, demorado, lento», *yérè*, «volta», *i-guáá*, «enseada de rio», *pe* (breve), posposição significando «com».

Ouvindo os portuguezes este nome tupi, entenderam ser *A Ribeira de Iguape*; e assim ficou até hoje.

Tudo isto está discutido e examinado por mim no nome *Iguape*; e, por isso, os documentos antigos dizem *Rio Ribeira de Iguape*.

(Vide o nome *Iguape*).

Com efeito, o nome tupi corresponde ao que é este rio; e, embora de sua nascente até á villa de Xiririca soffra

os embaraços de saltos, cascatas, cahoeiras, estreitos, é certo que de Xiririca para baixo corre manso e lento, com sucessivas voltas, e, desde a fóz do rio *Juquiá*, as enseadas, em uma e em outra margem, são o seu principal característico.

Na parte que atravessa o municipio de Apiah, ha o famoso *Varadouro*, que não é senão o estreitamento do rio a cinco metros sómente, na extensão de cincuenta metros, pouco mais ou menos. Ahi, as aguas, penetrando o estreito, descem com velocidade estupenda.

O nome *Varadouro* é tambem uma corrupção de *H-á-r-ú-ndúrù*, «colhidas, em rodomoinho, com estrondo», referindo ás aguas do rio. De *h*, relativo, por existir *r* na palavra *ar*, «colher», *ú*, o mesmo que *rú*, porque, existindo *r* em *ar* não podia ser repetido.

Ribeirão Bonito.—Povoação-freguesia, no municipio de Brotas.

Quanto ao ribeirão, o nome *Bonito* já está explicado.

(Vide o nome *Bonito*).

Ribeirão Grande.—Affluente do rio *Guarehy*, pela margem esquerda. E' á margem esquerda deste ribeirão, mas em um planalto muito elevado, que está situada a villa de Espírito Santo da Boa Vista.

A serra *Palmital*, onde nasce este ribeirão, tambem é conhecida vulgarmente por serra *Ribeirão Grande*; mas é simplesmente um disparate.

(Vide o nome *Palmital*).

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Apiah.

Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no município de Natividade.

Affluente do *Rio Grande*, pela margem direita: no município de S. Paulo. Este *Rio Grande* é o que, com o *Rio Pequeno*, forma o *Jurubatuba*.

O *Ribeirão Grande*, de que trata AZEVEDO MARQUES, nos Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Es-

statisticos, e *Noticiosos da província de S. Paulo*, como «affluente da margem direita de Capirary», não existe; ou, certamente, é o primeiro, porque naquela época pertencia ao território do município de Itapetininga, e quasi paralelo ao rio *Guarehy* corre o ribeirão *Capirary*, affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem esquerda. Houve, pois, confusão.

E' difícil explicar a razão do nome *Ribeirão Grande*; mas, com certeza, é corrupção do nome tupi: tanto mais que são quasi corregos, e, pois, o nome não corresponde ao logar denominado. Tenho para mim que, posta á margem a palavra *Ribeirão*, só se refere á palavra *Grande* a corrupção: *Quâ-ne*, «velocidade, excessiva correnteza»: de *áquâ*, «correr», formando o infinitivo *quâ*, sem caso, *ne* (breve), adverbio afirmativo, para exprimir excesso ou superlativo. Com efeito, tanto um como outro, nascem em serras altíssimas, ou em altitude superior a 800 metros; e dahi descem em declive muito pronunciado, com cachoeiras, saltos e cascatas.

Ribeirão Preto.—Cidade; em certo tempo, seu nome foi *Entre-Rios*.

(Vide o nome *Preto*).

Rifaina.—Povoação-freguezia, no município de Santa Rita do Paraíso.

Rifainu, corrupção de *Ri-piâ-ñâi*, «porto do caminho do rio». De *ri*, «rio», *piâ*, «caminho», *ñâi*, «porto».

Allusivo a ser ahí um porto no *Rio Grande*, ou *Paraná*.

Os que ignoravam a língua tupi, desconhecendo também por isso a corrupção do nome, diziam «Porto da Rifaina», como se em *Rifaina* já não estivesse incluído *ñâi*, «porto».

A palavra *ñâi* é pronunciada corrida e breve, porque o acento predominante está em *piâ*.

Rio Bonito.—É a antiga Capella de N. S. da Piedade de *Samambáia*. Hoje villa.

Quanto ao nome *Bonito*, é do ribeirão. (Vide o nome *Bonito*).

Rio Claro (S. João do).—Cidade, distante 6 quilometros, mais ou menos, da margem direita do ribeirão *Claro*, affluente do rio *Corimbatchy*.

(Vide o nome *Claro*).

Rio Doce.—(Vide o nome *Doce*).

Rio do Peixe.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: nos municípios de Socorro, de Serra Negra, de Mogy-mirim e de Itapyra (outr'ora Penha do Rio do Peixe). A' margem esquerda deste *Rio do Peixe* está a cidade de Socorro.

(Vide o nome *Itapyra*).

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: nos municípios de S. José do Rio Pardo, de Casa Branca e de Conde. A' margem deste *Rio do Peixe* está a povoação-freguezia de Espírito Santo do Rio do Peixe.

Affluente do rio *Tietê*, pela margem esquerda: entre os municípios de Taubaté e de Rio Bonito. Este *Rio Bonito*, que dá o nome á villa, á sua margem direita, é uma das cabeceiras deste *Rio do Peixe*; a outra vem do morro *Bofete*.

Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: entre os municípios de Guaratinguetá, Lagoinha e Cunha, aos quais serve de divisa.

Affluente do rio *Jaguary*, pela margem esquerda: nos municípios de Patrocínio de Santa Izabel e de S. José dos Campos.

Este *Rio do Peixe* afflui no rio *Jaguary* só depois de formar o grande poço, conhecido pelo nome *Poço de Ouro*.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no município de Atibaia.

Vê-se bem que estes *Rio do Peixe* são *Pi-á-i*; nome este traduzido naquelle, como se se tratasse de *pirá*. O nome verdadeiro *Pi-rá-i* significa «fundo desigual, perseverantemente». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *i*, posseção de perseverança.

Allusivo a terem cachoeiras, ou saltos, ou pôcos, formando leito desnivelado.

Nem o indígena, tão sabio nas denominações, diria *Pirá-i*:

a) Porque *rio do peixe*, applicado a rios, ribeirões e correos, é um não senso; e, se algum ha sem peixe, é exceção rara que o indigena assignalaria como tal.

b) Porque, quando por exceção á regra da anteposição, ou por necessidade da composição da palavra, o indigena refere-se á «agua» ou a «rio», não diz *i*, mas *ri*, salvo quando já existe *r* final na palavra anterior que entra na formação do nome: em geral, o *i*, significando «agua, ou rio», é anteposto, a não ser que sirva de nominativo, precedido, conforme a natureza da lingua tupi, do genitivo, ou pela já referida rara exceção; e, nestes casos, é sempre *ri*, como acima ficou dito.

No nome *Itapyra* foi isso amplamente discutido e explicado; e, pois, não ha necessidade de repetir o que alli foi escrito.

(Vide o nome *Itapyra*).

Rio Feio.—Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem direita: no municipio de Tatuhy,

Rio Feio, corrupção de *Ri-ey*, «sem agua». De *ri*, «agua», *ey*, particula de negação.

Allusivo a seccarem suas poucas aguas turvas, quando ha falta de chuva.

E' um pequeno corrego.

A povoação, que ahi existe, e era a Capella de Santo Antonio do Rio Feio, é hoje a freguezia de Santo Antonio da Boa Vista.

(Vide o nome *Santo Antonio da Boa Vista*).

Rio Fundo (do).—Cachoeira grande, no rio *Paranapanema*, abaixo da barra do rio *Cinzas*.

Do Rio Fundo, corrupção de *Ndúrù-ŷi-nd-î*, «resvaladeiro, concavidades, e estrondo». De *ndúrù*, «estrondo, estreito», *ŷi*, «concavidade, abertura, seio, ôeo», *nd*, intercalação nasal, *î*, «resvalar, descer em forte declive». E' um nome inteiramente de som guttural; e, por difficult, produziu a corrupção *Do Rio Fundo*.

Allusivo a descerem as aguas com muita velocidade, por entre ilhotas e baixios, de encontro aos diques graníticos, formando grande estrondo.

Ahi o rio se alarga até 500 metros, mais ou menos; e, porque o leito é ocupado por ilhotas, as aguas impetuosas cavam fundo, formando pôcos, onde volvem-se em rodomoinhos. São de impossivel pratica, por muito encachoeirados os canaes formados pelas ilhotas.

Esta cachoeira tem a extensão de mais de cincos kilometros.

Rio Grande.—E' o mesmo *Paraná*, até a confluencia do rio *Paranahyba*.

(Vide o nome *Paraná*).

E' o mesmo *Jurubatúba* e *Pinheiros*, até á confluencia do *Rio Pequeno*: no municipio de S. Bernardo.

(Vide os nomes *Jurubatúba* e *Pinheiros*).

E' nome portuguez.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Botucatú.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Pindamonhangaba.

Este é tambem conhecido pelo nome *Ribeirão Grande*.

Creio que estes dous ultimos são «muito correntes»: por isso, *Quâ-ne*.

Rio Negro.—Affluente do ribeirão *Lourenço Velho*, pela margem esquerda: no municipio de Parahybuna.

O nome é *Negro*, corruptéla de *Ne-cui*, «successivas quédas». De *ne*, advérbio afirmativo, exprimindo excesso e superlativo, *cui*, «cahir». Os advérbios podem ser antepostos ou pospostos.

Allusivo a descer da altissima serra maritima em leito muito ingreme, e de queda em queda.

Não se trata, portanto, de *agua negra*.

Rio Novo.—Villa, situada sobre a serra *Botucatú*.

(Vide o nome seguinte).

Foi recentemente elevada á cidade com o nome *Avaré*.

(Vide o nome *Avaré*).

Rio Novo.—Afluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: no municipio de Rio Novo. A alguns kilometros da margem esquerda deste ribeirão no alto da chapada, está a villa Rio Novo, hoje cidade *Avaré*.

Afluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema. Desagua acima do *Salto Grande*. A' margem esquerda deste rio está a villa de S. José de Campos Novos.

O nome *Novo*, que trazem, não só o ribeirão como tambem o rio, é corrupção de *Nho-ŷi*, «concavidades». De *nho*, reciproco, para exprimir plural, e comunicação de uns com outros, *ŷi*, «concavidade, abertura, seio, sacco, ôco». O som de *ŷi* é guttural.

Allusivo a formarem as aguas, no leito, cavidades mais ou menos fundas; por correrem sobre terreno frouxo e arenoso alternando com o que apresenta diques de rocha eruptiva e schistos argilosos.

A explicação de que o nome *Novo* exprime descoberta de taes cursos d'água não satisfaz, nem se ajusta aos factos; porque esses sertões, embora ainda ocupados por indigenas, não eram desconhecidos.

O ribeirão é de pequena importancia. O rio, porém, merece especial menção; porque naquellas regiões, é o mais veloz no curso. Nasce na serra *Agudos*, em altitude superior a 650 metros; e, calculado o seu curso em linha recta, desce seis metros por kilometro.

Rio Pardo.—(Vide o nome *Pardo*).

Rio Pequeno.—É o mesmo *Jurubatuba* e *Pinheiros*, até a confluencia do *Rio Grande*: no municipio de S. Bernardo.

Isto é, o *Rio Pequeno* e o *Rio Grande*, confluindo, formam o *Jurubatuba*, que, depois, toma o nome *Pinheiros*.

(Vide os nomes *Rio Grande*, *Jurubatuba* e *Pinheiros*).

Rio Pequeno, assim como *Rio Grande*, é denominação portugueza.

São pequenos ribeirões.

Rio Preto.—(Vide o nome *Preto*). Ha a povoação-freguezia de S. José do Rio Preto, no municipio de Jaboticabal.

Rio Verde.—Afluente do rio *Itararé*, pela margem direita: no municipio de S. João Baptista do Rio Verde.

Afluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: no municipio de S. João da Boa Vista.

Rio que nasce dos morros *Juréa*, e desagua no oceano: no municipio de Iguape.

Cabeceira do rio *Assunguy*: no municipio de Iguape.

O nome é simplesmente *Verde*.

Verde, corrupção de *Y-yê-ŷi*, «o que se concava». De *y*, que, por se tratar de um verbo apassivado, corresponde a «o que é», *yé*, aqui empregado, não como reciprocamente, mas como passivo, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, exprimindo ao mesmo tempo a ação da causa sobre si mesma, *ŷi*, «concavar, fazer ôco, abertura natural, seio». O som guttural de *ŷi* torna difícil a pronuncia do nome: os portuguezes entenderam que era *Verde*. Mais ou menos o som é *Jé-ŷi*; pronunciada breve e corrida a ultima palavra.

Allusivo a concavidades no leito; passando, algumas vezes, as aguas por baixo de pedras.

O afluente do rio *Itararé* corre em uma região, cuja formação geologica é de camadas horizontais; e corta-a profundamente, ao mesmo tempo que, quando encontra alguma resistencia, desaparece sob o solo para surgir mais adiante, formando pontes naturaes. Este phemoneno é observado na cabeceira do ribeirão: coincidindo com o rio *Itararé*, cujo nome corresponde ao facto. Acima de sua fóz, o *Rio Verde* forma uma linda cascata, e immediatamente um salto, cuja altura de alguns metros o torna imponente. Entre este *Rio Verde* e o rio *Itararé*, ha grutas; e mesmo proximo á villa, na distancia de um kilometro, ha uma que

é notabilissima por sua profundidade e pela agua crystallina que verte em fonte.

O affluente do *Rio Pardo* desce encachoeirado a serra, abrindo passagem por meio de rochas e fragas, sob muitas das quaes escôba-se, aqui e alli.

O rio, que nasce nos morros *Juréa*, mostra tambem o mesmo phenomeno, escôando-se suas aguas encachoeiradas por baixo de rochedos, que são como pontes naturaes. O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADE, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*, referindo-se a este *Rio Verde*, escreveu: «...para a parte do rio *Verde*, que fica ao norte da *Juréa* nas faldas lateraes d'elle, a pasta do porfido parece ser argillosa, como o indica a natureza *fossil* dos schistos que n'elle se observa: estas massas porfidicas são cortadas por veios de quartzo branco em diversas direcções. Descido o morro, fui examinar o rio *Verde*, onde vi e colhi algumas granadas vermelhas, que os naturaes chamam rubins, as quaes se achavam nas itaipavas entre a areia: a formação podinguica d'estas itaipavas promette ouro com conta». Portanto, ainda é a formação geologica do terreno, sobre a qual corre este *Rio Verde*, que obriga as aguas a formarem concavidades e a fazarem ôco.

A cabeceira do rio *Assunguy* está no mesmo caso. Tambem a formação geologica da região, em que nasce e corre, é causa do phenomeno de passarem suas aguas sob rochedos, sumindo-se para reapparecerem além. Tanto este *Rio Verde*, como o *Corujas*, affuentes do rio *Assunguy*, manifestam a mesma particularidade; e até o proprio *Assunguy*.

(Vide os nomes *Corujas* e *Assunguy*).

Todos estes *Rio Verde* tem cachoeiras e saltos. E de verde nada têm, a não serem as mattas marginaes, aliás não muito bastas.

Rio Vermelho.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Areias.

Affluente do *Rio Verde*, pela margem esquerda: no municipio do Rio Verde.

Affluente do rio *Piroupara*, pela margem direita: no municipio de Iguape. O nome é *Vermelho*.

Vermelho, corrupção de *Yê-mbiiêrê*, «o que se derrama». De *yê*, reciproco, para a accão da cousa sobre si mesma, e ao mesmo tempo servindo para apassivar o verbo *mbiiêrê*, «derramar», tendo por contracção em pronuncia corrida o som de *m'**êrê*.

Allusivo a derramarem-se, quando, no tempo de chuva, crescem e enchem, até o ponto de transbordarem as aguas recebidas.

Fóra do tempo chuvoso, são ribeirões de pouca profundidade.

A côr vermelha resulta da passagem das aguas, ao descerem os montes, por terreno dessa côr. O dr. FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA, no seu *Diario de viagem nos annos de 1780 a 1790*, attribuindo o nome a essa côr da agua, diz: «As aguas do *Rio Vermelho*, assim chamado porque as suas cabeceiras estão em um monte de *ocre vermelho*, que do *Rio Pardo* se vê, toman tanto esta côr, que não differem do sangue». Não é impossivel; e, mesmo, creio que isso teria facilitado a corrupção do nome tupi.

O affluente do *Piroupara* é, além de tudo, cheio de capim no leito.

Ronco.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Lorena.

Ronco, corruptela de *H-ong-ca*, «impedido». De *h*, relativo, substituindo o *n* de *nong*, «impedir», com *ca* (breve), para formar supino. O som do *h* é aspirado.

Allusivo a ter mais baixa a sua fóz do que o nível das aguas do rio *Parahyba*, no tempo das chuvas. As aguas do ribeirão refluem, e produzem alagamentos e banhados.

Por descer da serra *Mantiqueira* com fragor das aguas sobre as pedras, formou-se essa corruptela.

Rosario.—Affluente do *Rio Novo*, pela margem direita: entre os municípios de Santa Cruz do Rio Pardo e de

Santa Barbara do Rio Pardo.

Rosario, corrupção de *Yo-çâl-rô*, «esparzido». De *yo*, reciproco, para exprimir as duas margens, *câl*, «esparzir, espalhar, estender», *rô*, partícula para exprimir o modo de ser ou de estar.

Allusivo a alagar-se.

Roseira.—Parte do rio *Apiah-y-guassú*, antes de tomar este nome.

(Vide o nome *Apiah*).

Roseira, corrupção de *Ri-yêrê*, «rodomoinhos». De *ri*, «água», *yêrê*, «volta, torvellinho». E' pronunciado *Ri-jérê*, dando a *ri* som guttural.

Allusivo a fazer muitos rodomoinhos, por causa das concavidades no leito, provenientes da formação geologica dessa região.

Com o nome *Roseira* ha uma pequena povoação no município de Guaratinguetá.

Sem dúvida o rio *Parahyba*, nessa parte, entre os municípios de Piudamontebelo e de Guaratinguetá, faz muitos rodomoinhos. E dahi o nome para esse povoado.

Rubuquára.—Logar notável, á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*: no município de Iporanga.

Rubuquára, corruptela de *Robid-quâr-a*, «buraco de respeito». De *robiâ*, «respeito, veneração, obediencia, honra, estima, credito, confiança, fixidez, tenacidade, autoridade», *quâr*, «buraco, fojo, poço», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a uma semelhança de *nicho* que se vê no alto do paredão, que forma a barranca elevada e a pique, da referida margem esquerda.

Fé ou simples crendice, o certo é que os que por alli passam em canoas ou embarcações de qualquer especie, descobrem a cabeça em signal de respeito.

Entre este logar e a corredeira *Pyrryrica*, está o morro que soffre annualmente combustão natural: vinte kilometros, mais ou menos, abaixo da villa Iporanga. Em 1847, desciaim do alto do morro verdadeiras lavas, pois que era um liquido, resultado da combustão.

E' toda essa uma região notabilissima pela superabundante e variada riqueza mineral.

S

Sabão. — Morro, no município da Conceição dos Guarulhos.

Sabão, corruptéla de *Cáb-óó*, «pellado». (Vide o nome *Saboó*).

Sabaúma. — Affluente do ribeirão *Guararema*, pela margem esquerda: no município de Mogy das Cruzes.

Rio que nasce no morro *Sabaúma* e desagua no *Mar Pequeno*: entre os municípios de Iguape e de Cananéia, aos quais serve de divisa.

Sabaúma, corruptéla de *Cab-a-húú-m-a*, «desatado e lodoso». De *cáb*, o mesmo que *ráb*, «desatar», com o acrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *húúm*, «ter lodo, atolar, borra, fézes, detritos, etc.», com o acrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Isto quanto aos dous pequenos rios *Sabaúma*.

Allusivo a se alagarem nas margens, e a terem lodoso e atoladiço o leito.

Quanto ao morro, *Sabaúma* é corruptéla de *Cab-ó-húú-m-a*, «pellado e lodoso». De *cab*, o mesmo que *hab*, «pello, penna, cabello», *óg*, «tirar, arrancar», *húú-m*, «ter lodo, atolar», borra, fézes, detritos, etc.», com o acrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a não ter na parte superior vegetação alguma, com as encostas cobertas de lodo ou limo.

A razão por que, em vez de *ráb*, é *cáb*, quanto ao nome dos pequenos rios, está na regra grammatical que o *r* ini-

cial de qualquer verbo, tendo de ser precedido do relativo competente, que é *h*, é eliminado, fazendo *háb*; e, soando *c* o *h* aspirado, forma *cáb*.

A ultima parte desta explicação serve tambem para a do nome do morro, cujo *háb* foi substituido por *cáb*. A este *cáb*, ou *háb*, é acrescentado *a* (breve), por acabar em consoante.

Sabaúna. — Cachoeira, no rio *Tieté*, abaixo da cidade de Porto Feliz.

Sabaúna, corruptéla de *H-âb-á-i-û-na*, «gretado, não liso, revolto». De *h*, relativo, que corresponde ao verbo *yâb*, «gretar, rachar, abrir-se naturalmente», *âi*, «não liso, desigual», *û*, o mesmo que *hû*, «revolver», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

O *h* aspirado tem o som de *c*.

Allusivo a existir no leito, nesse logar, gretas e buracos, pontas e arrecifes, rodomoinhos feitos pelas aguas por causa daquellas gretas.

Saboó. — Morro granítico, no município de S. Roque. Altitude superior a mil metros.

Morro granítico, no município de Santos.

Morro, no município de Conceição dos Guarulhos. E' conhecido por *Sabão*.

Em geral, o nome *Morro Pellado* indica traducção de *Saboó*.

Saboó, corruptéla de *Cáb-oôg*, «pellado»; isto é, «sem vegetação», que é aí que allude o nome. De *cáb*, o mesmo

que *háb*, «pello, cabello, penna», *óg*, «tirar, arrancar», precedido de *o*, como reciproco, para exprimir que é ação da cousa em si mesma, e não porque a vegetação tenha sido arrancada artificialmente ou por mão de homem.

Com o nome *Morro Pellado*, certamente tradução de *Qáb-oóg*, ha os seguintes, na província de S. Paulo:

Morro Pellado, donde nasce o ribeirão *Aricandúva*: entre as freguezias de S. Bernardo (hoje villa) e de N. S. da Penha de França.

Morro Pellado, no logar *Louveira*: no município de Jundiahy.

Morro Pellado, na freguezia de Itaqüery: no município de S. João do Rio Claro.

E outros.

Saboo.—Rio que desagua no mar: no município de Santos.

Sahy.—Rio que nasce na serra marítima, e desagua no oceano: serve de divisa aos municípios de Santos e de S. Sebastião.

Sahy, corruptéla de *Qá-i-i*, «perseverantemente esparzido». De *qá*, «esparzir», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a alagar as margens, desde que começa a correr na varzea.

Saltador.—Affluente do ribeirão *Batataes*, pela margem esquerda: no município de Batataes.

E' um pequeno corrego, que desagua no ribeirão *Prata*; mas é tido como affluente do ribeirão *Batataes*, por dizerem que o *Prata*, quando o recebe, deixa de ser *Prata* para ser *Saltador*.

Por isso, o conservo como affluente do ribeirão *Batataes*; e tambem o *Prata*, que é o verdadeiro affluente.

Por conciliação, deixo-os reunidos fazendo uma barra unica no ribeirão *Batataes*.

Tem cachoeiras, saltos e corredeiras.

Saltinho.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, abaixo da fóz do ribeirão *Anhumas*.

Embora diminutivo o nome portuguez *Saltinho*, é certo que é uma cachoeira difícil, por formar o rio uma esquina.

Salto.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Queluz.

E' denominação portugueza: o nome tupi desapareceu; e ficou talvez a tradução, por causa de um salto nesse ribeirão.

Salto de Itú.—Povoação-freguezia, no município de Itú.
(Vide o nome *Itú*).

Salto Grande.—Salto, no rio *Paranapanema*, seis kilometros abaixo da barra do *Rio Pardo*.

E' tambem conhecido pelo nome *Dourados*.
(Vide o nome *Dourados*).

Samambáia.—Morros:
No município de S. Paulo (freguezia de N. S. do O').

No município de Rio Bonito.

No município de Campinas.

Entre os municípios de Monte-mór e de Capivary.

Entre os municípios de Itapéva da Faxina e de Iporanga.

Entre os municípios de Jambeiro e de Parahybuna.

Entre os municípios de Santa Izabel e de Patrocínio.

E outros.

Samambáia, corruptéla de *Qái-m-ãmb-áí*, «altos e baixos, empinado e estendido». De *qái*, «estender, esparzir», *m*, intercalação por ficar ferido do som nasal o verbo *cáí*, por causa de *á*, «empinar», *mb*, intercalação nasal, *áí*, «altos e baixos».

Allusivo a formarem collina extensa em declive, com fragas e saliencias.

O indigena, fazendo o costumado jogo linguistico, assim denominou esses morros, por vel-los cobertos do feto-macho, conhecido pelo nome tupi *Qá-amambáí*; de sorte que, dando aos morros nome com som identico ou quasi identico ao

do feto, mas com significados diversos, assignalou ao mesmo tempo a forma physica delles e a existencia natural daquelle feto nas encostas. Este feto do Brazil é uma pequenina arvore sem galhos; não podendo ser considerados tales as delgadas hastes, ás quaes estão presas as pequeninas folhas: por isso, o nome começa por *çá*. O padre A. R. DE MONTOYA, no seu *Tesoro de la lengua guarany*, escreveu apenas *amam-báí*.

Sant'Anna.—Morro, entre os municipios de Aréas e de S. José do Barreiro.

Deste morro nasce um ribeirão *Sant' Anna*, affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Aréas.

Afluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: no municipio de Casa Branca. Tem uma cachoeira notabilissima. É conhecido por *Sant'Anna da Serra*.

Afluente no *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Batataes.

A denominação é religiosa; talvez por existirem nesses logares capellas com essa invocação.

Sant'Anna (dos Olhos d'Agua).—Povoação-freguezia, do municipio de Batataes.

Esta povoação tambem é conhecida por *Sant'Anna do Serrado*; e com este nome foi instituida capella.

Santa Barbara.—Afluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Barbara do Rio Pardo e do Rio Novo.

Afluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Batataes.

Afluente do rio *Sapucayah*, pela margem direita: no municipio de Patrocínio de Sapucayah.

Afluente do *Rio do Prixe*, pela margem direita: no municipio de S. José dos Campos.

E' denominação religiosa.

Santa Barbara.—Villa, distante alguns kilometros da estação da estrada

de ferro Paulista (entre Campinas e Limeira).

Neste municipio, ha uma extensa gruta, cuja altura é de mais de oito metros. E' no sopé de um monte; e do alto deste monte precipitam-se na gruta dous corregos, com grande fragor, revolvendo-se as aguas em rodomoinho nas grandes bacias de pedra que elles proprias têm cavado na rocha, para derramarem-se, e seguirem além, de quenda em quenda.

E' um lindissimo quadro da natureza, esse que oferece a gruta.

Santa Barbara de Macahubas.—E' hoje a villa *Patrocínio de Sapucayah*.^(*)

(*) Estava no lado um ?.

Santa Barbara do Rio Pardo.—Villa, ás margens do *Rio Pardo*, affluente do rio *Paranapanema*.

Quando ainda freguezia, a séde era na povoação *S. Domingos*, á margem direita do rio *Turvo*.

Santa Branca.—Villa, á margem esquerda do rio *Parahyba*: distante da cidade de Jacarehy pouco mais de 13 kilometros.

Santa Cruz.—Inumeros logares na província de S. Paulo: patenteando o espirito religioso da população.

E' rara a cidade, villa, ou povoação, que não tenha nos suburbios uma pequena capella dedicada á Santa Cruz.

Santa Cruz do Rio Pardo.—Villa, á margem direita do ribeirão *S. Domingos*, affluente do *Rio Pardo*, este affluente do rio *Paranapanema*: pela margem direita.

Santa Izabel.—Villa, á margem direita do ribeirão *Araraquara*, affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita.

(Vide os nomes *Araraquara*, *Jaguary* e *Mandiú*).

Santa Rita do Paraiso.—Villa, á margem esquerda do rio *Paraná*, ainda quando tem o nome *Rio Grande*.

Santa Rita de Passa Quatro.—Villa, no alto da serra *Passa Quatro*.
(Vide o nome *Passa Quatro*).

Santo Agostinho.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita: entre os municipios de Atibaia, de Itatiba e de Bragança.

E' denominação religiosa.

Santo Amaro.—Villa, que teve origem em uma aldeia, cujo nome era *Ibirá-puéra*, «páu podre». E' á margem direita do rio *Pinheiros*, que é o mesmo rio *Jurubatuba* antes da affluencia do rio *Mboy-guassú*. E', portanto, erro o que outros escreveram, dizendo estar situada á margem direita do rio *Gericibatiba*.

E' uma das povoações mais antigas da província de S. Paulo: 1560.

Santo André.—Villa, fundada por João Ramalho; e creada em 1553 pelo capitão-mór, que então governava a capitania de S. Vicente.

Era á margem direita do ribeirão *Guapituba*.

(Vide o nome *Guapituba*).

Foi demolida, a fim de não prejudicar a nova villa de S. Paulo: 1560.

Foi esta uma luta fortissima entre João Ramalho e os padres da Companhia de Jesus. Mas, afinal triumphou a verdadeira conveniencia publica, por ordem do então governador Mem de Sá.

Santo Antonio.—Affluente do rio *Mogy-mirim*, pela margem esquerda: no município de Mogy-mirim.

Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no município de *Parahybuna*.

E' denominação religiosa; sem duvida por devoção dos donos do logar.

Santo Antonio da Alegria.—Povoação-freguezia, no município de Ca-jurú.

Era a antiga capella do *Cuscuxero*.

A explicação de que o monte sobre o qual foi edificada a capella de Santa

Cruz tem a forma de um *cuscuxero*, e dali o nome, é simplesmente um disparate.

(Vide o nome *Cuscuxero*).

Santo Antonio da Boa Vista.—Povoação-freguezia, no município de Ta-tuhy.

E' a antiga Capella de *Santo Antonio do Rio Feio*.

(Vide o nome *Rio Feio*).

Santo Antonio da Cachoeira.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Cachoeira*, affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita.

(Vide o nome *Cachoeira*).

Proximo a esta cidade, o ribeirão mostra uma cachoeira, composta de grandes blocos de rocha, sobre e de encontro aos quaes as aguas arremetejam-se com enorme fragor, e deslisam-se depois formando espuma em grande extensão.

Este mesmo rio, á distancia de 26 kilometros acima da cidade, tem um salto, de alguns metros de altura. Também o fragor das aguas ahi é enorme.

Santo Antonio da Rifaína.—Povoação-freguezia, no município de Santa Rita do Paraíso.

(Vide o nome *Rifaína*).

Santo Estevam.—Cachoeira, no *Rio Grande*, ou *Paraná*.

Santo Estevam, corrupção de *Hatâ-étei*, «muito rija». De *hatâ*, «duro, forte, rijo, teso», sendo que o *h*, como relativo, substituiu o *t* de *tatâ*, soando *ç*, por ser aspirado, *étei*, para exprimir superlativo.

Allusivo a ser uma cachoeira formada de rochedos e lages, com diques, e canal sinuoso, pelo qual precipitam-se as aguas revoltas.

Santo Ignacio.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no município do Rio Bonito.

Ha outro affluente do mesmo rio *Paranapanema*, pela margem esquerda, fazendo barra nos Rapidos de Santo Iga-

cio; mas pertence á província de Paraná.

Santo Ignacio, corrupção de *H-a-ty-n-áhocé*, «atado altíssimo». De *h*, relativo, com o accrescimo de *a'* (breve), para ligar as duas consoantes, *ty*, «atado», *n*, intercalação nasal, *áhocé*, «sobrepujar».

Allusivo a correr entre paredões altíssimos.

O *h* aspirado sóa *c*; e o *a* (breve), que o accrescenta, é ferido de nasalização, porque *ty* é nasal-guttural.

Santos.—Principal porto da província de S. Paulo; e grande cidade comercial.

E' na ilha *Guaiahbó*, cognominada pelos conquistadores—S. Vicente.

Nenhuma veracidade tem o asserto de frei GASPAR da MADRE DE DEUS, nas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*,—de que o nome tupi da ilha era *Engaguassú*. Este nome era o da barra-grande: *Hé-u-guâá-guaçú*, «enseada maior da saída».

(Vide o nome *Engaguassú*).

Ha outra saída, que é o canal *Bertioga*.

(Vide o nome *Bertioga*).

São Bartholomeu.—Cachoeira, no rio *Mogy-guassú*, logo abaixo da foz do *Rio Pardo*.

Sua extensão é de 600 metros, mais ou menos.

São Bartholomeu, corrupção de *Çã-mbái-ta-rô-m-ei*, «estirado em forte declive, com muitas ondulações». De *çã*, «ser estirado, corda», *mbái* o mesmo que *pái*, «dependurar», mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal da palavra anterior, e levado ao supino pela partícula *ta* (breve), *rô*, «revolver-se», *m*, intercalação nasal, para ligar *rô* a *ei*, «muitos».

Allusivo a que, sendo ahi apertado o rio entre rochas e penhascos, as aguas dependuram-se estiradas, e revoltas em ondas por efeito de vertiginosa velocidade.

São Bartholomeu.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no município de Rio Novo.

São Bartholomeu, corrupção *Y-á-mbae-toré-m-ei*, «empinado, e muitas tortuosidades». De *y*, relativo, *á*, «empinado», formando participio com a partícula *bae* (breve), *tórē*, «tortuosidade», *m*, intercalação nasal para ligar *toré* a *ei*, «muitas».

Allusivo a ter ingreme o leito, e a fazer inúmeras tortuosidades e voltas.

Com efeito, depois de nascer com duas cabeceiras, faz um semi-círculo de oeste para sudeste; e dahi desce em forte declive, com muitas sinuosidades, até desaguar no rio *Paranapanema*.

Acreditei, ao princípio, que era uma denominação religiosa: tanto mais que a estrada da villa de Rio Novo á de S. Sebastião de Tijuco Preto faz escala por um pequeno povoado, que tem o nome *São Bartholomeu*: mas esta invocação teve por motivo o nome corrupto do ribeirão, e assim tem permanecido.

Em todo o caso, o nome tupi do ribeirão coincide com a corrupção indicada.

São Bento.—Morro, no município de Apiahy.

Parece denominação religiosa dada pelos antigos exploradores do ouro.

São Bento de Araraquara.--Cidade.

(Vide o nome *Araraquara*).

São Bento de Sapucahy-mirim.—Villa, á margem direita do ribeirão *Sapucahy-mirim*, que tem apenas na província de S. Paulo as cabeceiras, e corre na província de Minas Geraes.

No município desta villa é que existe a pedra denominada *Bahú*, na serra *Mantiqueira*.

(Vide os nomes *Bahú* e *Sapucahy*).

São Bernardo.—Villa, distante da cidade de S. Paulo 19 kilometros, na estrada antiga para a cidade de Santos. Denominação religiosa.

São Carlos.—Nome antigo da cidade de Campinas, desde 1797.

O logar já era Campinas; mas foi então mudado esse nome, para ser *S. Carlos*.

A primitiva denominação, *Campinas*, foi-lhe restituída em 1842.

(Vide o nome *Campinas*).

São Carlos do Pinhal.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Monjolinho*.

(Vide o nome *Monjolinho*).

E' denominação religiosa.

São Domingos.—Antiga povoação-freguezia, á margem direita do rio *Turvo*; no município de Santa Barbara do Rio Pardo.

E' denominação religiosa.

São Francisco.—Bairro, no município de S. Sebastião: ao norte.

Ha alli um convento, sob a invocação de N. S. do Amparo, quasi em ruínas. Fundado em 1659.

São Francisco.—Grande serra, entre os municípios de Piedade e de Sorocaba.

São Francisco, corrupção de *Çã-çã-ci-ca*, «cordilheira cortada». De *çã*, «corda», repetida para significar «cordilheira», *ci*, «cortar», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser talhada pelo rio *Sorocabá*, que a divide em duas partes, passando entre estas, por uma abertura estreita e profundíssima, na qual fôrma os saltos *Pirataráca*, *Ituparanga* e *Voturantim*.

(Vide os nomes *Pirataráca*, *Ituparanga* e *Voturantim*).

Não consta que esta extensa e profundíssima garganta tenha sido observada por homens da sciencia.

E sel-o-ha algum dia?

O facto de existir, na base da encosta noroeste da serra, uma capella com a invocação de S. Francisco, não prova que dessa capella tirasse a serra o nome, porém que, em consequencia do

nome corrupto da mesma serra, algum devoto lembrára-se de erigir a S. Francisco a referida capella.

E como admittir em serra tão notável, a falta de denominação tupi?

O indigena disse bem: *Çã-çã-ci-ca*.

São Gonçalo.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Guaratinguetá.

E' denominação religiosa.

São João.—Rio, que desagua no canal *Bertioga*: no município de Santos.

Affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: no município de S. João da Boa Vista.

Confluente do ribeirão *S. Pedro*, os quaes, reunidos, afflúem no rio *Turvo*, pela margem direita.

A' sua margem direita está a villa de S. Pedro do Turvo.

São João Baptista do Rio Verde.—Villa, á margem esquerda do *Rio Verde*.

E' denominação religiosa.

São João da Boa Vista.—Cidade, situada á margem direita do rio *Jaguary-mirim*, entre os ribeirões *S. João* e *Prata*.

O nome antigo era *S. João do Jaguary*.

Dista dos *Poços de Caldas* 47 kilómetros.

São José.—Nomes de varios corregos e baixios.

Denominação religiosa.

São José do Barreiro.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Barreiro*, affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita.

São José dos Campos.—Cidade, á margem direita do rio *Parahyba*; mas distante tres kilometros.

No porto daquelle rio, ha uma capella da Santa Cruz.

E' a antiga Villa de S. José do Parahyba; mas, antes disso, foi Villa de

S. José do Sul; e anteriormente, Villa Nova de S. José, porque a *Villa Velha* era o logar do aldeamento fundado pelos padres da Companhia de Jesus, no meado do seculo XVI, distante da actual cidade dez kilometros, nas cabeceiras do ribeirão *Comprido*.

São José do Morro Agudo.—Capella, na freguezia de Sant'Anna dos Olhos d'Agua.

São José do Rio Novo.—Villa, hoje conhecida sómente pelo nome *Campos Novos do Paranapanema*.

São José do Parahytinga.—Villa, á margem esquerda do ribeirão *Parahytinga*, affluente do rio *Tieté*, pela margem direita.

São José do Rio Pardo.—Villa, á margem esquerda do *Rio Pardo*, na encosta de um contra-forte da serra divisoria daquelle e do ribeirão *Fartura*.

Este *Rio Pardo* é o affluente do rio *Mogy-guassú*.

São José do Rio Preto.—Povoação-freguezia, no municipio de Jaboticabal.

São Lourenço.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Nasce no municipio de Itapecerica: e alguns kilometros abaixo, ha uma capella com a invocação de S. Lourenço.

Mas, o nome *S. Lourenço*, do affluente do rio *Juquiá*, é corrupção de *Çã-i-nhoyré*, «uns atraz dos outros, em corda». De *çã*, «corda», *i*, posposição significando «em», *nhoyré*, «uns atraz dos outros».

Allusivo a despenharem-se as aguas em grande numero de cascatas, seguidas, e formando sete quedas ou degráus.

Neste trecho do rio *S. Lourenço*, é imponente o spectaculo dessas cascatas e quedas successivas, isto é, conforme a phrase simples e clara dos indigenas, «umas atraz das outras».

Soando *S. Lourenço* o nome tupi deste rio, os portuguezes entenderam que o indigena referia-se ao martyr da fé, cujo é aquelle nome. A capella, acima mencionada, não tem outra origem.

São Luiz de Parahytinga.—Cidade, á margem esquerda do rio *Parahytinga*, antes de confluir com o rio *Parahybuna*.

(Vide o nome *Parahytinga*).

São Manoel do Paraíso.—Villa, na encosta de uma collina, á margem esquerda do ribeirão *Paraíso*, affluente do ribeirão *Lençóis*.

(Vide o nome *Paraíso*).

São Miguel.—Capella, na freguezia de N. S. da Penha de França: no municipio de S. Paulo.

Foi um aldeamento formado pelos padres da Companhia de Jesus no seculo XVI.

Por esse povoado passa um corrego, affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda; e a esse corrego foi dado o nome *S. Miguel*. O nome tupi foi olvidado e perdido.

São Paulo.—Cidade, fundada pelos padres da Companhia de Jesus, em 1554, á margem esquerda do rio *Piratininga* ou *Tamanduatehy*, no planalto fechado pelo rio *Tieté*, cujo é aquelle affluente pela margem esquerda.

A primeira missa foi dita na igreja do Collegio daquelles padres, aos 25 de Janeiro de 1554.

No conflicto com João Ramalho, o qual fundára á margem do ribeirão *Gua-petuba* a villa de Santo André, e que, por isso, impedia por todos os modos a installação da villa de S. Paulo, venceram afinal os padres da Companhia; e a villa de Santo André foi demolida e arrasada.

(Vide o nome *Piratininga*).

A respeito desta villa *Piratininga*, escreveu o padre JOSÉ DE ANCHIETA, na sua primeira *Informação* ao Geral da Companhia de Jesus em Roma: «Esta villa antigamente era da invocação de

Santo André e estava tres leguas mais para o mar, na borda e entrada do campo, e no anno de 60 (1560) por mandado do governador Men de Sá se mudou a Piratininga... onde temos casa e igreja da conversão de S. Paulo, porque em tal dia se disse a primeira missa naquelle terra numa pobre casinha, e em Piratininga, como acima se disse, se começou de proposito a conversão do Brazil, sendo esta a primeira igreja que se fez entre o gentio. E mais adiante: «A casa de S. Paulo de Piratininga, como foi principio de conversão, assim tambem o foi dos collegios do Brazil». E mais adiante: «O primeiro Provincial foi o padre Mancel da Nobrega, no anno de 1555... O sexto Provincial o padre José de Achieta, Biscainho, no anno de 1577 e ainda tem o cargo neste presente de 1584».

Essa villa é hoje esta grande cidade, cujo progresso cresce mais e mais.

Tendo sido declarada capital da Capitania, por provisão de 22 de Fevereiro de 1681, seu nome—*São Paulo*—passou a ser o da mesma Capitania; e assim tem permanecido, sem interrupção alguma.

São Paulo.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: entre os municipios de *Mogy-guassú* e *Itapyra*, segundo o affirma AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biologicos, Estatisticos e Noticiosos da provincia de S. Paulo*.

Não consegui verificar a existencia deste ribeirão.

São Pedro.—Villa, á margem direita do rio *Piracicaba*, na distancia de alguns kilometros, na encosta da serra que traz o mesmo nome *S. Pedro*.

Denominação religiosa.

São Pedro do Itararé.—Villa, á margem direita do rio *Itararé*.

São Pedro do Turvo.—Villa, á margem direita do ribeirão *São João*, confluente do outro ribeirão *S. Pedro*,

os quaes, reunidos, desaguam no rio *Turvo*, pela margem direita.

E' a povoação-freguezia, que fazia parte do município de Santa Cruz do Rio Pardo.

O nome *S. Pedro* é denominação religiosa.

São Roque.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Aracahy*, e á barra do corrego *Carambehy*, que afflue naquelle pela mesma margem.

Sua denominação primitiva era *Capella de S. Roque de Carambehy*.

O nome *S. Roque* é denominação religiosa.

Vi em um mappa da Comissão Geographica de S. Paulo o nome *S. Roque* dado ao ribeirão *Potribú*. Mas, é erro.

São Sebastião.—Cidade, no littoral, ao sul do rio *Curupacé* cerca de vinte kilometros.

E' uma das mais antigas povoações. Data do seculo XVI.

A denominação é religiosa, vem da ilha, que está na frente, e que recebeu de Martim Affonso de Souza, em 1531, esse nome, por ter sido avistada no dia 20 de Janeiro.

O nome tupi da ilha é *Ciri-bae*, «apartada, separada». De *ciri*, «apartar, separar», com *bae* (breve), para formar participio.

(Vide o nome *Ciriba*).

E' a cidade de S. Sebastião um porto abrigado; e, outr'ora, foi defendido por quatro fortres, cujos vestigios estão quasi desapparecidos.

São Sebastião da Boa Vista.—(Vide o nome *Mocóca*).

São Sebastião da Ponte Nova.—Povoação-freguezia, no município da Franca.

São Sebastião do Ribeirão Preto.—Cidade, entre o Ribeirão Preto e o ribeirão Retiro.
(Vide o nome Preto).

São Sebastião do Tijuco Preto.

—Villa, á margem esquerda do rio *Paranapanema*, na encosta de um pequeno morro.

(Vide o nome *Tijuco Preto*).

São Simão.—Villa, á margem esquerda do *Rio Pardo*, affluente do rio *Mogy-guassú*; mas, na distancia de alguns kilometros.

E' denominação religiosa.

Junto á villa, corre e afflue no *Rio Pardo*, pela margem esquerda, um ribeirão que tambem traz o nome *S. Simão*.

São Vicente.—A povoação mais antiga da província de S. Paulo; fundada por Martim Affonso de Souza em 1532, no littoral ao sul da cidade de Santos.

Até 1681, esta villa foi a capital da Capitania.

A ilha *Guaiahó* foi tambem denominada *S. Vicente*, pelo mesmo Martim Affonso de Souza.

(Vide os nomes *Guaiahó* e *Engaguassú*).

E relativamente a este ultimo nome, *Engaguassú*, tem passado sem contestação que era o nome daquella ilha. Erro.

(Vide o nome *Santos*).

A proposito deste logar *S. Vicente*, devo observar que os denominados *sambaqui* não têm a importancia dada por estrangeiros, viajantes e exploradores da nossa costa māritima. De taes depositos de ostras, ou *ostreiras*, ocuparam-se frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, VARNHAGEN, e outros, de modo sufficiente.

O indígena denomina *tambá-ique*, a «casca da ostra»:—de *tambá*, «ostra, mexilhão, marisco de qualidade inferior», *ique*, «lado, costado». Segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, o nome começado por *t*, tendo necessidade de relativo, muda esse *t* em *ç*: por isso, *cambá-ique*.

Tambem a «ostreira» é denominada *ytā-mb-ati*, «montão de conchas»: de *ytā*, «concha», *mb*, intercalação nasal, *ati*, «montão». A palavra *ytā* é composta de *y*, «despegar» *tā*, «metade»: e a pronuncia nasal-guttural de *ytā-mb-*

ati dá o som de *yxambaxi*. De tudo isto se formou a corruptela *sambaqui*.

Essas ostreiras existem na costa marítima da província de S. Paulo, e em geral no Brazil, do norte ao sul.

No norte do Brazil são denominadas *sernambitiba*, corrupção de *ciri-ambātib-a*, «logar natural de cascas de ostra». De *ciri*, «apartar, separar» *ambātib*, «lado, costado», *tib*, para exprimir logar natural das couzas, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo ás cascas da ostra: «lados apartados».

Sapé.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de S. José dos Campos.

O nome não é do ribeirão. Sendo par ahia «o caminho», embora atravessando o ribeirão, o indígena dizia *Hapé*. O *h* aspirado parece soar *ç*: dahi a corruptela.

Mas, ao inverso do padre A. R. DE MONTOYA, o padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*, não menciona o *h* como relativo. O *ç* é directamente o relativo. Por isso, mesmo com referencia a «caminho», o padre LUIZ FIGUEIRA, usando do relativo, escreveu *çapé*.

Este caminho existiu sempre, e já neste seculo, foi feito ahia um aterrado, por causa da varzea e alagadiços do ribeirão.

Com o mesmo nome, e nas mesmas condições, ha uma praia, no município de Ubatuba.

Com o mesmo nome e nas mesmas condições, ha um affluente do ribeirão *Capivara*, pela margem direita: no município de Campos Novos de Paranápanema.

Sapé.—Povoação-freguezia, no município de Silveiras; hoje villa, com o nome *Jatahy*.

(Vide o nome *Jatahy*).

O nome *Sapé* nada tem com a palha *sapé*, com que são cobertas casas, à falta de telhas, no sul do Brazil; no norte serve para essas coberturas a palma da *pindóba*.

Sapé é corruptéla de *Hapé*, «caminho». O *h* aspirado parece soar *c*: dahi a corruptéla.

Esse logar *Sapé* designava aos indigenas o «caminho», ao passo que *Areias* designava o «atalho», *haiê*.

(Vide o nome *Areias*).

Sapé.—Povoação-freguezia, no município de Jahú: hoje villa, com o nome *Baryry*.

(Vide o nome *Baryry*).

O nome *Sapé* nada tem com a palha *sapé* com que são cobertas as casas, á falta de telhas, no sul do Brazil: no norte, serve para essas coberturas, a palma da *pindóba*.

Sapé é corruptéla de *Hapé*, «caminho». O *h* aspirado parece soar *c*: dahi a corruptéla.

Esse logar designava aos indigenas o «caminho» para o porto no rio *Tieté*, onde poderia ser este atravessado com mais facilidade e menos perigo, comunicando os que habitavam á margem direita do rio *Piracicaba* com os da margem esquerda do rio *Tieté*.

Os portuguezes continuaram a seguir esse mesmo caminho, reconhecendo-o como o melhor para aquella comunicação.

Sapetuba.—Logar, proximo á margem direita do rio *Sarapuh*, já depois de fazer barra o ribeirão *Iperó*: no município de Campo Largo de Sorocaba.

Sapetuba, corruptéla de *Çapé-tib-a*, «logar de *çapé*». De *çapé*, «planta de palha para cobertura de casas», *tib*, «logar natural», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O *i* é guttural.

Sapucahetába.—Morro, no município de Itanhaém.

Sapucahetába, corruptéla de *Çapucatába*, «logar de écho». De *çapucat*, «gritar, vozejar, echoar», formando participio com *tába*, por acabar em *â*, a fim de exprimir logar.

Allusivo a echoar gritos ou vozes, por sua formaçao encantoada.

Sapucahy.—Affluente do *Rio Grande* ou *Paraná*, pela margem esquerda: entre os municipios da Franca e de Batataes, aos quaes serve de divisa.

Ha o ribeirão *Sapucahy-mirim*, affluente daquelle pela margem direita: no municipio de Patrocínio de Sapucahy. A' margem esquerda deste ribeirão está a villa de Patrocínio de Sapucahy.

Ha tambem o ribeirão *Sapucahy-mirim*, que tem na província de S. Paulo sómente as cabeceiras, e corre na província de Minas Geraes.

Sapucahy, corruptéla de *Ha-pug-quati*, «successivos córtes, furos, e cinturas». De *ha*, «cortar, talhar», *pug*, «furar, arrebentar», *quati*, «fazer cintura, estreitar», *i*, posposição de perseverança. O *h* aspirado parece soar *c*.

Allusivo a ter saltos e cachoeiras, bem como gargantas como que por furos feitos nas rochas.

Saputá.—Affluente do ribeirão *Itapisantuba*.

(Vide o nome *Itapisantuba*).

E' um pequeno ribeirão, que afflue naquelle pela margem esquerda: no município de Iguape.

Accrescentaram-lhe *mirim*, sem uma razão de ser; signal certo de que este accrescimo foi obra dos conquistadores. E' mesmo conhecido sómente pelo nome *Mirim*.

Saputá é corruptéla de *Hapi-ytá*, «pedra que se abraza». De *hapi*, «abrazar, queimar», *ytá*, «pedra». O *h* aspirado parece soar *c*. O *i* final de *hapi* tem som guttural.

Allusivo a existir em suas margens grandes depositos de granito pórphyro, no qual entra maior quantidade de feldspatho, tornando-se assim rocha ignea.

Com efeito, esse granito contém silica, alumina, cal, oxido de ferro e outros elementos de natureza ignea.

Saputantuba.—E' o mesmo *Itapisantuba*.

(Vide o nome *Itapisantuba*).

Sará-sará.—Uma parte da varzea *Guassahy*, no município de Cotia.

Sará-sará, corruptéla de *C-araá-c-araá*, «muitíssimo doentio». De *c*, relativo, por ter *r* o verbo *araá*, «enfermar, ser doentio», repetido para exprimir superlativo.

Allusivo a produzir muitas doenças essa região.

Saracúra.—Affluente do ribeirão *Anhangabahú*, pela margem esquerda: no município de S. Paulo.

E' um pequeno corrego.

Saracúra, corruptéla de *Ce-rá-cúry*, «desatado e muito corrente». De *ce*, relativo, por causa do verbo *rá*, «desatar», *cúry*, «pressa, velocidade». A ultima syllada de *cúry* sôa breve.

Allusivo a formar alagadiços; e, não obstante, ser muito veloz no curso.

Nada tem, portanto, este nome cousa alguma, nem com a ave *saracúra*, nem com os arbustos assim denominados da familia das Bigoniaceas e da familia das Onagrarias.

Sarandy.—Lagôa, á margem direita do rio *Taquary*, no município de Itapéva da Faxina.

Sarandy, corruptéla de *Carandi*, o mesmo que *carangi*, «ramos de pequenas arvores que com a corrente se dobram na agua».

Com efeito, esta lagôa tem as barrancas cheias de pequenos arbustos, cujos ramos flexiveis estão sob as aguas, á meroé da corrente.

Saran Grande.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, logo abaixo da fóz do ribeirão *Pirapó*, da província do Paraná.

Saran Grande, corruptéla de *Carârâ-aquâ-ne*, «resvaladeiro muitíssimo corrente». De *carârâ*, «resvaladeiro, deslizadeiro», *aquâ*, «correr», *ne* (breve), advérbio afirmativo, para exprimir superlativo.

Allusivo a concentrarem-se todas as aguas no canal, que existe encostado á barranca da margem direita do rio; e, por ser de muito desnívelamento, e pouco fundo, 0^m.50, a correnteza adquire velocidade ordinaria.

Sarapuhy.—Villa, á margem do rio *Sarapuhy*, affluente do *rocaba*.

Sarapuhy.—Affluente do *rocaba*, pela margem esquerda: e municípios de Sarapuhy, de São de Campo Largo de Sorocaba.

Sarapuhy, corruptéla de *Ce* «perseverantemente desnivelado saltos». De *ce*, relativo, *rá*, «se igual, desnivelar», *pô*, «salto», *i*, sição de perseverança.

Nos documentos antigos é *Carapoy*.

Allusivo a ser successivamente choeirado; e, descendo da serra, pita-se aos saltos.

Com efeito, o seu leito é per-

O significado «rio de carangue» simplesmente um disparate.

Sellado.—Morro, a leste de no município de S. José dos C

Morro, no município da Fra serra divisoria com Minas Gerae

Morro, entre os municípios de Parahytinga e de Parahybun

Sellado, corrupção de *Ce-rá-bo*. De *ce*, relativo, por causa do *r* «levantado, elevado», *bo* (breviformar supino).

Allusivo a serem pontos levadas serras.

Sem canal.—Cachoeira, no *rocaba*: no município de Tietê.

Sem canal, corruptéla de *C* «sahida ondeada». De *cê*, «sahida «cousa que se inicia».

Allusivo a espraiar-se ahí o mando a largura de mais de 1 tros, com um desnívelamento ex e, por isso, as aguas descem i sas, com grande velocidade, on e saltando por sobre o dique.

Sepitúba.—Logar, ao norte dade de S. Sebastião, onde out construído um forte.

Cachoeira no rio *Tietê*. Algu nominam *Sopé* por erro.

Sepituba, corruptéla de *Yê-pi-tib-a*, «logar natural de rodomoinhos». De *yê*, reciproco, para exprimir a acção da causa sobre si mesma, *pi*, «centro», formando *yê-pi*, «rodomoinhos», o mesmo que *yê-bi*, e mais exacto do que este, *tib*, «logar natural», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo quanto ao primeiro logar, a encontrarem-se as correntes do mar formando rodomoinhos; e, quanto á cachoeira, a correrem as aguas sobre leito gretado.

Serembura.—Afluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Izabel, de Jacarehy e de S. José dos Campos.

Serembura, corrupção de *Cerí-mbilérè*, «um pouco derramado». De *cerí*, «um pouco», *mbilérè*, o mesmo que *piérè*, «derramar». O primeiro *i* deste verbo tem som guttural.

Allusivo a transbordarem um pouco as aguas, formando alagadiço em suas margens.

E' um pequeno ribeirão.

Sernamby.—Porto, na ilha comprida: no municipio de Iguape.

Sernamby, corruptéla de *Cirí-ambi*, «cascas de ostras». De *cirí*, «apartar, separar», *ambi*, «lado, costado».

Allusivo a ser ahi um logar de ostreira.

(Vide o nome *S. Vicente*).

Serra.—Logar, no municipio de Cunha; notavel por ter uma fonte de agua *virtuosa*, cujos elementos principaes são magnesia, enxofre, cal, etc., e cujo uso já tem sido de muito proveito em molestias cutaneas e intestinaes.

Serra, corrupção de *Ce-ru*, «purgativa, vomitiva». De *ce*, relativo, por se tratar de verbo começado por *r*, conforme a lição dos grammaticos, *ru*, «revolver o estomago, causar enjôo».

Allusivo ás suas qualidades medicinaes.

Serra Azul.—Serra, no municipio de *S. Simão*.

Serra Axul, corruptéla de *Cérà-cý*, «um pouco escorregadio». De *cérà*, «um pouco, assim, assim», *cý*, «resvaladío, escorregadio». O *ý* é guttural.

Serra do Diabo.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*: é a ultima das mais difficiles. Antecede a corredeira *Estreito*.

Serra, á margem direita do mesmo rio e daquelle cachoeira.

Os indigenas sohiam denominar de modo quasi identico no som logares varios na mesma região; mas significando diversamente os nomes.

Serra do Diabo, nome da cachoeira, é corrupção de *Ce-rá-ti-âb-a*, «canal apertado, com altos e baixos». De *ce*, relativo, por causa do *r* de *rá*, «desigual, desnivelado, altos e baixos», *ti*, «apertado», *âb*, «abrir, raxar, gretar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, e significando «abertura, raxa, greta», por causa do relativo e por não ter caso.

Allusivo a que, nessa cachoeira, ha apenas um canal, junto á margem direita, estreito e semeado de arrecifes, com desnivelamento irregular.

Serra do Diabo, nome da serra, é corrupção de *Ce-rá-ty-âb-a*, «gretado, pontas altas e baixas». De *ce*, relativo, *rá*, «desigual, altos e baixos», *ty*, «ponta», *âb*, «abrir, raxar, gretar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante e significando «abertura, raxa, greta», por não ter caso.

Allusivo á desigualdade de sua parte superior, e ás grutas na parte inferior.

Serra Negra.—Cidade, na fralda da *Serra Negra*; serra esta divisoria das aguas dos rios *Camanducáia* e *Mogy-mirim*.

Serra Negra.—A que divide as aguas dos dous rios *Camanducáia* e *Mogy-mirim*: no municipio de Serra Negra.

A que divide as aguas dos rios *Tieté* e *Piracicaba*, proximo á fóz deste: no municipio de Piracicaba.

A que divide as aguas dos rios *Ita-petininga* e *Assunçao*: nos municipios de Sarapuh y de Iguape.

Serra Negra. corrupção de *Hérâ-n-yêrè*, «um pouco volteadora». De *herâ*, adverbio, «um pouco», *n*, complemento nasal de *hérâ*, para ligar esse adverbio à *yêrè*, «voltear». O nome contrahido e sendo aspirado o *h*, sóa *Cérâ-n-êrè*.

Allusivo às curvas que cada uma dessas serras faz, parecendo mais um grupo de montanhas, mais ou menos alcantiladas, do que uma só serra.

Sesmarias.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: nos municípios de Aréas e de Barreiro.

Sesmarias, corrupção de *Nhémâ-ri*, «successivas voltas e revoltas». De *nhémâ*, «volta e revolta», *ri*, posposição, significando «successivamente».

Allusivo á sua extraordinaria sinuosidade.

Sete Barras.—Povoação-freguezia, no municipio de Iguape.

Está situada em uma das barras do affluente do rio *Ribeira de Iguape*, que traz o nome *Sete Barras*; que é o já descripto *Quitóquo*.

(Vide o nome *Quitóquo*).

Sete ilhas.—Cachoeira, no rio *Parapanema*, acima da barra *Guarehy*.

Sete Ilhas, corrupção de *H-e-teii-ŷi*, «successivas concavidades». De *h*, relativo, *e*, intercalação necessaria para ligal-o á *teii*, «muitos, manada, companhia, collectividade», *ŷi*, «concavidade, abertura natural, seio, óco».

Embora existam ahí varias ilhas, o nome da cachoeira é allusivo aos poços profundissimos que ha no canal, á margem esquerda, menos impraticavel, de 16 metros de largura, por onde as aguas se precipitam em cascata e vão cahir em uma larga bacia.

Antes de penetrarem as aguas nesse canal, e em uma volta esquinada do rio, ha uma como muralha trancando-o quasi *inteiramente*; *e*, atravessada a passagem que ha nesta muralha, um ilhote granítico no centro do leito forma dous bra-

cos, obstruidos. E' o da margem esquerda que dá o nome á cachoeira.

Sete Peccados.—Extensa cachoeira com varios diques graníticos, no rio *Ribeira de Iguape*.

Sete Peccados, corrupção de *Teii-eté-pi-há-bo*, «logar de muitos degráus». De *teii*-*eté*, «muitos», *pi-há*, «degráu», *bo*, (breve), para exprimir «logar».

Allusivo ás successivas quédas que ha nessa extensão do rio; são, porém, pequenas quédas, e por isso o indigena disse—*pi-há*, «degráu».

Sete Taipávas.—Cachoeira, no rio *Mogy-guassú*; acima da corredeira *Es-caramuça*.

Sete Taipávas, corrupção de *H-e-teii-ytá-ii-pába*, «successives muralhas de pedra». De *h*, relativo, *e*, intercalação necessaria para ligal-o á *teii*, «muitos, manada, companhia, successão», *ytá*, «pedra», *ii*, «rijo, forte, duro», *pába*, particula de participio para exprimir logar, modo, instrumento, etc.

Allusivo a uma successão de diques graníticos no leito do rio.

O rio, nessa extensão da cachoeira, desce em escadaria.

Setubal.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de Una.

Setubal, corruptéla de *Ce-tuî-bae*, «o que faz bojo». De *ce*, relativo, *tuî*, «fazer bojo», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a, depois de ladear a serra *S. Francisco*, encosta sudoeste, derramar-se em alagadiço, porque suas aguas encontram resistencia, ao entrarem no rio *Sorocaba*, por causa da diferença do nível, e refluem.

Silveiras.—Cidade, entre as serras *Mantiqueira* e *Bocaina*, porém do lado da margem esquerda do rio *Parahyba*, no qual afflúe o *Itáguacába*, e neste o ribeirão *Guedes* (nome de uma família), e neste o ribeirão *Silveiros* (nome de

outra familia). O ribeirão *Silreiras* cõrta a cidade em duas partes.

(Vide o nome *Itáguaçába*).

O nome *Itáguaçába*, pronunciado *Itaçaba*, deveria ser o desta cidade.

O indigena era mais sabio do que os seus conquistadores, por quanto não admittia para denominação de logares o nome de quem quer que fosse, familia ou individuo.

Aquelles douz ribeirões *Silreiras* e *Guedes*, quando se reunem, proximo á cidade, formam uma linda e grande cascata, e dahi em diante seguem juntos em leito pedregoso.

Socorro.—Cidade, á margem esquerda do *Rio do Peixe*, affluente do rio *Mogy-guassú*.

(Vide o nome *Rio do Peixe*).

O nome procede da invocação da antiga freguezia: *Nossa Senhora do Socorro*.

Sorocaba.—Cidade situada em uma collina, na altitude de cerca de 40 metros sobre o nivel do rio *Sorocaba*, á cuja margem esquerda está, e na altitude de cerca de 540 metros sobre o nivel do mar.

O nome é do rio.

Sorocaba.—Rio formado por duas cabeceiras: o *Sorocabussú* e o *Sorocámirim*.

O primeiro nasce nos morros *Itatúba* e *Chiqueiro*.

O segundo, no morro *Cahucáia*. Afílue no rio *Tieté*, pela margem esquerda.

Estas duas cabeceiras, depois de reunirem-se, recebem pela margem esquerda o ribeirão *Una*, á cuja margem direita está a villa deste nome.

Sorocaba, corruptéla de *Corógc-ába*, «logar rasgado». De *corób*, «rasgar, romper», mudado o *g* em *c*, ou accrescentado este a aquelle, para formar o particípio com *cába*, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo a correr no logar rasgado por suas aguas, na serra S. Francisco.

E' um rio muito encachoeirado e sinuoso, com innumeros saltos.

Os nomes das cachoeiras e dos saltos, em tupi, têm sido substituidos pelos dos donos das terras respectivas. Ha, todavia, ainda alguns nomes: *Jurú-mirim*, *Jiquitáia*, *Sem-canal*, ainda que um pouco corrompidos: e outros.

As corredeiras abundam tambem, em todo o seu curso.

Por causa das cachoeiras, e dos saltos, sua navegação é impossivel.

Banha os municipios de S. Roque, Una, Piedade, Campo Largo de Sorocaba, Tatuhy e Sorocaba.

Sorocaba.—Pequeno rio que desagua no *Mar Pequeno*: no municipio de Iguape.

Este nome *Sorocaba* é corruptéla de *Curúgc-ába*, «pantanoso». De *curúg*, «atolar, esparzir, derramar, sorver», mudado o *g* em *c*, ou accrescentado este a aquelle, para formar particípio com *cába*, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasiliaca*.

Allusivo a correr em extensissima varzea, derramando-se e formando atoleiros e pantaneas.

A corruptéla é sómente no som; e, sem duvida, existindo *Sorocaba*, em serra acima, os portuguezes entenderam ser o mesmo nome tambem na varzea.

A corruptéla deveria ser *Surucába*.

Com effeito, ao sul da cidade de Iguape, littoral do *Mar Pequeno*, estende-se uma varzea immensa, cortada por varios rios, ribeirões, corregos e sangas.

Suá-mirim.—Enseada formada pelo rio *Ribeira de Iguape*, á margem direita: no municipio de Iguape. E' um verdadeiro sacco, de quasi uma legua, com agua morta.

Suá, corrupção de *Guái*, «enseada, bahia, golfo»: *mirim*, para distingui-la da enseada *maior*, que é a fóz do rio *Ribeira de Iguape*.

(Vide o nome *Iguape*).

Em *Sud-mirim* ha um porto; e para este porto ha a communicação com o rio *Una d'Aldêa*, por um furado de seis a oito metros de largura. As viagens entre a villa de Itanhaen e a cidade de Iguape têm por escala esse porto.

Sucury.—Corredeira, no rio *Mogy-quassú*.

Sucury não tem relação alguma com a grande cobra aquática, que traz esse nome. (*)

Sucury é corruptéla de *Çu-cury*, «velocidade, altos e baixos». De *çú*, «altos e baixos», *cury*, «velocidade, presteza, pressa».

Allusivo a ser uma corredeira, com arrecifes no leito do rio.

(*) Em nota avulsa : O dr. LACERDA E ALMEIDA, no seu *Diário de viagem nos annos de 1780 a 1790*, refere-se a um ribeirão *Su-*

cury, affluente do *Tietê*, em seguida à corredeira *Açú-quassú*. E, então, explica assim o nome: «...por de uma cobra deste nome de extraordinaria grandezza que vinham em comitiva, julgando ser umas Escravas que lhe deitar fogo para se aqueciam a toda a noite: com o calor se moveu o supposto trocheio de admiração todos se tiraram do engano e estavam...» Ora, quem tem viajado sabe quanto é inventiva dos companheiros, principalmente quando caçadores. Ainda assim, o ilustre dr. LACERDA E ALMEIDA acrescenta: «Esta é a tradição, e muita verosímil porque tem viajado por este novo mundo, onde a cada dia encontra cousas que teriam por fabulosas, tivessem sido testemunhas oculares.»

Supiriry.—Affluente do rio *Sorocaba* pela margem esquerda: no município de Sorocaba.

E' um corrego que banha a cidade de Sorocaba pela face-norte.

Supiriry, corruptéla de *Çú-pyryri*, «altos, altos e baixos». De *çú*, «altos e baixos», *pyryri*, «ligeiro, veloz».

Allusivo á sua extraordinaria certeza, sobre leito irregular.

T

Tabatinga. — Rio, que, nascendo na serra marítima, desagua no oceano: serve de divisa aos municipios de Caraguatuba e de Ubatuba.

Tabatinga, corruptéla de *Ti-bytì-nга*, «agua turva». De *ti*, «agua, rio», *bytì*, o mesmo que *pytì*, «turvar», como o sufixo *nга* (breve), para formar supino. O som do *i* de *ti* é guttural, como *a* fechado; e, por igual, o som do *y*. Dahi a pronuncia—*Tabatinga*.

E, segundo o sistema dos indigenas, de assignalar com nomes de som identico ou quasi identico logares varios na mesma região, mas com significados diversos, é certo que aquelle rio corre em terreno cuja formação geologica é de grés, schistos argilosos e calcareos, produzindo o «barro branco», denominado pelos indigenas—*tabatì-nга*.

Denominando *Ti-bytì-nга* o rio, assinalaram que, ao mesmo tempo que a região era de *tabatì-nга*, turva era a agua do rio.

Tabatinguára. — Lagoa, e rio: no município de Cananéa.

Tabatinguára, corruptéla de *Ti-bytì-nгуára*, «agua turva». De *ti*, «agua, rio», *bytì*, «turvar», *гуára*, precedido do *n* por ser nasal a palavra anterior, para exprimir qualidade natural. O *i* de *ti*, e o *y* de *bytì*, têm pronuncia guttural, sendo que aquelle *i* de *ti* soa como *a* fechado.

Com effeito essa lagoa, e o rio em que ella despeja suas aguas por um pe-

queno ribeiro de muitas curvas, mostram-se turvos.

A razão disso é a *tabatì-nга*, «barro branco», de que é formada essa região. O indígena, denominando assim a lagôa e o rio, assinalou ao mesmo tempo a natureza do terreno, segundo o seu sistema na sciencia das denominações.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, no *Diario de uma viagem mineralogica pela provinicia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu *Tabatingura* como o nome do rio, mas com erro evidente. Nesse rio, escreveu elle ter achado «bancos de uma argilla branca»; e isso mostra a natureza do terreno naquella região.

Tabatinguêra. — Encosta, leste do morro em que está situada a cidade de S. Paulo: acompanhando a margem esquerda do ribeirão *Tamanduatehy*.

Tabatinguêra, corruptéla de *tabatì-nгуé-ru*, «encostas de barro branco, como por accrescimo». De *tabatì*, «barro branco», *ngуé*, fórmula nasal de *iqué*, «lado, encosta», e *ru*, «accrescentar, accrescer, accrescimo».

Allusivo a que o morro não é dessa formação geologica; mas tem nesta encosta «barro branco», como que accrescentado. (*)

(*) Em nota avulsa:

Outra interpretação é esta: *Taba*, «pavoação», (*tingoéra*, «dos brancos»), porque cuéra ou coéra, guára ou goéra, poderia ter sido usado como absoluto no presente, segundo a lição dos grammaticos. Mas, a coincidência não é razão suficiente para seja essa a verdadeira explicação.

Taboão.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Lorena. A' sua fóz está assentada a cidade de Lorena.

Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem esquerda: no municipio de Cunha. Ha ahi um registro para os direitos de sahida dos productos que descem a serra, transpondo os limites para a provincia do Rio de Janeiro.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

Affluente do ribeirão *Tapuxinga*, pela margem esquerda: no municipio de Bragança. E' o mesmo *Lavapés*, que banha a cidade de Bragança: em sua cabeceira é *Taboão*.

Cabeceira, com o ribeirão *Mosquito*, do ribeirão *Jacarehy*: no municipio de Santo Antonio da Cachoeira.

Affluente do ribeirão *Potribú*, pela margem direita: no municipio de S. Roque.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Piedade.

Taboão, corruptéla de *Ta-puã*, «empinado». De *t*, relativo, *apuã*, «levantar, empinar».

Allusivo a terem leito ingreme, correndo em cascata, em varios logares.

São notaveis as cascatas do *Taboão*, de Cunha.

Tabúna.—Serra, no municipio de Ca-jurú.

Tabúna, corrupção de *Ytá-ibŷ-na*, «morro ôco». De *ytá*, «pedra, morro, monte», *ibŷ*, «ser ôco, concavo, cavernoso, gretado», com o suffixo *na* (breve), para formar supino. O *y* tem pronuncia guttural: dahi o som de *ü*, formando a palavra *Ytá-ibù-na*.

Allusivo a ser cavernoso, com grutas.

Em *ytá*, significando «morro, monte», usam fazer a aphéresis do *y* inicial.

Tachinho.—Morro, no serrote da ilha S. Vicente. *Tachinho*, corrupção de *Tachŷ*, «escorregadio». De *t*, relativo, *achŷ*, o mesmo que *cŷ*, «escorregadio, resvaladío, lubrico».

Neste morro, ha uma cachoeira que desagua para as duas encostas,—a do mar e a do caminho entre a cidade de Santos e a villa de S. Vicente.

Taquaré.—Rio, que nasce na serra maritima e desagua no oceano: no municipio de Santos.

Taquaré, corruptéla de *T-aquá-ré* «successivamente esquinado». De *t*, relativo, *aquá*, «esquinhar», *rehé*, posposição significando, neste caso, «successivamente».

Allusivo a ser muito sinuoso, formando voltas agudas.

Taiassupéba.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

Não se trata de porco-chato, *tayacú-pé-bae*; o ribeirão nada tem com porcos, a não ser que, por alagadiço, esses animaes o apreciariam para revolverem-se no lodo.

Taiassupéba, corruptéla de *Tayuá-húu-pé-bae*, «plano, alagadiço, pegajoso». De *t*, relativo, *ayuá*, «pegajoso, limo, lodo», *húu*, «atolar em lodo, borra, fézes, detritos, etc.», *pé*, «ser plano, chato», com a particula *bæ* (breve), para dar a fórma de participio.

Allusivo a ser quasi parado, e pantanoso.

Com efeito, é pegajosa a lama que esse ribeirão fórma em seus alagadiços; e não tem declive algum notavel o seu curso.

Taim.—(Vide o nome *Itaim*).

Taipú.—(Vide o nome *Itaipú*).

Tamanduá.—Affluente do ribeirão *Piranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Rio Novo.

Dous affuentes do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no municipio de S. Simão. O menor é *Tumanduasinho*.

Tamanduá, corruptéla de *T-ã-mãndu-á*, «empinado, impedimentos, ruido, sinuosidades». De *t*, relativo, *ã*, «em-

pinar», *mā*, «impedimento», *ndú*, «ruido, estrepito», *á*, «volver, dar voltas», segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a ser sinuoso, encachoeirado, com successivos saltos, formando permanente ruido ou estrepito em todo o seu curso; porque, sendo ingreme o seu leito, as aguas precipitam-se de cachoeira em cachoeira, de salto em salto.

Tem o primeiro apenas vinte kilómetros de extensão; e sua largura regula de dous a quatro metros.

Pode abundar ahi o *tamanduá*, pequeno quadrupede, comedor de formigas: da ordem dos desdentados, conhecido na sciencia por *Myrmecophaga*. O *tamanduá-uçú*, tambem conhecido por *bandeira*, á cuja semelhança fluctúa a cauda coberta de longos pellos brancos e negros, é a especie maior; medindo um metro, mais ou menos, sem o comprimento da cauda, cuja extensão é igual á do corpo. Tem o pescoço curto; e a cabeça, desde o alto até ao extremo do focinho, é comprida. A cõr é cinzenta-parda, com uma lista preta de cada lado do peito, unindo-se uma e outra nas costas. Olfacto fino. As unhas são as suas terríveis armas. A *onça* não lhes resiste, seja qual fôr a sua corpulencia; e não larga a presa senão depois de reconhecel-a morta: por isso, na luta com a onça, quasi sempre morrem os dous animaes, *abraçados* um ao outro. O couro é bastante duro e resistente. Alimenta-se de formigas e de capim: estende a lingua no formigueiro, ou dentro do monticulo do capim, em algum furo, e esses animalculos, furiosos, agarram-se a ella; quando bem repleta e carregada, recolhe-a á boca, e sorve tudo aquillo de uma vez.

As outras duas especies menores usam do mesmo alimento, e do mesmo processo para recolhel-o: variam, porém, na cõr, e no tamanho, bem como na cauda, cuja extremidade é pellada e agarradora, diversamente da do *tamanduá-bandeira*. A cõr é amarellada; e as duas listas negras partem obliquamente as espaduas e unem-se naanca, acima da cauda.

Todas estas especies têm quatro unhas dianteiras e cinco trazeiras.

Ha, porém, ainda uma especie menor, conhecida por *tamanduá da varzea*, que não tem as listas negras lateraes; apenas manchas dessa cõr, triangulares. O amarello é a sua cõr geral; especialmente no pescoço e na cabeça. O pello do dorso, amarello-pardo-escuro.

Finalmente mais uma especie, menor de todas; pois que o quadrupede tem apenas o tamanho de trinta centímetros; duas unhas dianteiras, e quatro trazeiras; pello compacto, sedoso, brilhante; pelle do corpo, e as extremidades, cõr de rosa. A cõr geral do pello é, em uma dessas sub-especies, amarello cõr de ganga, e na outra, pardo-escuro. Ambas têm no dorso as listas quasi negras.

Mas, voltando ao *tamanduá-bandeira*, accrescentarei que elle não fôge ao inimigo; ao contrario, espera-o, erguendo-se sobre as patas trazeiras e ficando de pé, a fim de abraçar quadrupede ou pessoa que se lhe approximar. Por causa disso, é narrada a anedocta de um estrangeiro que, ao vêr o *tamanduá-bandeira* tão risonho e de braços abertos, foi ao seu encontro, e, tão apertado abraço recebeu, que morreu nos braços daquelle que se lhe afigurava um *amigo*. Ha uma phrase notavel: «tão desleal como o *tamanduá-bandeira* com seus abraços».

Tamanduá.—Serra, no municipio da Franca.

Tamanduá, corrupção de *T-ã-ma-ty-á*, que, por causa do som nasal de *ã*, nasalisa tambem *ty*, mudando o *t* em *nd*, e, portanto, soando *T-ã-ma-ndy-á*, «empinado, com pontas erectas». De *t*, relativo, *ã-ma*, supino de *ã*, «empinar», *ty*, «ponta», *á*, «erecta».

O *y* de *ty* tem som guttural.

Allusivo ás suas encostas alcantiladas, e aos seus picos.

Tamanduá.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, acima do *Sullo Grande*.

T-ã-nã-ndú-á, «empinada, impedimentos, estrepito, torcida». De *t*, relativo,

ā, «empinar», *mā*, «impedimento», *ndū*, «estrepito, ruido», *á* «torcer».

Allusivo a ser ingreme, tortuosa, com arrecifes, fazendo as aguas grande estrepito.

Com effeito, é esta uma das cachoeiras de mais difícil pratica, por causa de forte desnívelamento do leito, que a torna quasi um despenhadeiro, sinuoso e semeado de arrecifes.

Tamanduá.—Affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem direita: entre os municipios de Rio Novo e de Botucatú.

Affluente do ribeirão *Banharão*, pela margem direita: no municipio de São Manoel do Paraiso.

Tamanduá, corruptéla de *T-am-am-ndi-á*, «muitas quedas, successivamente empinado». De *t*, relativo, *am*, «empinar», repetido, para exprimir a successão do mesmo facto, *ndi*, «muitos», *á*, «cahir».

Tamanduatehy.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda. Banha a cidade de S. Paulo pela face leste; e separa ás duas freguezias da Sé e do Braz.

E' o mesmo rio *Piratininga*.
(Vide o nome *Piratininga*).

Tamanduatehy, corruptéla de *T-amândaeteí*, «muitos rodeios». De *t*, relativo, *amā*, «rodeio, volta», *ndaeteí*, «muitos».

Allusivo a ser muito sinuoso este ribeirão.

No significado é quasi o mesmo do nome *Piratininga*.

Tambahú.—Affluente do ribeirão *Tremembr'*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

E' o mesmo significado do nome seguinte—*Tambahy*.

Corre ingreme e apertado entre os montes divisórios das suas aguas com as de *Piahy*, á direita, e com as do *Cachoeira*, á esquerda.

Tambahy.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: no municipio de *Casa Branca*.

Tambahy, corruptéla de *T-á-mb-yí*, «concavo e empinado». De *t*, relativo, *á*, «empinar», *mb*, particula de intercalação nasal, *yí*, «concavo, óco, abertura, seio». O nome é pronunciado como *Tambahú*. Já li *Tombahú*.

Allusivo a ter ingreme o leito, e a correr apertado entre montes.

De facto, este ribeirão corta a serra *Quebra-cúia*.

Tambaré-piracá.—Cachoeira, no rio *Tieté*: entre os municipios de Parnahyba e de S. Paulo.

Ha ahi proximo um porto, para comunicação dos moradores de uma e de outra margem do rio.

Tambaré-piracá, corruptéla de *T-am-bára-hé-pi-rá-aquá*, «sahida empinada, fundo desigual, esquinada». De *t*, relativo, *ambára*, participio do verbo *á*, «empinar, em pé», *hé*, «sahida», *pi*, «fundo, centro», *rá*, «desigual, não nivelado», *aquá*, «esquinar».

Allusivo a ser uma cachoeira empinada e esquinada, acabando em um dique, sobre o qual saltam as aguas para seguirem o seu curso.

Este dique granitico, qne atravessa o rio, de uma a outra margem, é de pouca altura ou de pequeno desnívelamento.

Tanquinho.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Jacarehy.

Tanquinho, corruptéla de *T-á-ng-yí-na*, «empinado e cavernoso». De *t*, relativo, *á*, «empinar», *ng*, intercalação nasal, *yí*, «concavar, ter gretas, cavernas, óco», com o sufixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter ingreme o leito, e neste concavidades e gretas, pelas quaes passam as aguas.

Tapanhoã.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santa Izabel, de Jacarehy e de S. José dos Campos, aos quaes em parte, serve de divisa.

Outros escrevem *Tapanhon*; e já li *Tapinhoã*, que é o exacto e verdadeiro.

Tapinhoã, ou *T-a-pi-nho-ã*, «empinado, e ladeador». De *t*, relativo, *api*, «claro», *nho*, reciproco, *ã*, «empinar».

Allusivo a ser muito sinuoso, ladeando morros, em leito ingreme.

Nasce na serra *Mantiqueira*.

Tapéra Grande.—Serra, entre os municípios de Mogi das Cruzes, de Conceição dos Guarulhos e de Narareth. Ao oeste da serra *Itaberába*; porém muito menos elevada.

Não se trata de *tapér-a*, «logar que foi povoado e está abandonado»; imprópriamente applicado a terreno outr'ora cultivado e ora coberto de matto fino, que era e é *tiguêra*, «logar largado, não perseverado, deixado, acabado».

Tapéra Grande é corrupção de *Ytá-pé-roguámbi*, «fralda do morro brilhante». De *ytá*, «pedra, morro granítico, pedra», *pé*, «brilhar, resplandecer», *roguámbi*, «fralda de serra».

Allusivo a ser a fralda da serra *Itaberába*, «penha que brilha».

(Vide o nome *Itaberába*).

Com efeito, a serra *Itaberába* tem por fralda a *Tapéra Grande*, pelo sudoeste.

Taperovira.—Serra, mencionada no título de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de Outubro de 1532: «... a serra de *Taperovira*, que está da banda d'onde nasce o sol, com águas vertentes com o rio *Jarabatyba*, o qual rio e terras estão defronte da ilha de S. Vicente, d'onde chamam *Gohayó*...».

Taperovira, corruptela de *T-apir-o-bir-a*, «ponta alta». De *t*, relativo, *apir*, «ponta», *o*, reciproco, *bir*, «altear, levantar, elevar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Quer pela descrição supra, quer pelo significado, é o mesmo *Tapuribetéra*.

(Vide o nome *Tapuribetéra*).

O nome *Jarabatyba* é o mesmo *Gerybatyba*.

Tapipuai.—Cachoeira, no rio *Mogyguassú*.

Tapipuai, corruptela de *T-apipi-ai*, «muito apertada». De *t*, relativo, *apipi*, «apertar», *ai*, para exprimir excesso.

Allusivo a estreitar-se ahi muito o rio.

Tapirema.—É a mesma praia *Peruibe*.

(Vide o nome *Peruibe*).

Tapirema, corruptela de *T-apir-eym-a*, «sem fim». De *t*, relativo, *apir*, «princípio e fim da causa», *eym*, particula de negação, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Sua extensão é de mais de quarenta kilometros.

Tapuribetéra.—Serra, mencionada no instrumento de posse da sesmaria de Pedro de Góes, de 15 de Outubro de 1532, servindo de testemunhas João Ramalho e Antonio Rodrigues: «... a serra *Tapuribetéra* que está da banda d'onde nasce o sol, águas vertentes com o rio de *Gerybatyba*, o qual rio e terras estão defronte da ilha de S. Vicente...».

(Vide o nome *Taperovira*).

Tapuribetéra, corruptela de *T-apir-ibaté-rô*, «ponta alta». De *t*, relativo, *apir*, «ponta», *ibaté*, «alto, elevado», *rô*, «pôr-se, estar».

Allusivo a ser uma serra com pico alto.

E' a mesma serra, que traz indevidamente o nome *Jurubatuba*, por obra e arte dos portuguezes.

O nome *Jurubatuba* é por causa de nascer nessa serra o rio *Gerybatyba*. Não podendo reter o nome *T-apir-ibaté-rô*, denominaram a serra com o nome do rio, e, ainda assim, estragado em *Jurubatuba*.

Tapuxinga.—(Vide os nomes *Bragança*, *Canirete* e *Itapixinga*).

Taquamvira.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Iporanga.

Taquamvira, corruptela de *T-acangimbira*, «o seccado». De *t*, relativo, *acang*, «seccar, enxugar», que, por ter som na-

sal, faz mudar *pira*, particula passiva, em *mbira*.

Allusivo a ficar secco, quando não ha chuvas.

Já li escripto assim o nome deste ribeirão: *Taquanrovira*, que é a mesma corruptéla.

Taquandúba.—Praia, na ilha de S. Sebastião.

(Vide o nome *Itaquantúba*).

Taquanrovira.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iporanga.

E' o mesmo *Taquamvira*.

(Vide o nome *Taquamvira*).

Taquaral.—Nome que tem o ribeirão *Guaratinguetá* quando desce da serra *Mantiqueira*.

(Vide o nome *Guaratinguetá*).

Affluente do *Rio dos Veados*, pela margem direita, e este—affluente do rio *Pirapitinga*, pela margem esquerda: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Taquaral, corruptéla de *T-áquâ-ára-á*, «muito corredor». De *t*, relativo, *áquâ*, «correr», levado ao participio activo pela particula *ára*, e *á*, «muito».

Allusivo a ter grande correnteza, por causa de ter ingreme o leito.

Taquarantan.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de S. João da Boa Vista.

Taquarantan, corruptéla de *T-áquâ-ára-atã*, contrahido em *T-áqu'-ár'-atã*, «corre estirado». De *t*, relativo, *áquâ*, «correr», levado ao participio pela particula *ára*, que exprime accão de agente, *atã*, «estirado, tesão, direito».

Allusivo a correr muito, e sem voltas, mas em linha recta.

E' um pequeno ribeiro.

Taquararira.—Morro, mencionado no titulo de sesmaria de Pedro de Goes, de 10 de Outubro de 1532: no municipio de Santos.

Taquararira, corruptéla de *T-áquâ-ár'-rô*, «ponta altissima». De *t*, relativo,

áquâ, «ponta», *ár*, «muito», *ári*, «sobre», *rô*, «pôr-se». Por contracção *T-áqu'-ár'-rô*.

Allusivo a ser o morro mais alto naquelle região.

No instrumento de posse dado a Pedro de Goes o nome *Taquararira* foi mudado em *Tecoapára*.

(Vide o nome *Tecoapára*).

Ignoro se será o mesmo morro.

No titulo de sesmaria está escripto: «as terras de *Taquararira*».

No instrumento de posse foi escripto: «as quaes terras se chamam *Tecoapára*».

Taquaravary.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de Sorocaba.

Taquaravary, corruptéla de *Ti-aû-quâr-aib-a-ri*, «máu por causa de poços de agua suja». De *ti*, «agua», *aû*, «suja, sujidade», *quâr*, «poço, fojo, buraco», *aib*, «máu», com o acrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *ri*, posposição significando, neste caso, «por causa». A palavra *aû* é sempre posposta ao objecto ou cousa, em que está a sujidade.

Allusivo a ser pestilento, por causa das aguas paradas e apodrecidas em poços ou buracos.

Ainda é a mesma formação geologica do leito do ribeirão *Piragibú*.

(Vide o nome *Piragibú*).

A diferença unica é que o ribeirão *Piragibú* tem maior volume de agua e correnteza mais forte para revolver e lavar os seus poços.

Taquarussú.—Serra, no municipio de Apiahay.

Taquarussú, corruptéla de *T-áquâ-aruçú*, contrahido em *T-áqu'-aruçú*, «muito pontuda». De *t*, relativo, *áquâ*, «ponta, ser pontudo», *aruçú*, «muito», segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a ter picos muito altos.

Taquary.—Serra, no municipio de Buquira.

Morro, no municipio de Cananéa.

Rio, que nasce deste morro, e desagua na bahia *Trapandé*.

Afluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Xiririca.

Afluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: entre os municipios de Apiah, S. João Baptista do Rio Verde, S. Sebastião do Tijuco Preto, e de Itapeva da Faxina, servindo de divisa a estes tres ultimos. A' margem direita deste ribeirão está a lagoa *Sarandy*: no municipio de Faxina.

(Vide o nome *Sarandy*).

Taquary, escreveu frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, no seu *Glossario de palavras indigenas*, que significa «rio das taquaras, ou canna brava!»

E' provavel que, nesses logares, exista a *taquara*; fazendo o indigena com isso o jogo linguistico.

Taquary, nome da serra e do morro, significa «pontuda, ou pontudo», de *t*, relativo, *áquâ*, «ponta», *ri*, posposição significando, neste caso, «com».

Taquary, nome dos ribeirões, significa «perseverantemente corrente». De *t*, relativo, *áquâ*, «correr», levado ao particípio activo pelo accrescimo da particula *ára*, «corrente, corredor», *i*, posposição de perseverança: *T-áquâ-ára-i*, contrahido em *T-áqu'-á'r-i*.

Taquatira.—Serrote, no municipio de S. Paulo. E' visto na estrada que comunica a freguezia de N. S. da Penha de França com a villa da Conceição dos Guarulhos.

T-áquâ-atir-a, «montão pontudo». De *t*, relativo, *áquâ*, «ponta», *atir*, «montão, elevação», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Por contracção *T-áqu'-atir-a*.

Allusivo a ter esse serrote uma ponta de pedra que parece quasi a despenhar-se no corrego, e na lagôa em que este nasce.

Tarapandé.—(Vide o nome *Trapandé*).

Tararé.—Nome com que é conhecida a praia de S. Vicente.

(Vide o nome *Itarare*).

Ahi foi fundada por Martim Affonso de Souza a primitiva villa de S. Vicente, em 1532; e dahi foi removida para o local actual, afim de que a povoação ficasse resguardada das grandes marés.

Tararé, corruptela de *T-araá-ré*, «apta para enfermidades». De *t*, relativo, *araá*, «enfermidade, doença», *ré*, o mesmo que é, «apto, apropriado».

Allusivo a curar enfermidade o banho nessa praia.

Tatetúba.—Afluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de S. José dos Campos.

Tatetúba, corruptela de *T-atey-úi-bae*, «o que reflue e torna-se frouxo». De *t*, relativo, *atey*, «frouxo», *úi*, «refluir, rebojar, fazer bojo», com a particula *bae* (breve), para formar particípio, significando «o que».

Allusivo a encontrar dificuldade e resistencia no desaguar no rio *Parahyba*, formando por isso alagadiços, com o refluxo das aguas.

Tatú.—Morro, no municipio de Iporanga.

Tatú, «pequeno». De *t*, relativo, *atú*, «curto, pequeno, baixo».

Tatú.—Afluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: no municipio de Limeira. A' sua margem esquerda está a cidade de Limeira, em uma collina.

Tatú, corruptela de *T-ytú*, «sujo». De *t*, relativo, *ytú*, «sujo». O *y* tem som guttural.

Allusivo a ter turvas as aguas.

Penso, porém, que o nome *Tatú*, dado a esse ribeirão, é uma abreviatura de *tatuhiby*.

(Vide o nome *Tatuhiby*).

Não tem, portanto, referencia alguma ao animal *tatú*, conhecido na sciencia por *Dasyurus*, do qual ha varias especies:—o *tatú-assú*, conhecido por *canastra*, e na sciencia *Dasyurus gigas* (especie pouco numerosa); o *tatú-pébae*, na sciencia *Dasyurus gilripes*, ou o *Dasyurus sexcintus* de LINNEO, que BU-

RON havia denominado *encoubert*; o *tatú-éte*, não considerado *Dasyphus*, na sciencia, por causa do sistema dentario; o *tatú-apára*, conhecido por *tatú-bóla*, e na sciencia *Dasyphus tricinctus*; o *tatú-aiba*, conhecido por *tatú do rabo molle* e na sciencia *Dasyphus unicinctus*.

As diferenças entre estas especies só existem, além do tamanho e da côr, no numero dos dentes e na fórmula e numero das cintas. Quanto ao mais, cinco dedos, armados de unhas irregulares, compridas e curvas, alimentação de insectos e de carnes apodrecidas, costumes, entre os quaes o de viver em buracos ou *t-ógea*, etc., demonstram a unidade do genero.

O *tatú-assú*, que é o maior, mais de um metro de comprimento, tem a dentadura composta de $\frac{50}{48}$, quando de idade completa. O corpo é defendido por doze cintas osseas moveviças; e tambem o é a cauda, cujo comprimento é metade do corpo. O pello na barriga é esbranquiçado.

O *tatú-pé-bae*, corrompido em *tatú-péba*, tem a dentadura composta de $\frac{18}{20}$. O corpo defendido por sete cintas osseas moveviças; e igual defeza tem na cauda. A côr do pello na barriga, e nos élos brancos da parte trazeira do casco, é amarelo-esbranquiçado. O casco é «achatado»; e, por isso, *pé-bae*. O tamanho do corpo é de 0^m,5 de comprimento; e pouco menos de metade tem a cauda. Focinho comprido; orelhas grandes, semi-circulares, e quasi sempre eretas; olhos pequenos e vivos. É apreciado como alimento.

O *tatú-éte*, que pelo nome indica ser «legitimo e bom», *éte*, tem a dentadura de $\frac{16}{16}$; e a femea em vez de duas mamas como as outras especies, tem quatro. Tambem só tem quatro dedos nas extremidades dianteiras. São nove as cintas osseas moveviças que defendem-lhe o corpo; e igual defeza tem a cauda, bem como o pescoço e os pés, embora as *escamas* ou *cintas* do pescoço e dos pés sejam menos duras. A barriga é igualmente escamosa, porém de escamas

menos duras. Esbranquiçada é a côr do pello. E' a especie mais procurada para alimento; mesmo porque é tida como não apreciadora de carnes apodrecidas.

O *tatú-apára* tem o sistema dentario como o anterior. Seu comprimento não excede a 0^m,38, afóra a cauda, que tem 0^m,7. É denominado *apá-ára*, ou *apá-ra*, «o que se encolhe»: allusivo a encolher-se, formando uma *bóla*; para o que, tem o casco com bordas salientes, e as cintas com a fórmula e a contractibilidade precisas, a fim de que o animal possa encolher-se inteiro, inclusive cabeça e extremidades dianteiras e traseiras, dentro daquelle casco. As cintas do corpo são sómente tres; e tambem escamosa é a cauda. A côr é amarella-cinzenta. A barriga é lisa; e apenas com alguns pellos.

O *tatú-aiba* é a peior qualidade, como o nome o designa, *aiba*, «ruim, mau». É tambem o menor. Aprecia muito os cemiterios.

A força muscular de todas essas especies é enorme; e não ha força humana capaz de abrir um *tatú-apára*, quando se encolhe.

Da cauda do *tatú-assú*, descarnada e sêcca, os indigenas fazem uma especie de buzina, ou *mburé*, usada em suas festas e dansas.

Do casco do *tatú-apara*, por sua fórmula e contractibilidade, elles fazem cestas, denominadas *yrú*.

Mas, em summa, o indigena não cogitou do *tatú* para nomear o morro acima descripto.

Tatuapé. — Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Tatuapé, corrutéla de *Tytu-apé*, «raso e sujo». De *t*, relativo, *ytú*, «sujo», *apé*, «superficie, plano, chato».

Allusivo a ter turvas as aguas; e correr na superficie, sem fundo notavel.

Ao mesmo tempo, o indigena, usando do nome *Tatuapé*, fez um jogo linguistico; porque assignalou correr esse corrego junto ao «sopé do morro», que

tambem designam por *atuapé*, precedido do *t*, relativo.

Tatuhiby.—Era o nome inteiro do ribeirão *Tatú*, que banha a cidade da Limeira.

(Vide o nome *Tatú*).

Tatuhiby, corruptela de *T-ytú-ibiy*, «sujo e raso». De *t*, relativo, *ytú*, «sujo», *ibiy*, «baixo, pequeno». O *y* primeiro tem som guttural; e o ultimo tem o mesmo som, porém breve e quasi imperceptivel.

Tatuhiby era o nome primitivo da povoação, hoje cidade de Limeira.

Tatuhy.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Tatuhy*.

Este ribeirão *Tatuhy* é affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda.

Tatuhy, corruptela de *T-ytú-i*, «perseverantemente sujo». De *t*, relativo, *ytú*, «sujo», *i*, posposição de perseverança. O *y* tem pronuncia guttural.

Com effeito, este ribeirão corre sobre terreno, cuja formação é carbonifera, e na qual se encontram calcareos silicosos e fossiliferos. Na serra, que divide as aguas do ribeirão *Tatuhy* das do rio *Guarehy*, altitude de cerca de 710 metros, «apparecem pouco abaixo de uma delgada camada de calcareo silicoso róseo, alguns fosseis silificados, como madeiras de Coníferas, folhas de Lepidodendrons, e conchas mal conservadas», segundo os estudos e exames da Comissão Geographica e Geologica da província de S. Paulo.

O nome do ribeirão *Tatuhy*, *T-ytú-i*, corresponde perfeitamente á formação geologica daquella região.

Tatupéva.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no município de Iporanga.

Tatupéva, corruptela de *T-ytú-pé-bae*, «sujo e raso». De *t*, relativo, *ytú*, «sujo», *pé*, «chato, plano», *bae* (breve), para dar a forma de participio, significando «o que é».

Tem pouca correnteza, visto que tem pouco declive.

Taubaté.—Cidade, situada em um planalto, á margem direita do rio *Parahyba*, distante deste 6 kilometros.

Foi primitivamente uma aldêa de indigenas *goiá-ná*, ou *guayanazes*, vencidos em *Piratininga*, e para lá fugidos.

(Vide o nome *Piratininga*).

O nome desta povoação tem sido de turpado: *Itaboaté*, *Taboaté*, *Tahubaté*, *Tabaté*, e ora *Taubaté*.

Dispersados os *goia-ná* vencidos em *Piratininga*, muito antes da vinda de Martim Affonso de Souza, tomaram, em grupos numerosos, direcções varias. A mór parte foi fazer *tába* no lugar, em que é hoje a cidade de *Taubaté*. E, porque alguns daqueles grupos se deixaram escravizar pelos vencedores, e outros seguiram para os sertões do rio *Paranapanema* e da serra *Apucarana*, aquella *tába* foi denominada pelos *goiá-ná*, que fundaram-na, *Tab-a-éte*, «tába legitima»: de *táb-a*, «povoação, aldeia», *éte*, «legitima, verdadeira, antiga, superior». Allusivo a ser essa a *tába* principal e legitima.

Portanto, o nome *Taubaté* é corruptela de *Tab-a-éte*.

Os *goiá-ná*, desta *tába*, estiveram em correspondencia de alliança e amizade com os indigenas da bahia do Rio de Janeiro (*), designados corruptamente *tamoyos*, por serem inimigos dos *t-ípi* ou *tupi*, dominadores em *Piratininga* e no respectivo littoral.

(*) Aproveito a oportunidade para assinalar os nomes corruptos *Pão de assucar*, *Netheroly*, *Guanabára* e *Orgânia*, visto que referi-me á bahia do Rio de Janeiro.

Pão de assucar, corruptão de *Pau-né-acú-quá*, «ilhas, altos e baixos pontudos». De *Pau*, «ilhas», *nd*, intercalação nasal, *acú*, «altos e baixos», *quá*, «pontudos». Este *quá* é pronunciado breve, porque o accento predominante está em *acú*: por aphéresis perdeu o *á* que o deveria preceder, *acú*, e que também em sua fôrma primitiva o tornava breve. Sôa *pa ou ca* (breve). Allusivo ás ilhas numerosas dentro da bahia, e aos montes lateraes, uns mais altos que outros, formando a perspectiva de altos e baixos pontudos. Illegitimamente, portanto traria esse nome tupi o pico, que está á entrada da bahia, ao sul. Por isso, cogitei de *Pão de assucar* como sendo a mesma corruptão, mas significando *Pau*, «monte insulso», *nd*, intercalação nasal, *acú*, «grande», *qui*, «ponto». Allusivo a ser um pico bem distinto dos outros montes lateraes da bahia, não só por sua situação e grandeza, como pela fôrma pontuda.

Netheroly, corruptela de *Nda-y-térö-i*, perdendo a particular negativa *a*, por existir adiante a vogal *y*, e soando portanto *N'-y-térö-i*, «sem tortuosidades». De *nda*, particula de negação cujo *d* não sóa, *y*, relativo, *térö*, «tortuosidade», *i*, para fechar a negação. Allusivo a ser uma bahia franca para a navegação.

As traduções de MARTIUS no Gloss. Ling. Bras., *Nomencl. de SAINT ADOLPHE*, no Dictionário hist. geog. e descr. pt. do Brasil, *ATLAS DE CABAL*, na Chorographia Brasileira,

Pizambo, nas *Memórias Hist. do Rio de Janeiro*, e outros, dizendo uns «água escondida», dizendo outros, «mar morto», não erros palmares, senão verdadeiros disparates.

Guanabára, corruptela de *Gudd-aná-mb-ár-a*, «enscada muito grande». De *guá*, «enscada», *aná*, «grande, grossa», *mb*, intercalação nasal para ligar *aná* a *ar* «muito», com o acrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Por contracção *Gudd-ná-mb-ár-a*.

Orgãos (serra dos), corrupção de *O-ii-quá*, «pontas erectas, juntas umas das outras». De *o*, reciproco, para exprimir plural e o contacto de umas com outras, *ii*, «duro, forte, teso ereto», *quá*, «ponta». A corrupção proveiu de semelharem canudos de organ, vistas de longe.

O *ii* tem som guttural.

Tavacahy.—Afluente do rio *Sorocabá*, pela margem direita: no município de Sorocaba.

Tavacahy, corrupção de *T-abáquá-i*, «perseverantemente muito corrente». De *t*, relativo, *abáquá*, «correr muito», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a ter forte correnteza.

O indígena diz *cabaquá*, ou simplesmente *báquá*, para exprimir a velocidade da correnteza.

Tacoapára.—Morro, mencionado no instrumento de posse da sesmaria de Pedro de Góes, de 15 de Outubro de 1532: «...as quaes terras se chamam de *Tecoapára* e a serra de *Tapuribetéra*, que está da banda d'onde nasce o sol, aguas vertentes com o rio *Gerybatyba*, o qual rio e terras estão defronte da ilha de S. Vicente...».

Este nome substituiu no instrumento o nome *Taquararira*, que está no título de sesmaria de 10 do referido mez e anno.

(Vide o nome *Taquararira*).

Não significam, porém, a mesma cousa.

Tecó-apá'-ra, «o que está torcido». De *tecó-ára*, participio activo do verbo *aicó*, significando «o que está», *apá*, intercalado no nome para ornato e jogo linguistico, «torcido».

São, portanto, douis nomes para o mesmo morro, cada um significando um característico notavel nelle.

A intercalação de um verbo em outro, ou de uma palavra em outra, é uma das construções mais difíceis na lingua tupi, pela necessidade de evitar a synchysé, isto é, a confusão e o não senso.

Tejereba.—Pequeno ribeiro, que desagua no oceano, á praia *Guarujá*, na

ilha *Guaimbê* ou *Santo Amaro*: no município de Santos.

Tejereba, corruptela de *Ti-yérè-bae*, «o que faz rodomoinho». De *ti*, «água», *yérè*, «revolver, volta», formando *ti-yérè*, ou simplesmente *i-yérè*, «rodomoinho», com a particula *bae* (breve), significando «o que é».

Allusivo a ter rodomoinhos.

Tejúco.—Afluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Iporanga.

Outros dizem *Tijúca*.

Tejuco ou *Tijúca*, corruptela de *Tiyuî-câe*, «espumoso». De *tiyuî*, «espumar», *câe*, particula que, neste caso, não exprime preterito, mas qualidade ou peculiaridade, ou *presente*, segundo o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a serem cobertas de espumas as suas aguas. E' encachoeirado.

Nada tem com *tijúco*, corruptela de *ti-yûgca*, «água apodrecida». De *ti*, «água», *yûg*, «apodrecer», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino. O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *tuyû*, significando «lodo, barro, cousa apodrecida»; mas não deu a razão disso. Com efeito, o som da palavra *ti-yûg* é quasi *tujû*, porque o *i* de *ti* «água», é guttural; e, portanto, *tuyû*, como palavra diversa, não tem razão de ser.

Temivel.—Afluente do ribeirão *Piranga*, pela margem direita: no município de Iguape.

(Vide o nome *Piranga*).

Temivel, corrupção de *T-ém-iiig-ii*, «sahida apertada e a prumo». De *t*, relativo, *ém*, o mesmo que *hê-m*, «sahida», *iiig*, «apertado, duro, rijo», *ii*, «resvaladouro a prumo».

Este *Temivel* e o *Traressão*, cada um por uma margem, em frente um do outro, precipitam-se de sua fóz sobre rochas no leito do ribeirão *Piranga*. Mas, esta confluencia é abaixo de uma cascata e salto no ribeirão *Pironga*: salto

que mede cerca de trinta metros de altura.

(Vide o nome *Travessão*).

No logar, em que os dous ribeirões precipitam-se no ribeirão *Piranga*, foi formado um poço profundíssimo, onde as aguas são como que represadas e tomam a cor verde escura, cobertas sempre de espuma.

E' muito encachoeirado; e tem uma cascata de mais de 200 metros de desnívelamento, com um dique a prumo.

Tevó.—Affluente do ribeirão *Cafundó*, pela margem direita: no municipio de Patrocínio de Santa Izabel.

Tevó, corruptéla de *T-i-e-ó-g*, «tapado». De *t*, relativo, *ie*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *ó-g*, «tapar».

Allusivo a correr entre barrancas altas, e por baixo de pedras, ficando coberto ou tapado em alguns logares.

Tico-tico.—Morro granítico inteiriço, á margem direita do rio *Juquery*, proximo ás Caeiras.

Tico-tico, corruptéla de *Ticuî-ticuî*, «completamente pellado». *Ticuî*, «calvo»; repetido para exprimir superlativo.

Tieté.—Grande rio, affluente do rio *Paraná*, pela margem esquerda.

E' o mesmo rio *Anhemby*.

(Vide o nome *Anhemby*)

Nasce na serra marítima, face occidental, no municipio de Parahybuna. O morro em que está a sua origem, é *Ytá-yâb-a*, «pedra rachada», que tem sido traduzido em «pedra rajada». De *ytá*, «pedra, morro», *yâb*, «rachar, gretar, abrir-se naturalmente», com o acrescimento de *a* (preve), por acabar em consoante.

Allusivo a cavernas e grutas.

Tieté, «rio grande», relativamente aos outros da mesma região. De *ti*, «agua, rio», *eté*, para exprimir superlativo.

Com effeito, os antigos traduzindo o nome *Ti-étê*, assim o denominavam: do que é prova o requerimento de Matheus Nunes de Siqueira, que foi deferido em

5 de Setembro de 1668, pedindo uma sesmaria «na testada destas terras (do *Tatuapé*) para o *Rio Grande*, em uma volta que faz o rio,... dentro da qual ha algumas campinas, brejaes, e restingas de matto: ...a qual terra correrá de umas campinas, que partem da banda de baixo do ribeirão de *Tatuapé*, correndo pelo *Rio Grande* á riba pela volta que faz por uma campina que chamam *Itacurutiba* até uma aguada...».

(Vide o nome *Itacurutiba*).

Banha os municipios de Parahybuna, S. José de Parahytinga, Mogi das Cruzes, Conceição dos Guarulhos, S. Paulo, Parnahyba, Araçáiguama, Cabreúva, Itú, Porto Feliz, Tieté, Piracicaba, Botucatú, S. Manoel, Lençóes, Dous Corregos, Jahú, Baryry, Araraquara, e sertões á margem direita e á margem esquerda, ainda ocupados pelos indigenas. Banha tambem as colonias militares *Avanhandáva* e *Itapúra*. E' inteiramente encachoeirado, e tem muitos saltos: apenas precedendo o grande salto *Avanhandáva*, ha uma extensão de cerca de 160 kilometros, livre de embarações e obstruções, denominada «rio morto», porque as aguas correm muito lentamente, parecendo estagnadas.

E' muito sinuoso; e tem muitas corredeiras, formando cascatas.

Desde o salto de Itú, *Ituguassú*, são dignas de menção as seguintes cachoeiras e corredeiras: *Burú*, *Caiacatinga*, *Curamby*, *Itapuá*, *Jacurupava*, *Atuahy*, *Itupucu*, *Aracudá*, *Avarémanduáva* (grande e menor), *Juquiá*, *Acanguera* (grande e menor), *Páu Santo*, *Jurumirim*, *Jacob*, *Itanhaen*, *Tiririca*, *Sabaúna*, *Itaquassáva* (grande e menor), *Bejú*, *Pilões*, *Garcia*, *Mathias Peres*, *Itapema* (grande e menor), *Pederneras*, *Jatahy*, *Banharão*, *Estirão*, *Potundura*, *Itapéva*, *Baurú* (grande e menor), *Barery* (grande e menor), *Sepituba*, *Congonha*, *Guamanga*, *Tambahú* (grande e menor), *Tambau-piririca*, *Escaramuça do Gato*, *Cambágibóca*, *Aranhandava* (maior e menor, salto), *Escaramuça*, *Itupanema*, *Virarúca*, *Matto secco*, *Ondas* (grandes e pequenas), *Funil* (pequeno e grande), *Guay-*

curytuba, Arucatuba, Arancanguá (pequeno e grande), *Itupéra, Bacuri* (pequeno e grande), *Itupirú, Tres Irmãos, Itapúra* (pequeno e grande, salto). (*)

São notaveis os tres saltos. O *Aruanhan-dáva* tem a altura de 11,º60; o *Itapúra*, a de 9,º68. O *Ituguassú*, a de 9,º75.

(Vide os nomes *Aranhandára, Itapúra* e *Itu*).

As cachoeiras e corredeiras supra mencionadas foram tambem objecto de estudo especial.

(Vide os nomes respectivos).

Seu leito é de formação granitica; e, em geral, corta extensus varzeas.

As ilhas são numerosas.

E' innavegavel; excepto em alguns lagares, por pequenos barcos.

Seu curso excede a 1.300 kilometros.

(*) Vale a pena, sómente para exemplo do modo por que eram interpretados os nomes em língua tupi, transcrever nesta obra o que o sargento-mór THEOTONIO José DUARTE deixou notado no seu *Diário de navegação do rio Tieté*, escrito em 1769, relativamente aos nomes de cachoeiras, deste rio, traduzidos por elle.

Avarémanduara—onde foi a pique um jesuita.

Ilanhaon—pedra que falia.

Izavaririca—água que ferve.

Icaçava—laje que atravessa o rio.

Pirapóra—onde saltam os peixes.

Bujuyquara—buraco de cobra.

Diadopó—píldes.

Rapoma—pedra quebrada.

Do Garcia—perdeu-se este homem nella.

Mathias Peres—perdeu-se este homem nella.

Rabucava—pedras de espingarda.

Ipió—estrião comprido.

Padunduara—onde a vista se faz escura.

Ibouruquassú—onde se perdeu um uru grande.

Baruery-mirim—fructos baruery pequenos.

Baruery-quassú—fructos baruery grandes.

Guaymicanga—ossos de ovelha.

Aranhanda—onde correm os homens.

Bracacé—escaramuça do gato.

Itupavema—cachoeira falibada.

Yagnapirú—mato seco.

Icaocaraguassú—ondas grandes.

Funil—ba duas deste nome.

Vacurituba—onde ha palmitos.

Arassatuba—fructos de aracá.

Araracanguara—cabeça de arara grande.

Itupera—cachoeira rasa.

Anhangarolé—canal do inferno.

Itupera-mirim—cachoeira baixa e pequena.

Itupirú—cachoeira baixa e secca.

Itaypiranga—pedra vermelha.

Itapura-mirim—ponto do pedra pequena.

Itapura-quassú—ponto de pedra grande.

E' simplesmente estúpido!

Este sargento-mór excedeu a frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO.

Por essa mesma toada foram seguindo outros, como, por exemplo, dr. LACERDA DE ALMEIDA, no seu *Diário de viagem pelas capitâncias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuiabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1890*, o qual indolentemente foi aceitando explicações como estas:

—Em relação aos nomes *Mathias Peres* e *Garcia*, explica-os como de «homens que immortalizaram o seu nome à custa da propria vida, que perderam nestas e nas outras cachoeiras deixando os seus nomes aos lagares que lhes serviram de tumulos». Ora, tais conjecturas, sem fundamento na realidade das pessoas, das causas e dos factos, são meios facetas ou proprios para evitar o trabalho da investigação, mas nada têm de decisivos para a interpretação,

maximè tratando-se da denominação de lagares. Se existiram tais homens, essa existência devêra, antes de tudo, ter sido verificada e não simplesmente conjecturada.

—Em relação ao nome *Escaramuça*, diz elle, «é uma cachoeira que, pela sua configuração, parece um cavalo escaramuçando e d'aqui tomou-lhe o nome!»

—Em relação ao nome *Banharia*, diz elle: «*Ban* é couxa; *nhar*, brava. Ha tradição entre os pilotos de Cuyabá, que um bicho marinho ou peixe grande levantou ondas nesse logar e fez temor na gente, e que isto sucedera no pôço do mesmo nome; por isso lho puseram aquelle nome, que se comunicou á cachoeira que está logo abaixo! Ora, nem *nhar* significa «brava», mas ao contrario, «alegre». A palavra, para significar «brava», no sentido de «arremeter», seria *nhar*, com pronuncia nasal, breve e corrida; e *mbar*, estando antes de um verbo, seria mais um pronome interrogativo do que um substantivo, segundo a lição dos grammaticos. Em todo o caso, o indigena não se submeteria a tão futeis razões para denominar lagares.

—Em relação a *Avarémanduara*, diz elle: *Avaré*—padre; *manosava* quer dizer morreu. Ha tradição que neste logar naufragou um padre: d'ahi se chamou o logar e cachoeira *Avarémanosava*; o corrupto vocabulo *Avarémanduara*. E' a mesma lenga-lenga referida pelo capitão J. A. CABRAL CAMELLO, exposta neste *Dicionario*, no nome *Avarémanduara* (Vide o nome *Avarémanduara*). O dr. LACERDA E ALMEIDA, para accommodar tal tradição, teve necessidade de buscar uma corruptão forradíssima, recorrendo ao particípio *mangaba*, do verbo *mang*, «morrer».

Em relação a *Quaimicanga*, traduziu elle, «osso de velha!» Ora, no sul, a pronuncia do nome que significa «velha», não é *quaimi*, e sim *quaybi*; e *cang*, «osso», para significar o «osso sem carne», é pronunciado *cangue* e não *canga*. Mas, sentindo o disparate e buscando explicá-lo, o dr. LACERDA E ALMEIDA diz que «os primeiros portugueses paulistas, que navegavam estes rios sem maior curiosidade, iam acompanhados de gentios, que baptizavam os lagares com qualquer nome a que um pequeno sucesso davasse causa». E' possível, é mesmo certo, que os primeiros portugueses paulistas, navegando estes rios, apenas com intuições aventureiros e do commerce e de mineração, não tinham, em geral, a curiosidade, nem fariam esforço algum por investigar a explicação dos nomes; mas, não é exacto que os gentios, seus companheiros, tivessem o costume de baptizar os lagares com qualquer nome a que um pequeno sucesso dava causa. Não só os factos, como o exame attento das denominações e dos lagares, provam o contrario; isto é, provam que os nomes dos lagares eram dados depois de ponderação e conselho, tendo em vista principalmente os caracteres topographicos e, ás vezes, isolada ou concomitantemente, outros caracteristicos permanentes, tales como o predominio de molestias endemicas, a abundância de productos de utilidade ou de consumo frequente, ou a indicação de perigos, de caminhos e de passagens. E, depois, os sucessos, como base de interpretação, não podem ser conjecturados, maximè indeterminadamente.

Outras notas, que o dr. LACERDA E ALMEIDA faz no seu *Diário de Navegação*, demonstram que elle, por não ter estudado a lingua tupi, acreditava que, entre os indigenas, como entre os seus conquistadores, «por qualquer asneira se punha o nome a um logar e é trabalhar debalde ás vezes o procurar uma etymologia racional». E isto escreveu elle para justificar-se das erroneas e até disparaçudas traduções que deu aos nomes *Aracucá* e *Atuay*. Assim, diz elle: «*Aracucá* significa puxado pelos cabellos, porque ará significa cabello, *cucá*, puxado, e a razão da etymologia é porque nesta cachoeira se afogou uma creatura, cujo corpo se achou embragado a um pão pelos cabellos... *Atuay* vem da ará, «cogóte», y, «água», e a razão da etymologia talvez seja porque alguém ahi lavou o cogóte!» Ora, ainda que ará fosse uma corruptela de *aúa*, «cabello», *cucá* não significaria «puxado», quer como corruptela de *cucá*, «cahir», quer como corruptela de *oky*, «puxar»; e, quanto á «água do cogóte», elle proprio se in-cumbiu de dividir da explicação.

Tieté.—Cidade, á margem esquerda do rio *Tieté*.

E' a antiga villa que trazia o nome *Pirapóra* de *Curuçá*.

(Vide o nome *Curuçá*).

Tijuco-Preto.—Villa, á margem esquerda do rio *Paranapanema*: em uma encosta do morro.

Era conhecida por *Villa de S. Sebastião do Tijuco Preto*. Mas hoje traz o nome *Pirajú*.

Não se trata de *tijuco* e muito menos de *tijuco preto*.

Este nome é corrupção de *Teyquê-pê*, «caminho da entrada». De *teyquê*, «entrada», *pê*, «caminho». O *y* tem som guttural.

Sem dúvida, era por esse morro a entrada do sertão, onde os indígenas ultimamente se haviam reunido; e assignava esse caminho.

O som *Te-ŷ-qûe-pê* pareceu *tijuco-preto*: dahi a corrupção.

Certamente a natureza carbonifera do terreno auxiliou aquella corrupção.

E' neste município o aldeamento antigo, denominado *Pirajú*.

Tijuco-Preto.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no município de *Tatuhy*.

Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem esquerda: no município de *Piracicaba*.

Affluente do ribeirão *Lageado*, pela margem esquerda: no município de *Rio Novo*.

Affluente do ribeirão *Onça*, pela margem direita: no município de *Ribeirão-Preto*.

Affluente do ribeirão *Cassaquera*, pela margem direita: no município de *S. Bernardo*.

Affluente do ribeirão *Cabeça*, pela margem esquerda: no município do *Rio Claro*.

Tijuco-preto, corrupção de *Ti-yûg-ca-pierrê-etei*, contrahido em *Ti-yûgca-p”-re-tei*, «espumoso, e muito derramado». De *ti-yûg*, «espumar» com o sufixo *ca* (breve), para formar supino, *piêrê*, «derramar-se», *etei*, para exprimir superlativo ou excesso, com pronúncia breve.

Allusivo a derramarem-se em alagadiços, formando espuma as águas estagnadas.

Timboava.—Lagôa, á margem do ribeirão *Anna da Costa*: no município de *Iguape*.

(Vide o nome *Anna da Costa*).

Timboára, corruptela de *Timbó-ába*, «vaporosa». De *timbó*, «evaporação, bafô», *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, etc.

O terreno dessa região é mineral.

Não se trata do *timbó*, veneno vegetal empregado na pesca. Ha varias árvores, cujas raizes e caules socadas e atiradas ás águas pouco correntes de um rio ou lagôa, matam todo o peixe que por alli passa. O *timbó* legitimo é o da *Paullinia pinnata*, de LINNEO; mas ha tambem o do *Entorolobium timboára*, de MARTIUS, da familia das Leguminosas: *timbó-ib-a*, «arvore do timbó».

Tingossú.—(Vide o nome *Iti*).

Tingossú é corrupção.

Tiquatira.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no município de *S. Paulo*.

Banha a freguesia de N. S. da Penha de França.

Tiquatira, corruptela de *T-iquê-atir-a*, contrahido em *-Tiqu'-atir-a*, «margens altas». De *t*, relativo, *iquê*, «lado, costa», *atir*, «levantado, alto», com o acrescimo de *a* (breve), por acabar em consonte.

Allusivo a correr entre barrancas a prumo.

Tira-catinga.—Cachoeira, no rio *Mogy-guassú*.

Tira-catinga, corrupção de *Terequâ-atî-nга*, contrahido em *Terequ'-atî-nга*, «frente cercada». De *terequâ*, «face, frente», *atî*, «rodear, atalhar, cercar», com o sufixo *nга* (breve), para formar supino.

Allusivo a existir na extremidade inferior dessa cachoeira um dique granítico, de margem a margem do rio.

E' cachoeira perigosíssima, porque a canoa, no impulso que leva na descida, é arrojada sobre aquele dique granítico.

Tiririca.—Corredeira, no rio *Tieté*, abaixo da cidade de Porto Feliz.

Tiririca, isto é, *T-yrri'-ca* «veloz». De *t*, relativo, substituindo o *p* de *py-ryri*, «ser veloz, ligeiro», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino. (*)

(*) Em avulso:

O dr. LACERDA e ALMEIDA, no seu *Diário de viagem nos annos de 1780 a 1790*, diz que *Tiririca* é o mesmo que *yzururuca* e quer dizer «água que está chilando ou fervendo». Se tal interpretação tivesse cabimento, seria mais correcto dizer *yziririca* e não *yzururuca*, porque «ferver» é *zirir* e não *zururu*.

Toá.—(Vide o nome *Tuá*).

Tombaú.—(Vide o nome *Tambaú*), E' relativo ao affluente do *Rio Pardo*, no município de Casa Branca.

Toninhas.—(Ponta das)—Ponta ao sul da enseada de Ubatuba. (*)

(*) Estava em branco o logar destinado à explicação.

Toque-toque.—Braço de mar, entre a ilha *S. Sebastião* e o continente.

Uma ilhota ao extremo sul deste braço de mar tambem traz este nome.

Com este nome são conhecidas duas praias no município de S. Sebastião: *Toque-toque grande* e *Toque-toque pequeno*.

O nome *Toque-toque* é só e sómente do braço de mar. A ilhota e as praias o têm por causa da proximidade.

(Vide o nome *Apára*).

Toque-toque, corrupção de *T-óg-tóq*, «furado de um a outro extremo». De *t*, relativo, *og*, «furar», que por ser precedido de relativo, significa «furado»: repetido, para exprimir, neste caso, que o facto foi completo, de um ao outro extremo.

Allusivo a ter sido aberto pelo mar, separando assim do continente a ilha *S. Sebastião*; ao inverso de outras ilhas que são formadas por sublevação do sólo.

Do lado do norte, a largura é 5¹,5; mas, estreita-se para o lado do sul até ao ponto de ser reduzida a 1¹,72.

O canal que ahi ha, é franco pelo lado do norte; porém, pelo lado do sul, ha necessidade de contínua sondagem, porque, além de ser tortuoso, e ladeado

de arrecifes, cómorus de areia o deslocam incessantemente, por effeito das correntes marítimas. Por isso, os indigenas o denominaram *Apára*, assignalando que «se entorta».

Toucinho.—Affluente do rio *Tremembé*, e este do rio *Tieté*, ambos pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

E' um dos mananciaes de abastecimento de agua na cidade de S. Paulo.

Toucinho, corrupção de *T-úú-chý*, «lodoso e escorregadio». De *t*, relativo, *úú*, o mesmo que *húú*, cujo *h* foi perdido por causa do *t*, relativo, «lodo, borra, detritos apodrecidos», *cý* ou *chý*, «escorregadio, lubrifico, resvaladio».

Allusivo a ser muito sujo de materias apodrecidas, tendo á superficie de suas aguas espumas e manchas gordurosas: o leito escorregadio.

A corrupção em *Toucinho* provem dasquellas espumas e manchas gordurosas.

Trapandé.—Archipelago, ao sul da ilha *Cananéa*.

E' denominado vulgarmente *Mar de Trapandé*.

Outros applicam o nome a uma curva que ahi faz o continente. E também dizem *Mar do Ararapira*.

Trapandé, corrupção de *Tei-rá-páu-nd-é*, «muitas ilhas e elevações á parte». De *tei*, «grupo, manada, companhia, familia, muitos», *ra*, «elevação, levantado, signal, mancha, desigual», *páu*, «ilha, intermedio entre dous», *nd*, intercalação nasal, *é*, «á parte».

Allusivo ao grupo de ilhas, arrecifes e parceis, que estão ao sul da barra de *Cananéa*, formada pela ponta-norte da ilha *Cardoso* e pela extremidade sul da ilha *Cananéa*.

As ilhas são: *Bom Abrigo*, *Cardoso*, *Camberihú*, *Castilho*, *Figueira*, *Tumba*, *Ubatuba* e outras. Os arrecifes são os *Moleques*. Além dos parceis e cómorus de areia.

E' certo que archipelago é uma extensão de mar, semeiada de ilhas. Neste sentido, bem applicado foi o nome *Tei-rá-páu-nd-é* a essa extensão de mar.

Travejú. — Serrote, ramificação da serra *Mantiqueira*: no município de Buquira.

Travejú, corrupção de *Ty-rá-ie-yí*, «pontas, altos e baixos cavernosos». De *ty*, «ponta», *rá*, «altos e baixos, desiguais», *ie*, reciproco para exprimir a acção da causa em si mesma, *yí*, «concavidade, caverna, abertura natural, seio, ôco».

Allusivo a ter no cume altos e baixos e pontas; e em baixo cavernas e grutas.

Travessão. — Affluente do ribeirão *Piranga*, pela margem esquerda: no município de Iguape.

(Vide o nome *Piranga*).

Travessão, corrupção de *Tár-ém-çocé*, «sahida alta, em quenda». De *tá*, relativo, *ár*, «ahir», que, precedido de *t*, relativo, significa «quenda», *ém*, o mesmo que *hē-m*, «sahida», *çocé*, «sobrepujar, de alto», nasalizado por efeito do som nasal de *hē-m*, e portanto pronunciado *çocé*.

Este *Travessão* e o *Temirel*, cada um por uma margem, em frente um do outro, precipitam-se de sua fóz sobre rochas no leito do ribeirão *Piranga*. Mas, esta confluencia é abaixo de uma cascata e salto no ribeirão *Piranga*; salto que mede cerca de trinta metros de altura.

(Vide o nome *Temivel*).

No logar, em que os dous ribeirões precipitam-se no ribeirão *Piranga*, foi formado um poço profundissimo, onde as aguas são como que represadas e tomam a côr verde-escuro, cobertas sempre de espuma.

Este ribeirão é aurifero; e já se fizeram nalle lavras, mudando-lhe mesmo o leito.

Naquelles logares ha a crença de que o poço no leito do *Piranga* tem no fundo a *mãe do ouro*; pelo que é impenetrável, sem perigo da vida.

Tremembé. — Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no município de Taubaté.

E' o nome do rio *Guapira*, antes da confluencia do ribeirão *Cabucú*: d'ahi para cima é *Tremembé*, e d'ahi para aixo até desaguar no rio *Tieté*, pela

margem direita, é *Guapira*: no município de S. Paulo.

Tremembé, corrupção de *T-íérè-membég*, «sinuoso e frouxo». De *t*, relativo, *íérè*, «voltear, volta», *membég*, «afrouxar, deramar, liquidar, derreter», significando, «sinuoso e frouxo», por estarem esses verbos precedidos de *t*, relativo.

Allusivo ás voltas que dá, e a afrouxar-se em alagadiços e poços.

A fóz do affluente do rio *Parahyba* está edificada a capella do Senhor Bom Jesus, que attráe grande multidão de romeiros.

Tres-ilhas. — Cachoeira, no rio *Paranapanema*.

Nesse logar, não ha sómente *tres* ilhas: ha muitas outras. E, portanto, esse nome é uma corrupção de *Teií-ir-a*, «muitos pedaços», allusivo certamente ás ilhas. De *teií*, «muitos, manada, grupo», *ir*, «fazer pedaços, cortar, despegar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O verbo *ir-a*, estando no infinitivo sem caso, significa «pedaços».

Com efeito, o rio ahi parece despedaçado, ou cortado aos pedaços; e estes são as taes ilhas, umas maiores, outras menores: e, entre estas ilhas, ha varios canaes, que o nome tupi representa como talhos ou cortaduras, cada qual mais encachoeirado e obstruido.

Tres-irmãos. — Cachoeira, ou antes, cachoeiras que se seguem logo uma á outra, no rio *Tieté*.

Tres-irmãos, corrupção de *Teií-imaní*, «muitos logo em seguidas». De *teií*, «muitos, manada, grupo», *imaní*, «logo em seguida».

Tuá. — Confuente do ribeirão *Itaberába*: entre os municipios de Conceição dos Guarulhos, de Nazareth e de Mogi das Cruzes.

Tuá, isto é, *tí-á*, «cahido a golpes». De *tí*, «golpe, pancada», *á*, «ahir».

Allusivo a descer da *Tapera Grande* aos saltos, de quenda em quenda, formando com o ribeirão *Itaberába* um só curso, logo que conflue com este.

Aquella *Tapera Grande* é tambem conhecida propriamente por *Morro Grande*.
(Vide o nome *Tapera Grande*).

Tubarána. — Affluente do ribeirão *Sant' Anna*, pela margem direita: servindo de divisa aos municipios de Casa Branca e de Santa Cruz das Palmeiras.

Affluente do rio *Turro*, pela margem direita: no municipio de Jaboticabal.

Tubarána, corruptéla de *Tú-bo-ar-ã-m-a*, contrahido em *Tu-b'-ar-ã-m-a*, «enpinado, cahe aos saltos». De *tú*, «golpe, salto», *bo*, para exprimir o modo, *ar*, cahir, *ã-m*, «empinar», com o acrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo ao seu forte declive, cahindo de salto em salto, de cachoeira em cachoeira.

O nome corrupto nada tem com o peixe *tabarana*, como é facil verificar da primeira syllaba; e, aliás, o indigena não sohia dar denominações a logares, usando de nomes de peixes, e de outros animaes, nem tambem de nomes de vegetaes e de mineraes.

Mas, é intuitivo que ao nome daquelle peixe é devida a corrupção quanto ás duas ultimas syllabas: mudadas *ara-ma* em *ara-na*.

Tucum. — Cabeceira do rio *Piron-pava*: no municipio de Iguape.

E' certo que no logar abunda o *ticum* ou *tucum*, palmeira espinhosa, conhecida na sciencia por *Astroraryum vulgaris*, e por outras denominações, conforme as especies ou sub-especies *Bractis*; e esta palmeira fornece optimos fios para cordoaria.

O nome deste correlo é *Ti-húu*, «agua turva». De *ti*, «agua», *húu*, «lodo, borra, fézes, detritos». O *y* aspirado produziu, pelo som, a pronuncia *Ti-cúu*: d'ahi a corruptéla.

Coincidindo o nome da palmeira com o do correlo, é sem duvida que o indigena quiz fazer o seu costumado jogo linguistico na denominacao deste correlo.

Tucumbó. — Cachoeira, no rio *Mogy-guassú*.

Tucumbó, corruptéla de *Ty-hù-mbó*, «saltos, rodomoinhos e arrecifes». De *ty*, «ponta», *hù*, «revolver», *mbo*, o mesmo que *pó*, «salto», mudado o *p* em *mb*, por ser nasal a palavra anterior.

Este nome coincide com a abundancia da palmeira espinhosa *Ticú*, nesse logar; e, pois o nome *Tucumbó* é o mesmo que *Ticú-mbó*, «muito ticum», de *ticú*, e *mbo* para exprimir superlativo. Nessa coincidencia está patente o jogo linguistico para a denominacao da cachoeira.

Esta cachoeira é hoje conhecida pelo nome *Cordão*, traduçao figurada de *Ticú-mbó*, considerando a palavra *mbó* como a forma nasal de *pó*, «fio»; e, pois, significaria «fio de ticum», que é empregado em cordoaria. Esta traduçao, porém, é sem applicação a esta cachoeira.

Tucunduva. — Affluente do rio *Sarapuhy*, pela margem esquerda: no municipio de Sarapuhy..

Ainda neste nome o indigena fez o seu costumado jogo linguistico. Nesse logar abunda a palmeira espinhosa *ticum*: e, por isso, o nome *Tucundura* é o mesmo que *Ticú-ndib-a*, «logar de ticum», de *ticú*, e *tib-a*, mudado o *t* em *nd*, por causa do som nasal de *ticú*, significando «logar natural». Mas, tambem essa regiao é pantanosa, inclusive o leito e as margens desse ribeirão; e, por isso, o nome *Tucundúba* é o mesmo que *Ti-húu-ndib-a*, «logar de agua lodoso», de *ti*, «agua», *húu*, «lodo, borra, fézes, detritos», *tib-a* mudado o *t* em *nd*, por causa do som nasal de *húu*, «logar natural».

Com effeito, é um ribeirão charcoso, tanto no leito, como nas margens: mas, ás suas margens, ha abundancia da palmeira *ticú*.

Tucúra. — Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy-mirim.

Não se trata do orthoptero saltador, camarão ou gafanhoto, que é em tupi

Turúr-a, mais especialmente applicado ao gafanhoto. E', porém, provavel que, naquelle região, abunde o gafanhoto, que a sciencia denomina *gryllus*, com as suas variedades—*subulatus* (o pontudo), *grossus* (o barrigudo), *migratorius* (o de arribação), e outros, entre os quaes o verde; e tambem os pequenitos cantadores, que são os que o povo denomina *grillo*.

Tucúra, nome do ribeirão, é corruptela de *Ti-cury*, «rio veloz». De *ti*, «rio, agua», *cury*, «veloz, ligeiro». Esta palavra *cury* pôde ser pronunciada breve, como neste nome; visto que pôde ter ou não som nasal.

Allusivo á grande correnteza de suas aguas.

E, voltando ao nome *tucúr-a*, «gafanhoto», deixo aqui um esclarecimento. O indigena denominava o frade da Ordem de S. Francisco *abaré-tucúra*, «padre gafanhoto»: allusivo ao capuz triangular, pendente de traz do pescoço. De *abá-ré*, «homem distinto, sacerdote, padre», *tucúr-a*, «gafanhoto». A denominação não deixa de ter algum espirito.

Tucury.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Tucury, corruptela de *Ti-cury-i*, «rio perseverantemente muito corrente». De *ti*, «rio, agua», *cury*, «veloz, ligeiro», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo á sua muita correnteza.

Tumba.—Ilha pequena, que está situada entre a ilha *Cardoso* e o continente: no municipio de Cananéia.

Tumba, corruptela de *Ty-mbáe*, «soterrada». De *ty*, «soterrar», com a particula *bae* (breve), precedida de *m*, por ser nasal o verbo, para formar participio.

Allusivo a ser coberta de cómorus de areia, formados pelas ondas do mar.

Segundo o sistema dos indigenas, de assignalar nomes com som identico ou quasi identico, mas com significados diversos, para logares varios, na mesma região, *Túi-bae* era o nome do braço *de mar*, que divide ou separa aquellas

duas ilhas, por ser ahí o encontro de duas marés, por effeito de duas correntes inversas. Essas duas marés, levantam as aguas á grande altura, formando bojo e movimentos fortemente ondulados, que o povo denomina *Trámbalaságuas*, cuja etymologia desconheço. De *túi*, «rebojar, fazer bojo», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

Tumiariú.—E' o nome do porto, de que fazem menção as chronicas, no rio S. Vicente.

Frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, nas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, escreveu: «Por esta ou por alguma outra razão que ignoro, levantou (Martim Affonso de Souza) a villa no fim da praia de *Tararé*, junto ao mar, em sitio alguma cousa distante do porto de *Tumiariú*, entre o qual e a povoação se intromette un outeiro». E, referindo-se ao trajecto pelas praias de *Tararé* e de *Embaré*, até á ponta da praia, onde então existia o forte da *Estacada*, accrescentou: «Por aqui se conduziam para a villa as cargas menos pesadas, e as outras ordinariamente iam pelo rio em canás até *Tumiariú*».

Segundo o mesmo frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, naquelle logar morava Antonio Rodrigues, companheiro de João Ramalho, quando Martim Affonso de Souza entrou com a sua armada no *Bertioga*, em 1531.

Tumiariú é corruptela de *Temi-harō*, «guardado». De *temi*, verbal de particípio presente, que sempre deve preceder ao verbo, *harō*, «guardar».

Allusivo a ter sido estabelecido, nesse porto, um Registro com guardas, quando Martim Affonso de Souza fundou a villa de S. Vicente.

Do exposto fica verificado que não é nome do logar.

Turvinho.—(Vide o nome *Turvo*).

Este nome *Turvinho* é apenas um diminutivo, para distinguil-o do outro *Turro*, tambem affluente do Rio Pardo, pela margem direita.

Turvo.—Dous affuentes do *Rio Pardo*, pela margem direita: nos municipios de Espírito Santo do Turvo e de Santa Barbara do Rio Pardo. O que desagua acima da villa de Santa Barbara, é *Turvinho*. O outro desagua alguns kilometros acima da barra do *Rio Pardo*, e é *Turvo*.

Affluente do ribeirão *Bananal*, pela margem direita: nos municipios de Lagoinha e de S. Luiz de Parahytinga.

Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no municipio de Parahybuna.

Dous affuentes do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Piedade. Um é *Turvo*; outro é *Turvinho*.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: entre os municipios de Itapetininga e de Capão Bonito de Paranapanema, aos quaes serve de divisa.

Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iporanga.

Affluente do rio *Paraná*, ainda com o nome *Rio Grande*, pela margem esquerda: entre os municipios de Jaboticabal e de Espírito Santo de Barretos.

Affluente do rio *Paraná*, ainda com o nome *Rio Grande*, pela margem esquerda: no municipio de Jaboticabal.

E outros menores.

Turvo, corrupção de *Tú-bo*, «aos saltos». De *tú*, «golpe, salto», *bo* (breve), para exprimir o modo.

São rios e ribeirões encachoeirados e com saltos inumeros: leito ingreme, entre barrancas.

No affluente do *Parahytinga*, ha uma cachoeira e salto na altura de mais de dez metros; donde as aguas despenham-se, sobre successivos degraus graniticos, com enorme fragor.

No affluente do *Parahybuna*, ha uma imponente cascata, com successivos saltos.

Em summa, o caracteristico destes rios e ribeirões é a successão de cachoeiras e de saltos, com leito ingreme, correnteza extraordinaria, e margens altas.

Nada tem realmente o nome *Tú-bo* com a corrupção *Turvo*, senão que as aguas revoltas são naturalmente turvas.

Tuvú.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de S. José dos Campos.

Tuvú, corruptéla de *Ti-húú*, «agua turva». De *ti*, «agua, rio», *húú*, «lodo, borra, fézes, detritos». O *ti* tem som guttural.

Allusivo a ter lodo no leito e ás margens; de sorte que a agua está sempre suja.

U

Ubatuba.—Cidade e porto de mar, entre as barras do rio *Ubatuba* (o grande) e do rio *Alagôa*.

A baia é vasta e abrigada; e seu fundo é de 20 a 30 metros.

Ubatuba.—Rios que nascem na serra marítima, e desaguam no oceano: no município de Ubatuba.

Ha dous: o *uçú* e o *mirim*. Isto é, *Ubatub'-açú* e o *Ubatu-mirim*.

Os indígenas denominavam *ubá* certa espécie de canoa; a canoa é fabricada de um unico madeiro, que é tornado ôco ou concavo, *yī-ib-á*, «pau inteiro concavo», de *yī*, «concavo, ôco», *ib*, «arvore», *á*, «inteiro, sem partir»:—o som da pronuncia é *úi-ib-á*, contrahido em *úi'-b-á*.

Da mesma sorte, o nome da canna brava ou silvestre não é simplesmente *ubá*, mas sim *uibá*, que é a mesma palavra ou nome acima, *úi'-b-á*, por allusão a não ter os nós da canna mansa, e a ser ôca. O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *huibá*.

Ubatúba, nome desses dous pequenos rios, é corruptéla de *Ybiy-atú-bae*, «raso e curto», *ybiy*, «baixo», *atú*, «curto, abreviado», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é». O *iy* tem som guttural, e quasi não sôa; o *y* inicial é tambem guttural:—dahi a corruptéla *Ubatúba*.

Com effeito, esses dous rios, além de *pouco extensos, são rasos*.

O *Ubatuba* maior não tem a extensão de mais de seis kilometros; e o seu fundo, já proximo á foz, pouco excede de um metro, mesmo no prea-mar.

O *Ubatuba* menor, ou *Ubatú-mirim*, não excede de quatro kilometros em seu curso; e o seu fundo não excede muito de oitenta centimetros, mesmo no prea-mar.

Ubatúba.—Ilhota, no archipelago *Trapandé*: município de Cananéa.

Ubatúba, corruptéla de *Ybiy-atú-bae*, «baixo e curto». De *ybiy*, «baixa», *atú*, «abreviar, curta», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é». O *y* inicial, e o *iy*, têm pronuncia guttural; por isso sôa *Ubatúba*.

Allusivo a ser pequena e rasa.

Uberaba.—Affluente do ribeirão (*), pela margem esquerda: no município de S. Paulo.

O trecho ultimo do ribeirão *Tapuxinga*, antes de desaguar no rio *Jaguary*, e depois de receber muitos corregos.

(Vide os nomes *Canivete* e *Tapuxinga*).

Uberaba, corruptéla de *I-beráb-a*, «agua brilhante». De *i*, «agua», *beráb*, «brilhar, resplandecer», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo ás suas aguas crystallinas.

(*) No original está omisso o nome deste ribeirão onde afflue o *Uberaba*; mas, para suprir a omisso, dirigimos ao escriptorio da Comissão Geographica e Geologica e alli nos mostraram, na respectiva *folha*, o ribeirão *Uberaba*, affluente no rio *Pindearos*, pela margem direita, e recebendo, pela margem esquerda, um ribeirão denominado *Uberabinha*. (Vide os nomes *Jurubatuba* e *Pindearos*).

Umbahú.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iporanga.

Umbahú, corruptéla de *Húú-mb-aú*, «manchado do lodo». De *húú*, «lodo, borra, fézes, detritos», *mb*, intercalação nasal, *aú*, «sujidade, mancha».

Allusivo a ter em varios logares manchas lodosas.

Umbéva.—Affluente do rio *Una d'Aldéa*, pela margem direita: no município de Iguape.

Umbéva, corruptéla de *Húú-mbé-bae*, «chato e lodoso». De *húú*, «lodo, borra, fézes, detritos», *mbé*, o mesmo que *pé*, «chato, plano», mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal da palavra anterior, *bae* (breve), para dar a fórmula de particípio, significando «o que é».

Allusivo a estender-se em charco, formando muito lodo.

Una.—Villa, situada no angulo formado pela affluencia do ribeirão *Una* no rio *Sorocaba*, quando ainda tem o nome *Sorocabussú*: á margem esquerda deste, e á margem direita daquelle, do qual é mais proximo e que lhe deu o nome.

Una.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Una e de Piedade.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Taubaté e de Pindamonhangaba

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes. E' tambem conhecido por *Perorá*.

(Vide o nome *Perorá*).

Rio que, nascendo na serra maritima, desagua no oceano: no municipio de Santos.

Rio que, nascendo na serra *Itatins*, entre os morros *Guacundúva* e *Botucavará*, desagua no oceano, ao sul do cabo *Juréa*. Este rio é confundido com o braço ou furo *Una do Prelado*. Serve de divisa aos municipios de Iguape e de Itanhaen.

(Vide o nome *Una do Prelado*).

Rio que, nascendo na serra *Pouso Alto*, desagua no rio *Ribeira de Iguape*,

pela margem esquerda, quasi á sua foz. Tem o nome *Una d'Aldéa*, por confusão com o atalho que existia pela praia ao sul do cabo *Juréa*. E' um de seus affluentes o ribeirão *Una-mirim*.

(Vide o nome *Una da Aldéa*).

Tem sido entendido que o nome *Una* é *Hú-na*, «preto»: e, com effeito, coincidindo com este significado, não só a cõr do terreno, como tambem a sujidade das aguas, será talvez arraço meu explicar de outro modo aquell' nome.

Entendo que *U-na* é corruptéla de *H-ú-na*, «revolvido». De *h*, relativo, porque o verbo *rū* o pede, perdendo o *r*, «revolver», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Sem duvida concorre para isso a formação geologica, terreno carbonifero misturado com areia e cascalho; de sorte que as aguas cavam buracos no leito, e, formando rodomoinhos, são turvadas com as fézes em contínuo movimento.

O effeito é o mesmo, tanto em uma explicação como em outra:—as aguas *denegridas*. Mas, o indigena denominava quasi sempre os rios e os ribeirões, não pela cõr da agua, mas pela formação de seu fundo ou leito, de suas margens altas ou baixas, de suas cachoeiras, saltos e corredeiras, e de seus alagadiços.

Una do Prelado.—Este nome nada tem com o rio *Una*, já descripto, como recentemente tem sido entendido.

(Vide o nome *Una*).

Era a designação dos dous portos, para os que viajam entre *Itanhaen* e *Iguape*, e nada mais do que isso.

Uma cousa é o rio *Una*, outra cousa é o braço ou furo, que era atalho para ir ao *Porto do Prelado*, traducção corrupta de *O-nai-peraí*, «atalho do caminho em communicação com o porto». De *o*, reciproco, para exprimir comunicação, *nai*, «porto», *peraí*, «atalho de caminho». Depois, o porto no *Sud-mirim*.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diário de uma viagem mineralogica pela prorincia de S. Paulo no anno 1805*, assim descreve esse trajecto: «Embarquel no ri-

de Una, que eu chamava antes *rio da ciencia* pela sua largura, e depois *foi por um braço até o porto do Prelado*, do qual vae dar-se *por terra á praia da Juréa...* Andei uma grande parte da praia da Juréa, e vim ter ao porto de *Suamirim*, onde embarquei e vim ter á ribeira de Iguape...»

O indígena, usando d'aquelle nome *O-naï-peraiê*, assinalou o braço ou furo comunicando os dous portos supra mencionados.

Una do Prelado é simplesmente um disparate.

Una d'Aldêa.—Este nome não tem relação alguma com aquelle rio *Una*, affluente do rio *Ribeira de Iguape*, já mencionado.

(Vide o nome *Una*).

Era simplesmente a designação dos dous portos em comunicação—o denominado *do Prelado* e *Suá-mirim*, muito conhecidos pelos que viajam entre Itanhaen e Iguape.

São cousas diversas esse rio *Una* e o atalho pela praia da Juréa para ir ao porto de *Suá-mirim*, ou deste ao porto denominado corruptamente *do Prelado*.

Já transcrevi, a propósito do nome *Una do Prelado*, o que a respeito escreveu o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela província de S. Paulo no anno de 1805*. Agora, vou transcrever algumas palavras do dr. CARLOS RATH, nos *Fragmentos Geologicos e Geographicos*: «... dahí (*Suá-mirim*), toma-se a pé pela praia do Jureia até o canal do rio *Una do Prelado*...»

Portanto, o nome *Una d'Aldêa* é uma corruptão de *O-naï-haiê*, «atalho de porto a porto». De *o*, reciproco, para exprimir comunicação, *naï*, «porto», *haiê*, «atalho».

Allusivo ao travessio pela praia da Juréa.

E' necessário que não se confunda isto com o furado ultimamente projectado para comunicar o rio *Una* supramencionado, com o *Suá-mirim*, visto que o

nome *O-naï-haiê* já existia no seculo XVI, quanto aportou a Bertioga Martim Affonso de Souza.—era antigo travessio dos indígenas e sem arte humana.

Urubúpungá.—Cachoeira, no rio *Paraná*, acima da fóz do rio *Tietê*.

Urubúpungá, corrupção de *Y-rū-nbú-pú-nguá*, «golpes de arrebentação, estrerito, e rodomoinhos». De *y*, relativo, *rū*, «revolver», *mbú*, «estrepito, ruido», *pu*, de *púg*, «arrebentar», *nguá*, fórmula nasal de *quá*, «golpe, pancada».

A palavra *rū* nasalisa todas as outras: por isso *mbú*, em vez de *pú*, e *nguá*, em vez de *quá*.

Allusivo a arrebentarem-se com estrondo as aguas de encontro ás pedras, formando depois rodomoinhos, muitos e sucessivos.

A traducção do nome corrupto *urubú-pungá*, seria «urubú inchado». Simplesmente um disparate, tratando-se de uma cachoeira.

Urubuqueçáva.—Morro granítico, á margem esquerda do rio *Juquery*. E' tambem conhecido pelo nome *Dóce*.

(Vide o nome *Dóce*).

Urubuqueçáva, corruptela de *Y-bir-áquâ-çába*, «erecto, com ponta alta». De *y*, relativo, *bir*, «levantar, alçar», *áquâ*, «ponta», *çába*, verbal por acabar em *a* a palavra *aquâ*, com fórmula de participio para exprimir o modo.

Por ser altissimo, e ponteagudo, a corruptela foi feita por lá pousarem *urubús*; pois que *urubú-quê-çába* significa «pouso de urubu». De *urubú*, ave conhecida, *quê-çába*, participio de *quer*, «dormir, pousar». Acabando em *r*, o participio é feito com *cába*, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de gramatica da lingua brasiliaca*.

Urubúqueçáva.—Pequena ilha, hoje conhecida por *José Menino*: entre os municipios de Santos e de S. Vicente.

E' realmente *urubú-quê-çába*, «pouso de urubús». Conheço-a.

Ururay.—Serra e ribeirão, uma e outro mencionados nos titulos de ses-

maria de Pedro de Goes, de 10 de Outubro de 1532, e de Ruy Pinto, de 10 de Fevereiro de 1533.

No ultimo titulo ha mais clareza: «E, atravessando o dito caminho (de *Piratinim*), irá pela mesma serra (o serro alto que vae sobre o mar) até chegar sobre o valle de *Ururay*, que é da banda do norte das ditas terras, onde a serra faz uma fenda por uma sellada, que parece que fenece por alli, a qual serra é mais alta que outra por alli ajunta e d'ella que vem por riba do valle de *Ururay*, da qual aberta cahe uma agua branca; do alto desta dita barra desce directamente ao rio *Ururay*, e pela veia d'agua irá abaixio até se metter no mar e outeiros escalvados...»

Fiz os maiores esforços para interpretar o nome *Ururay*, applicado á serra e ao ribeirão: não o consegui.

Entendo, portanto, que esse nome *Ururay* foi attribuido á serra e ao ribeirão, sómente por estarem na região em que existia a grande *tába* de *Piheróbiâ*, nome este corrompido em *Piqueroby*, a qual era assim denominada, segundo o descreveram os chronistas.

Ururay, nome de *tába*, é manifestamente corruptela de *Y-rú-rai*, «geração, nação». De *y*, relativo, *rú*, «accrescentar, aumentar, crescer em numero», *rai*, o mesmo qua *tai*, «filho».

Allusivo a ser essa a *tába* principal, onde estava o chefe da familia, o chefe da nação.

Mesmo o nome deste chefe, *Pi-heróbiâ*, «centro fixo e superior», coincide para aquella explicação do nome *Ururay*:— *pi*, «centro», *heróbiâ*, «autoridade, confiança, respeito, obediencia, honra, estima, credito, fixidez».

À filha deste chefe, que vivia maritalmente com Antonio Rodrigues, portuguez, quando em 1531, ao canal *Bertioga* aportou a armada de Martim Affonso de Sousa, é a progenitora indigena das principaes familias da Capitania de S. Vicente e S. Paulo, como o mostrei na obra *Algumas Notas Genealogicas*.

Não era chefe *goiá-ná*; era *tupi*.
(Vide o nome *Piratininga*).

Nem de outro modo é explicavel a sua autoridade invocada, quando appareceu e fundeu em *Bertioga* aquella armada.

V

Vacan.—Pequeno corrego entre os municípios de S. Paulo e de Conceição dos Guarulhos.

Vacan, corruptéla de *I-acang*, «arroio». De *i*, «água», *acang*, «seccar».

Allusivo a não ter curso perenne, senão no tempo das chuvas; seccando mesmo quando o verão é rigoroso.

Vaccanga.—Morro granítico, no município de Parnahyba.

Vaccanga, corruptéla de *Y-acang-a*, «o cabeçudo». De *y*, relativo, *acang*, «cabeça», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a não acabar em ponta, como outros da mesma região.

Vaporunduba.—Vide os nomes *Guapurunduba* e *Ivapurunduba*.

Varadouro.—Affluente do rio *Itanhaen*, pela margem esquerda: no município de Itanhaen.

Varadouro, corrupção de *Harû-ndûrû*, «impedimentos, e estrondo». De *harû*, «impedimento», *ndûrû*, «estrondo».

Allusivo a ser muito encachoeirado e com quedas; de sorte que as águas fazem muito estrondo.

Varadouro.—Cataracta, no *Rio Pardo*, affluente do rio *Mogy-guassú*.

(Vide o nome *Pardo*).

Cataracta, no rio *Ribeira de Iguape*. (Vide o nome *Ribeira de Iguape*).

Varadouro.—Canal para ligar o ribeirão *Ararapira*, no município de Cananéia, com a baía *Paranaguá*, na província de Paraná.

E' obra deste século.

A denominação deste canal é portuguesa:—canal para *varar* de um a outro mar, sem precisar navegar o oceano.

Vassununga.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: entre os municípios de S. Simão e de Santa Rita de Passa Quatro, aos quaes serve de divisa.

Vassununga, corruptéla de *Y-aiê-cununga*, «muito ruidoso». De *y*, relativo, *aiê*, «muito», *cunû*, «fazer ruido», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser encachoeirado, produzindo o embate das águas estrondo grande.

Veados (Rio dos).—Affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem direita: no município de Rio Novo.

Afluente do rio *Pary*, pela margem esquerda: no município de Campos Novos.

E' denominação portuguesa, dada por caçadores. Sem dúvida são ribeirões apropriados para a espera de veados.

Veráva.—Serra, no município de Una.

Verava, corruptéla de *Berab-a*, «resplandecente».

Allusivo a entrar como elemento de sua estructura o micaschisto, que tem brilho metallico.

Vermelho.—Vide os nomes *Rio Vermelho* e *Morro Vermelho*.

Victoria.—Ilha pequena, a leste da ilha *S. Sebastião*: no municipio de Villa Bella.

Victoria, corrupção de *Bi-tóre*, «elevada e torta». De *bi*, «levantar, alçar, elevar», *tore*, «torta, torcida».

Allusivo a ser alta, com montanha, cuja ponta mostra-se torta.

Villa Bella.—Villa, na ilha *S. Sebastião*.

(Vide o nome *S. Sebastião*).

Virtuosa (Agua).—Fonte mineral, no municipio de Cunha, no logar *Serra*. (Vide o nome *Serra*).

Fonte medicinal, no municipio de Brotas, proximo á serra *Dourado*.

(Vide o nome *Dourado*).

Fonte medicinal, no municipio de Una. E ha outros na mesma regiao. A agua jorra de uma pedra enorme.

Fonte medicinal, no municipio de Santa Cruz do Rio Pardo.

Fonte medicinal, nos morros proximos á cidade de Iguape.

Viúva.—Pico granitico, á margem direita do rio *Tieté*, na fila de morros ponteagudos, paralella á serra *Japy*: entre os municipios de Parnahyba e de Cabreúva.

Viúva, corrupção de *Y-iib-a*, «em haste». De *y*, relativo, *iib*, «haste, mastro», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo á sua estructura granitica, fino e ponteagudo.

Vorá.—Morro, no municipio de Bom Sucesso.

Vorá, corruptela de *Mbo-rá*, «desatado». De *mbo*, particula, activa, *rá*, «desatar».

Allusivo a ser derrocado.

Deste morro, cuja altura é de cinquenta metros, mais ou menos, separou-se enorme pedra, formando alli uma cava, em cujos paredões foram outrora insculpidas inscripções e figuras coltidas de vermelho e preto, por mãos indigenas; e, entre as figuras, a do sol com uma cruz, varios circulos, uma figura humana com a cabeça e o pescoço emplumados. Pelas ossadas lá encontradas, é de crer que alli houve um cemiterio dos indigenas.

Os farejadores de riquezas enterradas acreditam que existe alli «thesouro escondido».

Votuparim.—Morro, no municipio de Parnahyba.

Votuparim, corruptela de *Mbo-ty-pyri*, «a pique, e pontuda». De *mbo*, particula activa, *ty*, «ponta», *pyri*, «a pique, a prumo».

Votupóca.—Morro, no municipio de Xiririca.

Votupóca, corruptela de *Mbitú-pág-ca*, «vapores estourados». De *mbitú*, «vapor, bafo», *pág*, «estourar, estrondar», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo á sua natureza vulcanica, soltando vapores com estouros.

Estes morro tem a altitude de mais de 800 metros, acima do nível do mar.

Voturantim.—Morro, no municipio de Parnahyba.

Voturantim, corruptela de *Ibity-rá-fá*, «evaporação semelhando nuvem». De *ibity*, «nuvem, nevoa», *rá*, «semelhar, não ser, parecer», *fá*, «evaporação, fumo».

Allusivo a ter constantemente o cume envolvido em vapores, que parecem nuvens.

Com o nome *Voturantim*, ha tambem o grande salto no rio *Sorocaba*.

(Vide o nome *Boturantim*).

Voturuá.—Cachoeira, na serra que atravessa a ilha *Guayaó* ou *S. Vicente*, desde a villa deste nome até á cidade de Santos.

Voturuá, corrupção de *Mbo-la-ruá*, «damnosa». De *mbo*, particula activa, *ruá*, o mesmo que *harúá*, «damnoso, prejudicial».

Allusivo a serem aguas prejudiciaes á saúde.

Informam-me, porém, que é destas aguas que grande parte da populaçāo da villa de S. Vicente usa!

Voturuçú.—Brejo, no municipio de S. Paulo, freguezia de N. S. da Penha de França.

Voturuçú, corruptéla de *Yû-turuçú*, «brejal extenso». De *yû*, «charco, brejo», *turuçú*, «grande, largo, extenso».

Voturuna.—(Vide o nome *Boturuna*).

Vuna.—Serra, no municipio de Nazareth: é proximo á *Cantareira*, pelo lado nordeste desta.

Una, corruptéla de *H-û-na*, «revolvida». De *h*, relativo, *û*, o mesmo que *hû*, «revolver», com o sufixo *na* (breve), para formar supino. Por causa do *h* relativo, *hû* perdeu o *h*.

Allusivo a ter em desordem o cume, por estar despontada, com as pedras espalhadas.

X

Xiririca.—Villa, á margem direita do rio *Ribeira de Iguape*. | suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Xiririca.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no município de Xiririca. | Allusivo a ser muito lento em seu curso.

Xiririca, corruptéla de *Tiririca*, «arrastado». De *tiriri*, «arrastar», com o Desagua em um pequeno sacco ou enseada do rio *Ribeira de Iguape*.

AMERICA (*)

O nome «America» proveio realmente de Vespucio?
ou é nome que os primeiros exploradores ouviram aos indigenas?

Memoria lida perante a «Sociedade dos Homens de Lettras de S. Paulo», na sessão de 23 de Dezembro de 1888, pelo dr. João Mendes de Almeida, seu presidente.

(RECTIFICADA E CORRIGIDA)

Esta questão só neste seculo tem sido vigorosamente levantada, a proposito da

formal contestação que o historiographo M. F. DE NAVARRETE, em sua *Colección*

(*) Na *Rueve Scientifique*, de Pariz, publicada sob a direcção de CHARLES RICHEYET, caderno de 6 de Setembro de 1880, contido no tomo XLVI, está à pag. 316 uma noticia sobre a Origem indígena do nome «America». E como esta noticia estava indicada pelo dr. João Mendes, em suas notas avulsas, e guardada em sua pasta, é útil traduzi-la:

«Parece agora demonstrado que o nome *America*, dado a um dos continentes, é de origem indígena e não, como era geralmente acreditado, um nome de proveniencia estrangeira. Eis a historia desta questão, tal como a dñ M. Alexis M. G., na *Rueve française*.

«O florentino Amerigo Vespucio tinha, até nossos dias, gozado da honra de haver dado seu nome ao hemisferio descoberto por Christovam Colombo; e, ao que parece, esta opinião basseava-se unicamente sobre a proposta que, em 1507, fizeram os monges Hylaeomylus e João Basim, de Saint-Dié, na Lorraine, onde appareceu, pela primeira vez, em um tratado de cosmographia, o nome *America* applicado a esse hemisferio.

«Mas, os historiadores do Brasil, há cerca de cincoenta annos, têm posto em duvida esta opiniao commun, attribuindo a origem do nome *America* ao nome de Maraco, que é o deus principal dos indigenas brasileiros.

«Esta duvida aumentou singularmente quando, em 1875, M. Marcou, geólogo dos Estados Unidos, acreditou ter descoberto a origem deste nome, no de uma povoação e de uma montanha de Nicargua, as quais trariam ainda hoje os nomes *Amerrique* e *Los Amerriques*.

Todavia, nos ensina o *Boletim da Sociedade de Geographia Americana* (1886), o Presidente da Republica de Nicargua affirma que o nome da dita montanha se escreve — *Amerrisque* (com um s), e além disso, segundo M. Huale, alias amigo de M. Marcou, este nome não é encontrado em livro algum de historia anterior aos ultimos cincuenta annos.

«Por outro lado, conforme o *Courrier des Etats-Unis*, M. Bent, a unica autoridade invocada por M. Marcou, diz que, na época da descoberta, os habitantes eram Aztecás

em cuja lingua não existe o som da letra *r*, de sorte que não podia sahir delles uma palavra que pudesse ser ortographada *Amerrique* ou *Amerrisque*.

«Por sua vez, M. Harrisson confessa que não achou montanha no lugar indicado por M. Marcou, em qualquer carta, nem em qualquer narração do tempo das descobertas.

«Emfim, enquanto que M. Marcou pensa que o prenome *Americo*, que Vespucio trazia, era apenas um *apelido* proveniente da dita montanha, M. Hamy assignala uma carta antiga, vendida pelo proprio *Amerigo Vespucci*, muitos annos antes da descoberta do novo continente. Pode-se, pois, suppor, com Humboldt, que este prenome *Americo*, de origem gothica ou alema, se teria introduzido na nomenclatura italiana e portugueza.

«Até então, portanto, a proposição de M. Marcou, por engenhosa que fosse, carecia de provas concludentes: destruir o crédito do florentino Vespucio, sem fixar, entretanto, as duvidas sobre a existencia e o nome da montanha assignalada.

«Mas, eis que aqui interveiu, em 1882, M. Lambert de Saint Bris, um sabio franco-americano, o qual em uma longa e interessante dissertação que lhe custou muitos annos de investigações nos dous mundos, estabeleceu com provas relevantes o indigenato do nome *America*. Com efeito, elle chamou a atenção para numerosas denominações analogas: *Amaraca*, *Americapana*, *Amaracapano*, etc., nas relações historicas das primeiras situações dos hespanhóes nessa parte do mundo.

«Segundo o historiador hespanhol Herrera, os navegadores Vespucci e Ojeda, desembarcando em 1499 na costa de Venezuela, acharam o porto de *Maracapan*, que Raleigh chama *Americapana*, e Humboldt, *Amaracapan*. Ora, como a viagem de Vespucci e de Ojeda data de 1499, vê-se que a palavra *America*, sob diversas formas impostas pela ortografia phonética da idade média, era conhecida oito annos antes da proposta de *Hylaeomylus* para a denominación das terras novas. E' preciso notar que a palavra

de los viages e descubrimientos (1), oppoz à fama perpetuada de ter Vespucio tocado terras do Brazil, por conta do rei de Portugal, visto como este cosmographo nunca deixou de estar ao serviço dos Reis de Castella.

Já no seculo XVIII o abade PRÉVOST, *Histoire générale des voyages* (2), escreveu que foram um artificio de Vespucio as cartas por elle dirigidas a Pedro Soderini e a Francisco Pedro de Medicis; nas quaes fizera a descrição de terras e cousas do Brazil, dizendo-se então ao serviço de D. Manoel, Rei de Portugal (3). O historiographo hespanhol M. F. DE NAVARRETE, supracitado, completou, neste seculo, a suspeita do abade PRÉVOST: tanto mais que esta suspeita ficara corroborada com documentos officiaes publicados por J. B. MUÑOZ, em sua *Historia del Nuevo Mundo* (4), entre os quaes uma cedula régia, datada de Burgos, aos 22 de Março de 1508, elevando a Vespucio a piloto em chefe, com os vencimentos annuaes de 50.000 maravedis, e mais a gratificação de 25.000.

pan ou pana, acrescentada nos nomes precedentes, significa terra ou paiz, segundo Rosny, Brasseur de Bourbourg, Del Canto, etc. Assim, *Americapana* quer dizer: terra da America ou America, segundo a ortografia da idade media. Além disso, esta palavra é um sufixo geral que os indígenas aplicam aos nomes de suas cidades, tais como *Emparapan*, *Curiapan*, *Siorapan*, *Copan*, os *Mayas* de *Mayapan*, etc.

Demais, M. de Saint Bris achou o nome *Maracapan* escrito com tinta vermelha em muitas cartas da época. Conforme Humboldt, o nome *Amaracapan*, que designou a primeira colônia hespanhola em terra firme, se estendeu pouco a pouco a toda a costa, entre o cabo Paria e o cabo de la Vela, e depois a uma vasta província que, como dizem o frade Pedro Simón e outros, comprehendia as outras muitas colônias.

O nome—província da America—se vê no atlas de Apiane, em 1520, e se aplica logo, em cartas posteriores, ao continente do Sul, depois ao continente inteiro formando a nossa quarta parte do mundo.

Em resumo, o indigenato do nome «America» parece sahir com evidência da discussão. O florentino Vespucci perde com isso a sua aureola de padrinho de baptismo do novo continente, mas é lavado da acusação de ter querido usurpar os direitos do grande descobridor Christoval Colombo; por outro lado, os historiadores, como os geographos, não mais terão de lamentar que deixasse de ter sido aplicado o nome *Colombia* a esta parte do mundo, pois que o nome *America* lhe pertencia de facto, mesmo antes da descoberta pelos europeus.

(1) Tomo I, Introdução. Madrid, 1825.

(2) Tomo XIV, 6, 9. Pariz, 1757.

(3) Eis as palavras do abade PRÉVOST: «Les relations d'Amérique Vespuce contiennent le récit de deux voyages qu'il fit sur la même côte (du Brésil), au nom d'Emmanuel, roi de Portugal. Mais les dates en sont fausses et c'est sur ce qui consiste l'imposture: car il est prouvé par tous les témoignages contemporains, que, dans les temps qu'il nomme, il était employé à d'autres expéditions».

(4) JUAN BAUTISTA MUÑOZ, *Historia del Nuevo Mundo*. Madrid, 1798.

Acerca de tudo isto, como razão decisiva, o facto de não terem os historiographos portuguezes mencionado o nome de Vespucio nas expedições de 1501 e de 1503 por conta do Rei de Portugal; apesar de já então estarem publicadas aquellas cartas na *Raccolta delle navigazioni e viaggi*, por J. B. RAMUSIO (5), e sem embargo da referencia a uma navegação de Vespucio até ao 55º grau, por PEDRO MARTYR, em seu *De Orbe Novo*, publicado em Madrid, no anno de 1536. E, em verdade, porque e como explicar o silencio de JOÃO DE BARROS (6), de ANTONIO GALVAM (7), de DAMIÃO DE GOES (8), de JERONYMO OSORIO (9), de PEDRO DE MAGALHÃES GANDAVO (10), de GABRIEL SOARES (11), e de tantos outros? Quem melhor poderia atestar que Vespucio serviu nas duas expedições portuguezas de 1501 e de 1503, do que os historiographos e chronistas portuguezes do seculo XVI? A notabilidade de Vespucio como cosmographo, se com efeito elle houvera servido naquellas expedições, impunha a menção de seu nome nas respectivas *Relações de viagem* (12).

Por accrescimo, levanta-se o argumento tirado do nome verdadeiro de Vespucio, ALBERICUS VESPUTIUS, como foi publicado em 1505 e em 1506, nas *Relações de viagem* então impressas: não podendo por isso, ter este transmittido ao novo continente descoberto o nome *America*, mesmo que de facto houvesse servido nas duas expedições portuguezas

(5) Este J. B. RAMUSIO, geographo e chronicista, natural de Veneza, e faleceu em 1557. Sua obra supertitada é em tres volumes in folio. Veneza, 1546-1568.

(6) JOÃO DE BARROS, *Decadas*. Lisboa, 1566.

(7) ANTONIO GALVAM, *Tratado de... todos os descobrimentos antigos e modernos que são feitos em o Brasil*. Lisboa, 1563. Em outra edição de 1731.

(8) DAMIÃO DE GOES, *Chronica d'El-Rei D. Manuel*. Lisboa, 1566.

(9) JERONYMO OSORIO, *De rebus Espaniolis*. Lisboa, 1571.

(10) P. M. GANDAVO, *Historia da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Lisboa, 1574.

(11) GABRIEL SOARES DE SOUZA, *Notícias para a descrição da costa do Brasil*, escrito em 1527. Lisboa, 1626.

(12) Convém ler o que o VISCONDE DE SANTAREM escreveu na Memória sob o título *Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Amerigo Vespuce et ses voisins*. A edição anterior, de 1836, também feita em Paris e na lingua francesa, porém mais resumida, tinha o título *Recherches sur Amerigo Vespuce, et sur ses précurseurs écrivans entre 1501 et 1503*.

Este notabilissimo escriptor portugues, acompanhando NAVARRETE, derrin implicitamente a fama de descobridor do Brazil que Amerigo Vespuce obtivera em 1507.

de 1501 e de 1503. E em 1555 era ainda impresso em Basileia *Gryneus navigationum Alberici Vesputii epitome*.

E, pois, *Americo*, se não foi dado a Vespucio por cognome, desde 1504, por ser-lhe atribuída a descoberta do continente austral do Novo Mundo, elle proprio o teria tomado como signal de ter sido o primeiro cosmographo que tocára terras do Brazil. E, neste seculo, 1820, JOHN LUCCOKC, em suas *Notes on Rio de Janeiro and the southern ports of Brazil, 1808—1818*, começou por duvidar que o nome *America* proviesse de Vespucio, senão que, ao contrario, este cosmographo acrescentára ao seu o appellido *America*, á semelhança de Scipião-Africano, como vendedor da Africa.

Foi HYLACOMYLUS, pseudonymo de MARTINHO WALDZEMULLER, o primeiro que em sua *Cosmographiae Introductio*, impressa em 1507, publicou o nome *America* como o do territorio que Vespucio dizia ter descoberto e reconhecido, a expensas e em caravellas do Rei de Portugal, segundo as já referidas cartas escriptas a Pedro Soderini e a Francisco Pedro de Medicis, já então publicadas em Veneza. E os mappas, que, em principios do seculo XVI, designavam o Brazil, traziam conjunctamente o nome *America*, applicado ao territorio brasileiro. Um desses mappas, sob o titulo *Norus Orbis*, nomeava o continente meridional *Insula Atlantica quam vocant Brasili et Americam*. E SEBASTIÃO MUNSTER, em sua *Cosmographia Universalis*, impressa em Genebra, 1544—1550, estampou um mappa-mundi, no qual, um pouco ao sul da linha equinocial, foi escripto *America vel Brazili Insula*.

Por sua parte, os franceses, em constante trafego com os indigenas, desde o Ceará até o Rio de Janeiro, no seculo XVI, denominaram *Amerique* esta região.

Foi assim que F. ANDRÉ THEVET, celebre cosmographo, mas muito romanista como historiographo, publicando em 1558 um folheto, denominou-o: *Les singularitez de la France Antartique, au-*

trement nomée AMERIQUE et plusieurs terres et isles decouverts des notre temps. E J. DE LERY, historiando a expedição de Villegagnon, em sua obra publicada em 1578, tomou para titulo: *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dit AMERIQUE*.

Esta designação do Brazil pelo nome *America*, desde a sua descoberta e reconhecimento, deveria ter tido uma razão de ser; repellida, por não verdadeira, a proveniencia do nome *Americo*, atribuído a Vespucio.

Deixando de parte a pretenção do padre G. FOURNIER, em suas *Memoires de la marine française*, de ter sido descoberto o Brazil, antes de Pedro Alvares Cabral, por normandos e bretões que, em fins do seculo XV, haviam chegado até ao rio *S. Francisco*, é certo que Alonso de Hojeda, acompanhado de Vespucio e do piloto biscaíno Juan de la Cosa, em Junho de 1499, percorreu a costa do Brazil, por confa dos Reis de Castella, desde a fóz do rio *Apody* (Rio Grande do Norte) até á do rio *Amazonas*.

Nem ha necessidade de referir as viagens de Vicente Yanez Pinzon e de Diego de Lepe, em 1499—1500, também por conta dos Reis de Castella; por quanto alguns contestam a estes navegadores que elles houvessem tocado a costa brasileira ao sul da fóz do rio *Amazonas*. Basta aquella viagem de Alonso de Hojeda, exactamente desde a fóz do rio *Apody* (13), em direcção norte, para deixar bem averiguado que o nome *America* é de origem tupi; e que, se Alberico Vespucio acrescentou ao seu nome o appellido *Americo*, foi por ter sido o cosmographo nessa expedição hespanhola, conhecendo desde então esse paiz.

(13) *Apody*, corrupção de *Apong*, «enche-se, ou engrossa, em si mesmo». De *apô* ou *apong*, «inchar, encher-se, engrossar». *y*, «mesmo, em si mesmo, por si mesmo».

Com effeito, segundo o padre AYRES DO CAZAL, em sua *Cosmographia Brasiliota*, «o rio *Apody* corre quasi sempre por terreno plano, onde ha varias lagoas que pouco a pouco lhe restituem as águas, que suas cheias lhes introduziram. Todas secam nos annos que não são chuvosos».

E é esta a terra alagada nos cinco grados ao sul da linha equinocial, de que as chronicas fazem menção, a propósito da expedição de Hojeda.

Navegando da fóz do rio *Apody* para o norte, é avistada a serra *Ibiapaba*; a qual, segundo a descrição feita pelo padre JOSÉ DE MORAES, em sua *História da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará*, torna-se conhecida, «pela sua altura e grandeza, por balisa certa das observações da náutica; porque, principiando-se a levantar junto ao mar, vae crescendo sempre a sua eminencia mais de vinte legoas ao centro, desviando-se da costa até o rio de S. Francisco; e daqui vae continuando, em umas partes mais alta, e em outras mais deprimida, até fixar na serra dos Orgãos, no Rio de Janeiro, donde ha quem diga (porém, sem fundamento que convença) vae topar com as cordilheiras do Chile.» E o mesmo padre acrescentou: «Tem esta serra no seu principio, ao que parece, seis legoas de largo, levantando-se entre os dilatados campos de uma e outra parte os seus lados... Da banda em que fica a costa é quasi inaccessible, porque, *cortada como a prumo*, parece uma *muralha*, fabrica da natureza, e imperfeição da arte, tão alta que assombra as mesmas nuvens, e aos mesmos olhos tira a vista.»

Melhor ou mais exactamente do que o padre JOSÉ DE MORAES, descreveu esta serra-geral J. G. DA FONSECA, na *Breve noticia das serranias, de que procedem as cachoeiras do rio da Madeira*, escripta em 1749: «...Cordilheira que, fazendo frente ao mar do Norte, costeando todo o Brazil desde a capitania do Ceará, e caminhando ao sul, faz o cabo de Santa Maria, promontorio que termina a ponta septentrional, por onde desemboca o grande *Rio da Prata* no mar do Paraguay. Esta direcção traz a serrania, quando em altura de 23 gráos da latitude austral, logo ao sul da villa de Santos, lança outra cordilheira desde o logar chamado *Serra do Mar*, que, penetrando o sertão em varios rumos, se ramifica por todo o continente das *Minas Geraes* e *Goyazes*. Finalmente depois que desta cordilheira nasce no *districto de Goyazes* o celebre rio *To-*

cantis, que se engrossa com grande numero de riachos vertentes da mesma serrania, se encaminha esta ao rumo de oeste, e, como se fosse uma balisa terminante dos dominios que pagam fluido tributo ao Oceano, reparte em distancia de mais de duzentas legoas as agoas em caudalosos rios, uns que buscam no rumo do norte terminar seu curso no celebre e grande rio das *Amazonas*, e outro para o sul a fazer o *Rio da Prata* ou *Paraguay*... No referido rumo de oeste, fazendo varios meio-circulos de montanhas e lançando muitos braços para o sul (não consta que tambem para o norte) se vae dilatando a serrania até finalisarem os *Campos Parcizes*...» (14)

Esta serrania, segundo o mesmo J. G. DA FONSECA, arredando-se daquelles campos, paralelos ás fontes dos rios *Madeira* e *Jahurú*, «busca a margem do mesmo *Madeira*, deixando o rumo de oeste, e acompanha este rio no de oes-noroeste por espaço de mais de cento e oitenta legoas; e, voltando com o mesmo rio para o nordeste por espaço de sessenta legoas, forma as *Cachoeiras*, até que na altura de 9 gráos de latitude austral, em que deixa as primeiras, busca o rumo de oeste, em cuja direcção se perde de vista; e será provavel se irá unir com as serras do Perú, que fazem a mencionada cordilheira dos *Andes*.»

Pois bem: é esta serra-geral, desde a ponta septentrional, denominada *Ibiá-pába* (15), por ser ahi como que *cortada a prumo*, até o cabo de Santa Maria, á margem esquerda do *Rio da Prata*, inclusive as ramificações, especialmente a divisoria das bacias dos dous grandes rios, *Amazonas* e *Prata*, desde a margem esquerda do rio de S. Francisco, em direcção occidental, com varias curvaturas, até os denominados

(14) Nesta transcrição bem como na anterior, procurei conservar a orthographia dos dous escriptores.

(15) Segundo o padre A. R. DE MONTOYA, em seu Tesoro da la lengua guarani, a palavra *guyába* é participio do verbo *há*, «cortar, talhar», precedido do *y*, relativivo, e retendo o *pá* do supino e acrescentando *ába*. *Ibiá-pába*, terra talhada, ibi, terra.

Campos Parecis (16), á margem direita do rio *Guaporé* ou simplesmente *Aporé* (17) a distancia de algumas leguas, arrazando-se ao approximarem-se da margem direita do rio *Madeira* (18), e seguindo a ligar-se á cordilheira *Andes*, é, digo, esta serra-geral que tinha o nome tupi **Haimé-ri-iqué**, contrahido em **Hai-mé-r'-iqué**, «lado da frente a pique». De *haimé*, «a pique, a prumo», *ri*, «frente», *iqué*, «lado, costa». O accento predominante está em *mé*; e, por isso, as palavras *ri* e *iqué*, além de contrahidas, são pronunciadas breves e corridas, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

O nome **Haimé-r'-iqué**, sendo manifestamente o dessa extensissima cordilheira acima descripta, a qual é como uma muralha que defende dos furores do mar a parte do continente meridional, em que está o Brazil, até o isthmo de Panamá, é allusivo só a essa região; e, portanto, bem escreveram os antigos

(16) Este nome *Campos Parecis* é corrupção de *Cad-pó-a-ro-ci*, «chapadões extensos, peggados uns aos outros». De *Cai*, «monte», *pó*, o mesmo que *bó*, pertinente para exprimir grandeza, largura ou extensão, no superlativo, e, repetido, *pó-pó*, exprime a continuidade; *a-ro-ci*, o mesmo que *aez*, «pegar, juntar, unir», com a intercalação de *ro* (breve) para tornar activo aquele verbo e exprimir ao mesmo tempo a comunicação de uns chapadões com outros. Por contracção, *Cad-pó-p'-a-ro-ci*.

Estando o accento agudo na palavra *cad*, o acreseimo *pó* se pronuncia breve, segundo a regra ensinada pelo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Portanto este nome nada tem com uma supposta nação indígena *Parecis*. Assim denominaram os portuguezes a nação indígena que ali tinha suas aldeias; estragando o nome *Cad-pó-p'-a-ro-ci*.

(17) *Apo-reh*, «successivamente saltos». Este *rehé* sofre contracção, sonando *ré*. *Gu-apó-reh*, «successivamente nos saltos». A particula *gu*, é reciproco. A palavra *rehé* sofre a contracção sobre-dita.

Allusivo aos innumeros e seguidos saltos que este rio dá, ao descer da serra. Depois, torna-se algarido. Os hispanhoes o denominaram *Ihenes*.

(18) A historia de que o nome *Madeira* fôr posto a este rio pelo explorador Francisco de Mello Palketa, em 1725, por causa dos grandes troncos de arvores que fluctuavam em suas aguas e embarcavam a navegação, é simplesmente irrisória. Em todos os grandes rios é isso um facto ordinário.

Madeira é corrupção de *Mi-ni-yeré*, «impedimentos e muitas voltas». De *má*, «impedimento, embargo», *ni*, «muitos», *yeré*, «volta». Allusivo, não aos tues troncos de arvores, mas às muitas cachoeiras exploradas e descriptas por J. G. da FONSECA, em 1749.

E' também conhecido pelo nome *Caiari*, corruptela de *Quai-ari*, «successivamente estreitado ou apertado». De *quai*, «apertar-se, estreitar-se», *ari*, po-posição, significando, neste caso, «successivamente». Allusivo nos montes marginares que o estreitam.

nos mappas *America vel Brazili Insula*.

Sem duvida, Alonso de Hojeda e Alberico Vespucio, navegando do rio *Apody* para o norte, ouviram aos indigenas esse nome, e, ouvindo-o, suppuzeram ser o da regiao inteira. Dahi o nome *America*, escripto nos referidos mappas como o do territorio brazilico; certamente por já ser conhecido e constar das denominadas *Relações de viagem*.

Para patentear quão ajustada era a denominação tupi a essa serra-geral, vou transcrever da *Relação da missão da serra de Ibiapába*, pelo padre ANTONIO VIEIRA, o que este notabilissimo jesuita escreveu, se bem que desconhecendo inteiramente a parte prolongada pelo sertão a dentro:

«*Ibiapába*, que na lingua dos nativaes quer dizer *terra-talhada*, não he uma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantam ao certão das praias de Camuci (19)...: são todas formadas de um rochedo durissimo e em partes escalvado e medonho, em outras cubertas de verdura e terra lavradia... Da altura destas serras não se pôde dizer cousa certa, mais que são altissimas, e que se sóbe, ás que o permittem, com maior trabalho da respiração, que dos mesmos pés e mãos, de que he forçoso usar em muitas partes. Mas, depois que se chega ao alto dellas, pagão muito bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos painéis que por ventura pintou a natureza em outra parte do mundo, variando de montes, valles, rochedos e picos, bosques e campinas dilatadissimas, e dos longes do mar no extremo dos horizontes. Sobretudo olhando do alto para o fundo das serras, estão se vendo as nuvens debaixo dos pés, que, como he cousa tão parecida ao Céo, não só causam saudades, mas já parece que estão promettendo o mesmo que se vem buscar por estes desertos.»

(19) *Gu-amoy*, «alisado». Referencia á *praias*, que não é senão a margem da terra alisada pelas ondas.

O melhor é que o nome *America* foi, desde 1570, estendido pelo celebre geographo flamengo ABRAHAM ORTELL, (20) ao continente boreal. E os povos dos Estados Unidos pretendem-se por isso os verdadeiros *americanos*, formando a organização política *United-States of America!* E os seus publicistas tiram desta denominação a esperança, quiçá mesmo a certeza, de que sua nação traz em si um *destino continental!*

Mas, nem mesmo o geographo francez JULES MARCOU (21), que fez aos Estados Unidos e paizes proximos varias viagens a bem da sciencia, logrou confirmar a pretenção desse povo, na Memoria que publicou no *Boletim da Sociedade Geographica de Paris*, de Junho de 1875. Ainda que entendendo que o nome *America* não proveiu de Vespucio, só encontrou junto ao lago *Nicarágua* o nome *Améric* como designando as terras altas ou cadêa de montanhas entre *Juigalpa* e *Libertad*, província de *Chontales*, prolongando-se de um lado no paiz dos indios *Carcas*, e do outro no dos indios *Ramas*.

Transcreverei, já traduzidos, alguns trechos daquella Memoria:

«Pois bem:—é entre esses *Carcas* e *Ramas* que se encontra o logar denominado *Améric* ou *Amérique*, formando uma cadêa de montanhas, a mais elevada (perto de 3.000 pés), que serve de linha divisoria para as aguas que se escoam no Atlântico e para as que se lançam no lago *Nicarágua*. Na opinião dos que têm visitado esta cordilheira, ...é ella das mais altas: vista de longe, apresenta pincaros nus e rugosos, isolados, com enormes roturas ou rochas escarpadas perpendiculares, de côn branca; accrescendo que sua mesma elevação divide o territorio em duas partes inteiramente distintas e totalmente diferentes em clima: a leste, bosques impenetraveis, com chuvas quasi continuas; ao oeste, um paiz arido e secco, sem

chuvas, por impedirem as montanhas que os vapores do Atlântico o bafejam.

...E da maior evidencia que essa denominação da cordilheira e dos rachedos, *Amérique* ou *Améric*, é um nome indigena, cuja terminação em *ique ou ie*, é commun em nomes de logares, na lingua dos indios *Leuca* ou *Chontales*, da America central e de uma parte do Mexico; este nome, sem duvida, tem-se perpetuado desde a descoberta do Novo Mundo, intacto e sem alteração, em consequencia do estado de completo isolamento em que esses indios têm vivido, denominando, ainda hoje, como em 1502 quando Colombo os visitou, *Amérique* ou *Améric* essas duas montanhas. ...Este nome *America*, synonimo do paiz do ouro por excellencia (22), é natural que se houvesse espalhado nos portos do mar das Indias Occidentaes (23), e depois na Europa; e pouco a pouco penetrou no continente europeu: e é assim que o professor-livreiro de *Saint-Dié*, junto aos Vosges, ouvira fallar desse nome *America*, sem conhecer seu valor, excepto como designando um paiz das Novas Indias, mui rico em ouro. Como essas descobertas faziam então o assunto das conversações geraes, *Hylacomylus*, de *Saint-Dié*, pseudonimo de MARTINHO WALDZEEMULLER, não conhecendo outras Relações impressas além das de *Albericus Vesputius*, publicadas em latim em 1505, e em allemão em 1506, julgou vêr nesse prenome *Albericus* a origem do nome corrompido e alterado de *Amérique* ou *Améric*; renovando a fabula do golfinho, elle tomou o Pireu por um homem, e denominou esta terra de conformidade com o unico nome dos navegadores que chegara à sua noticia e que apresentava alguma analogia com a palavra *Amérique* ou *Améric*. Para isto foi-lhe preciso modificar e torturar o prenome de Vespucio;... e fez *Americus!* Desta sorte, segundo o meu modo de vêr, foi em consequencia de um erro de *Hylac-*

(20) Este geographo é mais conhecido pelo nome em latim *ABRAHAM ORTELIUS*. Publicou em 1570 o primeiro atlas que apareceu no seculo XVI, sob o titulo *Theatrum orbis terrarum*; e em 1596 o seu *Thesaurus geographicus*.

(21) Este notável geographo francez, na viagem de 1853-1854, esteve ao serviço do governo dos Estados Unidos.

(22) E', pois, tudo isto um romance de geographos porquanto os indigenas, nesta denominação, não vêem cogitado em ouro.

(23) Em contraposição às *Indias Orientaes*, na Am-

mylus que o nome aborigene do Novo Mundo, *Amérique* ou *Améric*, foi europeizado, latinizado e ajustado com o nome do filho de Anastacio Vespucio».

Mesmo admittindo que seja verdade o que JULES MARCOU relata quanto ao nome *Améric* ou *Amérique*, é certo que isso não destróe, ao contrario confirma o que deixei demonstrado, relativamente á *Serra-geral* do Brazil. Essa montanha do Estado de Nicarágua é sem duvida o prolongamento da denominada *Andes*; e esta cordilheira se estende desde a Patagonia, atravessando o Chile, o Perú, o Equador, a Columbia, a Nova-Granada, a Costa-Rica, até Nicarágua. Ora, segundo a descrição feita por J. G. DA FONSECA, e já retro transcripta, a *Serra-geral* do Brazil, em sua ramificação de leste para oeste, depois de formar o *divortium aquarum* das bacias dos grandes rios *Amazonas* e *Prata*, «busca a margem do rio *Madeira*, deixando o rumo de oeste, e acompanha este rio no de oesnoriente por espaço de mais de cento e oitenta legoas; e, voltando com o mesmo rio para o nordeste por espaço de sessenta legoas, forma as *Cachoeiras*, até que, na altura de 9 gráos de latitude austral, em que deixa as primeiras, busca o rumo de oeste, em cuja direcção se perde de vista; e será provavel se irá unir com as serras do Perú, que fazem a mencionada cordilheira dos *Andes*». Por ventura, a mesma denominação *Haímé-r'-iquê* acompanharia esta extensissima serra continental até o lago *Nicarágua*: e é certo que são da lingua tupi, não sómente os nomes de logares no isthmio *Panamá*, senão muitos no continente septentrional.

O mesmo nome *Nicarágua*, o que é senão uma corruptela de denominação tupi? E tambem o é o nome *Panamá*.

Nicarágua, corruptela de *Ndi-quâr-áquâ* (24), «muitos pócos e pontas». De *ndi*, «muitos», *quâr*, «buraco, poço, fojo», *áquâ*, «ponta». Allusivo aos sorvedouros

no leito, e ás ilhas graníticas ou pedras ponteagudas no seu ambito.

Panamá, corruptela de *Páu-n-ã-mã*, «montão empinado entre dous». De *páu*, «intermedio, entre dous», *n*, intercalação nasal, *ã*, «empinar, ereto, em pé», *mã*, «montão, impedimento». Allusivo á altíssima montanha que forma o isthmo; referindo-se o indigena ao obstaculo para a communicação dos dous oceanos.

O isthmo era, porém, designado com o nome especial *Cói-ta-ri*, «pegados um com o outro»; exprimindo que era ahi o ponto de união dos dous continentes. De *cói*, «pegarem-se duas cousas de modo natural», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino, *ri*, posposição para exprimir reciprocidade. Os hespanhóes corromperam este nome em *Costa-Rica*. (25)

Que o nome *AMERICA* só era applicado, nos primeiros tempos das descobertas, ao territorio do continente austral, e portanto correspondendo sómente á grande cordilheira já descripta, afirmou-o ANTONIO HERRERA Y TORDESILLAS, em sua *Descripcion de las Indias Occidentales*, nos seguintes precisos termos: «A parte das Indias do Meiodia, injustamente chamada *America*, é toda a que está descoberta desde Nombre de Dios e Panamá, ao sul, em que se incluem terra-firme, nos reinos do Perú-Chile, que os Indios chamam *Chili*.» (26)

Não faça duvida a phrase «injustamente chamada *America*», porque A. HERRERA estava sob a influencia da fama espalhada de ter Vespucio dado o nome a este continente como seu descobridor; e, por combater as pretenções de Vespucio, foi que usou de palavra «injustamente». Mas, o ponto capital ficou perfeitamente afirmado: isto é, o nome *America* era sómente daquella parte do continente austral, não podia ser ampliado ao continente boreal, e, portanto, os povos dos Estados Unidos mal e indevidamente se dizem *americanos*.

(24) A palavra *ndi*, não sendo precedida de outra com som nasal, é pronunciada *ni*.

(25) Allusivo a ser mesmo ahi, na extremidade sudeste do lago de *Nicarágua* (onde J. MARCOU encontrou o nome *Améric*), o ponto de união dos dous continentes.

(26) Esta obra foi publicada em Madrid, 1601.

Em geral, as denominações indigenas têm sido deturpadas: nos primeiros tempos, pelos conquistadores, e posteriormente, pelos viajantes e exploradores estrangeiros.

O Brazil, porém, teve a felicidade de entreter, durante mais de dous seculos, as missões da Companhia de Jesus: de sorte que os padres, tendo necessidade de aprender a lingua tupi para a pregação aos aborigenes, tornaram-se instrumentos da conservação de todos esses nomes de serras, rios, lagos e logares.

Já neste seculo vieram ao Brazil varios exploradores; e estes quasi completaram a obra de destruição, embora sem apagarem as denominações, mas traduzindo-as a seu modo. C. F. PH. DE MARTIUS (27), naturalista allemão, não hesitava em interpretal-as: por exemplo, só porque o nome acabava em *i* ou *y*, entendeu elle que era designação

de rio! Assim: *Jaguary*, «rio da onça», *Pirdhy*, «rio do peixe», *Corumbatahy*, «rio de corumbatá»; sendo, aliás, muito certo que, na lingua tupi, o *i* para designar «rio, agua», precede sempre o outro nome ou a outra palavra, quando não ha razão especial e grammatical para ser posposto.

Brevemente publicarei o *Diccionario geographicó indigena da provincia de S. Paulo*; e, nesta obra, serão patentes os erros em que têm laborado aquelles que não duvidaram aceitar as traduções ou interpretações de MARTIUS e de outros.

O indigena foi sempre muito correcto nas denominações; as quaes, de facto, deveriam representar exactamente o objecto denominado. E, só por isso, é facil verificar que não eram baldos de espirito e de sciencia.

JOÃO MENDES DE ALMEIDA

(27) *Glossaria linguarum brasiliensium.*









F
2631
M33

F 2631 .M33
Diccionario geographico da pro
Stanford University Libraries



3 6105 033 504 007

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.

